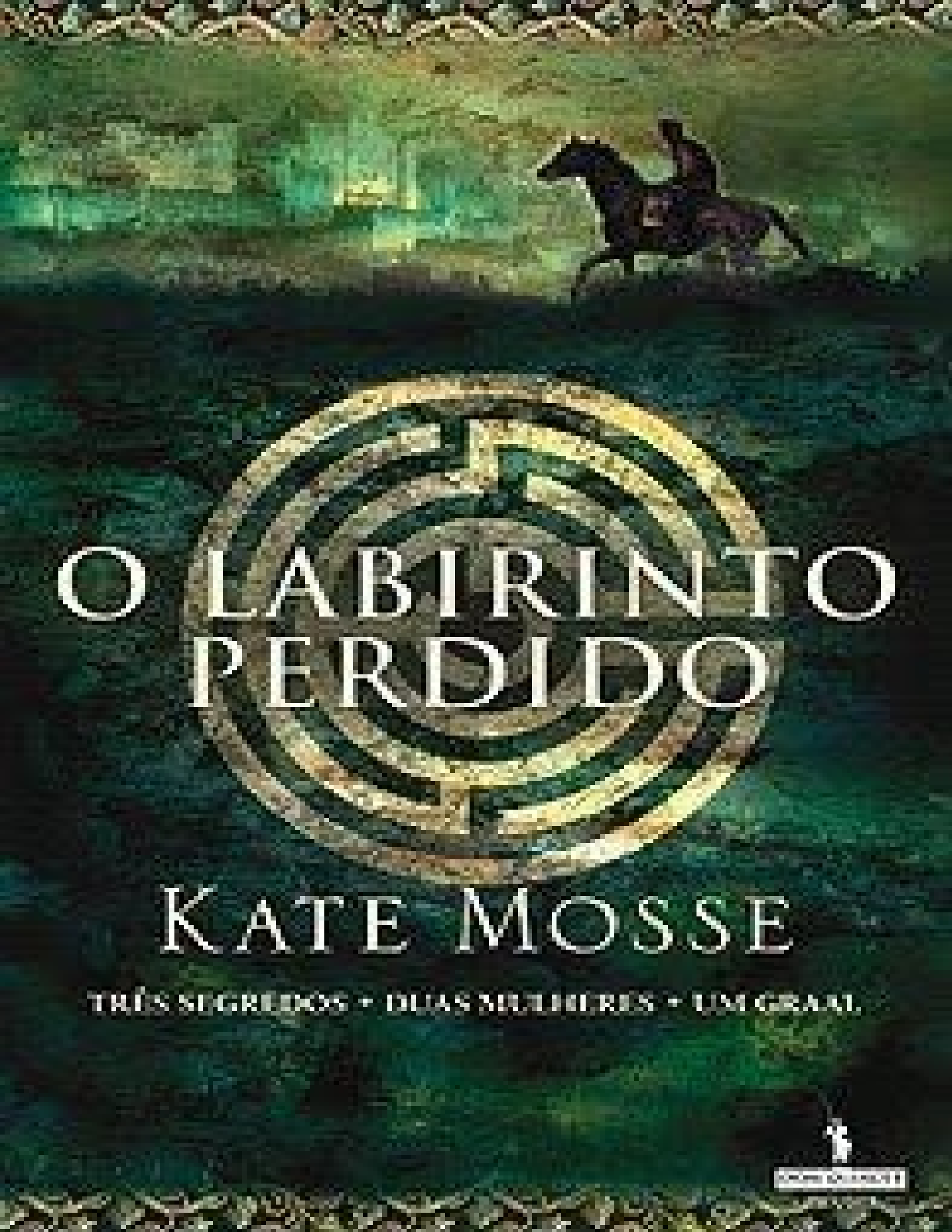

O LABIRINTO PERDIDO
KATE MOSSE
TRÊS SEGREDOS • DUAS MULHERES • UM GRAAL

1



Kate Mosse

Sinopse

Uma história de coragem, destino e traição na França contemporânea e na medieval.

Julho de 1209: na cidade francesa de Carcassonne, uma moça de 17 anos recebe do pai um misterioso livro, que ele diz conter o segredo do verdadeiro Graal.

Embora Alaïs não consiga entender as estranhas palavras e símbolos escondidos naquelas páginas, sabe que seu destino é proteger o livro. Serão necessários enormes sacrifícios e uma fé inabalável para preservar o segredo do labirinto — um segredo que remonta a milhares de anos e aos desertos do antigo Egito.

Julho de 2005: durante uma escavação arqueológica nas montanhas ao redor de Carcassonne, Alice Tanner descobre dois esqueletos. Dentro da tumba na qual repousavam os antigos ossos, experimenta uma sensação de malignidade impressionante e percebe que, por mais impossível que pareça, de alguma forma, ela é

capaz de entender as misteriosas palavras ancestrais gravadas nas pedras. Porém, é

tarde demais — Alice acaba de desencadear uma aterrorizante seqüência de acontecimentos incontroláveis, e agora seu destino está irremediavelmente

ligado à

sorte dos cátaros, oitocentos anos atrás.

NOTA DA AUTORA

Nota histórica

Em março de 1208, o papa Inocêncio III convocou uma cruzada contra uma seita de cristãos do Languedoc. Hoje em dia, seus membros são geralmente conhecidos como cátaros. Eles chamavam a si mesmos de bons chrétiens; Bernard de Clairvaux os chamava de albigenses, e os registros inquisitoriais se referem a eles como "heretici". O

objetivo do papa Inocêncio era expulsar os cátaros da região do Midi e restaurar a autoridade religiosa da Igreja Católica. Barões franceses do norte que abraçaram sua cruzada viam nela uma oportunidade de obter terras, riqueza e vantagens comerciais subjugando a nobreza do sul, conhecida por sua feroz independência.

Embora o princípio das cruzadas fosse um aspecto importante da vida cristã

medieval desde o final do século XI — e em 1204, durante o cerco a Zara na quarta cruzada, os cruzados houvessem atacado irmãos cristãos — era a primeira vez que se pregava uma guerra santa contra cristãos e em solo europeu. A perseguição aos cátaros levou diretamente à fundação da Inquisição em 1233, sob os auspícios dos dominicanos, os frades negros.

Quaisquer que tenham sido as motivações religiosas da Igreja Católica e de alguns dos líderes cruzados laicos — como Simon de Montfort — a cruzada albigense foi em última análise uma guerra de ocupação, e marcou uma guinada na história do que hoje é

a França. Ela significou o fim da independência do sul e a destruição de muitas de suas tradições, ideais e modos de vida.

Assim como o termo "cátaro", a palavra "cruzada" não era usada nos documentos medievais. Estes se referiam ao exército como "a Hoste" — ou l'Ost

em occitano. No entanto, como ambos os termos são hoje de uso corrente, empreguei-os algumas vezes para facilitar as referências.

Nota sobre linguagem

Durante o período medieval, a langue d'Oc-origem do nome da região do Languedoc — era a língua falada na região do Midi, da Provença à Aquitânia.

Era também a língua da Jerusalém cristã e das terras ocupadas pelos cruzados a partir de 1099, e era falada em algumas partes do norte da Espanha e do norte da Itália.

A língua occitana tem um parentesco estreito com o provençal e o catalão.

No século XIII, a langue d'oil - precursora do francês moderno — era falada nas regiões setentrionais do que é hoje a França.

Durante as invasões do sul pelo norte, a partir de 1209, os barões franceses impuseram sua língua à região que conquistaram. A partir de meados do século XX, houve um ressurgimento da língua occitana, conduzido por escritores, poetas e historiadores como René Nelli, Jean Duvernoy, Déodat Roché, Michel Roquebert, Anne Brenon, Claude Marti e outros. Na data da redação deste livro, existe uma escola bilíngüe occitano/francês em La Cité, no coração da cidade medieval de Carcassonne, e a grafia occitana de cidades e regiões figura ao lado da grafia francesa nas placas rodoviárias.

Em Labirinto, para distinguir entre os habitantes do Pays d'Oc e os invasores franceses, usei occitano ou francês conforme o caso. O resultado é que alguns nomes e lugares aparecem tanto em francês quanto em occitano — por exemplo, Carcassonne e Carcassona, Toulouse e Tolosa, Béziers e Besièrs. 1

Os trechos de poemas e ditados foram tirados de Proverbes & Dictons de la Langue d'Oc, compilado pelo abade Pierre Trinquier, e de 33 Chants Populaires du Languedoc.

Inevitavelmente, há diferenças entre a grafia occitana medieval e o uso contemporâneo. Para manter a coerência, na maior parte das vezes usei como guia o dicionário occitano-francês de André Lagarde, La Planqueta. Também foi incluído um glossário ao final deste livro como referência.

1 *A tradução brasileira manteve a grafia dos topônimos em francês ou occitano conforme o original, optando por não aportuguesá-los. (N. da T.)*

SUMÁRIO

Prólogo

A Cité na Colina

Os Guardiães dos Livros

A Volta às Montanhas

Epílogo

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

Evangelho segundo São João, 8,32.

L 'histoire est un roman qui a été, le roman est une histoire aurait pu être.

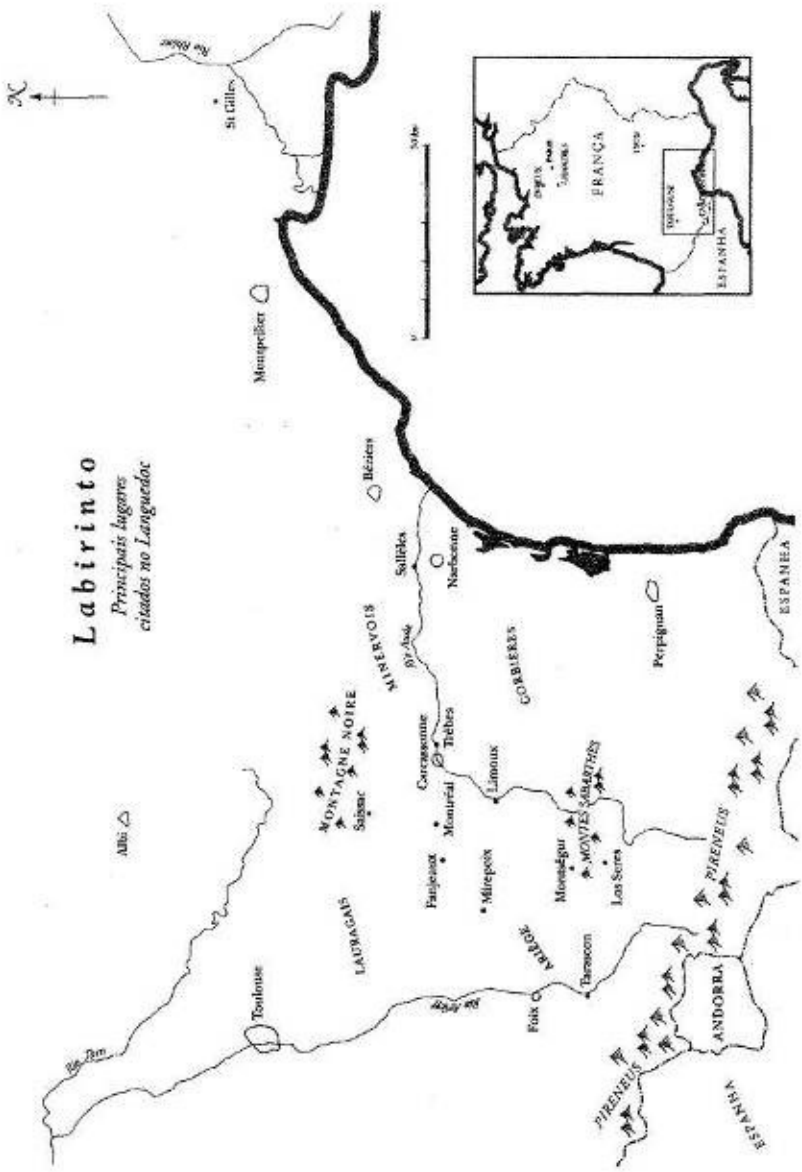
A história é um romance que aconteceu, o romance é uma história que poderia ter acontecido.

E. & J. de Goncourt.

Tên përdu, jhamâi së rëcobro.

Tempo perdido jamais se recupera.

Provérbio occitano medieval.


Labirinto
Principais lugares citados no Languedoc
St Gilles
Montpellier
Béziers
Sallèles
Narbonne
Carcassonne
Limoux
Perpignan
Alby
Toulouse
Tarascon
Foix
Mirepoix
Lavelanet
Montségur
Los Seres
Tabernoles
FRANÇA
ESPANHA
ESPANEA
ANDORRA
PIRENEUS
MONTAGNE NOIRE
MINERVOIS
CORBIERES
LAURAGAIS
ARIÈGE
MONTS SABARTHES

5

Prólogo

1

Pic de Soularac

Montes Sabarthès

Sudoeste da França

Segunda-feira, 4 de julho de 2005.

Um único filete de sangue escorre pela parte interna muito pálida do braço dela, como uma costura vermelha em um tecido branco.

De início, Alice pensa que é só uma mosca e não liga. Em uma escavação, os insetos são ossos do ofício, e por algum motivo há mais moscas no alto da montanha onde ela está trabalhando do que na escavação principal mais abaixo. Então uma gota de sangue pinga sobre sua perna nua, explodindo como um fogo de artifício no céu em noite de ano-novo.

Dessa vez ela olha e vê que o corte na parte interna de seu cotovelo abriu de novo.

É uma ferida funda, que não quer sarar. Ela dá um suspiro e aperta mais contra a pele o curativo. Em seguida, como não há ninguém por perto para ver, lambe a mancha vermelha no próprio pulso.

Fios de cabelo, claros como açúcar queimado, soltaram-se de baixo de seu boné.

Ela os ajeita atrás das orelhas e enxuga a testa com o lenço, antes de apertar outra vez o rabo de cavalo na nuca.

Desconcentrada, Alice se levanta e estica as pernas esguias, levemente queimadas de sol. Vestindo uma calça,jeans cortada, uma camiseta branca justa e sem mangas e um boné, ela mais parece uma adolescente. Antigamente se importava com isso. Agora, à medida que vai ficando mais velha, entende as vantagens de parecer mais jovem do que de fato é. Os únicos toques de elegância são seus delicados brincos de prata em forma de estrelas, que reluzem como paetês.

Alice desenrosca a tampa de seu cantil. A água está morna, mas a sede é tanta

que ela não liga e sorve longos goles. Lá embaixo, o calor forma uma névoa que cintila sobre o asfalto esburacado da estrada. Acima dela, o céu tem um azul infinito. As cigarras prosseguem seu coro incessante, escondidas na sombra da grama seca.

É a primeira vez que Alice visita os Pireneus, embora se sinta praticamente em casa ali. Já lhe disseram que, no inverno, os cumes pontiagudos dos Montes Sabarthès ficam cobertos de neve. Na primavera, delicadas flores cor-de-rosa, lilases e brancas surgem de seus esconderijos nos enormes rochedos. No início do verão, os pastos ficam verdes e salpicados de botões de ouro. Agora, porém, o sol achata a Terra, subjugando-a, transformando os verdes em marrom. É um lugar bonito, pensa ela, mas de certa forma inóspito. Um lugar de segredos, que já viu coisas demais e escondeu coisas demais para poder estar em paz consigo mesmo.

Na sede do acampamento, mais abaixo na encosta, Alice pode ver os colegas em pé

sob o grande toldo de lona. Com esforço, consegue distinguir Shelagh na roupa preta que 6

a caracteriza. Fica surpresa que já tenham parado. E cedo demais para um intervalo, mas a verdade é que a equipe toda está meio desanimada.

Cavar e raspar, catalogar e anotar, tudo isso é na maior parte do tempo um trabalho árduo e monótono, e até agora eles desenterraram poucas coisas que valham a pena a ponto de justificar seus esforços. Encontraram alguns fragmentos de antigos jarros e vasilhas da Alta Idade Média e uma ou duas pontas de lança do final do século XII ou início do XIII, mas certamente não acharam nenhum sinal do núcleo de povoamento paleolítico que é o foco da escavação.

Alice sente-se tentada a descer para juntar-se aos amigos e colegas, e refazer seu curativo. O corte está ardendo, e suas batatas da perna estão doloridas de tanto ficar de cócoras. Os músculos de seus ombros estão tensos. Mas ela sabe que, se parar agora, perderá o pique.

Se tudo der certo, sua sorte pode estar prestes a mudar. Mais cedo, ela reparou em alguma coisa cintilando debaixo de uma pedra grande, encostada na lateral da montanha, arrumada e posicionada como se houvesse sido posta ali pela mão

de um gigante. Embora ainda não consiga ver que objeto é aquele, nem sequer determinar seu tamanho, passou a manhã inteira cavando e acha que não vai demorar muito para conseguir alcançá-lo.

Ela sabe que deveria chamar alguém. Ou pelo menos falar com Shelagh, sua melhor amiga, vice-diretora da escavação. Alice não tem formação de arqueóloga; é só

uma voluntária dedicando parte de suas férias de verão a alguma ocupação útil. Mas aquele é seu último dia completo na escavação, e ela quer provar seu valor. Se descer agora até a sede da escavação e admitir que pensa ter descoberto alguma coisa, todo mundo vai querer participar, e não vai ser mais a sua descoberta.

Nos dias e semanas que estão por vir, Alice vai se lembrar desse instante. Vai se lembrar da qualidade da luz, do gosto metálico de sangue e poeira em sua boca, e vai se perguntar como as coisas poderiam ter sido diferentes se ela tivesse resolvido descer, e não ficar. Se tivesse seguido as regras.

Ela sorve a última gota de água da garrafa e a joga dentro da mochila. Durante uma ou duas horas depois disso, enquanto o sol vai ficando mais alto no céu e a temperatura vai subindo, Alice continua a trabalhar. Os únicos barulhos são o raspar do metal na pedra, o zumbido dos insetos e o ronco ocasional de um pequeno avião ao longe. Ela pode sentir gotas de suor brotando acima de seu lábio superior e entre seus seios, mas continua até que, finalmente, o vão debaixo da pedra fica grande o suficiente para ela poder pôr a mão lá dentro.

Alice se ajoelha no chão e encosta a bochecha e o ombro na pedra para se apoiar.

Então, com um pequeno estremecimento de ansiedade, insere os dedos bem no fundo da terra escura e cega. Percebe imediatamente que seu palpite estava certo e que encontrou alguma coisa importante. O objeto tem uma textura lisa e escorregadia; parece feito de metal e não de pedra. Empunhando-o com firmeza e dizendo a si mesma para moderar as próprias expectativas, vai trazendo-o muito devagar até a luz. A terra parece estremecer, sem querer entregar seu tesouro.

O cheiro forte e pungente de terra úmida invade seu nariz e sua garganta, embora ela mal perceba. Já está perdida no passado, fascinada pelo pedaço de história que segura na palma das mãos. E uma fivela pesada e redonda, manchada de

pontinhos pretos e verdes devido à idade e ao longo tempo debaixo da terra. Alice a esfrega com os dedos e sorri quando os detalhes de prata e cobre começam a se revelar debaixo da sujeira. A primeira vista, também parece ser medieval, o tipo de fivela usado para fechar um manto ou uma túnica. Ela já viu alguma coisa parecida antes.

Alice conhece os perigos de tirar conclusões apressadas ou de ser seduzida por primeiras impressões, mas não consegue evitar pensar no dono daquela fivela, morto há

tanto tempo, e que pode ter andado por aqueles mesmos caminhos. Um desconhecido cuja história ela ainda precisa descobrir.

7

A conexão é tão forte e Alice está tão entretida que não percebe a pedra se mexendo em sua base. Então alguma coisa, algum sexto sentido, a faz olhar para cima.

Por uma fração de segundo, o mundo parece estar suspenso, fora do espaço, fora do tempo. Ela fica inteiramente hipnotizada pelo pedaço de rocha antiqüíssimo que balança, se inclina, e então, graciosamente, começa a cair em sua direção.

No último instante, a luz muda. O feitiço se rompe. Alice se joga para longe, meio se arrastando, meio escorregando de lado, bem a tempo de evitar ser esmagada. A pedra bate no chão com um baque surdo, levantando uma nuvem de pó marrom claro, depois sai rolando, como em câmera lenta, até parar mais abaixo na montanha.

Alice se agarra desesperadamente aos arbustos e à vegetação rasteira para evitar escorregar mais. Por um instante, fica estendida no chão, tonta e desorientada. Quando percebe que só não foi esmagada por um triz, seu corpo congela. Foi por pouco, pensa.

Respira fundo. Espera o mundo parar de girar.

Aos poucos, o latejar em sua cabeça diminui. O enjôo passa e tudo começa a voltar ao normal, o suficiente para ela poder se sentar e avaliar a situação. Seus joelhos estão esfolados e riscados de sangue, e ela bateu com o pulso ao cair de mau jeito, ainda segurando a fivela na mão para protegê-la, mas no geral

escapou ilesa a não ser por alguns cortes e hematomas. Não me machuquei.

Ela se levanta e espana a poeira do corpo, sentindo-se uma completa idiota. Não consegue acreditar que cometeu um erro tão elementar quanto não escorar a pedra.

Então Alice lança um olhar para a sede da escavação lá embaixo. Fica espantada — e aliviada — ao constatar que ninguém no acampamento parecer ter visto nem ouvido nada. Levanta a mão e está prestes a gritar para atrair a atenção de alguém quando percebe uma estreita abertura visível no flanco da montanha onde antes estava a pedra.

Como uma porta escavada na rocha.

Dizem que essas montanhas são coalhadas de passagens e cavernas escondidas, de modo que ela não fica surpresa. Porém, pensa Alice, de alguma forma ela sabia que a porta estava ali, embora não seja possível vê-la do exterior. Ela sabia. Na verdade, eu adivinhei, diz a si mesma.

Ela hesita. Alice sabe que deveria chamar alguém para entrar com ela. É estúpido, e talvez até perigoso, entrar sozinha sem nenhum tipo de apoio. Ela sabe todas as coisas que podem dar errado. Mas, de todo modo, não deveria estar trabalhando ali em cima sozinha. Shelagh não sabe. E, além disso, algo a está atraindo lá para dentro. Parece pessoal. Aquela descoberta é sua.

Alice diz a si mesma que não faz sentido incomodar todo mundo, aumentar suas expectativas sem motivo. Se houver alguma coisa que valha a pena investigar, então ela contará a alguém. Não vai fazer nada. Quer apenas olhar.

Vai levar só um minuto.

Ela torna a subir. Há uma profunda depressão no solo na entrada da caverna, onde antes ficava a pedra. A terra úmida fervilha com a frenética atividade de minhocas e besouros subitamente expostos à luz e ao calor depois de tanto tempo. Seu boné está no chão no mesmo lugar onde caiu. Sua colher de pedreiro também está lá, exatamente onde ela a deixou.

Alice espia para dentro da escuridão. A abertura não tem mais de um metro e meio de altura por cerca de um metro de largura, e suas bordas são irregulares e ásperas.

Parece uma abertura natural, não algo feito pelo homem, mas quando ela passa os dedos pela rocha, para cima e para baixo, encontra trechos curiosamente lisos nos pontos onde a pedra repousava.

Lentamente, seus olhos se acostumam à penumbra. O preto aveludado cede lugar a um cinza escuro, e ela vê que está diante de um túnel comprido e estreito. Sente os cabelos finos se eriçarem na nuca, como a avisá-la de que na escuridão há algo à

espreita que seria melhor deixar em paz. Mas é só uma superstição infantil, e ela não se 8

permite pensar nisso. Alice não acredita em fantasmas nem em premonições.

Apertando a fivela na mão com força, como um talismã, ela respira fundo e dá um passo para dentro da passagem. No mesmo instante, o cheiro de um ar subterrâneo há

muito escondido a envolve, enchendo sua boca, sua garganta, seus pulmões. O ambiente é fresco e úmido, sem os gases secos, venenosos de uma caverna lacrada com os quais lhe avisaram para tomar cuidado, então ela conclui que deve existir alguma fonte de ar puro. Porém, para garantir, vasculha os bolsos dos shorts até encontrar seu isqueiro.

Acende-o e ergue-o em direção ao espaço escuro, confirmando que há oxigênio. A chama é sacudida por uma corrente de ar, mas não se apaga.

Sentindo-se nervosa e ligeiramente culpada, Alice enrola a fivela em um lenço e a enfia no bolso, em seguida avança com cautela. A luz da chama é fraca, mas ilumina o caminho imediatamente à sua frente, lançando sombras sobre as paredes cinza e ásperas.

À medida que avança mais, ela vai sentindo o ar frio se enroscar por suas pernas e braços nus como um gato. Está caminhando sobre uma rampa. Pode sentir o chão descendo sob seus pés, irregular e arenoso. O atrito das pedras e do cascalho ressoa alto naquele espaço confinado, silencioso. Ela tem consciência de que, quanto mais longe e mais fundo avança, mais a luz do dia vai ficando pálida atrás de si.

De repente, ela não quer mais continuar. Não sente nenhuma vontade de estar ali.

Mas é como se houvesse algo irresistível naquilo, algo a puxá-la para as entranhas profundas da montanha.

Dez metros mais adiante, o túnel termina. Alice se vê na soleira de uma câmara fechada como uma caverna. Ela está em pé sobre uma plataforma de pedra natural. Um ou dois degraus rasos e largos bem na sua frente levam à área principal onde o chão foi nivelado até ficar plano e liso. A caverna tem cerca de dez metros de comprimento e talvez cinco de largura, e foi obviamente construída por mãos humanas, e não só pela natureza. O teto é baixo e abobadado, como o de uma cripta.

Alice olha fixamente, segurando mais alto a chama tremeluzente e incomodada por uma curiosa familiaridade que a vai dominando e que ela não consegue explicar. Está

prestes a descer os degraus quando percebe letras gravadas na pedra do degrau de cima. Inclina-se e tenta ler o que está escrito. Apenas as três primeiras palavras e a última letra — N, ou talvez H — estão legíveis. As outras estão carcomidas ou lascadas.

Alice limpa a poeira com os dedos e recita as letras em voz alta. Naquele silêncio, o eco de sua voz parece de certa forma hostil e ameaçador.

— P-A-S A P-A-S... Pas a pas.

Passo a passo? Passo a passo o quê? Uma vaga lembrança percorre a superfície de sua mente consciente, como uma canção há muito esquecida. E logo desaparece.

— Pas a pas — murmura ela dessa vez, mas aquilo não significa nada.

Uma prece? Um aviso? Sem saber o que vem depois, não faz sentido.

Agora nervosa, ela se endireita e desce os degraus um a um. Curiosidade e um mau pressentimento brigam em seu íntimo, e ela sente a pele dos braços finos e descobertos se arrepiar, embora não saiba se é por ansiedade ou por causa do frio da caverna.

Alice levanta a chama bem alto para iluminar o caminho, tomando cuidado para não tropeçar nem tirar nada do lugar. No nível inferior, pára. Respira fundo e dá

mais um passo rumo à escuridão de ébano. Mal consegue distinguir a parede da câmara.

Aquela distância, é difícil ter certeza se não se trata apenas de uma ilusão criada pela luz ou de uma sombra lançada pela chama, mas parece haver um desenho circular de linhas e semicírculos pintados ou esculpidos na pedra. No chão em frente ao desenho está uma mesa de pedra de pouco mais de um metro de altura, como um altar.

9

Mantendo o olhar fixo no símbolo na parede para se guiar, Alice avança mais. Agora pode ver o desenho com mais clareza. Parece algum tipo de labirinto, embora sua memória lhe diga que há algo errado com ele. Não é um labirinto de verdade. As linhas não conduzem ao centro como deveriam. O desenho está errado. Alice não consegue explicar por que tem tanta certeza disso, só sabe que está certa.

Mantendo os olhos cravados no labirinto, vai chegando cada vez mais perto. Seu pé

bate em algo duro no chão. Ouvem-se um baque leve e oco e o barulho de algo rolando, como se um objeto houvesse sido deslocado.

Alice olha para baixo.

Suas pernas ficam bambas. A pálida chama em sua mão estremece. Chocada, ela não consegue respirar. Está de pé na beirada de uma cova rasa. Uma leve depressão no solo, não mais do que isso. Nela há dois esqueletos do que um dia foram seres humanos, os ossos totalmente limpos pelo tempo. Os buracos vazios dos olhos de um dos crânios a encaram. O outro crânio, deslocado por seu pé, está virado de lado como alguém que desvia o olhar.

Os corpos estão dispostos um ao lado do outro, de frente para o altar, como estátuas em uma tumba. Estão simétrica e perfeitamente alinhados, mas não há nada de plácido naquele túmulo. Nenhuma sensação de paz. Os ossos malares de um dos crânios estão esmagados, amassados para dentro como uma máscara de papier mâché. Várias das costelas do outro esqueleto estão quebradas e apontam para fora de modo estranho, como os galhos secos de uma árvore morta.

Eles não podem fazer mal a você. Determinada a não se deixar dominar pelo medo, Alice se força a se agachar, tomando cuidado para não desarrumar mais nada. Corre os olhos pela sepultura. Uma adaga repousa entre os corpos, o fio cego devido aos anos, assim como alguns fragmentos de tecido. Ao lado da adaga há uma bolsa de couro fechada por uma tira embutida, grande o suficiente para conter uma pequena caixa ou um livro. Alice franze o cenho. Tem certeza de ter visto algo assim antes, mas a lembrança não vem.

O objeto redondo e branco encaixado entre os dedos que parecem garras do esqueleto menor é tão pequeno que Alice quase não o vê. Sem parar para pensar se é a coisa certa a se fazer, tira rapidamente sua pinça do bolso. Abaixa-se e, com cuidado, retira o objeto, em seguida ergue-o em direção à chama, soprando delicadamente a poeira para ver melhor.

E um pequeno anel de pedra, simples e sem atrativos, com uma faceta redonda e lisa. O anel também é estranhamente familiar. Alice olha mais de perto. Há um desenho gravado no interior. No início, ela pensa que é algum tipo de selo. Então, com um choque, percebe. Levanta os olhos para as marcas na parede dos fundos da câmara, depois torna a olhar para o anel.

Os desenhos são idênticos.

Alice não é religiosa. Não acredita nem no céu nem no inferno, nem em Deus nem no diabo, nem nas criaturas que dizem assombrar aquelas montanhas. Mas, pela primeira vez na vida, sente-se dominada pela sensação de estar na presença de algo sobrenatural, algo que ultrapassa sua experiência e sua compreensão. Pode sentir a maldade se esgueirando sob sua pele, seu couro cabeludo, as solas dos seus pés.

Ela perde a coragem. A caverna parece subitamente fria. O medo aperta sua garganta, congelando o ar em seus pulmões. Alice se põe de pé atabalhoadamente. Não deveria estar ali, naquele lugar ancestral. Agora está desesperada para sair da câmara, para se distanciar das provas de violência e do cheiro da morte, para estar novamente na luz do sol, segura e brilhante.

Mas é tarde demais.

Acima ou atrás de si, não consegue distinguir onde, ela ouve passos. O som ecoa

pelo espaço confinado, ricocheteando nos rochedos e nas pedras. Vem vindo alguém.

Alice se vira, alarmada, deixando cair o isqueiro. A caverna mergulha na escuridão.

Ela tenta correr, mas fica desorientada no escuro e não consegue achar a saída. Tropeça.

Suas pernas parecem incapazes de sustentá-la.

Ela cai. O anel é lançado de volta para junto da pilha de ossos, onde é o seu lugar.

II

Los Seres

Sudoeste da França

Alguns quilômetros em linha reta a leste dali, em um vilarejo perdido nos Montes Sabarthès, um homem alto e magro vestido com um terno claro está sentado sozinho diante de uma mesa de madeira escura e encerada.

O teto do cômodo onde ele está é baixo, e o chão feito de grandes quadrados de cerâmica da cor da terra vermelha da montanha, que mantêm o aposento fresco apesar do calor lá fora. A única veneziana está fechada, tornando o lugar escuro exceto por uma poça de luz lançada por uma pequena lamparina a óleo, em cima da mesa. Ao lado da lamparina há um copo de vidro cheio quase até a borda com um líquido vermelho.

Espalhadas pela mesa há várias folhas de um papel grosso cor de creme, cada uma delas inteiramente coberta de linhas em tinta preta com uma caligrafia caprichada. O

cômodo está silencioso, exceto pelo arranhar e deslizar da caneta e pelo tilintar das pedras de gelo nas laterais do copo quando ele bebe. Paira no ar um leve cheiro de álcool e frutas. As batidas do relógio marcam a passagem do tempo enquanto ele pára, pensa, e torna a escrever.

O que deixamos para trás nesta vida é a lembrança de quem fomos e do que fizemos. Uma marca, não mais do que isso. Eu aprendi muito. Tornei-me sábio. Mas será

que fiz alguma diferença? Não saberia dizer. Pas a pas, se va luènh.

Vi o verde da primavera dar lugar ao dourado do verão, o cobre do outono dar lugar ao branco do inverno, enquanto eu, sentado, esperava a luz se esvanecer. Muitas e muitas vezes perguntei a mim mesmo: por quê? Se eu soubesse como seria viver em tamanha solidão, suportar, como única testemunha, o ciclo interminável de nascimento, vida e morte, o que eu teria feito? Alaïs, o fardo da minha solidão tornou-se prolongado demais para que eu o possa suportar. Eu sobrevivi esta longa vida com um vazio no coração, um vazio que, ao longo dos anos,não parou de aumentar até se tornar maior do que o meu próprio coração.

Eu lutei para manter minhas promessas a você. Uma delas foi cumprida, a outra não. Pelo menos até agora. Já faz algum tempo que sinto você perto. Nossa hora está

quase chegando de novo. Tudo aponta para isso. Logo a caverna será aberta. Sinto a verdade disso a toda minha volta. E o livro, que durante tanto tempo repousou em segurança, também será encontrado.

O homem faz uma pausa e estende a mão para pegar os óculos. Seus olhos estão anuviados de lembranças, mas o guignolet é forte e doce, e reacende sua energia.

Eu a encontrei. Enfim. E me pergunto, se puser o livro em suas mãos, será que ela o reconhecerá? Estará sua lembrança escrita no sangue e nos ossos dela? Será que ela se lembrará de como a capa cintila e muda de cor? Se desatar sua tira e o abrir, tomando cuidado para não danificar o velino seco e quebradiço, será que se lembrará das palavras ecoando pelos séculos passados?

11

Rezo para que, à medida que meus longos dias se aproximam do fim, eu tenha enfim a oportunidade de consertar o que um dia estraguei, para que eu enfim conheça a verdade. A verdade me libertará.

O homem se recosta na cadeira e estende diante de si, sobre a mesa, as mãos cobertas pelas manchas marrons da idade. A oportunidade de saber, tanto tempo

depois, o que aconteceu no final. Isso é tudo que ele quer.

III

Chartres

Norte da França

Mais tarde nesse mesmo dia, quase mil quilômetros para o norte, outro homem está de pé em um corredor mal iluminado sob as ruas de Chartres, esperando a cerimônia começar.

As palmas de suas mãos estão suadas, sua boca está seca e ele tem consciência de cada nervo, cada músculo de seu corpo, até mesmo do pulsar das veias em suas têmporas. Sente-se pouco à vontade, aéreo, embora não saiba dizer se isso se deve ao nervosismo e à expectativa ou aos efeitos do vinho. A túnica branca pesa em seus ombros, um peso pouco familiar, e as cordas feitas de cânhamo torcido repousam sem naturalidade sobre seus quadris ossudos. Ele olha de relance para as duas figuras silenciosas de pé ao seu lado, mas os capuzes lhes escondem o rosto. Ele não sabe dizer se estão tão ansiosos quanto ele ou se já passaram por esse mesmo ritual muitas vezes antes. Estão vestidos da mesma maneira que ele, mas suas túnicas são douradas em vez de brancas, e eles estão calçados. Os seus próprios pés estão descalços, e as pedras do piso são frias.

Bem lá em cima, acima da rede escondida de túneis, os sinos da grande catedral gótica começam a badalar. Ele sente os homens ao seu lado se retesarem. E o sinal pelo qual estavam esperando. Imediatamente, ele abaixa a cabeça e tenta se concentrar no momento presente.

— Je suis prêt — murmura, mais para reconfortar a si mesmo do que em uma afirmação. Nenhum de seus dois companheiros esboça qualquer reação.

Quando a última reverberação dos sinos se transforma novamente em silêncio, o acólito à sua esquerda dá um passo à frente e, com uma pedra parcialmente escondida na palma da mão, desfere cinco batidas na porta maciça. Lá de dentro vem a resposta.

"Dintrar." Entrar.

O homem pensa por um instante que reconhece a voz da mulher, mas não tem

tempo de adivinhar de onde nem de quando, porque a porta já está se abrindo para revelar a câmara que ele esperou tanto tempo para ver.

Mantendo-se no mesmo passo, as três figuras se adiantam devagar. Ele ensaiou isso e sabe o que esperar, sabe o que se espera dele, embora sinta os próprios pés um pouco instáveis. Faz calor ali dentro em comparação com o corredor, e está escuro. A única luz vem das velas arrumadas nas alcovas e sobre o altar, projetando sombras que dançam pelo chão.

A adrenalina corre por seu corpo, embora ele se sinta estranhamente alheio aos acontecimentos. A porta se fechando atrás dele o faz sobressaltar.

Os quatro ajudantes mais graduados estão em pé marcando norte, sul, leste e oeste do aposento. Ele quer desesperadamente levantar os olhos e ver melhor, mas força-se a manter a cabeça baixa e o rosto escondido, como foi instruído a fazer. Pode sentir as duas fileiras de iniciados alinhadas nas laterais mais compridas da câmara 12

retangular, seis de cada lado. Pode sentir o calor de seus corpos e ouvir o subir e descer de sua respiração, mesmo que ninguém se mova nem diga nada.

Graças aos documentos que recebeu, ele decorou a disposição do aposento, e enquanto caminha em direção ao sepulcro em seu centro pode sentir os olhos de todos nas suas costas. Pergunta-se se conhece algum deles. Colegas de profissão, mulheres de outros homens, qualquer um pode ser membro. Não pode evitar que um tênue sorriso lhe suba aos lábios enquanto se permite fantasiar, por um instante, sobre a diferença que fará o fato de ele ser aceito na sociedade.

É trazido bruscamente de volta ao presente quando tropeça e quase cai por cima da pedra que serve de genuflexório na base do sepulcro. A câmara é menor do que a planta o fizera pensar, mais confinada e claustrofóbica. Ele esperava que a distância entre a porta e a pedra fosse maior.

Quando ele se ajoelha sobre a pedra, ouve-se um arquejo vindo de alguém perto dele, e ele se pergunta o motivo. Seu coração começa a bater mais depressa e, quando baixa os olhos, ele vê que as articulações de seus dedos estão brancas. Envergonhado, junta as mãos, antes de se lembrar e tornar a deixar os braços caírem ao lado do corpo, onde devem ficar.

Há uma leve depressão no centro da pedra, que parece dura e fria sob seus

joelhos através do fino tecido da túnica. Ele mexe o corpo de leve, tentando encontrar uma posição mais confortável. O desconforto lhe dá algo em que se concentrar, e ele se sente grato por isso. Ainda está tonto e tem dificuldade para se concentrar ou se lembrar da ordem em que as coisas devem acontecer, muito embora a tenha repassado vezes sem conta na mente.

Um sino começa a soar dentro da câmara, uma nota aguda, cortante; um cântico baixo a acompanha, de início tênue, mas rapidamente mais alto à medida que vai ganhando novas vozes. Fragmentos de palavras e expressões reverberam por sua cabeça: montanhas; Noblesa, nobreza; libres, livros; graal...

A Sacerdotisa desce do grande altar e caminha pela câmara. Ele mal pode escutar o arrastar de seus pés e imagina como sua túnica dourada deve cintilar e ondular à luz vacilante das velas. Esse é o momento pelo qual ele estava esperando.

— Je suis prêt — repete entre os dentes. Dessa vez, com convicção.

A Sacerdotisa se imobiliza diante dele. Ele pode sentir seu perfume, sutil e leve sob o aroma pungente do incenso. Solta um arquejo quando ela se inclina e segura sua mão.

Os dedos dela estão frescos e as unhas bem-feitas, e um espasmo de eletricidade, quase desejo, sobe por seu braço quando ela aperta algo pequeno e redondo na palma de sua mão, e em seguida faz seus dedos se fecharem sobre o objeto. Nesse momento — mais do que tudo que jamais quis na vida — ele quer ver o rosto dela. Mas mantém os olhos voltados para o chão, como lhe foi ensinado.

Os quatro ajudantes mais graduados deixam suas posições e se movem para junto da Sacerdotisa. Sua cabeça é inclinada para trás, com delicadeza, e um líquido espesso e doce escorre por entre seus lábios. É o que esperava, e ele não resiste. Conforme o calor se espalha por seu corpo, ele levanta os braços e seus companheiros ajeitam um manto dourado sobre seus ombros. Aquelas pessoas estão acostumadas com o ritual, mas mesmo assim ele pode sentir o nervosismo.

De repente, ele sente algo como uma tira de ferro em volta do pescoço, apertando sua traquéia. Suas mãos voam para a própria garganta enquanto ele luta para respirar.

Tenta gritar, mas as palavras não vêm. A nota aguda e cortante do sino começa outra vez a ressoar, constante e persistente, submergindo-o. Uma onda de náusea

percorre seu corpo. Ele pensa que vai desmaiar e agarra o objeto em sua mão em busca de conforto, com tanta força que suas unhas cortam a pele macia da palma de sua mão. A dor intensa o ajuda a não cair. Agora ele entende que as mãos em seus ombros não são reconfortantes. Não o estão amparando, mas sim segurando-o. Outra onda de náusea o 13

submerge e a pedra parece se mover e escorregar sob o peso de seu corpo.

Seus olhos estão embaçados e ele não consegue focalizar nada, mas pode ver que a Sacerdotisa está segurando uma faca, embora não tenha idéia de como a lâmina prateada foi parar em sua mão. Tenta se levantar, mas a droga é forte demais e já lhe tirou as forças. Ele não consegue mais controlar os braços e pernas.

— Non!— tenta gritar, mas é tarde demais.

De início, pensa ter levado um soco entre os ombros, só isso. Então uma dor difusa começa a se espalhar por seu corpo. Algo morno e macio escorre lentamente por suas costas.

Sem aviso, as mãos o soltam e ele cai para frente, desabando como uma boneca de pano enquanto o chão parece se erguer e vir ao seu encontro. Não sente dor quando sua cabeça bate no chão, cujo contato em sua pele parece de alguma forma fresco e agradável. Todo barulho, toda confusão e medo estão indo embora. Suas pálpebras estremecem e se fecham. Ele não tem mais consciência de nada a não ser da voz dela, que parece vir de muito longe.

— Une leçon. Pour tous — ela parece dizer, embora isso não faça sentido.

Em seus últimos e entrecortados instantes de consciência, o homem acusado de revelar segredos, condenado por ter falado quando deveria ter ficado calado, segura o cobiçado objeto com força na mão até sua ligação à vida cessar e o pequeno disco cinza, do tamanho de uma moeda, rolar para o chão.

Em uma das faces do disco estão inscritas as letras NV. Na outra está gravado um labirinto.

IV

Pic de Soularac

Montes Sabarthès

Por um instante, tudo é silêncio.

Então a escuridão se dissolve. Alice não está mais na caverna. Está flutuando em um mundo branco, sem gravidade, transparente, pacífico e silencioso.

Está livre. Segura.

Alice tem a sensação de deslizar para fora do tempo, como se estivesse caindo de uma dimensão para outra. A linha entre passado e presente agora desaparece nesse lugar onde não existe tempo nem espaço.

Então, como o alçapão de um cadafalso, Alice sente um súbito puxão, uma queda, e começa a despencar pelo céu aberto, caindo, caindo em direção à encosta coberta de florestas da montanha. O ar frio silva em seus ouvidos enquanto ela mergulha, cada vez mais depressa e com mais força, rumo ao chão.

O instante do impacto nunca chega. Os ossos não se partem nas pedras e sílices cinzentos. Em vez disso, Alice cai no chão correndo, e segue aos tropeços por um caminho íngreme e irregular no meio da floresta, entre duas colunas de árvores altas.

Densas, imponentes, elas se erguem acima dela tornando impossível ver o que há atrás.

Rápido demais.

Alice se agarra aos galhos como se eles pudessem reduzir a velocidade de sua queda, impedir esse vôo de cabeça rumo a um lugar desconhecido, mas suas mãos passam direto pela vegetação como se ela fosse um fantasma ou espírito. Suas mãos arrancam tufos de pequenas folhas, como cabelos em uma escova. Ela não pode senti-

los, mas a seiva tinge de verde as pontas de seus dedos. Ela os leva até o rosto para inalar seu aroma delicado, acre. Tampouco consegue sentir seu cheiro.

Alice sente uma dor na lateral do abdômen, mas não consegue parar porque há

algo atrás dela, se aproximando cada vez mais. O caminho continua muito íngreme sob seus pés. Pela textura, tem consciência de que raízes secas e pedras substituíram a terra macia, o musgo e os galhos no caminho. Mesmo assim, não há ruído. Nenhum pássaro canta, nenhuma voz chama, não se ouve nada a não ser sua respiração irregular. O

caminho arqueia e se dobra para um lado e para o outro, lançando-a para lá e para cá, até que ela faz uma curva e vê o silencioso muro de chamas que impede a passagem logo adiante. Um pilar de fogo em movimento, branco, dourado e vermelho, vergando-se em todas as direções, mudando constantemente de forma.

Por instinto, Alice ergue as mãos para proteger o rosto do calor intenso, embora não consiga senti-lo. Pode ver rostos presos nas chamas que dançam, bocas contorcidas em silenciosa agonia enquanto o fogo as acaricia e devora.

Alice tenta parar. Precisa parar. Seus pés estão feridos e sangrando, sua longa saia está molhada, atrapalhando seus movimentos, mas quem a persegue está logo atrás dela e algo além de seu controle a está conduzindo para o abraço fatal do fogo.

Ela não tem outra escolha senão pular, para evitar ser consumida pelas chamas.

Lança-se no ar em espiral como uma coluna de fumaça, flutuando bem alto acima dos amarelos e laranjas. O vento parece sustentá-la, liberando-a da terra.

Alguém está chamando o seu nome, uma voz de mulher, embora a pronúncia seja estranha.

Alaïs.

Ela está segura. Livre.

Então sente a conhecida pressão de dedos frios em seus tornozelos, prendendo-a ao chão. Não, não são dedos, são correntes. Alice então percebe que está segurando alguma coisa nas mãos, um livro, fechado por tiras de couro. Entende que é aquilo que ele quer. Que eles querem. Ê a perda desse livro que os deixa zangados.

Se ao menos ela conseguisse falar, talvez pudesse fazer um acordo. Mas sua cabeça está vazia de palavras, e sua boca é incapaz de falar. Ela se debate, chuta

tentando escapar, mas está presa. A pressão inflexível em suas pernas é forte demais. À

medida que é arrastada de volta para o fogo, ela começa a gritar, mas tudo é silêncio.

Ela grita de novo, sentindo a voz lutar bem dentro de si para ser ouvida. Dessa vez, o som sai num jato. Alice sente o mundo real voltar à toda velocidade. Som, luz, cheiro, o gosto metálico do sangue em sua boca. Até que, por uma fração de segundo, ela pára, subitamente envolta por um frio translúcido. Não é o frio conhecido da caverna, mas algo diferente, intenso e brilhante. Dentro dele, Alice consegue distinguir com dificuldade o turvo contorno de um rosto, bonito, indistinto. A mesma voz torna a chamar seu nome.

Alaïs.

Chama pela última vez. É a voz de um amigo. Não de alguém que lhe quer mal.

Alice se esforça para abrir os olhos, sabendo que, se conseguisse ver, entenderia. Não consegue. Não completamente.

O sonho começa a se dissipar, libertando-a.

Hora de acordar. Preciso acordar.

Então ouve outra voz em sua cabeça, diferente da primeira. A sensação retorna a seus braços e pernas, seus joelhos esfolados ardendo e sua pele arranhada e dolorida no ponto onde ela caiu. Pode sentir alguém segurar seu ombro com força, sacudindo-a de volta à vida.

— Alice! Alice, acorde!

15



A Cité na Colina

CAPITULO I

Carcassona

JULHET 1209

Alaïs acordou sobressaltada, arregalando os olhos. O medo pulava em seu peito como um passarinho preso em uma rede que luta para se libertar. Ela apertou as costelas com as mãos para sossegar o coração disparado.

Por um instante, não ficou nem dormindo nem acordada, como se alguma parte dela mesma houvesse sido deixada para trás no sonho. Sentiu que flutuava, e olhava para si mesma de uma grande altura, como as gárgulas de pedra que faziam caretas para os passantes do telhado da catedral de Sant-Nasari.

O quarto tornou a entrar em foco. Ela estava sã e salva em sua própria cama, no Château Comtal. Gradualmente, seus olhos foram se acostumando ao escuro. Estava a salvo das pessoas magras, de olhos negros que a assombravam à noite, seus dedos afiados arranhando-a e puxando-a. Elas não podem me alcançar agora. A linguagem esculpida nas pedras, mais imagens do que palavras, que nada significava para ela, tudo se dissolveu como colunas de fumaça no ar outonal. O fogo também havia se apagado, deixando apenas uma lembrança em sua mente.

Uma premonição? Ou apenas um pesadelo?

Ela não tinha como saber. Tinha medo de saber.

Alaïs estendeu a mão para as cortinas penduradas ao redor da cama, como se ao tocar algo concreto ela própria fosse se sentir menos transparente e abstrata. O tecido surrado, repleto da poeira e dos cheiros conhecidos do castelo, reconfortou-a com a aspereza sob seus dedos.

Todas as noites, o mesmo sonho. Durante sua infância inteira, quando acordava apavorada no escuro, com o rosto pálido e molhado de lágrimas, seu pai estivera ao seu lado, velando seu sono como se ela fosse um filho homem. Enquanto cada vela se consumia e outra era acesa, ele lhe contava em voz sussurrada suas aventuras na Terra Santa. Falava-lhe sobre os mares intermináveis do deserto, as curvas e arabescos das mesquitas e o chamado à prece dos fiéis sarracenos. Descrevia as especiarias aromáticas, as cores vividas e o gosto apimentado da

comida. O brilho terrível do sol ao se pôr sobre Jerusalém.

Durante muitos anos, naquelas horas vazias entre o crepúsculo e a aurora, com a irmã adormecida ao seu lado, seu pai não havia parado de falar, espantando seus demônios. Não havia permitido que os capuzes negros nem os padres católicos chegassem perto dela com suas superstições e seus símbolos falsos.

Suas palavras a haviam salvado.

— Guilhem? — murmurou ela.

16

Seu marido dormia profundamente, os braços abertos, ocupando a maior parte da cama. Seus cabelos escuros e compridos, recendendo a fumaça e vinho e aos está-los, espalhavam-se sobre o travesseiro. O luar entrava pela janela aberta, cuja folha de pensiona estava afastada para deixar entrar no quarto o ar fresco da noite. À luz que vinha de fora, Alaïs pôde ver a sombra de uma barba brotando no queixo dele. Quando Guilhem mudou de posição, ainda dormindo, o cordão que usava em torno do pescoço cintilou e reluziu.

Alaïs queria que ele acordasse e lhe dissesse que estava tudo bem, que ela não precisava mais ter medo. Mas ele não fez menção de acordar, e não ocorreu a ela acordá-lo. Destemida em todas as outras coisas, ela era inexperiente nos hábitos do casamento e ainda cautelosa com ele, então contentou-se em correr os dedos por seus braços lisos e bronzeados e de um lado a outro de seus ombros, firmes e largos devido às horas passadas treinando com a espada e o alvo para a justa. Alaïs podia sentir a vida se movendo sob a pele dele mesmo enquanto ele dormia. E quando se lembrou de como haviam passado a primeira parte da noite, suas bochechas coraram, embora não houvesse ninguém ali para ver.

Alaïs estava maravilhada com as sensações que Guilhem provocava nela. Deliciava-se com o modo como seu coração pulava quando o via inesperadamente, o modo como o chão fugia debaixo de seus pés quando ele sorria para ela. Ao mesmo tempo, não gostava daquela sensação de impotência. Temia que o amor a estivesse tornando fraca, tonta. Não tinha dúvidas de que amava Guilhem, mas mesmo assim sabia que não estava se entregando totalmente.

Alaïs suspirou. Tudo que podia esperar era que, com o tempo, aquilo se tornasse

mais fácil.

Algo na qualidade da luz, um preto clareando em direção ao cinza, e a ocasional ameaça de um canto de pássaro vindo das árvores no pátio, sugeriam-lhe que a aurora não demoraria a chegar. Ela sabia que não conseguiria voltar a dormir agora.

Alaïs esgueirou-se entre as cortinas da cama e percorreu o quarto na ponta dos pés até o baú que ficava no canto mais distante. O piso de cerâmica estava frio e o revestimento de esteiras arranhava seus dedos. Ela abriu a tampa, retirou o sachê de lavanda de cima da pilha e tirou lá de dentro um vestido verde-escuro simples.

Estremecendo um pouco, vestiu a roupa, passando os braços pelas mangas estreitas.

Puxou o tecido ligeiramente úmido por cima de sua combinação, depois amarrou o cordão com firmeza.

Alaïs tinha 17 anos e estava casada havia seis meses, mas ainda não adquirira as curvas e o balanço de uma mulher adulta. O vestido ficava pendurado em seu corpo magro, informe, como se não lhe pertencesse. Apoiando-se com a mão em cima da mesa, ela calçou os chinelos de couro maleável e pegou sua capa vermelha favorita do encosto da cadeira. As bordas e a bainha eram enfeitadas com um intrincado bordado azul e verde de quadrados e diamantes, entrelaçados a diminutas flores amarelas, que ela mesma havia criado para o dia de seu casamento. Passara semanas a fio bordando aquilo. Ficara novembro e dezembro inteiros trabalhando no bordado, os dedos cada vez mais doloridos e enregelados de frio, apressada para terminá-lo a tempo.

Alaïs voltou a atenção para seu panièr, que estava no chão ao lado do baú.

Verificou que sua bolsinha de ervas e sua bolsa de dinheiro estavam lá, junto com as tiras de pano para amarrar plantas e raízes e com suas ferramentas para cavar e cortar.

Por fim, prendeu a capa com firmeza ao pescoço com uma fita, enfiou a faca na bainha presa à cintura, cobriu os longos cabelos soltos com o capuz e cruzou o quarto em silêncio até sair para o corredor deserto. A porta se fechou atrás dela com um clique.

Não era ainda prima, de modo que ninguém circulava pela área residencial do palácio. Alaïs percorreu o corredor com rapidez, a capa arrastando-se suavemente pelo chão de pedra, em direção às escadas íngremes e estreitas. Passou por cima do menino, um criado, que dormia embolado junto a uma parede do lado de fora do quarto que sua 17

irmã Oriane dividia com o marido.

Quando desceu um pouco mais as escadas, um barulho de vozes flutuou ao seu encontro vindo das cozinhas no subsolo. Àquela hora, os criados já trabalhavam com afinco. Alaïs ouviu um tapa seguido de um grito, sinal de que um infeliz menino começava o dia com a mão pesada do cozinheiro a estalar em sua nuca.

Um ajudante de cozinha se aproximou dela aos tropeços, lutando com um imenso meio-barril de água que havia tirado do poço.

Alaïs sorriu.

Bonjorn.

Bonjorn, dama — respondeu ele com cautela.

Venha — disse ela, descendo as escadas antes dele para abrir a porta.

Mercé, dama — disse ele, agora um pouco menos tímido. — Grand mercé.

A cozinha fervilhava de atividade. Grandes volutas de vapor já subiam da imensa payrola, o caldeirão pendurado em um gancho acima do fogo. Um criado mais velho pegou o barril d'água das mãos do ajudante de cozinha, esvaziou-o dentro da panela, depois lhe devolveu o barril sem dizer palavra. O menino revirou os olhos para Alaïs enquanto saía e tomava mais uma vez o rumo do poço lá em cima.

Capões, lentilhas e repolhos em jarros de cerâmica lacrados aguardavam na grande mesa no centro do aposento a hora de serem cozidos, junto com outros recipientes contendo tainhas, enguias e lúcios. Em um dos cantos havia bolos tipo fogaça envoltos em tecido, patê de ganso e fatias de carne de porco salgada. No outro, bandejas de uvas, marmelos, figos e cerejas. Um menino de nove ou dez anos estava em pé com os cotovelos fincados na mesa, e sua expressão de desgosto mostrava o quanto ele estava animado para mais um dia suando junto

ao espeto, vigiando a carne a assar. Ao lado do fogo principal, os gravetos ardiam intensamente dentro do forno de pão em forma de domo. A primeira fornada de pan de blat, o pão de trigo, já estava disposta na mesa para esfriar. O cheiro deixou Alaïs com fome.

— Posso pegar um destes?

O cozinheiro levantou os olhos, furioso diante da intrusão de uma mulher em sua cozinha. Então viu quem era, e seu rosto mal-humorado abriu-se em um sorriso torto que revelou uma fileira de dentes podres.

Dama Alaïs — disse com alegria, limpando as mãos no avental. — Benvenguda.

Que honra! Faz algum tempo que a senhora não vem nos visitar.

Sentimos sua falta.

Jacques — disse ela, carinhosa. — Eu não iria querer atrapalhar.

Atrapalhar! — repetiu ele rindo. — Como a senhora poderia algum dia me atrapalhar? — Quando criança, Alaïs passava muito tempo na cozinha, observando e aprendendo, a única menina que Jacques jamais havia autorizado a cruzar a soleira de seu território masculino. — O que posso lhe oferecer, dama Alaïs?

— Só um pouco de pão, Jacques; um pouco de vinho também, se puder.

O cenho dele se franziu.

— Perdoe-me, mas a senhora não está indo para o rio, está? Não a esta hora do dia, desacompanhada? Uma dama da sua condição... o dia nem clareou ainda. Andei ouvindo coisas, histórias de...

Alaïs tocou-lhe o braço com a mão.

É bondade sua se preocupar, Jacques, e sei que você só quer o meu bem, mas não vai acontecer nada. Eu lhe dou a minha palavra. Sei exatamente onde estou indo. Vou e 18

volto antes que alguém sequer descubra que saí, juro.

Seu pai sabe?

Ela levou o dedo aos lábios, num gesto conspiratório.

— Você sabe que não, mas por favor guarde segredo. Tomarei muito cuidado.

Jacques não parecia nada convencido, mas, sentindo já ter dito tudo que se atrevia a dizer, não discutiu. Encaminhou-se lentamente até a mesa, enrolou um pão redondo em um pano branco e ordenou a um ajudante de cozinha que fosse buscar uma jarra de vinho. Alaïs olhava para ele, sentindo o coração apertado. Seus movimentos estavam mais vagarosos ultimamente, e ele mancava muito com a perna esquerda.

Sua perna ainda o incomoda?

Não muito — mentiu ele.

Posso enfaixá-la para você depois, se quiser. Não parece que esse corte está

cicatrizando como deveria.

Não está tão ruim assim.

Usou o ungüento que fiz para você? — perguntou ela, sabendo pela expressão no rosto dele que a resposta era não.

Jacques abriu as mãos gorduchas no gesto de quem se rende.

Há tanto o que fazer, dama... todos esses convidados, centenas contando os criados, cavalariços, pajens, damas de companhia, sem falar nos cônsules e suas famílias. E hoje em dia tantas coisas são difíceis de encontrar. Veja a senhora que ontem mesmo eu mandei...

Tudo isso é verdade, Jacques — disse Alaïs —, mas a sua perna não vai ficar boa sozinha. O corte foi profundo demais.

Ela subitamente se deu conta de que o nível do barulho diminuíra. Levantou os olhos e viu que a cozinha inteira escutava a conversa dos dois. Os meninos mais jovens, de cotovelos apoiados na mesa, assistiam boquiabertos a seu patrão de pavio curto levar um pito. E de uma mulher.

Fingindo não ter percebido, Alaïs baixou a voz.

— Por que não volto mais tarde para fazer o curativo, para lhe agradecer por isto?

— Ela indicou o pão com um tapinha. — Pode ser o nosso segredo, oc? Uma troca justa?

Por um instante, temeu ter sido íntima demais ao prever a reação dele. Mas, depois de um instante de hesitação, Jacques deu um sorriso.

— Ben — disse ela. — Voltarei quando o sol estiver alto e cuidarei disso.

Dins d'abord. — Em breve.

Enquanto Alaïs deixava a cozinha e tornava a subir as escadas, ouviu Jacques berrando com todo mundo para parar de encará-lo e voltar ao trabalho, fingindo que a interrupção nunca acontecera. Ela sorriu.

Tudo estava como devia estar.

Alaïs abriu a pesada porta que dava para o pátio principal e saiu para o dia que acabara de nascer.

As folhas do olmo que ficava no centro do pátio fechado, debaixo do qual o visconde Trencavel dispensava sua justiça, pareciam negras contra o céu da noite que se ia. Seus galhos estavam coalhados de cotovias e carriças, e os cantos dos pássaros ressoavam agudos e límpidos na aurora.

O avô de Raymond-Roger Trencavel havia construído o Château Comtal mais de cem anos antes, uma sede de onde governar seus territórios cada vez mais extensos.

Suas terras iam de Albi no norte a Narbonne no sul, de Béziers no leste a Carcassonne no oeste.

O Château dispunha-se ao redor de um grande pátio retangular, e havia incorporado, na ala oeste, os restos de um castelo mais antigo. Estava integrado

ao reforço da seção ocidental dos muros fortificados que cercavam a Cité, um anel de pedra sólida que se erguia bem alto acima do rio Aude e das terras pantanosas do norte logo abaixo.

O donjon, onde os cônsules se reuniam e documentos importantes eram assinados, ficava no canto sudoeste do pátio e era muito bem guardado. A luz mortiça, Alaïs pôde ver algo escorado junto ao muro exterior. Olhou com mais atenção e percebeu que era um cachorro, enroscado no chão, dormindo. Dois meninos, empoleirados como corvos na beirada no viveiro dos gansos, tentavam acordar o animal atirando pedras nele. No silêncio, ela podia ouvir o toc, toc surdo e regular de seus calcanhares batendo contra o cercado de madeira.

Havia dois jeitos de entrar e sair do Château Comtal. O amplo e arqueado Portão Oeste abria-se diretamente para as encostas gramadas que iam dar nas muralhas, e geralmente era mantido fechado. O Portão Leste, pequeno e estreito, ficava escondido entre duas altas torres e conduzia diretamente às ruas da Ciutat, a Cité em si.

A comunicação entre os pisos superiores e inferiores das torres do portão só era possível por meio de escadas de madeira e de uma série de alçapões. Quando menina, um de seus passatempos favoritos era descer e subir entre um pavimento e outro com os garotos da cozinha, tentando se esquivar dos guardas. Alaïs era veloz. Sempre conseguia.

Apertando mais a capa em volta do corpo, cruzou o pátio apressada. Uma vez soado o toque de recolher, os portões fechados para a noite e o guarda em seu posto, ninguém tinha permissão para passar sem a autorização de seu pai. Embora não fosse cônsul, Bertrand Pelletier ocupava uma posição única e privilegiada na casa. Poucos ousavam desobedecê-lo.

Ele sempre desaprovara o hábito da filha de sair da Cité de manhã cedinho.

Naqueles dias, fazia questão ainda maior de que ela ficasse dentro dos muros do Château durante a noite. Ela imaginava que seu marido pensasse o mesmo, embora Guilhem nunca lhe tivesse dito nada. Mas era apenas na imobilidade e no anonimato da aurora, livre das restrições e limitações da casa, que Alaïs sentia-se de fato ela mesma. Não era filha de ninguém, irmã de ninguém, mulher de ninguém. Bem no fundo, sempre havia acreditado que seu pai entendia. Por mais que lhe desagradasse desobedecê-lo, ela não queria abrir mão daqueles

momentos de liberdade.

A maioria dos guardas noturnos fingia não ver suas idas e vindas. Pelo menos sempre fora assim. Desde que rumores de guerra haviam começado a circular, a guarnição ficara mais cuidadosa. À primeira vista, a vida seguia praticamente igual, e embora refugiados chegassem à Cité de tempos em tempos, suas histórias de ataques ou de perseguição religiosa não pareciam nada fora do comum para Alaïs. Atacantes que surgiam não se sabia de onde e abatiam-se como o relâmpago no verão, desaparecendo em seguida, eram fatos da vida para qualquer pessoa que vivesse fora da segurança de uma aldeia ou cidade fortificadas. As histórias não pareciam nada diferentes do habitual, nem para melhor nem para pior.

Guilhem não parecia particularmente perturbado pelos boatos sobre um conflito, pelo menos até onde ela podia perceber. Ele nunca conversava com ela sobre essas coisas. Oriane, porém, afirmava que um exército francês de cruzados e religiosos estava se preparando para atacar as terras do Pays d'Oc. Além disso, ela afirmava que a campanha tinha o apoio do papa e do rei da França. Alaïs sabia por experiência que muito do que Oriane dizia tinha como única intenção aborrecê-la. Mesmo assim, sua irmã

parecia saber coisas antes de qualquer outra pessoa na casa, e não se podia negar que o número de mensagens que entravam e saíam do Château aumentava a cada dia.

20

Também era inegável que as rugas de preocupação no rosto de seu pai estavam mais profundas e mais escuras, e as cavidades em suas bochechas, mais acentuadas.

Os sirjans d'arms de guarda no Portão Leste estavam alertas, embora seus olhos estivessem orlados de vermelho depois da longa noite. Os capacetes quadrados de prata estavam posicionados bem alto em suas cabeças, e suas cotas de malha pareciam opacas à pálida luz da aurora. Com os escudos pendurados desleixadamente nos ombros e as espadas embainhadas, pareciam mais prontos para a cama do que para a batalha.

Quando chegou mais perto, Alaïs ficou aliviada ao reconhecer Bérenger. Ao ver que era ela, ele deu um sorriso e inclinou a cabeça.

Bonjorn, dama Alaïs. Acordou cedo hoje.

Ela sorriu.

Não estava conseguindo dormir.

— Aquele seu marido não consegue pensar em nada para ocupar suas noites? — perguntou o outro com uma piscadela marota. Seu rosto era marcado de varíola e as unhas de seus dedos estavam roídas e sangravam. Seu hálito recendia a comida rançosa e cerveja.

Alaïs o ignorou.

Como vai sua mulher, Bérenger?

Vai bem, dama. Praticamente voltou ao que era antes.

E seu filho?

Cada dia maior. Vai comer a casa inteira se não tomarmos cuidado!

Parece que ele tem a quem puxar! — disse ela, espetando com um dedo a avantajada barriga do homem.

É exatamente o que minha mulher diz.

Mande-lhe minhas lembranças, Bérenger, sim?

Ela ficará feliz por ser lembrada, dama. — Ele fez uma pausa. — Imagino que queira que eu a deixe passar?

Vou só até a Ciutat, talvez até o rio. Não vou demorar.

Temos ordens para não deixar passar ninguém — rosnou seu companheiro. —

Ordens do intendente Pelletier.

Ninguém perguntou nada a você — disparou Bérenger. — Não é isso, dama — disse, baixando a voz. — Mas a senhora sabe como estão as coisas agora. E se alguma coisa acontecer com a senhora e souberem que fui eu quem a deixei passar, seu pai...

Alaïs tocou-lhe o braço.

— Eu sei, eu sei — disse baixinho. — Mas não há por que se preocupar, não mesmo. Eu sei me cuidar. Além disso... — Ela deixou os olhos se bandearem em direção ao outro guarda, que agora limpava o nariz e secava os dedos na manga. — ...que perigos eu poderia encontrar no rio que sejam piores do que os que você enfrenta aqui?

Bérenger riu.

— Prometa-me que tomará cuidado, P.

Alaïs aquiesceu, abrindo uma nesga da capa para mostrar-lhe a faca de caça na cintura.

— Sim, dou-lhe minha palavra.

Havia duas portas para atravessar. Bérenger as destrancou uma por uma, depois levantou a grande tora de carvalho que bloqueava a porta externa e a abriu apenas o 21

suficiente para deixar Alaïs passar. Sorrindo em agradecimento ela se esgueirou por baixo do braço dele e saiu para o mundo.

CAPÍTULO 2

Quando emergiu das sombras entre as torres do portão, Alaïs sentiu o coração mais leve. Estava livre. Pelo menos por algum tempo.

Uma passarela de madeira móvel ligava o portão à ponte de pedra plana que levava do Château Comtal às ruas de Carcassona. A grama no fosso seco lá embaixo da ponte reluzia com o orvalho na luz púrpura cintilante. Ainda havia lua, embora ela estivesse desaparecendo à medida que a aurora progredia.

Alaïs caminhava depressa, a capa imprimindo desenhos circulares na poeira do chão, querendo evitar as perguntas dos guardas a postos no outro extremo da ponte.

Teve sorte. Eles estavam cochilando e não a viram passar. Ela percorreu apressada o terreno aberto e embrenhou-se em uma rede de becos estreitos, rumo

a um pequeno portão ao lado da Tour du Moulin d'Avar, a parte mais antiga das muralhas. O portão dava diretamente para as hortas e os faratjals, os pastos que ocupavam as terras em torno da Cité e do subúrbio setentrional de Sant-Vicens. Naquela hora do dia, era o caminho mais rápido para chegar ao rio sem ser visto.

Levantando as saias, Alaïs passou com cautela pelos vestígios de mais uma noite de excessos na taberna Sant-Joan dels Evangèlis. Maçãs amassadas, pêras comidas pela metade, ossos roídos ainda com restos de carne e tonéis de cerveja quebrados jaziam espalhados pelo chão. Um pouco mais adiante, um mendigo dormia encolhido na soleira de uma porta, o braço descansando sobre um velho cão imenso e molhado. Três homens estavam jogados ao pé do poço, resmungando e roncando alto o bastante para silenciar o canto dos pássaros.

A sentinela de guarda no portão estava um caco, tossindo e pigarreando, enrolado na capa de modo que apenas a ponta do nariz e as sobrancelhas estavam visíveis. Ele não queria ser incomodado. No início, sequer se dignou a tomar conhecimento da presença de Alaïs. Ela enfiou a mão na bolsa e tirou uma moeda. Sem ao menos olhar para ela, ele arrebatou o dinheiro com a mão suja, testou sua dureza entre os dentes e em seguida soltou os trincos e abriu uma nesga do portão para deixá-la passar.

O caminho que descia até o barbacã era íngreme e pedregoso. Estendia-se entre duas altas cercas protetoras de madeira, e era difícil ver qualquer coisa. Mas Alaïs fizera muitas vezes esse caminho para sair da Cité, conhecia cada declive e cada elevação do terreno, e desceu sem dificuldade. Margeou o pé da torre baixa e redonda feita de madeira, seguindo o caminho da água que corria veloz, como em um moinho, passando pelo meio do barbacã.

Arbustos arranhavam suas pernas e espinhos puxavam o fio de seu vestido.

Quando chegou lá embaixo, a bainha de sua capa tinha uma cor vermelha escura, encharcada pelo contato com a grama. O bico de seus chinelos de couro também estava manchado de escuro.

No instante em que pôs o pé para fora da sombra da paliçada e entrou no mundo amplo e aberto, Alaïs sentiu-se mais animada. Ao longe, a bruma branca de julho pairava sobre a Montagne Noire. O sol que surgia no horizonte estava transpassado de cor de rosa e roxo.

Em pé, contemplando a colcha de retalhos perfeita formada por campos de

cevada, milho e trigo e as florestas que se estendiam até onde seu olho alcançava, Alaïs sentiu a presença do passado à toda sua volta, a envolvê-la. Espíritos, amigos e fantasmas que estendiam as mãos e sussurravam histórias sobre suas vidas, compartilhando com ela 22

seus segredos. Eles a conectavam a todos aqueles que já haviam pisado naquelas colinas

— e todos que ainda pisariam ali — sonhando com o que a vida lhes reservava.

Alaïs nunca havia saído das terras do visconde Trencavel. Achava difícil imaginar as cidades cinzentas do norte, Paris, Amiens ou Chartres, onde nascera sua mãe. Eram apenas nomes, palavras sem cor nem calor, duras como a língua que falavam lá, a langue d'oil. Mas embora tivesse pouca coisa a que compará-la, não podia acreditar que houvesse algum lugar tão bonito quanto a imutável e eterna paisagem de Carcassona.

Alaïs começou a descer a colina, costurando seu caminho entre os ásperos arbustos e a vegetação rasteira até chegar aos brejos planos das margens meridionais do rio Aude. Suas saias encharcadas colavam-se à parte de trás de suas pernas, e ela tropeçava de vez em quando. Sentia-se pouco à vontade, percebeu, atenta, e caminhava mais depressa que o habitual. Não que Jacques ou Bérenger a tivessem alarmado, disse a si mesma. Eles sempre ficavam preocupados por sua causa. Mas nesse dia ela se sentia isolada e vulnerável.

Sua mão moveu-se até a adaga em sua cintura, e ela se lembrou da história do mercador que alegava ter visto um lobo na margem oposta, na semana anterior. Todos pensavam que ele estivesse exagerando. Nessa época do ano, provavelmente não passava de uma raposa ou de um cão selvagem. Mas, agora que ela estava ali sozinha, a história parecia mais plausível. O cabo frio da adaga a reconfortou.

Por um instante, Alaïs sentiu-se tentada a dar meia volta. Não seja tão covarde.

Continuou. Virou-se para trás uma ou duas vezes, espantada por sons próximos que se revelaram nada mais do que o bater das asas de um pássaro ou o deslizar e mergulhar de uma enguia de rio amarela nas águas rasas.

Aos poucos, à medida que percorria seu caminho habitual, seu nervosismo foi se dissipando. O rio Aude era largo e raso, com vários afluentes desaguando nele,

como veias nas costas da mão de uma pessoa. Uma bruma de aurora tremeluzia, cintilante, acima da superfície da água. Durante o inverno, o rio corria veloz e furioso, inchado pelas nascentes geladas vindas da montanha. Mas aquele verão fora seco, então a água estava baixa e parada. Os moinhos de sal mal se mexiam com a corrente. Amarrados à margem com cordas grossas, eles formavam uma espinha dorsal de madeira no centro do rio.

Era cedo demais para as moscas e mosquitos que formariam nuvens escuras sobre as poças à medida que o calor aumentasse, então Alaïs pegou o atalho pelo lodaçal. O

caminho era marcado por montinhos de pedras brancas para ajudar as pessoas a não escorregarem para dentro da lama traiçoeira. Ela o seguiu com cuidado até chegar à orla da floresta que ficava imediatamente abaixo da parte ocidental dos muros da Cité.

Seu destino era uma clareira pequena e escondida, onde as melhores plantas cresciam na parte rasa semi-sombreada do rio. Assim que chegou ao abrigo das árvores, Alaïs diminuiu o ritmo e começou a aproveitar. Afastou os ramos de hera que impediam sua passagem e inalou o aroma forte, terroso das folhas e do musgo.

Embora não houvesse sinal de atividade humana, a floresta estava repleta de cores e sons. O ar enchia-se dos gorjeios e trinados de estorninhos, carriças e pintarroxos.

Galhos e folhas estalavam e se partiam sob seus pés. Coelhos corriam rente ao chão, o rabo branco saltitando enquanto procuravam abrigo entre os grupos de flores amarelas, roxas e azuis. Bem no alto dos longos galhos dos pinheiros, esquilos de pêlo vermelho despedaçavam as pinhas, fazendo cair agulhas finas e cheirosas no chão embaixo das árvores.

Quando chegou à clareira, pequena ilha de terra com um espaço aberto que conduzia ao rio, Alaïs estava com calor. Aliviada, largou seu panièr, esfregando a parte interna do cotovelo onde a alça havia marcado a pele. Retirou a pesada capa e a pendurou no galho baixo de um salgueiro branco, antes de enxugar o rosto e o pescoço com um lenço. Pôs o vinho em um buraco no tronco da árvore para mantê-lo fresco.

Os imponentes muros do Château Comtal erguiam-se altos acima dela. O

conhecido, alto e esguio da Tour Pinte destacava-se contra o céu pálido. Alaïs perguntou-se se seu pai estaria acordado, já sentado com o visconde em seus aposentos particulares. Seus olhos desviaram-se para a esquerda da torre de observação, à procura de sua própria janela. Guilhem ainda estaria dormindo? Ou teria acordado e descoberto que ela havia saído?

Sempre que ela levantava os olhos e olhava através do toldo verde formado pelas folhas, admirava-se que a Cité ficasse tão perto dali. Dois mundos diferentes em intenso contraste. Lá dentro, nas ruas e corredores do Château Comtal, tudo era barulho e atividade. Não havia paz. Ali embaixo, no reino das criaturas das matas e dos pântanos, reinava um silêncio profundo e imemorial.

Era ali que ela se sentia em casa.

Alaïs descalçou os chinelos de couro. Sentiu a grama deliciosamente fresca entre seus dedos, ainda molhada do orvalho da manhã, fazendo cócegas nas solas de seus pés.

Com o prazer daquele instante, qualquer pensamento sobre a Cité e sua casa desapareceu de sua mente.

Ela levou as ferramentas até a beira d'água. Um pé de angélica crescia na parte rasa onde o rio terminava. Seus caules fortes e cilíndricos pareciam uma fileira de soldados de brinquedo em posição de sentido no chão lamacento. Suas folhas verdes brilhantes — algumas maiores do que a sua mão — lançavam uma leve sombra sobre a água.

Nada melhor do que angélica para purificar o sangue e proteger contra infecções.

Sua amiga e mentora, Esclarmonde, havia lhe ensinado com muita insistência o quanto era importante recolher ingredientes para compressas, medicamentos e remédios onde e quando quer que os encontrasse. Mesmo que a Cité naqueles dias estivesse livre de infecções, quem poderia dizer o que traria o amanhã? Moléstias e doenças podiam atacar a qualquer momento. Como tudo que Esclarmonde lhe dizia, era um bom conselho.

Arregaçando as mangas, Alaïs virou a bainha da faca até ela ficar rente a suas costas, para não atrapalhá-la. Enrolou os cabelos em uma trança para impedir

que caíssem sobre seu rosto enquanto trabalhava, depois prendeu as saias do vestido no corpete antes de entrar no rio. O súbito frio em seus tornozelos arrepiou sua pele e a fez ofegar.

Alaïs molhou as tiras de pano na água e as arrumou em uma fileira na margem, em seguida começou a cavar as raízes com sua pazinha. A primeira planta não demorou a se desprender do fundo do rio com um som úmido. Levando-a até a margem, ela usou o pequeno machado para cortá-la em várias partes. Enrolou as raízes no pano e as arrumou deitadas no fundo do panièr, depois enrolou as pequenas flores amarelo-esverdeadas, com seu cheiro apimentado característico, em um pano separado, e colocou-as na sacola de couro. Descartou as folhas e o resto dos caules antes de tornar a entrar na água e começar tudo de novo. Logo suas mãos estavam manchadas de verde e seus braços cobertos de lama.

Depois de colher a angélica, Alaïs olhou em volta para ver se havia mais alguma coisa que pudesse usar. Um pouco mais acima do rio, viu um pé de confrei, com suas folhas estranhas e características que brotavam do próprio caule e seus cachos de flores cor-de-rosa e roxas em formato de sino. O confrei, ou erva-do-cardeal, como a maioria das pessoas chamava a planta, era bom para reduzir hematomas e ajudar a curar pele e osso. Adiando seu café-da-manhã só mais um pouco, Alaïs pegou as ferramentas e voltou ao trabalho, só parando quando o panièr estava cheio e todas as tiras de pano haviam sido usadas.

Levando o cesto mais para cima da margem, sentou-se debaixo das árvores e esticou as pernas na frente do corpo. Suas costas, ombros e dedos estavam doloridos, mas ela estava satisfeita com seu trabalho. Abaixou-se e retirou o jarro de vinho de Jacques do buraco da árvore. A rolha se soltou com um leve estalo. Alaïs estremeceu um pouco ao sentir o líquido fresco se derramar sobre sua língua e descer por sua garganta.

24

Então desembrulhou o pão fresco e arrancou um grande naco. O gosto era uma estranha mistura de trigo, sal, água de rio e grama, mas ela estava faminta. Era das melhores refeições que ela jamais havia comido.

O céu agora tinha um azul pálido, da cor do miosótis. Alaïs sabia que devia fazer um bom tempo desde que saíra do castelo. No entanto, ao olhar a luz dourada do sol dançar sobre a superfície da água e sentir o sopro do vento na pele, relutava

em voltar para as ruas movimentadas e barulhentas de Carcassonne e para os espaços confinados de sua casa. Dizendo a si mesma que alguns instantes a mais não poderiam fazer mal, Alaïs deitou-se na grama e fechou os olhos.

Foi acordada pelo som de um pássaro gritando.

Alaïs sentou-se num pulo. Ao levantar os olhos para a colcha de retalhos formada pela luz que batia entre as folhas, não conseguiu se lembrar de onde estava. Então todas as lembranças voltaram.

Ela se pôs de pé, em pânico. O sol agora estava alto em um céu sem nenhuma nuvem. Ela ficara fora tempo demais. Aquela altura, sem dúvida teriam dado por sua falta.

Apressando-se para arrumar suas coisas o mais rápido possível, Alaïs enxaguou as ferramentas no rio sem muito capricho e salpicou água sobre as tiras de pano para manter as plantas úmidas. Estava prestes a virar as costas quando algo emaranhado nas plantas aquáticas chamou sua atenção. Parecia um toco de árvore ou um tronco. Alaïs protegeu os olhos do sol, perguntando-se como não tinha visto aquilo antes.

O objeto se movia com demasiada fluidez, acompanhando a corrente lânguido demais para ser algo sólido como casca de árvore ou madeira. Alaïs chegou mais perto.

Agora podia ver que era um pedaço de material pesado e escuro, inchado pela água. Depois de hesitar por um instante, sua curiosidade a dominou e ela entrou novamente no rio, dessa vez indo além da parte mais rasa até as águas mais fundas que corriam rápidas e escuras no centro do leito. Quanto mais longe ia, mais fria ficava a água. Alaïs esforçou-se para manter o equilíbrio. Enterrou os dedos dos pés mais fundo na lama que chapinhava enquanto a água batia em suas coxas finas e brancas e em suas saias.

Logo depois da metade do rio, parou, com o coração aos pulos e as palmas das mãos subitamente suadas de medo agora que conseguia ver com mais clareza.

— Payre Sant. — Santo Pai. As palavras saltaram-lhe aos lábios inconscientemente.

O corpo de um homem flutuava de bruços na água, a capa desdobrando-se à sua

volta como um leque. Alaïs engoliu em seco. Ele vestia um casaco de gola alta de veludo marrom, debruado com uma fita de seda preta e arrematado por um fio de ouro. Ela podia ver o brilho de uma corrente ou pulseira de ouro debaixo d'água. A cabeça do homem estava descoberta, então ela pôde ver que seus cabelos eram encaracolados e negros, salpicados de fios grisalhos. Ele parecia estar usando algo em volta do pescoço, uma espécie de trança cor de carmim, uma fita.

Ela deu mais um passo em sua direção. Seu primeiro pensamento foi que ele provavelmente pisara em falso, no escuro, escorregara no rio e se afogara. Ela estava prestes a estender a mão quando alguma coisa na maneira como sua cabeça boiava na água a deteve. Ela respirou fundo, fascinada pelo cadáver intumescido. Vira um homem afogado certa vez. Inchada e distorcida, a pele marcada do marinheiro estava manchada de azul e roxo, como um hematoma antigo. Aquilo era diferente, havia algo errado.

Parecia que a vida daquele homem já o havia deixado antes de ele entrar na água.

Suas mãos sem vida estavam esticadas à sua frente, como se ele tentasse nadar. O

braço esquerdo boiava na direção dela, levado pela corrente. Algo brilhante, algo colorido logo abaixo da superfície atraiu seu olhar. Havia uma lesão, irregular e desigual, como um sinal de nascença, vermelha contra a pele branca e inchada em volta do lugar onde 25

seu polegar deveria ter estado. Ela olhou para seu pescoço.

Alaïs sentiu os joelhos cederem.

Tudo começou a se mover em câmera lenta, projetando-se e ondulando como a superfície de um mar agitado. A linha irregular cor de carmim que ela tomara por uma gola ou uma fita era um corte brutal, profundo. Ia de trás da orelha esquerda do homem até debaixo de seu queixo, quase separando a cabeça do corpo. Pedaços de pele cortada, que a água tornara verdes, ondulavam ao redor do corte. Pequenos peixes-reis e sanguessugas, negras e dilatadas, banqueteavam-se ao longo do ferimento.

Por um instante, Alaïs pensou que seu coração havia parado de bater. Então o

choque e o medo a atingiram em igual proporção. Ela se virou e começou a correr pela água, escorregando, deslizando na lama, o instinto lhe dizendo para se afastar o máximo possível daquele corpo. Já estava encharcada da cintura para baixo. Seu vestido, deformado e pesado por causa da água, emaranhava-se em suas pernas, quase fazendo-a afundar.

O rio pareceu-lhe duas vezes mais largo do que antes, mas ela seguiu em frente, conseguindo chegar à segurança da margem antes de ser dominada pela náusea e vomitar com violência. Vinho, pão ainda não digerido, água de rio.

Meio rastejando, meio arrastando-se de quatro, ela conseguiu subir mais pela margem antes de desabar no chão à sombra das árvores. Sua cabeça rodava, sua boca estava seca e com um gosto amargo, mas ela precisava sair dali. Alaïs tentou se levantar, mas suas pernas pareciam ocas e não a sustentavam. Tentando não chorar, limpou a boca com as costas da mão trêmula, depois tentou novamente se levantar, usando o tronco da árvore como apoio.

Dessa vez conseguiu ficar de pé. Arrancando a capa da árvore com dedos desesperados, Alaïs conseguiu enfiar os pés imundos nos chinelos. Então, deixando todo o resto para trás, começou a correr de volta pela floresta como se o próprio diabo estivesse em seu encalço.

O calor atingiu Alaïs no instante em que ela emergiu das árvores para o pântano aberto. O sol beliscava suas bochechas e seu pescoço, pinicando-a. O calor havia trazido os insetos e mosquitos, que voejavam em enxames por cima das poças à beira do caminho, e Alaïs seguia em frente aos tropeços, atravessando a paisagem inóspita.

Suas pernas exaustas quase gritavam em protesto e sua respiração ardia, entrecortada, em sua garganta e peito, mas ela continuou correndo, correndo.

Tudo que tinha consciência era da necessidade de fugir para o mais longe possível daquele corpo, e de contar para seu pai.

Em vez de voltar pelo caminho por onde viera, que poderia estar trancado, Alaïs dirigiu-se instintivamente para Sant-Vicens e a Porte de Rodez, que ligava esse subúrbio a Carcassonne.

As ruas estavam movimentadas e Alaïs precisou empurrar as pessoas para passar.

O murmúrio e o zumbido do mundo que tomava vida iam ficando cada vez mais altos, mais intrusivos, conforme ela chegava mais perto da entrada da Cité. Alaïs tentou tapar os ouvidos e pensar apenas em chegar ao portão. Rezando para que suas pernas não cedessem, foi abrindo caminho até mais à frente.

Uma mulher bateu em seu ombro.

— Sua cabeça, dama — disse baixinho. A voz era gentil, mas parecia estar vindo de muito longe.

Percebendo que seus cabelos estavam soltos e despenteados, Alaïs pôs a capa sobre os ombros e ergueu o capuz, com mãos que tremiam tanto de exaustão quanto de choque. Seguiu em frente, cobrindo a frente do vestido com o tecido, esperando assim esconder as manchas de lama, vômito e plantas aquáticas.

26

Todos empurravam, corriam, gritavam. Alaïs pensou que fosse desmaiar. Estendeu a mão e se apoiou no muro. Os guardas de plantão na Porte de Rodez deixavam passar a maioria dos habitantes locais sem perguntar nada, mas paravam vagabundos e pedintes, ciganos, sarracenos e judeus, perguntando-lhes o que vinham fazer em Carcassonne e revistando seus pertences com mais brutalidade do que era necessário até receberem alguma pequena jarra de cerveja ou moedas e passarem para a vítima seguinte.

Deixaram Alaïs passar sem mal olhar para ela.

As ruas estreitas da Cité agora estavam repletas de vendedores ambulantes, mercadores, animais, soldados, ferreiros, jongleurs, mulheres de cônsules e seus criados e pregadores. Alaïs manteve a cabeça baixa como se estivesse caminhando na direção contrária de um cruel vento do norte, sem querer que a reconhecessem.

Finalmente, viu o conhecido contorno da Tour du Major, seguida pela Tour des Casernes, e depois as torres duplas do Portão Leste quando o Château Comtal tornou-se completamente visível.

O alívio fechou sua garganta. Lágrimas de desespero brotaram de seus olhos.

Furiosa com a própria fraqueza, Alaïs mordeu o lábio com força, fazendo-o

sangrar.

Sentia vergonha por estar tão abalada e estava determinada a não se humilhar ainda mais chorando em um lugar onde sua falta de coragem pudesse ser presenciada.

Tudo que queria era seu pai.

CAPÍTULO 3

O intendente Pelletier estava em um dos armazéns nos porões junto à cozinha, onde acabara de concluir sua verificação semanal dos estoques de grãos e farinha. Ficara aliviado ao constatar que nenhuma parte do estoque estava mofada.

Fazia mais de 18 anos que Bertand Pelletier servia ao visconde Trencavel. Fora no início do gelado ano novo de 1191 que ele havia sido convocado para voltar a sua Carcassonne natal para assumir o cargo de intendant— administrador, intendente —junto ao herdeiro das propriedades da família Trencavel, Raymond-Roger, então com nove anos de idade. Já estava esperando esse recado e voltara de bom grado, trazendo consigo a mulher francesa grávida e a filha de dois anos. Nunca havia gostado do frio e da umidade de Chartres. O que encontrara ali fora um menino mais maduro do que sua idade, chorando a morte dos pais e lutando para assumir a responsabilidade depositada em seus ombros jovens.

Desde então, Bertrand servira ao visconde Trencavel, primeiro na casa do tutor de Raymond-Roger, Bertrand de Saissac, depois sob a proteção do conde de Foix. Quando Raymond-Roger atingiu a maioridade e voltou ao Château Comtal para assumir seu lugar de direito como visconde de Carcassonne, Béziers e Albi, Pelletier estava ao seu lado.

Como intendente, Pelletier era responsável pelo funcionamento da casa do nobre.

Também cuidava da administração, da justiça e da cobrança de taxas feita em nome do visconde pelos cônsules que governavam Carcassonne. O mais importante, porém, era que ele era o notório confidente, conselheiro e amigo do visconde. Sua influência não tinha par.

O Château Comtal estava lotado de convidados importantes, e mais deles

chegavam a cada dia. Os seigneurs dos mais importantes châteaux dentro do território de Trencavel e suas mulheres, bem como os mais valorosos e mais célebres chevaliers do Midi. Os melhores menestréis e trovadores haviam sido convidados para a tradicional Justa de Verão para celebrar o dia festivo de Sant-Nasari, no final de julho. Visto que a sombra da guerra já pairava acima de suas cabeças havia um ano ou mais, o visconde 27

estava decidido a que seus convivas se divertissem e que aquele fosse o torneio mais memorável de seu governo.

Por sua vez, Pelletier estava determinado a que nada fosse deixado ao acaso.

Trancou a porta do depósito de grãos com uma das muitas pesadas chaves que carregava em uma argola de metal em volta da cintura e começou a descer o corredor.

— Agora o depósito de vinho — disse ele a seu criado, François. — O último barril estava azedo.

Pelletier foi descendo o corredor, parando para olhar outros cômodos pelos quais passavam. O depósito de roupa de cama e mesa recendia a lavanda e tomilho, e estava vazio, como se esperasse a chegada de alguém para trazê-lo de volta à vida.

Essas toalhas estão lavadas e prontas para a mesa?

Oc, messire.

No porão em frente ao depósito de vinho no pé da escada, homens salgavam pedaços de carne dentro de uma caixa. Alguns eram presos aos ganchos de metal pendurados no teto. Outros eram guardados em barris por mais um dia. Em um canto, um homem enfiava cogumelos, alhos e cebolas em barbantes e os pendurava para secar.

Quando Pelletier entrou, todos pararam o que estavam fazendo e fizeram silêncio.

Alguns dos criados mais jovens se levantaram desajeitadamente. Ele não disse nada, apenas olhou em volta, absorvendo o cômodo inteiro com seu olhar aguçado antes de aquiescer, aprovando, e seguir em frente.

Pelletier estava destrancando a porta do depósito de vinho quando ouviu gritos e o som de passos correndo pelo chão lá em cima.

Descubra qual é o problema — disse, irritado. — Não consigo trabalhar com esta algazarra.

Messire.

François se virou e subiu as escadas correndo para investigar.

Pelletier abriu a pesada porta e entrou nas adegas frescas e escuras, inalando o cheiro conhecido de madeira úmida e o travo azedo de vinho e cerveja derramados.

Percorreu os corredores devagar até localizar os tonéis que estava procurando. Pegou uma caneca de cerâmica da bandeja que estava sobre a mesa, depois retirou a rolha do barril. Seus gestos eram cuidadosos e lentos, para não perturbar o equilíbrio dentro do tonel.

Um barulho no corredor do lado de fora fez os cabelos de sua nuca se eriçarem. Ele largou a caneca. Alguém chamava seu nome. Alaïs. Alguma coisa havia acontecido.

Pelletier atravessou o aposento e abriu a porta com um empurrão.

Alaïs desceu as escadas desabalada como se uma matilha de cães estivesse em seu encalço, com François correndo atrás.

Ao ver a figura grisalha de seu pai entre os tonéis de vinho e cerveja, Alaïs deu um grito de alívio. Atirou-se nos braços dele e enterrou o rosto marcado de lágrimas em seu peito. Seu cheiro conhecido, reconfortante lhe deu vontade de chorar de novo.

— Pelo amor de Sant-Foy, o que está acontecendo? O que aconteceu com você?

Está machucada? Fale.

Ela pôde ouvir a preocupação na voz do pai. Afastou-se um pouco e tentou falar, mas as palavras ficaram presas em sua garganta e não saíam.

—Pai, eu...

Os olhos dele pareciam querer fazer muitas perguntas enquanto olhava para a aparência desarrumada dela e para suas roupas manchadas. Ele ergueu os olhos para 28

François, por cima da cabeça da filha, em busca de uma explicação.

Encontrei dama Alaïs assim, messire.

E ela não disse nada sobre a causa deste... sobre o motivo de sua aflição?

Não, messire. Só que precisava falar com o senhor sem demora.

Muito bem. Deixe-nos a sós. Eu o chamo se precisar.

Alaïs ouviu a porta se fechar. Então sentiu o peso do braço do pai em volta de seu ombro. Ele a conduziu até o banco que margeava uma das paredes da adega e a fez se sentar.

— Venha, filha — disse, com a voz mais branda. Abaixou a mão e afastou uma mecha de cabelos do rosto dela. — Você não é disso. Diga-me o que aconteceu.

Alaïs fez outra tentativa de se controlar, contrariada pelo fato de estar causando tamanha ansiedade e preocupação ao pai. Esfregou as bochechas sujas com o lenço que ele estendia e secou os olhos.

Beba isto — disse ele, pondo uma caneca de vinho em sua mão antes de sentar-se ao seu lado. A madeira antiga curvou-se e rangeu sob seu peso. — François foi embora.

Não há ninguém aqui a não ser nós dois. Você precisa parar com isso e me dizer o que aconteceu para deixá-la tão aflita. Foi Guilhem?

Ele fez alguma coisa que a incomodou? Porque, se fez, eu dou minha palavra a você de que vou...

Não tem nada a ver com Guilhem, paire — disse Alaïs depressa. —

Não tem nada a ver com ninguém...

Ela levantou os olhos para ele, depois tornou a baixá-los, envergonhada, humilhada por estar sentada na frente do pai naquele estado.

— Então o que foi? — insistiu ele. — Como posso ajudar você se não me diz o que aconteceu?

Ela engoliu em seco, sentindo-se culpada e chocada. Não sabia como começar.

Pelletier segurou as mãos dela entre as suas.

— Você está tremendo, Alaïs. — Ela pôde ouvir a preocupação e o afeto em sua voz, o esforço que ele fazia para manter seu medo sob controle. — E olhe para suas roupas — disse ele, levantando a barra de seu vestido entre os dedos. — Molhadas.

Cobertas de lama.

Alaïs podia ver o quanto ele estava cansado, preocupado. Estava pasmo diante do estado da filha, por mais que tentasse esconder. As rugas de sua testa pareciam sulcos.

Como ela não tinha percebido antes que seus cabelos agora estavam salpicados de cinza nas têmporas?

— Eu nunca a vi sem palavras antes — disse ele, tentando tirá-la de seu silêncio. —

Você precisa me contar o que houve, e. Sua expressão era tão cheia de amor e confiança que tocou o coração de Alaïs.

— Tenho medo que o senhor fique zangado, paire. Na verdade, teria motivo para ficar.

A expressão dele ficou mais séria, mas ele manteve o sorriso no lugar.

— Prometo que não vou brigar com você, Alaïs. Agora, vamos. Fale.

Mesmo se eu lhe disser que fui ao rio?

Ele hesitou, mas sua voz não vacilou.

Mesmo assim.

29

Quanto antes se fala, mais cedo se cura. Alaïs uniu as mãos no colo.

Hoje de manhã, logo depois do dia nascer, desci até o rio, até um lugar onde sempre vou colher plantas.

Sozinha?

Sozinha, sim — disse ela, encarando-o. — Eu sei que prometi ao senhor, paire, e peço-lhe perdão pela minha desobediência.

A pé? — Ela assentiu e esperou o sinal dele para continuar.

Fiquei lá por algum tempo. Não vi ninguém. Quando estava juntando minhas coisas para ir embora, percebi o que pensei ser uma trouxa de roupas na água, roupas de boa qualidade. Na verdade... —Alaïs interrompeu mais uma vez seu relato, sentindo o rosto empalidecer. — A verdade é que era um cadáver. Um homem, bastante velho. Cabelos escuros encaracolados. No início pensei que ele tivesse se afogado. Não conseguia ver direito. Então vi que sua garganta tinha sido cortada.

Os ombros dele se retesaram.

— Você não tocou no corpo?

Alaïs negou com a cabeça.

— Não, mas... — Baixou os olhos, encabulada. — Com o choque de encontrá-lo, acho que perdi a cabeça e saí correndo, deixando tudo para trás.

Tudo que eu queria era ir embora dali e contar ao senhor o que tinha visto.

O cenho dele estava novamente franzido.

E você não viu ninguém?

Vivalma. Estava completamente deserto. Mas, quando eu vi o corpo,comecei a ter medo de que os homens que o haviam matado ainda estivessem ali por perto.

— A voz dela estremeceu. — Imaginei que podia sentir os olhos deles em mim, a me observar. Ou pelo menos foi o que pensei.

Então você não foi ferida de nenhuma forma? — perguntou ele com cuidado, escolhendo as palavras deliberadamente. — Ninguém a molestou de nenhuma forma?

Ninguém a machucou?

O fato de que ela entendia o que ele estava perguntando ficou claro quando suas faces coraram subitamente.

— Nada em mim foi afetado a não ser o meu orgulho e... a perda da sua confiança.

Ela viu o alívio espalhar-se pelo rosto do pai. Ele sorriu e, pela primeira vez desde que a conversa começara, o sorriso chegou a seus olhos.

— Bem — disse ele, respirando devagar. — Por enquanto não vamos nos preocupar com a sua falta de cuidado, Alaïs, com o fato de ter me desobedecido... Deixando isso de lado, você fez a coisa certa ao me contar o que aconteceu.

— Ele estendeu a mão e segurou as dela, seu aperto de gigante cobrindo inteiramente os dedos pequenos e finos da filha. Sua pele parecia couro curtido.

Alaïs sorriu, grata pelo adiamento de seu castigo.

— Desculpe, paire. Eu queria manter minha promessa, mas é que...

Ele desdenhou o pedido de desculpas com um aceno.

— Não vamos mais falar sobre isso. Quanto a esse infeliz, não há o que fazer. Os bandidos já foram embora há muito tempo. Seria improvável eles ficarem por perto correndo o risco de serem descobertos.

Alaïs franziu o cenho. Os comentários de seu pai haviam despertado algo que ficara 30

escondido no fundo de sua mente. Ela fechou os olhos. Viu-se em pé na água

gelada, hipnotizada pelo corpo.

É isso que é estranho, pai — disse ela devagar. — Não acho que foram bandidos.

Eles não levaram seu casaco, que era bonito e parecia valioso.

E ele ainda usava suas jóias. Correntes de ouro em volta do pulso, anéis. Ladrões teriam depenado o corpo.

Você me disse que não tocou no corpo — disse ele, ríspido.

— Não toquei. Mas pude ver suas mãos debaixo d'água, só isso. Jóias.

Tantos anéis, pai. Uma pulseira de ouro feita de correntes interligadas. Outra em volta do pescoço. Por que ladrões deixariam essas coisas?

Alaïs parou de falar ao se lembrar das mãos inchadas e fantasmagóricas do homem se estendendo para tocá-la e, onde deveria ter estado o seu polegar, do sangue e das lascas de osso branco. Sua cabeça começou a rodar. Apoiando-se na parede úmida e fria, Alaïs se forçou a se concentrar na madeira dura do banco onde estava sentada e no cheiro azedo dos tonéis em seu nariz, até a tontura passar.

— Não havia sangue — acrescentou. — Uma ferida aberta, vermelha como um naco de carne. — Ela engoliu em seco. — O polegar estava faltando, estava...

Faltando? — disparou ele. — Como assim, faltando?

Alaïs ergueu os olhos, surpresa com a mudança de tom.

O polegar tinha sido arrancado. Cortado no osso.

De que mão, Alaïs? — perguntou ele. Agora já não podia esconder a angústia na voz. — Pense. É importante.

Não tenho...

Ele mal parecia ouvi-la.

Que mão? — insistiu.

A mão esquerda, a esquerda, tenho certeza. Era o lado mais próximo de mim. A cabeça dele apontava para a boca do rio.

Pelletier cruzou o aposento em poucas passadas, gritando por François, e abriu a porta com um solavanco. Alaïs também se pôs de pé depressa, abalada pelo desespero do pai e sem entender o que estava acontecendo.

O que foi? Diga-me, eu lhe imploro. Que diferença faz se era a mão esquerda ou a direita?

Prepare cavalos imediatamente, François. Meu capão baio, a égua cinza de dama Alaïs e uma montaria para você.

A expressão de François se mantinha impassível.

Muito bem, messire. Vamos longe?

Somente até o rio. — Ele dispensou o rapaz com um gesto. — Rápido, homem. E

pegue minha espada e uma capa limpa para dama Alaïs. Encontraremos você no poço.

Assim que François não podia mais escutá-los, Alaïs correu para junto do pai. Ele se recusou a encará-la. Em vez disso, tornou a se aproximar dos tonéis e, com a mão trêmula, serviu-se um pouco de vinho. O líquido espesso e vermelho respingou pela borda da caneca de cerâmica e caiu sobre a mesa, manchando a madeira.

Paire — suplicou ela. — Diga-me o que está acontecendo. Por que você tem que ir ao rio? Isso certamente não é assunto para você. Deixe François ir. Eu posso dizer a ele onde é.

31

Você não está entendendo.

Então me explique, para eu poder entender. Pode confiar em mim.

Preciso ver o corpo com meus próprios olhos. Descobrir se...

Descobrir o quê? — perguntou Alaïs depressa.

Não, não — dizia ele, sacudindo a cabeça grisalha de um lado para o outro. — Isso não é coisa para você... — A voz de Pelletier se extinguiu.

Mas...

Pelletier levantou a mão, retomando subitamente o controle das próprias emoções.

Chega, Alaïs. Você precisa se deixar guiar por mim. Eu gostaria de poder poupá-la disso, mas não posso. Não tenho escolha. — Ele estendeu-lhe a caneca. — Beba isto. Vai fortificá-la, dar-lhe coragem.

Não estou com medo — protestou ela, ofendida por ele ter confundido sua relutância com covardia. — Não tenho medo de ver gente morta. Foi o choque que me afetou tanto assim. — Ela hesitou. — Mas eu lhe imploro, messire, que me diga...

Pelletier virou-se para ela.

— Chega, pare com isso! — gritou.

Alaïs recuou como se ele a tivesse esbofeteado.

Perdoe-me — disse ele imediatamente. — Não sei o que deu em mim. — Ele estendeu a mão e tocou o rosto dela. — Nenhum homem poderia querer filha mais leal, mais fiel.

Então por que não confia em mim?

Ele hesitou e, por um instante, Alaïs pensou que o houvesse convencido a falar.

Então a mesma expressão fechada tornou a se apoderar de seu rosto.

— Tudo que tem de fazer é me mostrar — disse ele com a voz oca. — O resto está

em minhas mãos.

Os sinos de Sant-Nasari batiam a terça quando eles saíram a cavalo pelo Portão

Oeste do Château Comtal.

Seu pai ia à frente, com Alaïs seguindo atrás junto a François. Ela se sentia péssima, ao mesmo tempo culpada por terem sido suas ações a causar aquela estranha mudança em seu pai e frustrada por não entender.

Foram seguindo pela estrada de terra estreita e seca que ziguezagueava em acentuado declive pela colina além dos muros da Cité, curvando-se e tornando a voltar sobre si mesma. Uma vez em terreno plano, puseram os cavalos para trotar.

Seguiram subindo o curso do rio. Um sol inclemente batia em suas costas enquanto entravam nas terras alagadas. Enxames de maruins e moscas pretas do pântano pairavam sobre os braços de rio e poças de água parada. Os cavalos batiam os cascos e sacudiam o rabo, tentando em vão evitar que sua fina pelagem de verão fosse picada pela miríade de insetos.

Alaïs pôde ver um grupo de mulheres lavando roupa nas águas rasas e sombreadas da outra margem do rio Aude, com metade do corpo para dentro e metade para fora d'água enquanto batiam os tecidos sobre pedras cinzentas achatadas. Havia um ruído monótono de rodas passando pela única ponte de madeira que ligava os pântanos e vilarejos do norte a Carcassonne e seus subúrbios. Outros atravessavam o rio a nado em seu ponto mais baixo, um fluxo incessante de camponeses, agricultores e mercadores.

Alguns carregavam crianças nos ombros, outros conduziam rebanhos de cabras ou mulas, todos rumando para o mercado na praça principal.

Os três cavalgavam em silêncio. Quando saíram do terreno aberto e adentraram as 32

sombras dos salgueiros do brejo, Alaïs começou a se deixar levar por seus pensamentos.

Tranqüilizada pelo movimento conhecido do cavalo sob seu corpo, pelo canto dos pássaros e pelo incessante chiado das cigarras, por um instante quase esqueceu o propósito de sua expedição.

Sua apreensão retornou quando chegaram à orla da floresta. Agora em fila indiana, prosseguiram por entre as árvores. Seu pai se virou, breve, e deu-lhe um

sorriso. Alaïs ficou grata por isso. Estava nervosa agora, alerta, à escuta do menor sinal de problema.

Os salgueiros do brejo pareciam erguer-se malignos acima de sua cabeça, e ela imaginava que houvesse olhos nas sombras escuras, vendo-os passar, à espera.

Qualquer farfalhar na vegetação rasteira, qualquer batida das asas de um pássaro fazia seu coração disparar.

Alaïs não sabia bem o que esperava que acontecesse, mas quando chegaram à

clareira tudo estava silencioso e tranqüilo. Seu panièr descansava sob as árvores onde ela o havia deixado, as pontas das plantas despontando das tiras de pano. Ela desmontou e passou as rédeas para François, depois se encaminhou para a água. Suas ferramentas estavam exatamente no mesmo lugar onde ela as havia largado.

Quando seu pai tocou-lhe o cotovelo, Alaïs sobressaltou-se.

— Mostre-me — disse ele.

Sem uma palavra, ela conduziu o pai pela margem até chegar ao ponto certo. No início não conseguiu ver nada e, por um instante, perguntou-se se teria sido um sonho ruim. Mas ali estava o corpo, boiando na água entre as plantas aquáticas, um pouco mais acima na corrente do que antes.

Ela apontou.

— Ali. Perto da erva-do-cardeal.

Para sua surpresa, em vez de chamar François, seu pai tirou a capa e entrou no rio.

— Fique aqui — ordenou por sobre o ombro.

Alaïs sentou-se na margem e dobrou os joelhos até o queixo, vendo seu pai caminhar pela água rasa sem prestar atenção ao fato de que o alto de suas botas estava ficando molhado. Quando chegou ao corpo, parou e desembainhou a espada. Hesitou por um instante, como se estivesse se preparando para o pior, e então, com a ponta da lâmina, Pelletier levantou cuidadosamente o braço

esquerdo do homem para fora da água. A mão mutilada, disforme e azul, ficou equilibrada por um instante, depois deslizou pela superfície lisa e prateada da lâmina em direção ao cabo, como se estivesse viva.

Então tornou a cair no rio com um breve ruído de mergulho.

Ele embainhou a espada, inclinou-se para frente e virou o cadáver de costas. O

corpo se agitava violentamente na água, a cabeça balançando pesada como se estivesse tentando se soltar do pescoço.

Alaïs virou as costas depressa. Não queria ver a marca da morte no rosto do desconhecido.

O humor de seu pai estava diferente durante a cavalgada de volta a Carcassonne.

Ele estava obviamente aliviado, como se um peso houvesse sido tirado de seus ombros.

Trocou comentários amenos com François e, quando seus olhos cruzavam os de Alaïs, sorria afetuosamente.

Apesar de sua exaustão e frustração por não entender o significado do que havia acontecido, Alaïs também experimentava uma sensação de bem-estar. Cavalgar junto do pai a fazia pensar em antigamente, quando havia tempo para aproveitarem a companhia um do outro.

Quando se afastaram do rio e tomaram novamente o rumo do Château lá em cima, sua curiosidade finalmente a dominou. Alaïs reuniu coragem para fazer ao pai a pergunta que estava na ponta de sua língua desde o início da expedição.

33

Descobriu o que precisava saber, pairei.

Descobri.

Alaïs esperou até ficar claro que ela teria de arrancar uma explicação dele palavra por palavra.

— Mas não era ele, era?

Seu pai a olhou com atenção. Ela continuou.

— Pela minha descrição, o senhor achou que pudesse conhecer aquele homem, não? Foi por isso que quis ver o corpo. — Pelo brilho nos olhos dele, Alaïs soube que estava certa.

— Pensei que ele talvez fosse um conhecido meu — disse ele por fim. — De meus dias em Chartres. Alguém de quem eu gosto.

Mas ele era judeu.

Pelletier alçou as sobrancelhas.

Era, sim.

Judeu — repetiu ela. — Mas mesmo assim amigo?

Silêncio. Alaïs insistiu.

Mas não era ele, esse amigo?

Dessa vez, Pelletier sorriu.

Não era.

Então quem era?

Não sei.

Alaïs ficou calada por um instante. Tinha certeza de que seu pai nunca havia mencionado um amigo assim. Ele era um homem bom, tolerante, mas mesmo assim, se tivesse falado de um amigo desse tipo em Chartres, um judeu, ela teria se lembrado.

Sabendo muito bem que não adiantava continuar um assunto contra os desejos do pai, ela tentou uma abordagem diferente.

— Não foi roubo? Nisso eu acertei.

A essa pergunta seu pai pareceu responder de bom grado.

Não. Eles tiveram a intenção de matá-lo. O corte era profundo de mais, proposital demais. Além disso, deixaram quase tudo de valor no corpo.

Quase tudo? — Mas Pelletier nada disse. — Será que eles foram interrompidos? —sugeriu ela, arriscando-se a ir um pouco mais além.

Acho que não.

Ou talvez estivessem procurando algo específico?

Chega, Alaïs. Não é hora nem lugar para isso.

Ela abriu a boca, sem vontade de interromper a conversa, e em seguida tornou a fechá-la. O assunto estava claramente encerrado. Ela não descobriria mais nada. Muito melhor esperar até que ele estivesse disposto a falar. Percorreram o resto do caminho em silêncio.

Quando puderam ver novamente o Portão Ocidental, François passou na frente.

Seria recomendável não mencionar nossa expedição desta manhã a ninguém — disse ele depressa.

Nem mesmo a Guilhem?

Não acho que seu marido ficará contente em saber que você foi ao rio desacompanhada — disse ele, seco. — Os boatos se espalham rápido. Você deveria descansar e tentar esquecer todo esse incidente desagradável.

Alaïs fitou-o com olhos inocentes.

— É claro. Como o senhor quiser. Dou-lhe a minha palavra, paire. Não falarei disto com ninguém a não ser com você.

Pelletier hesitou, como se suspeitasse que ela estava brincando com ele, depois sorriu.

— Você é uma filha obediente, Alaïs. Sei que posso confiar em você.

Sem conseguir se controlar, Alaïs corou.

CAPÍTULO 4

De seu observatório no telhado da taberna, o menino de olhos cor de âmbar e cabelos louros escuros virou-se para ver de onde vinha o barulho.

Um mensageiro subia a galope as ruas apinhadas da Cité vindo da Porte Narbonnaise, sem ligar a mínima para quem estivesse em seu caminho. Homens gritavam para que ele desmontasse. Mulheres arrancavam os filhos da rota dos cascos furiosos. Alguns cachorros acorrentados pulavam para cima do cavalo, latindo, rosnando e tentando morder suas patas traseiras. O cavaleiro nem ligava.

O cavalo suava muito. Mesmo daquela distância, Sajhë podia ver as linhas de espuma branca no garrote e em volta da boca. O animal fez uma curva abrupta em direção à ponte que levava ao Château Comtal.

Sajhë se levantou para ver melhor, equilibrado de forma precária sobre a beirada afiada das telhas desiguais, a tempo de ver o intendente Pelletier surgir entre as torres do portão montado em um corpulento cavalo cinza, seguido por Alaïs, também a cavalo.

Ela parecia preocupada, pensou ele, e perguntou-se o que havia acontecido e onde eles estavam indo. Não estavam vestidos para caçar.

Sajhë gostava de Alaïs. Quando ela ia visitar sua avó, Esclarmonde, conversava com ele, ao contrário de muitas senhoras da casa que fingiam que ele não estava presente. Ficavam ansiosas demais com as poções e remédios que queriam que menina, sua avó, preparasse para elas — poções para fazer baixar a febre, para diminuir um inchaço, para apressar o parto ou para as coisas do coração.

No entanto, em todos os anos que havia passado idolatrando Alaïs, Sajhë nunca a vira com a expressão daquele dia. O menino deslizou pelas telhas avermelhadas até a borda do telhado e desceu, aterrissando com uma pancada suave e evitando por pouco uma cabra amarrada a um carrinho de mão virado de lado.

— Ei! Preste atenção no que faz! — gritou uma mulher.

— Eu nem toquei nela— gritou ele, esquivando-se da vassoura da mulher.

A Cité fervilhava com as imagens, cheiros e sons do dia de mercado.

Venezianas de madeira batiam em paredes de pedra por todas as ruas e becos, enquanto criados e donas de casa abriam as casas para deixar o ar entrar antes de o sol ficar quente demais. Toneleiros olhavam seus aprendizes rolarem barris por sobre as pedras do chão, chacoalhando, batendo e repicando, correndo uns atrás dos outros para chegar às tabernas antes de seus rivais. Carrinhos sacudiam-se precariamente sobre o chão irregular, as rodas rangendo e travando de vez em quando em seu caminho rumo à

praça do mercado.

Sajhë conhecia cada atalho da Cité, e esquivava-se por entre uma profusão de 35

braços e pernas nervosos, driblando os cascos das ovelhas e cabras que estalavam no chão, os jumentos e mulas carregados de mercadorias e cestos, e os porcos, preguiçosos e lentos, que seguiam seu caminho com dificuldade pelas ruas. Um menino mais velho com uma expressão zangada no rosto tocava um bando de gansos indisciplinados, que grasnavam e bicavam uns aos outros e as pernas nuas de duas menininhas ali por perto.

Sajhë piscou para elas e tentou fazê-las rir. Chegou logo atrás da mais feia das aves e abriu os braços.

— O que você acha que está fazendo? — gritou o menino que tocava os gansos. —

Vá embora!

As meninas riram. Sajhë fingiu grasnar bem na hora em que o ganso velho e cinza se virou, esticou o pescoço e sibilou ameaçadoramente junto a seu rosto.

Bem feito, pèc— disse o garoto. — Idiota.

Sajhë pulou para longe dos bicos cor de laranja.

Você deveria controlá-los melhor.

Só os bebês têm medo de gansos — zombou o menino, enfrentando Sajhë. — O bebezinho está com medo de um inofensivo gansinho? Nenon.

Não estou com medo — gabou-se Sajhë, apontando para as meninas que agora se escondiam atrás das pernas da mãe. — Mas elas estão. Você deveria prestar atenção no que faz.

E o que você tem com isso, é?

Só estou dizendo que deveria tomar cuidado.

Ele chegou mais perto, sacudindo o bordão na cara de Sajhë.

— E quem vai me obrigar a fazer isso? Você?

O menino era uma cabeça mais alto do que Sajhë. Sua pele era uma confusão de hematomas roxos e marcas vermelhas. Sajhë deu um passo para trás e ergueu as mãos.

— Eu perguntei quem vai me obrigar?— repetiu o menino, pronto para brigar.

As palavras teriam dado lugar aos punhos não fosse por um velho bêbado, encolhido junto a uma parede, que acordou e começou a berrar com eles para irem embora e deixarem-no em paz. Sajhë aproveitou a distração para sair dali.

O sol começava a aparecer por cima dos telhados mais altos das casas, inundando partes da rua com nesgas de luz brilhante e refletindo-se na ferradura pendurada do lado de fora da oficina do ferreiro. Sajhë parou e olhou lá para dentro, sentindo o calor da fornalha em seu rosto até mesmo ali da rua.

Uma multidão de homens aguardava em torno da fundição, bem como vários jovens écuyers com os capacetes, escudos e cotas de malha dos patrões, todos precisando de conserto. Ele imaginou que o ferreiro do Château estivesse soterrado de trabalho.

Sajhë não tinha sangue nem estirpe para ser aprendiz, mas isso não o impedia de sonhar em se tornar um chevalier por mérito próprio. Sorriu para um ou dois meninos de sua própria idade, mas eles simplesmente fingiram não vê-lo, como sempre faziam e sempre fariam.

Sajhë deu-lhes as costas e foi embora.

A maioria dos comerciantes do mercado eram freqüentadores assíduos, e haviam

se instalado em seus lugares habituais. O cheiro de gordura quente invadiu as narinas de Sajhë no instante em que ele entrou na praça. Ele postou-se junto a uma barraca onde um homem fritava panquecas, virando-as em uma frigideira. O cheiro da espessa sopa de feijão e do pão mitadenc, feito com partes iguais de cevada e trigo e recém-saído do 36

forno, despertou seu apetite. Ele passou por barracas que vendiam fivelas e jarros, tecidos de lã, peles e couro, tanto mercadorias locais quando cintos e bolsas mais exóticos de Córdoba ou mesmo de mais longe, mas não parou. Deteve-se rapidamente junto a uma barraca que oferecia tesouras para tosquiar ovelhas e facas, antes de seguir para o canto da praça onde estavam abrigados a maioria dos animais vivos. Havia sempre muitas galinhas e capões em gaiolas de madeira, algumas vezes cotovias e carriças, que cantavam e assobiavam. Seus preferidos eram os coelhos, todos espremidos juntos em uma montanha de pêlos marrons, pretos e brancos.

Sajhë passou pelas barracas que ofereciam grãos e sal, carnes brancas, cerveja em barris e vinho, até ver-se diante de uma barraca que vendia ervas e especiarias exóticas.

Na frente da bancada havia um mercador. Sajhë nunca vira homem tão alto, tão negro.

Ele usava uma longa túnica azul resplandecente, um turbante de seda brilhante e chinelos pontudos vermelhos e dourados. Sua pele era mais escura até do que a dos ciganos que vinham de Navarra e Aragão pelas montanhas. Sajhë concluiu que o homem devia ser sarraceno, embora nunca tivesse conhecido nenhum.

O comerciante havia disposto suas mercadorias no formato de uma roda: verdes e amarelos, laranjas, marrons e vermelhos, ocre. Na frente havia alecrim e salsa, alho, cravo-de-defunto e lavanda; atrás estavam os temperos mais caros, como cardamomo, noz-moscada e açafrão. Sajhë não reconheceu nenhum dos outros, mas já estava animado para contar à avó o que tinha visto.

Estava prestes a dar mais um passo para ver melhor quando o sarraceno soltou uma voz que mais parecia um trovão. Sua mão escura e pesada havia agarrado o pulso mirrado de um ladrãozinho, que tentara roubar uma moeda da bolsinha bordada que pendia de um cordão vermelho enrolado em volta de sua cintura. Ele deu um tapa na nuca do menino, fazendo-o voar até esbarrar em uma mulher

mais atrás, que se pôs a gritar. Imediatamente, uma multidão começou a se juntar.

Sajhë saiu de fininho. Não queria se meter em nenhuma confusão.

Sajhë saiu das imediações da praça e foi caminhando em direção à taberna Sant-Joan dels Evangèlis. Já que não carregava nenhum dinheiro, pensava consigo mesmo que poderia se oferecer para fazer pequenos trabalhos em troca de uma caneca de brout.

Foi então que ouviu alguém chamar seu nome.

Sajhë se virou e viu uma das amigas de sua avó, na Marti, sentada com o marido diante de sua barraca, acenando para chamar sua atenção. Ela era tecelã e o marido, cardador. Durante a maior parte do tempo, podiam ser encontrados no mesmo lugar, tecendo e penteando, preparando sua lã e seus fios.

Sajhë acenou de volta. Como Esclarmonde, na Marti era uma seguidora da nova igreja. Seu marido, sénher Marti, não compartilhava a mesma fé, embora tivesse ido à

casa de Esclarmonde com a mulher na festa de Pentecostes para ouvir a pregação dos bons homes.

Na Marti afagou seus cabelos.

Como vai, rapaz? Está ficando tão alto ultimamente, mal o reconheço.

Vou bem, obrigado — respondeu ele, sorrindo para ela, virando-se em seguida para o marido que penteava a lã em meadas prontas para serem vendidas: — Bonjorn, sénher.

E Esclarmonde? — continuou na Marti. — Também vai bem? Mantendo todo mundo com saúde como sempre?

Ele sorriu.

Ela está igual a sempre.

Ben, ben. — Bom.

Sajhë sentou-se de pernas cruzadas a seus pés e ficou olhando o tear dar voltas.

37

— Na Marti? — disse ele depois de algum tempo. — Por que a senhora não vai mais rezar conosco?

Sénher Marti parou o que estava fazendo e trocou um olhar preocupado com a mulher.

— Ah, sabe como é — respondeu na Marti, evitando encará-lo. — Temos andado tão ocupados. É difícil fazer a viagem até Carcassona com a freqüência que gostaríamos.

Ela ajustou a bobina e continuou a tecer, o ritmo do pedal preenchendo o silêncio que se fizera entre eles.

Menina está sentindo sua falta.

Eu também sinto a falta dela, mas amigos nem sempre podem ficar juntos.

Sajhë franziu o cenho.

— Mas então por que...

Sénher Marti deu-lhe um tapinha decidido no ombro.

Não fale tão alto — disse baixinho. — É melhor manter esse tipo de conversa entre nós.

Que tipo de conversa é melhor manter entre nós? — perguntou Sajhë, intrigado. —

Eu só...

Nós já ouvimos, Sajhë — disse sénher Marti, olhando por cima do ombro. — O

mercado inteiro já ouviu. Agora chegar de falar de reza, è?

Confuso com o que tinha feito para deixar sénher Marti tão zangado, Sajhë se pôs de pé desajeitadamente. Na Marti virou-se para o marido. Pareciam ter se

esquecido do garoto por completo.

Você está sendo duro demais com ele, Rogier — sibilou ela. — E só um menino.

Basta uma pessoa com a língua grande e nós seremos pegos como os outros. Não podemos nos arriscar. Se as pessoas acharem que nos relacionamos com hereges...

Qual, herege — retrucou ela. — Ele é só uma criança!

Não, o menino, não. Esclarmonde. Todo mundo sabe que ela é um deles. E se o boato se espalhar de que nós vamos rezar na casa dela, também vão nos acusar de seguir os bons homes e nós vamos ser perseguidos.

Então vamos abandonar nossos amigos? Só por causa de umas histórias assustadoras que você ouviu?

Sénher Marti baixou a voz.

Só estou dizendo que temos de tomar cuidado. Você sabe o que estão falando por aí. Aquele exército está vindo para cá expulsar os hereges.

Há anos que dizem isso. Você está exagerando. Quanto aos legados, há anos que esses "homens de Deus" percorrem os campos bebendo até cair, e nunca aconteceu nada. Que os bispos resolvam isso entre eles e deixem as outras pessoas seguirem com a vida.

Ela deu as costas ao marido.

— Não ligue — disse, pondo a mão no ombro de Sajhë. — Você não fez nada de errado.

Sajhë olhou para os próprios pés, sem querer que ela o visse chorar. Na Marti continuou, com uma voz estranhamente jovial.

— Então, você não estava dizendo no outro dia que queria comprar um presente para Alaïs? Por que não vemos o que conseguimos encontrar?

Sajhë aquiesceu. Sabia que ela estava tentando reconfortá-lo, mas sentia-se confuso e envergonhado.

Não tenho como pagar — disse.

Bom, não se preocupe com isso. Tenho certeza de que isso não vai ser um problema, só desta vez. Por que não dá uma olhada? — Na Marti correu os dedos pelas carreiras de fios coloridos. — E isto? Acha que ela gostaria disto? Combina perfeitamente com os olhos dela.

Sajhë tocou o fio cor de cobre.

— Não tenho certeza.

— Bom, eu acho que ela vai gostar. Quer que eu embrulhe para você?

Ela se virou para procurar um pedaço de pano para proteger o fio. Sem querer parecer ingrato, Sajhë tentou pensar em alguma coisa segura para dizer.

Eu a vi mais cedo.

Alaïs? Como ela estava? Com aquela irmã dela?

Ele fez uma careta.

Não. Mas mesmo assim não parecia muito contente.

— Bem — disse na Marti —, se ela estava chateada, então é a ocasião perfeita para você lhe dar um presente. Vai animá-la. Alaïs geralmente vem ao mercado de manhã, não é? Se ficar de olhos abertos e prestar atenção, tenho certeza de que vai achá-la.

Feliz por ter sido dispensado daquela companhia tensa, Sajhë guardou o pacote dentro da túnica e se despediu. Depois de alguns passos, virou-se para acenar. Os Martis estavam em pé lado a lado, olhando para ele, mas sem dizer nada.

O sol agora estava alto no céu. Sajhë andou pela praça, perguntando por Alaïs.

Ninguém a vira.

Agora ele estava com fome, e havia decidido que era hora de voltar para casa

quando de repente viu Alaïs em pé na barraca que vendia queijo de cabra. Começou a correr e a surpreendeu, abraçando-a pela cintura.

— Bonjorn.

Alaïs se virou, presenteando-o com um largo sorriso ao ver quem era.

Sajhë — disse ela, despenteando seus cabelos. — Que surpresa!

Estive procurando você por toda parte — disse ele sorrindo. — Está tudo bem? Eu a vi mais cedo. Parecia aborrecida.

Mais cedo?

Estava entrando no Château com seu pai. Logo depois do mensageiro.

Ah, oc — disse ela. — Não se preocupe, estou bem. Só tive uma manhã cansativa.

Mas que prazer ver o seu rosto cheio de vida. — Ela o beijou no alto da cabeça, fazendo Sajhë corar intensamente. Ele manteve o olhar fixo nos próprios pés, sem querer que ela percebesse seu embaraço. — De toda forma, já que está aqui, ajude-me a escolher um bom queijo.

Os tabletes lisos e redondos de queijo de cabra estavam dispostos em um desenho perfeito sobre bandejas de madeira forradas de palha socada. Alguns pareciam secos, com uma casca amarelada. Eram os de sabor mais forte, e podiam ter até duas semanas de idade. Outros, feitos mais recentemente, reluziam úmidos e macios. Alaïs perguntou os preços, apontando para este ou aquele, pedindo conselhos a Sajhë, até finalmente escolher a peça que queria. Entregou-lhe uma moeda de sua bolsa para dar ao vendedor, enquanto tirava da cesta uma pequena tábua de madeira polida para carregar o queijo.

39

Os olhos de Sajhë se arregalaram de surpresa ao ver o desenho impresso no fundo da tábua. Por que Alaïs estava com aquilo? Como? Em meio a sua confusão, o menino deixou cair as moedas no chão. Envergonhado, enfiou-se embaixo da mesa, tentando ganhar tempo. Quando tornou a se levantar, ficou aliviado ao constatar que Alaïs não parecia ter percebido nada de errado, então

não pensou mais no assunto. Em vez disso, uma vez concluída a transação, tomou coragem para dar o presente a Alaïs.

Tenho uma coisa para você — disse, encabulado, empurrando o embrulho atabalhoadamente para as mãos dela.

Que gentileza — disse ela. — Ê de Esclarmonde?

Não, é meu.

Que linda surpresa. Posso abrir agora?

Ele aquiesceu, o rosto sério, mas os olhos brilhando de expectativa enquanto Alaïs desfazia o embrulho com cuidado.

Ah, Sajhë, é lindo — disse ela, erguendo o fio marrom brilhante. — É lindo de morrer.

Eu não roubei — disse ele depressa. — Na Marti me deu. Acho que ela estava tentando se redimir.

Se redimir do quê? — perguntou Alaïs depressa.

Nesse instante, ouviu-se um grito. Um homem ali perto apontava para o céu. Um bando de grandes pássaros pretos voava baixo sobre a Cité, de oeste a leste, em uma formação de flecha. O sol parecia ricochetear em suas penas lustrosas e escuras, como faíscas em uma bigorna. Alguém por perto disse que era um presságio, embora ninguém conseguisse dizer se era um bom ou mau presságio.

Sajhë não acreditava em superstições assim, mas nesse dia aquilo o fez estremecer. Alaïs também pareceu sentir alguma,coisa, porque passou o braço em volta de seu ombro e o puxou mais para perto.

O que houve? — perguntou ele.

Res — disse ela, depressa demais. Nada.

Bem lá no alto, sem se preocupar com o mundo dos humanos, os pássaros seguiram seu caminho, até se tornarem apenas uma mancha no céu.

CAPÍTULO 5

Quando Alaïs conseguiu se livrar de seu fiel escudeiro e voltar para o Château Comtal, os sinos de Sant-Nasari anunciavam o meio-dia.

Ela estava exausta, e tropeçou várias vezes subindo as escadas, que pareciam mais íngremes do que o normal. Tudo que queria era se deitar na privacidade de seu próprio quarto e descansar.

Alaïs ficou surpresa ao encontrar sua porta fechada. A essa altura, os criados já

deveriam ter entrado lá e terminado suas tarefas. As cortinas em volta da cama ainda estavam fechadas. À meia-luz, Alaïs viu que François havia colocado seu panièr sobre a mesa baixa ao lado da lareira, como ela lhe pedira.

Ela pôs a tábua do queijo sobre a mesa-de-cabeceira, depois foi até a janela para abrir a veneziana. Deveria ter sido aberta muito antes para arejar o quarto. A luz do dia inundou o aposento, revelando uma camada de poeira sobre os móveis e os pontos da cortina onde o tecido estava puído.

Alaïs foi até a cama e afastou as cortinas.

Para sua surpresa, Guilhem ainda estava ali deitado, dormindo do mesmo jeito que ela o havia deixado antes do amanhecer. Ela abriu a boca de espanto. Ele parecia tão perfeitamente à vontade, tão bonito. Até mesmo Oriane, que quase nunca dizia nada de bom sobre ninguém, admitia que Guilhem era um dos chevaliers mais bonitos do visconde Trencavel.

Alaïs sentou-se na cama ao lado dele e correu a mão sobre sua pele dourada.

Então, sentindo-se inexplicavelmente ousada, mergulhou um dedo no queijo de cabra macio e úmido e espalhou uma pequena quantidade sobre os lábios do marido. Guilhem resmungou e se mexeu debaixo das cobertas. Não abriu os olhos, mas sorriu languidamente e estendeu a mão.

Alaïs prendeu a respiração. O ar à sua volta pareceu vibrar de expectativa e promessa enquanto ela permitia que ele a puxasse para junto dele.

A intimidade daquele instante foi rompida pelo barulho de passos pesados no corredor. Alguém berrava o nome de Guilhem, uma voz familiar, distorcida pela raiva.

Alaïs pôs-se de pé num pulo, mortificada diante da idéia de que seu pai pudesse presenciar uma cena tão íntima entre os dois. Os olhos de Guilhem se arregalaram no exato instante em que a porta se abriu de supetão e o intendente Pelletier entrou no quarto a passos largos, seguido por François.

— Você está atrasado, du Mas — rugiu ele, agarrando uma capa da cadeira mais próxima e atirando-a na cabeça do genro. — Levante-se. Todos os outros estão no Grande Salão à sua espera.

Guilhem ergueu o corpo depressa.

No Salão?

O visconde Trencavel convocou todos os seus chevaliers, mas olhe para você, ainda na cama. Acha que pode simplesmente fazer o que quiser? — Ele estava em pé ao lado de Guilhem. — Então? O que tem a dizer em sua defesa?

Pelletier de repente percebeu a filha em pé do outro lado da cama. Sua expressão se suavizou.

Desculpe, filha. Não vi você. Está se sentindo melhor?

Ela inclinou a cabeça.

Obrigada, messire, estou bastante bem.

Sentindo-se melhor? — perguntou Guilhem, confuso. — Você não está passando bem? Alguma coisa errada?

Levante-se! — gritou Pelletier, tornando a voltar sua atenção para a cama. — Você

tem o tempo que eu levar para descer as escadas e atravessar o pátio, du Mas. Se não estiver no Grande Salão nessa hora, vai ser pior para você! — Sem mais nenhuma palavra, Pelletier deu meia-volta e saiu furioso do quarto.

No doloroso silêncio que seguiu sua partida, Alaïs sentiu que a vergonha a prendia ao mesmo lugar, embora não soubesse dizer se sentia vergonha por si mesma ou pelo marido.

Guilhem explodiu.

— Como ele se atreve a entrar aqui assim, como se fosse meu dono?

Quem ele pensa que é? — Com um chute violento, atirou as cobertas para o chão e precipitou-se para fora da cama. — O dever chama — disse com sarcasmo. — Eu não poderia deixar o grande intendente Pelletier esperando.

41

Alaïs suspeitava que qualquer coisa que dissesse pioraria ainda mais o humor de Guilhem. Ela queria lhe contar o que havia acontecido no rio, pelo menos para distrair a mente dele da própria raiva, mas dera sua palavra ao pai de que não falaria com ninguém.

Guilhem já havia atravessado o quarto e estava se vestindo, de costas para ela.

Seus ombros estavam tensos enquanto ele colocava o tabardo e apertava o cinto.

Pode ser que haja novidades... — ela começou a dizer.

Isso não é desculpa — disparou ele. — Ninguém me falou nada.

Eu... — Alaïs deixou as palavras se dissiparem. O que dizer?

Pegou a capa do marido de cima da cama e a estendeu para ele.

Você vai demorar? — perguntou baixinho.

— Se eu sequer sei por que estou sendo convocado ao conselho, como posso saber? — respondeu ele, ainda zangado.

No mesmo instante, seu mau humor pareceu abandoná-lo. Seus ombros relaxaram e ele se virou de frente para ela, sem a expressão de raiva no rosto.

— Perdoe-me, Alaïs. Você não pode responder pelo comportamento do seu pai. —

Com a mão, ele traçou o contorno do queixo dela. — Venha aqui.

Ajude-me com isso.

Guilhem se curvou para frente para que Alaïs pudesse alcançar o fecho com mais facilidade. Mesmo assim, ela precisou ficar na ponta dos pés para prender a fivela redonda de prata e cobre em seu ombro.

Mercê, mon còr — disse ele quando ela terminou. — Certo. Vamos ver do que se trata. Provavelmente não é nada importante.

Quando estávamos voltando para a Cité hoje de manhã, um mensageiro chegou —disse ela sem pensar.

Alaïs se repreendeu imediatamente. Agora ele com certeza lhe perguntaria onde ela estivera tão cedo, e com o pai ainda por cima, mas a atenção dele estava concentrada em pegar a espada debaixo da cama e ele não prestou atenção em suas palavras.

Alaïs se retraiu ao ouvir o som cortante do metal quando ele empurrou a lâmina para dentro da bainha. Mais do que qualquer outro, aquele som simbolizava a partida dele do seu mundo para o mundo dos homens.

Quando Guilhem se virou, sua capa esbarrou na tábua de queijo de madeira que ainda estava precariamente equilibrada na beirada da mesa. A tábua caiu, batendo com estardalhaço no chão de pedra.

— Não tem problema — disse Alaïs depressa, sem querer se arriscar a aumentar a ira do pai fazendo Guilhem se atrasar ainda mais. — Os criados darão um jeito. Vá. Volte quando puder.

Guilhem sorriu e se foi.

Quando parou de ouvir os passos do marido, Alaïs tornou a se virar para o quarto e olhou para a bagunça. Pedaços de queijo branco, úmidos e viscosos, colavam-se às esteiras de palha que cobriam o chão. Ela suspirou e agachou-se para recolher a tábua.

O objeto estava caído de lado, apoiado na empunhadura de madeira. Quando ela o pegou, seus dedos roçaram algo no fundo. Alaïs virou a tábua para olhar.

Um labirinto fora gravado na superfície polida da madeira escura.

— Meravelhós. Que lindo — murmurou ela.

Fascinada pelas linhas perfeitas dos círculos que se dobravam em curvas cada vez 42

menores, Alaïs acompanhou o desenho com os dedos. Era liso, perfeito, um trabalho esmerado, feito com cuidado e precisão.

Ela sentiu uma lembrança se agitar no fundo de sua mente. Alaïs ergueu a tábua, agora certa de que já vira algo parecido uma vez, mas a recordação era vaga e se recusava a se definir. Ela sequer conseguia se lembrar de onde viera aquela tábua.

Acabou desistindo de tentar recuperar a lembrança.

Alaïs chamou a criada, Severine, para limpar o quarto. Depois, para manter a mente afastada do que estava acontecendo no Grande Salão, voltou sua atenção para as plantas que colhera no rio ao amanhecer.

A colheita já havia sido negligenciada por tempo demais. As tiras de pano haviam secado, as raízes estavam quebradiças e as folhas haviam perdido grande parte de sua umidade. Confiante de que conseguiria recuperar alguma coisa, Alaïs salpicou o panièr de água e se pôs a trabalhar.

Porém, durante todo o tempo que passou moendo as raízes e costurando as flores em sachês para aromatizar o ar, durante todo o tempo que passou preparando a loção para a perna de Jacques, seus olhos não paravam de se desviar para a tábua de madeira que descansava, muda, sobre a mesa à sua frente, recusando-se a revelar seu segredo.

Guilhem atravessou o pátio às carreiras, com a capa batendo desconfortavelmente nos joelhos, maldizendo sua falta de sorte por justamente naquele dia, dentre todos os outros, ele ter sido pego.

Não era comum que chevaliers fizessem parte do conselho. O fato de terem sido convocados ao Grande Salão, e não ao donjon, sugeria assunto sério.

Será que Pelletier estava falando a verdade quando disse ter mandado um

mensageiro particular ao quarto de Guilhem mais cedo? Ele não podia ter certeza. E se François tivesse ido até lá e não o houvesse encontrado? O que Pelletier diria disso?

De toda forma, o resultado era o mesmo. Ele estava em apuros.

A pesada porta que conduzia ao Grande Salão estava aberta. Guilhem subiu os degraus apressado, dois a dois.

A medida que seus olhos se acostumavam à penumbra do corredor, viu a silhueta conhecida do sogro de pé na entrada do salão. Guilhem respirou fundo e continuou a andar, de cabeça baixa. Pelletier estendeu o braço, impedindo-o de passar.

Onde você estava? — perguntou ele.

Perdoe-me, messire. Não recebi a convocação...

O rosto de Pelletier estava vermelho-escuro, colérico.

— Como ousa chegar atrasado? — perguntou ele, com a voz gelada. —

Acha que as ordens não se aplicam a você? Acha que é um chevalier tão famoso que pode decidir fazer tudo o que quiser, em vez de cumprir as ordens de seu seigneur?

— Messire, eu juro pela minha honra que se soubesse...

Pelletier deu uma risada amarga.

— Sua honra — disse com violência, espetando o dedo no peito de Guilhem. — Não me faça de bobo, du Mas. Eu mandei meu próprio criado aos seus aposentos para lhe dar o recado pessoalmente. Você teve tempo mais do que suficiente para se aprontar.

Mesmo assim, tive de ir eu mesmo buscá-lo. E, quando chego lá, encontro você na cama!

Guilhem abriu a boca, depois tornou a fechá-la. Podia ver as poças de saliva acumulando-se nos cantos da boca de Pelletier e nos pêlos cinzentos de sua

barba.

Agora você não está mais tão confiante, não é? O que houve, não tem nada a dizer? Estou avisando você, du Mas, o fato de ser casado com a minha filha não vai me 43

impedir de fazê-lo dar o exemplo.

Senhor, eu...

Sem avisar, Pelletier enterrou o punho na barriga dele. Não foi um soco forte, mas foi firme o suficiente para pegá-lo desprevenido.

Surpreso, Guilhem cambaleou em direção à parede.

No mesmo instante, a imensa mão de Pelletier circundou-lhe a garganta, empurrando sua cabeça contra a pedra. Pelo canto do olho, Guilhem pôde ver o sirjan que estava junto à porta se inclinar para frente de modo a ver melhor o que estava acontecendo.

— Fui claro? — cuspiu ele no rosto de Guilhem, aumentando novamente a pressão.

Guilhem não conseguia falar. — Não estou ouvindo você, gojat — disse Pelletier. — Fui claro?

Dessa vez Guilhem conseguiu falar, engasgado.

— Oc, messire.

Podia sentir o próprio rosto ficar roxo. O sangue martelava em sua cabeça.

— Estou avisando você, du Mas. Estou de olho. Estou esperando. E se você der um passo em falso, tomarei providências para que se arrependa.

Estamos entendidos?

Guilhem arquejou em busca de ar. Conseguiu apenas assentir, arranhando a bochecha contra a superfície áspera da parede, quando Pelletier lhe dava um último e cruel safanão, esmagando suas costelas contra a pedra dura, e o soltava.

Em vez de tornar a entrar no Grande Salão, Pelletier saiu bufando na direção contrária, para o pátio.

No instante em que ele se foi, Guilhem dobrou o corpo para frente, tossindo e esfregando a garganta, engolindo grandes golfadas de ar como alguém que se afoga.

Massageou o próprio pescoço e limpou a mancha de sangue em seu lábio.

Aos poucos, sua respiração voltou ao normal. Guilhem ajeitou as roupas. Sua cabeça já estava cheia de idéias de como ele faria Pelletier pagar por tê-lo humilhado daquela forma. Duas vezes em um só dia. Era um insulto grande demais para ser ignorado.

Subitamente consciente do constante murmúrio de vozes que vinha do Grande Salão, Guilhem percebeu que deveria se juntar aos companheiros antes que Pelletier voltasse e o encontrasse ainda do lado de fora.

O guarda não fez nenhum esforço para esconder que estava achando graça da situação.

— O que você está olhando? — perguntou Guilhem. — Fique de boca fechada, ouviu, ou vai ser pior para você.

Não era uma ameaça vã. O guarda imediatamente baixou os olhos e afastou-se para deixar Guilhem passar.

— Melhor assim.

Com as ameaças de Pelletier ainda a ecoar em seus ouvidos, Guilhem entrou no salão da maneira mais discreta de que foi capaz. Somente seu rosto vermelho e as batidas aceleradas de seu coração denunciavam o que havia acontecido.

CAPÍTULO 6

O visconde Raymond-Roger Trencavel estava em pé sobre um palanque bem no fundo do Grande Salão. Percebeu Guilhem du Mas entrando atrasado, mas era Pelletier quem estava esperando.

Trencavel estava vestido para a diplomacia, não para a guerra. Sua túnica vermelha, de mangas compridas, debruada de dourado no colarinho e nos punhos, ia até

os joelhos. Sua capa azul era sustentada no pescoço por uma grande fivela redonda de ouro, onde se refletia a luz do sol vinda das janelas altas que margeavam o alto da parede meridional do aposento. Acima de sua cabeça havia um imenso escudo com o brasão da família Trencavel, com duas pesadas lanças de metal formando uma cruz atrás dele. O mesmo símbolo podia ser visto em flâmulas, vestimentas cerimoniais e armaduras. Estava também pendurado acima da ponte levadiça sobre o fosso da Porte Narbonnaise, tanto para acolher amigos quanto para lembrá-los da conexão histórica entre a dinastia Trencavel e seus súditos. A esquerda do escudo ficava uma tapeçaria com um unicórnio dançante, pendurada na mesma parede havia muitas gerações.

Do lado mais afastado do palanque, bem encravada na pedra, havia uma portinha que dava para os aposentos particulares do visconde na Tour Pinte, a torre de observação e parte mais antiga do Château Comtal. A porta era protegida por cortinas azuis compridas, igualmente bordadas com as três tiras de arminho que constituíam as armas da família Trencavel. Elas proporcionavam alguma proteção contra as correntes de ar geladas que assobiavam pelo Grande Salão no inverno. Nesse dia, estavam seguras por um único grosso cordão de ouro.

Raymond-Roger Trencavel passara o início da infância naqueles aposentos, depois voltara para viver entre aquelas paredes ancestrais com a mulher, Agnès de Montpellier, e o filho e herdeiro de dois anos. Ajoelhava-se na mesma diminuta capela onde seus pais haviam se ajoelhado; dormia na cama de carvalho onde ele próprio havia nascido. Em dias de verão como aquele, ao cair da tarde, era pelas mesmas janelas arqueadas que via o poente pintar de vermelho o céu do Pays d'Oc.

De longe, Trencavel parecia calmo e tranqüilo, com os cabelos castanhos repousando de leve sobre os ombros e as mãos unidas nas costas. Mas seu rosto aparentava preocupação, e seus olhos não paravam de vigiar a porta principal.

Pelletier suava profusamente. Suas roupas estavam rígidas e desconfortáveis debaixo de sua armadura, aderindo à base de suas costas. Sentia-se velho e incapaz de cumprir a tarefa que tinha pela frente.

Esperava que o ar fresco fosse clarear suas idéias. Isso não tinha acontecido. Ele ainda estava com raiva de si mesmo por ter perdido a paciência e permitido que sua animosidade para com o genro o distraísse da tarefa que devia cumprir. Não podia se dar ao luxo de pensar nisso agora. Lidaria com du Mas mais tarde se fosse preciso. Agora, seu lugar era ao lado do visconde.

Simeon também não estava afastado de seus pensamentos. Pelletier ainda podia sentir o medo paralisante que havia tomado conta de seu coração ao virar o corpo na água. E também o alívio quando a face inchada de um estranho o havia fitado com seus olhos mortos.

O calor dentro do Grande Salão era insuportável. Mais de uma centena de homens, de Igreja e de Estado, estavam aglomerados no aposento quente e abafado, que fedia a suor, ansiedade e vinho. Ouvia-se um farfalhar constante de conversas preocupadas e apreensivas.

Os criados mais próximos da porta fizeram uma reverência quando Pelletier apareceu e correram para trazer-lhe vinho. Imediatamente à frente, do outro lado do cômodo, havia uma fileira de cadeiras de encosto alto feitas de madeira escura e polida, parecidas com os bancos do coral de Sant-Nasari. Nelas estava sentada a nobreza do 45

Midi, os seigneurs de Mirepoix e Fanjeaux, Coursan e Termenès, Albi e Mazamet. Todos haviam sido convidados a Carcassonne para celebrar o feriado de Sant-Nasari, e agora viam-se convocados ao conselho. Pelletier podia ver a tensão em seus rostos.

Abriu caminho entre os grupos de homens, cônsules de Carcassonne e cidadãos eminentes dos subúrbios comerciantes de Sant-Vicens e Sant-Miquel, o olhar experiente absorvendo cada detalhe do aposento sem dar mostras de o estar fazendo. Religiosos e alguns monges espreitavam nas sombras ao longo da parede setentrional, os rostos semi-ocultos pelos hábitos e as mãos juntas, cobertas pelas amplas mangas das vestes negras.

Os chevaliers de Carcassonne, agora com Guilhem du Mas entre eles, estavam em pé diante da imensa lareira de pedra que ia do teto até o chão no lado oposto do aposento. O escrivan Jehan Congost, escriba de Trencavel — e marido da filha mais velha de Pelletier, Oriane — estava sentado diante de sua mesa alta na parte da frente do salão.

Pelletier estacou diante do palanque e fez uma reverência. Uma expressão de alívio atravessou o rosto do visconde Trencavel.

Perdoe-me, messire.

Não tem importância, Bertrand — disse o visconde, gesticulando para que Bertrand se juntasse a ele. — Você está aqui agora.

Trocaram algumas palavras, as cabeças juntas para que ninguém escutasse. Então, a um sinal de Trencavel, Pelletier deu um passo à frente.

— Meus senhores — bradou ele. — Meus senhores, façam silêncio para seu seigneur, Raymond-Roger Trencavel, visconde de Carcassona, Besièrs e Albi.

Trencavel adiantou-se até a luz, as mãos bem abertas em gesto de boas-vindas. O

salão ficou mudo. Ninguém se movia. Ninguém falava.

— Benvenguda, meus senhores, amigos leais — disse ele. Bem-vindos.

Sua voz era límpida como um sino, e tinha a mesma firmeza, desmentindo sua idade. — Benvenguda a Carcassona. Obrigado por sua paciência e por sua presença. Sou grato a todos.

Pelletier correu os olhos pelo mar de rostos, tentando avaliar o ânimo da multidão.

Viu curiosidade, animação, interesse próprio e expectativa, e entendeu cada uma dessas emoções. Até saberem por que haviam sido convocados e, mais importante, o que Trencavel queria deles, nenhum sabia como se comportar.

— Espero com fervor — prosseguiu Trencavel — que o torneio e a festa aconteçam no final do mês conforme programado. Porém, hoje recebemos informações tão sérias e com conseqüências tão abrangentes que acredito de ver compartilhá-las com vocês. Pois elas nos afetam a todos.

“Para os que não estavam presentes em nosso último conselho, deixem-me lembrar a todos a situação atual”. Frustrada pelo fracasso de seus legados e pregadores em converter o povo livre desta terra, fazendo-o prestar obediência à Igreja de Roma, Sua Santidade, o papa Inocêncio III, convocou na Páscoa do ano

passado uma cruzada para livrar a Cristandade do que chamou de "câncer da heresia", que se espalhava livremente pelas terras do Pays d'Oc.

“Ele afirmou que os supostos hereges, os bons homes, eram piores do que os sarracenos”. Suas palavras, porém, apesar de toda sua paixão e retórica, ressoaram em ouvidos moucos. O rei da França não se mobilizou. O apoio demorou a chegar.

"O alvo de suas venenosas palavras era meu tio, Raymond VI, conde de Toulouse.

De fato, foram as ações impensadas dos homens de meu tio, que se viram implicados no assassinato do legado papal, Peter de Castelnau, que fizeram Sua Santidade voltar os olhos pela primeira vez para o Pays d'Oc. Meu tio foi acusado e condenado por tolerar a 46

propagação da heresia em suas terras e, indiretamente, nas nossas. — Trencavel hesitou, em seguida se corrigiu. — Não, não por tolerar a heresia, mas por incentivar os bons homes a buscar abrigo dentro de seus domínios."

Um monge com a expressão de um asceta aguerrido, em pé próximo às primeiras fileiras, ergueu a mão, pedindo permissão para falar.

— Santo irmão — disse Trencavel depressa —, se eu puder implorar sua paciência por mais algum tempo. Quando terminar o que tenho a dizer, então todos terão oportunidade de falar. A hora do debate vai chegar.

Com um ar contrariado, o monge deixou cair o braço.

— A linha entre a tolerância e o encorajamento, meus amigos, é muito tênue — prosseguiu ele, com a voz suave. Pelletier moveu a cabeça para cima e para baixo, aplaudindo em silêncio o modo astuto como o visconde lidava com a situação. — Assim, apesar de eu ter reconhecido voluntariamente que a reputação de devoção de meu estimado tio não é o que poderia ser... — Trencavel fez uma pausa, permitindo aos ouvintes compreender a crítica velada. — ... e embora eu aceite também que seu comportamento não está de forma alguma acima de repreensão, não cabe a nós julgar o que é certo ou errado nessa questão. — Ele sorriu. — Que os padres discutam teologia, e nos deixem em paz.

Ele fez uma pausa. Uma sombra se abateu sobre seu rosto. Agora não havia mais luminosidade em sua voz.

— Não era a primeira vez que a independência e soberania de nossas terras se via ameaçada por invasores do norte. Não achei que isso fosse dar em nada. Não podia acreditar que o sangue de gente cristã fosse ser derramado em solo cristão com a bênção da Igreja Católica.

“Meu tio Toulouse não compartilhava meu otimismo”. Desde o início, ele acreditou que a ameaça de invasão fosse real. Para proteger suas terras e sua soberania, ofereceu-nos uma aliança. O que eu lhe respondi, como vocês talvez se lembrem, foi que nós, o povo do Pays d'Oc, vivemos em paz com nossos vizinhos, sejam eles bons homes, judeus, sarracenos até. Se eles cumprem nossas leis, se respeitam nossos costumes e tradições, então fazem parte do nosso povo. Foi essa minha resposta na ocasião. — Ele fez uma pausa. — E seria minha resposta hoje.

Pelletier assentiu sua aprovação ao ouvir essas palavras, enquanto via uma onda de concordância se espalhar pelo Grande Salão, arrebatando até mesmo os bispos e padres. Apenas o mesmo monge solitário, um dominicano pela cor do hábito, não se deixou convencer.

— Temos uma interpretação diferente de tolerância — resmungou ele em seu forte sotaque espanhol.

Mais atrás, outra voz ecoou.

— Messire, perdoe-me, mas nós sabemos tudo isso. É notícia velha. E agora? Por que fomos chamados ao conselho?

Pelletier reconheceu a voz arrogante e preguiçosa do mais arruaceiro dos cinco filhos de Bérenger de Massabrac, e teria intervindo se não tivesse sentido a mão do visconde em seu braço.

— Thierry de Massabrac — disse Trencavel, a voz falsamente amável —, ficamos gratos por sua pergunta. Mas alguns de nós aqui não conhecem tão bem quanto você o complicado caminho da diplomacia.

Vários homens riram e Thierry ficou vermelho.

— Mas você tem razão em perguntar. Eu os chamei aqui hoje porque essa situação mudou.

47

Embora ninguém tenha falado, a atmosfera dentro do salão mudou. Se o visconde teve consciência do aumento da tensão, não deu mostras disso, como Pelletier ficou feliz em perceber, mas continuou a falar com a mesma desembaraçada confiança e autoridade.

— Esta manhã, recebemos notícias de que a ameaça do exército do norte é ao mesmo tempo mais real e mais imediata do que antes pensávamos. A Ost, que é como esse exército profano está se referindo a si mesmo, reuniu-se em Lyon no dia da festa de João Batista. Nossas estimativas são de que algo como 20 mil chevaliers invadiram a cidade, acompanhados por não se sabe mais quantos sapadores, padres, cavalariços, carpinteiros, clérigos, ferreiros. A Hoste partiu de Lyon chefiada por aquele lobo branco, Arnald-Amalric, abade de Cíteaux. — Ele fez uma pausa e correu os olhos pelo salão. —

Sei que esse é um nome que golpeará como o ferro os corações de muitos de vocês. —

Pelletier viu os homens de estado mais velhos aquiescerem. — Com ele estão os arcebispos católicos de Reims, Sens e Rouen, bem como os bispos de Autun, Clermont, Nevers, Bayeux, Chartres e Lisieux. Quanto à liderança temporal, embora o rei Felipe da França não tenha atendido ao chamado às armas, nem permitido a seu filho partir em seu lugar, muitos dos mais poderosos barões e principados do norte o fizeram. Congost, por favor.

Ao som de seu nome, o escrivan pousou a pena afetadamente. Seus cabelos sebosos caíam-lhe sobre o rosto. Sua pele, branca e esponjosa, era quase translúcida devido a uma vida inteira passada dentro de casa. Congost demorou-se enfiando a mão na grande sacola de couro e tirando de lá um rolo de pergaminho. O material parecia ter vida própria em suas mãos suadas.

— Vamos logo, homem — resmungou Pelletier entre os dentes.

Congost estufou o peito e pigarreou várias vezes, antes de finalmente começar a ler.

— Eudes, duque da Borgonha; Hervé, conde de Nevers; conde de Saint-Pol; conde de Auvergne; Pierre d'Auxerre; Hervé de Genève; Guy d'Evreux; Gaucher de Châtillon; Simon de Montfort...

A voz de Congost era aguda e inexpressiva, mas mesmo assim cada nome parecia cair como uma pedra em um poço seco, reverberando pelo salão. Aqueles eram inimigos poderosos, barões influentes do norte e do leste com recursos, dinheiro e homens à sua disposição. Eram oponentes dignos de temor, não de desdém.

Pouco a pouco, o tamanho e a natureza do exército que se reunia contra o sul foi tomando forma. Até mesmo Pelletier, que lera a lista com os próprios olhos, sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

Agora ouvia-se no salão um rumor baixo e constante: surpresa, incredulidade e raiva. Pelletier prestou atenção no bispo cátaro de Carcassonne. Ele escutava com concentração, o rosto inexpressivo, ladeado por vários padres cátaros importantes — os parfaits. Em seguida, os olhos argutos de Pelletier encontraram o rosto contraído e escondido pelo capuz de Bérenger de Rochefort, bispo católico de Carcassonne, que estava no outro canto do Grande Salão de braços cruzados, acompanhado de padres da catedral de Sant-Nasari e outros de Sant-Cernin.

Pelletier estava confiante de que, pelo menos por ora, de Rochefort manteria sua fidelidade a Trencavel e não ao papa. Mas quanto duraria isso? Não se podia confiar em um homem de lealdades divididas. Que ele mudaria de lado era tão certo quanto o sol se erguer no leste e se pôr no oeste. Pelletier se perguntou, e não era a primeira vez que o fazia, se não seria sensato pedir para os religiosos se retirarem agora, para não ouvirem nada que pudessem se sentir obrigados a relatar a seus superiores.

Podemos enfrentá-los, por mais numerosos que sejam — veio um grito de trás. —

Carcassona é inexpugnável! — Outros também começaram a gritar. Lastours também! —

Logo, vozes se erguiam de todos os cantos do Grande Salão, ecoando por todas as 48

superfícies como o trovão encurralado nos rincões e vales da Montagne Noire.

Que eles venham às colinas — gritou outro. — Nós vamos lhes mostrar o que significa lutar.

Erguendo a mão, Raymond-Roger recebeu com um sorriso as demonstrações de apoio.

— Meus senhores, meus amigos — disse, praticamente gritando para ser ouvido. —

Obrigado por sua coragem, por sua lealdade inabalável. — Fez uma pausa, esperando o nível de ruído diminuir. — Esses homens do norte não nos devem aliança, nem nós devemos aliança a eles, exceto por aquela que une todos os homens desta terra sob Deus. No entanto, eu não esperava uma traição vinda de alguém que todos os laços de obrigação, família e dever obrigam a proteger nossas terras e nosso povo. Estou falando de meu tio e senhor lígio, Raymond, conde de Toulouse.

Um silêncio completo abateu-se sobre os homens reunidos.

— Algumas semanas atrás, recebi relatos de que meu tio havia se submetido a um ritual de tamanha humilhação que tenho vergonha de falar a respeito. Busquei comprovar esses rumores. Eram verdadeiros. Na grande catedral de Sant-Gilles, em presença do legado papal, o conde de Toulouse foi recebido de volta nos braços da Igreja Católica. Foi despido até a cintura e, usando o cordão do penitente ao redor do pescoço, foi açoitado pelos padres enquanto rastejava de joelhos implorando perdão.

Trencavel se deteve por um instante, para permitir a plena compreensão de suas palavras.

— Através desse vil rebaixamento, ele foi novamente recebido nos braços da Santa Madre Igreja. — Um murmúrio de desprezo espalhou-se pelo conselho. — Mas não é só

isso, amigos. Não tenho dúvidas de que esse espetáculo ignominioso tinha por objetivo provar a força de sua fé e de sua oposição à heresia. Porém, parece que isso não foi suficiente para evitar o perigo que ele sabia estar a caminho. Ele cedeu o controle de seus domínios aos legados de Sua Santidade o papa. O que

eu soube hoje... — Ele fez uma pausa. — Hoje eu soube que Raymond, conde de Toulouse, está em Valence, a menos de uma semana de marcha, com várias centenas de seus homens. Está apenas esperando um sinal para conduzir os invasores do norte pelo rio, em Beaucaire, e para dentro de nossas terras. — Fez outra pausa. — Ele abraçou a cruz dos cruzados. Meus senhores, ele tem a intenção de marchar sobre nós.

Por fim, o salão explodiu em uivos ultrajados.

— Silenci — bradou Pelletier até sua voz ficar rouca, tentando em vão restaurar a ordem no caos. — Silêncio. Silêncio, por favor!

Era uma batalha desigual, uma voz contra muitas.

O visconde deu um passo à frente até a beirada do palanque, posicionando-se diretamente sob o brasão dos Trencavel. Suas bochechas estavam coradas, mas a luz da batalha ardia em seus olhos, e seu rosto irradiava desafio e coragem. Ele abriu bem os braços, como para abarcar o salão e todos nele contidos. O gesto calou a todos.

— Então eis me aqui diante de vocês, meus amigos e aliados, no antigo espírito da honra e da fidelidade que liga cada um de nós a nossos irmãos, para pedir o seu bom conselho. A nós, homens do Midi, restam apenas dois caminhos abertos e muito pouco tempo para escolher qual dos dois tomar. A pergunta é a seguinte. Per Carcassona!— Por Carcassonne. — Per Io Miègjorn. — Pelas terras do Midi. — Devemos nos submeter? Ou devemos lutar?

Enquanto Trencavel tornava a se sentar na cadeira, exausto pelo discurso, o nível de ruído no Grande Salão crescia à sua volta.

Pelletier não pôde evitar. Inclinou-se para frente e pôs a mão no ombro do rapaz.

— Muito bem, messire— disse baixinho. — Falou com muita nobreza, meu senhor.

CAPÍTULO 7

O debate durou horas.

Criados iam e vinham, trazendo cestos de pão e uvas, bandejas de carne e queijo branco, incessantemente enchendo e tornando a encher os grandes jarros de vinho.

Ninguém comeu muito, mas beberam bastante, o que aumentava sua raiva e prejudicava sua capacidade de julgamento.

O mundo do lado de fora do Château Comtal prosseguia normalmente. Os sinos das igrejas marcavam as horas canônicas do dia. Monges cantavam, freiras rezavam, abrigados dentro dos muros de Sant-Nasari. Nas ruas de Carcassonne, cidadãos cuidavam de seus afazeres. Nos subúrbios e casas do lado de fora dos muros fortificados, crianças brincavam, mulheres trabalhavam, mercadores, camponeses e membros das guildas comiam, conversavam e jogavam dados.

Dentro do Grande Salão, os argumentos racionais começavam a dar lugar a insultos e recriminações. Uma facção queria resistir. Outra argumentava em favor de uma aliança com o conde de Toulouse, alegando que, se as estimativas do tamanho do exército reunido em Lyon estivessem exatas, então até mesmo a força de todos eles combinados não seria suficiente para resistir a tal inimigo.

Cada um dos homens já podia ouvir os tambores da guerra rufando em sua cabeça.

Alguns imaginavam honra e glória no campo de batalha, o impacto do aço no aço. Outros viam sangue cobrindo as colinas e planícies, um fluxo incessante de despossuídos e feridos vagando derrotados pelas terras em chamas.

Pelletier andava de um lado para o outro do salão, incansável, procurando sinais de desacordo ou de oposição ou de desafio à autoridade do visconde. Nada do que observou deu-lhe motivos reais de preocupação. Ele estava confiante de que seu seigneur fizera o suficiente para que todos se sentissem ligados a ele e que, independentemente de interesses individuais, os senhores do Pays d'Oc se uniriam atrás do visconde Trencavel, qualquer que fosse a sua decisão.

As linhas de batalha eram traçadas no terreno geográfico, e não ideológico. Aqueles cujas terras ficavam nas planícies mais vulneráveis queriam depositar sua fé no poder da negociação. Aqueles cujos domínios ficavam nas terras altas da Montagne Noire ao norte, ou então nos Montes Sabarthès e nos Pireneus ao sul e a oeste, estavam determinados a resistir à Hoste e lutar.

Pelletier sabia que o coração do visconde Trencavel estava com estes últimos. Ele era forjado do mesmo metal que os senhores das montanhas, e compartilhava sua feroz independência de espírito. Mas Pelletier sabia também que a cabeça de Trencavel lhe dizia que a única forma de manter intactas suas terras, e de proteger seu povo, era engolir o orgulho e negociar.

No final da tarde, o aposento recendia a frustração e discussões já azedadas.

Pelletier estava cansado. Estava exausto de tantas minúcias, de tantas frases de efeito que davam voltas e mais voltas sobre si mesmas sem chegar a lugar algum. Sua cabeça também havia começado a doer. Ele se sentia enrijecido e velho, velho demais para aquilo, pensava, enquanto girava o anel que sempre usava no polegar, deixando vermelha a pele calosa sob a jóia.

Chegara a hora de concluir o assunto.

Chamando um criado para trazer água, ele mergulhou um quadrado de pano na jarra e o estendeu para o visconde.

— Tome, messire — falou.

Trencavel pegou o pano molhado, agradecido, e limpou a testa e pescoço.

50

Acha que já lhes demos tempo suficiente?

Acredito que sim, messire — respondeu Pelletier.

Trencavel assentiu. Estava sentado com as mãos apoiadas firmemente nos braços de madeira esculpida de sua cadeira, parecendo tão calmo quanto na primeira vez em que se levantara para se dirigir ao conselho. Muitos homens mais velhos e mais experientes teriam tido que se esforçar para manter um grupo daqueles sob controle, pensou Pelletier. Era essa força de caráter que lhe dava coragem para fazer o que tinha de ser feito.

E como conversamos antes, messire?

Sim — respondeu Trencavel. — Embora todos eles não pensem a mesma coisa, acho que a minoria seguirá os desejos da maioria neste caso... — Ele parou e,

pela primeira vez, um sinal de indecisão, de arrependimento tingiu suas palavras. — Mas Bertrand, eu queria que houvesse outro jeito.

Eu sei, messire — disse Pelletier baixinho. — Sinto a mesma coisa. Mas, por mais que isso nos ofenda, não há alternativa. Sua única chance de proteger seu povo é

negociar uma trégua com seu tio.

Ele pode se recusar a me perdoar, Bertrand — disse o visconde em voz baixa. — Na última vez em que nos encontramos, eu disse coisas que não deveria ter dito. A despedida foi tensa.

Pelletier pousou a mão no braço de Trencavel.

— É um risco que temos de correr — disse, embora compartilhasse da mesma preocupação. — Passou-se muito tempo desde então. Os fatos falam por si. Se a Hoste realmente for tão grande quanto dizem, ou mesmo se tiver metade desse tamanho, então não temos escolha. Dentro da Cité estaremos seguros, mas e as pessoas do lado de fora dos muros... Quem vai protegê-las? A decisão do conde de abraçar a cruz fez de nós... fez do senhor, messire... o único alvo possível. A Hoste não vai se dispersar agora.

Ela precisa de um inimigo para combater.

Pelletier baixou os olhos para o rosto atormentado de Raymond-Roger e viu nele arrependimento e tristeza. Queria oferecer algum conforto, dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas não conseguiu. Qualquer falta de determinação agora seria fatal. Não poderia haver nenhuma fraqueza, nenhuma dúvida. Mais coisas dependiam da decisão do visconde Trencavel do que o rapaz jamais saberia.

— O senhor fez todo o possível, messire. Deve manter-se firme. Deve acabar com isto. Os homens estão ficando inquietos.

Trencavel relanceou os olhos para o brasão acima de si, depois tornou a voltá-los para Pelletier. Por um instante, os dois se encararam.

— Informe Congost — disse o visconde.

Com um profundo suspiro de alívio, Pelletier caminhou depressa até onde o

escrivan estava sentado à sua mesa, massageando os dedos enrijecidos. A cabeça de Congost se levantou num pulo, mas ele nada disse enquanto empunhava a pena e sentava-se muito ereto para registrar a decisão final do conselho.

Pela última vez, Raymond-Roger Trencavel se pôs de pé.

— Antes de anunciar minha decisão, devo agradecer a todos vocês. Senhores de Carcassès, Razès, Albigeois e das terras mais além, eu saúdo seu valor, sua fortitude e sua lealdade. Conversamos durante muitas horas, e vocês demonstraram grande paciência e firmeza. Não temos motivo para nos recriminar. Somos vítimas inocentes de uma guerra que não é nossa. Alguns de vocês ficarão desapontados com o que estou prestes a dizer, outros ficarão felizes. Rezo para que, com a ajuda e a misericórdia de Deus, nós possamos encontrar coragem para nos manter unidos.

Ele se empertigou.

— Para o bem de todos nós, e para a segurança de nosso povo, pedirei uma audiência a meu tio e senhor lígio, Raymond, conde de Toulouse. Não temos como saber que resultado isso terá. Não é sequer certo que meu tio me receberá, e o tempo não está

a nosso favor. Então, é importante mantermos nossas intenções escondidas. Boatos se espalham depressa, e se algum rumor sobre nossas intenções chegar aos ouvidos do meu tio, isso pode enfraquecer nossas posição para negociar. Assim, os preparativos para o torneio continuarão conforme o planejado. Meu objetivo é voltar bem antes do dia da festa, espero eu com boas notícias. — Ele fez uma pausa. — Minha intenção é partir amanhã, ao raiar do dia, levando comigo apenas um pequeno grupo de chevaliers e representantes, com sua licença, da grande casa de Cabaret, bem como de Minerve, Foix, Quillan...

Minha espada é sua, messire — bradou um chevalier.

A minha também — gritou outro. Um por um, homens se ajoelharam pelo salão.

Sorrindo, Trencavel levantou a mão.

— Sua coragem, seu valor, honra todos nós — disse ele. — Meu intendente

informará àqueles cujos serviços serão necessários. Por ora, meus amigos, peço-lhes licença. Sugiro que todos voltem a seus aposentos para descansar. Tornaremos a nos encontrar no jantar.

Na comoção que acompanhou a partida do visconde Trencavel do Grande Salão, ninguém percebeu uma figura solitária, vestindo uma longa capa azul com capuz, emergir das sombras e se esgueirar porta afora.

CAPÍTULO 8

O sino de vésperas já havia silenciado há tempos quando o intendente Pelletier finalmente emergiu da Tour Pinte.

Sentindo o peso de cada um de seus 52 anos, Pelletier afastou as cortinas e caminhou de volta para o Grande Salão. Esfregou as têmporas com as mãos cansadas, tentando diminuir a dor persistente que martelava sua cabeça.

Desde o final do conselho, o visconde Trencavel estava recebendo pessoalmente os mais fortes de seus aliados, para conversar sobre a melhor maneira de abordar o conde de Toulouse. Cada conversa durava horas. Uma por uma, as decisões iam sendo tomadas, e mensageiros saíam à galope do Château Comtal levando cartas não apenas para Raymond VI, mas também para os legados papais, para o abade de Cíteaux e para os cônsules e viguiers de Béziers. Os chevaliers que iriam acompanhar o visconde haviam sido informados. Nos estábulos e na ferraria, as preparações já estavam em curso, e continuariam durante a maior parte da noite.

No aposento reinava um silêncio completo, mas tenso. Por causa da partida cedo no dia seguinte, em vez do banquete programado haveria uma refeição mais informal.

Compridas mesas apoiadas em cavaletes haviam sido montadas, sem toalha, em fileiras que iam do norte ao sul do salão. Velas tremeluziam débeis no centro de cada mesa. Nos altos recessos das paredes, as tochas já ardiam intensamente, fazendo as sombras dançarem e crepitarem.

No extremo mais afastado do aposento, criados entravam e saíam, carregando pratos que se destacavam mais pela abundância do que pela cerimônia. Cervos, gamos, coxas de frango com pimenta, tigelas de cerâmica cheias de feijões, lingüiças e pão branco recém-saído do forno, ameixas roxas fervidas em mel,

vinho rosé Aos vinhedos de Corbières e jarras de cerveja para os mais fracos.

52

Pelletier assentia, aprovando. Estava satisfeito. Em sua ausência, François fora um bom substituto. Tudo parecia estar como deveria e no nível de cortesia e hospitalidade que os convidados do visconde Trencavel tinham o direito de esperar.

François era um bom criado, apesar de seu começo de vida desafortunado. Sua mãe havia sido criada da esposa francesa de Pelletier, Marguerite, e fora enforcada como ladra quando François não passava de um menino. Ninguém sabia quem era o pai.

Quando sua mulher morrera nove anos antes, Pelletier havia assumido a educação de François, treinando-o e dando-lhe uma posição. De tempos em tempos, permitia-se sentir satisfação por François ter se saído tão bem.

Pelletier saiu para a Cour d'Honneur. O ar ali estava fresco, e ele se demorou um pouco na soleira da porta. Crianças brincavam ao redor do poço, merecendo uma palmada na perna de uma das aias quando suas brincadeiras ruidosas ficavam brutas demais. Meninas mais velhas passeavam de braços dados à luz do crepúsculo, conversando, sussurrando segredos umas para as outras.

No início ele não percebeu o menino pequeno, de cabelos escuros, sentado de pernas cruzadas no muro junto à capela.

— Messire!Messire!— gritou o menino, pulando do muro e pondo-se de pé. —

Tenho uma coisa para o senhor.

Pelletier não lhe deu atenção.

— Messire — insistiu o menino, puxando a manga do homem mais velho para chamar sua atenção. — Intendente Pelletier, por favor. Importante.

Ele sentiu alguma coisa ser empurrada para dentro de sua mão. Baixou os olhos e viu que era uma carta escrita em um pergaminho grosso cor de creme. Sua cabeça deu um giro. Do lado de fora estava seu próprio nome, inscrito em uma caligrafia conhecida, peculiar. Pelletier já havia se convencido de que nunca

mais a veria.

Ele agarrou o menino pela gola da roupa.

Onde você conseguiu isto? — perguntou, sacudindo-o com violência. — Fale. — O

menino se debatia como um peixe no anzol, tentando se desvencilhar. — Conte-me.

Rápido, agora.

Um homem me deu isso no portão — gemeu o menino. — Não me machuque. Eu não fiz nada.

Pelletier o sacudiu com mais força.

Que tipo de homem?

Um homem, só isso.

Você vai ter que se esforçar um pouco mais — disse, com aspereza, a voz se exaltando. — Poderá ganhar um sol se conseguir me dizer o que eu quero saber. O

homem era jovem? Velho? Era um soldado? — Ele fez uma pausa. — Era judeu?

Pelletier disparou uma pergunta atrás da outra até conseguir arrancar os fatos do menino. Não eram grande coisa. Pons lhe disse que estava brincando com amigos no fosso do Château Comtal, tentando atravessar a ponte de um lado a outro sem ser pego pelos guardas. No crepúsculo, quando a luz começava a diminuir, um homem havia se aproximado deles e perguntado se alguém conhecia de vista o intendente Pelletier.

Quando Pons respondera que sim, o homem lhe dera um sol para entregar a carta.

Dissera que era muito importante e muito urgente.

Não havia nada de especial no homem que pudesse distingui-lo. Era de meia-idade, nem velho nem moço. Não era especialmente moreno, tampouco era louro. Seu rosto não tinha marcas, sinais de varíola ou de brigas. O menino não prestara atenção se o homem usava anel, porque suas mãos haviam ficado escondidas debaixo da capa.

Finalmente satisfeito de ter descoberto tudo que podia, Pelletier pôs a mão na bolsa 53

e deu ao menino uma moeda.

— Tome. É por seus serviços. Agora vá.

Pons não esperou uma segunda ordem. Desvencilhou-se das mãos de Pelletier e saiu correndo tão depressa quanto suas pernas conseguiam carregá-lo.

O intendente tornou a entrar no castelo, segurando a carta apertada contra o peito.

Não prestou atenção em ninguém enquanto percorria o corredor que levava a seu quarto.

A porta estava trancada. Maldizendo a própria cautela, Pelletier pegou as chaves, os gestos desajeitados por causa da pressa. François havia acendido as calèlhs, as lamparinas a óleo, e guarnecido sua bandeja de noite com uma jarra de vinho e dois copos de cerâmica na mesa no centro do quarto, como fazia toda noite. A superfície de cobre da bandeja, muito polida, reluzia à luz dourada, tremeluzente.

Pelletier se serviu de vinho para acalmar os nervos, a cabeça cheia de imagens difusas, lembranças da Terra Santa e das sombras compridas e vermelhas do deserto.

Dos três livros e do segredo ancestral contido em suas páginas.

O vinho forte tinha um sabor azedo em sua língua, e atingiu o fundo de sua garganta fazendo-a arder. Ele o sorveu em um só gole e tornou a encher o copo. Muitas vezes tentara visualizar como se sentiria nesse instante. Mas, agora que ele finalmente chegara, sentia-se anestesiado.

Pelletier se sentou, pousando a carta sobre a mesa entre as mãos espalmadas.

Sabia o que ela dizia. Era a mensagem que ele vinha ao mesmo tempo esperando e temendo por muitos anos, desde que chegara a Carcassonne. Naqueles dias, as terras prósperas e tolerantes do Midi pareciam um esconderijo seguro.

À medida que as estações seguiam-se umas às outras, a expectativa de Pelletier de ser chamado diminuía. A vida cotidiana tomou a dianteira. Passou a não pensar mais nos livros. Por fim, praticamente se esquecera de que estava esperando alguma coisa.

Mais de vinte anos haviam se passado desde que ele vira pela última vez o autor daquela carta. Até aquele momento, percebeu, sequer soubera se seu professor e mentor ainda estava vivo. Fora Harif quem lhe havia ensinado a ler, à sombra dos olivais nas colinas ao redor de Jerusalém. Fora Harif quem havia despertado seus sentidos para um mundo mais glorioso, mais magnificente do que qualquer coisa que Pelletier jamais experimentara. Fora Harif quem lhe havia ensinado a ver que sarracenos, judeus e cristãos apenas seguiam caminhos diferentes em direção a um mesmo Deus. E fora Harif quem lhe havia revelado que, além de tudo que era conhecido, havia uma verdade muito mais antiga, mais ancestral, mais absoluta do que qualquer coisa que o mundo moderno pudesse oferecer.

A noite da iniciação de Pelletier à Noublesso de los Seres estava tão vivida e clara em sua lembrança como se tivesse acontecido na véspera. As túnicas douradas cintilantes e a toalha branca imaculada do altar, ofuscante como os baluartes que reluziam bem alto nas colinas acima de Alepo, entre os ciprestes e os laranjais. O cheiro do incenso, a cadência das vozes sussurrando no escuro. Iluminação.

Fora naquela noite, mais de uma vida atrás, ou assim parecia para Pelletier naquele instante, que ele olhara para o coração do labirinto e fizera o juramento de proteger seu segredo com a própria vida.

Ele puxou a vela para mais perto. Mesmo sem a autenticidade do selo, não restava dúvidas de que a carta era de Harif. Ele reconheceria sua caligrafia em qualquer lugar: a elegância peculiar dos caracteres, as proporções exatas das letras.

Pelletier sacudiu a cabeça, tentando desalojar as lembranças que ameaçavam se apoderar dele. Respirou fundo, e então passou a faca por debaixo do lacre. A cera se partiu com um leve estalo. Ele esticou o pergaminho até deixá-lo liso.



A carta era sucinta. No alto da folha estavam os símbolos de que Pelletier se lembrava, os mesmos que vira nos muros amarelos da caverna do labirinto nas

colinas ao redor da Cidade Sagrada. Escritos na antiga língua dos ancestrais de Harif, eles nada significavam exceto para os iniciados na Noublesso.

Pelletier leu as palavras em voz alta, reconfortado pelos sons conhecidos, antes de voltar a atenção para a carta de Harif.

Fraire

Chegou a hora. A escuridão está a caminho destas terras. Há desgraça no ar, um mal que irá destruir e corromper tudo aquilo que é bom. Os textos não estão mais seguros nas planícies do Pays d'Oc. E hora de a Trilogia ser reunida. Seu irmão o aguarda em Besièrs, sua irmã em Carcassona. Cabe a você levar os livros para um lugar mais seguro. Apresse-se. Quando vier o dia de Todos os Santos, os passos estivais em direção a Navarra já estarão fechados; talvez antes disso, se a neve chegar cedo. Esperarei por você no dia da festa de Sant-Miquel.

Pas a pas, se va luènh.

A cadeira rangeu quando Pelletier se reclinou profundamente para trás. Era exatamente o que ele esperava. As instruções de Harif eram claras. Ele não pedia nada mais do que Pelletier um dia havia jurado fazer. Mas, mesmo assim, ele sentia que sua alma havia sido sugada para fora do corpo, deixando apenas um espaço oco.

Seu juramento de proteger os livros fora feito de bom grado, mas na simplicidade da juventude. Agora, no final da meia-idade, tudo era mais complicado. Ele havia 55

construído uma vida diferente para si em Carcassonne. Tinha outras alianças, outras pessoas que amava e a quem servia.

Só agora percebia o quão completamente havia convencido a si mesmo de que a hora da decisão não chegaria enquanto ele ainda estivesse vivo. Que ele jamais seria forçado a escolher entre sua lealdade e responsabilidade para com o visconde Trencavel e sua obrigação junto à Noublesso.

Nenhum homem podia servir a dois senhores de forma honrada. Se ele cumprisse as ordens de Harif, isso significaria abandonar o visconde na hora em que ele mais precisava dele. Porém, cada instante que passasse ao lado de Raymond-Roger seria uma traição a seu dever para com a Noublesso.

Pelletier releu a carta, rezando para uma solução se apresentar. Dessa vez, determinadas palavras e expressões se destacaram: "Seu irmão o aguarda em Besièrs."

Harif só poderia estar se referindo a Simeon. Mas em Béziers? Pelletier levou o copo aos lábios e bebeu, sem sentir gosto algum. Que estranho o fato de Simeon ter-lhe sido trazido à lembrança de forma tão intensa naquele dia, depois de tantos anos de ausência.

Reviravolta do destino? Coincidência? Pelletier não acreditava em nenhuma das duas coisas. Mas então, como explicar o temor que tomara conta de seu corpo quando Alaïs havia descrito o corpo do homem assassinado nas águas do rio Aude? Não havia motivo para imaginar que fosse Simeon, mas mesmo assim ele tivera certeza.

E aquelas palavras: "sua irmã em Carcassona".

Intrigado, Pelletier traçou um desenho com o dedo sobre a leve camada de pó que cobria a mesa. Um labirinto.

Teria Harif escolhido uma mulher como guardiã? Será que ela estivera ali em Carcassonne, debaixo de seu nariz, durante todo aquele tempo? Ele sacudiu a cabeça.

Não podia ser.

CAPÍTULO 9

Alaïs estava em pé junto à janela, esperando Guilhem voltar. O céu sobre Carcassonne tinha um azul profundo, aveludado, um manto macio que cobria a terra. O

vento seco e noturno vindo do norte, o cers, soprava suavemente das montanhas, fazendo farfalhar as folhas das árvores e as plantas aquáticas nas margens do Aude, trazendo consigo a promessa de um ar mais fresco.

Pontinhos de luz brilhavam em Sant-Miquel e Sant-Vicens. As ruas calçadas de pedra da própria Cité fervilhavam de pessoas comendo e bebendo, contando histórias e entoando canções de amor, coragem e perda. Junto à praça principal, as fogueiras das fundições dos ferreiros ainda ardiam.

Esperar. Esperar sempre.

Alaïs havia esfregado os dentes com ervas para torná-los mais brancos e costurado um pequeno sachê de miosótis na gola do vestido para perfumá-lo. O quarto recendia ao doce aroma de lavanda queimando.

O conselho já terminara havia algum tempo, e Alaïs esperava que Guilhem voltasse, ou pelo menos lhe mandasse um recado. Fragmentos de conversas subiam do pátio lá embaixo como colunas de fumaça. Ela viu de relance o cunhado, Jehan Congost, atravessar o pátio apressado. Contou sete ou oito chevaliers da casa e seus écuyers encaminhando-se decididos para a forja. Mais cedo, vira o pai repreender um jovem que estava parado junto à capela.

De Guilhem, não havia sinal.

56

Alaïs suspirou, frustrada por ter ficado confinada no quarto sem motivo. Voltou-se novamente para o interior do aposento, caminhando sem rumo da mesa à cadeira e tornando a voltar, os dedos inquietos à procura de algo para fazer. Parou na frente do tear e olhou para a pequena tapeçaria que estava fazendo para dama Agnès, um complicado bestiário de criaturas e pássaros selvagens com longas caudas, que se arrastavam e escalavam o muro de um castelo. Geralmente, quando o tempo ou as responsabilidades domésticas a mantinham confinada dentro de casa, Alaïs encontrava prazer naquele tipo de trabalho delicado.

Nessa noite, sentia-se incapaz de se concentrar no que quer que fosse. Suas agulhas descansavam intactas no bastidor, o fio que Sajhë lhe dera de presente ainda embrulhado ao seu lado. As poções que ela havia preparado mais cedo com a angélica e o confrei estavam cuidadosamente etiquetadas e enfileiradas sobre uma prateleira de madeira no canto mais fresco e mais escuro do quarto. Ela pegou e examinou a tábua de madeira até se fartar de sua imagem e seus dedos ficarem doloridos de tanto traçar o desenho do labirinto. Esperar, esperar.

— Es totjorn Io meteis — murmurou. Sempre a mesma coisa.

Alaïs andou até o espelho e espiou seu reflexo. Um rosto pequeno, sério, em formato de coração, com olhos castanhos inteligentes e bochechas pálidas a encarou de volta, nem feio nem bonito. Alaïs ajeitou a gola do vestido, do modo

como vira outras meninas fazerem, tentando deixá-lo mais na moda. Talvez se costurasse um pedaço de renda no...

Uma batida abrupta na porta interrompeu seus pensamentos.

Perfin. Enfim.

— Estou aqui — falou, alto.

A porta se abriu. O sorriso sumiu de seu rosto.

François. O que houve?

O intendente Pelletier solicita sua presença, dama.

A esta hora?

Pouco à vontade, François transferia o peso do corpo de um pé para o outro.

— Ele a está esperando em seus aposentos. Acho que o assunto é urgente, Alaïs.

Ela olhou para ele, surpresa ao ouvi-lo usar seu nome de batismo. Não se lembrava de tê-lo visto cometer esse erro antes.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ela depressa. — Meu pai está indisposto?

François hesitou.

— Ele está muito... preocupado, dama. Ficaria grato por sua companhia o quanto antes.

Ela suspirou.

Parece que passei o dia todo no lugar errado.

Ele pareceu intrigado.

Como disse, dama?

— Não tem importância, François. Só estou meio esquisita hoje. É claro que eu

vou, se é o que meu pai quer. Vamos?

Em seu quarto, no outro extremo da ala particular do castelo, Oriane estava sentada no centro da cama com as pernas compridas e curvilíneas dobradas sob o corpo.

Tinha os olhos verdes semicerrados, como os de um gato. Um sorriso satisfeito pairava em seus lábios enquanto ela deixava o pente ser passado por entre seus cachos longos e negros. De vez em quando, sentia o leve toque dos dentes de osso do objeto na pele, delicado e sugestivo.

— Isto é muito... calmante — disse.

Um homem estava em pé atrás dela. Estava nu da cintura para cima, e havia uma leve camada de suor entre seus ombros largos e fortes.

— Calmante, dama? — perguntou ele, descontraído. — Essa não era exatamente a minha intenção.

Ela pôde sentir seu hálito morno quando ele se inclinou para afastar-lhe os cabelos do rosto, torcendo-os em suas costas.

— Você é muito bonita — sussurrou ele.

Começou a massagear-lhe os ombros e o pescoço, primeiro delicadamente, depois com mais firmeza. Oriane inclinou a cabeça enquanto as mãos experientes dele percorriam o contorno de sua mandíbula, nariz, queixo, como se estivessem tentando memorizar-lhe as feições. De vez em quando, as mãos desciam um pouco mais até a pele macia e branca de seu decote.

Oriane levou uma das mãos dele à boca e passou a língua na ponta dos dedos. Ele puxou as costas dela em sua direção. Ela pôde sentir o calor e o peso do corpo dele, sentir a prova do quanto ele a desejava pressionada nas costas. Ele a virou de frente para ele e separou-lhe os lábios com os dedos, então começou a beijá-la devagar.

Ela não prestou atenção ao barulho de passos no corredor do lado de fora, até

alguém começar a esmurrar a porta.

Oriane! — chamou uma voz aguda, mal-humorada. — Você está aí?

É Jehan! — balbuciou ela entre os dentes, mais irritada do que alarmada pela interrupção. Abriu os olhos. — Achei que você tivesse dito que ele não voltaria logo.

Ele olhou na direção da porta.

Não achei que voltaria. Quando os deixei, parecia que ele ficaria ocupado com o visconde por mais algum tempo. A porta está trancada?

Claro — respondeu ela.

— Ele não vai achar estranho?

Oriane deu de ombros.

— Ele sabe que não pode entrar sem ser convidado. Mesmo assim, é melhor você

se esconder. — Ela acenou na direção de uma pequena alcova atrás de uma tapeçaria pendurada ao pé da cama. — Não se preocupe — disse sorrindo, ao ver a expressão no rosto dele. — Vou me livrar dele o mais rápido possível.

— E como vai fazer isso?

Ela passou as mãos em volta do pescoço dele e o puxou para baixo em sua direção, perto o suficiente para ele sentir os cílios dela roçarem-lhe a pele. Aquilo o excitou.

Oriane! — gemeu Congost, a voz ficando mais aguda a cada vez que ele falava. —

Abra esta porta imediatamente!

Você vai ter que esperar para ver — murmurou ela, dobrando-se para beijar o peito do homem e sua barriga firme, um pouco mais embaixo. —

Agora você precisa sumir. Nem mesmo ele vai ficar do lado de fora para sempre.

Uma vez segura de que o amante estava escondido com segurança, Oriane foi até a porta na ponta dos pés, girou a chave na fechadura sem fazer ruído, depois correu de 58

volta para a cama e arrumou as cortinas à sua volta. Estava pronta para se divertir.

Oriane!

Marido — respondeu ela, petulante. — Não há motivo para esse barulho todo. A porta está aberta.

Oriane ouviu barulhos, seguidos pela porta sendo aberta e fechada com estardalhaço. Ouviu a pancada do metal na madeira quando ele pousou a vela sobre a mesa.

— Onde você está? — perguntou ele, irritado. — E por que está tão escuro aqui dentro? Não estou com humor para brincadeiras.

Oriane sorriu. Esticou-se por cima dos travesseiros, as pernas ligeiramente abertas e os braços lisos e nus erguidos acima da cabeça. Não queria deixar nada a cargo da imaginação dele.

Estou aqui, marido.

A porta não estava aberta na primeira vez que tentei abrir — disse ele irritado enquanto afastava as cortinas, e em seguida emudeceu.

Bom, você não devia estar... empurrando... com força suficiente — disse ela.

Oriane viu o rosto dele embranquecer, depois ficar vermelho, quase púrpura. Seus olhos saltaram das órbitas e sua boca se abriu enquanto ele cravava o olhar em seus seios fartos e empinados e seus mamilos escuros, nos cabelos soltos espalhados à sua volta sobre o travesseiro como um punhado de cobras a se contorcer, na curva de sua cintura estreita e na leve protuberância de sua barriga, no triângulo de pêlos crespos e pretos entre suas coxas.

O que você pensa que está fazendo? — guinchou ele. — Cubra-se imediatamente.

Eu estava dormindo, marido — respondeu ela. — Você me acordou.

Acordei você? Acordei você — cuspiu ele. — Você estava dormindo como... estava dormindo assim?

A noite está quente, Jehan. Não posso dormir como eu quiser na privacidade do meu próprio quarto?

Qualquer um poderia ter entrado e a visto desse jeito. Sua irmã, sua criada, Guirande. Qualquer um!

Oriane levantou-se devagar e olhou para ele com uma expressão de desafio, enrolando uma mecha de cabelos entre os dedos.

— Qualquer um? — disse, com sarcasmo. — Eu dispensei Guirande — falou, fria. —

Não precisava mais dos serviços dela.

Ela podia ver que ele estava desesperado, tentando desviar os olhos, mas sem conseguir. Desejo e aversão corriam em quantidades iguais por seu sangue ressequido.

Qualquer um poderia ter entrado — repetiu ele, embora menos enfático.

Sim, acho que sim. Mas ninguém entrou. Só você, marido, é claro.

— Ela sorriu. Tinha a expressão de um animal prestes a dar o bote. — Agora, já

que está aqui, talvez possa me dizer por onde andou?

— Você sabe por onde eu andei — disparou ele. — Estava no conselho.

Ela sorriu.

— No conselho? Todo esse tempo? O conselho se dispersou bem antes de escurecer.

Congost enrubesceu.

Não cabe a você questionar o que eu digo.

Oriane apertou os olhos.

Por Sant-Foy, que homem pomposo você é, Jehan. "Não cabe a você"...

— A imitação era perfeita, e os dois homens estremeceram diante de sua crueldade. — Vamos, Jehan, diga-me onde esteve. Discutindo casos de estado, talvez? Ou será que você estava com uma amante, e Jehan? Você tem uma amante escondida em algum lugar do Château?

— Como se atreve a falar assim comigo. Eu...

— Outros maridos dizem às esposas por onde andaram. Por que não você? A não ser, como estou dizendo, que haja um bom motivo para não fazê-lo.

Congost agora gritava.

— Outros maridos deveriam aprender a segurar a língua. Isso não é assunto para mulheres.

Oriane se moveu devagar pela cama na direção dele.

— Não é assunto para mulheres — disse. — É mesmo?

Sua voz era baixa e cheia de desprezo. Congost sabia que ela estava zombando dele, mas não entendia as regras daquele combate. Nunca tinha entendido.

Oriane estendeu a mão e apertou a saliência reveladora debaixo da túnica dele.

Com satisfação, viu pânico e surpresa nos olhos do marido enquanto começava a movimentar a mão para cima e para baixo.

— Então, marido — disse com desdém. — Diga-me o que considera assuntos para mulheres? Amor? — Ela aumentou a pressão. — Isto? Como chamaria isto, apetite?

Congost pressentiu a armadilha, mas estava hipnotizado por ela e não sabia o que dizer ou fazer. Não conseguiu evitar inclinar-se em direção a ela. Seus lábios úmidos sugavam o ar como os de um peixe, e seus olhos estavam fechados com

força. Ele podia desprezá-la, mas ela ainda era capaz de fazê-lo desejá-la, assim como a qualquer outro homem, governado pelo que trazia pendurado entre as pernas, independentemente de saber ler ou escrever. Ela o desprezava.

Abruptamente, ela retirou a mão, já tendo conseguido a reação que queria.

— Bem, Jehan — disse, fria. — Se você não está preparado a me dizer nada, então é melhor ir embora. Aqui você não tem nenhuma utilidade para mim.

Oriane viu algo dentro dele explodir, como se todas as decepções e frustrações que ele jamais havia experimentado na vida lhe voltassem à lembrança. Antes de perceber o que estava acontecendo, ele já havia batido nela, com força suficiente para fazê-la sair voando e cair novamente deitada sobre a cama.

Ela arquejou de surpresa.

Congost não conseguia se mexer, fitando as próprias mãos como se elas não lhe pertencessem.

Oriane, eu...

Você é patético — gritou ela. Podia sentir o gosto do sangue na própria boca. — Eu já disse para ir embora. Então vá. Saia da minha frente!

Por um instante, Oriane pensou que ele fosse tentar pedir desculpas. Porém, quando ele levantou os olhos, o que ela viu neles foi ódio, não vergonha. Deu um suspiro de alívio. Tudo estava correndo conforme os seus planos.

— Você me dá nojo — gritava ele, afastando-se da cama. — Você parece um animal. Não, você é pior do que um animal, porque sabe o que está fazendo. — Ele 60

agarrou a capa azul dela, que estava caída no chão, e a atirou sobre seu rosto. — E

cubra-se. Não quero encontrá-la assim quando voltar, exibindo-se como uma puta.

Quando teve certeza de que ele tinha ido embora, Oriane tornou a se deitar na cama e se cobriu com a capa, um pouco abalada, mas com o sangue a correr

acelerado pelas veias. Pela primeira vez em quatro anos de casamento, aquele velho burro, débil e fraco que seu pai a obrigara a tomar por marido de fato havia conseguido surpreendê-la.

Sua intenção era provocá-lo, com certeza, mas ela não esperava que ele fosse lhe bater.

E com tamanha força. Correu os dedos pela pele, que ainda ardia por causa da pancada.

A intenção dele havia sido machucá-la. Talvez fosse ficar uma marca? Isso poderia valer alguma coisa. Nesse caso, poderia mostrar ao pai a que situação a decisão dele a havia reduzido.

Oriane se empertigou com uma risadinha. Por mais que tentasse esconder o fato, seu pai só se importava com Alaïs. Oriane se parecia demais com a mãe para o gosto dele, tanto na aparência quanto no temperamento. Como se ele fosse ligar a mínima se Jehan a matasse de pancadas. Decerto pensaria que ela havia merecido.

Por um instante, permitiu que a inveja que mantinha escondida de todos, menos de Alaïs, escorresse de trás da máscara perfeita de seu rosto bonito e inescrutável. O

ressentimento por sua falta de poder, por sua falta de influência, por sua decepção. Que valor tinham sua juventude e sua beleza se ela estava amarrada a um homem sem ambição nem futuro, um homem que nunca havia erguido uma espada? Não era justo que Alaïs, a irmã caçula, conseguisse todas as coisas que ela queria mas que lhe eram negadas. Coisas que deveriam ser suas por direito.

Oriane torceu o tecido entre os dedos como se estivesse beliscando o braço pálido e magro de Alaïs. Feia, mimada, queridinha Alaïs. Apertou o tecido com mais força, visualizando mentalmente um hematoma púrpura a espalhar-se pela pele da irmã.

— Você não deveria provocá-lo.

A voz de seu amante varou o silêncio. Ela havia quase se esquecido de que ele estava ali.

— Por que não? — disse ela. — É a única diversão que ele me proporciona.

Ele passou pelas cortinas e tocou-lhe a face com os dedos.

— Ele a machucou? Ficou marcado.

Ela sorriu diante da preocupação na voz dele. Como ele a conhecia pouco. Via apenas o que queria ver, uma imagem da mulher que pensava que ela fosse.

— Não é nada — respondeu ela.

A corrente de prata no pescoço dele roçou-lhe a pele quando ele se inclinou para beijá-la. Ela pôde sentir o cheiro de seu desejo de possuí-la. Oriane mudou de posição, permitindo que o tecido azul escorresse de seu corpo como água. Correu as mãos pelas coxas dele, a pele pálida e macia se comparada ao marrom dourado de suas costas, braços e peito, em seguida levantou os olhos um pouco mais. Sorriu. Ele já havia esperado o suficiente.

Oriane se inclinou para frente para tomá-lo na boca, mas ele a empurrou para trás na cama e ajoelhou-se ao seu lado.

— Então, que diversão espera de mim, minha senhora? — perguntou, abrindo-lhe as pernas de leve. — Esta?

Ela emitiu murmúrios enquanto ele se inclinava para frente e a beijava.

— Ou esta?

A boca dele continuou a descer até sua parte mais escondida, secreta. Oriane prendeu a respiração enquanto a língua dele começava a brincar por sua pele, mordendo, lambendo, provocando.

Ou talvez isto? — Ela sentiu as mãos dele, fortes e apertadas em volta de sua cintura, quando ele a puxou para junto de si. Oriane cruzou as pernas ao redor das costas dele.

Ou talvez seja isto que realmente quer? — perguntou ele, a voz embargada de desejo enquanto mergulhava fundo dentro dela. Ela grunhiu de satisfação,

arranhando-lhe as costas com as unhas, tornando-o seu.

Então seu marido acha que você é uma puta? — brincou ele. — Vamos ver se conseguimos provar que ele está certo.

CAPÍTULO 10

Pelletier andava de um lado para o outro de seu quarto, à espera de Alaïs.

O ar estava mais fresco agora, mas havia suor sobre sua testa larga e seu rosto estava afogueado. Ele deveria estar nas cozinhas, supervisionando os criados, certificando-se de que tudo estava sob controle. Mas estava atordoado pelo significado daquele instante. Sentia-se em uma encruzilhada, diante de caminhos que se estendiam em todas as direções, conduzindo a um futuro incerto. Tudo que já havia acontecido em sua vida, e tudo que ainda estava por acontecer, dependia do que ele decidisse fazer naquele momento.

Por que ela estava demorando tanto?

Pelletier apertou a carta no punho cerrado. Já conhecia as palavras de cor.

Deu as costas para a janela e seu olhar foi atraído por algo brilhante, cintilando na poeira e nas sombras atrás do alisar da porta. Pelletier se abaixou e recolheu o objeto.

Era uma pesada fivela de prata com detalhes em cobre, grande o suficiente para servir de fecho a um manto ou túnica.

Ele franziu o cenho. Não era sua.

Levantou-a junto a uma vela para ver melhor. A fivela não tinha nada de especial.

Vira centenas delas à venda no mercado. Girou-a nas mãos. Sua qualidade era bastante boa, sugerindo alguém de condições razoáveis, ainda que não abastadas.

O objeto não poderia ter estado ali por muito tempo. François arrumava o quarto todas as manhãs, e teria reparado na fivela. Nenhum outro criado tinha permissão para entrar no aposento, e ele estivera fechado o dia inteiro.

Pelletier olhou em volta, à procura de sinais de algum intruso. Sentia-se inquieto.

Seria sua imaginação ou os objetos em sua escrivaninha estavam ligeiramente fora do lugar? Suas cobertas haviam sido desarrumadas? Nessa noite, tudo o alarmava.

— Paire?

Alaïs falou baixinho, mas o assustou mesmo assim. Precipitadamente, ele enfiou a fivela no bolso.

Pai — repetiu ela. — Mandou me chamar?

Pelletier se aprumou.

Sim, sim, mandei. Venha.

Mais alguma coisa, messire — perguntou François da soleira da porta.

Não. Mas espere lá fora caso eu precise de você.

Esperou até a porta se fechar, depois acenou para Alaïs sentar-se à mesa. Serviu-lhe um copo de vinho e tornou a se servir também, mas não se sentou.

62

Você parece cansada.

Estou, um pouco.

O que as pessoas estão dizendo sobre o conselho, Alaïs?

— Ninguém sabe o que pensar, messire. As histórias são tantas. Todos rezam para as coisas não serem tão ruins quanto parecem. Todo mundo sabe que o visconde parte para Montpellier amanhã, acompanhado de um pequeno grupo, para pedir uma audiência ao tio, o conde de Toulouse. — Ela levantou a cabeça. — É verdade?

Ele assentiu.

Mas também dizem que o torneio vai prosseguir.

É verdade também. A intenção do visconde é completar sua missão e voltar para casa daqui a duas semanas. Antes do final de julho, com certeza.

É provável que a missão do visconde tenha sucesso?

Pelletier não respondeu, mas continuou a andar de um lado para o outro. A ansiedade dele a contagiava.

Ela bebeu um gole de vinho para tomar coragem.

Guilhem faz parte do grupo?

Ele próprio não lhe contou? — respondeu Pelletier, brusco.

Não o vejo desde que o conselho se dispersou — confessou ela.

Onde em nome de Sant-Foy ele pode estar? — perguntou Pelletier.

Por favor, responda-me apenas sim ou não.

Guilhem du Mas foi escolhido, embora eu deva dizer que foi contra o meu desejo. O

visconde gosta dele.

— Com razão, paire — disse ela baixinho. — Ele é um chevalier habilidoso.

Pelletier se inclinou sobre a mesa e serviu mais vinho no copo da filha.

— Diga-me, Alaïs, você confia nele?

A pergunta a pegou desprevenida, mas ela respondeu sem hesitar.

Todas as esposas não deveriam confiar nos maridos?

Sim, sim. Eu não esperaria outra resposta de você — disse ele apressado, fazendo um gesto de desinteresse. — Mas ele lhe perguntou o que aconteceu esta manhã no rio?

O senhor ordenou que eu não falasse sobre isso com ninguém — disse ela. —

Naturalmente, eu o obedeci.

Como eu confiava que manteria sua palavra — disse ele. — Mas, mesmo assim, você não respondeu exatamente à minha pergunta, Alaïs.

Guilhem perguntou onde você esteve?

Não houve oportunidade — disse ela, desafiadora. — Como eu disse ao senhor, não o vi.

Pelletier andou até a janela.

— Você tem medo da guerra? — perguntou, de costas para ela.

Alaïs ficou desconcertada pela mudança abrupta de assunto, mas retrucou sem demora.

Quando penso no assunto, tenho sim, messire — respondeu com cautela. — Mas certamente a situação não vai chegar a esse ponto?

Não, talvez não.

Ele pousou as mãos sobre o peitoril da janela, aparentemente perdido nos próprios pensamentos e alheio à presença dela.

— Sei que você acha minha pergunta impertinente, mas tive motivo para perguntar. Olhe para o fundo de seu coração. Pense bem em sua resposta.

Então diga-me a verdade. Você confia no seu marido? Confia nele para protegê-la, para ficar do seu lado?

Alaïs entendeu que as palavras que realmente importavam não haviam sido ditas, e estavam escondidas em algum lugar sob a superfície, mas teve medo de responder. Não queria ser desleal com Guilhem. Ao mesmo tempo, não conseguia mentir para o pai.

Eu sei que ele não o agrada, messire — disse ela, com a voz firme —, embora não saiba o que ele fez para desagradá-lo...

Você sabe perfeitamente o que ele faz para me desagradar — disse Pelletier, impaciente. — Eu já lhe disse várias vezes. Mas a minha opinião pessoal sobre du Mas, seja ela boa ou ruim, não interessa. É possível desgostar de um homem e mesmo assim reconhecer o seu valor. Por favor, Alaïs. Responda à minha pergunta.

Muita coisa depende da sua resposta.

Imagens de Guilhem dormindo. De seus olhos, negros como magnetita, da curva de seus lábios ao beijarem a parte interna do pulso dela. Lembranças tão poderosas que a deixavam tonta.

Não consigo responder — disse ela por fim.

Ah — suspirou ele. — Bom. Bom. Entendo.

Com todo o respeito, paire, o senhor não entende nada — exaltou-se Alaïs. — Eu não disse nada.

Ele se virou.

Você disse a Guilhem que eu mandei chamá-la?

Como eu disse, não o vi e... e não é certo o senhor me questionar desta forma.

Fazer-me escolher entre ser leal a ele ou ao senhor. — Alaïs fez menção de se levantar.

— Então, a não ser que por algum motivo o senhor necessite a minha presença, messire, nesta hora tardia, peço-lhe licença para me retirar.

Pelletier apressou-se em acalmar a situação.

— Sente-se, sente-se. Vejo que a ofendi. Perdoe-me. Não foi minha intenção.

Ele estendeu a mão. Depois de um instante, Alaïs a segurou.

— Não quero falar por enigmas. Minha hesitação é... Preciso deixar as coisas claras na minha própria mente. Esta noite recebi um recado de extrema importância, Alaïs.

Passei as últimas horas tentando decidir o que fazer, considerando as alternativas.

Embora pensasse ter me decidido por um dos caminhos e tenha mandado chamar você, ainda assim tinha dúvidas.

Alaïs o encarou.

E agora?

Agora o caminho à minha frente está claro. Sim. Acho que sei o que devo fazer.

O rosto dela empalideceu.

Então a guerra está chegando — disse, a voz subitamente mansa.

Sim, acho que a guerra é inevitável. Os sinais não são bons. — Ele se sentou. —

Estamos no meio de acontecimentos muito além de nosso controle, por mais que

tentemos nos convencer do contrário. — Ele hesitou. — Mas há algo mais importante do que isso, Alaïs. E se as coisas derem errado em Montpelhièr, então talvez eu não tenha mais oportunidade para... para lhe contar a verdade.

O que pode ser mais importante do que a ameaça de guerra?

Antes de eu falar qualquer outra coisa, preciso da sua palavra de que tudo que eu lhe disser esta noite ficará entre nós.

Foi por isso que perguntou sobre Guilhem?

Em parte, sim — admitiu ele —, embora não tenha sido o único motivo. Mas, primeiro, dê-me sua garantia de que nada do que eu lhe disser sairá destas quatro paredes.

O senhor tem minha palavra — disse ela sem hesitar.

Pelletier suspirou de novo, mas dessa vez ela ouviu alívio no suspiro, não ansiedade. A sorte estava lançada. Ele havia feito sua escolha. Faltava apenas a determinação de levar as coisas até o fim, independentemente das

conseqüências.

Ela chegou mais perto. A luz das velas dançava e bruxuleava em seus olhos castanhos.

— Esta é uma história que começa nas terras ancestrais do Egito, vários milhares de anos atrás — disse ele. — Esta é a verdadeira história do Graal.

Pelletier falou até todo o óleo das lamparinas queimar.

O pátio lá embaixo estava agora em silêncio, já que os convivas tinham ido dormir.

Alaïs estava exausta. Seus dedos estavam brancos, e debaixo de seus olhos havia sombras roxas, parecendo hematomas.

Pelletier também havia envelhecido e se cansado de tanto falar.

Em resposta à sua pergunta, você não precisa fazer nada. Ainda não, talvez nunca.

Se nossas tentativas de amanhã forem bem-sucedidas, isso me dará o tempo e a oportunidade de que preciso para levar eu próprio os livros até um lugar seguro, como me cabe fazer.

Mas e se não forem bem-sucedidas, messire? E se alguma coisa acontecer com o senhor?

Alaïs calou-se, o medo a apertar-lhe a garganta.

Mesmo assim tudo ainda pode ficar bem — disse ele, mas sua voz estava sem energia.

Mas e se não ficar? — insistiu ela, resistindo a se deixar tranqüilizar.

— E se o senhor não voltar? Como saberei então quando agir?

Ele a encarou por um instante. Então procurou no bolso até encontrar um pequeno embrulho de pano cor de creme.

Se alguma coisa acontecer comigo, você receberá um objeto assim.

Pousou o embrulho sobre a mesa e o empurrou na direção dela.

Abra.

Alaïs fez o que ele mandava, desdobrando o material pedacinho por pedacinho, até

revelar um pequeno disco de pedra clara com duas letras gravadas em cima. Ergueu-o para a luz e leu as letras em voz alta.

—NS?

Quer dizer Noublesso de los Seres.

O que é este objeto?

— Um merel, um amuleto secreto que se usa entre o polegar e o indica dor. Ele tem também outra função importante, mas que você não precisa saber. Isto lhe dirá se seu portador é digno de confiança. — Alaïs assentiu. — Agora vire-o.

Gravado do outro lado havia um labirinto, idêntico ao desenho esculpido na parte de trás da tábua de madeira. Alaïs soltou uma exclamação.

— Eu já vi isto antes.

Pelletier retirou o anel do polegar e o estendeu para ela.

— Está gravado na parte de dentro do anel — disse ele. — Todos os guardiães usam um anel assim.

Não, aqui no Château. Comprei queijo no mercado hoje e peguei uma tábua em meu quarto para carregá-lo. O desenho está gravado na parte de baixo da tábua.

Mas isso é impossível. Não pode ser o mesmo.

Juro que é.

De onde veio essa tábua? — perguntou ele. — Pense, Alaïs. Alguém lhe deu essa tábua? Foi um presente?

Alaïs sacudiu a cabeça.

Não sei, não sei — disse, desesperada. — Passei o dia inteiro tentando me lembrar, mas não consigo. O mais estranho foi que eu tive certeza de ter visto o desenho em algum outro lugar, mesmo sem saber de onde tinha vindo a tábua.

Onde ela está agora?

Deixei em cima da mesa do meu quarto — disse ela. — Por quê? O senhor acha que isso é importante?

Então qualquer pessoa poderia ter visto — disse ele, frustrado.

Acho que sim — retrucou ela, nervosa. — Guilhem, qualquer um dos criados, não sei dizer.

Alaïs baixou os olhos para o anel em sua mão, subitamente as peças se encaixaram.

— Você pensou que o homem do rio fosse Simeon? — disse devagar. —

Ele também é um guardião?

Pelletier assentiu.

Não havia motivo para pensar que fosse ele, mas mesmo assim eu tinha certeza.

E os outros guardiães? O senhor sabe onde eles estão?

Ele se inclinou para frente e fechou os dedos da filha em volta do merel.

— Chega de perguntas, Alaïs. Cuide bem disto. Guarde-o bem. E esconda a tábua com o labirinto em um lugar onde olhos curiosos não possam vê-la.

Cuidarei desse assunto quando eu voltar.

Alaïs se levantou.

— E a tábua?

Pelletier sorriu diante de sua insistência.

Vou pensar no assunto, filha.

Mas a presença dela significa que alguém no Château sabe da existência dos livros?

Ninguém pode saber — disse ele com firmeza. — Se eu achasse que esse risco é

real, eu lhe diria. Dou-lhe a minha palavra.

66

Eram palavras corajosas, palavras de um guerreiro, mas a expressão dele as desmentia.

— Mas se...

— Basta — disse ele baixinho, erguendo os braços. — Chega.

Alaïs se deixou envolver por seu abraço de gigante. Seu cheiro conhecido trouxe-lhe lágrimas aos olhos.

Tudo vai ficar bem — disse ele com firmeza. — Você precisa ser corajosa. Faça somente o que lhe pedi, nada mais. — Ele beijou-lhe o alto da cabeça. — Venha se despedir de nós ao amanhecer. — Alaïs aquiesceu, sem ousar dizer nada.

Ben, ben. Agora vá depressa. E que Deus a proteja.

Alaïs atravessou às carreiras o corredor escuro e saiu para o pátio sem parar para tomar fôlego, vendo fantasmas e demônios em cada sombra. Sua cabeça rodava. O

velho mundo conhecido parecia de repente uma imagem espelhada do que era antes, ao mesmo tempo reconhecível e inteiramente diferente. O embrulho escondido debaixo de seu vestido parecia fazer um buraco em sua pele.

Do lado de fora, o ar estava fresco. A maioria das pessoas havia se recolhido para a noite, embora ainda houvesse umas poucas luzes brilhando nos quartos que davam para a Cour d'Honneur. Uma risada vinda dos guardas no portão a fez sobressaltar. Por um instante, ela imaginou ter visto a silhueta de uma pessoa em um dos quartos superiores.

Mas, nesse mesmo instante, um morcego passou voando na sua frente, atraindo seu olhar, e quando ela tornou a olhar a janela estava escura.

Ela começou a andar mais depressa. As palavras do pai rodopiavam em sua cabeça, todas as perguntas que ela deveria ter feito, mas não fizera.

Com mais alguns passos, ela começou a sentir uma comichão na nuca. Olhou por cima do ombro.

— Quem está aí?

Ninguém respondeu. Ela tornou a chamar. Havia perigo na escuridão, ela podia sentir seu cheiro, sua textura. Alaïs apertou o passo, agora certa de que estava sendo seguida. Podia ouvir a leve batida de pés e o ruído de uma respiração ofegante.

— Quem está aí? — tornou a chamar.

Sem aviso, a mão áspera e calosa de alguém, recendendo a cerveja, fechou-se sobre sua boca. Ela gritou ao sentir uma pancada repentina e forte na nuca, e caiu.

Pareceu-lhe que levava muito tempo para atingir o chão. Então, mãos começaram a percorrer todo seu corpo, como ratos em um porão, até encontrarem o que queriam.

— Aqui es. — Aqui está.

Foi a última coisa que Alaïs ouviu antes de a escuridão se fechar sobre ela.

CAPÍTULO 11

Pic de Soularac

Montes Sabartnès

Sudoeste da França

Segunda-feira, 4 de julho de 2005

— Alice! Alice, está me ouvindo?

67

Seus olhos piscaram e se abriram.

O ar estava gelado e úmido, como uma igreja sem calefação. Ela não flutuava; estava deitada sobre o chão duro e frio.

Onde diabos eu estou? Podia sentir a terra molhada debaixo de seus braços e pernas, áspera e irregular. Alice mudou de posição. Pedras afiadas e cascalho arranharam sua pele.

Não, não era uma igreja. Uma centelha de lembrança lhe voltou. De ter descido um túnel comprido e escuro até chegar a uma caverna, e de uma câmara de pedra. E

depois? Tudo estava embaçado, gasto nas bordas. Alice tentou levantar a cabeça. Foi um erro. A dor explodiu na base de seu crânio. Uma náusea agitou-se em seu estômago, como água parada no fundo de um barco podre.

— Alice? Está me ouvindo?

Alguém estava falando com ela. Alguém preocupado, aflito, uma voz conhecida.

Alice? Acorde. — Ela tentou levantar a cabeça. Dessa vez, a dor não foi tão ruim.

Devagar, com cuidado, ergueu-se um pouco.

Meu Deus — murmurou Shelagh, parecendo aliviada.

Ela teve consciência de mãos em suas axilas, ajudando-a a se sentar. Tudo estava sombrio e escuro, com exceção dos círculos de luz em movimento lançados pelas lanternas. Duas lanternas. Alice apertou os olhos e reconheceu Stephen, um dos membros mais antigos da equipe, em pé logo acima de Shelagh, com seus óculos de armação de metal refletindo a luz.

— Alice, fale comigo. Está me ouvindo? — dizia Shelagh.

Não tenho certeza. Talvez.

Alice tentou falar, mas sua boca estava torta e nenhuma palavra saiu. Tentou assentir com a cabeça. O esforço a fez ficar tonta. Ela deixou a cabeça pender entre os joelhos para não desmaiar.

Com Shelagh de um lado e Stephen do outro, tornou a se erguer até ficar sentada no alto dos degraus de pedra, com as mãos nos joelhos. Tudo parecia se mover para frente e para trás, para dentro e para fora, como em um filme fora de foco.

Shelagh se agachou na sua frente, falando, mas Alice não conseguia entender o que ela estava dizendo. O som estava distorcido, como um disco girando na rotação errada. Outra onda de náusea a atingiu enquanto novas lembranças desconexas surgiam em turbilhão: o barulho do crânio caindo no escuro; sua mão estendida em direção ao anel; a consciência de que ela havia perturbado alguma coisa que repousava nas profundezas mais remotas da montanha, algo malévolo.

Depois, nada.

Ela estava com tanto frio. Podia sentir arrepios nos braços e pernas descobertos.

Alice sabia que não podia ter ficado inconsciente por muito tempo, não mais do que alguns minutos, no máximo. Que medida de tempo mais insignificante. Mas parecera tempo suficiente para ela passar de um mundo para o outro.

Alice estremeceu. Então veio outra lembrança. De sonhar o mesmo sonho conhecido. Primeiro, uma sensação de paz e leveza, tudo branco e claro. Depois despencar de uma altura muito grande pelo céu vazio, e do chão correr ao seu encontro.

Não houvera colisão, não houvera impacto, apenas as colunas de árvores verde-escuras erguendo-se acima dela. Então o fogo, o muro de chamas vermelhas, douradas e amarelas a rugir.

Abraçou o corpo com força com os braços nus. Por que o sonho havia voltado?

Durante a infância, o mesmo sonho a havia assombrado, sempre o mesmo, sem nunca levar a lugar nenhum. Enquanto seus pais dormiam sem suspeitar de nada no quarto do 68

outro lado do corredor, Alice passava noites e noites acordada no escuro, as

mãos apertando as cobertas com força, determinada a vencer sozinha os próprios demônios.

Mas fazia anos que o sonho não vinha. Havia anos que ele a deixava em paz.

— Que tal tentarmos pôr você em pé? — dizia Shelagh.

Não quer dizer nada. Uma vez só não quer dizer que vai começar tudo de novo.

—Alice — disse Shelagh, a voz um pouco mais incisiva. Impaciente. — Você acha que consegue ficar em pé? Precisamos levar você de volta para a sede. Alguém precisa dar uma olhada em você.

Acho que sim — respondeu ela por fim. A voz não parecia ser sua. —

Minha cabeça não está muito boa.

Você consegue, Alice. Vamos, tente agora.

Alice baixou os olhos para seu pulso vermelho, inchado. Merda. Não conseguia se lembrar muito bem, não queria se lembrar.

— Não tenho certeza do que aconteceu. Isto... — Ela ergueu a mão. —

Isto foi lá fora.

Shelagh abraçou Alice para ajudá-la a ficar em pé.

— Tudo bem?

Alice juntou forças e deixou que Shelagh a pusesse de pé. Stephen a segurou pelo outro braço. Ela balançou um pouco de um lado para o outro, tentando se equilibrar, mas depois de alguns segundos a tontura passou e a sensação começou a voltar a seus membros anestesiados. Com cuidado, Alice começou a dobrar e desdobrar os dedos, sentindo a pele dolorida repuxar sobre as articulações.

Estou bem. Espere só um minuto.

Mas o que deu em você para entrar aqui sozinha?

Eu estava... — Alice se calou, sem saber o que dizer. Era típico dela infringir as regras e acabar em apuros. — Tem uma coisa que vocês precisam ver. Ali embaixo.

Depois da escada.

Shelagh acompanhou com a lanterna a direção do olhar de Alice. Sombras corriam pelas paredes e pelo teto da caverna.

Não, ali não — disse Alice. — Lá embaixo.

Shelagh abaixou a lanterna.

Na frente do altar.

Altar?

A luz branca e forte varou a escuridão de breu da câmara como um holofote. Por uma fração de segundo, a sombra do altar se desenhou na parede atrás dele, como a letra grega pi superposta no labirinto esculpido. Então Shelagh mudou a mão de lugar, a imagem sumiu e a lanterna encontrou o túmulo. No escuro, os ossos pálidos pareceram saltar em sua direção.

Imediatamente, a atmosfera se alterou. Shelagh soltou um arquejo. Como um robô, desceu um, depois dois, depois três degraus. Parecia ter esquecido que Alice estava ali.

Stephen fez menção de ir atrás.

— Não — disparou ela. — Fique aí.

Eu só estava...

69

Pensando bem, vá chamar o Dr. Brayling. Conte para ele o que encontramos.

Agora! — gritou ela, ao ver que ele não se mexia. Stephen empurrou a lanterna para as mãos de Alice e desapareceu no túnel sem uma palavra. Ela pôde ouvir suas botas esmigalhando o cascalho, cada vez mais distantes, até o barulho ser

engolido pela escuridão.

Não precisava ter gritado com ele — Alice começou a dizer. Shelagh a interrompeu.

Você tocou em alguma coisa?

Não exatamente, mas...

Mas o quê? — Outra vez, o mesmo tom agressivo.

Tinha algumas coisas no túmulo — acrescentou Alice. — Posso mostrar para você.

Não — gritou Shelagh. — Não — dessa vez um pouco mais calma.

— Não queremos ninguém pisando lá embaixo.

Alice estava prestes a assinalar que era tarde demais para se preocupar com isso, mas depois parou. Não tinha vontade de tornar a chegar perto dos esqueletos. As órbitas cegas, os ossos partidos eram impressões vividas demais em sua mente.

Shelagh estava em pé olhando para a cova rasa. Havia algo de desafiador na maneira como ela corria o facho de luz pelos corpos, de cima a baixo, como se os estivesse examinando. Era quase desrespeitoso. A lanterna iluminou a lâmina cega da faca enquanto Shelagh se agachava ao lado dos esqueletos, de costas para Alice.

— Você disse que não mexeu em nada? — perguntou abruptamente, virando-se para olhar com raiva por cima do ombro. — Então como é que a sua pinça está aqui?

Alice corou.

Você me interrompeu antes de eu conseguir terminar de falar. O que eu estava dizendo era que peguei um anel... com a pinça, antes que você pergunte... mas deixei cair quando ouvi vocês no túnel.

Um anel? — repetiu Shelagh.

Talvez ele tenha rolado para debaixo de alguma outra coisa?

Bom, eu não estou vendo nenhum anel — disse ela, pondo-se subitamente de pé.

Voltou para perto de Alice. — Vamos sair daqui. Precisamos cuidar dos seus machucados.

Alice olhou para ela, estupefata. O rosto de uma estranha, não de uma amiga, a encarou de volta. Irado, duro, condenador.

— Mas você não quer...

— Meu Deus, Alice — disse ela, agarrando-lhe o braço. — Você já não fez o suficiente? Temos de sair daqui!

Quando elas emergiram da sombra da pedra, a luz pareceu muito intensa depois da escuridão aveludada da caverna. O sol pareceu explodir na cara de Alice como um fogo de artifício no céu preto de novembro.

Ela protegeu os olhos com a mão. Sentia-se totalmente desorientada, incapaz de se situar no tempo ou no espaço. Era como se o mundo houvesse parado enquanto ela estava dentro da câmara. Era a mesma paisagem conhecida em volta, mas ao mesmo tempo tudo havia se transformado em algo diferente.

Ou será que eu só estou vendo com olhos diferentes?

Os picos reluzentes dos Pireneus ao longe haviam perdido a definição. As árvores, o céu, até a própria montanha pareciam menos concretos, menos reais. Alice teve a sensação de que, se tocasse em alguma coisa, o objeto despencaria, como o cenário de um set de filmagem, revelando o verdadeiro mundo escondido por trás.

70

Shelagh não disse nada. Já estava descendo a montanha decidida, com o celular colado ao ouvido, sem se dar ao trabalho de ver se estava tudo bem com Alice. Alice apressou o passo para acompanhá-la.

— Shelagh, espere aí. Espere. — Ela tocou o braço de Shelagh. — Olhe, desculpe.

Eu sei que não deveria ter entrado lá sozinha. Eu não pensei direito.

Shelagh não deu sinal de ter percebido que ela estava falando. Sequer olhou para trás, embora tenha fechado o celular com um estalo.

Vá mais devagar. Não estou conseguindo acompanhar.

Tudo bem — disse Shelagh, virando-se para encará-la. — Já parei.

O que está acontecendo?

Me diga você. O que é que você quer que eu diga, afinal? Que está tudo bem? Quer que eu faça você se sentir melhor por ter cagado tudo?

Não, eu...

— Porque, sabe, na verdade não está tudo bem. Foi totalmente, inacreditavelmente burro da sua parte ter entrado lá sozinha. Você contaminou o lugar e só Deus sabe o que mais fez. Que porra você achou que estava fazendo?

Alice levantou as mãos.

Eu sei, eu sei. Desculpe, desculpe mesmo — repetiu ela, consciente de como aquilo era insuficiente.

Será que você faz idéia da situação em que me colocou? A responsável por você

sou eu. Eu convenci o Brayling a deixar você vir trabalhar aqui. Agora, só porque você

resolveu bancar o Indiana Jones, a polícia provavelmente vai suspender a escavação inteira. O Brayling vai pôr a culpa em mim. Tudo que eu fiz para chegar até aqui, para conseguir um lugar nesta escavação. Todo o tempo que eu gastei... — Shelagh se interrompeu e passou os dedos pelos cabelos curtos e descoloridos. Isso não é justo.

— Olhe, espere aí um minuto. — Mesmo sabendo que Shelagh tinha todo o direito de estar zangada, ela estava exagerando. — Você está sendo injusta. Eu admito que foi burrice entrar lá... eu não pensei antes de entrar, reconheço isso... mas você não acha que está exagerando? Eu não fiz de propósito, merda. O

Brayling não vai chamar a polícia. Eu não toquei em nada, não toquei mesmo. Ninguém se machucou.

Shelagh afastou o braço que segurava o de Alice com tanta força que quase a fez perder o equilíbrio.

— O Brayling vai chamar a polícia sim — disse ela, descontrolada — porque, como você saberia se se desse ao trabalho de ouvir alguma porra de uma coisa que eu digo, a permissão para a escavação foi dada, contra a recomendação da polícia, com a condição de que qualquer descoberta de restos humanos fosse imediatamente comunicada à Police Judiciaire.

Alice sentiu um buraco se abrir no estômago.

Eu pensei que fosse só burocracia. Ninguém parecia estar levando esse assunto a sério. Todo mundo fez piada sobre isso.

Está óbvio que você não estava levando o assunto a sério! — gritou Shelagh. —

Todos os outros estavam, já que somos profissionais e temos algum respeito pelo que fazemos!

Isto não está fazendo sentido.

— Mas por que a polícia estaria interessada em uma escavação arqueológica?

Shelagh perdeu as estribeiras.

Meu Deus, Alice, você ainda não entendeu, né? Mesmo depois de tudo que 71

aconteceu? Não tem a menor importância por quê! É assim e pronto! Não é você quem vai decidir quais regras se aplicam e quais você vai resolver ignorar!

Eu nunca disse...

Por que você sempre precisa questionar tudo? Você sempre acha que sabe mais, sempre quer quebrar as regras, ser diferente!

Alice agora também estava gritando.

Isso é totalmente injusto! Eu não sou assim e você sabe! Eu só não pensei...

É esse o problema! Você nunca pensa, a não ser em você mesma! E em conseguir o que quer!

— Isto é uma loucura, Shelagh! Por que eu iria querer dificultar as coisas para você

de propósito? Pare e ouça o que está dizendo! — Alice respirou fundo, tentando controlar seu temperamento. — Olhe, eu vou dizer para o Brayling que a culpa foi minha, mas é

que... você sabe que eu não iria entrar lá assim, sozinha, se tudo estivesse normal, só

que...

Ela fez outra pausa.

Só que o quê?

Isto vai parecer uma bobagem, mas foi como se aquilo me puxasse.

Eu sabia que a câmara estava lá. Não consigo explicar, eu simplesmente sabia.

Uma sensação. Um déja vu. Era como se eu já tivesse estado ali antes.

Você acha que isso melhora a situação? — perguntou Shelagh, sarcástica. — Por favor, dê um tempo. Você teve uma sensação. Que patético.

Alice sacudiu a cabeça.

Foi mais do que isso...

Em todo caso, que diabo você estava fazendo escavando lá em cima para começo de conversa? E sozinha, ainda por cima? É justamente esse o problema. Você quebra as regras só por quebrar.

Não — disse ela. — Não foi assim. O meu parceiro não veio hoje. Eu vi alguma coisa debaixo da pedra e, como hoje é meu último dia, pensei que podia fazer um pouco mais. — Sua voz perdeu a força. — Eu só queria descobrir se valia a pena investigar —disse, percebendo tarde demais o próprio erro. — Não tive a

intenção de...

Você está me dizendo, ainda por cima, que efetivamente encontrou alguma coisa?

Encontrou alguma coisa e não achou que valia a pena dividir essa informação com mais ninguém?

Eu...

Shelagh estendeu a mão.

— Me dê.

Alice a encarou por um instante, em seguida pôs a mão no bolso dos shorts, tirou o lenço e o estendeu. Não sabia o que dizer.

Viu Shelagh desdobrar o pano de algodão branco para revelar a fivela no interior.

Alice não pôde evitar estender a mão.

— E linda, não é? O jeito como o cobre das bordas puxa a luz, aqui e ali.

— Ela hesitou. — Eu acho que pode ser de alguma das pessoas dentro da caverna.

Shelagh ergueu os olhos. Seu humor havia se transformado novamente. Ela não estava mais com raiva.

— Você não tem idéia do que fez, Alice. Nenhuma idéia. — Ela dobrou o lenço. —

Vou levar isto lá para baixo.

Eu vou...

Chega, Alice. Não quero mais conversar com você agora. Tudo que você disser só

vai piorar as coisas.

Que diabo acabou de acontecer aqui?

Alice ficou parada, atônita, enquanto Shelagh se afastava. A briga havia surgido do nada, uma reação extrema até mesmo para Shelagh, capaz de perder a paciência pelas coisas mais insignificantes, e fora embora com a mesma rapidez.

Alice se sentou na pedra mais próxima e descansou o pulso latejante sobre um dos joelhos. Tudo doía, e ela se sentia totalmente esgotada, mas também triste. Sabia que a escavação era financiada por recursos privados — ou seja, não estava vinculada a nenhuma universidade ou instituição —, e, portanto, estava subordinada aos regulamentos restritivos que cerceavam muitas expedições. O resultado disso era que a competição para fazer parte da equipe havia sido acirrada. Shelagh estava trabalhando em Mas d'Azil, alguns quilômetros a noroeste de Foix, quando ouvira falar pela primeira vez na escavação nos Montes Sabarthès. O que ela dizia era que havia bombardeado o diretor Dr. Brayling com cartas, e-mails e cartas de recomendação até que finalmente, um ano e meio antes, conseguira dobrá-lo. Mesmo assim, Alice se perguntava de onde vinha aquela obsessão de Shelagh.

Alice olhou para baixo. Shelagh agora estava tão na frente montanha abaixo que Alice quase não conseguia mais vê-la, uma forma comprida e esguia meio encoberta pelos arbustos e pela vegetação rasteira das encostas mais baixas. Não havia como alcançá-la, mesmo que quisesse.

Alice suspirou. Não sabia o que pensar. Como sempre. Fazer tudo sozinha. É

melhor assim. Ela era muito auto-suficiente, preferindo não depender de mais ninguém.

Mas, naquele momento, não tinha certeza se lhe restava energia suficiente para voltar à

sede da escavação. O sol estava forte demais, e suas pernas demasiado fracas. Ela baixou os olhos para o corte no braço. Havia recomeçado a sangrar, mais do que nunca.

Alice correu os olhos pela paisagem castigada pelo verão dos Montes Sabarthès, ainda envolta em sua paz imemorial. Por um instante, sentiu-se bem. Então,

subitamente, teve consciência de outra sensação, uma comichão na base da espinha.

Expectativa, uma sensação de espera. Reconhecimento. Tudo termina aqui.

Alice começou a ofegar. Seu coração acelerou. Termina aqui onde começou.

Sua cabeça foi subitamente tomada por sussurros, sons desconexos, como ecos no tempo. Então as palavras gravadas na pedra no alto dos degraus voltaram à sua lembrança. Pas a pas. Ficaram rodando dentro de sua cabeça, como uma canção de ninar recordada pela metade.

E impossível. Bobeira sua.

Abalada, Alice pôs as mãos nos joelhos e forçou-se a se levantar. Precisava voltar para o acampamento. Insolação, desidratação: ela precisava sair do sol, beber um pouco de água.

Começou a descer devagar, sentindo nas pernas cada protuberância e cada irregularidade da montanha. Precisava sair de perto daquela pedra cheia de ecos, dos espíritos que viviam ali. Não sabia o que estava acontecendo com ela, só sabia que precisava fugir.

Pôs-se a andar mais depressa até estar quase correndo, tropeçando nas pedras e lascas pontiagudas que se projetavam da terra seca. Mas as palavras estavam enraizadas em sua mente e repetiam-se em alto e bom som, como um mantra.

Passo a passo vamos seguindo. Passo a passo.

CAPÍTULO 12

O termômetro marcava quase 33 graus à sombra. Eram quase três da tarde. Alice estava sentada sob o toldo de lona, bebericando obedientemente um refrigerante de laranja que alguém havia lhe dado. As bolhas mornas efervesciam em sua garganta enquanto o açúcar penetrava em sua corrente sangüínea. Havia no ar um cheiro forte de oleado, barracas e antisséptico.

O corte na parte interior de seu cotovelo havia sido esterelizado e o curativo

refeito. Uma gaze branca limpa fora enrolada em volta de seu pulso, que havia inchado até ficar do tamanho de uma bola de tênis. Seus joelhos e canelas estavam cobertos de pequenos arranhões e cortes, já devidamente limpos com desinfetante.

Foi você quem fez isso consigo mesma.

Olhou para o próprio reflexo no pequeno espelho pendurado no pau da barraca. Um rosto pequeno, em formato de coração, com olhos castanhos inteligentes a encarou de volta. Por baixo das sardas e do bronzeado, ela estava pálida. Tinha um aspecto horrível.

Seus cabelos estavam cheios de poeira, e havia manchas de sangue seco na parte da frente de sua camiseta.

Tudo que ela queria era voltar para o hotel em Foix, pôr as roupas imundas para lavar e tomar uma ducha demorada e fria. Então desceria até a praça, pediria uma garrafa de vinho e não se mexeria pelo resto do dia.

E não pensaria no que aconteceu.

Não parecia haver muitas probabilidades de isso acontecer.

A polícia havia chegado meia hora antes. No estacionamento mais embaixo, uma fila de carros oficiais brancos e azuis estava estacionada ao lado dos mais surrados Citroéns e Renaults dos arqueólogos. Parecia uma invasão.

Alice tinha imaginado que eles falariam com ela primeiro, mas, exceto por confirmar que ela havia encontrado os esqueletos e dizer que precisariam entrevistá-la no momento certo, a polícia a deixara em paz. Ninguém mais havia chegado perto dela.

Alice entendia. Todo aquele barulho, toda aquela confusão e perturbação era culpa sua.

Não havia nada que alguém pudesse dizer. De Shelagh não havia nem sinal.

A presença da polícia havia transformado o acampamento. Parecia haver dúzias de policiais, todos de camisas azul-claro e botas pretas na altura dos joelhos, com armas penduradas na cintura, invadindo a encosta da montanha como

insetos, levantando a poeira do chão e gritando instruções uns para os outros em um francês de sotaque carregado, falando depressa demais para ela conseguir entender.

Eles isolaram a caverna imediatamente, esticando uma tira de plástico na frente da entrada. O ruído de sua atividade ia longe no ar parado da montanha. Alice podia ouvir o zumbido das câmeras automáticas competindo com as cigarras.

Vozes vindas do estacionamento flutuaram até ela, trazidas pela brisa. Alice se virou e viu o Dr. Brayling subindo os degraus, acompanhado por Shelagh e pelo policial corpulento que parecia estar no comando da operação.

— É óbvio que esses dois esqueletos não têm como ser as duas pessoas que vocês estão procurando — insistia o Dr. Brayling. — Esses ossos claramente têm centenas de anos. Quando avisei às autoridades, eu nunca, nem sequer por um instante, imaginei que o resultado seria este. — Ele gesticulou à sua volta. — O senhor faz idéia do estrago que seu pessoal está fazendo? Posso lhe garantir que não estou nada satisfeito.

Alice examinou o inspetor, um homem de meia-idade, baixo, moreno e meio gorducho, com mais barriga do que cabelo. Estava ofegante e obviamente incomodado pelo calor. Segurava na mão um lenço embolado, com o qual enxugava o rosto e o pescoço sem muito sucesso. Mesmo àquela distância, Alice podia ver as rodelas de suor 74

sob suas axilas e nos punhos de sua camisa.

Peço desculpas pelo incômodo, monsieur le directeur— disse ele em um inglês vagaroso, educado. — Mas, como esta é uma escavação particular, tenho certeza de que o senhor vai poder explicar a situação para os seus patrocinadores.

O fato de termos a sorte de sermos financiados por um indivíduo, e não por uma instituição, não vem ao caso. O que é irritante, para não dizer inconveniente, é a interrupção sem motivo do nosso trabalho. O nosso trabalho aqui é muito importante.

Dr. Brayling, eu não posso fazer nada — disse Noubel, como se já estivessem tendo a mesma conversa há algum tempo. — Estamos no meio de uma investigação de assassinato. O senhor viu os cartazes das duas pessoas desaparecidas, oui? Então, inconveniente ou não, até termos provado sem

sombra de dúvida que os ossos que vocês encontraram não são dessas pessoas desaparecidas, o trabalho vai ser interrompido.

Não seja tolo, inspetor. Não há nenhuma dúvida de que os esqueletos têm centenas de anos!

O senhor examinou os esqueletos?

Bem, não — esbravejou Brayling. — Não a fundo, é claro que não.

Mas isso é óbvio. O seu pessoal legista vai poder confirmar o que eu estou dizendo.

Tenho certeza de que sim, Dr. Brayling, mas até lá... — Noubel deu de ombros. —

Não há nada mais a dizer.

Shelagh se intrometeu.

Nós entendemos a sua posição, inspetor, mas será que o senhor pelo menos poderia nos dar uma idéia de quando vão terminar seu trabalho aqui?

Bientôt. Em breve. Não sou eu quem dita as regras.

O Dr. Brayling ergueu as mãos no ar em um gesto de frustração.

Neste caso, vou ser forçado a falar com alguém com mais autoridade do que o senhor! Isto é totalmente ridículo.

Como quiser — respondeu Noubel. — Enquanto isso, além da senhora que encontrou os corpos, vou precisar de uma lista de todas as pessoas que entraram na caverna. Quando tivermos concluído nossa investigação preliminar, vamos retirar as ossadas da caverna, e então o senhor e sua equipe ficarão livres para entrar lá.

Alice ficou olhando aquela cena se desenrolar.

Brayling saiu furibundo, e Shelagh pousou a mão no braço do inspetor, depois a retirou imediatamente. Eles pareceram conversar. Em determinado momento,

viraram-se e olharam na direção do estacionamento. Alice seguiu a direção de seu olhar, mas não viu nada digno de interesse.

Meia hora se passou, e ninguém chegou perto dela.

Alice enfiou a mão dentro da mochila — imaginou que Stephen ou Shelagh a tivessem trazido lá de cima da montanha — e tirou um lápis e seu bloco de desenho.

Abriu-o na primeira página em branco.

Imagine-se em pé junto à entrada, olhando para dentro do túnel.

Alice fechou os olhos e viu a si mesma, os dedos de cada um dos lados da entrada estreita. Lisa. A pedra era surpreendentemente lisa, como se houvesse sido polida ou desgastada. Um passo à frente, no escuro.

O chão descia.

Alice começou a desenhar, trabalhando depressa agora que havia fixado as 75

dimensões do espaço em sua mente. Túnel, abertura, câmara. Em uma segunda folha, desenhou a área inferior, dos degraus até o altar, com os esqueletos a meio caminho entre os dois. Ao lado do esboço da caverna, fez uma lista dos objetos: faca, bolsinha de couro, fragmento de tecido, anel. A face do anel era totalmente lisa e plana, surpreendentemente grossa, com um fino sulco no meio. O fato de estar gravado na parte de baixo, onde ninguém podia ver, era estranho. Só a pessoa que o estivesse usando saberia que o anel era gravado. Gravado com uma réplica em miniatura do labirinto esculpido na parede atrás do altar.

Alice se reclinou na cadeira, por algum motivo relutante em desenhar aquela imagem no papel. Qual seria seu tamanho? O diâmetro talvez fosse dois metros? Mais?

Quantos circuitos havia?

Ela desenhou um círculo que ocupava a maior parte da página, depois parou.

Quantas linhas? Alice sabia que reconheceria o desenho se tornasse a vê-lo, mas já que só havia segurado o anel por alguns segundos e só visto o desenho ao

longe no escuro, era difícil se lembrar com exatidão.

Em algum lugar no sótão bagunçado que era sua mente estava a informação de que ela precisava. Aulas de latim e história na escola; aninhada no sofá com os pais assistindo a documentários da BBC. Em seu quarto, uma pequena estante com seu livro favorito na prateleira de baixo. Uma enciclopédia ilustrada de mitos antigos, suas páginas brilhantes e coloridas deformadas por orelhas nos cantos, tantas eram as vezes que ela as havia lido.

Havia uma imagem de um labirinto.

Mentalmente, Alice procurou a página certa.

Mas era diferente. Pôs as imagens lembradas lado a lado, como em um jogo de sete erros de jornal.

Pegou o lápis e tentou de novo, decidida a fazer algum progresso. Desenhou outro círculo dentro do primeiro, tentando juntá-los. Não conseguiu. A tentativa seguinte não foi mais feliz, nem a que fez depois disso. Ela percebeu que não era apenas uma questão de quantos anéis devia haver em espiral na direção do centro, mas sim de que havia algo fundamentalmente errado com seu desenho.

Alice continuou, a animação inicial dando lugar a uma frustração deprimida. A coleção de bolinhas de papel amassado ao redor de seus pés crescia.

— Madame Tanner?

Alice sobressaltou-se, fazendo o lápis sair voando por cima do papel.

— Docteur — corrigiu ela automaticamente, pondo-se de pé.

—Je vous demande pardon, docteur. Je m 'appelle Noubel. Police Judiciaire, département de l'Ariege.

Noubel mostrou-lhe sua identidade. Alice fingiu que a lia, ao mesmo tempo em que enfiava todas as suas coisas na mochila. Não queria que o inspetor visse seus esboços fracassados.

Vous préferez parler en anglais?

Seria melhor, sim, obrigada.

O inspetor Noubel estava acompanhado por um oficial uniformizado de olhos alertas, rápidos. Ele mal parecia ter idade para ter saído da escola. Não foi apresentado.

Noubel espremeu-se em outra das precárias cadeiras dobráveis. Quase não coube nela. Suas coxas se projetavam por sobre o assento de lona.

Et alors, madame. Seu nome todo, por favor.

Alice Grace Tanner.

76

Data de nascimento.

Sete de janeiro de 1974.

É casada?

Isso é relevante? — disparou ela.

É só para informação, Dra. Tanner — disse ele, afável.

Não — respondeu ela. — Não sou casada.

Seu endereço.

Alice deu-lhe os detalhes do hotel em Foix onde estava hospedada, e também seu endereço de casa, soletrando letra por letra as palavras inglesas pouco familiares para ele.

É uma boa distância para vir de Foix até aqui todos os dias.

Não tinha lugar na sede da escavação, então...

Bien. A senhora é voluntária, é isso?

Isso. Shelagh... a Dra. O'Donnell... é uma das minhas amigas mais antigas. Nós fizemos a universidade juntas, antes...

Responda apenas às perguntas. Ele não precisa saber a história da sua vida.

— Estou só visitando. A Dra. O'Donnell conhece bem esta parte da França.

Quando ficou sabendo que eu tinha negócios a resolver em Carcassonne, Shelagh sugeriu que eu passasse alguns dias aqui para podermos ter mais tempo juntas. Uma mistura de férias e trabalho.

Noubel anotava em seu bloquinho.

— A senhora não é arqueóloga?

Alice sacudiu a cabeça, negando.

Mas aparentemente é comum eles usarem voluntários, amadores interessados ou estudantes de arqueologia para fazer um pouco do serviço básico.

Quantos outros voluntários estão aqui?

Ela enrubesceu, como se houvesse sido pega contando uma mentira.

Na verdade, nenhum, não agora. São todos estudantes de arqueologia.

Noubel olhou para ela com interesse.

E a senhora fica aqui até...?

Hoje é meu último dia. Pelo menos era... mesmo antes disto tudo.

E Carcassonne?

Tenho uma reunião lá na quarta-feira de manhã, depois alguns dias para passear pela região. Meu vôo de volta para a Inglaterra é no domingo.

Linda cidade — disse Noubel.

— Não conheço.

Noubel suspirou e enxugou a testa vermelha de novo com o lenço.

E qual a natureza dessa reunião?

Não tenho muita certeza. Uma parente que morava aqui na França me deixou alguma coisa de herança. — Ela fez uma pausa, relutando em prosseguir. — Vou saber 77

mais depois que tiver me encontrado com a advogada na quarta-feira.

Noubel fez outra anotação. Alice tentou ver o que ele estava escrevendo, mas não conseguiu decifrar sua caligrafia de cabeça para baixo. Para seu alívio, ele abandonou aquele assunto e continuou.

Então a senhora é médica... — Noubel deixou o comentário em suspenso.

Não sou doutora em medicina — respondeu ela, aliviada por falar de coisas mais seguras. — Sou professora universitária, tenho doutorado. Em literatura inglesa medieval. — Noubel pareceu não entender. — Pas médecin.

Pas généraliste — disse ela. — Je suis universitaire.

Noubel suspirou e fez outra anotação.

— Bien. Aux affaires— Seu tom não era mais de conversa. —A senhora estava trabalhando sozinha lá em cima. Isso é comum?

Alice imediatamente se pôs na defensiva.

—Não — respondeu cautelosa —, mas, como era meu último dia, eu quis continuar, mesmo que meu parceiro não estivesse presente. Eu tinha certeza de que tinha descoberto alguma coisa.

Debaixo da pedra que protegia a entrada? Só para esclarecer, como se decide quem vai escavar onde?

O Dr. Brayling e Shelagh... a Dra. O'Donnell... têm um plano do que querem fazer dentro do tempo disponível. Eles dividem a escavação a partir desse plano.

— Então o Dr. Brayling a mandou para aquela área? Ou a Dra. O'Donnell?

Instinto. Eu simplesmente sabia que havia alguma coisa ali.

— Bem, não. Eu subi mais a encosta da montanha porque tinha certeza de que

havia alguma coisa... — Ela hesitou. — Não consegui encontrar a Dra. O'Donnell para pedir a permissão dela... então tomei uma... decisão executiva.

Noubel franziu o cenho.

— Entendo. Então a senhora estava lá trabalhando. A pedra se soltou. Caiu. E

depois?

Havia lacunas nítidas em sua memória, mas Alice fez o melhor possível. O inglês de Noubel, embora formal, era bom, e suas perguntas eram diretas.

— Foi aí que ouvi alguma coisa no túnel atrás de mim, e eu...

De repente, as palavras secaram em sua garganta. Algo que ela havia suprimido de sua memória voltou com um baque, a sensação de ardência no peito, como se...

Como se o quê?

A própria Alice deu a resposta. Como se eu tivesse levado uma facada. Tinha sido essa a sensação. Uma lâmina entrando em sua carne, precisa e certeira. Não houvera dor, somente uma lufada de ar frio e um terror difuso.

E depois?

A luz brilhante, gelada e etérea. E, escondida em seu interior, um rosto. Um rosto de mulher.

A voz de Noubel interrompeu a torrente de suas lembranças, estilhaçando-as em todas as direções.

— Dra. Tanner?

Será que eu estava tendo uma alucinação?

Dra. Tanner. Quer que eu mande chamar alguém?

Alice o fitou por um instante com os olhos vazios.

Não, não, obrigada. Estou bem. E só o calor.

A senhora estava dizendo como foi surpreendida pelo barulho...

Ela se forçou a se concentrar.

Foi. A escuridão me desorientou. Eu não conseguia distinguir de onde vinha o som, e me assustei. Mas depois me dei conta de que eram só Shelagh e Stephen...

Stephen?

Stephen Kirkland. K-i-r-k-l-a-n-d.

Noubel virou o bloquinho na direção dela para confirmar a grafia. Alice assentiu.

— Shelagh reparou na pedra e foi ver o que estava acontecendo. Stephen foi junto, imagino. — Ela tornou a hesitar. — Não tenho certeza exatamente do que aconteceu depois disso. — Dessa vez a mentira lhe veio facilmente aos lábios. — Eu devo ter tropeçado nos degraus ou alguma coisa assim. A coisa seguinte de que me lembro é de Shelagh chamando o meu nome.

—A Dra. O'Donnell diz que a senhora estava inconsciente quando eles a encontraram.

Só por alguns instantes. Não acho que eu possa ter ficado mais de um minuto ou dois desmaiada. De qualquer forma, não pareceu muito tempo.

A senhora costuma ter desmaios, Dra. Tanner?

Alice sobressaltou-se quando a lembrança terrível da primeira vez que aquilo tinha acontecido lhe varou a mente.

— Não — mentiu.

Noubel não percebeu como ela havia ficado pálida.

A senhora diz que estava escuro — falou ele — e que foi por isso que caiu. Mas antes disso a senhora tinha uma luz?

Eu tinha um isqueiro, mas deixei cair quando ouvi o barulho. E o anel também.

A reação dele foi imediata.

Anel? — perguntou, incisivo. — A senhora não disse nada sobre nenhum anel.

Tinha um anel de pedra pequeno no chão entre os dois esqueletos — disse ela, alarmada pela expressão no rosto dele. — Eu o peguei com a pinça, para ver melhor, mas antes...

Que tipo de anel? — interrompeu ele. — Feito de quê?

Não sei. Algum tipo de pedra; não era de prata, nem de ouro, nem nada assim. Na verdade, não cheguei a ver muito bem.

Tinha alguma coisa gravada? Letras, um selo, um desenho?

Alice abriu a boca para responder, em seguida tornou a fechá-la. Subitamente, não estava mais com vontade de contar nada a ele.

— Desculpe. Foi tudo muito rápido.

Noubel ficou olhando para ela com raiva por um instante, em seguida estalou os dedos chamando o jovem oficial em pé às suas costas. Alice notou que o rapaz também estava agitado.

— Biau. On a trouvé quelque chose comme ça?

— Je ne sais pas, monsieur l'inspecteur.

— Dépêchez-vous, alors. IL faut le chercher... Et informez monsieur Authié.

Allez! Vite!

Agora que o efeito dos analgésicos começava a passar, uma dor insistente latejava atrás dos olhos de Alice.

— A senhora tocou em mais alguma coisa, Dra. Tanner?

Ela esfregou as têmporas com os dedos.

Eu sem querer tirei um dos crânios do lugar com o pé. Mas, fora isso e o anel, nada. Como eu já disse.

E a peça que encontrou debaixo da pedra?

A fivela? Dei para a Dra. O'Donnell depois que saímos da caverna — respondeu ela, ligeiramente incomodada pela lembrança. — Não tenho idéia do que ela fez com a fivela.

Noubel não estava mais escutando. Não parava de olhar por cima do próprio ombro. Por fim, parou de fingir e fechou o bloquinho com um estalo.

Se a senhora puder fazer a gentileza de esperar, Dra. Tanner. Posso precisar lhe fazer mais perguntas.

Mas eu não vou poder lhe dizer mais nada... — Alice começou a protestar. — Não posso pelo menos me juntar aos outros?

Depois. Por enquanto, seria bom se pudesse ficar aqui.

Alice tornou a afundar na cadeira, irritada e exausta, enquanto Noubel saía com dificuldade da barraca e começava a subir a montanha até onde um grupo de oficiais uniformizados examinava a pedra grande.

Quando Noubel chegou perto, o círculo se abriu, o suficiente para Alice poder ver um civil alto em pé no meio dos outros.

O ar lhe fugiu.

Vestindo um bem-cortado terno de verão verde claro e uma camisa branca engomada, aquele homem estava obviamente no comando. Sua autoridade era evidente, alguém acostumado a dar ordens e vê-las ser obedecidas. Ao seu lado, Noubel parecia amarfanhado e mal cuidado. Alice sentiu uma comichão de incômodo.

Não eram apenas as roupas e a atitude do homem que o destacavam dos outros.

Mesmo daquela distância, Alice podia sentir a força de sua personalidade e de seu carisma. Seu rosto era pálido e ossudo, a magreza acentuada pelo modo como seus cabelos estavam penteados para trás, descobrindo-lhe a testa larga.

Havia algo de monástico nele. Algo familiar.

Deixe de ser boba. Como pode conhecer este homem?

Alice se levantou e foi até a entrada da barraca, olhando com interesse para os dois homens que se afastavam do grupo. Estavam conversando. Ou melhor, Noubel estava falando, enquanto o outro homem escutava. Depois de mais alguns segundos, este último se virou e subiu até a entrada da caverna. O oficial encarregado levantou a fita plástica, ele passou por debaixo dela e desapareceu.

Sem nenhum motivo que ela fosse capaz de explicar, as palmas das mãos de Alice começaram a suar de nervosismo. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram, como quando ela havia escutado o barulho dentro da câmara. Ela mal conseguia respirar.

Isto é tudo culpa sua. Você levou ele até lá.

Alice se empertigou. Do que você está falando?Mas a voz em sua mente se recusava a se calar.

80

Você levou ele até lá.

Seus olhos se voltaram mais uma vez para a entrada da caverna, parecendo atraídos por um ímã. Ela não conseguia evitar. A idéia daquele homem ali, depois de tudo que havia sido feito para manter o labirinto escondido.

Ele vai encontrar.

— Encontrar o quê? — murmurou ela para si mesma. Não tinha certeza.

Mas desejou ter pego o anel quando tinha tido oportunidade.

CAPÍTULO 13

Noubel não entrou na caverna. Em vez disso, ficou esperando do lado de fora sob a sombra cinza da protuberância de pedra, com o rosto vermelho.

Ele sabe que alguma coisa não está certa, pensou Alice. De vez em quando,

lançava um comentário para o oficial encarregado, e fumava um cigarro atrás do outro, acendendo-o na guimba do anterior. Alice escutava música para ajudar a passar o tempo. O som da banda Nickelback berrava em seus ouvidos, eliminando todos os outros sons.

Quinze minutos depois, o homem de terno reapareceu. A estatura de Noubel e do oficial pareceu aumentar vários centímetros. Alice tirou os fones de ouvido e tornou a colocar a cadeira na posição original, antes de tornar a se postar em seu lugar na entrada da barraca.

Observou os dois homens descerem juntos da caverna.

— Eu estava começando a pensar que o senhor tinha se esquecido de mim, inspetor — disse ela quando eles chegaram perto o suficiente para poder ouvi-la.

Noubel resmungou um pedido de desculpas, mas não a olhou nos olhos.

— Dra. Tanner, je vous presente monsieur Authié.

De perto, a primeira impressão de Alice, de um homem de presença e carisma, foi reforçada. Mas os olhos cinzentos dele eram frios e clínicos. Ela imediatamente se sentiu na defensiva. Lutando contra a antipatia que estava sentindo, estendeu a mão. Depois de hesitar por um instante, Authié a apertou. Seus dedos eram frios e seu cumprimento, flácido. Aquilo fez a pele de Alice se arrepiar.

Ela soltou a mão o mais rápido que pôde.

Vamos entrar? — disse ele.

O senhor também é da Police Judiciaire, monsieur Authié?

Um esboço de reação percorreu seus olhos, mas ele nada disse. Alice esperou, perguntando-se se seria possível ele não tê-la ouvido. Noubel mexia os pés, pouco à

vontade naquele silêncio.

— Monsieur Authié é da mairie, da prefeitura. De Carcassonne.

— É mesmo? — Ela achou surpreendente que Carcassonne pertencesse à

mesma jurisdição de Foix.

Authié acomodou-se na cadeira de Alice, deixando-a sem alternativa que não sentar-se de costas para a entrada. Ela estava alerta, cautelosa com ele.

Ele tinha o sorriso ensaiado de um político, prestativo, atento e superficial. O

sorriso não chegava a seus olhos.

81

Tenho uma ou duas perguntas para a senhora, Dra. Tanner.

Não tenho certeza se posso dizer mais alguma coisa ao senhor. Eu já disse ao inspetor tudo o que me lembrava.

O inspetor Noubel me fez um resumo completo do seu depoimento, mas eu vou precisar que a senhora repita tudo outra vez. Há algumas discrepâncias, alguns pontos na sua história que precisam ser esclarecidos. Pode ser que a senhora tenha se esquecido de alguns detalhes antes, coisas que pareceram insignificantes na hora.

Alice mordeu a língua.

— Eu contei tudo ao inspetor — repetiu ela, teimosa.

Authié uniu as pontas dos dedos e as pressionou umas nas outras, ignorando as objeções dela. Não estava sorrindo.

— Vamos começar pelo instante em que a senhora entrou na câmara, dra. Tanner.

Passo a passo.

Alice sobressaltou-se diante de sua escolha de palavras. Passo a passo? Será que aquilo era um teste? O rosto dele nada revelava. Os olhos dela foram atraídos por um crucifixo de ouro que ele usava em torno do pescoço, depois voltaram a fitar seus olhos cinza, ainda fixos nela.

Sentindo que não tinha escolha, ela recomeçou a falar. No início, Authié escutou com um silêncio tenso, concentrado. Então começou o interrogatório. Ele está tentando me pegar em alguma contradição.

—As palavras inscritas no alto dos degraus estavam legíveis, dra. Tanner? A senhora as leu?

A maioria das letras estava apagada — disse ela, superior, desafiando-o a contradizê-la. Quando ele não o fez, Alice sentiu uma lufada de satisfação.

— Desci os degraus até o nível inferior, em direção ao altar. Foi então que vi as ossadas.

Tocou nelas?

—Não.

Ele emitiu um leve som, como se não acreditasse nela, depois vasculhou os bolsos da jaqueta.

— Isto é seu? — perguntou, abrindo a mão para revelar seu isqueiro de plástico azul.

Alice estendeu a mão para pegá-lo, mas ele recolheu o braço.

Pode me devolver, por favor?

É seu, dra. Tanner?

É.

Ele aquiesceu, depois tornou a pôr o isqueiro no bolso.

— A senhora diz que não tocou nos corpos, mas disse o contrário ao inspetor Noubel mais cedo.

Alice ficou vermelha de vergonha.

Foi um acidente. Eu esbarrei em um dos crânios com o pé, mas não cheguei exatamente a tocar neles.

Dra. Tanner, isto vai ser mais fácil se a senhora simplesmente responder às minhas perguntas. — A mesma voz fria, dura.

Não estou entendendo o quê...

82

Qual era o aspecto dos corpos? — perguntou ele, incisivo.

Alice sentiu Noubel se retrair diante do tom agressivo, mas ele não fez menção de intervir. Com o estômago revirado de aflição, ela descreveu da melhor maneira que foi capaz.

E o que a senhora viu entre os corpos?

Uma adaga, um tipo de faca. Tinha também uma bolsinha, de couro, acho. — Não deixe ele intimidar você. — Não sei direito, já que não toquei em nada.

Authié apertou os olhos.

A senhora olhou dentro da bolsinha?

Eu já disse, não toquei em cada...

Com exceção do anel, claro. — Ele subitamente se inclinou para a frente, como uma cobra prestes a dar o bote. — E isso eu acho misterioso, dra. Tanner. O que estou me perguntando é por que a senhora se interessaria tanto pelo anel a ponto de pegá-lo do chão, e mesmo assim não tocar em mais nada.

Está entendendo por que eu estou confuso?

Alice o encarou de volta.

— O anel chamou minha atenção. Só isso.

Ele deu um sorriso sardônico.

— No breu quase completo da caverna, a senhora reparou nesse objeto específico, pequeníssimo? Que tamanho deve ter esse anel? Talvez o mesmo de uma moeda de um euro? Um pouco maior, um pouco menor?

Não diga nada a ele.

— Pensei que o senhor fosse capaz de avaliar sozinho as dimensões do anel — disse ela friamente.

Ele sorriu. Com uma sensação de fracasso, Alice percebeu que, de alguma forma, havia feito o que ele queria.

— Quem me dera, dra. Tanner — disse ele, calmo. — Mas agora nós chegamos ao centro da questão. Não tem nenhum anel lá dentro.

Alice ficou gelada.

Como assim?

Exatamente o que eu disse. O anel não está lá. Todo o resto está, mais ou menos como a senhora descreveu. Mas o anel, não.

Alice recuou quando Authié pôs as mãos em sua cadeira e aproximou seu rosto magro e pálido do dela.

— O que você fez com ele, Alice? — sussurrou ele.

Não deixe ele intimidar você. Você não fez nada de errado.

Eu disse ao senhor exatamente o que aconteceu — falou ela, lutando para não deixar a voz ser contaminada pelo medo. — O anel caiu da minha mão quando eu deixei cair o isqueiro. Se ele não está mais lá agora, alguém deve ter pego. Eu é que não fui. —

Ela se atreveu a lançar um olhar para Noubel. — Se tivesse sido eu, por que eu falaria no anel, para começo de conversa?

Ninguém além da senhora alega ter visto esse misterioso anel, o que nos deixa duas alternativas — disse ele, ignorando seus comentários. — A primeira é que a senhora está enganada quanto ao que viu. Ou será que a senhora pegou o anel?

O inspetor Noubel finalmente interveio.

Monsieur Authié, eu realmente não acho...

Você não é pago para achar — disparou o outro, sem sequer olhar para o inspetor.

Noubel enrubesceu. Authié continuou a olhar para Alice. — Eu só estou afirmando os fatos.

Alice sentiu que estava travando uma batalha, mas ninguém tinha lhe avisado quais eram as regras. Ela estava dizendo a verdade, mas não conseguia encontrar um jeito de convencê-lo.

— Muitas pessoas entraram na caverna depois de mim — disse, esquivando-se. —

Os legistas, os policiais, o inspetor Noubel, o senhor. — Ela o encarou, desafiadora. — O

senhor ficou lá dentro por um bom tempo. — Noubel soltou um arquejo. — Shelagh O'Donnel pode confirmar o que eu estou dizendo sobre o anel. Por que o senhor não pergunta a ela?

Ele deu o mesmo meio-sorriso.

Eu já perguntei. Ela diz que não sabe nada sobre o anel.

Mas eu contei para ela tudo sobre o anel — exclamou Alice. — Ela mesma procurou.

A senhora está dizendo que a dra. O'Donnell examinou a cova? — perguntou ele, abrupto.

O medo a impedia de pensar direito. Seu cérebro já não funcionava. Ela não conseguia mais se lembrar do que tinha dito a Noubel e do que tinha omitido.

Foi a dra. O'Donnell quem autorizou a senhora a escavar naquele ponto?

Não, não foi isso — disse ela, o pânico aumentando.

Bom, ela fez alguma coisa para evitar que a senhora fosse escavar naquela parte

da montanha?

Não é tão simples assim.

Ele tornou a se reclinar na cadeira.

Neste caso, infelizmente nós não temos escolha.

Em relação a quê?

O olhar dele se desviou para sua mochila. Alice se projetou para tentar pegá-la, mas não foi rápida o suficiente. Authié chegou primeiro, e atirou a mochila para o inspetor Noubel.

O senhor não tem esse direito! — gritou ela. Virou-se para o inspetor. — Ele não pode fazer isso, pode? Por que o senhor não faz nada?

Por que negar, se a senhora não tem nada a esconder? — perguntou Authié.

É uma questão de princípio! O senhor não pode simplesmente revistar as minhas coisas!

Monsieur Authié, je ne suis pas certain...

Faça o que eu estou mandando, Noubel, só isso.

Alice tentou agarrar a mochila. O braço de Authié se esticou e segurou seu pulso.

Ela ficou tão chocada com aquele contato físico que congelou. Suas pernas começaram a tremer, mas ela não sabia dizer se era de raiva ou de medo.

Desvencilhou o braço da mão de Authié e reclinou-se na cadeira, ofegando, enquanto Noubel revistava os bolsos de sua mochila.

— Continuez. Dépêchez-vous.

Alice ficou olhando enquanto ele passava ao compartimento principal da mochila, sabendo que era apenas uma questão de segundos até ele encontrar seu bloco de 84

desenho. O inspetor cruzou o olhar com o dela. Ele também está achando isto um absurdo. Infelizmente, Authié também percebeu a ligeira hesitação de Noubel.

O que foi, inspetor?

Pas de bague.

O que foi que você encontrou? — perguntou Authié, estendendo a mão. Relutante, Noubel estendeu-lhe o bloco. Authié folheou as páginas com um ar de superioridade no rosto. Então seus olhos se apertaram e, por um instante, Alice viu neles uma surpresa genuína, antes de as pálpebras tornarem a se abaixar e escondê-los.

Ele fechou o bloco de desenho com um estalo.

Merci de votre... collaboration, dra. Tanner — disse ele.

Alice também se levantou.

Meus desenhos, por favor — disse, tentando manter a voz calma.

— Eles vão ser devolvidos na hora certa — disse ele, pondo o bloco de desenho no bolso. —A mochila também. O inspetor Noubel vai providenciar um recibo pela mochila e datilografar seu depoimento para a senhora assinar.

Alice ficou surpresa pelo fim súbito e abrupto da entrevista. Quando conseguiu se recuperar, Authié já havia saído da barraca levando consigo seus pertences.

— Por que o senhor não faz nada? — perguntou, virando-se para Noubel.

— Não pense que eu vou deixar a atitude dele por isso mesmo.

A expressão de Noubel endureceu.

Pode deixar que eu vou recuperar a sua mochila, dra. Tanner. Meu conselho é que a senhora continue suas férias. Esqueça tudo isso.

Nem pensar, eu não vou deixar isto assim de jeito nenhum! — gritou ela, mas Noubel já tinha ido embora, deixando-a sozinha no meio da barraca, a se

perguntar que diabo tinha acabado de acontecer.

Por um instante, ela não soube o que fazer. Estava furiosa, tanto consigo mesma quanto com Authié, por ter se deixado intimidar com tanta facilidade. Mas ele é

diferente. Ela nunca havia sentido tanta repulsa por alguém na vida.

O choque foi passando aos poucos. Ela se sentiu tentada a denunciar Authié

imediatamente ao dr. Brayling, ou mesmo a Shelagh; queria fazer alguma coisa. Desistiu da idéia. Levando em conta que naquele momento ela era persona non grata, ninguém se mostraria muito receptivo.

Alice viu-se forçada a se contentar em escrever mentalmente uma carta de reclamação, enquanto relembrava e tentava entender o que havia acontecido. Pouco tempo depois, um policial diferente trouxe a declaração para ela assinar. Alice leu o documento com atenção, mas até onde pôde constatar era um relato fiel de seu depoimento; ela rabiscou sua assinatura no pé da página sem hesitação.

Quando os ossos foram finalmente retirados da caverna, os Pireneus estavam banhados por uma suave luz vermelha.

Todos se calaram quando a sombria procissão começou a descer a encosta rumo ao estacionamento, onde a fila de carros brancos e azuis da polícia estava à espera. Uma mulher fez o sinal da cruz quando eles passaram.

Alice juntou-se aos outros no alto da colina para ver a polícia carregar o furgão da funerária. Ninguém dizia nada. As portas foram trancadas, e então o veículo acelerou e saiu do estacionamento, deixando atrás de si uma chuva de cascalho e poeira. A maioria de seus colegas tornou a subir logo em seguida para recolher seus pertences, supervisionados por dois policiais que isolariam o local quando todos estivessem prontos 85

para ir embora. Alice ficou um pouco para trás, sem vontade de encontrar ninguém, sabendo que seria ainda mais difícil lidar com a compreensão dos outros do que com sua hostilidade.

De sua posição elevada na colina, Alice ficou olhando o comboio solene ziguezaguear vale abaixo, ficando cada vez menor, até não ser mais do que um

borrão no horizonte.

A sede da escavação havia ficado silenciosa à sua volta. Percebendo que não poderia esperar mais, Alice estava se preparando para tornar a subir também quando percebeu que Authié ainda não tinha ido embora. Chegou um pouco mais perto, observando com interesse enquanto ele arrumava o paletó com cuidado no banco de trás de seu carro de luxo prateado. Ele bateu a porta e tirou um celular do bolso. Alice pôde ouvir o leve tamborilar de seus dedos no teto do carro enquanto ele esperava a ligação se completar.

Quando ele falou, a mensagem foi breve e direta.

— Ce n 'est plus là — foi tudo que ele disse. Sumiu.

CAPÍTULO 14

Chartres

A grande catedral gótica de Notre Dame de Chartres erguia-se alta acima da colcha de retalhos formada pelos telhados e cumeeiras avermelhados e pelas casas que coalhavam o centro histórico da cidade, feitas de madeira e calcário.

Turistas se acotovelavam na Porta Oeste da catedral. Homens empunhavam câmeras de vídeo como se fossem armas, registrando mais do que vivenciando o brilhante caleidoscópio de cores que se derramava das três janelas pontudas acima da Porta Real.

Até o século XVIII, as nove entradas que conduziam ao interior da catedral podiam ser trancadas em caso de perigo. Havia muito tempo que os portões já não existiam, mas a mentalidade perdurava. Chartres ainda era uma cidade com duas metades, a antiga e a nova. As ruas mais elegantes ficavam ao norte do claustro, onde antes se erguia o Palácio do Bispo. Os pálidos edifícios de pedra estavam solenemente voltados para a catedral, envoltos em uma atmosfera de influência e poder católicos com séculos de idade.

A casa da família de l'Oradore dominava a rue du Cheval Blanc. Ela havia sobrevivido à Revolução e à Ocupação, e agora era um símbolo tradicional de riqueza.

Sua aldraba e caixa de correio de bronze reluziam, e os arbustos dos canteiros

que ladeavam os degraus diante da porta de entrada de folha dupla estavam perfeitamente aparados.

A porta da frente dava para um hall imponente. O piso era de madeira escura e encerada, e um pesado vaso de lírios brancos recém-cortados repousava no centro de uma mesa oval. Nos cantos, cristaleiras — todas equipadas com um discreto sistema de alarme — abrigavam uma coleção inestimável de artefatos egípcios comprados pela família de l'Oradore depois do retorno triunfal de Napoleão de suas campanhas no norte da África, no início do século XIX. Era uma das maiores coleções particulares de objetos egípcios de que se tinha notícia.

A atual chefe da família, Marie-Cécile de l'Oradore, negociava antigüidades de todos os períodos, embora compartilhasse a preferência do falecido avô pelo passado medieval.

Duas grandes tapeçarias francesas pendiam da parede revestida de madeira em frente à

porta principal, ambas compradas depois que ela recebera sua herança, cinco anos 86

antes. As peças mais valiosas da família — quadros, jóias, manuscritos — estavam trancadas no cofre, fora de vista.

No quarto principal do primeiro andar da casa, que dava para a rue du Cheval Blanc, Will Franklin, atual amante de Marie-Cécile, estava deitado de costas sobre a cama de baldaquino, com o lençol cobrindo seu corpo até a cintura.

Seus braços bronzeados estavam dobrados atrás da cabeça, e seus cabelos castanho claros, com mechas alouradas pelos verões passados em Martha's Vineyard durante a infância, emolduravam um rosto atraente e um sorriso de menino desamparado.

Marie-Cécile estava sentada ao lado da lareira em uma poltrona ornamentada em estilo Luís XIV, as pernas compridas e lisas cruzadas nos joelhos. O brilho de marfim de sua camisola de seda cintilava, em contraste com o estofado de veludo azul.

Ela possuía o perfil típico da família de l'Oradore: uma beleza pálida, aquilina,

embora os lábios fossem sensuais e cheios, e os olhos verdes de felino fossem arrematados por generosos cílios negros. Seus cachos pretos perfeitamente aparados roçavam o alto de ombros bem formados.

— Este quarto é o máximo — disse Will. — E o ambiente perfeito para você.

Elegante, caro, discreto.

Os pequenos brincos de diamante em suas orelhas reluziram quando ela se inclinou para apagar o cigarro.

— Este era o quarto do meu avô.

Seu inglês era impecável, revelando apenas um leve indício de sotaque francês que ainda o deixava excitado. Ela se levantou e atravessou o quarto na direção dele, sem que seus pés fizessem nenhum ruído sobre o grosso tapete azul-claro.

Will sorriu, imaginando o que estava por vir, enquanto inalava o cheiro que era só

dela: sexo, Chanel e uma pitada de Gauloise.

— Vire — disse ela, fazendo um movimento giratório com o dedo no ar.

— Vire de bruços.

Will fez o que ela dizia. Marie-Cécile começou a massagear-lhe o pescoço e os ombros largos. Ele pôde sentir o próprio corpo se esticar e relaxar sob o toque dela.

Nenhum dos dois prestou atenção ao barulho da porta da frente abrindo e fechando no térreo. Ele sequer se deu conta das vozes que ecoavam pelo hall, dos passos que subiam os degraus da escada de dois em dois e prosseguiam largos pelo corredor.

Ouviram-se algumas batidas firmes na porta do quarto.

Maman!

Will se retesou.

É só o meu filho — disse ela. — Oui? Qu'est-ce que c'est?

Maman! Je veux te parler.

Will levantou a cabeça.

Achei que ele só fosse voltar amanhã.

E ia.

Maman!— repetiu François-Baptiste. — C'est important.

Se eu estiver atrapalhando... — disse ele, incomodado.

Marie-Cécile continuou a massagear-lhe os ombros.

— Ele sabe que não é para me incomodar. Eu falo com ele depois. — Ela levantou a 87

voz. — Pas maintenant, François-Baptiste. — Em seguida, enquanto descia as mãos por suas costas, acrescentou em inglês para Will também en tender: — Agora não é... uma boa hora.

Will se virou de costas e se sentou, sentindo-se envergonhado. Durante os três meses desde que havia conhecido Marie-Cécile, ainda não encontrara seu filho. François-Baptiste estava estudando fora da cidade, depois de férias com amigos. Só agora lhe ocorria que Marie-Cécile havia combinado aquilo tudo.

Você não vai falar com ele?

Se você fizer questão — disse ela, deslizando para fora da cama. Abriu uma nesga da porta. Seguiu-se uma conversa abafada que Will não conseguiu escutar, depois o som de passos pesados se afastando pelo corredor. Ela girou a chave na fechadura e virou-se novamente de frente para ele.

Melhor assim? — perguntou baixinho.

Devagar, tornou a se aproximar dele, olhando-o por baixo da franja formada por seus longos cílios negros. Havia algo de deliberado em seus movimentos, como em um espetáculo, mas mesmo assim Will sentiu o próprio corpo reagir.

Ela o empurrou deitado na cama e subiu em cima dele, com uma perna de cada lado de seu quadril, envolvendo seus ombros com os braços elegantes. Suas unhas afiadas deixavam marcas de arranhões na pele dele. Ele podia sentir seus joelhos pressionando-lhe as laterais do corpo. Ergueu as mãos e correu os dedos por seus braços lisos e firmes, e roçou seus seios com as costas das mãos através do tecido. As finas alças de seda escorregaram com facilidade de seus ombros bem torneados.

O celular em cima da mesinha-de-cabeceira tocou. Will o ignorou. Abaixou a delicada camisola pelo corpo esguio dela até a cintura.

— Se for importante, eles ligam de novo.

Marie-Cécile relanceou os olhos para o número no visor. Imediatamente, sua atitude mudou.

— Preciso atender — disse.

Will tentou impedi-la, mas ela o empurrou com impaciência.

Agora, não.

Cobrindo-se, andou até a janela.

Oui. J'écoute.

Ele ouviu o chiado de uma ligação ruim.

Trouve-le, alors!— disse ela, e desligou. Com o rosto corado de raiva, Marie-Cécile pegou um cigarro e o acendeu. Suas mãos tremiam.

Algum problema?

No começo, Will achou que ela não o tivesse escutado. Ela parecia até ter esquecido que ele estava no quarto. Então olhou para ele.

— Um imprevisto — respondeu.

Will esperou, até perceber que aquela era a única explicação que iria receber, e que ela queria que ele fosse embora.

— Desculpe — disse ela, em tom conciliatório. — Eu preferiria mil vezes ficar com você, mas...

Irritado, Will se levantou e vestiu a calça jeans.

— Vejo você no jantar?

88

Ela fez uma careta.

Tenho um compromisso. De trabalho, acho que falei para você. — Ela deu de ombros. — Mais tarde, oui?

Mais tarde quando? Dez horas? Meia-noite?

Ela se aproximou e enlaçou os dedos dele com os seus.

— Desculpe.

Will tentou se desvencilhar, mas ela não deixou.

— Você sempre faz isso. Eu nunca sei o que está acontecendo.

Ela chegou mais perto até ele sentir os seios pressionados contra seu peito através da seda fina. Apesar do mau humor, Will sentiu o corpo corresponder.

É só assunto de trabalho — murmurou ela. — Não precisa ficar com ciúme.

Não estou com ciúme. — Ele já perdera a conta de quantas vezes haviam tido essa mesma conversa. — É que...

— Ce soir— disse ela, soltando-o. — Agora eu preciso me arrumar.

Antes de ele conseguir protestar, ela desapareceu no banheiro e fechou a porta atrás de si.

Quando Marie-Cécile saiu do banho, ficou aliviada ao ver que Will tinha ido embora.

Não teria ficado surpresa se o tivesse encontrado ainda esparramado na cama,

com aquele sorriso de menino desamparado na cara.

As demandas dele estavam começando a lhe dar nos nervos. Ele queria cada vez mais tempo e atenção do que ela estava preparada para dar. Parecia não estar entendendo a natureza do relacionamento deles. Ela precisaria dar um jeito naquilo.

Marie-Cécile tirou Will da cabeça. Olhou em volta. A empregada havia entrado e arrumado o quarto. Suas coisas estavam dispostas cuidadosamente sobre a cama. Seus chinelos dourados, feitos a mão, estavam no chão ao lado.

Ela acendeu outro cigarro da cigarreira. Estava fumando demais, mas estava nervosa nessa noite. Bateu a extremidade do filtro na tampa da cigarreira antes de acender. Mais uma mania herdada do avô, como tantas outras coisas.

Marie-Cécile foi até o espelho e deixou o roupão de seda branca escorregar de seus ombros. O tecido embolou-se no chão em volta de seus pés. Ela inclinou a cabeça para um dos lados e encarou o espelho com olhar severo. Um corpo alto e esguio, tão pálido que chegava a ser fora do padrão; seios fartos e empinados, pele imaculada. Correu as mãos por cima dos mamilos escuros e depois desceu mais, acompanhando o contorno dos ossos do quadril e da barriga lisa. Talvez houvesse algumas rugas a mais em torno dos olhos e da boca mas, fora isso, o tempo a havia poupado.

O relógio folheado a ouro na bancada em cima da lareira começou a bater, lembrando-lhe que deveria começar seus preparativos. Ela esticou a mão e tirou a combinação comprida e diáfana do cabide. Bem fechada nas costas, com um generoso decote em V na frente, havia sido feita sob medida para ela.

Marie-Cécile ajeitou as alças, finas tiras douradas, sobre os ombros angulosos, depois sentou-se diante da penteadeira. Escovou os cabelos, enrolando os cachos nos dedos até brilharem como azeviche polido. Adorava aquele instante de metamorfose, quando deixava de ser ela mesma e transformava-se na Navigatairé. Aquela transmutação a conectava, através do tempo, a todos aqueles que haviam ocupado o mesmo posto antes dela.

Marie-Cécile sorriu. Apenas seu avô entenderia como ela se sentia agora. Eufórica, entusiasmada, invencível. Não nessa noite, mas na vez seguinte em que fizesse isso, seria no lugar onde seus ancestrais haviam pisado um dia. Mas não ele. Era cruel pensar 89

em como a caverna estava perto do local das escavações de seu avô cinqüenta anos antes. Ele estivera certo o tempo todo. Por questão de poucos quilômetros para o leste, teria sido ele a descobrir a caverna, e não ela, agora prestes a mudar a história.

Ela havia herdado os negócios da família de l'Oradore depois da morte do avô, cinco anos antes. Ele a vinha preparando para aquele papel por mais tempo do que ela conseguia se lembrar. Seu pai — filho único — havia sido para ele uma decepção. Marie-Cécile percebera isso muito cedo. Quando tinha seis anos, o avô havia assumido sua educação — social, acadêmica e filosófica.

Ele tinha paixão pelas coisas belas da vida e um olhar fantástico para cor e formas.

Móveis, tapeçarias, alta costura, quadros, livros, seu gosto era irrepreensível. Tudo que ela valorizava em si mesma havia aprendido com ele.

Ele também lhe havia ensinado o poder, como usá-lo e como conservá-lo. Quando ela estava com 18 anos e ele pensava que estivesse pronta, seu avô havia deserdado formalmente o próprio filho e a nomeado herdeira no lugar deste.

Houvera apenas um único percalço em seu relacionamento: a gravidez inesperada e indesejada dela. Apesar de sua dedicação à Busca pelo segredo ancestral do Graal, o catolicismo de seu avô era forte e ortodoxo, e ele não aprovava crianças nascidas fora do casamento. Um aborto estava fora de cogitação. Adoção estava fora de cogitação. Foi somente quando ele viu que a maternidade não modificava a determinação dela — que, se fazia alguma diferença, era no sentido de intensificar seu caráter ambicioso e implacável — que lhe permitiu voltar a fazer parte de sua vida.

Ela deu uma tragada profunda no cigarro, acolhendo com prazer a fumaça quente que se enroscava garganta abaixo até seus pulmões, contrariada pela força das próprias lembranças. Mesmo agora, mais de vinte anos depois, a recordação de seu exílio a enchia de um desespero gelado. Sua excomunhão, como ele costumava dizer.

Uma boa descrição. Era a mesma sensação de estar morta.

Marie-Cécile sacudiu a cabeça para espantar os pensamentos ruins. Não queria que nada perturbasse sua disposição naquela noite. Não podia permitir que nada

lançasse uma sombra sobre aquela noite. Não queria nenhum erro.

Tornou a se virar para o espelho. Primeiro aplicou uma base clara e cobriu o rosto com um pó facial dourado que refletia a luz. Em seguida, realçou o contorno das pálpebras e das sobrancelhas com um lápis preto grosso, que acentuava seus cílios escuros e suas pupilas negras, depois aplicou uma sombra verde, iridescente como a cauda de um pavão. Para os lábios, escolheu um brilho metálico acobreado salpicado de partículas douradas, e beijou um lenço de papel para fazer aderir a cor. Por fim, borrifou uma nuvem de perfume no ar e deixou-a cair, como o orvalho, sobre a superfície de sua pele.

Três caixas estavam alinhadas em cima da penteadeira, seu couro vermelho e seus fechos de bronze polidos e reluzentes. Cada uma das jóias cerimoniais tinha vários séculos de idade, mas eram reproduções de peças milhares de anos mais antigas. Na primeira caixa havia um ornamento de cabeça feito de ouro, como uma tiara, que se erguia na frente formando uma ponta; na segunda, dois amuletos de ouro em forma de cobra, seus olhos cintilantes feitos de esmeraldas lapidadas; a terceira caixa continha um colar, uma sólida tira de ouro com um símbolo suspenso no meio. As superfícies cintilantes vibravam com a lembrança imaginária da poeira e do calor do antigo Egito.

Uma vez pronta, Marie-Cécile aproximou-se da janela. Lá embaixo, as ruas de Chartres estendiam-se como a imagem de um cartão-postal, as lojas, carros e restaurantes de sempre aninhados à sombra da grande catedral gótica. Daquelas mesmas casas logo sairiam os homens e mulheres escolhidos para participar do ritual daquela noite.

Ela fechou os olhos diante da paisagem familiar e do horizonte que escurecia. Agora não via mais as agulhas e claustros cinzentos. Em vez disso, na própria imaginação, via o 90

mundo inteiro estendido diante de si como um mapa resplandecente.

Ao seu alcance, enfim.

CAPITULO 15

Foix

Alice acordou sobressaltada por um assobio insistente em seus ouvidos.

Onde diabos eu estou? O telefone bege na prateleira em cima da cama tornou a tocar.

E claro. Seu quarto de hotel em Foix. Ela havia voltado da escavação, arrumado um pouco as malas, depois tomado uma ducha. A última coisa de que se lembrava era de se deitar na cama por cinco minutos.

Alice esticou a mão em busca do fone.

— Oui. Allo?

O dono do hotel, monsieur Annaud, tinha um forte sotaque regional, cheio de vogais chapadas e consoantes anasaladas. Alice já achava complicado entender o que ele dizia frente a frente. Pelo telefone então, sem a ajuda de suas sobrancelhas e gestos, era impossível. Ele parecia um personagem de desenho animado.

— Plus lentement, s'il vousplait— disse ela, tentando fazê-lo falar mais devagar. —

Vous parlez trop vite. Je ne comprends pas.

Houve uma pausa. Ela ouviu murmúrios rápidos ao fundo. Então madame Annaud entrou na linha e explicou que uma pessoa estava esperando Alice na recepção.

— Une femme?—perguntou ela, esperançosa.

Alice havia deixado um bilhete para Shelagh na sede da escavação, assim como uns dois recados na caixa postal de seu celular, mas não tivera notícias.

— Non, c'est un homme— respondeu madame Annaud.

— OK— disse ela com um suspiro desapontado. — J'arrive. Deux minutes.

Passou um pente nos cabelos ainda úmidos, depois vestiu uma saia e uma camiseta, calçou um par de alpargatas e desceu as escadas, perguntando-se quem poderia ser.

A equipe principal da escavação estava toda hospedada em um pequeno auberge

perto do local da escavação. De toda forma, ela já havia se despedido daqueles que queriam falar com ela. Ninguém mais sabia que ela estava ali. Desde o fim de seu namoro com Oliver, não havia ninguém a quem avisar.

A recepção estava deserta. Ela espiou a penumbra, esperando ver madame Annaud sentada atrás do alto balcão de madeira, mas não havia ninguém ali. Alice olhou rapidamente para a sala de espera mais adiante. As velhas cadeiras de vime, empoeiradas por baixo, estavam desocupadas, assim como os dois grandes sofás de couro posicionados na perpendicular dos dois lados da lareira, enfeitados com adereços de equitação e presentes de antigos hóspedes agradecidos. Um mostruário giratório de cartões-postais, meio torto, oferecendo panoramas amassados nos cantos de tudo que Foix e a Ariège tinham a oferecer, estava parado.

Alice voltou até o balcão e tocou a campainha. As contas da cortina da entrada chacoalharam quando monsieur Annaud entrou vindo da ala particular da casa, onde morava a família.

91

Il y a quelqu 'un pour moi?

Là — disse ele, inclinando-se por cima do balcão para apontar.

Alice sacudiu a cabeça.

Personne.

Ele deu a volta no balcão para olhar, depois ergueu os ombros, surpreso ao ver a sala de espera deserta.

— Dehors?Lá fora? — Ele fez uma mímica de alguém fumando.

O hotel ficava em uma ruazinha que corria entre a via principal — cheia de prédios administrativos e lanchonetes de fast-food, assim como a extraordinária agência dos correios art déco dos anos 1930 — e o centro medieval mais pitoresco de Foix, com seus cafés e antiquários.

Alice olhou para a esquerda, depois para a direita, mas ninguém parecia estar esperando. As lojas estavam todas fechadas naquela hora do dia, e a rua,

praticamente deserta.

Intrigada, ela estava se virando para tornar a entrar quando um homem surgiu de um vão de porta. Tinha vinte e poucos anos e vestia um terno claro de verão ligeiramente grande para ele. Seus grossos cabelos pretos estavam cortados curtos, e seus olhos estavam escondidos atrás de óculos escuros. Ele segurava um cigarro.

Dra. Tanner.

Oui — disse ela, cautelosa. — Vous me cherchez?

Ele enfiou a mão no bolso de cima.

— Pour vous. Tenez — disse, estendendo um envelope para ela. Ele não parava de olhar em volta, obviamente preocupado que alguém os visse. Alice o reconheceu subitamente: era o jovem policial uniformizado que acompanhava o inspetor Noubel.

—Je vous ai déjà rencontré, non? Au Pic de Soularac. Ele passou para o inglês.

— Por favor — disse com urgência. — Pegue.

— Vous étiez avec inspecteur Noubel?— insistiu ela.

Pequenas gotas de suor cobriam a testa do rapaz. Ele surpreendeu Alice ao agarrar sua mão e forçá-la a segurar o envelope.

— Ei! — protestou ela. — O que é isto?

Mas ele já havia desaparecido, engolido por um dos muitos becos que levavam ao castelo.

Por um instante, Alice ficou olhando para o espaço vazio na rua, quase decidida a ir atrás dele. Em seguida reconsiderou essa decisão. A verdade é que ele a havia assustado. Ela abaixou os olhos para a carta em suas mãos como se ela fosse uma bomba prestes a explodir, então respirou fundo e passou o dedo por baixo da aba.

Dentro do envelope havia uma única folha de papel barato com a palavra

appelez rabiscada em uma caligrafia infantil. Embaixo, um número de telefone: 02 68 72 31 26.

Alice franziu o cenho. O número não era de Foix. O código da Ariège era 05.

Ela virou o envelope para ver se havia alguma coisa escrita atrás, mas não encontrou nada. Estava prestes a jogar o bilhete no lixo quando mudou de idéia. Não custa nada guardar isto por enquanto. Pondo o papel no bolso, jogou o envelope por cima dos papéis de sorvete, depois tornou a entrar, sem entender nada.

Alice não percebeu o homem que saiu do vão da porta do café do outro lado da rua.

Quando ele chegou à lixeira para pescar o envelope, ela já estava outra vez dentro do quarto.

92

Com a adrenalina a bombear dentro das veias, Yves Biau finalmente parou de correr. Inclinou-se para a frente para recuperar o fôlego, com as mãos nos joelhos.

Erguendo-se bem alto acima dele, o grande Château de Foix dominava a cidade como havia feito por mais de mil anos. Era o símbolo da independência da região, a única fortaleza importante a nunca ter sido conquistada durante a cruzada contra o Languedoc.

Um refúgio de cátaros e defensores da independência expulsos das cidades e planícies.

Biau sabia que estava sendo seguido. Eles — quem quer que fossem — não haviam tentado se esconder. Sua mão tocou a arma debaixo da jaqueta. Pelo menos ele havia feito o que Shelagh pedira. Agora, se conseguisse cruzar a fronteira para Andorra antes de eles perceberem, talvez ficasse tudo bem. Biau entendia agora que era tarde demais para deter os acontecimentos que havia ajudado a pôr em marcha. Fizera tudo que lhe haviam dito para fazer, mas ela continuava a voltar. O que quer que ele fizesse nunca seria o bastante.

O pacote seguira na última leva do correio para sua avó. Ela saberia o que fazer

com ele. Fora a única coisa em que ele conseguia pensar para contrabalançar o que havia feito.

Biau olhou para um lado e para o outro da rua. Ninguém.

Saiu de onde estava e começou a andar, tomando o rumo de casa por um caminho tortuoso, ilógico, caso eles estivessem lá à sua espera. Vindo daquela direção, ele teria a oportunidade de vê-los antes que eles o vissem.

Ao atravessar o mercado coberto, seu subconsciente registrou o Mercedes prateado na Place Saint-Volusien, mas ele não prestou atenção. Não ouviu o ronco suave da partida do motor, nem a passada de marcha quando o carro começou a andar para a frente, fazendo um leve barulho sobre as pedras do calçamento da antiga cidade medieval.

Quando Biau desceu da calçada para atravessar a rua, o carro acelerou violentamente, catapultando-se para a frente como um avião em uma pista de decolagem. Ele se virou para trás, com uma expressão de choque congelada no rosto.

Com um baque surdo, suas pernas foram colhidas de baixo de seu corpo enquanto este, subitamente sem peso nenhum, era atirado para cima do pára-brisa e rolava pelo capô

do carro. Biau pareceu flutuar por uma fração de segundo antes de ser projetado com violência contra uma das colunetas de ferro fundido que sustentavam o telhado oblíquo do mercado coberto.

Ficou ali por um instante, suspenso no ar, como uma criança no brinquedo de um parque de diversões. Então a gravidade exerceu seu poder, e ele desabou pesadamente no chão, deixando um rastro vermelho de sangue no pilar preto de metal.

O Mercedes não parou.

O barulho fez as pessoas nos bares ali perto saírem às ruas. Algumas mulheres acudiram às janelas que davam para a praça. O dono do café, que também era uma casa lotérica, deu uma olhada e correu para dentro para chamar a polícia. Uma mulher começou a gritar e foi rapidamente silenciada, enquanto uma multidão começava a se juntar em volta do corpo.

No início, Alice não prestou atenção no barulho. Porém, à medida que o lamento das sirenes foi ficando mais próximo, foi atraída à janela de seu quarto de hotel como todos os outros, e olhou para fora.

Isto não tem nada a ver com você.

Não havia motivo para se envolver. Mesmo assim, por algum motivo que não conseguia explicar, Alice saiu do quarto e encaminhou-se para a praça.

Um carro de polícia bloqueava a ruazinha que saía do canto da praça, com os faróis piscando em silêncio. Logo depois dele, um grupo de pessoas havia formado um 93

semicírculo em volta de alguma coisa ou de alguém deitado no chão.

— Ninguém está seguro em lugar nenhum, nem na Europa — resmungava uma americana para o marido.

O mau pressentimento de Alice foi ficando mais forte à medida que ela se aproximava. Não conseguia suportar a idéia do que poderia estar prestes a ver, mas por algum motivo não conseguia se conter. Um segundo carro de polícia emergiu de uma rua lateral e parou cantando pneus ao lado do primeiro. Rostos se viraram, e o emaranhado de braços, pernas e corpos se abriu por tempo suficiente para Alice ver o corpo estendido no chão. Terno claro, cabelos pretos; óculos, escuros de lentes marrons e hastes douradas, caídos no chão ali perto.

Não pode ser ele.

Alice abriu caminho aos empurrões, afastando as outras pessoas do caminho até

chegar à frente. O rapaz jazia imóvel no chão. Sua mão moveu-se automaticamente para o papel que trazia no bolso. Isto não pode ser coincidência.

Emudecida pelo choque, Alice recuou aos tropeços. A porta de um carro bateu. Ela teve um sobressalto e se virou a tempo de ver o inspetor Noubel saindo do banco do motorista. Tornou a se encolher para junto da massa de gente. Não deixe ele ver você. O

instinto a fez atravessar a praça na direção oposta de Noubel, de cabeça baixa.

Assim que dobrou a esquina, ela começou a correr.

— S'il vous plaît — gritava Noubel, abrindo caminho entre os curiosos. — Police. S'il vous plaît.

Yves Biau estava esparramado no chão inclemente, os braços abertos em cruz.

Uma de suas pernas estava dobrada sob o corpo, obviamente quebrada, com o osso branco de um tornozelo despontando através da calça. A outra perna estava esticada de forma nada natural, de lado. Um de seus sapatos bordôs havia saído do pé.

Noubel se agachou e tentou encontrar alguma pulsação. O rapaz ainda respirava em arfadas curtas, rápidas, mas sua pele tinha uma textura pegajosa e fria e seus olhos estavam fechados. Ao longe, Noubel ouviu a bem-vinda sirene de uma ambulância.

— S'il vous plaît — tornou a gritar, pondo-se de pé. — Poussez-vous. —

Para trás.

Duas outras viaturas chegaram. A notícia de que um policial fora atacado havia se espalhado, de modo que o número de policiais superava o de passantes. A polícia interditou a rua e separou as testemunhas dos curiosos. Os homens foram eficientes e metódicos, mas a tensão em seus rostos era visível.

— Não foi um acidente, inspetor — disse a americana. — O carro foi direto para cima dele, muito rápido. Ele não teve chance.

Noubel olhou para ela com atenção.

— A senhora viu o incidente, madame?— Vi sim.

Viu que tipo de carro era? Que marca?

Ela fez que não com a cabeça.

Só sei que era prateado. — Virou-se para o marido.

Era um Mercedes — disse ele de pronto. — Também não vi muito bem. Só me

virei quando ouvi o barulho.

E a placa?

Acho que o final era onze. Foi tudo muito rápido.

A rua estava bem vazia, seu guarda — repetiu a mulher, como se estivesse com
94

medo de que ele não a levasse a sério.

A senhora viu quantas pessoas estavam no carro? — Uma na frente, com certeza.

Não sei dizer se tinha gente atrás.

Noubel a encaminhou para outro policial para anotar suas coordenadas, depois andou até a traseira da ambulância onde Biau estava sendo erguido em cima de uma maca. Seu pescoço e sua cabeça estavam imobilizados, mas um fluxo contínuo de sangue corria sob a atadura passada ao redor do ferimento, tingindo sua camisa de vermelho.

A pele do rapaz estava mais branca do que o normal, cor de cera. Um tubo pendia do canto de sua boca e uma agulha de soro estava presa à sua mão.

— Il pourra s'en tirer?— Ele vai sair dessa?

O paramédico fez uma cara ruim.

— Se eu fosse o senhor, ligava logo para a família — respondeu ele, batendo as portas da ambulância.

Noubel deu um tapinha na lateral da ambulância enquanto ela se afastava e, depois de se certificar de que seus homens estavam fazendo o trabalho que deveriam, voltou para o carro, maldizendo a si mesmo. Deixou-se cair no banco da frente, sentindo o peso de cada um de seus cinqüenta anos, pensando em todas as decisões erradas que havia tomado naquele dia e que haviam conduzido àquele desfecho. Passou um dedo por baixo do colarinho da camisa e afrouxou a gravata.

Sabia que deveria ter falado com o rapaz antes. Desde que pusera os pés no Pic

de Soularac, Biau não havia se comportado de maneira normal. Ele em geral era animado, sempre o primeiro a se oferecer para uma tarefa. Naquele dia estava nervoso e irritadiço, depois havia desaparecido durante metade da tarde.

Noubel tamborilou os dedos no volante, nervoso. Authié alegava que Biau não tinha lhe passado o recado sobre o anel. E por que ele mentiria sobre algo assim?

Ao pensar em Paul Authié, Noubel sentiu uma pontada no estômago. Pôs um drops de menta na boca para aliviar o mal-estar. Aquilo fora outro erro. Ele não deveria ter deixado Authié chegar perto da dra. Tanner, embora, pensando bem, não tivesse certeza do que poderia ter feito para impedir. Quando a notícia da descoberta dos esqueletos em Soularac havia chegado, viera acompanhada de ordens para que Paul Authié tivesse acesso ao local e colaboração da polícia. Até então, Noubel não conseguira descobrir como Authié havia ficado sabendo da descoberta tão depressa, muito menos como ele havia conseguido entrar na escavação.

Noubel nunca encontrara Authié pessoalmente antes, embora conhecesse sua reputação. A maioria dos policiais a conhecia. Advogado, notório por suas opiniões religiosas linha-dura, diziam que Authié controlava na palma da mão metade da Judiciaire e da polícia militar do Midi. Mais especificamente, um colega de Noubel havia sido chamado para prestar depoimento em um caso que Authié estava defendendo. Dois membros de um grupo de extrema-direita eram acusados do assassinato de um motorista de táxi argelino em Carcassonne. Houvera boatos de intimidação. No final, ambos os réus haviam sido inocentados e vários policiais forçados a se aposentar.

Noubel baixou os olhos para os óculos de Biau, que havia recolhido do chão. Mais cedo, estava se sentido infeliz. Agora estava gostando ainda menos daquela situação.

O rádio começou a emitir chiados, cuspindo a informação de que Noubel precisava sobre os parentes de Biau. Ele permaneceu ainda um instante sentado, adiando as providências. Então começou a dar os telefonemas.

95

CAPÍTULO 16

Eram 11 horas quando Alice chegou aos arredores de Toulouse. Estava cansada

demais para continuar até Carcassonne, então decidiu rumar para o Centro da cidade e encontrar um lugar onde passar a noite.

A viagem tinha sido um pulo. Sua cabeça estava cheia de imagens embaralhadas: os esqueletos e a faca ao lado deles; o rosto branco surgindo diante dela na cinza luz mortiça; o corpo estendido diante da igreja em Foix. Será que ele estava morto?

É o labirinto. No final, ela sempre voltava ao labirinto. Alice disse a si mesma que estava sendo paranóica, que aquilo não tinha nada a ver com ela. Você só estava no lugar errado na hora errada. Porém, por mais que repetisse isso para si mesma, não conseguia acreditar.

Descalçou os sapatos e deitou-se na cama inteiramente vestida. Tudo no quarto era barato. Plástico e papelão de má qualidade, lajotas cinza e madeira falsa. Os lençóis estavam engomados além da conta e arranhavam sua pele como papel.

Ela pegou a garrafa de uísque Bushmills de dentro da mochila. Ainda restavam dois dedos. Inesperadamente, sentiu um aperto na garganta. Estava economizando os dois últimos dedos para sua última noite na escavação. Tentou de novo, mas o celular de Shelagh ainda estava na caixa postal. Lutando contra a própria irritação, deixou mais um recado. Gostaria que Shelagh parasse de brincadeira.

Alice engoliu dois comprimidos de analgésico junto com o uísque, depois deitou-se na cama e apagou a luz. Estava totalmente exausta, mas não conseguia relaxar. Sua cabeça latejava, seu pulso estava quente e inchado e o corte em seu braço doía muito.

Mais do que nunca.

O quarto estava abafado e quente. Depois de se virar e revirar, ouvindo os sinos soarem meia-noite, depois uma da manhã, Alice se levantou para abrir a janela e deixar entrar um pouco de ar. Não adiantou. Não conseguia aquietar a mente. Tentou pensar em areias brancas e água azul cristalina, em praias do Caribe e pores-do-sol no Havaí, mas seu cérebro continuava a voltar para as pedras cinza e o ar gelado e subterrâneo da montanha.

Ela estava com medo de dormir. E se o sonho voltasse de novo?

As horas se arrastavam. Sua boca estava seca e seu coração palpitava sob a influência do álcool. Foi só quando a palidez branca da aurora começou a se esgueirar por entre as beiradas puídas das cortinas que sua mente finalmente se rendeu.

Um sonho diferente dessa vez.

Montada em um cavalo de pêlo avermelhado, ela cavalgava pela neve. A pelagem de inverno do animal era espessa e lustrosa, e sua crina e rabo brancos estavam trançados com fitas vermelhas. Ela própria vestia roupas de caça: sua melhor capa com a pelisse e o capuz feitos de pêlo de esquilo, e luvas de couro compridas forradas de pêlo de marta que iam até os cotovelos.

Um homem cavalgava ao seu lado montado em um capão cinza, um animal mais parrudo, de crina e rabo pretos. Ele não parava de puxar as rédeas para controlar o cavalo. Seus cabelos castanhos eram compridos para um homem, e iam até os ombros.

Sua capa de veludo azul flutuava atrás dele enquanto ele seguia conduzindo a montaria.

Alice viu que levava uma adaga na cintura. Em volta de seu pescoço havia uma corrente de prata com uma única pedra verde pendurada, que batia em seu peito ao ritmo do passo do animal.

Ele estava sempre olhando para trás e fitando-a com uma mistura de orgulho e senso de propriedade. A conexão entre eles era forte, íntima. Em seu sono, Alice mudou de posição e sorriu.

96

Ao longe, uma cometa soava nítida e aguda no ar frio de dezembro, anunciando que os cachorros estavam no rastro de um lobo. Ela sabia que era dezembro, um mês especial. Sabia que estava feliz.

Então a luz mudou.

Agora ela estava sozinha em uma parte da floresta que não reconhecia. As árvores eram mais altas e mais densas, e seus galhos nus sobressaíam pretos e retorcidos contra o céu branco coalhado de neve, como os dedos de um morto.

Em algum lugar atrás dela, invisíveis e ameaçadores, os cães iam chegando mais perto, excitados pela promessa de sangue.

Ela não era mais a caçadora, e sim a caça.

A floresta ecoava com milhares de cascos ressonantes, que chegavam cada vez mais perto. Ela agora podia ouvir o rugido dos caçadores. Eles gritavam uns com os outros em uma língua que ela não entendia, mas ela sabia que estavam à sua procura.

Seu cavalo tropeçou. Alice foi jogada para fora da sela, caindo para a frente e batendo no chão duro e invernal. Ouviu o osso de seu ombro estalar, depois sentiu a dor varar-lhe o corpo. Olhou para baixo, aterrorizada. Um pedaço de madeira morta, congelada como a ponta de uma lança, havia furado sua manga e atravessado seu braço de um lado a outro.

Com dedos enrijecidos e desesperados, Alice puxou o pedaço de madeira até ele se soltar, fechando os olhos com a dor lancinante. Imediatamente o sangue começou a jorrar, mas ela não deixou aquilo detê-la.

Estancando o sangramento com a barra da capa, Alice se levantou e forçou-se a penetrar no emaranhado de galhos nus e arbustos petrificados. Os gravetos ressequidos se partiam sob seus pés e o ar gélido beliscava suas bochechas e fazia seus olhos lacrimejarem.

O assobio em seus ouvidos agora estava mais alto, mais insistente, e ela se sentia fraca. Imaterial como um fantasma.

De repente, a floresta sumiu, e Alice se viu em pé na beira de uma colina. Não havia para onde correr. A seus pés estava uma encosta abrupta que dava para um precipício cheio de árvores. À sua frente, as montanhas, encimadas de neve, estendiam-se até onde o olho alcançava. Estavam tão próximas que a sensação que tinha era de que podia estender a mão e tocá-las.

Em seu sono, Alice se mexeu, incomodada.

Quero acordar. Por favor.

Ela lutou para acordar, mas não conseguiu. O sonho a prendia com força em sua rede.

Os cães emergiram da parede de árvores atrás dela, latindo, rosnando. O bafo quente que saía de suas bocas abertas formava nuvens no ar, e baba e sangue escorriam de seus dentes. No crepúsculo cada vez mais avançado, a ponta das lanças dos caçadores brilhava intensamente. Seus olhos estavam cheios de ódio e excitação. Ela podia ouvi-los sussurrar zombarias e provocações.

— Hérétique, hérétique.

Naquela fração de segundo, a decisão foi tomada. Se aquela era sua hora de morrer, não seria nas mãos daqueles homens, Alice ergueu os braços bem alto e pulou, entregando o corpo ao vazio.

Na mesma hora, o silêncio se abateu sobre o mundo.

O tempo parou de ter qualquer significado enquanto ela caía, lenta e suavemente, as saias verdes inflando ao seu redor. Então percebeu que havia algo preso às suas costas, um pedaço de tecido em forma de estrela. Não, não era uma estrela, e sim uma 97



cruz. Uma cruz amarela. Rouelle. Enquanto a palavra desconhecida ondulava para dentro e para fora de sua mente, a cruz se soltou e saiu boiando, desprendendo-se dela como uma folha a cair de uma árvore no outono.

O chão não estava chegando mais perto. Alice não sentia mais medo. Pois na mesma hora em que as imagens do sonho começaram a rachar e se desfazer, seu subconsciente compreendeu o que sua mente consciente havia sido incapaz de entender.

Que não era ela — Alice — quem caía, mas outra.

E aquilo não era um sonho, mas uma lembrança. O fragmento de uma vida vivida muito, muito tempo atrás.

CAPITULO 17

Carcassona

JULHET 1209

Gravetos e folhas estalaram quando Alaïs mudou de posição.

Um cheiro forte de musgo, líquen e terra invadiu suas narinas e sua boca. Algo pontiagudo espetou as costas de sua mão, uma diminuta picada que logo começou a arder. Um mosquito, ou então uma formiga. Ela pôde sentir o veneno penetrando em seu sangue. Alaïs se mexeu para afastar o inseto. O movimento lhe deu ânsia de vômito.

Onde estou?

A resposta, como um eco. Defòra. Do lado de fora.

Estava deitava de bruços no chão. Sua pele estava úmida, ligeiramente fria por causa do relento. Seria o início da manhã ou o final do dia? Suas roupas, enroladas em volta do corpo, estavam molhadas. Com movimentos lentos, Alaïs conseguiu se içar até

uma posição sentada, apoiando-se no tronco de uma faia para se equilibrar.

Doçament. Devagar, com cuidado.

Através das árvores no alto da encosta, ela pôde ver que o céu estava branco, tendendo ao cor-de-rosa no horizonte. Nuvens achatadas boiavam como navios em dia de calmaria. Ela podia distinguir os contornos escuros dos chorões. Mais atrás havia pereiras e cerejeiras, mirradas e descoloridas pelo avançado da estação.

Aurora, então. Alaïs tentou localizar onde estava. Tudo parecia muito claro, ofuscante até, embora não houvesse sol. Pôde ouvir um barulho de água não muito distante, uma água rasa movendo-se preguiçosamente pelas pedras. Ao longe, o conhecido crá-crá de uma coruja voltando de sua caça noturna.

Alaïs baixou os olhos para os braços, marcados por picadas pequenas, irritadas e vermelhas. Examinou os arranhões e cortes nas pernas também. Além das picadas dos insetos, havia marcas de sangue ressecado em volta de seus tornozelos. Ela levantou as mãos até perto do rosto. As juntas de seus dedos estavam machucadas e doloridas.

Entre seus dedos havia linhas vermelho-escuras de sangue seco.

Uma lembrança. De ser arrastada, os braços esfregando no chão.

98

Não, antes disso.

Atravessei o pátio principal. Havia luz nas janelas de cima.

O medo eriçou os cabelos de sua nuca. Passos no escuro, a mão calosa sobre sua boca, e em seguida a pancada.

Perilhòs. Perigo.

Ela levou a mão à cabeça e fez uma careta de dor quando seus dedos encontraram a massa pegajosa de sangue e cabelos atrás de sua orelha. Fechou os olhos com força, tentando bloquear a lembrança das mãos rastejando sobre seu corpo como ratos. Dois homens. Um cheiro comum, de cavalos, cerveja e palha.

Será que encontraram o merel?

Alaïs fez força para se pôr de pé. Precisava contar ao pai o que tinha acontecido.

Ele estava de partida para Montpellier, disso ela conseguia se lembrar. Precisava falar com ele antes que fosse embora. Tentou se levantar, mas suas pernas não a sustentavam. Sua cabeça recomeçou a girar e ela caiu, caiu, voltando a mergulhar em um sono sem peso. Tentou lutar contra aquilo e ficar consciente, mas não adiantou. O

passado, o presente e o futuro agora faziam parte de um tempo infinito que se estendia branco à sua frente. Cor, som e luz deixaram de ter qualquer significado.

CAPÍTULO 18

Com um último olhar preocupado por cima do ombro, Bertrand Pelletier saiu a cavalo pelo Portão Oriental com o visconde Trencavel a seu lado. Não conseguia entender por que Alaïs não viera se despedir dele.

Pelletier cavalgava em silêncio, perdido nos próprios pensamentos, sem ouvir quase nada das conversas sem importância que aconteciam à sua volta. Estava perturbado com a ausência da filha na Cour d'Honneur para vê-los partir e desejar sucesso na expedição.

Surpreso e decepcionado também, se é que conseguia reconhecer isso. Agora

desejava ter mandado François acordá-la.

Apesar de ser muito cedo, as ruas estavam apinhadas de gente acenando e gritando. Apenas os melhores cavalos haviam sido escolhidos. Palafréns de força e resistência confirmadas, bem como os mais fortes capões e éguas dos estábulos do Château Comtal escolhidos por sua velocidade e solidez. Raymond-Roger Trencavel montava seu garanhão baio favorito, um cavalo que ele próprio havia treinado desde quando era um potro. Sua pelagem tinha a cor de uma raposa no inverno, e em seu focinho havia uma mancha branca singular, da forma exata, ou assim se dizia, das terras da família Trencavel.

Os escudos de todos os homens exibiam a insígnia da casa de Trencavel. Seu brasão estava bordado em cada flâmula e na túnica que cada chevalier usava sobre a armadura de viagem. O sol nascente refletia-se nos capacetes, espadas e bridas reluzentes. Até mesmo as bolsas dos cavalos de carga haviam sido engraxadas até os cavalariços conseguirem ver no couro o reflexo de seus rostos.

Fora preciso algum tempo para decidir o tamanho exato do envoi. Se fosse pequeno demais, Trencavel seria visto como um aliado indigno e inexpressivo, e eles seriam presas fáceis no caminho. Se fosse grande demais, pareceria uma declaração de guerra.

Finalmente, 16 chevaliers haviam sido escolhidos, entre eles Guilhem du Mas, apesar das objeções de Pelletier. Junto com seus écuyers, um punhado de criados e homens de igreja, Jehan Congost e um ferreiro para consertar as ferraduras dos cavalos 99

durante o trajeto, o grupo inteiro somava uns trinta homens.

Seu destino era Montpellier, principal cidade dentro dos domínios do visconde de Nîmes e cidade natal da mulher de Raymond-Roger, dama Agnès. Como Trencavel, Nímes era vassala do rei de Aragão, Pedro II, então, mesmo sendo Montpellier uma cidade católica — e o próprio Pedro um firme e enérgico perseguidor da heresia —, havia motivos para acreditar que conseguiriam uma passagem segura por lá.

Haviam contado três dias de Carcassonne até lá. Não havia como saber quem, se Trencavel ou o conde de Toulouse, seria o primeiro a chegar à cidade.

No início tomaram o rumo do leste, seguindo o curso do rio Aude em direção ao

sol nascente. Em Trébes, dobraram a nordeste rumo às terras do Minervois, acompanhando a antiga estrada romana que passava por La Redorte, a colina fortificada da cidade de Azille, e prosseguiram na direção de Olonzac.

As melhores terras eram dedicadas às canabières, as plantações de cânhamo, que se estendiam a perder de vista. À sua esquerda ficavam os vinhedos, alguns podados, outros crescendo desordenados e livres ao longo da estrada, atrás de vigorosas cercas-vivas. À sua esquerda ficava o mar de caules verde-esmeralda dos campos de cevada, que estariam dourados quando viesse a época da colheita. Camponeses com chapéus de palha de abas largas a esconder-lhes o rosto já trabalhavam duro, colhendo o que ainda restava da safra de trigo, e a curva de ferro de suas foices refletia de quando em quando o sol nascente.

Além da margem do rio, bordejada por carvalhos e salgueiros, ficavam as profundas e silenciosas florestas onde voavam as águias selvagens. Cervos, linces e ursos eram comuns por ali, assim como lobos e raposas no inverno. Erguidas acima das matas de planície e das árvores mais baixas ficavam as florestas escuras da Montagne Noire, onde reinava o javali selvagem.

Com a persistência e o otimismo da juventude, o visconde Trencavel estava de bom humor, trocando anedotas espirituosas e escutando histórias de aventuras passadas.

Discutia com seus homens quais eram os melhores cães de caça, galgos ou mastins, indagava o preço atual de uma boa cadela de cria, fofocava sobre quem havia apostado o quê nos dardos ou nos dados.

Ninguém falava sobre o objetivo da expedição, nem sobre o que aconteceria caso o pedido do visconde a seu tio tivesse um resultado desfavorável.

Um grito abrupto vindo da parte de trás da fila chamou a atenção de Pelletier. Ele olhou por cima do ombro. Guilhem du Mas cavalgava lado a lado com Alzeu de Preixan e Thierry Cazanon, chevaliers que também haviam sido treinados em Carcassonne e nomeados no mesmo ano, durante a última quinzena da Quaresma.

Consciente do olhar crítico do homem mais velho, Guilhem ergueu a cabeça e o fitou com um olhar insolente. Por um instante, ficaram se encarando fixamente. Então o mais jovem inclinou ligeiramente a cabeça, em uma demonstração de respeito insincera, e virou-se para o outro lado. Pelletier sentiu o sangue ferver, e

mais ainda por saber que nada podia fazer.

Durante horas e horas, eles cavalgaram pelas planícies. As conversas foram ficando mais espaçadas, depois rarearam à medida que a animação que havia acompanhado sua partida da Cité dava lugar à apreensão.

O sol subiu ainda mais no céu. Os religiosos eram os que mais sofriam, vestidos com seus hábitos negros de lã. Riachos de suor escorriam da testa do bispo, e o rosto esponjoso de Jehan Congost havia adquirido um desagradável tom vermelho manchado, da cor da dedaleira. Abelhas, gafanhotos e cigarras farfalhavam e zumbiam na grama marrom. Mosquitos picavam os pulsos e mãos dos homens, e moscas atormentavam os cavalos, fazendo-os sacudir a crina e as caudas, irritados.

Somente quando o sol estava a pino foi que o visconde Trencavel os conduziu para 100

fora da estrada para descansar um pouco. Acomodaram-se em uma clareira ao lado de um curso d'água vagaroso, depois de verificar que era um lugar seguro para os animais pastarem. Os écuyers retiraram as selas dos cavalos e refrescaram sua pelagem com folhas de salgueiro molhadas em água. Cortes e picadas foram tratados com folhas de azedinha ou emplastros de mostarda.

Os chevaliers despiram as armaduras de viagem e descalçaram as botas, limpando a poeira e o suor das mãos e do pescoço. Um pequeno grupo de criados foi despachado até a fazenda mais próxima, voltando algum tempo depois com pão e lingüiça, queijo branco de cabra, azeitonas e um forte vinho da região.

À medida que se espalhava a notícia de que o visconde Trencavel estava acampado ali perto, um fluxo constante de fazendeiros e camponeses, velhos e moças, tecelãos e cervejeiros começaram a chegar ao humilde acampamento sob as árvores, trazendo presentes para seu seigneur, cestas de cerejas e ameixas recém colhidas, um ganso, sal e peixe.

Pelletier estava pouco à vontade. Aquilo os atrasaria e consumiria um tempo precioso. Eles tinham muito chão pela frente antes das sombras da tarde se alongarem e de montarem acampamento para a noite. Mas, como seu pai e sua mãe antes dele, Raymond-Roger gostava de conhecer seus súditos, e não mandou ninguém embora.

— É por isto aqui que estamos engolindo nosso orgulho e indo pedir trégua a meu tio — disse baixinho. — Para proteger tudo que é bom, inocente e honesto no nosso modo de vida, é? E, se preciso for, vamos lutar por isso.

Como um antigo rei guerreiro, o visconde Trencavel montou sua corte à sombra das azinheiras. Aceitou todos os tributos que lhe foram oferecidos com charme e dignidade. Sabia que aquele dia seria uma história guardada com carinho, que se misturaria à vida do lugarejo.

Uma das últimas pessoas a se aproximar foi uma menina bonita, morena, de uns cinco ou seis anos, com olhos brilhantes do mesmo preto das amoras. Fez uma breve reverência e ofereceu a ele um buquê de orquídeas selvagens, botões-de-prata e madressilvas. Suas mãos tremiam.

Inclinando-se até a altura da menina, o visconde Trencavel retirou do cinto um lenço de linho e ofereceu-o a ela. Até Pelletier sorriu quando os pequeninos dedos se estenderam timidamente e pegaram o quadrado de pano engomado e branco.

E qual o seu nome, madomaisèla — perguntou ele.

Ernestine, messire — sussurrou ela.

Trencavel assentiu.

— Bem, madomaisèla Ernestine — disse ele, retirando um broto cor-de-rosa do ramo de flores e prendendo-o na túnica. — Vou usar isto para dar sorte. E para me lembrar da gentileza do povo de Puicheric.

Somente quando os últimos visitantes haviam deixado o acampamento foi que Raymond-Roger Trencavel desafivelou a bainha da espada e sentou-se para comer. Com a fome saciada, cada um dos homens e rapazes, um a um, estendeu-se sobre a grama macia ou reclinou-se contra o tronco de uma árvore e cochilou, com a barriga cheia de vinho e a cabeça pesada com o calor da tarde.

Pelletier foi o único a não sossegar. Depois de se certificar que o visconde Trencavel não precisava dele por ora, foi dar um passeio ao longo do curso d'água, querendo ficar sozinho.

Moscas de rio esvoaçavam acima da água e libélulas de cores vivas planavam

logo acima da superfície, cintilantes, projetando-se e deslizando pelo ar espesso.

Assim que perdeu de vista o acampamento, Pelletier sentou-se sobre o tronco enegrecido de uma árvore caída e tirou do bolso a carta de Harif. Não a leu. Sequer a 101

abriu; apenas segurou-a com força entre o indicador e o polegar, como um talismã.

Não conseguia parar de pensar em Alaïs. Seus pensamentos iam e vinham como um pêndulo. Em alguns momentos, arrependia-se de ter confiado nela. Mas, se não confiasse em Alaïs, em quem confiaria? Não havia mais ninguém em quem pudesse confiar. No momento seguinte, temia não ter lhe revelado o bastante.

Se Deus quisesse, tudo ficaria bem. Se sua petição junto ao conde de Toulouse tivesse uma recepção favorável, eles logo estariam de volta a Carcassonne, em triunfo, sem que uma gota de sangue houvesse sido derramada. Quanto a Pelletier, ele encontraria Simeon em Béziers e conheceria a identidade da "irmã" sobre quem Harif havia escrito.

Se o destino assim quisesse.

Pelletier suspirou. Olhou para a cena tranqüila diante de seus olhos e viu em sua imaginação o oposto. Em vez do velho mundo, idêntico e imutável, viu caos, devastação e destruição. O fim de todas as coisas.

Inclinou a cabeça. Não poderia ter feito nada diferente do que fizera. Se não voltasse a Carcassonne, então pelo menos morreria sabendo que fizera o melhor possível para proteger a Trilogia. Alaïs cumpriria suas obrigações. Os seus votos se tornariam os votos dela. O segredo não se perderia no pandemônio da batalha nem apodreceria em uma prisão francesa.

O som do acampamento a despertar trouxe Pelletier de volta ao presente. Era hora de prosseguir. Haveria ainda muitas horas de cavalgada antes do pôr do sol.

Pelletier tornou a pôr a carta de Harif no bolso e voltou apressado para o acampamento, consciente de que aqueles instantes de paz e calma contemplação ficariam cada vez mais escassos nos dias que estavam por vir.

CAPÍTULO 19

Quando Alaïs tornou a despertar, estava deitava entre lençóis de linho, e não sobre a grama. Havia um assobio baixo e abafado em seus ouvidos, como o vento outonal ecoando por entre as árvores. Seu corpo parecia curiosamente pesado e lastreado, como se não lhe pertencesse. Havia acabado de sonhar que Esclarmonde estava ali com ela, pousando a mão fresca sobre sua testa para retirar-lhe a febre.

Suas pálpebras estremeceram e se abriram. Acima de sua cabeça estava o conhecido baldaquino de madeira de sua própria cama, com as cortinas azul-escuras da noite recolhidas. O quarto estava banhado na luz suave e dourada do crepúsculo. Embora ainda estivesse quente e pesado, o ar trazia em si a promessa da noite. Ela sentiu o leve odor de ervas recém queimadas. Alecrim, e cheiro de lavanda.

Podia ouvir vozes femininas também, roucas e baixas, em algum lugar ali perto.

Sussurravam como para não incomodá-la. Suas palavras chiavam como a gordura que caía de um espeto no fogo. Devagar, Alaïs virou a cabeça no travesseiro em direção ao ruído. Alziette, a pouco estimada mulher do chefe dos criados, e Ranier, uma fofoqueira dissimulada e ressentida casada com um marido mal-educado e grosseirão, ambas especialistas em criar confusão, estavam sentadas ao lado da lareira vazia como um par de velhos corvos. Sua irmã Oriane as usava para pequenos serviços, mas Alaïs não confiava nelas, e não conseguia entender o que estavam fazendo em seu quarto. Seu pai jamais teria permitido aquilo.

Então se lembrou. Ele não estava lá. Fora para Saint-Gilles ou para Montpellier, ela não conseguia se lembrar muito bem. Guilhem também.

Então onde eles estavam? — sibilou Ranier, a voz sedenta de escândalo.

No pomar, bem junto ao regato perto dos salgueiros — respondeu Alziette. — A menina mais velha de Mazelle os viu descer até lá. Vadia que é, correu para contar à mãe. Então a própria Mazelle saiu voando pelo pátio, sacudindo as mãos, dizendo que era uma vergonha e que ela não queria ser a primeira a me contar.

Ela sempre teve ciúmes da sua menina, e. As filhas dela são todas gordas como

porcas e marcadas de varíola. Todas elas, feias como assombração. — Ranier aproximou a cabeça da outra mulher. — O que você fez, então?

O que eu poderia fazer a não ser ir ver com meus próprios olhos? Eu os vi assim que desci lá. Não que eles tenham feito muito esforço para se esconder. Agarrei Raoul pelos cabelos, aqueles cabelos horríveis, duros e castanhos que ele tem, e dei um tapa nas orelhas dele. Ele passou o tempo todo puxando o cinto com uma das mãos, com o rosto vermelho de vergonha por ter sido pego no ato. Quando me virei para Jeanette, ele se desvencilhou de mim e saiu correndo sem nem olhar para trás.

Ranier deu um muxoxo.

— E Jeanette não parava de chorar, falando o tempo todo, dizendo como Raoul a ama e quer se casar com ela. Ouvindo ela falar assim, a gente pensa até que nenhuma moça nunca perdeu a cabeça por causa de palavra bonitas.

— Talvez as intenções dele sejam honestas.

Alziette deu um arquejo de desdém.

— Ele não tem condições de se casar — reclamou ela. — Cinco irmãos mais velhos, e só dois casados. O pai passa dia e noite na taberna. Todo sol que eles ganham vai direto para o bolso do Gaston.

Alaïs tentou fechar os ouvidos para as fofocas mundanas das mulheres. Eram como abutres abatendo se sobre carniça.

— Mas em todo caso — disse Ranier, matreira —, acabou sendo bom.

Se as circunstâncias não tivessem levado você até lá, não teria encontrado aquela ali.

Alaïs se retesou, sentindo as duas cabeças viradas na direção da cama.

— Isso é — concordou Alziette. — E acho que vou receber uma boa recompensa quando o pai dela voltar.

Alaïs ficou ouvindo, mas não descobriu mais nada. As sombras se alongaram. Ela dormia e tornava a acordar.

De vez em quando, uma aia vinha substituir Alziette e Ranier, alguma outra das criadas preferidas de sua irmã. O barulho da mulher arrastando o catre de madeira rachada para tirá-lo de baixo da cama acordou Alaïs. Ela ouviu um leve baque quando a aia se deixou cair sobre o colchão encaroçado, o peso de seu corpo retirando o ar que havia entre a palha do enchimento. Instantes depois, roncos pesados, chiados e resmungos vindos do pé da cama a avisaram que a mulher havia adormecido.

Subitamente, Alaïs sentiu-se inteiramente desperta. Não conseguia parar de pensar na última instrução que seu pai lhe dera. Proteger a tábua do labirinto. Ergueu-se até

uma posição sentada e procurou entre os fragmentos de tecidos e velas.

A tábua não estava mais lá.

Tomando cuidado para não acordar a aia, Alaïs abriu a porta da mesinha-de-cabeceira. A dobradiça ainda estava dura por falta de uso, e rangeu ao ser movida. Alaïs passou os dedos pela borda da cama, para o caso de a tábua ter ficado alojada entre o colchão e o estrado de madeira. Tampouco estava ali.

Res. Nada.

Ela não estava gostando do rumo que tomavam seus pensamentos. Seu pai não fizera caso quando ela havia sugerido que talvez a identidade dele houvesse sido descoberta, mas será que ele estava certo? Tanto o merel quanto a tábua haviam sumido.

Alaïs passou as pernas pela borda da cama e atravessou o quarto pé ante pé até

sua cadeira de costura. Precisava ter certeza. Sua capa repousava no espaldar. Alguém havia tentado limpá-la, mas a bainha vermelha bordada estava incrustada de lama, escondendo o trabalho em alguns pontos. A peça tinha o cheiro do jardim ou dos estábulos, acre e azedo. Suas mãos voltaram vazias, como ela sabia que voltariam. A bolsa de moedas havia sumido, e com ela o merel.

Os acontecimentos estavam se precipitando. De repente, as velhas sombras

conhecidas pareciam prenhes de ameaças. Ela pressentia perigo por toda parte, até

mesmo nos roncos vindos do pé da cama.

E se meus atacantes ainda estiverem no Château? E se eles voltarem para me buscar?

Alaïs vestiu-se depressa, pegou a calèlh e ajustou a chama. A idéia de cruzar o pátio escuro sozinha a amedrontava, mas ela não podia ficar sentada no quarto esperando algo acontecer.

Coratge. Coragem.

Alaïs atravessou correndo a Cour d'Honneur até a Tour Pinte, protegendo com a mão a chama tremeluzente. Precisava encontrar François.

Abriu uma nesga de porta e chamou o nome dele na escuridão. Não houve resposta. Entrou sem fazer barulho.

— François — tornou a sussurrar.

A lamparina emitia um pálido brilho amarelo, suficiente para ver que alguém dormia sobre o catre ao pé da cama de seu pai.

Pousando a lamparina no chão, Alaïs se agachou e tocou-o de leve no ombro.

Imediatamente recolheu o braço como se seus dedos houvessem sido queimados. Havia alguma coisa estranha.

— François?

Ainda nenhuma resposta. Alaïs agarrou a borda áspera do cobertor, contou até

três, e deu um puxão.

Sobre o catre havia uma pilha de roupas e peles velhas, cuidadosamente arrumadas para parecer uma pessoa dormindo. Ela sentiu-se tonta de alívio, embora intrigada.

No corredor do lado de fora, um barulho atraiu sua atenção. Alaïs empunhou a

lamparina e apagou a chama, depois escondeu-se nas sombras atrás da cama.

Ouviu a porta se abrir com um rangido. O intruso hesitou, talvez sentindo o cheiro do óleo da lamparina, talvez reparando nas cobertas desarrumadas. Retirou uma faca da bainha.

Quem está aí? — disse ele. — Apareça.

François — disse Alaïs aliviada, saindo de trás das cortinas. — Sou eu. Pode guardar a arma.

Ele parecia mais surpreso do que ela se sentia.

— Dama, perdoe-me. Eu não sabia.

Ela o olhou com interesse. Ele ofegava, como se houvesse corrido.

A culpa foi minha, mas onde você estava a esta hora? — perguntou ela.

Eu...

Uma mulher, imaginava ela, embora não conseguisse entender por que ele teria tanta vergonha de algo assim. Sentiu pena dele.

— Na verdade, François, não tem importância. Estou aqui porque você é a única pessoa em quem eu confio para me contar o que aconteceu comigo.

O rosto dele perdeu a cor.

Eu não sei de nada, dama — disse ele depressa, com a voz engasgada.

Ora, você deve ter ouvido boatos, fofocas de cozinha, não?

Muito pouco.

Bem, vamos tentar reconstruir a história juntos — disse ela, intrigada pela atitude do rapaz. — Lembro-me de voltar do quarto de meu pai depois que você me chamou para ir falar com ele. Então fui atacada por dois homens.

Acordei no pomar, perto de um regato. O dia nascia. Quando acordei de novo, estava em meu próprio quarto.

A senhora reconheceria os homens, dama?

Alaïs olhou firme para ele.

Não. Estava escuro e tudo aconteceu depressa demais.

Eles levaram alguma coisa?

Ela hesitou.

— Nada de valor — disse, incomodada com a mentira. — Depois, sei que Alziette Baichère deu o alarme. Ouvi-a gabando-se disso mais cedo, embora por mais que pense não consiga entender como ela estava ali tomando conta de mim. Por que não Rixende?

Ou qualquer outra das minhas mulheres?

Foram ordens de dama Oriane. Ela assumiu pessoalmente os cuidados com a senhora.

As pessoas não estranharam a preocupação dela? — perguntou Alaïs.

Aquilo era totalmente atípico. — Minha irmã não é conhecida por esses... talentos.

François aquiesceu.

— Mas ela insistiu muito, dama.

Alaïs sacudiu a cabeça. Uma tênue recordação faiscou em sua mente. A lembrança fugidia de estar presa em um espaço pequeno, de pedra, não de madeira, e do cheiro azedo de urina, animais e descaso. Quanto mais tentava recuperar a lembrança, mais ela lhe escapava.

Ela se forçou a voltar ao assunto presente.

Imagino que meu pai tenha viajado para Montpelhièr, François.

Ele assentiu.

Dois dias atrás, dama.

— Hoje é quarta-feira— murmurou ela, estupefata. Havia perdido dois dias. Franziu o cenho. — Quando eles foram embora, François, meu pai não perguntou por que eu não fui me despedir dele?

— Perguntou sim, dama, mas... Ele me proibiu de acordá-la.

Isto não faz sentido.

105

Mas, e o meu marido? Guilhem não disse que eu não voltei para o nosso quarto naquela noite?

Acho que o chevalier du Mas passou a primeira parte da noite na ferraria, dama, depois compareceu à missa da bênção na capela com o viscon de Trencavel. Ele parecia tão surpreso com a ausência da senhora quanto o intendente Pelletier, e além disso...

Ele se interrompeu.

Continue. Diga o que está pensando, François. Não vou culpar você.

Com seu perdão, dama, acho que o chevalier du Mas não iria querer mostrar que desconhecia o paradeiro da senhora na frente de seu pai.

No instante em que as palavras saíram da boca dele, Alaïs percebeu que ele tinha razão. Naquele momento, a tensão entre seu marido e seu pai estava pior do que nunca.

Alaïs apertou os lábios, sem querer demonstrar que concordava.

— Mas eles se arriscaram tanto — disse ela, voltando a se referir ao ataque. —

Atacar-me dessa forma no coração do Château Comtal já foi loucura suficiente. Aumentar o crime mantendo-me prisioneira... Como eles poderiam esperar escapar impunes?

Ela se empertigou, dando-se conta do que acabara de dizer.

— Todos estavam muito ocupados, dama. O toque de recolher não estava em vigor.

Então, mesmo que o Portão Ocidental estivesse fechado, o Portão Oriental passou a noite inteira aberto. Teria sido fácil para dois homens transportá-la juntos, contanto que seu rosto e suas roupas não estivessem visíveis. Havia muitas senhoras... mulheres, quero dizer, do tipo...

Alaïs reprimiu um sorrisinho.

— Obrigada, François. Já entendi o que está querendo dizer.

O sorriso se foi de seu rosto. Ela precisava pensar, decidir o que deveria fazer agora. Estava mais confusa do que nunca. E o fato de ignorar o porquê daquilo ter acontecido, da maneira como havia acontecido, realçava seu medo. E difícil agir contra um inimigo sem rosto.

— Seria bom fazer circular o boato de que eu não consigo me lembrar de nada do ataque, François — disse ela depois de algum tempo. — Assim, se os meus atacantes ainda estiverem no Château, não terão por que se sentir ameaçados.

A idéia de fazer o mesmo caminho de volta pelo pátio gelava-lhe a alma. Além disso, não queria dormir sob os olhos da aia de Oriane. Alaïs não tinha dúvidas de que suas ordens eram espioná-la e contar tudo à sua irmã.

Vou descansar aqui pelo resto da noite — acrescentou.

Para sua surpresa, François fez cara de horror.

Mas, dama, não é apropriado para a senhora...

— Desculpe tirá-lo da cama — disse ela, abrandando a ordem com um sorriso —, mas não gosto da minha companheira de quarto. — Uma expressão impassível, misteriosa tomou conta do rosto dele. — Mas se você pudesse ficar por perto, François, caso eu precise de você, ficaria grata.

Ele não lhe retribuiu o sorriso.

— Como desejar, dama.

Alaïs o encarou por um instante, depois decidiu que estava tirando conclusões demais sobre o comportamento dele. Pediu-lhe para acender a lamparina, e em seguida o dispensou.

Assim que François saiu, Alaïs se encolheu no centro da cama do pai. Agora que estava novamente sozinha, a dor causada pela ausência de Guilhem voltou como uma 106

pontada surda. Ela tentou trazer o rosto dele à lembrança, seus olhos, o contorno de sua mandíbula, mas os traços se embaralhavam e recusavam-se a se definir. Alaïs sabia que aquela incapacidade de encontrar a imagem do marido na mente vinha da raiva. Disse e repetiu para si mesma que Guilhem estava apenas cumprindo suas obrigações de chevalier. Não agira de forma errada nem traiçoeira. Na verdade, agira como deveria. Na véspera de uma missão importante assim, seu dever era ficar ao lado de seu senhor lígio e daqueles que viajariam com ele, não da mulher. Mesmo assim, por mais que Alaïs repetisse isso para si mesma, não conseguia acalmar as vozes em sua mente. O que quer que dissesse não fazia diferença em relação ao que ela sentia. E o que sentia era que, quando precisara da proteção de Guilhem, ele não a havia protegido. Por mais injusto que fosse, ela culpava Guilhem.

Se sua ausência houvesse sido descoberta à primeira luz da aurora, os homens talvez tivessem sido pegos.

E meu pai não teria ido embora pensando mal de mim.

CAPÍTULO 20

Em uma fazenda deserta nos arredores de Aniane, nas terras planas e férteis a oeste de Montpellier, um velho parfait cátaro e oito credentes, seus seguidores, estavam agachados no canto de um celeiro, atrás de uma coleção de velhos arreios para bois e mulas.

Um dos homens estava gravemente ferido. Carne cinza e cor-de-rosa abria-se em volta dos ossos brancos e quebrados do que havia sido seu rosto. Seu olho fora deslocado da órbita pela força do chute que lhe arrebentara a face. O sangue havia coagulado em volta do buraco fundo. Seus amigos haviam se recusado a deixá-lo quando a casa em que rezavam fora atacada por um pequeno grupo de

soldados renegados que havia se separado do exército francês.

Mas ele havia diminuído o ritmo do grupo, e os fizera perder a vantagem de conhecer bem o terreno. Durante o dia inteiro, os cruzados os haviam caçado. A noite não os salvara, e agora estavam encurralados. Os cátaros podiam ouvi-los gritando no quintal, o som da madeira seca pegando fogo. Estavam construindo uma pira.

O parfait sabia que estavam próximos do fim. Não haveria clemência daqueles homens, movidos por ódio, ignorância e beatismo. Nunca houvera um exército assim em terras cristãs. O parfait não teria acreditado se não houvesse visto com os próprios olhos.

Ele viajava rumo ao sul, em um curso paralelo ao da Hoste. Vira as imensas e sólidas barcaças flutuando Ródano abaixo, levando equipamento e mantimentos, bem como os baús de madeira envoltos em braçadeiras de aço que continham as preciosas relíquias sagradas para abençoar a expedição. Os cascos de milhares de cavalos e homens andando na margem fazia subir uma nuvem gigante de poeira, que pairava acima da Hoste.

Desde o início, o povo das cidades e dos vilarejos havia fechado seus portões, olhando de trás dos muros e rezando para que o exército passasse. Histórias cada vez mais violentas e terríveis circulavam. Havia relatos de fazendas incendiadas, represálias a fazendeiros que haviam se recusado a permitir que os soldados saqueassem suas terras. Fiéis cátaros, denunciados como hereges, haviam sido queimados em fogueiras em Puylaroque. Em Montélimar, a comunidade jucaica inteira, homens, mulheres e crianças, havia sido passada no fio da espada, e suas cabeças sanguinolentas suspensas em estacas do lado de fora da cidade, um banquete para os corvos.

Em Saint-Paul des Trois Châteaux, um parfait fora crucificado por um pequeno grupo de bandoleiros gascões. Eles o haviam amarrado a uma cruz improvisada feita de 107

dois pedaços de madeira presos com uma corda, e atravessado-lhe as mãos com pregos.

O peso de seu corpo o puxava para baixo, mas mesmo assim ele não renegou sua fé

nem cometeu apostasia. No final, entediados pela demora da morte, os soldados abriram-lhe o ventre e o deixaram ali para apodrecer.

Esses e outros atos bárbaros eram negados pelo abade de Cíteaux e pelos barões franceses, ou então atribuídos a renegados. Porém, agachado no escuro, o parfait sabia que ali de nada valiam as palavras dos senhores, padres ou legados papais. Podia sentir o cheiro da sede de sangue no hálito dos homens que os haviam caçado até aquele cantinho da Terra criada pelo Diabo.

Ele sabia reconhecer o Mal.

Tudo que podia fazer agora era tentar salvar as almas de seus fiéis, para que pudessem encarar a face de Deus. Sua passagem daquele mundo para o seguinte não seria delicada.

O ferido ainda estava consciente. Gemia baixinho, mas uma imobilidade final enfim o dominou e sua pele tingiu-se do cinza da morte. O parfait pousou as mãos sobre a cabeça do homem enquanto administrava-lhe os últimos ritos de sua religião e pronunciava as palavras do consolament.

O restante dos fiéis uniu as mãos em círculo e começou a rezar.

— Santo Pai, Deus legítimo dos bons espíritos. Tu que nunca és enganado, que nunca mentes nem duvidas, permite-nos saber...

Os soldados agora estavam chutando a porta, rindo, gritando. Não demoraria para que os encontrassem. A mais jovem das mulheres, que não tinha mais de 14 anos, começou a chorar. As lágrimas corriam incontidas, silenciosas, por suas bochechas.

— ... permite-nos saber o que Tu sabes, amar o que Tu amas; pois nós não somos deste mundo, e este mundo não é de nós, e tememos encontrar a morte no reino de um deus estranho.

O parfait levantou a voz no instante em que a viga horizontal que segurava a estrutura da porta se partia em dois. Lascas de madeira, pontiagudas como flechas, explodiram pelo celeiro quando os homens entraram. À luz alaranjada do fogo que ardia no quintal, ele pôde ver seus olhos, fixos e desumanos. Contou dez homens, todos armados com espadas.

Seus olhos encontraram o comandante que veio seguindo seus homens. Alto, com um rosto fino e pálido e olhos inexpressivos, tão calmos e controlados quanto seus homens eram temperamentais e indisciplinados. Trazia em torno de si um ar de cruel autoridade, de um homem acostumado a ser obedecido.

A suas ordens, os fugitivos foram arrastados para fora do esconderijo. Ele ergueu o braço e enfiou a lâmina no peito do parfait. Por um instante, encarou-o. Os olhos cor de sílex do francês estavam duros de desprezo. Ergueu o braço uma segunda vez e mergulhou a espada no alto da cabeça do homem mais velho, espalhando pela palha sangue vermelho e miolos cinzentos.

Com o assassinato do sacerdote, os fiéis entraram em pânico. Tentaram sair correndo, mas o chão já estava escorregadio de sangue. Um soldado agarrou uma mulher pelos cabelos e enfiou-lhe a espada nas costas. O pai da mulher tentou afastá-lo dela, mas o soldado se virou e golpeou-o na barriga. Os olhos dele se arregalaram, chocados, enquanto o soldado girava a faca, depois afastava o corpo da lâmina com o pé.

O soldado mais jovem se virou e vomitou em cima da palha.

Em minutos, todos os homens estavam mortos, os corpos espalhados pelo celeiro.

O capitão ordenou a seus homens que levassem as duas mulheres mais velhas para fora.

Manteve a menina dentro do celeiro, assim como o rapaz que havia vomitado. Ele 108

precisava aprender a ser mais valente.

A menina se encolheu, afastando-se dele, os olhos brilhando de medo. Ele sorriu.

Não estava com pressa, e ela não tinha para onde fugir. Caminhou em volta dela, como um lobo observando sua presa, e então, sem aviso, atacou. Com um único movimento, agarrou-a pela garganta e atirou sua cabeça para trás contra a parede, abrindo-lhe o vestido com um rasgo. Ela começou a gritar mais alto, golpeando com os braços e chutando descontroladamente. Ele esmurrou-lhe o rosto, adorando o som do osso a se partir sob seu punho.

As pernas dela cederam. Ela caiu de joelhos, deixando um rastro de sangue na parede de madeira. Ele se inclinou para a frente e arrancou-lhe a combinação do corpo, rasgando o tecido de cima a baixo com um puxão. Ela gemeu enquanto ele erguia-lhe as saias até a cintura.

— Não podemos deixar que eles se reproduzam e ponham outros hereges no mundo — disse ele com a voz fria, retirando a faca da bainha.

Não tinha a intenção de poluir sua carne tocando aquela herege. Empunhando a lâmina, mergulhou-a até o cabo na barriga da moça. Com todo o ódio que sentia por ela e seus semelhantes, esfaqueou-a repetidamente, até o corpo ficar imóvel na sua frente.

Em um derradeiro ato de conspurcação, virou-a de costas e, com dois profundos golpes da faca, gravou o sinal da cruz em suas costas nuas. Pérolas de sangue brotaram da pele branca como rubis.

— Isto deve servir de lição para os outros que passarem por aqui — disse ele, calmo. — Agora livre-se dela.

Limpando a lâmina no vestido rasgado da menina, ele endireitou o corpo. O rapaz soluçava. Suas roupas estavam sujas de vômito e sangue. Ele tentava fazer o que seu capitão mandava, mas era lento demais. O capitão agarrou o rapaz pelo pescoço.

— Estou dizendo para livrar-se dela. Rápido. Se não quiser ter a mesma sorte. —

Chutou o rapaz na base das costas, deixando uma pegada de sangue, pó e sujeira impressa em sua túnica. Um soldado de estômago fraco de nada lhe servia.

A pira improvisada no meio do quintal da fazenda ardia intensamente, alimentando-se dos ventos noturnos quentes vindos do Mediterrâneo.

Os soldados mantinham-se bem afastados dela, as mãos junto ao rosto para se proteger do calor. Seus cavalos, amarrados perto do portão, batiam os cascos, agitados.

O cheiro da morte entrava por suas narinas, deixando-os nervosos.

As mulheres haviam sido despidas e obrigadas a se ajoelhar no chão na frente de

seus captores, os pés amarrados e as mãos presas apertadas nas costas. Seus rostos, seus seios arranhados e seus ombros nus davam mostras de maus-tratos, mas elas estavam caladas. Alguém soltou um arquejo quando o corpo da moça foi jogado na sua frente.

O capitão se aproximou do fogo. Estava entediado agora, impaciente para ir embora. Não fora para matar hereges que ele havia abraçado a cruz. Aquela expedição brutal era um presente seu para seus homens. Eles precisavam ser mantidos ocupados, afiar suas habilidades e serem impedidos de agredir uns aos outros.

O céu da noite estava cheio de estrelas em volta de uma lua cheia. Ele percebeu que devia passar da meia-noite, talvez mais. Sua intenção havia sido voltar muito antes, caso a ordem chegasse.

— Vamos jogá-las no fogo, meu senhor?

Com um golpe único, repentino, ele desembainhou a espada e decapitou a mulher mais próxima. O sangue jorrou de uma veia em seu pescoço, banhando-lhe as pernas e os pés. A cabeça caiu no chão com um leve baque. Ele chutou o corpo que ainda se contorcia até ele cair para a frente no chão.

— Matem o resto destas vadias hereges e depois queimem os corpos, e o celeiro também. Já estamos atrasados.

CAPÍTULO 21

Alaïs acordou com a aurora entrando no quarto.

Por um instante, não conseguiu se lembrar de como tinha chegado ao quarto do pai. Sentou-se e espreguiçou-se para despertar os ossos, esperando que a lembrança da véspera voltasse vivida e forte.

Em algum ponto entre a meia-noite e as primeiras horas da manhã, ela havia tomado uma decisão. Apesar da noite mal dormida, sua mente estava límpida como uma nascente de montanha. Ela não podia ficar sentada, esperando passivamente a volta do pai. Não tinha como avaliar as conseqüências de cada dia de atraso. Quando ele lhe falara sobre seu dever sagrado para com a

Noublesso de los Seres e o segredo que protegiam, não lhe deixara dúvidas de que sua honra e seu orgulho dependiam de sua capacidade de cumprir seus votos. O dever dela era encontrá-lo, contar-lhe o que havia acontecido, tornar a pôr a situação nas mãos dele.

Muito melhor agir do que não fazer nada.

Alaïs foi até a janela e abriu as persianas para deixar entrar o ar da manhã. Ao longe, a Montagne Noire cintilava, púrpura, à aurora que nascia, sólida e atemporal. A visão da montanha reforçou sua decisão. O mundo a chamava para junto dele.

Ela estaria se arriscando, uma mulher viajando sozinha. Teimosa, diria seu pai. Mas ela era excelente amazona, veloz e instintiva, e confiava em sua capacidade de escapar de qualquer bando de routiers ou bandidos. Além disso, até onde sabia, não houvera ataques nas terras do visconde Trencavel.

Alaïs ergueu a mão até o hematoma em sua nuca, prova de que alguém lhe queria mal. Se fosse a sua hora de morrer, muito melhor então encarar a morte de espada na mão do que ficar sentada esperando seus inimigos tornarem a atacar.

Alaïs pegou a lamparina fria de cima da mesa, olhando para seu reflexo no vidro sujo de fuligem. Estava pálida, a pele da cor do leitelho, e seus olhos reluziam de cansaço. Mas havia neles um brilho de decisão que não estava ali antes.

Alaïs preferiria não ter que voltar a seu quarto, mas não tinha escolha. Passando por cima de François com cuidado, tornou a cruzar o pátio e entrou novamente na ala residencial. Não havia ninguém por perto.

O dissimulado braço direito de Oriane, Guirande, dormia no chão do lado de fora do quarto de sua irmã quando Alaïs passou pelo corredor na ponta dos pés, o rosto bonito adormecido, os lábios fazendo biquinho.

Alaïs não perdeu tempo e pôs-se logo a trabalhar. O sucesso de seu plano dependia de sua capacidade de enganar a todos fazendo-os pensar que ela era fraca demais para aventurar-se longe de casa. Ninguém na casa podia saber que seu destino era Montpellier.

Tirou do armário seu vestido de caça mais leve, de uma cor meio avermelhada como o pêlo de um esquilo, com mangas mais claras e cinzentas, largas no braço

e que iam se afinando até uma ponta em forma de diamante. Amarrou um fino cinto de couro na cintura, ao qual prendeu a faca de mesa e a borsa, sua bolsa de caça de inverno.

Alaïs calçou as botas de caça até logo abaixo do joelho, apertou os cadarços de couro no alto do cano, para prender uma segunda faca, e em seguida ajustou a fivela e vestiu uma capa marrom simples com capuz e sem detalhes.

110

Uma vez vestida, Alaïs pegou algumas pedras preciosas e jóias de seu porta jóias, incluindo seu colar de aventurina e seu anel e gargantilha de turquesa. Poderiam ser úteis para uma troca ou para garantir passe seguro ou abrigo, principalmente depois que saísse das terras do visconde Trencavel.

Por fim, satisfeita de que não havia se esquecido de nada, retirou a espada do esconderijo atrás da cama onde ela repousava, intocada, desde o dia de seu casamento.

Alaïs empunhou a espada com firmeza na mão direita e ergueu-a diante do rosto, sopesando a lâmina na palma da mão. Ainda estava reta e boa, apesar da falta de uso.

Ela desenhou um oito no ar, familiarizando-se novamente com o peso e a peculiaridade da arma. Sorriu. A espada parecia se encaixar perfeitamente em sua mão.

Alaïs esgueirou-se até a cozinha e pediu pão de cevada, figos, peixe salgado, um tablete de queijo e um garrafão de vinho a Jacques. Ele lhe deu muito mais do que ela precisava, como sempre fazia. Dessa vez, ela ficou agradecida por sua generosidade.

Acordou sua criada, Rixende, e sussurrou-lhe um recado para dama Agnès de que dama Alaïs estava se sentindo melhor e se juntaria às senhoras da casa no solar depois de soada a terça. Rixende pareceu surpresa, mas não fez nenhum comentário. Alaïs não gostava dessa parte de suas obrigações, e geralmente pedia para ser dispensada sempre que possível. Sentia-se enjaulada na companhia das mulheres, e ficava entediada com as conversas sem importância. Porém, nesse dia, aquilo serviria como uma prova perfeita de que sua intenção era retornar ao Château.

Alaïs esperava que só sentissem sua falta mais tarde. Com sorte, somente quando o sino da capela anunciasse vésperas é que perceberiam que ela não havia voltado para casa e dariam o alarme.

A essa altura, eu já estarei longe.

— Só fale com dama Agnès depois de ela tomar o café-da-manhã, Rixende — disse ela. — Só quando os primeiros raios do sol baterem no muro ocidental do pátio, entendeu? Oc? Antes disso, se alguém vier me procurar, mesmo que seja o criado de meu pai, pode lhes dizer que eu fui cavalgar nos campos para lá de Sant-Miquel.

Os estábulos ficavam no canto nordeste do pátio, entre a Tour des Casernes e a Tour du Major. Cavalos bateram os cascos e levantaram as orelhas quando ela se aproximou, relinchando baixinho, esperando feno. Alaïs parou na primeira baia e passou a mão pelo focinho largo de sua velha égua cinza. A frente de sua crina e os pêlos entre seus ombros estavam salpicados de fios duros e brancos.

— Hoje não, amiga — disse ela. — Eu não poderia exigir tanto de você.

Seu outro cavalo ficava na baia seguinte. A égua árabe de seis anos de idade, Tatou, fora um presente de casamento surpresa de seu pai. Castanha da cor das pinhas no inverno, com o rabo e a crina brancos, tufos de pêlo amarelado na parte de trás das patas junto aos cascos, e pintas brancas nos quatro pés. Da altura dos ombros de Alaïs, Tatou tinha a cara achatada típica de sua raça, ossos densos, garupa firme e temperamento fácil. Mais importante ainda, tinha boa resistência e era muito veloz.

Para seu alívio, a única pessoa no estábulo era Amiel, o mais velho dos filhos do ferreiro, que tirava uma soneca sobre o feno no canto mais afastado das baias. Pôs-se de pé ao vê-la, encabulado por ter sido pego dormindo.

Alaïs interrompeu suas desculpas.

Amiel verificou os cascos e ferraduras da égua, para certificar-se de que ela estava preparada para ser montada, depois pegou uma manta e, a pedido de Alaïs, um arreio de viagem, e não de caça, e um bridão. Alaïs podia sentir a pressão no peito. Sobressaltava a cada ruído vindo do pátio, virando-se ao ouvir alguma voz.

Somente quando ele terminou foi que Alaïs retirou a espada de baixo da capa.

— Está cega — falou.

111

Seus olhares se cruzaram. Sem dizer uma palavra, Amiel pegou a espada e levou-a até a bigorna na forja. O fogo ardia, mantido aceso noite e dia por uma sucessão de meninos que mal tinham tamanho suficiente para transportar as pesadas e pontiagudas braçadas de galhos de um lado para o outro da ferraria.

Alaïs ficou olhando enquanto faíscas voavam da pedra, observando a tensão nos ombros de Amiel enquanto ele golpeava a lâmina com o martelo, afiando, achatando e reequilibrando.

— É uma boa espada, dama Alaïs — disse ele, neutro. — Servirá à senhora bem, mas... rezo a Deus para que não precise usá-la.

Ela sorriu.

— Ieu tanben. — Eu também.

Ele ajudou-a a montar e conduziu-a pelo pátio. Alaïs tinha o coração apertado, com medo de ser vista naquele último instante e ter seus planos arruinados.

Mas não havia ninguém por perto e eles logo chegaram ao Portão Oriental.

— Vá com Deus, dama Alaïs — sussurrou Amiel, enquanto Alaïs colocava um sol na palma de sua mão. Os guardas abriram os portões e Alaïs tocou Tatou para frente, cruzando a ponte e adentrando as ruas recém despertadas de Carcassonne, com o coração aos pulos. O primeiro desafio fora vencido.

Assim que passou pela Porte Narbonnaise, Alaïs afrouxou as rédeas de Tatou.

Libertat. Liberdade.

Enquanto cavalgava, com o sol erguendo-se ao leste, Alaïs se sentia em harmonia com o mundo. O vento soprava seus cabelos para longe do rosto e devolvia a cor a suas faces. Enquanto Tatou galopava pelas planícies, ela se perguntava se era assim que a alma se sentia ao deixar o corpo em sua viagem de

quatro dias até o céu. Aquela sensação de Graça divina, aquela transcendência, como se tudo que fosse físico desaparecesse até não restar nada a não ser espírito?

Alaïs sorriu. Os parfaits pregavam que chegaria a hora em que todas as almas seriam salvas e todas as perguntas respondidas no céu. Mas, por ora, ela estava preparada para esperar. Ainda havia coisas demais a fazer sobre a Terra para ela pensar em deixá-la.

Com a própria sombra a se estender atrás de si, qualquer pensamento sobre Oriane, sobre a casa, todos os medos desapareceram. Ela estava livre. Às suas costas, os muros e torres coloridos da Cité foram ficando cada vez menores, até desaparecerem por completo.

CAPÍTULO 22

Toulouse

Terça-feira, 5 de julho de 2005

No aeroporto de Blagnac, em Toulouse, o funcionário da segurança prestou mais atenção nas pernas de Marie-Cécile de l'Oradore do que nos passaportes dos outros passageiros.

Todos viravam a cabeça em sua direção enquanto ela cruzava o espaço revestido de lajotas cinza e brancas. Seus cachos pretos simétricos, seu terninho de saia bem cortado, sua camisa branca impecável. Tudo a destacava como alguém importante, alguém que não tinha a intenção de ficar em filas nem de esperar.

Seu motorista habitual estava à sua espera no portão de desembarque, discreto com seu terno escuro entre a multidão de parentes e turistas de camiseta e shorts. Ela sorriu e pediu notícias da família dele enquanto caminhavam até o carro, embora sua cabeça estivesse em outro lugar. Quando ligou o celular, havia um recado de Will, que ela apagou.

Enquanto o carro se juntava silenciosamente ao fluxo do tráfego na rocade que rodeava Toulouse, Marie-Cécile se permitiu relaxar. A cerimônia da noite anterior fora mais excitante do que nunca. Armada com a informação de que a

caverna havia sido descoberta, ela se sentia transformada, recompensada pelo ritual e seduzida pelo poder herdado do avô. Quando havia erguido as mãos e pronunciado as palavras encantatórias, sentira uma energia pura correr por suas veias.

Até mesmo o fato de ter tido que silenciar Tavernier, um iniciado que havia se revelado indigno de confiança, correra sem dificuldades. Contanto que ninguém mais abrisse a boca — e agora tinha certeza de que ninguém o faria — não havia nada com que se preocupar. Marie-Cécile não perdera tempo dando-lhe uma oportunidade de se defender. A seu ver, as transcrições das entrevistas que ele dera a uma jornalista eram provas suficientes.

Mesmo assim. Marie-Cécile abriu os olhos.

Havia algumas coisas naquela situação que a preocupavam. O modo como a indiscrição de Tavernier havia sido revelada; o fato de que as anotações da jornalista eram surpreendentemente concisas e consistentes; o fato de que a própria jornalista estava desaparecida.

Mais do que tudo, incomodava-a a coincidência temporal. Não havia por que associar a descoberta da caverna no Pic de Soularac a uma execução já planejada — e subseqüentemente levada a cabo — em Chartres, mas, em sua mente, os dois acontecimentos estavam ligados.

O carro diminuiu a velocidade. Ela abriu os olhos e viu que o motorista havia parado para pegar o recibo do pedágio da auto-estrada. Bateu no vidro.

— Pour le péage — disse, entregando-lhe uma nota de cinqüenta euros enrolada entre os dedos de unhas feitas. Não queria deixar rastros pagando com cartão de crédito.

Marie-Cécile tinha trabalho a fazer em Avignonet, cerca de trinta quilômetros a sudoeste de Toulouse. De lá, seguiria para Carcassonne. Sua reunião estava marcada para as nove, embora pretendesse chegar mais cedo. O tempo que passaria em Carcassonne dependeria do homem que iria encontrar.

Cruzou as pernas compridas e sorriu. Estava ansiosa para ver se ele fazia jus à

reputação que tinha.

CAPÍTULO 23

Carcassonne

Logo depois das dez horas, o homem conhecido como Audric Baillard saiu da estação da SNCF de Carcassonne e tomou a direção da cidade. Era magro, e seu terno claro lhe dava uma aparência distinta, mesmo que um pouco antiquada. Caminhava depressa, segurando uma bengala comprida de madeira como um cetro entre os dedos finos. Seu chapéu-panamá protegia-lhe os olhos da claridade.

Baillard atravessou o Canal du Midi e passou na frente do magnífico Hotel du Terminus, com seus vistosos espelhos art déco e suas ornamentadas portas de ferro giratórias. Carcassonne havia mudado muito. As mostras disso surgiam por toda parte 113

enquanto ele descia a rua de pedestres que atravessava o coração da Basse Ville. Novas lojas de roupas, pâtisseries, livrarias e joalherias. Reinava ali um ar de prosperidade. A cidade era novamente um destino popular. Um lugar no centro dos acontecimentos.

As cerâmicas brancas do calçamento da Place Carnot cintilavam ao sol. O

calçamento era novo. O estupendo chafariz do século XIX havia sido restaurado, e sua água estava cristalina. A praça estava coalhada das coloridas cadeiras e mesas dos cafés.

Baillard olhou na direção do Bar Félix e sorriu ao ver seus toldos conhecidos e esfarrapados debaixo das limeiras. Pelo menos algumas coisas não haviam mudado.

Subiu uma rua lateral estreita e movimentada que levava ao Pont Vieux. As placas marrons, típicas de monumentos históricos, indicavam o caminho para a Cité medieval fortificada, e eram mais uma indicação de como o lugar havia se transformado, passando de uma classificação de "vaut le détour" no guia Michelin a patrimônio histórico mundial da Unesco.

Então ele saiu para o espaço aberto e lá estava ela. La Ciutat. Baillard, como sempre, experimentou uma forte sensação de ter chegado em casa. Muito embora aquele não fosse mais o lugar que ele havia conhecido.

Uma cerca decorativa havia sido erguida na entrada do Pont Vieux para evitar o tráfego. Houvera uma época em que era preciso se encolher contra as muralhas para evitar a manada de furgões, trailers, caminhões e bicicletas que cruzavam resfolegando a ponte estreita. Naquele tempo, as fachadas de pedra exibiam as cicatrizes de décadas de poluição. Agora o parapeito estava limpo. Talvez um pouco limpo demais. Mas o surrado Jesus de pedra continuava pendurado em sua cruz como uma boneca de pano, bem no meio da ponte, marcando a fronteira entre a Bastide Saint-Louis e a antiga cidade fortificada.

Ele retirou um lenço amarelo do bolso de cima e enxugou cuidadosamente o rosto e a testa, debaixo da aba do chapéu. As bordas do rio logo abaixo eram exuberantes e bem-cuidadas, com caminhos cor de areia serpenteando por entre as árvores e arbustos.

Na margem norte, abrigados em meio a um manto de grama, havia canteiros cuidadosamente cultivados, cheios de flores exóticas. Senhoras bem-vestidas sentavam-se nos bancos de metal à sombra das árvores, olhando para a água lá embaixo e conversando, enquanto seus cachorrinhos ofegavam pacientemente junto a elas, ou então tentavam morder os calcanhares de um ou outro corredor.

O Pont Vieux conduzia diretamente ao Quartier de la Trivalle, que fora transformado de subúrbio insosso em porta de entrada da Cité medieval. Cercas de ferro fundido preto haviam sido posicionadas a intervalos regulares ao longo das calçadas, para impedir que os carros estacionassem. Amores-perfeitos em tons berrantes de corde-laranja, roxo e vermelho transbordavam de seus vasos como cabelos cascateando pelas costas de alguma moça. Mesas e cadeiras cromadas reluziam do lado de fora de cafés, e luminárias retorcidas revestidas de cobre haviam tomado o lugar dos velhos postes de luz comuns. Até mesmo as antigas calhas de plástico e ferro, que vazavam e trincavam debaixo da chuva e do calor, haviam sido substituídas por elegantes canaletas feitas de metal escovado, com as extremidades moldadas em forma de vorazes bocas de peixes.

A boulangerie e a alimentation générale haviam sobrevivido, assim como o Hôtel du Pont Vieux, mas a boucherie agora vendia antigüidades e a mercerie era uma loja de curiosidades new age, que vendia cristais, baralhos de tarô e livros sobre despertar espiritual.

Quantos anos fazia desde que ele pisara ali pela última vez? Já havia perdido a conta.

Baillard entrou direto na rue de la Gaffe, e ali também viu sinais de uma modernização crescente. A largura da rua mal deixava passar um único carro; era mais um beco do que uma rua propriamente dita. Havia uma galeria de arte na esquina — La Maison du Chevalier — com duas grandes janelas arqueadas protegidas por barras de 114

metal, como uma porta levadiça hollywoodiana. Na parede havia seis escudos de madeira pintada e, ao lado da porta, um anel de metal para as pessoas amarrarem seus cachorros onde um dia se amarraram os cavalos.

Várias portas estavam recém pintadas. Ele viu os números das casas em plaquinhas de cerâmica branca emolduradas de azul, amarelo e ramos de flores pequeninas. Um ou outro mochileiro, carregando mapas e garrafas d'água, parava para perguntar o caminho da Cité, mas fora isso havia pouco movimento.

Jeanne Giraud morava em uma casinha de fundos para as íngremes encostas cobertas de grama que conduziam às muralhas medievais. No seu canto da rua, menos casas haviam sido reformadas. Algumas estavam em ruínas ou interditadas. Uma velha e um homem estavam sentados do lado de fora em cadeiras trazidas da cozinha. Baillard ergueu o chapéu e desejou-lhes bom dia ao passar. Conhecia de vista alguns dos vizinhos de Jeanne, tendo construído uma relação cordial com eles ao longo dos anos.

Encontrou Jeanne na rua, sentada na sombra em frente à porta de casa, à sua espera. Tinha a mesma aparência arrumada e eficiente de sempre, com uma camisa simples de manga comprida e uma saia escura reta. Seus cabelos estavam presos em um coque na nuca. Parecia a professora que havia sido até sua aposentadoria vinte anos antes. Durante todos os anos em que os dois se conheciam, ela nunca o havia recebido de outra forma senão perfeita e formalmente arrumada.

Audric sorriu, lembrando-se de como Jeanne era curiosa quando jovem, sempre a fazer perguntas. Onde ele morava? O que fazia durante os longos meses em que não se viam? Para onde ele ia?

Ele lhe respondia que ia viajar. Pesquisar e juntar material para seus livros, visitar amigos. Que amigos, perguntava ela?

Colegas, pessoas com quem ele havia estudado e compartilhado experiências. Ele lhe contara sobre a amizade com Grace.

Algum tempo depois, admitira que morava em um vilarejo dos Pireneus, não muito longe de Montségur. Mas ela sabia muito pouca coisa sobre ele além disso e, à medida que passavam as décadas, havia desistido de perguntar.

Jeanne era uma pesquisadora intuitiva e metódica, diligente, conscienciosa e pouco dada a arroubos de sentimentalismo; eram qualidades inestimáveis. Durante os últimos trinta anos ou algo assim, havia trabalhado com ele em todos os seus livros, mais especificamente no último, um trabalho ainda inconcluso, biografia de uma família cátara na Carcassonne do século XIII.

Para Jeanne, aquilo fora um trabalho de detetive. Para Audric, fora uma obra de amor.

Ao vê-lo chegar, Jeanne levantou a mão.

Audric — disse, sorrindo. — Há quanto tempo.

Ele segurou as mãos dela nas suas.

Bonjorn.

Ela recuou para olhá-lo de cima a baixo.

— Você está com uma cara boa.

—Té tanben — respondeu ele. Você também.

Veio rápido.

Ele assentiu.

O trem foi pontual.

Jeanne pareceu escandalizada.

115

Você não veio a pé da estação?

—Não é tão longe assim — disse ele com um sorriso. — Confesso que queria ver o quanto Carcassona havia mudado desde a última vez em que estive aqui.

Baillard a seguiu para dentro da casa fresca. As cerâmicas marrons e beges do piso e das paredes davam um ar sombrio, antiquado a tudo em volta. No centro do cômodo havia uma mesinha oval, suas pernas gastas espiando por baixo de uma toalha impermeável amarela e azul. Uma escrivaninha, no canto, sustentava uma máquina de escrever antiga, ao lado de portas envidraçadas que davam para uma pequena varanda.

Jeanne saiu da despensa com uma bandeja contendo uma jarra d'água, uma vasilha de pedras de gelo, uma travessa de biscoitos crocantes de especiarias, uma tigela de azeitonas verdes amargas e um pires para os caroços. Pousou a bandeja com cuidado sobre a mesa, e então estendeu a mão para o estreito parapeito de madeira que margeava todo o aposento na altura dos ombros. Sua mão encontrou uma garrafa de Guignolet, um amargo licor de cereja que ele sabia que ela guardava apenas para suas raras visitas.

O gelo rachou e retiniu contra as laterais do copo quando o álcool vermelho brilhante derramou-se sobre as pedras. Durante alguns instantes, ficaram sentados em um silêncio cúmplice, como haviam feito muitas vezes antes. Fragmentos ocasionais dos comentários de algum guia, cuspidos em várias línguas, chegavam da Cité enquanto o trenzinho de turistas completava um de seus circuitos regulares das muralhas.

Audric pousou o copo sobre a mesa com cuidado.

—Então — disse. — Conte-me o que aconteceu.

Jeanne aproximou a cadeira da mesa.

—O meu neto Yves, como você sabe, trabalha para a Police Judiciaire, département de L'Ariège, lotado lá em Foix. Ontem, ele foi chamado para ir até uma escavação arqueológica nos Montes Sabarthès, perto do Pic de Soularac, onde haviam sido encontrados dois esqueletos. Yves achou estranho seus superiores estarem tratando aquilo como a potencial cena de um crime, e disse que era óbvio que os esqueletos estavam ali há um tempo considerável. — Ela fez uma pausa. — É claro que o Yves não entrevistou a mulher que encontrou os corpos, mas ele estava presente na entrevista.

Ele conhece um pouco o trabalho que eu tenho feito para você, certamente o suficiente para saber que a descoberta dessa tal caverna despertaria o seu interesse.

Audric prendeu a respiração. Passara tantos anos tentando imaginar como se sentiria naquele momento. Nunca havia perdido a esperança de que, por fim, chegaria a hora de ele conhecer a verdade daqueles momentos finais.

As décadas se sucediam. Ele via as estações seguirem seu ciclo incessante: o verde da primavera transformar-se no dourado do verão; a palheta queimada dos tons outonais desaparecer por baixo da austera brancura do inverno; as fontes despejarem suas primeiras águas na primavera.

Mas não houvera nenhuma notícia. E ara? E agora? O Yves entrou na caverna? —perguntou ele.

Jeanne assentiu.

O que foi que ele viu?

Um altar. Atrás do altar, esculpido na própria rocha, o símbolo do labirinto.

E os corpos? Onde eles estavam?

Em uma cova, na verdade não mais do que uma depressão no solo, em frente ao altar. Havia objetos no chão entre os corpos, mas tinha gente demais lá dentro para ele chegar perto o suficiente a ponto de ver alguma coisa.

Quantos corpos eram?

Dois. Dois esqueletos.

Mas é... — Ele parou. — Não tem importância, Jeanne. Continue, por favor. —

Debaixo dos... deles, ele pegou isto.

Jeanne deslizou um pequeno objeto pela mesa.

Audric não se moveu. Depois de tanto tempo, tinha medo de tocá-lo.

O Yves me telefonou da agência dos correios de Foix no final da tarde de ontem. A ligação estava ruim e não consegui escutar direito, mas ele disse que pegou o anel porque não confiava nas pessoas que estavam procurando por ele. Ele

parecia preocupado. — Jeanne fez uma pausa. — Não, ele parecia assustado, Audric. As coisas não estavam sendo feitas do jeito certo. Os procedimentos normais não estavam sendo seguidos, havia várias pessoas no local que não deveriam estar lá. Ele estava sussurrando, como se tivesse medo de que alguém escutasse.

Quem sabe que ele entrou na caverna?

Não sei. Os oficiais encarregados? O chefe dele? Talvez mais gente.

Baillard olhou para o anel sobre a mesa, então estendeu a mão e o pegou.

Segurando-o entre o polegar e o indicador, virou-o na direção da luz. O delicado desenho do labirinto era claramente visível do lado de dentro.

—É o anel dele? — perguntou Jeanne.

Audric não conseguia responder. Perguntava-se por que o acaso fizera o anel cair em suas mãos. Perguntava-se se seria de fato um acaso.

—O Yves disse para onde os corpos tinham sido levados?

Ela negou com a cabeça.

—Você poderia perguntar para ele? E, se ele conseguir, pedir a lista de todas as pessoas que estavam na escavação ontem quando a caverna foi aberta.

—Vou perguntar. Tenho certeza de que ele vai ajudar, se puder.

Baillard enfiou o anel no polegar.

Por favor, agradeça ao Yves por mim. Deve ter custado muito a ele pegar isto aqui.

Ele não faz idéia do quanto sua rapidez de raciocínio pode ter sido importante. — Ele sorriu. — Ele disse o que mais foi descoberto com os corpos?

Uma adaga, uma bolsinha de couro sem nada dentro, uma lamparina no...Vuèg? —disse ele, incrédulo. Vazia? — Mas não pode ser.

O inspetor Noubel, o oficial responsável, aparentemente insistiu muito neste

detalhe com a mulher. O Yves disse que ela foi categórica. Ela alegou não ter mexido em nada, a não ser no anel.

E o seu neto achou que ela estivesse dizendo a verdade?

Ele não disse.

Se... alguma outra pessoa deve ter pego — murmurou ele para si mesmo, com o cenho franzido de tanto pensar. — O que o Yves contou a você sobre essa mulher?

Muito pouca coisa. Ela é inglesa, tem vinte e poucos anos e é voluntária, não é

arqueóloga. Estava hospedada em Foix a convite de uma amiga, que é a segunda pessoa mais importante da escavação.

Ele disse o nome dela?

Taylor, acho que ele falou. — Ela franziu o cenho. — Não, Taylor não. Talvez fosse Tanner. É, é isso, Alice Tanner.

O tempo parou.

117

—Es vertat?— Será possível? O nome ecoou em sua cabeça. — Es vertat?— repetiu num sussurro.

Será que ela teria pego o livro? Teria reconhecido o que era? Não, não. Ele se deteve. Aquilo não fazia sentido. Se havia pego o livro, por que não também o anel?

Baillard pôs as mãos espalmadas em cima da mesa para fazê-las parar de tremer, depois encarou Jeanne.

Você acha que poderia perguntar ao Yves se ele tem o endereço dela?

Se ele sabe onde essa madomaisèla... — Parou, incapaz de prosseguir.

Posso perguntar — respondeu ela, depois acrescentou: — Está tudo bem, Audric?

Estou cansado. — Ele tentou sorrir. — Só isso.

Eu esperava que você fosse ficar mais... feliz. Isto é o coroamento de anos de trabalho, ou pelo menos poderia ser.

É coisa demais para digerir de uma vez só.

Você parece chocado pela notícia, em vez de animado.

Baillard imaginou qual seria sua aparência: olhos brilhantes demais, rosto pálido demais, mãos trêmulas.

— Estou animado — disse. — E muito grato ao Yves e, é claro, a você também, mas... — Respirou fundo. — Talvez você pudesse ligar para o Yves agora? Será que eu posso falar com ele pessoalmente? Talvez até me encontrar com ele?

Jeanne se levantou da mesa e andou até a parede onde o telefone repousava sobre uma mesinha ao pé da escada.

Baillard olhou pela janela para as encostas que conduziam às muralhas da Cité.

Uma imagem dela cantando enquanto trabalhava surgiu em sua mente, uma visão da luz caindo em feixes brilhantes por entre os galhos das árvores, lançando poças de claridade sobre a superfície do rio. A toda sua volta havia sons e cheiros de primavera; pontinhos de cor na vegetação rasteira, azuis, cor-de-rosa e amarelos, a terra boa e profunda e o cheiro pungente dos buxeiros dos dois lados do caminho pedregoso. A promessa de calor e de dias de verão por vir.

Ele sobressaltou-se quando a voz de Jeanne o chamou de volta das suaves cores do passado.

—Ninguém atende — disse ela.

CAPÍTULO 24

Chartres

Na cozinha da casa da rue du Cheval Blanc, em Chartres, Will Franklin bebeu o leite direto da garrafa de plástico, tentando eliminar o gosto de conhaque velho

da boca.

Antes de sair, cedo pela manhã, a empregada havia posto a mesa do café. A cafeteira italiana estava em cima do fogão. Will imaginou que fosse para François-Baptiste, já que a empregada não se dava a trabalhos desse tipo por sua causa quando Marie-Cécile estava ausente. Supôs também que François-Baptiste estivesse dormindo até mais tarde, já que tudo estava intocado, sem nenhuma colher nem faca fora do lugar. Duas vasilhas, dois pratos, duas xícaras com seus pires. Will levantou o pano de linho branco. Debaixo dele havia pêssegos, nectarinas e melão, além de maçãs.

Will estava sem fome. Na noite anterior, para passar o tempo até Marie-Cécile

aparecer, ele havia tomado primeiro um drinque, depois um segundo e um terceiro.

Quando ela apareceu, já passava muito da meia-noite, e a essa altura ele tinha bebido tanto que estava de porre. Ela estava elétrica, louca para compensar a discussão que haviam tido. Só tinham ido dormir com o dia amanhecendo.

Os dedos de Will se apertaram em volta do pedaço de papel em sua mão. Marie-Cécile sequer se dera ao trabalho de escrever ela própria o bilhete. Mais uma vez, coubera à empregada avisá-lo de que ela saíra da cidade a trabalho e esperava estar de volta antes do fim de semana.

Will e Marie-Cécile haviam se conhecido na festa de inauguração de uma galeria de arte em Chartres, na primavera anterior, por meio de amigos de amigos dos pais dele.

Will estava começando seis meses de viagem sabática pela Europa; Marie-Cécile era uma das patrocinadoras da galeria. Fora ela quem havia tomado a iniciativa, mais do que o contrário. Atraído e lisonjeado com a atenção, Will se vira derramando a história de sua vida para ela enquanto tomavam uma garrafa de champanhe. Haviam saído da galeria juntos, e estavam juntos desde então.

Tecnicamente juntos, pensou Will com amargura. Abriu a torneira e borrifou água fria no rosto. Havia ligado para ela de manhã, sem saber ao certo o que queria dizer, mas o celular estava desligado. Ele estava farto daquele estado de constante incerteza, sem nunca saber onde estava pisando.

Will olhou pela janela para o pequeno pátio nos fundos da casa. Como tudo mais por ali, estava perfeitamente decorado, com grande precisão. Nada fora deixado a cargo da natureza. Seixos cinza-claros, vasos altos de terracota com limoeiros e laranjeiras na parte de trás, margeando o muro voltado para o sul. Na jardineira da janela, fileiras de gerânios vermelhos, as pétalas já inchadas de sol, erguiam-se orgulhosos. Uma hera centenária cobria o pequeno portão de ferro fundido no muro. Tudo dava uma impressão de permanência. Tudo ainda estaria ali muito depois de Will ir embora.

Ele se sentia como um homem que acordava de um sonho para descobrir que o mundo real não era como havia imaginado. A atitude mais inteligente seria minimizar as perdas, sem rancor, e seguir em frente. Por mais desiludido que ele estivesse com o relacionamento, Marie-Cécile havia sido generosa e gentil com ele e, para ser bem honesto, cumprira sua parte do acordo. Eram as expectativas irrealistas dele que o haviam desapontado. Não era culpa dela. Ela não havia quebrado nenhuma promessa.

Só agora Will conseguia ver a ironia no fato de ter escolhido passar os três últimos meses exatamente no mesmo tipo de casa em que crescera e do qual havia fugido ao ir para a Europa. Tirando as diferenças culturais, a atmosfera daquela casa lembrava-lhe a casa de seus pais nos Estados Unidos, elegante e estilosa, um lugar pensado para entreter e ostentar, mais do que para servir de lar. Lá, como aqui, Will havia passado muito tempo sozinho, perambulando de um cômodo imaculado a outro.

A viagem era a oportunidade que Will tinha para decidir o que queria fazer da vida.

Seu plano original era descer trabalhando da França até a Espanha, juntando idéias para escrever, inspirando-se, mas desde que chegara a Chartres mal havia escrito uma única frase. Seus temas eram rebelião, raiva e ansiedade: a trindade profana da vida americana. No seu país, havia encontrado muita coisa de que sentir raiva. Ali, não tinha nada a dizer. O único tema que ocupava sua mente era Marie-Cécile, e esse era justamente o único tema proibido.

Ele tomou o que restava do leite e jogou a garrafa de plástico na lixeira. Deu mais uma olhada na mesa e decidiu sair para tomar café na rua. A idéia de uma conversa educada com François-Baptiste revirava-lhe o estômago.

Will emergiu do corredor de comunicação. O hall de entrada, com seu pé-direito alto, estava silencioso, exceto pelas batidas do rebuscado relógio antigo.

À direita da escada, uma porta estreita dava para a espaçosa adega debaixo da casa. Will pegou sua jaqueta jeans pendurada no final do corrimão e estava prestes a 119

atravessar o hall quando percebeu que uma das tapeçarias estava torta. Estava só um pouquinho desalinhada mas, na perfeita simetria do resto do hall revestido de madeira, aquilo se destacava.

Will estendeu a mão para endireitá-la, depois hesitou. Na parte baixa da parede, atrás da madeira encerada, via-se uma fina réstia de luz. Ele ergueu os olhos para a janela acima da porta e da escada, mesmo sabendo que o sol não batia no hall àquela hora do dia.

A luz parecia estar vindo de trás dos painéis de madeira escura. Intrigado, ele levantou a tapeçaria, afastando-a da parede. Bem escondida no desenho da madeira havia uma portinha, recortada no mesmo nível do painel. Um pequeno ferrolho enterrado na madeira escura mantinha a porta fechada, e havia também uma alça chata e circular, como a maçaneta de uma quadra de squash. Tudo muito discreto.

Will tentou o ferrolho. Estava bem lubrificado e cedeu com facilidade. Um leve rangido, e a porta se abriu na direção contrária à sua, desprendendo um súbito cheiro de espaços subterrâneos e porões escondidos. Segurando a porta com as mãos, ele espiou para dentro e logo encontrou a origem da luz: uma única lâmpada leitosa localizada no alto de um íngreme lance de escadas que descia para a penumbra.

Encontrou dois interruptores logo junto da entrada. Um deles acendia a lâmpada acima da porta, o outro, uma fileira de lâmpadas em forma de chama de vela, mais fracas, penduradas em estacas de metal chumbadas na parede de pedra, acompanhando todo o lado esquerdo da escada. De ambos os lados, um cordão azul trançado havia sido passado por dentro de aros de metal pretos para formar um corrimão.

Will desceu o primeiro degrau. O teto era baixo, uma mistura de tijolo antigo, sílex e pedra, poucos centímetros acima de sua cabeça. O espaço era confinado, mas o ar estava limpo e fresco. Não parecia um lugar esquecido.

Quanto mais ele descia, mais frio ficava. Desceu vinte degraus sem chegar ao fim da escada. Mas ali não era úmido, e embora ele não pudesse ver circuladores de ar nem outras formas de ventilação, parecia haver uma brisa fresca vinda de algum lugar.

No pé da escada, Will percebeu que estava no meio de um pequeno vestíbulo. Não havia nada nas paredes, nenhuma sinalização, apenas as escadas atrás dele e uma porta na frente, que preenchia toda a largura e altura do corredor. A luz elétrica cobria tudo com um brilho amarelo mortiço.

À medida que se encaminhava para a porta, Will sentia a adrenalina correndo em seu sangue.

A chave grandona e antiquada girou com facilidade na fechadura. Uma vez passada a porta, a atmosfera mudou por completo. Não havia mais chão de concreto. Em vez disso, o chão estava coberto por um grosso tapete cor de vinho, que abafava o som de seus passos. A iluminação funcional dera lugar a rebuscadas arandelas de metal. As paredes eram feitas da mesma mistura de tijolo e pedra de antes, exceto que agora estavam decoradas com tapeçarias, imagens de cavaleiros medievais, mulheres de pele de porcelana e padres encapuzados em túnicas brancas, de cabeça baixa e braços abertos.

Agora havia um resquício de alguma outra coisa no ar. Incenso, um cheiro doce e pesado que lhe lembrava os Natais e Páscoas de sua infância, há muito esquecidos.

Will olhou para trás, por cima do ombro. A visão da escada além da porta aberta, que conduzia de volta para dentro da casa, o reconfortou. O corredor curto chegava a um beco sem saída, com uma pesada cortina de veludo suspensa por um trilho preto de metal. Estava coberta de símbolos bordados em dourado, uma mistura de hieróglifos egípcios, sinais astrológicos e signos do zodíaco.

Ele estendeu a mão e afastou a cortina.

Atrás dela havia outra porta, esta obviamente bem mais antiga. Revestida da 120

mesma madeira escura do hall lá de cima, suas bordas eram decoradas com pergaminhos e desenhos feitos na madeira. Os painéis centrais eram totalmente simples, pontuados apenas por buracos de cupim no máximo do tamanho de uma cabeça de alfinete. Ele não conseguia ver nenhuma maçaneta, nenhuma maneira

de abri-la.

O lintel era coroado por elaborados alto-relevos, e feito de pedra, não de madeira.

Will correu os dedos pelo alto à procura de algum tipo de alavanca. Tinha de haver um jeito de abrir aquela porta. Foi tateando de baixo para cima por uma das laterais, pela parte superior da porta, e depois desceu pela outra lateral até que finalmente encontrou.

Uma pequena depressão logo acima do nível do chão.

Agachando-se, Will empurrou com força. Ouviu-se um estalo nítido e oco, como uma bola de gude batendo em um chão de cerâmica. O mecanismo cedeu e a porta se abriu.

Will se levantou, com a respiração um pouco acelerada e as palmas das mãos úmidas. Os cabelos curtos em sua nuca e na parte de trás dos braços estavam arrepiados. Só um ou dois minutos, disse a si mesmo, e iria embora dali. Queria só dar uma espiada. Nada demais. Com firmeza, pôs as mãos na porta e empurrou.

Lá dentro estava escuro como breu, embora tenha sentido imediatamente que estava em um espaço maior, talvez uma adega. O cheiro de incenso queimado era bem mais forte.

Will tateou a parede em busca de um interruptor, mas não encontrou nada.

Percebendo que, se prendesse a cortina, um pouco da luz do corredor entraria, amarrou o pesado veludo em um imenso nó em oito, depois tornou a se virar de frente para o que quer que houvesse lá dentro.

A primeira coisa que Will viu foi a própria sombra, alongada e magra, destacada acima do vão da porta. Então, à medida que seus olhos se acostumavam à penumbra negra e castanha, finalmente viu o que havia na escuridão.

Ele estava na entrada de uma câmara comprida e retangular. O teto era baixo e arredondado. Bancos de madeira em estilo eclesiástico, como em uma mesa de refeitório, margeavam as duas paredes mais compridas, desaparecendo além do alcance de seus olhos. No alto das paredes, onde estas se juntavam ao teto, havia

uma frisa, um desenho formado de palavras e símbolos que se repetiam. Pareciam ser os mesmos símbolos egípcios que ele vira na cortina do lado de fora.

Will limpou as mãos no jeans. Bem à sua frente, no centro da câmara, havia uma imponente arca de pedra, como um túmulo. Will andou em volta dele, correndo as mãos pela superfície. Parecia liso, exceto por um motivo circular no centro. Ele se inclinou para ver melhor e acompanhou as linhas com os dedos. Algum tipo de padrão de círculos decrescentes, como os anéis de Saturno.

À medida que seus olhos iam se acostumando à penumbra, pôde distinguir que em cada uma das laterais da pedra havia uma letra gravada: E na frente, N e S nas duas laterais mais compridas opostas uma à outra, O atrás. Seriam os pontos cardeais?

Então percebeu o pequeno bloco de pedra, com cerca de trinta centímetros de altura, posicionado na base da arca, alinhado com a letra E. Tinha uma curvatura rasa no centro, como a pedra de execução de algum carrasco.

O chão ao redor daquele bloco estava mais escuro do que o resto. Parecia úmido, como se houvesse sido esfregado recentemente. Will se agachou e esfregou a mancha com os dedos. Desinfetante, e alguma outra coisa, um cheiro azedo, como ferrugem.

Havia algo preso em um dos cantos da pedra. Will removeu o objeto com as unhas.

Era um pedaço de tecido, algodão ou linho, puído nas bordas como se houvesse ficado preso em um prego e sido rasgado. No canto, havia pequenos pontos marrons.

Parecia sangue seco.

Ele deixou cair o pano e saiu correndo, batendo a porta e desamarrando a cortina

antes de se dar conta do que estava fazendo. Disparou pelo corredor, pelas duas portas e subiu em disparada a escada estreita e íngreme, dois degraus de cada vez, até chegar de volta ao hall.

Will dobrou o corpo para frente, as mãos nos joelhos, e tentou recuperar o fôlego.

Então, percebendo que, acontecesse o que acontecesse, não podia correr o risco de alguém chegar e perceber que ele estivera lá embaixo, estendeu a mão para dentro e apagou as luzes. Com os dedos trêmulos, travou a porta e tornou a pôr a tapeçaria no lugar, até nada ficar visível do lado de fora.

Por um instante ficou ali em pé, parado. O relógio antigo lhe dizia que não haviam se passado mais de vinte minutos.

Will baixou os olhos para as próprias mãos, virando-as e revirando-as como se não lhe pertencessem. Esfregou a ponta do indicador na do polegar, depois cheirou. Parecia cheiro de sangue.

CAPITULO 25

Toulouse

Alice acordou com uma dor de cabeça insuportável. Por um instante, não teve idéia de onde estava. Espiou com o canto dos olhos apertados a garrafa vazia sobre a mesinha-de-cabeceira. Bem feito.

Rolou de lado e pegou o relógio de pulso.

Quinze para as 11.

Alice grunhiu e tornou a cair sobre o travesseiro. Sua boca estava mais pegajosa do que cinzeiro de bar, e sua língua revestida dos vestígios azedos do uísque.

Preciso de aspirina. Água.

Alice foi até o banheiro aos tropeços e olhou-se no espelho. Seu aspecto era tão ruim quanto sua disposição. Sua testa era um caleidoscópio multicolorido de hematomas verdes, roxos e amarelos. Havia olheiras debaixo de seus olhos. Uma vaga recordação de ter sonhado com florestas, galhos invernais congelados e secos. O labirinto reproduzido em um pedaço de tecido amarelo? Ela não conseguia lembrar.

Sua viagem de Foix na noite anterior também estava um pouco borrada. Sequer

conseguia se lembrar direito do que a fizera ir para Toulouse, em vez de Carcassonne, que teria sido a escolha mais óbvia. Alice grunhiu. Foix, Carcassonne, Toulouse. Não havia hipótese de ela ir a lugar nenhum até se sentir melhor. Tornou a se deitar na cama e esperou os analgésicos fazerem efeito.

Vinte minutos depois, o mal-estar ainda estava lá, mas o martelar atrás de seus olhos havia diminuído até se tornar uma dor difusa. Ela ficou em pé debaixo do chuveiro ligado até a água esfriar. Voltou a pensar em Shelagh e no resto da equipe. Perguntou-se o que estariam fazendo agora. Geralmente, a equipe subia para a escavação às oito e ficava lá até escurecer. Viviam e respiravam aquela escavação. Ela não conseguia imaginar como qualquer um deles iria suportar a quebra da rotina.

Enrolada na minúscula e esgarçada toalha do hotel, Alice verificou o celular à

procura de recados. Nada ainda. Na noite passada isso a havia deixado deprimida, mas agora ela estava com raiva. Durante os dez anos de sua amizade, mais de uma vez Shelagh se retraíra em silêncios ressentidos que duravam semanas. A cada vez, coubera a Alice consertar as coisas, e ela se dava conta de que aquilo a havia magoado.

Ela que corra atrás desta vez.

Alice vasculhou a nécessaire até encontrar um velho tubo de corretivo, raramente usado, com o qual cobriu os hematomas mais evidentes. Em seguida acrescentou delineador e uma pincelada de batom. Secou os cabelos remexendo-os com os dedos.

Por fim, escolheu sua saia mais confortável e sua nova frente-única azul, pôs todo o resto nas malas, e desceu para pedir a conta do hotel antes de sair para explorar Toulouse.

Ainda estava se sentindo mal, mas nada que o ar livre e uma boa dose de cafeína não resolvessem.

Depois de pôr as malas no carro, Alice decidiu simplesmente sair andando e ver onde ia dar. O ar-condicionado de seu carro alugado não era lá essas coisas, então seu plano era esperar o calor diminuir antes de tomar o rumo de

Carcassonne.

Ao passar debaixo das sombras recortadas dos plátanos e ver as roupas e perfumes exibidos nas vitrines das lojas, começou a se sentir melhor. Sentia vergonha pelo modo como havia se comportado na noite anterior. Totalmente paranóica, totalmente exagerada. Agora de manhã, a idéia de que alguém a estivesse seguindo parecia absurda.

Seus dedos buscaram o número de telefone em seu bolso. Mas ele você não inventou. Alice afastou o pensamento. Pretendia ser positiva, olhar para frente.

Aproveitar ao máximo aquele dia em Toulouse.

Passeou pelos becos e passagens da cidade antiga, deixando-se guiar pelos próprios pés. As ornamentadas fachadas de pedra cor-de-rosa e tijolo dos edifícios eram elegantes e discretas. Os nomes nas placas de rua e nos chafarizes e monumentos proclamavam a longa e gloriosa história de Toulouse. Líderes militares, santos medievais, poetas setecentistas, defensores da liberdade do século XX, o passado nobre da cidade dos tempos romanos até o presente.

Alice entrou na catedral de Saint-Etienne, em parte para se proteger do sol.

Gostava da paz e da tranqüilidade das catedrais e igrejas, e passou uma agradável meia hora perambulando lá dentro, lendo as plaquinhas nas paredes sem prestar muita atenção e admirando os vidros coloridos.

Percebendo que começava a ficar com fome, Alice decidiu terminar pelo claustro, depois sair e achar algum lugar para almoçar. Não dera mais do que alguns passos quando ouviu uma criança chorando. Virou-se para olhar, mas não havia ninguém ali.

Sentindo-se ligeiramente incomodada, continuou a andar. Os soluços pareceram ficar mais altos. Agora podia ouvir alguém sussurrando. Uma voz de homem, próxima, sibilando em seus ouvidos.

"Hérétique, hérétique..."

Alice se virou de supetão.

—Oi? Allô? Il y a quelqu'un?

Não havia ninguém ali. Como um sussurro mal-intencionado, a palavra não parava de se repetir dentro de sua cabeça. "Hérétique, hérétique."

Ela tampou os ouvidos com as mãos. Nas colunas e paredes de pedra cinza, rostos pareciam surgir. Bocas torturadas, mãos retorcidas pedindo socorro, brotando de cada canto escondido.

Então Alice viu alguém mais à frente, quase além de seu campo de visão. Uma mulher com um vestido verde comprido e uma capa vermelha, entrando e saindo das sombras. Ela carregava um cesto de vime. Alice chamou para atrair sua atenção no mesmo instante que três homens, todos monges, saíram de trás da coluna. A mulher gritou quando eles a agarraram. Ficou se debatendo enquanto os monges começavam a arrastá-la dali.

Alice tentou chamar a atenção deles, mas nenhum som lhe saía da boca. Apenas a 123

mulher pareceu escutar, porque se virou e olhou bem dentro dos olhos de Alice. Então os monges cercaram a mulher. Estenderam os braços volumosos bem acima de sua cabeça, como asas negras.

—Deixem ela em paz! — gritou Alice, começando a correr na direção deles. Mas, quanto mais avançava, mais distantes ficavam as figuras, até finalmente desaparecerem por completo. Era como se houvessem se fundido às próprias paredes do claustro.

Atônita, Alice passou as mãos pela pedra. Virou-se para a esquerda e para a direita, à procura de uma explicação, mas o espaço estava completamente vazio. Por fim, o pânico a dominou. Ela correu para a saída que dava para a rua, esperando ver os homens de hábitos negros atrás de si, a persegui-la, abatendo-se sobre ela.

Do lado de fora, tudo estava como antes.

Está tudo bem. Você está bem. Ofegante, Alice recostou-se na parede. Enquanto recuperava o controle, percebeu que a emoção que sentia não era mais terror, mas pesar. Não precisava de um livro de história para lhe dizer que algo terrível havia acontecido naquele lugar. Ali reinava uma atmosfera de sofrimento, com cicatrizes que não podiam ser ocultadas por concreto ou pedra. Os fantasmas contavam sua própria história. Quando ela levou uma das mãos ao rosto,

descobriu que estava chorando.

Assim que suas pernas recuperaram a capacidade de sustentá-la, ela tomou novamente o rumo do Centro da cidade. Estava decidida a manter-se o mais longe possível de Saint-Etienne. Não conseguia explicar o que estava lhe acontecendo, mas não ia se entregar.

Reconfortada pela vida normal e cotidiana que prosseguia a toda sua volta, Alice acabou chegando a uma pequena praça só de pedestres. No canto superior direito havia uma brasserie com um toldo cor-de-rosa puxando para o lilás, e fileiras de cadeiras e mesas redondas de metal prateado brilhante dispostas pela calçada.

Alice sentou-se à única mesa livre e fez logo o pedido, esforçando-se para relaxar.

Bebeu alguns copos d'água, depois recostou-se na cadeira e tentou aproveitar o calor do sol no rosto. Serviu-se um copo de vinho rosê, acrescentou algumas pedras de gelo e tomou um gole. Não era do seu feitio assustar-se com tanta facilidade.

Mas você não está em sua melhor forma, emocionalmente falando.

Aquele fora um ano muito difícil. Ela havia terminado com o namorado de muito tempo. A relação já estava se arrastando havia anos, e era um alívio estar sozinha, mas nem por isso menos doloroso. Seu orgulho estava ferido, e seu coração machucado. Para esquecê-lo, ela havia trabalhado demais e se entregado à diversão fácil, qualquer coisa para não pensar em por que as coisas tinham dado errado. A idéia que a fizera ir passar duas semanas no sul da França fora recarregar as baterias. Lebrão.

Alice fez uma careta. Que férias.

A chegada do garçom pôs um fim a sua auto-analise. A omelete estava perfeita, amarela e molinha por dentro, com pedaços generosos de cogumelo e muita salsa. Alice comeu com feroz concentração. Só quando estava limpando os últimos vestígios de azeite com o pão foi que começou a pensar no que faria pelo resto da tarde.

Quando o café chegou, já sabia.

A Bibliothèque de Toulouse ficava em um prédio de pedra grande e quadrado. Alice mostrou rapidamente seu crachá da sala de leitura da British Library para um funcionário entediado e desatento no balcão da frente e conseguiu entrar. Depois de se perder nas escadas algumas vezes, chegou à grande seção de história geral. Dos dois lados do corredor central havia escrivaninhas de madeira compridas e enceradas, com uma espinha dorsal de abajures de leitura correndo pelo centro. Poucos assentos estavam ocupados àquela hora de uma tarde quente de julho.

Bem lá na ponta, do outro lado do grande aposento, estava o que Alice procurava: 124

uma fileira de computadores. Alice registrou-se no balcão da recepção, recebeu uma senha e foi encaminhada para um dos terminais.

Assim que se conectou, Alice digitou a palavra "labirinto" na caixinha da ferramenta de busca. A barra verde na parte inferior da tela que exibia o progresso da pesquisa foi rapidamente preenchida. Mais do que confiar na própria memória, ela estava certa de que encontraria um labirinto como o que tinha visto em algum lugar entre aquelas centenas de sites. Era tão óbvio que não conseguia acreditar que não havia pensado naquilo antes.

Imediatamente, as diferenças entre um labirinto tradicional e sua lembrança da imagem na caverna e no anel ficaram óbvias. Um labirinto clássico era formado por círculos concêntricos intrincadamente interligados que conduziam, em círculos cada vez menores, até o centro, enquanto ela estava quase certa de que o labirinto do Pic de Soularac era uma combinação de becos sem saída e linhas retas que se dobravam para trás sobre si mesmas, sem conduzir a lugar algum. Parecia mais um emaranhado.

As verdadeiras origens antigas do símbolo do labirinto e das mitologias a ele associadas eram complexas e difíceis de localizar. Pensava-se que os desenhos mais antigos tivessem mais de três mil anos. Símbolos de labirintos haviam sido descobertos esculpidos em madeira, rocha, tijolo ou pedra, bem como em padrões têxteis ou inseridos em ambientes naturais como em labirintos de grama ou de jardim.

Os primeiros labirintos da Europa remontavam ao final da Idade do Bronze e ao início da Idade do Ferro, de 1200 a 500 A.C., e haviam sido descobertos

próximos aos primeiros assentamentos comerciais do Mediterrâneo. Baixos-relevos datados entre 900

e 500 a.C. haviam sido descobertos em Val Camonica, no norte da Itália, em Pontevedra, na Galícia, e também no extremo noroeste superior da Espanha, no finistério de Cabo Fisterra. Alice olhou para a ilustração com atenção. Parecia-se mais com o que ela vira na caverna do que qualquer outra coisa até ali. Ela inclinou a cabeça para um dos lados.

Era parecido, mas não era igual.

Fazia sentido que o símbolo houvesse chegado do Oriente trazido por comerciantes e mercadores do Egito e das franjas do Império Romano, adaptado e modificado pela interação com outras culturas. Também fazia sentido que o labirinto, obviamente um símbolo pré-cristão, houvesse sido adotado pela Igreja cristã. Tanto a Igreja bizantina quanto a romana haviam incorporado símbolos e mitos muito mais antigos a sua ortodoxia religiosa.

Vários sites eram dedicados ao mais famoso de todos os labirintos: Cnossos, na ilha de Creta, onde, segundo a lenda, o mítico Minotauro, metade homem, metade touro, havia sido confinado. Alice pulou essas referências, seguindo o instinto que lhe dizia que essa linha de pesquisa não levaria a lugar algum. A única informação digna de nota era que labirintos com o mesmo desenho do labirinto minoano haviam sido descobertos no local da antiga cidade de Avaris, no Egito, e datados a mais de 1550 A.C,além de terem sido encontrados também em templos em Kom Ombo, no Egito, e em Sevilha.

Alice catalogou essa informação no fundo de sua mente.

A partir dos séculos XII e XIII, o símbolo do labirinto passou a aparecer com regularidade em manuscritos medievais copiados a mão que circulavam por monastérios e cortes da Europa, que os escribas embelezavam e acresciam de ilustrações, criando seus próprios desenhos.

No início do período medieval, um labirinto matematicamente perfeito, com 11

circuitos, 12 paredes e quatro eixos, já havia se tornado a forma mais popular de todas.

Ela olhou a reprodução do baixo-relevo de um labirinto na parede da igreja de

São Pantaleão em Arcera, norte da Espanha, do século XIII, e outra, um pouco mais antiga, da catedral de Lucca, na Toscana. Clicou em um mapa que mostrava a ocorrência de labirintos nas igrejas, capelas e catedrais da Europa.

Isto é extraordinário.

125

Alice mal podia acreditar nos próprios olhos. Havia mais labirintos na França do que em toda a Itália, Bélgica, Alemanha, Espanha, Inglaterra e Irlanda somadas: Amiens, St-Quentin, Arras, St-Omer, Caen e Bayeux no norte; Poitiers, Orléans, Sens e Auxerre no centro; Toulouse e Mirepoix no sudoeste; a lista era interminável.

O mais famoso de todos os labirintos desenhados em piso ficava no norte da França, no centro da nave da primeira — e mais impressionante — das catedrais góticas medievais, Chartres.

Alice bateu com a mão espalmada sobre a mesa, fazendo várias cabeças desaprovadoras se erguerem ao seu redor. É claro. Como ela podia ter sido tão burra?

Chartres era uma cidade-irmã daquela onde ela própria nascera, Chichester, na costa sul da Inglaterra. Na verdade, sua primeira viagem para o exterior fora uma excursão escolar para Chartres quando tinha 11 anos. Tinha vagas lembranças de uma chuva incessante e de estar enrolada em uma capa, com frio e molhada, debaixo de imponentes colunas e abóbadas de pedra. Mas não tinha registro do labirinto.

Não havia labirinto na catedral de Chichester, mas a cidade também era irmã de Ravenna, na Itália. Alice correu o dedo pela tela até encontrar o que estava procurando.

Desenhado em mosaico no chão de mármore da igreja de San Vitale, em Ravenna, havia um labirinto. Segundo a legenda, tinha só um quarto do tamanho do labirinto de Chartres e datava de um período muito anterior da história, talvez tão antigo quanto o século V D.C, mas mesmo assim existia.

Alice terminou de copiar e colar o texto que queria para dentro de um documento do Word e apertou a tecla IMPRIMIR. Quando a impressão

começou, digitou "catedral Chartres França" na caixinha de busca.

Embora desde o século VIII já houvesse no local algum tipo de estrutura, descobriu que a atual catedral de Chartres datava do século XIII. Desde então, crenças e teorias esotéricas haviam sido associadas à sua construção. Havia boatos de que dentro de seu teto abobadado e intrincados pilares de pedra estava escondido um segredo de grande importância. Apesar dos intensos esforços da Igreja Católica, essas lendas e mitos perduravam.

Ninguém sabia sob ordens de quem o labirinto havia sido construído, nem com que finalidade.

Alice selecionou os parágrafos de que precisava, e em seguida desconectou-se.

A última página terminou de ser impressa e a máquina se calou. A toda volta, as pessoas começavam a arrumar suas coisas. A recepcionista de expressão severa olhou para ela e apontou para o relógio.

Alice assentiu e recolheu seus papéis, depois juntou-se à fila no balcão para pagar.

A fila andava devagar. Raios de luz do final de tarde entravam pelas altas janelas, formando desenhos que pareciam escadas, e fazendo as partículas de poeira dançar dentro dos feixes.

A mulher na frente de Alice tinha os braços cheios de livros para retirar e parecia ter uma dúvida sobre cada um deles. Ela permitiu que sua mente se concentrasse no problema que a vinha incomodando a tarde inteira. Seria possível que, em todas as imagens que vira, em todas as centenas e milhares de palavras, não houvesse uma única que correspondesse exatamente ao labirinto de pedra no Pic de Soularac?

É possível, mas não provável.

O homem atrás dela estava perto demais, como uma pessoa que tenta ler o jornal por cima de seu ombro em um vagão de metrô. Alice se virou e olhou para ele, zangada.

Ele deu um passo para trás. Seu rosto era vagamente conhecido.

— Oui, merci— disse ela ao chegar ao balcão e pagar pelas impressões. Eram quase trinta folhas.

126



Quando emergiu para os degraus da biblioteca, os sinos de Saint-Etienne batiam as sete. Havia perdido a noção do tempo que passara lá dentro. Agora com pressa de continuar a viagem, Alice seguiu rapidamente para onde havia estacionado o carro do outro lado do rio. Estava tão entretida em seus próprios pensamentos que não percebeu o homem da fila a segui-la pelo passeio ao longo do rio, mantendo uma distância segura.

Tampouco percebeu quando ele tirou um celular do bolso e deu um telefonema enquanto ela saía da vaga e se juntava ao tráfego vagaroso.

Os Guardiães dos Livros

CAPITULO 26

Besièrs

JULHET 1209

A noite caía quando Alaïs chegou às planícies nos arredores da cidade de Coursan.

Viajara em um ritmo bom, seguindo a antiga estrada romana através do Minervois em direção a Capestang, do outro lado das vastas plantações de cânhamo, as canabières, e dos campos de cevada cor de esmeralda.

Todos os dias, desde que partira de Carcassonne, Alaïs havia cavalgado até o sol ficar forte demais. Então, ela e Tatou procuravam abrigo e descansavam, antes de tornar a seguir viagem até anoitecer, quando o ar se enchia de insetos que picavam e dos gritos dos gaios noturnos, corujas e morcegos.

Na primeira noite, encontrara guarida na cidade fortificada de Azille com amigos

de Esclarmonde. A medida que seguia para o leste, via menos pessoas nos campos e vilarejos, e aquelas que via eram ressabiadas, sua desconfiança aparente nos olhos escuros. Ouviu boatos de atrocidades cometidas por bandos renegados de soldados franceses ou por routiers, mercenários, bandidos. Cada história era mais sangrenta e cruel do que a outra.

Alaïs fez Tatou diminuir o ritmo, sem conseguir decidir se era melhor seguir até

Coursan ou procurar abrigo ali por perto. As nuvens corriam velozes por um céu de um cinza cada vez mais irado, e o ar estava muito parado. Ao longe, ouviam-se trovoadas ocasionais, rosnando como um urso que acorda de sua hibernação. Alaïs não queria correr o risco de ser pega em campo aberto quando o temporal começasse.

Tatou estava indócil. Alaïs podia sentir os tendões do animal se retesando sob a pelagem, e duas vezes a égua recuou por causa dos movimentos bruscos de uma lebre ou raposa nos arbustos baixos ao longo da estrada.

À sua frente, Alaïs pôde ver que havia um pequeno bosque de carvalhos e freixos.

Não era denso o suficiente para servir de habitai de verão a animais maiores, como javalis selvagens ou linces. Mas as árvores eram altas e generosas, e os topos de seus 127

galhos pareciam firmemente emaranhados, como dedos entrelaçados, o que daria uma boa cobertura. O fato de haver um caminho bem demarcado, uma faixa ondulante de terra seca pisada por incontáveis pés, sugeria que o bosque era um atalho habitual até a cidade.

Tatou se remexeu inquieta debaixo dela quando o brilho do trovão iluminou momentaneamente o céu cada vez mais escuro. Aquilo a ajudou a se decidir. Ela esperaria passar o temporal.

Sussurrando palavras de incentivo, Alaïs convenceu a égua a prosseguir rumo ao abraço verde-escuro da floresta.

Os homens haviam perdido sua presa algum tempo antes. Somente a ameaça de temporal os impedia de dar meia-volta e retornar ao acampamento.

Depois de várias semanas cavalgando, sua pele pálida de franceses estava bronzeada e escurecida pelo sol forte do sul. Suas armaduras e túnicas de viagem, ostentando as armas de seu senhor, estavam escondidas na mata. Eles esperavam que a missão mal-sucedida ainda desse algum fruto.

Um barulho. O estalo de um galho seco, o passo ritmado de um cavalo arreado, as ferraduras em seus cascos batendo de vez em quando em algum pedaço de pedra.

Um homem com a boca cheia de dentes tortos e enegrecidos rastejou até mais à

frente para ver melhor. A alguma distância dali, pôde ver uma figura montada em um cavalo árabe pequeno seguindo pela floresta. Ficou olhando, interessado. Talvez sua sortie não fosse ser uma perda de tempo, afinal. As roupas do cavaleiro eram simples e valiam pouco, mas um cavalo daqueles daria um bom dinheiro.

Ele jogou uma pedra no companheiro escondido do outro lado do caminho.

Lève-toi — falou, sacudindo a cabeça em direção a Alaïs. — Regarde.

Mas vejam só isso — murmurou ele. — Une femme. Et seule.

Tem certeza de que ela está sozinha?

Não estou ouvindo mais ninguém.

Os dois homens seguraram as extremidades da corda estendida no meio do caminho, esconderam-se debaixo das folhas e esperaram ela chegar até eles.

A coragem de Alaïs ia diminuindo conforme ela entrava na mata.

A cobertura do solo estava úmida, embora o chão debaixo dela ainda estivesse duro. As folhas dos dois lados do caminho farfalhavam sob o passo de Tatou. Alaïs tentou se concentrar nos sons reconfortantes dos pássaros nas árvores, mas os pêlos de seu braço e de sua nuca estavam eriçados. Havia ameaça naquele silêncio, não paz.

É só sua imaginação.

Tatou sentia a mesma coisa. Sem aviso, algo saiu voando do chão, com o som de uma flecha lançada por um arco.

Uma ave? Uma cobra?

Tatou empinou-se nas patas traseiras, golpeando o ar com força com os cascos e relinchando aterrorizada. Alaïs não teve tempo de reagir. O capuz escorregou de seu rosto e seus braços soltaram as rédeas enquanto ela era arremessada para trás, para fora da sela. Dor explodiu em seu ombro quando ela caiu no chão com força, tirando-lhe o fôlego. Ofegando, ela se virou de lado e tentou se levantar. Precisava tentar segurar Tatou antes que ela saísse correndo.

—Tatou, doçament!— gritou, pondo-se de pé. — Tatou!

Alaïs lançou-se para frente, mas se deteve. Um homem estava em pé diante dela, impedindo sua passagem. Sorria por entre dentes escurecidos. Em sua mão havia uma 128

faca, a lâmina opaca descolorida e manchada de marrom na ponta.

Houve um movimento à sua direita. Os olhos de Alaïs correram para esse lado. Um segundo homem, o rosto desfigurado por uma cicatriz irregular que corria do olho esquerdo até o canto da boca, segurava o bridão de Tatou e sacudia uma vara.

—Não! — ela se ouviu gritar. — Deixe ela em paz!

Apesar da dor no ombro, sua mão encontrou o cabo da espada. Dê a eles o que eles querem e eles podem não machucar você. O homem deu um passo na sua direção.

Alaïs puxou a lâmina, cortando um arco através do ar. Mantendo os olhos fixos no rosto dele, pôs a mão dentro da bolsa e jogou um punhado de moedas no chão do caminho.

—Leve isso. Não tenho mais nada de valor.

Ele olhou para a prata espalhada pelo chão, depois cuspiu com desprezo. Limpando a boca com as costas da mão, deu mais um passo na direção dela. Alaïs ergueu a espada.

Estou avisando. Não chegue perto — gritou, desenhando um oito no ar com a lâmina para evitar que ele se aproximasse.

Ligo-te lá — ordenou ele ao companheiro.

Alaïs congelou. Por um instante, sua coragem vacilou. Eram soldados franceses, não bandidos. As histórias que ouvira na viagem atravessaram sua mente.

Então ela se controlou e tornou a brandir a espada.

—Não chegue mais perto! — gritou ela, a voz rígida de medo. — Eu mato você

antes de...

Alaïs deu meia-volta e atirou-se em cima do segundo homem, que havia chegado por trás. Aos gritos, Alaïs fez a vara sair voando das mãos dele. Puxando uma faca do cinto, ele rugiu e mergulhou na direção dela. Segurando a espada com as duas mãos, Alaïs a enterrou na mão dele, golpeando-o como um urso quando provocado. Sangue jorrou do braço do homem.

Ela retraiu os braços para um segundo golpe quando subitamente estrelas explodiram em sua cabeça, roxas e brancas. Ela cambaleou para frente com a força da pancada, e então a dor trouxe-lhe lágrimas aos olhos enquanto ela era novamente levantada, puxada pelos cabelos. Pôde sentir a ponta fria de uma lâmina na garganta.

Putain— sibilou ele, batendo no rosto dela com a mão ensangüentada.

Laisse tomber. — Deixe estar.

Encurralada, Alaïs deixou a espada cair de sua mão. O segundo homem a chutou para longe, antes de tirar do cinto um capuz de pano áspero e passá-lo à força pela cabeça dela. Alaïs se debateu, tentando se soltar, mas o cheiro azedo do pano empoeirado a impedia de respirar e a fazia tossir. Mesmo assim ela continuou a lutar, até

um punho a atingir na barriga e ela dobrar o corpo em direção ao chão.

Não teve mais forças para resistir quando eles forçaram seus braços para trás e amarraram seus pulsos.

—Reste là.

Afastaram-se. Alaïs pôde ouvi-los vasculhando as bolsas penduradas em sua sela, levantando as abas de couro e jogando objetos no chão. Falavam entre si, talvez discutindo. Ela não sabia dizer, por causa do tom duro da língua que falavam.

Por que eles não me mataram?

Imediatamente, a resposta se insinou em sua mente como um fantasma indesejável. Querem se divertir um pouco antes.

Alaïs lutou desesperadamente para afrouxar as cordas que a prendiam, mesmo

sabendo que, se conseguisse soltar as mãos, não iria muito longe. Eles a perseguiriam.

Agora estavam rindo. Bebendo. Não estavam com pressa.

Lágrimas de desespero brotaram de seus olhos. Sua cabeça caiu para trás, exausta, sobre o chão duro.

No início, Alaïs não conseguiu distinguir de onde vinha aquele ronco. Então entendeu. Cavalos. O som de seus cascos ferrados galopando pelas planícies. Apertou a orelha mais para perto do chão. Cinco, talvez seis cavalos, aproximando-se do bosque.

Ao longe, ouviu-se o estrondo do trovão. O temporal também estava se aproximando. Por fim, havia algo que ela podia fazer. Se pudesse se afastar o suficiente, talvez tivesse uma chance.

Devagar, o mais silenciosamente possível, começou a rastejar para fora do caminho até sentir nas pernas a aspereza dos arbustos. Esforçando-se para ficar em pé, balançou a cabeça para cima e para baixo até soltar o capuz. Será que eles estão olhando?

Ninguém gritou. Dobrando o pescoço, ela sacudiu a cabeça para um lado e para o outro, no começo devagar, depois com mais vigor, até finalmente o material se soltar.

Alaïs aspirou algumas grandes golfadas de ar, depois tentou se localizar.

Estava ligeiramente fora da linha de visão deles, embora caso se virassem e vissem que ela havia sumido eles não fossem levar muito tempo para encontrá-la. Alaïs apertou a orelha no chão outra vez. Os cavaleiros vinham de Coursan. Seria um grupo de caçadores? De batedores?

Uma trovoada ecoou pela floresta, espantando os pássaros dos pontos mais altos das árvores. Suas asas golpearam o ar, em pânico, e eles voaram e tornaram a pousar, de volta para a proteção das árvores. Tatou relinchou e raspou o chão com o casco.

Rezando para que o temporal iminente continuasse a abafar o som dos cavaleiros até eles chegarem perto o suficiente, Alaïs tornou a se jogar para o meio dos arbustos, rastejando sobre pedras e gravetos.

—Ohé!

Alaïs congelou. Eles a tinham visto. Ela reprimiu um grito enquanto os homens voltavam correndo para o lugar onde ela estivera deitada. O barulho de uma trovoada lá

em cima os fez olhar para cima, com uma expressão assustada no rosto. Eles não estão acostumados à violência dos temporais do sul. Mesmo dali, podia sentir o cheiro do medo deles. Sua pele exalava medo.

Tirando vantagem de sua hesitação, Alaïs continuou. Ela agora estava em pé, e começou a correr.

Não foi rápido o suficiente. O homem da cicatriz se jogou em cima dela, dando-lhe um soco na lateral da cabeça ao mesmo tempo em que a jogava no chão.

Hérétique — gritou, enquanto subia em cima dela, imobilizando-a contra o chão.

Alaïs tentou se livrar dele, mas ele era pesado demais e suas saias estavam presas nos espinhos dos arbustos baixos. Ela podia sentir o cheiro do sangue da mão machucada dele quando ele apertou seu rosto contra os gravetos e folhas do chão.

Eu disse a você para ficar quieta, putain.

Ele desafivelou o cinto, respirando pesadamente enquanto o jogava longe. Por favor, faça com que ele ainda não tenha ouvido os cavaleiros. Alaïs tentou novamente fazê-lo sair de cima dela, mas ele era muito pesado. Deixou escapar um rugido da garganta, qualquer coisa para abafar a chegada dos cavalos.

Ele bateu nela de novo, partindo-lhe o lábio. Ela sentiu o gosto de sangue na boca.

—Putain.

De repente, vozes diferentes.

130

— Ara, ara!— Agora.

Alaïs ouviu o som da corda de um arco se soltando e o vôo de uma única flecha pelo ar, e depois outra e mais outra, enquanto uma chuva de projéteis saía das sombras verdes, partindo cascas e madeira onde acertava o alvo.

—Avança!Ara, avança!

O francês pôs-se de pé num pulo no momento exato em que uma flecha enterrou-se em seu peito, grossa e pesada, fazendo-o girar como um pião. Por um instante, ele pareceu ficar suspenso no ar, depois começou a oscilar, a expressão congelada como o olhar de pedra de uma estátua. Uma única gota de sangue surgiu no canto de sua boca, depois escorreu por seu queixo.

Suas pernas cederam. Ele caiu ajoelhado, como se rezasse, e então, bem devagar, arriou para frente como uma árvore abatida na mata. Alaïs percebeu bem a tempo, arrastando-se para longe quando o corpo dele caiu pesadamente no chão.

—Aval! Adiante!

Os cavaleiros perseguiram o outro francês. Ele havia se embrenhado na mata para se esconder, mas outras flechas voaram. Uma delas acertou-lhe o ombro e ele cambaleou. A flecha seguinte atingiu a parte de trás de sua coxa. A terceira, na parte baixa das costas, o fez cair. Seu corpo desabou para frente no chão, teve um espasmo, depois ficou imóvel.

A mesma voz deu a ordem para parar.

—Arèst! Cessar fogo! — Por fim, os caçadores saíram de seus abrigos e se mostraram. — Parem de atirar!

Alaïs pôs-se de pé. Serão amigos ou homens a serem temidos? O líder vestia uma túnica de caça azul-cobalto debaixo da capa, ambos de boa qualidade. Suas botas de couro, seu cinto e sua cesta de flechas eram feitos de couro claro ao estilo da região, e suas botas eram pesadas, novas. Ele parecia um homem de razoável condição, e sólido: um homem do Midi.

Alaïs ainda tinha os braços atados nas costas. Tinha consciência de sua desvantagem. Seu lábio estava inchado e sangrava, e suas roupas estavam manchadas.

Tem minha gratidão por este serviço, seigneur — disse ela, endurecendo a voz com segurança. — Levante o visor e identifique-se, para que eu possa conhecer o rosto do meu salvador.

Esta é toda a gratidão que recebo, dama? — perguntou ele, fazendo o que ela pedia. Alaïs ficou aliviada ao ver que ele sorria.

Ele desmontou e puxou uma faca do cinto. Alaïs recuou um passo.

Para cortar as cordas — disse ele, gentilmente.

Alaïs corou e estendeu os pulsos.

Claro. Mercè.

Ele fez uma leve reverência.

—Amiel de Coursan. Estas florestas pertencem ao meu pai.

Alaïs deu um suspiro de alívio.

Perdoe minha descortesia, mas eu precisava ter certeza de que o senhor não era...

Sua cautela é sensata e compreensível nas circunstâncias. E a senhora,dama, quem é?

Alaïs de Carcassona, filha do intendente Pelletier, oficial do visconde Trencavel, e esposa de Guilhem du Mas.

131

Honrado em conhecê-la, dama Alaïs. — Ele beijou-lhe a mão. —Está muito ferida?

Só alguns cortes e arranhões, embora meu ombro esteja doendo.

Onde está sua escolta? Alaïs hesitou um instante.

Estou viajando sozinha. Ele olhou para ela, surpreso.

É uma época estranha para se aventurar sem proteção, dama. Estas planícies estão infestadas de soldados franceses.

Não era minha intenção cavalgar até tão tarde. Eu estava procurando abrigo do temporal.

Alaïs olhou para cima, percebendo subitamente que ainda não tinha chovido.

—É só o céu reclamando — disse ele, lendo o olhar dela. — Um falso alarme de temporal, só isso.

Enquanto Alaïs acalmava Tatou, os homens de Coursan ordenaram que os corpos fossem despidos de armas e roupas. Encontraram suas armaduras e insígnias escondidas mais fundo na mata, onde eles haviam amarrado seus cavalos. De Coursan levantou um canto do tecido com a ponta da espada, revelando, embaixo de uma camada de lama, um lampejo de prata sobre fundo verde.

—Chartres — disse de Coursan com desprezo. — São os piores. Chacais, todos eles.

Tivemos mais relatos de ações...

Ele se interrompeu subitamente. Alaïs olhou para ele.

Relatos de quê?

Não importa — disse ele depressa. — Vamos voltar para a cidade? Seguiram em fila indiana até a extremidade do bosque e saíram para a planície.

—Tem algum objetivo por estas bandas, dama Alaïs?

—Estou indo à procura do meu pai, que está em Montpelhièr com o visconde Trencavel. Tenho notícias muito importantes que não podem esperar seu retorno a Carcassona.

De Coursan franziu o cenho.

—O que foi? O que o senhor ouviu dizer?

—A senhora passará a noite conosco, dama Alaïs. Quando seus ferimentos tiverem sido cuidados, meu pai lhe dirá as notícias que ouvimos. Ao amanhecer, eu mesmo a escoltarei até Besièrs.

Alaïs se virou para olhar para ele.

Besièrs, messire?

Se os rumores forem verdadeiros, é em Besièrs que a senhora irá encontrar seu pai e o visconde Trencavel.

CAPÍTULO 27

O suor escorria do pêlo de seu garanhão enquanto o visconde Trencavel conduzia seus homens em direção a Béziers, com o trovão a ecoar em seu encalço.

O suor espumava nas bridas dos cavalos e saliva acumulava-se nos cantos de suas bocas. Os animais tinham os flancos e ombros riscados de sangue, onde as esporas e o açoite os faziam seguir sem descanso pela noite. A lua prateada surgia de trás das 132

nuvens esgazeadas e pretas que corriam baixo pelo horizonte, iluminando a mancha branca no focinho de seu cavalo.

Pelletier seguia ao lado do visconde, os lábios franzidos e cerrados. A negociação correra mal em Montpellier. Devido à inimizade existente entre o

visconde e seu tio, ele não esperava que o conde fosse se deixar convencer facilmente a formar uma aliança, apesar dos laços de família e das obrigações senhoriais que ligavam os dois homens.

Esperava, porém, que o conde pudesse interceder em favor do sobrinho.

Mas ele se recusara até mesmo a recebê-lo. Aquilo era um insulto deliberado e inequívoco. Trencavel se vira obrigado a aguardar, impaciente, nos arredores do acampamento francês, até receber a notícia, naquele mesmo dia, de que uma audiência lhe seria concedida.

Com permissão para levar consigo apenas Pelletier e dois de seus chevaliers, o visconde Trencavel havia sido conduzido à barraca do abade de Cíteaux, onde lhe pediram para abandonar as armas. A ordem fora obedecida. Uma vez lá dentro, em vez do abade, o visconde havia sido recebido por dois dos legados do papa.

Mal fora permitido a Raymond-Roger abrir a boca enquanto os legados o admoestavam por permitir à heresia espalhar-se sem resistência por seus domínios.

Criticaram sua política de nomear judeus para posições-chave em suas principais cidades. Citaram diversos exemplos de ocasiões em que ele havia ignorado o comportamento pérfido e pernicioso de bispos cátaros dentro de seu território.

Por fim, depois de terminarem, os legados haviam dispensado o visconde Trencavel como se ele fosse algum insignificante proprietário de terras de pouca importância, em vez de senhor de uma das mais poderosas dinastias do Midi. O sangue de Pelletier ainda fervia quando ele se lembrava daquilo.

Os espiões do abade haviam instruído bem os legados papais. Cada uma das acusações, embora inexatas e distorcidas em sua intenção, era exata no sentido de poder ser corroborada por testemunhas e relatos de testemunhas. Isso, mais ainda do que o insulto calculado a sua honra, havia eliminado qualquer dúvida que Pelletier ainda pudesse ter de que o visconde Trencavel seria o novo inimigo. A Hoste precisava de alguém para combater. Com a capitulação do conde de Toulouse, não restava nenhum outro candidato.

Eles haviam imediatamente deixado o acampamento dos cruzados nos arredores de Montpellier. Erguendo os olhos para a lua, Pelletier calculou que, se

mantivessem aquele ritmo, chegariam a Béziers de madrugada. O visconde Trencavel desejava alertar o Biterois pessoalmente de que o exército francês estava a menos de 15 léguas de distância, e decidido a guerrear. A estrada romana que ia de Montpellier a Béziers era inteiramente aberta, e não havia jeito de bloqueá-la.

Ele pediria aos anciãos da cidade que se preparassem para um cerco, ao mesmo tempo em que buscaria reforços para apoiar a guarnição de Carcassonne. Quanto mais a Hoste pudesse ser retardada em Béziers, mais tempo ele teria para preparar as fortificações. Ele também tinha intenção de oferecer refúgio em Carcassonne àqueles que corriam mais risco na mão dos franceses — os judeus, os poucos mercadores sarracenos vindos da Espanha, assim como os bons homes. Não era só o dever senhorial que o motivava. Grande parte da administração e da organização de Béziers estava nas mãos de diplomatas e mercadores judeus. Sob ameaça de guerra ou não, ele não estava preparado para abrir mão dos serviços de tantos valorosos e hábeis funcionários.

A decisão de Trencavel facilitava a tarefa de Pelletier. Ele tocou a carta de Harif escondida em sua bolsa. Uma vez em Béziers, tudo que precisaria fazer seria se ausentar por tempo suficiente para encontrar Simeon.

Um pálido sol nascia acima do rio Orb quando os homens exaustos cruzaram a cavalo a grande ponte de pedra arqueada.

Béziers erguia-se orgulhosa e alta à sua frente, grandiosa e aparentemente 133

inexpugnável por trás de suas antigas muralhas de pedra. As agulhas da catedral e as grandes igrejas dedicadas a Santa-Magdalena, Sant-Jude e Santa-Maria cintilavam à luz da aurora.

Apesar do cansaço, Raymond-Roger Trencavel não perdera nada de sua autoridade e de sua postura natural enquanto tocava o cavalo através do emaranhado de becos e íngremes ruas serpenteantes que conduziam aos portões principais. Os cascos dos cavalos batendo nas pedras do calçamento despertavam as pessoas de seu sono nos subúrbios tranqüilos que cercavam o castelo fortificado.

Pelletier desmontou e gritou para o sentinela abrir os portões e deixá-los entrar.

Seguiram lentamente, uma vez que a notícia de que o visconde Trencavel estava

na cidade havia se espalhado, mas acabaram chegando à residência do suserano.

Raymond-Roger saudou o senhor feudal com afeição genuína. Era um velho amigo e aliado, talentoso diplomata e administrador, e fiel à dinastia dos Trencavel. Pelletier esperou até os dois homens terminarem de se cumprimentar segundo o costume do Midi e trocarem votos de estima. Depois de completar as formalidades com a rapidez habitual, Trencavel foi direto ao assunto. O suserano escutou com crescente preocupação. Assim que o visconde terminou de falar, enviou mensageiros para convocar os cônsules da cidade para um conselho.

Enquanto conversavam, uma mesa havia sido posta no centro do salão, repleta de pão, carnes, queijo, frutas e vinho.

— Messire — disse o suserano. — Eu ficaria honrado se o senhor aproveitasse minha hospitalidade enquanto esperamos.

Pelletier viu ali sua oportunidade. Inclinou-se para frente e falou baixinho no ouvido do visconde Trencavel.

— Messire, pode me dispensar? Gostaria de verificar pessoalmente como estão nossos homens. Ver se tem tudo de que precisam. Certificar-me de que suas línguas estão seguras e seu espírito, firme.

Trencavel ergueu os olhos para ele, espantado.

— Agora, Bertrand?

— Se for do seu agrado, messire.

— Não tenho dúvidas de que os homens estão sendo bem cuidados — disse ele, sorrindo para o anfitrião. — Você deveria comer, descansar um pouco.

— Com minhas humildes desculpas, eu ainda gostaria de ser dispensado. Raymond-Roger vasculhou o rosto de Pelletier em busca de uma explicação, mas não encontrou nenhuma.

— Muito bem — disse por fim, ainda intrigado. — Você tem uma hora.

As ruas estavam barulhentas, e iam ficando ainda mais repletas de gente conforme os boatos se espalhavam. Uma multidão se aglomerava na praça

principal, em frente à

catedral.

Pelletier conhecia bem Béziers, já tendo visitado a cidade muitas vezes antes com o visconde Trencavel, mas estava indo contra o fluxo, e só seu tamanho e sua autoridade o impediam de ser derrubado na confusão. Segurando a carta de Harif com força na mão fechada, assim que chegou ao bairro judaico perguntou aos passantes se eles conheciam Simeon. Sentiu um puxão em sua manga. Abaixou os olhos e viu uma bonita menina de cabelos e olhos escuros.

— Eu sei onde ele mora — disse ela. — Venha comigo.

A menina o conduziu até o bairro comercial, onde os agiotas faziam seus negócios, e através de um dédalo de ruas laterais aparentemente idênticas abarrotadas de lojas e casas. Ela parou do lado de fora de uma porta igual a todas as outras.

Ele olhou em volta até encontrar o que estava procurando: a insígnia de um encadernador gravada acima das iniciais de Simeon. Pelletier sorriu, aliviado. Era a casa certa. Agradecendo à menina, pôs uma moeda na palma de sua mão e a mandou embora. Então suspendeu a pesada aldraba de bronze e bateu três vezes na porta.

Fazia muito tempo, mais de 15 anos. Será que ainda haveria entre eles a mesma afeição espontânea?

A porta se abriu um pouquinho, o suficiente para revelar uma mulher, que olhava para ele desconfiada. Seus olhos negros eram hostis. Ela usava um véu verde que lhe cobria os cabelos e a parte inferior do rosto, e as calças típicas usadas pelas mulheres judias na Terra Santa, amplas e claras, apertadas nos tornozelos. Sua comprida túnica amarela ia até os joelhos.

— Quero falar com Simeon — disse ele.

Ela sacudiu a cabeça e tentou fechar a porta, mas ele a bloqueou com o pé.

— Dê-lhe isto — falou, tirando o anel do polegar e obrigando a mulher a pegá-

lo. —

Diga-lhe que Bertrand Pelletier está aqui.

Ele a ouviu arquejar. Imediatamente, ela se afastou para deixá-lo entrar. Pelletier seguiu-a através de uma pesada cortina vermelha, decorada com moedas douradas costuradas no alto e na borda.

— Attendez — disse ela, gesticulando para que ele ficasse onde estava. Os braceletes em seu pulso e em seus tornozelos tilintaram quando ela saiu andando depressa pelo corredor comprido e desapareceu.

Do lado de fora, o prédio parecia alto e estreito, mas, agora que estava do lado de dentro, Pelletier podia ver que aquilo era só uma impressão. Do corredor central partiam quartos à esquerda e à direita. Apesar da urgência de sua missão, Pelletier olhou em volta com deleite. O chão era revestido de cerâmicas azuis e brancas, em vez de madeira, e lindos tapetes pendiam das paredes. Aquilo lembrou-lhe as casas elegantes e exóticas de Jerusalém. Fazia muitos anos, mas as cores, texturas e cheiros daquela terra estrangeira permaneciam vivos em sua lembrança.

— Bertrand Pelletier, por tudo que é mais sagrado neste mundo velho e cansado!

Pelletier se virou na direção do som e viu uma figura pequena com um longo manto cor de púrpura correndo em sua direção, de braços abertos. Seus olhos negros reluziam, mais brilhantes do que nunca. Pelletier quase foi derrubado pela força do abraço de Simeon, mesmo sendo uma boa cabeça mais alto.

Bertrand, Bertrand — dizia Simeon, carinhoso, com a voz grave a ribombar pelo corredor silencioso. — Por que demorou tanto, hein?

Simeon, amigo velho — disse Pelletier rindo, segurando os ombros de Simeon enquanto ele recuperava o fôlego. — Como me faz bem ver você, e em tão boa saúde.

Olhe para você — disse ele, puxando a comprida barba preta do amigo, que sempre havia sido o maior motivo de vaidade para Simeon.

— Um pouco de cinza aqui e ali, mas ainda assim bonita como nunca! A vida tratou você bem?

Simeon deu de ombros.

— Poderia ter sido melhor, poderia ter sido pior — respondeu, recuando. — E você, Bertrand? Algumas rugas a mais no rosto, talvez, mas ainda os mesmos olhos de brasa e os mesmos ombros largos. — Deu-lhe alguns tapinhas no peito com as costas da mão. —

Ainda forte como um touro.

Com os braços em volta dos ombros de Simeon, Pelletier foi levado até um pequeno aposento na parte dos fundos da casa, com vista para um estreito quintal. Nele havia dois grandes sofás cobertos com almofadas de seda vermelhas, roxas e azuis.

Várias mesas de ébano estavam dispostas pelo aposento, decoradas com delicados vasos e grandes tigelas rasas cheias de biscoitos doces de amêndoa.

— Venha, tire as botas. Esther vai nos trazer chá. — Ele recuou alguns passos e tornou a avaliar Pelletier de cima a baixo. — Bertrand Pelletier — repetiu, sacudindo a cabeça. — Será que posso confiar nestes velhos olhos?

Depois de tantos anos, você está mesmo aqui? Ou será um fantasma? Um truque da imaginação de um velho?

Pelletier não sorriu.

Eu gostaria de estar aqui em circunstâncias mais auspiciosas, Simeon.

Ele aquiesceu.

Claro. Venha, Bertrand, venha. Sente-se.

Vim com nosso senhor Trencavel, Simeon, avisar Besièrs sobre o exército que está

chegando do norte. Ouça os sinos, convocando os anciãos da cidade para o conselho.

Ê difícil ignorar seus sinos cristãos — respondeu Simeon, alçando as sobrancelhas

—, embora eles geralmente não soem para nós!

Você sabe que isto vai afetar os judeus tanto quanto aqueles a quem eles chamam de hereges, se não mais.

Como é sempre o caso — disse ele, resignado. — A Hoste é tão grande quanto estão dizendo?

Vinte mil homens, talvez mais. Não podemos enfrentá-los em um combate aberto, Simeon, nossa desvantagem numérica é muito grande. Se Besièrs conseguir segurar os invasores aqui durante algum tempo, pelo menos teremos chance de recrutar uma força de combate no oeste e preparar as defesas de Carcassona. Todos que quiserem terão refúgio lá.

Tenho sido feliz aqui. Esta cidade me tratou, nos tratou, bem.

Besièrs não é mais segura. Nem para você, nem para os livros.

Eu sei. Mesmo assim — suspirou ele —, ficarei triste em ir embora.

Se Deus quiser, não será por muito tempo. — Pelletier fez uma pausa, confuso pela aceitação estóica da situação pelo amigo. — Esta é uma guerra injusta, Simeon, pregada sobre mentiras e engodo. Como pode aceitá-la tão facilmente?

Simeon abriu bem as mãos.

—Aceitá-la, Bertrand? O que você quer que eu faça? O que quer que eu diga? Um de seus santos cristãos, Francisco, rezava para que Deus lhe desse forças para aceitar aquilo que não podia mudar. O que vai acontecer, vai acontecer, quer eu queira ou não.

Então sim, eu aceito. Isso não quer dizer que esteja satisfeito, nem que não deseje que fosse de outra forma.

Pelletier sacudiu a cabeça, discordando.

—A raiva não tem serventia. Você precisa ter fé. Confiar em um significado

maior, além de nossas vidas e de nosso conhecimento, requer muita fé.

Cada uma das grandes religiões tem sua própria história: a Santa Escritura, o Alcorão, a Torá, para dar significado a estas nossas vidas insignificantes. —Ele fez uma pausa, os olhos brilhando de argúcia. — Os bons homes, eles não tentam dar sentido ao mal que o homem faz. Sua fé lhes ensina que esta não é a Terra de Deus, uma criação perfeita, mas sim um reino imperfeito e corrupto. Eles não esperam que o bem e o amor vençam a adversidade. Sabem que isso não vai acontecer em nossas vidas temporais. —

Simeon sorriu. — E, mesmo assim, eis aqui você, Bertrand: surpreso quando o Mal o encara de frente. Estranho isso, não?

136

A cabeça de Pelletier ergueu-se subitamente, como se ele houvesse sido descoberto. Será que Simeon sabia? Como poderia saber?

Simeon viu a expressão em seu rosto, embora não tenha feito mais nenhum comentário.

—Por sua vez, minha fé me diz que o mundo foi feito por Deus, que ele é perfeito em cada detalhe. Mas quando os homens se desviam das palavras dos profetas, o equilíbrio entre Deus e o homem é perturbado, e a retribuição virá com tanta certeza como a noite segue o dia.

Pelletier abriu a boca para falar, depois tornou a fechá-la.

—Esta guerra não é problema nosso, Bertrand, apesar das suas obrigações para com o visconde Trencavel. Você tem um objetivo maior. Estamos unidos por nossos votos. É isso que deve guiar nossos passos e determinar nossas decisões. — Ele estendeu a mão e segurou o ombro de Pelletier. — Então, meu amigo, guarde sua raiva e sua espada pronta para as batalhas que realmente pode ganhar.

—Como você sabia? — disse Pelletier. — Ouviu alguma coisa?

Simeon deu uma risadinha.

—Que você era seguidor da nova fé? Não, não, não ouvi nada a esse respeito. É

uma conversa que teremos em algum momento do futuro, se Deus quiser, não agora. Eu realmente adoraria discutir teologia com você, Bertrand, mas temos assuntos urgentes para cuidar.

A chegada da criada com uma bandeja de chá de hortelã quente e biscoitos doces pôs um fim à conversa. Ela a arrumou na mesinha entre eles, antes de retirar-se para um banco no canto do aposento.

Não se preocupe — disse Simeon, vendo a preocupação de Pelletier de que sua conversa fosse ouvida. — Esther veio comigo de Chartres. Ela só fala hebraico e algumas palavras de francês. Não entende nada da sua língua.

Muito bem. — Pelletier sacou a carta de Harif e a entregou a Simeon.

Recebi uma igual na Shavuot, um mês atrás — disse ele depois de terminar de ler.

— Ela me avisava para aguardá-lo, embora, confesso, você tenha demorado mais do que eu esperava.

Pelletier dobrou a carta e tornou a colocá-la no bolso.

—Então os livros ainda estão com você, Simeon? Aqui nesta casa? Devemos levá-los...

Violentas batidas na porta perturbaram a tranqüilidade do aposento. Em um segundo, Esther estava em pé, os olhos amendoados alertas. A um sinal de Simeon, partiu apressada pelo corredor.

Você ainda tem os livros? — repetiu Pelletier, agora com urgência, subitamente ansioso com a expressão no rosto de Simeon. — Eles não foram perdidos?

Perdidos, não, meu amigo — ele começou a dizer, quando foi interrompido por Esther.

Mestre, uma senhora pede para ser recebida. — As palavras em hebraico cascatearam de sua língua, rápidas demais para os ouvidos enferrujados de Pelletier compreenderem.

Que tipo de senhora?

Esther sacudiu a cabeça.

—Não sei mestre. Diz que precisa falar com seu convidado, o intendente Pelletier.

Todos se viraram ao ouvir sons de passos no corredor atrás deles.

—Você a deixou sozinha? — perguntou Simeon, tenso, esforçando-se para se levantar.

Pelletier também se pôs de pé no instante em que as mulheres irromperam no aposento. Piscou os olhos, sem conseguir acreditar no que via. Todos os pensamentos sobre sua missão desapareceram de sua mente quando olhou para Alaïs, que havia parado junto à porta. O rosto dela estava corado e seus olhos castanhos vivos brilhavam, pedindo desculpas, mas ao mesmo tempo determinados.

Perdoem-me pela intrusão — disse ela, olhando do pai para Simeon, depois novamente para o pai —, mas não pensei que sua criada fosse me deixar entrar. — Com dois passos, Pelletier atravessou o aposento e envolveu a filha nos braços.

Não fique bravo por eu ter desobedecido ao senhor — disse ela, mais tímida. — Eu precisava vir.

E esta encantadora senhora é... — disse Simeon.

Pelletier segurou a mão de Alaïs e a conduziu até o meio do aposento.

—Claro, onde estão meus modos? Simeon permita-me apresentar minha filha, Alaïs, embora eu seja incapaz de dizer como ela conseguiu chegar aqui em Besièrs! —

Alaïs inclinou a cabeça. — E este é meu amigo mais antigo e mais querido, Simeon de Chartres, e antes, da Cidade Sagrada de Jerusalém.

O rosto de Simeon era só sorrisos.

—Filha de Bertrand. Alaïs. — Ele segurou as mãos dela. — Seja muito bem-vinda.

CAPÍTULO 28

— Podem me falar sobre sua amizade? — pediu Alaïs assim que se sentou no sofá

ao lado do pai. Virou-se para Simeon. — Já pedi isso a ele uma vez, mas naquela ocasião ele não estava decidido a confiar em mim.

Simeon era mais velho do que ela havia imaginado. Seus ombros eram curvados e seu rosto crivado de rugas, o mapa de uma vida que já experimentara dor e perda, mas também grande felicidade e muito riso. Suas sobrancelhas eram grossas e fartas, e seus olhos brilhavam, revelando uma inteligência viva. Seus cabelos encaracolados eram quase inteiramente grisalhos, mas sua barba comprida, perfumada e lustrada, ainda era tão negra quanto à asa de um corvo. Ela agora entendia como seu pai podia ter confundido o homem no rio com seu amigo.

Discretamente, Alaïs baixou os olhos para as mãos de Simeon e sentiu um lampejo de satisfação. Sua suposição estava correta. No polegar esquerdo, ele usava um anel idêntico ao de seu pai.

—Vamos, Bertrand — dizia Simeon. — Ela merece ouvir a história. Afinal, cavalgou bastante para isso!

Alaïs sentiu o pai ficar muito quieto ao seu lado. Olhou para ele de relance. Sua boca estava contraída em uma linha apertada. Ele está bravo agora que percebe o que fiz.

—Você não veio a cavalo de Carcassona sem escolta? — disse. — Não seria tola a ponto de fazer uma viagem assim sozinha? Não correria um risco desses?

—Eu...

Responda.

—Parecia o mais sensato...

—Sensato! — explodiu ele. — De todos os...

Simeon deu uma risadinha.

—Ainda o mesmo velho temperamento, Bertrand.

Alaïs engoliu um sorriso enquanto tocava o braço do pai.

—Paire — disse paciente. — O senhor está vendo que estou sã e salva. Não aconteceu nada.

Ele olhou para baixo, para as mãos arranhadas dela. Alaïs rapidamente as cobriu com a capa.

—Não aconteceu nada demais. Não é nada. Um cortezinho.

—Estava armada?

Ela assentiu.

—Claro.

Então onde...?

Não achei sensato andar pelas ruas de Besièrs vestida daquele jeito.

Alaïs olhou para ele com olhos inocentes.

—De fato — murmurou ele entre os dentes. — E não aconteceu nada de ruim com você? Não está ferida?

Sentindo o ombro machucado, Alaïs o encarou.

Nada — mentiu. Ele franziu o cenho, embora parecesse estar ligeiramente mais calmo.

Como soube que estávamos aqui?

Quem me disse foi Amiel de Coursan, filho do seigneur, que generosamente me

acompanhou até aqui.

Simeon assentiu.

Ele é muito admirado por estas bandas.

Você teve muita sorte — disse Pelletier, ainda relutando em encerrar o assunto. —

Sorte, e muita, muita imprudência. Poderia ter sido morta. Ainda não consigo acreditar que você...

Você ia contar a ela como nos conhecemos, Bertrand — disse Simeon calmamente.

— Os sinos não estão mais tocando, de modo que o conselho já deve ter começado.

Temos um pouco de tempo.

Por um instante, seu pai continuou com um ar severo no rosto. Então seus ombros relaxaram e ele adotou uma expressão resignada.

Muito bem, muito bem. Já que os dois querem assim.

Alaïs trocou um olhar com Simeon.

Ele usa um anel como o seu, paire.

Pelletier sorriu.

—Simeon foi recrutado por Harif na Terra Santa, como eu, embora algum tempo antes, e nossos caminhos não se cruzaram. Quando o perigo representado por Saladino e seus exércitos aumentou, Harif mandou Simeon de volta para sua cidade natal, Chartres.

Eu o segui alguns meses depois, levando comigo os três pergaminhos. A viagem levou mais de um ano, mas quando finalmente cheguei a Chartres, Simeon estava à minha espera como Harif havia prometido. — As lembranças o fizeram sorrir. — Como odiei aquele frio e aquela umidade depois do calor, da luz de

Jerusalém. Era um lugar tão 139

deprimente, tão desolado. Mas Simeon e eu nos demos bem de imediato. A tarefa dele era encadernar os pergaminhos em três volumes separados. Enquanto ele fazia os livros, aprendi a admirar sua habilidade, sua sabedoria e seu bom humor.

Bertrand, não exagere — murmurou Simeon, embora Alaïs pudesse ver que ele estava gostando dos elogios.

Quanto a Simeon — prosseguiu Pelletier —, você vai ter de perguntar o que ele viu em um soldado inculto, iletrado. Não cabe a mim julgar.

Você estava disposto a aprender, meu amigo, a escutar — disse Simeon, baixinho.

— Isso o destacava da maioria das pessoas de sua fé.

Eu sempre soube que os livros deviam ser separados — continuou Pelletier. —

Assim que Simeon terminou o trabalho, recebi de Harif a ordem de voltar à minha cidade natal, onde o cargo de intendant do novo visconde Trencavel estava à minha espera.

Pensando nisso hoje, tantos anos depois, acho extraordinário que eu nunca tenha perguntado o que seria feito dos outros dois livros. Imaginava que Simeon guardaria um deles, embora nunca tenha tido certeza. E o outro? Sequer perguntei. Hoje minha falta de curiosidade me envergonha. Mas eu simplesmente peguei o livro que me tinha sido confiado e rumei para o sul.

Não deveria ficar envergonhado — disse Simeon gentilmente. —Você fez o que lhe pediam para fazer com fé e com firmeza no coração.

Antes da sua aparição expulsar qualquer outro pensamento da minha mente, Alaïs, estávamos falando sobre os livros.

Simeon pigarreou.

Livro — disse ele. — Eu só estou com um.

O quê? — indagou Pelletier, surpreso. — Mas a carta de Harif...pensei que quisesse dizer que você ainda estava com os dois livros? Ou que, pelo menos, sabia onde cada um deles poderia ser encontrado?

Simeon sacudiu a cabeça, negando.

Já soube, sim, mas faz muitos anos que não sei mais. O Livro dos Números está

aqui. Quanto ao outro, confesso que estava esperando que você pudesse ter notícias a dar para mim.

Se não está com você, com quem estará? — perguntou-se Pelletier, aflito. — Eu pensava que você tivesse levado os dois livros com você quando foi embora de Chartres.

E levei.

Mas...

Alaïs pôs a mão no braço do pai.

—Deixe Simeon explicar.

Por um instante, pareceu que Pelletier iria perder a paciência, mas em seguida ele aquiesceu.

Muito bem — disse, de má vontade. — Conte sua história.

Como ela é parecida com você, meu amigo — disse Simeon com uma risadinha. —

Pouco depois da sua partida de Chartres, recebi um recado do Navigatairé de que um guardião viria buscar o segundo livro, o Livro das Poções, embora não houvesse nenhuma indicação de quem essa pessoa poderia ser. Fiquei alerta, sempre a esperar. O

tempo passou, eu envelheci, mas ninguém veio. Então, no ano de nosso Senhor de 1194, pouco antes do terrível incêndio que destruiu a catedral e grande parte da cidade de Chartres, um homem chegou, um cristão, um cavaleiro, que disse se chamar Philippe de Saint-Mauré.

O nome é conhecido. Ele estava na Terra Santa na mesma época que eu, embora não tenhamos nos encontrado. — Pelletier franziu o cenho. —Por que ele esperou tanto tempo?

Essa, meu amigo, foi a pergunta que fiz a mim mesmo. Saint-Mauré me entregou um merel como deve ser feito. Ele usava o anel que eu e você temos a honra de usar. Eu não tinha motivos para duvidar dele...mas ainda assim... — Simeon deu de ombros. —

Havia algo de falso nele. Seus olhos eram argutos, como os de uma raposa. Eu não confiava nele. Ele não me parecia o tipo de homem que Harif teria escolhido. Não havia honra nele. Então, apesar dos símbolos de boa fé que ele trazia, decidi testá-lo.

—Como? — As palavras escapuliram antes que Alaïs conseguisse contê-las.

Alaïs — alertou seu pai.

Não tem problema, Bertrand. Eu fingi que não estava entendendo. Torci as mãos, humilde, pedindo desculpas, mas ele devia ter me confundido com alguma outra pessoa.

Ele sacou a espada. E isso confirmou sua suspeita de que ele não era quem ou aquilo que alegava ser.

Ele me ameaçou e me insultou, mas meus criados chegaram e ele estava em desvantagem numérica, de modo que não teve alternativa senão recuar. — Simeon inclinou-se para frente, baixando a voz para um sussurro.

— Assim que tive certeza de que ele tinha ido embora, enrolei os dois livros em uma trouxa de roupa velha e pedi abrigo a uma família cristã próxima, que eu tinha certeza de que não me trairia. Não conseguia decidir o que era melhor fazer. Não tinha certeza do que eu mesmo sabia. Será que ele era um impostor?

Ou será que era mesmo um guardião, mas um guardião cujo coração havia sido corrompido pela ganância, pelo poder ou pela riqueza? Será que ele havia nos traído? Se a primeira alternativa fosse a certa, então ainda havia uma chance de que o verdadeiro guardião fosse até Chartres e não me encontrasse mais. Se a

segunda fosse a certa, eu sentia que era meu dever descobrir o que conseguisse. Até hoje, não sei se fiz a escolha certa.

O senhor fez o que achava que era certo — disse Alaïs, ignorando o olhar de repreensão do pai que a mandava ficar calada. — Nenhum homem pode fazer mais do que isso.

Certo ou errado, o fato é que eu fiquei onde estava por mais dois dias. Então, o corpo mutilado de um homem foi encontrado boiando no rio Eure.

Seus olhos e sua língua haviam sido arrancados. Espalhou-se o boato de que ele era um cavaleiro a serviço do filho mais velho de Charles d'Evreux, cujas terras não ficam longe de Chartres.

—Philippe de Saint-Mauré.

Simeon assentiu.

Os judeus foram culpados pelo assassinato. Imediatamente começaram as represálias. Eu era um bom bode expiatório. Espalhou-se a notícia de que viriam atrás de mim. Alegava-se que testemunhas tinham visto Saint-Mauré na minha porta, testemunhas que poderiam jurar que nós havíamos discutido e trocado agressões. Isso me decidiu. Talvez esse Saint-Mauré fosse quem dizia ser. Talvez fosse um homem honesto, talvez não. Isso não tinha mais importância. Ele estava morto, ou pelo menos assim eu pensava, por causa do que havia descoberto sobre a Trilogia do Labirinto. Sua morte e a maneira como ele havia morrido me convenceram de que havia outras pessoas envolvidas. De que o segredo do Graal de fato havia sido revelado.

Como você escapou? — perguntou Alaïs.

Meus criados já tinham saído da cidade, e eu esperava que estivessem em segurança. Fiquei escondido até a manhã seguinte. Assim que os portões da cidade 141

foram abertos, depois de raspar a cabeça, fugi disfarçado de velha.

Esther veio comigo.

Então você não estava lá quando construíram o labirinto de pedra na nova

catedral? — perguntou Pelletier. Alaïs ficou surpresa ao ver que ele sorria, como de alguma brincadeira que só eles entendiam. — Você não o viu.

O que foi? — perguntou ela.

Simeon deu uma risadinha, dirigindo-se apenas a Pelletier.

—Não, embora tenha ouvido dizer que ele cumpriu bem a sua função.

Muitos são atraídos até lá por aquele anel de pedra morta. Olham, procuram, sem entender que sob seus pés repousa apenas um segredo de mentira.

—Que labirinto é esse? — repetiu Alaïs.

Eles continuaram a não lhe dar atenção.

—Eu teria lhe dado abrigo em Carcassona. Um teto sobre sua cabeça, proteção. Por que você não me procurou?

—Acredite em mim, Bertrand, não havia nada que eu desejasse mais ter feito. Mas você se esquece como o norte era diferente destas terras mais tolerantes do Pays d'Oc.

Eu não podia viajar livremente, meu amigo. A vida era dura para os judeus naquela época. Éramos obrigados a respeitar um toque de recolher, nossas lojas eram regularmente atacadas e saqueadas. — Ele fez uma pausa para respirar. — Além disso, eu nunca teria perdoado a mim mesmo se os tivesse conduzido, quem quer que fossem eles, até você. Quando fugi de Chartres naquela noite, não sabia para onde estava indo.

Parecia que o mais seguro era desaparecer até a confusão passar. O que acabou acontecendo foi que o incêndio tirou todos os outros assuntos da minha cabeça.

—Como veio parar em Besièrs? — perguntou Alaïs, determinada a tornar a participar da conversa. — Harif o mandou para cá?

Simeon sacudiu a cabeça, negando.

—Cheguei até aqui graças à sorte e à boa fortuna, Alaïs, não a uma intenção concreta. Viajei primeiro para a Champagne, onde passei o inverno. Na

primavera seguinte, assim que as neves derreteram, rumei para o sul. Tive sorte suficiente para encontrar um grupo de judeus ingleses que fugiam das perseguições em seu próprio país. Eles estavam indo para Besièrs. Parecia um destino tão bom quanto outro qualquer.

A cidade tinha uma reputação de tolerância: os judeus tinham cargos de confiança e autoridade, nossas habilidades eram respeitadas. Sua proximidade de Carcassona significava que eu estaria disponível caso Harif precisasse de mim. — Virou-se para Bertrand. —Deus, em sua sabedoria, sabe o quanto tem sido difícil saber que você

estava apenas a alguns dias a cavalo de distância, mas a cautela e a sensatez fizeram com que as coisas tivessem de ser dessa forma.

Ele se inclinou para frente, os olhos acesos.

—Mesmo naquela época, versos e canções circulavam nas cortes do norte. Na Champagne, trovadores e menestréis cantavam sobre um cálice mágico, um elixir de vida, próximo demais da realidade para ser ignorado. — Pelletier assentiu. Ele também havia escutado essas trovas. — Então, pesando tudo na balança, era mais seguro eu ficar afastado. Eu jamais teria me perdoado caso os houvesse conduzido à sua porta, meu amigo.

Pelletier deu um longo suspiro.

Simeon, tenho medo de que, apesar de todos os seus esforços, tenhamos sido traídos, embora não tenha nenhuma prova concreta disso. Estou convencido de que alguém sabe da conexão entre nós. Não sei dizer se também conhecem a natureza de nosso laço.

Aconteceu alguma coisa para fazer você pensar assim?

Há uma semana ou mais, Alaïs encontrou um homem boiando no rio Aude, um judeu. Sua garganta havia sido cortada e seu polegar esquerdo decepado da mão. Nada mais foi levado. Não havia motivo para achar isso, mas pensei em você. Pensei que ele tivesse sido confundido com você. — Ele fez uma pausa. — Antes disso, houve outros sinais. Confiei uma parte da minha responsabilidade a Alaïs, caso alguma coisa acontecesse comigo e eu me visse incapaz de voltar a

Carcassona.

Esta é a hora de contar a ele por que você veio até aqui.

—Pai, já que o senhor...

Ele levantou uma das mãos para impedi-la de interromper.

—Houve alguma indicação de que seu paradeiro foi descoberto, Simeon?

Por aqueles que o procuravam em Chartres ou por outros?

Simeon sacudia a cabeça, negando.

—Ultimamente, não. Mais de 15 anos se passaram desde que vim para o sul, e posso lhe dizer que, durante todo esse tempo, não houve um só dia em que eu não tenha esperado sentir uma faca na garganta. Mas, quanto a algo fora do normal, não.

Alaïs não agüentou mais ficar em silêncio.

—Pai, o que eu tenho a dizer tem relação com esse assunto. Preciso contar ao senhor o que aconteceu desde que o senhor partiu de Carcassona. Por favor.

Quando Alaïs terminou, o rosto de seu pai estava escarlate. Ela temeu que ele perdesse as estribeiras. Não permitia nem que a filha nem que Simeon o acalmassem.

—A Trilogia foi descoberta! —vociferava ele. — Não há dúvida quanto a isso.

—Calma, Bertrand — disse Simeon com firmeza. — Sua raiva só faz prejudicar seu juízo.

Alaïs virou-se para as janelas, consciente do nível crescente de barulho nas ruas.

Depois de um instante de hesitação, Pelletier também levantou a cabeça.

—Os sinos recomeçaram a tocar — disse. — Preciso voltar para a residência do suserano. O visconde Trencavel está me esperando. — Ele se levantou. — Preciso pensar mais sobre o que você me contou, Alaïs, e considerar o que deve ser feito. Por ora, temos de nos concentrar em nossos esforços de partida. —

Virou-se para o amigo. —

Você virá conosco, Simeon.

Enquanto Pelletier falava, Simeon havia aberto uma arca de madeira intrincadamente esculpida que ficava no canto da sala. Alaïs chegou mais perto. A tampa era forrada de veludo vermelho, reunido em dobras generosas como as cortinas em volta de uma cama.

Simeon sacudiu a cabeça.

—Não irei com vocês. Seguirei com meu povo. Então, por segurança, você deve levar isto.

Alaïs viu Simeon inserir a mão na parte funda da arca. Houve um clique, e então uma pequena gaveta abriu-se na base. Quando ele se endireitou, Alaïs viu que segurava um objeto dentro de um invólucro de pele de carneiro.

Os dois homens trocaram olhares, e então Pelletier pegou o livro da mão estendida de Simeon e o escondeu debaixo da capa.

—Em sua carta, Harif menciona uma irmã em Carcassona — disse Simeon.

Pelletier assentiu.

Uma amiga da Noublesso, segundo minha interpretação das palavras dele. Não
143

posso acreditar que ele queira dizer mais do que isso.

Foi uma mulher quem veio pegar o segundo livro comigo, Bertrand — disse Simeon, afável. — Como você, na época confesso que supus que ela não passasse de uma mensageira, mas à luz da carta que você recebeu...

Pelletier desdenhou a sugestão com um aceno.

—Não posso acreditar que Harif fosse nomear uma mulher guardiã, quaisquer que fossem as circunstâncias. Ele não correria esse risco.

Alaïs quase falou, mas mordeu a língua. Simeon deu de ombros.

Devemos considerar a possibilidade.

Bem, como era essa mulher? — perguntou Pelletier, impaciente. — Alguém que parecesse ter um mínimo de capacidade para se encarregar de um objeto tão precioso?

Simeon sacudiu a cabeça.

—Na verdade, não. Ela não era nem bem-nascida, nem pertencia à camada mais reles da população. Já havia passado da idade de ter filhos, embora estivesse acompanhada por uma criança. Estava indo para Carcassona via Servian, sua cidade natal.

Alaïs empertigou-se.

É muito pouca informação — reclamou Bertrand. — Ela não disse como se chamava?

Não, e eu não perguntei, já que ela trazia uma carta de Harif. Dei-lhe pão, queijo e fruta para a viagem, e ela foi embora.

A essa altura eles tinham chegado à porta da rua.

—Não gosto de deixá-lo sozinho — disse Alaïs abruptamente, de súbito temendo por ele.

Simeon sorriu.

—Vou ficar bem, filha. Esther vai arrumar as coisas que quero levar comigo para Carcassona. Viajarei anônimo no meio da multidão. Assim será mais seguro para todos nós.

Pelletier assentiu.

O bairro judaico fica perto do rio, a leste de Carcassona, não muito longe do subúrbio de Sant-Vicens. Mande avisar quando chegar.

—Mandarei.

Os dois homens se abraçaram, então Pelletier saiu para a rua agora apinhada de

gente. Alaïs fez menção de segui-lo, mas Simeon segurou-lhe o braço para detê-la.

—Você tem muita coragem, Alaïs. Foi firme no dever para com seu pai. Para com a Noublesso também. Mas cuide dele. Seu temperamento pode fazê-lo desviar-se do caminho, e haverá tempos difíceis, escolhas difíceis pela frente.

Olhando por cima do ombro, Alaïs baixou a voz para seu pai não escutar.

Qual a natureza do segundo livro levado por essa mulher para Carcassona? O livro que ainda não foi encontrado?

O Livro das Poções — respondeu ele. — Uma lista de ervas e plantas. A seu pai foi confiado o Livro das Palavras, a mim o Livro dos Números.

A cada qual seu talento.

—Acho que isso lhe diz o que queria saber? — perguntou Simeon, olhando para ela por baixo das sobrancelhas fartas com uma expressão sagaz.

144

— Ou talvez confirme um palpite?

Ela sorriu.

—Benlèu. — Talvez.

Alaïs o beijou, depois correu para alcançar o pai.

Comida para a viagem. Talvez uma tábua, também.

Alaïs decidiu guardar aquele pensamento para si, por enquanto, até ter certeza, embora a essa altura estivesse praticamente certa de que sabia onde o livro poderia ser encontrado. Todas as inúmeras conexões que uniam suas vidas como a teia de uma aranha estavam subitamente claras para ela. Todas as pequenas insinuações e pistas ignoradas, por não terem sido procuradas.

CAPITULO 29

Enquanto seguiam apressados de volta pela cidade, ficou claro que o êxodo já

havia começado.

Judeus e sarracenos encaminhavam-se para os portões principais, alguns a pé, outros em carroças cheias de pertences, livros, mapas, móveis; financistas com cavalos selados levando cestos, baús e balanças para pesagem, rolos de pergaminho. Alaïs também viu algumas famílias cristãs entre a multidão.

O pátio do palácio do suserano estava caiado de branco à luz do sol da manhã.

Quando cruzaram os portões, Alaïs viu a expressão de alívio no rosto do pai ao perceber que o conselho ainda não havia terminado.

— Alguém mais sabe que você está aqui?

Alaïs parou abruptamente, horrorizada ao ver que não havia pensado em Guilhem sequer uma vez.

— Não. Fui direto procurar o senhor.

Ficou irritada com a expressão de prazer que atravessou o rosto do pai. Ele assentiu.

— Espere aqui. Vou informar ao visconde Trencavel da sua presença e pedir a ele permissão para você viajar conosco. Seu marido também precisa ser avisado.

Alaïs ficou olhando enquanto ele desaparecia dentro das sombras da casa.

Dispensada, virou-se e olhou em volta. Animais se espreguiçavam nas sombras, o pêlo encostado nas paredes frescas e claras, sem se preocupar com os problemas dos homens. Apesar de suas experiências e das histórias contadas por Amiel de Coursan, ali, na tranqüilidade do palácio, Alaïs achava difícil acreditar que a ameaça fosse tão iminente quanto diziam.

Atrás dela, as portas se abriram de par em par e uma enxurrada de homens derramou-se pelos degraus e encheu o pátio. Alaïs apertou-se de encontro a uma coluna para evitar ser levada pelo aguaceiro.

O pátio ganhou vida com o som de gritos, comandos, ordens dadas e obedecidas, écuyers correndo para buscar os cavalos de seus senhores. Em um instante, o palácio se transformou de sede administrativa em centro da guarnição.

No meio da confusão, Alaïs ouviu alguém chamar seu nome. Guilhem. O coração subiu-lhe até a boca. Ela se virou, esforçando-se para ver de onde vinha a voz.

—Alaïs! — exclamou ele, incrédulo. — Como? O que você está fazendo aqui?

145

Então ela o viu, atravessando a multidão a passos largos, abrindo caminho, até

erguê-la nos braços, apertando-a com tanta força que ela pensou que todo o ar ia ser expulso de dentro de seu corpo. Por um instante, o fato de vê-lo e sentir seu cheiro expulsou todos os outros pensamentos de sua cabeça. Tudo foi esquecido, tudo foi perdoado. Ela sentiu-se quase tímida, cativada pelo óbvio prazer e deleite que ele sentia em vê-la. Alaïs fechou os olhos e os imaginou a sós, milagrosamente de volta ao Château Comtal, como se as atribulações dos últimos dias não passassem de um sonho ruim.

Como eu senti sua falta — disse Guilhem, beijando-lhe o pescoço, a garganta, as mãos. Alaïs se retraiu um pouco.

Mon còr, o que foi?

Nada — disse ela depressa.

Guilhem levantou sua capa e viu o hematoma roxo e inflamado no ombro dela.

Nada, por Sant-Foy! Como em nome de...

Eu caí — disse ela. — Meu ombro foi o que mais sofreu. Parece mais sério do que é.

Por favor, não fique preocupado.

Agora Guilhem parecia indeciso, dividido entre a preocupação e a dúvida.

— E assim que você ocupa seu tempo quando estou fora? — perguntou, a desconfiança a invadir-lhe os olhos. Ele deu um passo para trás. — Por que você está

aqui, Alaïs?

Ela hesitou.

— Para trazer um recado para o meu pai.

No instante em que as palavras lhe saíram da boca, Alaïs percebeu que dissera a coisa errada. O intenso prazer dele se transformou imediatamente em ansiedade. Seu cenho se franziu.

— Que recado?

A mente dela esvaziou-se. O que seu pai teria dito? Que desculpa ela poderia dar?

Eu...

Que recado, Alaïs?

Ela arquejou. Mais do que tudo, queria que houvesse confiança entre eles, mas dera sua palavra ao pai.

Messire, perdoe-me, mas não posso dizer. Era um assunto somente para os ouvidos dele.

Não pode ou não quer?

Não posso, Guilhem — disse ela com pesar. — Eu gostaria que não fosse assim.

Ele mandou chamá-la? — perguntou ele, furioso. — Mandou chamá-la sem pedir minha permissão?

Não, ninguém mandou me chamar! — gritou ela. — Fui eu mesma quem decidiu vir.

Mas mesmo assim não quer me dizer por quê.

Imploro a você, Guilhem. Não me peça para quebrar a promessa que fiz a meu pai.

Por favor. Tente entender.

Ele agarrou o braço dela e a sacudiu.

— Não vai me contar? Não? — Deu uma risada breve, amarga. — E acreditar que pensei que você seria leal a mim. Que tolo eu fui em pensar isso!

146

Alaïs tentou impedi-lo de ir embora, mas ele já estava se afastando dela pelo meio da multidão.

Guilhem! Espere.

O que foi?

Ela se virou para ver que seu pai havia surgido atrás de si.

Meu marido ficou ofendido porque eu não quis confiar nele.

Você lhe disse que eu a proibi de contar?

Eu tentei, mas ele não quis escutar.

Pelletier fez cara de reprovação.

Ele não tem o direito de lhe pedir para quebrar sua promessa.

Alaïs agüentou firme, sentindo a raiva crescer dentro do peito.

Com todo o respeito, paire, ele tem todo o direito. É meu marido.

Merece minha obediência e minha lealdade.

Você não está sendo desleal — disse Pelletier com impaciência. — A raiva dele vai passar. Agora não é hora nem lugar para isso.

Ele leva as coisas muito a sério. Os insultos o atingem em cheio.

E assim para todos nós — retrucou ele. — Todos nós sentimos quando somos insultados. A diferença é que o restante de nós não deixa nossas emoções governarem nosso bom senso. Vamos, Alaïs. Não pense nisso agora.

Guilhem está aqui para servir a seu seigneur, não para se irritar com a mulher.

Assim que voltarmos a Carcassona, tenho certeza de que tudo vai logo se ajeitar entre vocês dois. — Deu um beijo no alto da cabeça dela. — Deixe estar.

Agora vá buscar Tatou. Precisa se preparar para partir.

Devagar, ela se virou e seguiu-o até os estábulos.

— O senhor vai falar com Oriane sobre a participação dela nisso? Tenho certeza de que ela sabe alguma coisa sobre o que aconteceu comigo.

Pelletier fez um gesto de desinteresse com a mão.

Tenho certeza de que está julgando mal a sua irmã. Já faz muito tempo que há

discórdia entre vocês, e eu deixei isso continuar, achando que fosse passar.

Perdoe-me, paire, mas não acho que o senhor veja o verdadeiro caráter dela.

Pelletier ignorou seu comentário.

— Você tem tendência a julgar Oriane com demasiada severidade, Alaïs.

Tenho certeza de que ela cuidou de você pelo melhor dos motivos. Você perguntou a ela? — Alaïs corou. — Exato. Vejo pelo seu rosto que não perguntou. — Ele fez outra pausa. — Ela é sua irmã, Alaïs. Deve tratá-la melhor.

A injustiça da reprimenda despertou a raiva que fervilhava dentro do peito dela.

Não sou eu quem...

Se eu tiver uma oportunidade, falarei com Oriane — disse ele com firmeza, deixando bem claro que a conversa estava encerrada.

Alaïs enrubesceu, mas segurou a língua. Sempre soubera que era a preferida do pai, portanto entendia que era sua falta de afeto por Oriane que lhe atormentava a consciência e o tornava cego para com os erros da irmã. Em relação a ela, Alaïs, suas expectativas eram maiores.

Frustrada, Alaïs apressou o passo para alcancá-lo.

O senhor vai tentar procurar as pessoas que levaram o merel? O senhor...

Chega, Alaïs. Não se pode fazer mais nada até voltarmos a Carcassona.

Agora, que Deus nos dê rapidez e boa fortuna para que cheguemos logo em casa.

— Pelletier parou e olhou em volta. — E Deus queira que Besièrs tenha forças para mantê-los aqui.

CAPITULO 30

Carcassonne

Terça-feira, 5 de julho de 2005.

Alice sentiu o ânimo melhorar ao deixar Toulouse para trás.

A auto-estrada conduzia diretamente através de uma paisagem fértil de plantações verdes e marrons. De vez em quando, ela via campos de girassóis, suas faces curvadas com o sol do fim de tarde. Durante a maior parte da viagem, a pista de alta velocidade corria ao lado da estrada normal. Depois das montanhas e vales ondulantes da Ariège, sua primeira experiência com aquela parte da França, agora a paisagem parecia mais domesticada.

Havia enclaves de pequenos vilarejos no alto das colinas. Casas isoladas com as janelas fechadas por persianas e um cloche-mur, a silhueta dos sinos destacada contra o céu cor-de-rosa do crepúsculo. Ao passar, ela ia lendo o nome das cidades — Avignonet, Castelnaudary, Saint-Papoul, Bram, Mirepoix —, fazendo as palavras escorrerem por sua língua como vinho. Em sua imaginação, cada um daqueles lugares prometia o segredo de ruas calçadas de paralelepípedos e história enterrada em muros de pedra clara.

Alice cruzou a fronteira para o département de Aude. Uma placa marrom de monumento histórico dizia: Vous êtes en Pays Cathare. Ela sorriu. País cátaro. Estava aprendendo depressa que a região se definia tanto por seu passado quanto por seu presente. Não apenas Foix, mas também Toulouse, Béziers e a própria Carcassonne, todas as grandes cidades do sudoeste ainda viviam à sombra de acontecimentos ocorridos quase oitocentos anos antes. Livros, suvenires, postais,

vídeos, toda uma indústria turística havia se desenvolvido em cima desses fatos. Como as sombras vespertinas que se alongavam a oeste, as placas pareciam a estar atraindo para Carcassonne.

Às nove da noite, Alice já havia passado pelo péage e seguia as placas que indicavam o Centro da cidade. Estava nervosa e animada, estranhamente apreensiva, enquanto passava por cinzentos subúrbios industriais e shopping centers. Estava perto agora, podia sentir.

O sinal ficou verde e Alice seguiu em frente, levada pelo fluxo do tráfego, passando por rotatórias e pontes, e então, repentinamente, voltou a sair da área urbana. Arbustos duros ao longo da rocade, gramados crescendo livres e árvores retorcidas que a força do vento havia deixado horizontais.

Alice ultrapassou o pico da colina, e lá estava ela.

A Cité medieval dominava a paisagem. Era muito mais majestosa do que Alice havia imaginado, mais sólida e mais completa. Daquela distância, com as montanhas roxas em contrastado relevo por trás, parecia um reino mágico a flutuar no céu.

Ela se apaixonou na hora.

148

Alice encostou e saiu do carro. Havia duas muralhas, uma interna e outra externa.

Ela podia distinguir a catedral e o castelo. Uma torre retangular, simétrica, muito fina, muito alta, erguia-se mais alta do que tudo à sua volta.

A Cité ficava no topo de uma colina verdejante. As encostas desciam até ruas cheias de casas de telhados vermelhos. Na terra plana lá embaixo havia vinhedos, figueiras e oliveiras, emaranhados de pesados tomates maduros plantados em fileiras.

Relutando em se aproximar e correr o risco de quebrar o feitiço, Alice assistiu ao sol se pôr, roubando a cor de tudo. Estremeceu, sentindo o ar da noite subitamente frio sobre os braços nus.

Sua memória trouxe-lhe as palavras de que precisava. Chegar onde se começou e conhecer o lugar pela primeira vez.

Pela primeira vez, Alice entendeu exatamente o que T. S. Eliot havia querido dizer.

CAPÍTULO 31

O escritório de advocacia de Paul Authié ficava no coração da Basse Ville de Carcassonne.

Seus negócios haviam prosperado depressa nos dois últimos anos, e aquele endereço refletia seu sucesso. Um prédio de vidro e aço, projetado por um arquiteto importante. Um elegante pátio fechado, um jardim de inverno separando as salas e corredores. Era discreto e estiloso.

Authié estava em sua sala particular no quarto andar. A grande janela tinha vista para o oeste sobre a catedral de Saint-Michel e a caserna do regimento de pára-quedistas. A sala era um reflexo de seu dono: bem-arrumada, um ambiente extremamente controlado de afluência e bom gosto convencional.

A parede externa da sala era toda feita de vidro. Àquela hora do dia, as cortinas estavam fechadas para bloquear o sol da tarde. Fotografias emolduradas e penduradas cobriam as outras três paredes, junto com declarações e certificados. Havia vários mapas antigos — originais, não reproduções. Alguns retratavam as rotas das cruzadas, outros eram ilustrações das fronteiras históricas cambiantes do Languedoc. O papel estava amarelo, e os vermelhos e verdes da tinta haviam se apagado em alguns pontos, criando uma distribuição de cores falha e desigual.

Uma escrivaninha comprida e ampla, feita sob medida para aquele espaço, estava posicionada de frente para a janela. Encontrava-se quase vazia, com exceção de um grande mata-borrão debruado de couro e de alguns porta-retratos, um deles uma fotografia de estúdio de sua ex-mulher com os dois filhos. Sinais de estabilidade e valores familiares tranqüilizavam os clientes, então ele mantinha o retrato ali.

Havia três outras fotografias: a primeira era um retrato formal dele próprio, aos 21

anos, pouco depois da formatura na École Nationale d'Administration em Paris, apertando a mão de Jean-Marie Le Pen, líder do partido da Frente Nacional; o segundo havia sido tirado em Santiago de Compostela; o terceiro, do ano anterior, mostrava-o na companhia do abade de Cíteaux, entre outros, na ocasião da mais recente e mais generosa doação de Authié à Sociedade de Jesus.

Cada uma daquelas fotografias lembrava-lhe o quão longe ele havia chegado.

O telefone sobre sua escrivaninha tocou.

— Oui?— Sua secretária anunciou que suas visitas haviam chegado. —

Pode mandar subir.

149

Javier Domingo e Cyrille Braissart eram ambos ex-policiais. Braissart havia sido dispensado em 1999 por uso excessivo de força ao interrogar um suspeito, e Domingo um ano depois sob acusações de intimidação e corrupção. O fato de nenhum dos dois ter ido preso se devia ao cuidadoso trabalho de Authié. Desde então, trabalhavam para ele.

Então? — perguntou ele. — Se vocês tiverem uma explicação, a hora de falar é

agora. — Eles fecharam a porta e ficaram em pé sem dizer nada na frente da escrivaninha. — Não? Nada a dizer? — Ele ergueu o dedo no ar. — É melhor começarem a rezar para o Biau não acordar e se lembrar de quem estava dirigindo o carro.

Ele não vai acordar, senhor.

De repente você virou médico, foi, Braissart?

O estado dele piorou durante o dia.

Authié deu-lhes as costas, mãos nos quadris, e olhou pela janela para a catedral

lá

fora.

Bom, o que vocês têm para me dizer?

O Biau entregou um bilhete para ela — disse Domingo.

Que desapareceu — disse Authié com sarcasmo —, assim como a moça. O que você

está fazendo aqui, Domingo, se não tem nada de novo para dizer? Por que está gastando o meu tempo?

Domingo corou até ficar muito vermelho.

Nós sabemos onde ela está, senhor. O Santini encontrou ela em Toulouse hoje mais cedo.

E?

Ela saiu de Toulouse mais ou menos uma hora atrás — disse Braissart.

— Passou a tarde na Bibliothèque Nationale. O Santini está mandando por fax uma lista dos sites que ela acessou.

Vocês estão rastreando o carro? Ou isso é pedir demais?

Estamos. Ela está indo para Carcassonne.

Authié sentou-se em sua cadeira e olhou para eles do outro lado da escrivaninha.

Então você vai lá esperar por ela no hotel, não é, Domingo?

Sim, senhor. Que h...

Do outro lado da Porte Narbonnaise — disparou ele. — Não quero que ela saiba que está sendo vigiada. Reviste o quarto, o carro, tudo, mas não deixe ela saber.

Estamos procurando alguma outra coisa que não o anel e o bilhete, senhor?

Um livro — disse ele —, mais ou menos desta altura. Capas de madeira, presas com tiras de couro. E muito valioso e muito frágil. — Ele pôs a mão dentro de uma pasta em cima da escrivaninha e jogou uma foto em cima da mesa. — Parecido com este. —

Deu a Domingo alguns segundos para olhar, depois tornou a deslizar a foto na própria direção. — Se não tiverem mais nada...

Também conseguimos isto aqui com uma enfermeira do hospital — disse Braissart depressa, estendendo um pedaço de papel. — Estava no bolso do Biau.

Authié pegou o papel. Era o recibo de postagem de um pacote na agência central de correios de Foix, no final da tarde de segunda-feira, para um endereço em Carcassonne.

Quem é Jeanne Giraud? — perguntou ele.

Avó do Biau, por parte de mãe.

É mesmo? — disse ele, suave. Estendeu o braço e apertou o botão do interfone em cima da escrivaninha. — Aurélie, eu preciso de informações sobre uma mulher chamada Jeanne Giraud. G-i-r-a-u-d. Ela mora na rue de la Gaffe. O quanto antes. — Authié

tornou a se recostar na cadeira. — Ela sabe o que aconteceu com o neto?

O silêncio de Braissart respondeu à sua pergunta.

— Descubra — disse, incisivo. — Pensando bem, enquanto o Domingo vai fazer uma visitinha à Dra. Tanner, você vai até a casa de madame Giraud dar uma espiada...

discretamente. Eu encontro você no estacionamento do outro lado da Porte Narbonnaise daqui a... — Ele olhou para o relógio. — ... meia hora.

O interfone tornou a tocar.

— O que vocês estão esperando? — disse ele, dispensando os com um aceno da

mão. Esperou até a porta se fechar antes de atender.

— Oui, Aurélie.

Enquanto escutava, ficou segurando o crucifixo de ouro no pescoço.

— Ela disse por que queria fazer a reunião uma hora mais cedo? É claro que tem problema — disse, interrompendo o pedido de desculpas da secretária. Tirou o celular do bolso do paletó. Não havia recados. No passado, ela sempre havia feito contato direto e pessoal.

— Eu vou ter que dar uma saída, Aurélie — disse ele. — Deixe o relatório sobre a Jeanne Giraud no meu apartamento quando estiver indo para casa.

Antes das oito.

Authié então pegou o paletó do espaldar da cadeira, tirou um par de luvas da gaveta e saiu.

Audric Baillard estava sentado em frente a uma pequena escrivaninha em um quarto de frente, na casa de Jeanne Giraud. As persianas estavam parcialmente fechadas, e o local estava banhado na luz semifiltrada do fim de tarde. Atrás dele havia uma cama de solteiro antiquada, com a cabeceira e o pé feitos de madeira trabalhada, recém-feita com lençóis de algodão branco.

Jeanne dera aquele quarto para Audric usar muitos anos antes, e o cômodo ficava sempre à sua disposição quando ele precisava. Em um gesto que o tocara fundo, ela havia decorado o quarto com exemplares de todos os livros que ele havia publicado, dispostos em uma única prateleira acima da cama.

Baillard tinha poucas posses. Tudo que mantinha naquele quarto era uma muda de roupa e material para escrever. No início de sua longa relação, Jeanne o provocava por causa de sua predileção por tinta e papel, um papel grosso e pesado como pergaminho.

Ele simplesmente sorria, dizendo-lhe que era velho demais para mudar seus hábitos.

Agora, perguntava-se se isso era verdade. A mudança era inevitável.

Ele se reclinou na cadeira, pensando em Jeanne e no quanto sua amizade significava para ele. Em cada período de sua vida, ele havia encontrado homens e mulheres dispostos a ajudá-lo, mas Jeanne era especial. Fora através de Jeanne que ele havia localizado Grace Tanner, embora as duas mulheres nunca houvessem se encontrado.

O barulho de panelas batendo na cozinha tornou a puxar seus pensamentos para o presente. Baillard empunhou a caneta e sentiu os anos desaparecerem, uma súbita ausência de idade e experiência. Sentiu-se jovem novamente.

Imediatamente, as palavras lhe vieram com facilidade e ele começou a escrever. A carta foi curta e direta. Quando terminou, Audric enxugou a tinta reluzente com o mata-borrão e dobrou o papel em três com cuidado para fazer um envelope. Assim que tivesse o endereço dela, a carta poderia ser enviada.

Então tudo estaria nas mãos dela. Só ela poderia decidir.

— Si es atal es atal — O que será, será.

O telefone tocou. Baillard abriu os olhos. Ouviu Jeanne atender, depois um grito agudo. No início, pensou que tivesse vindo da rua lá fora. Então escutou o som do fone batendo no chão de ladrilho.

Sem saber por que, levantou-se, consciente de uma mudança na atmosfera. Virou-se na direção do som dos passos de Jeanne subindo a escada.

— Qu'es?— perguntou de imediato. O que foi? — Jeanne — disse, com mais urgência. — O que houve? Quem era?

Ela olhou para ele, pálida.

É o Yves. Ele sofreu um acidente.

Audric olhou para ela horrorizado.

Quora?— Quando?

— Ontem à noite. Ele foi atropelado. Acabaram de conseguir falar com a

Claudette.

Era ela no telefone.

Ele se machucou muito?

Jeanne não parecia escutá-lo.

Estão mandando um carro para me levar até o hospital de Foix.

Quem? É a Claudette quem está organizando isso?

Jeanne negou com a cabeça.

Não, a polícia.

Quer que eu vá com você?

— Quero — disse ela depois de hesitar um instante, e então, como uma sonâmbula, saiu do quarto para o corredor. Momentos depois, Baillard ouviu a porta do quarto dela bater.

Impotente, com medo daquela notícia, ele se virou de volta para dentro do quarto.

Sabia que aquilo não era uma coincidência. Seus olhos pousaram sobre a carta que havia acabado de escrever. Ele deu um passo à frente, pensando que poderia deter a inevitável seqüência de acontecimentos enquanto ainda havia tempo.

Então Baillard deixou a mão tornar a cair ao lado do corpo. Queimar a carta tornaria inútil tudo aquilo por que ele havia lutado, tudo que ele havia suportado.

Ele precisava seguir seu caminho até o fim.

Baillard caiu de joelhos e começou a rezar. No início, tinha dificuldade para pronunciar as palavras antigas, mas logo elas estavam fluindo de novo, ligando-o a todos aqueles que as haviam pronunciado antes dele.

A buzina de um carro em uma rua do lado de fora o trouxe de volta ao presente.

Sentindo-se entrevado e cansado, ele se levantou com esforço. Pôs a carta no

bolso da camisa, pegou o casaco atrás da porta e foi dizer a Jeanne que estava na hora de sair.

Authié parou o carro em um dos grandes e anônimos estacionamentos municipais do outro lado da Porte Narbonnaise. Hordas de estrangeiros, armados com guias e câmeras, surgiam de toda parte. Ele desprezava aquilo tudo, a exploração da história e a comercialização sem sentido de seu passado para a diversão de japoneses, americanos, ingleses. Odiava as muralhas restauradas e as torres revestidas de pedras cinza espúrias, o empacotamento de um passado imaginado para os estúpidos e incréus.

Braissart estava à sua espera conforme combinado, e fez seu relatório depressa. A 152

casa estava vazia e havia um acesso fácil pelo jardim nos fundos. Segundo os vizinhos, um carro de polícia fora buscar madame Giraud cerca de 15 minutos antes. Ela estava acompanhada de um homem mais velho.

Quem é?

Eles já viram ele por aqui antes, mas ninguém sabia o nome dele.

Depois de dispensar Braissart, Authié começou a descer a colina. A casa ficava quase no final da descida, do lado esquerdo. A porta estava trancada e as janelas de persianas fechadas, mas um ar de habitação recente pairava ao redor.

Ele continuou até o fim da rua, virou à esquerda na rue Barbarcane e prosseguiu até a Place Saint-Gimer. Alguns residentes locais estavam sentados do lado de fora de suas casas, de frente para os carros estacionados na praça. Um grupo de meninos de bicicleta, sem camisa e queimados de sol, estava parado nos degraus da igreja. Authié

não lhes deu atenção. Foi andando depressa pelo caminho de asfalto que margeava os fundos das primeiras poucas casas e jardins da rue de la Gaffe. Então começou a subir para a direita, seguindo uma trilha de terra batida que serpenteava pelas encostas verdes abaixo dos muros da Cité.

Logo Authié estava de frente para o fundo da propriedade de Jeanne Giraud. Os muros eram pintados do mesmo amarelo-claro da frente. Um pequeno portão de madeira, destrancado, conduzia a um jardim pavimentado. Figos, quase pretos de

tão doces, pendiam de uma árvore generosa, que escondia a maior parte da varanda dos olhos dos vizinhos. O piso de cerâmica estava manchado de roxo onde os figos maduros demais haviam caído e se esborrachado.

As portas envidraçadas dos fundos ficavam debaixo de uma pérgula de madeira coberta de vinhas. Authié espiou e viu que, embora a chave estivesse na fechadura, as portas também estavam travadas em cima e embaixo por uma barra de ferro. Como ele não queria deixar rastro, olhou em volta, procurando outro jeito de entrar.

Ao lado das portas altas havia uma pequena janela que dava para a cozinha, cuja parte de cima havia sido deixada aberta. Authié calçou as luvas de látex, passou o braço pelo buraco e manipulou a tranca antiquada até soltá-la. A janela estava emperrada, e as dobradiças reclamaram rangendo quando ele a abriu. Quando o buraco ficou grande o suficiente, ele enfiou os dedos lá dentro e soltou a janela principal.

Um cheiro de azeitonas e pão azedo o acolheu quando ele entrou na despensa fria.

Uma tela de arame protegia a tábua de queijos. As prateleiras continham garrafas, frascos de conservas, geléias e mostarda. Sobre a mesa havia uma tábua de cortar de madeira e uma toalhinha branca cobrindo algumas migalhas de uma baguette dormida.

Na pia, uma peneira cheia de damascos esperando para serem lavados. Dois copos descansavam de cabeça para baixo no escorredor de louça.

Authié atravessou a cozinha até o cômodo principal. No canto havia uma escrivaninha sobre a qual repousava uma velha máquina de escrever elétrica. Ele apertou o botão de liga/desliga e a máquina zumbiu, ganhando vida. Inseriu uma folha de papel e bateu algumas teclas. As letras surgiram na página em uma linha preta bem marcada.

Deslocando a máquina para frente, Authié vasculhou os compartimentos de trás.

Jeanne Giraud era uma mulher ordeira, e tudo estava meticulosamente etiquetado e arquivado: contas na primeira divisória, cartas pessoais na segunda, documentos de aposentadoria e seguro na terceira, papéis e folhetos variados na última.

Nada atraiu seu interesse. Ele voltou a atenção para as gavetas. As duas primeiras produziram o material de escritório habitual: canetas, clipes de papel, envelopes, selos e resmas de papel A4 branco. A gaveta de baixo estava trancada. Usando um abridor de cartas, Authié correu a lâmina com cuidado e eficiência pelo espaço entre a gaveta e a estrutura do móvel e arrombou a fechadura.

153

Lá dentro havia apenas um objeto: um pequeno envelope de papel bolha. Grande o bastante para conter um anel, mas não o livro. O carimbo do correio dizia :

"Ariège: 18h20, 4 de julho de 2005".

Authié enfiou os dedos lá dentro. Estava vazio, exceto pelo recibo de entrega confirmando que madame Giraud havia assinado para receber o pacote às oito e vinte.

Aquilo correspondia ao recibo que Domingo lhe dera.

Authié guardou o recibo no bolso interno do paletó.

Não era uma prova irrefutável de que Biau havia pego o anel e enviado para a avó, mas era para isso que apontava. Authié continuou a busca pelo objeto em si. Depois de terminar a revista do térreo, subiu as escadas. A porta do quarto de dormir dos fundos ficava logo em frente. Era obviamente o quarto de Giraud, claro, limpo e feminino. Ele revistou o armário e a cômoda, os dedos experientes vasculhando as roupas e peças íntimas, poucas mas de boa qualidade. Estavam todas cuidadosamente dobradas e arrumadas, e recendiam levemente a água de rosas.

Uma caixa de jóias repousava sobre a penteadeira em frente ao espelho. Alguns broches, um colar de pérolas amareladas e uma pulseira de ouro misturavam-se a vários pares de brincos e um crucifixo de prata. Suas alianças de casamento e noivado descansavam, rígidas, sobre o feltro vermelho gasto, como se raramente saíssem dali.

O quarto da frente, em contraste, era vazio e espartano, com exceção de uma cama de solteiro e de uma escrivaninha debaixo da janela sobre a qual havia uma luminária. Authié aprovava aquele estilo. O quarto o fazia pensar nas austeras

células de uma abadia.

Havia sinais de ocupação recente. Um copo de água pela metade descansava sobre a mesinha-de-cabeceira, ao lado de um volume de poesia occitana de René Nelli, as páginas marcadas nas bordas. Authié foi até a escrivaninha. Em cima dela havia uma caneta e um tinteiro antiquados, junto com várias folhas de papel grosso. Havia também um pedaço de mata-borrão, pouco usado.

Ele mal podia acreditar no que estava vendo. Alguém havia se sentado naquela escrivaninha e escrito uma carta para Alice Tanner. O nome estava perfeitamente legível no mata-borrão.

Authié virou o mata-borrão de cabeça para baixo e tentou decifrar a assinatura, semivisível no canto inferior. A caligrafia era antiquada, e algumas das letras se uniam às outras, mas ele insistiu até obter o esqueleto de um nome.

Dobrou o papel rugoso e guardou-o no bolso da camisa. Quando se virou para sair do quarto, seu olhar foi atraído por um pedaço de papel caído no chão, preso entre a porta e o batente. Authié o pegou. Era o pedaço de uma passagem de trem, só de ida, com a data daquele dia. O destino, Carcassonne, estava legível, mas o nome da estação onde o bilhete fora emitido estava faltando.

O som dos sinos de Saint-Gimer batendo as horas lembrou-lhe do pouco tempo que tinha para voltar. Com um último olhar em volta para verificar que tudo estava do mesmo jeito que encontrara, ele saiu pelo mesmo lugar por onde havia entrado.

Vinte minutos depois, estava sentado na varanda de seu apartamento no Quai de Paicherou, olhando por sobre o rio para a Cité medieval. Na mesa à sua frente havia uma garrafa de Château Villerambert Moureau e dois copos. Em seu colo, uma pasta contendo as informações que sua secretária conseguira reunir sobre Jeanne Giraud durante a hora anterior. A outra pasta continha o relatório preliminar do antropólogo legista sobre os corpos encontrados na caverna.

Authié pensou por alguns instantes, depois removeu várias folhas da pasta sobre Jeanne Giraud. Tornou a lacrar o envelope, serviu-se um copo de vinho e esperou sua visita chegar.

CAPÍTULO 32

Por toda a extensão da alta margem do rio por onde corria o Quai de Paicherou, havia homens e mulheres sentados em bancos de metal de frente para o rio Aude. Os gramados extensos e bem cuidados dos jardins públicos eram divididos por canteiros plantados com flores de cores brilhantes e caminhos arrumados. Os roxos, amarelos e laranjas vibrantes do parquinho infantil combinavam com as cores espalhafatosas das flores nos canteiros — lírios tochas, imensos copos de leite, esporas e gerânios.

Marie-Cécile lançou um olhar aprovador para o prédio onde morava Paul Authié. Era bem o que ela esperava: um quartier discreto e pouco chamativo, sem ostentação, composto por uma mistura de casas de família e apartamentos particulares. Enquanto ela olhava, uma mulher com um lenço de seda roxo no pescoço e uma camisa vermelha brilhante passou de bicicleta pela trilha.

Ela percebeu que alguém a estava observando. Sem virar a cabeça, ergueu os olhos e viu um homem em pé na varanda do último andar, com as duas mãos apoiadas na sacada de ferro fundido, olhando para o carro lá embaixo. Marie-Cécile sorriu.

Reconheceu Paul Authié pelas fotografias. Aquela distância, não parecia que os retratos lhe houvessem feito justiça.

Seu motorista tocou a campainha. Ela viu Authié se virar, em seguida desaparecer pelas portas da varanda. Quando seu motorista começou a abrir a porta do carro, Authié

já estava em pé na entrada, pronto para recebê-la.

Ela escolhera as roupas com cuidado: um vestido de linho marrom claro, sem mangas, e um paletó combinando; formal, mas não oficial demais. Muito simples, muito elegante.

De perto, sua primeira impressão se reforçou. Authié era alto e tinha músculos bem tonificados; vestia um terno casual, embora bem-cortado, e uma camisa branca. Seus cabelos estavam afastados da testa, realçando os ossos delicados de seu rosto pálido.

Um olhar intimidador. Mas, por baixo do exterior mundano, Marie-Cécile

pressentia a determinação de alguém que lutava usando as próprias mãos.

Dez minutos depois, tendo aceitado um copo de vinho, ela teve a sensação de já

ter avaliado o homem com quem estava lidando. Marie-Cécile sorriu ao inclinar-se para a frente e apagar seu cigarro no pesado cinzeiro de vidro.

— Bon, aux affaires. Lá dentro seria melhor, acho eu.

Authié se afastou para deixá-la transpor as portas de vidro que conduziam à sala de estar imaculada e impessoal. Tapetes e abajures claros, cadeiras de encosto alto em volta de uma mesa de vidro.

Mais vinho? Ou posso oferecer alguma outra bebida à senhora?

Pastis, se tiver.

Com gelo? Com água?

Com gelo.

Marie-Cécile sentou-se em uma das poltronas de couro creme dispostas na diagonal de ambos os lados de uma pequena mesa de centro de vidro, e observou-o preparar os drinques. Um leve cheiro de anis encheu o ar.

Authié entregou-lhe a bebida antes de se acomodar na outra poltrona.

— Obrigada — agradeceu ela, sorrindo. — Então. Paul. Se não se incomodar, eu gostaria que você repassasse exatamente a seqüência dos acontecimentos.

Se o pedido o irritou, ele não deu mostras. Ela o observou com atenção enquanto ele falava, mas seu relatório foi claro e preciso, idêntico em cada pormenor ao que ele 155

lhe fizera antes.

E os esqueletos em si? Foram levados para Toulouse?

Para o departamento de antropologia forense da universidade, sim.

Quando você espera ter alguma notícia?

A resposta dele foi passar-lhe o envelope A4 branco que estava em cima da mesa.

Não sem um toque de exibicionismo, pensou ela.

— Já? Que trabalho rápido.

— Eu cobrei um favor que me deviam.

Marie-Cécile pôs o envelope no colo.

Obrigada. Vou ler mais tarde — disse, suave. — Enquanto isso, por que você não resume para mim o que o relatório diz? Você já leu, imagino?

É só um relatório preliminar, ainda faltam os resultados de uns exames mais detalhados — alertou ele.

Tudo bem — disse ela, reclinando-se na poltrona.

Os ossos são de um homem e de uma mulher. As estimativas indicam algo entre setecentos e novecentos anos de idade. O esqueleto do homem exibia sinais de ferimentos ainda não cicatrizados no quadril e no alto do fêmur, o que sugere a possibilidade de terem sido inflingidos logo antes da morte.

Havia também sinais de fraturas mais antigas, cicatrizadas, no braço direito e na clavícula.

E a idade?

Era um homem adulto, nem jovem nem velho. Algo entre vinte e sessenta anos.

Eles devem conseguir definir isso melhor depois dos outros exames. A mulher estava mais ou menos na mesma faixa etária. A cavidade craniana tinha uma depressão em um dos lados, que poderia ter sido causada ou por uma pancada na cabeça, ou por uma queda. Ela teve pelo menos um filho.

Também havia sinais de uma fratura cicatrizada no pé direito, e de uma quebra não cicatrizada no cúbito esquerdo, entre o cotovelo e o pulso.

E a causa da morte?

A esta altura, ele ainda não quer se comprometer, mesmo que na opinião dele vá

ser difícil isolar um diagnóstico claramente identificável. Por causa do período em questão, é provável que os dois tenham morrido de uma combinação de fatores: os ferimentos, perda de sangue, e possivelmente fome.

Ele acha que eles ainda estavam vivos quando foram fechados na caverna?

Authié deu de ombros, embora ela tenha registrado um frêmito de interesse em seus olhos cinzentos. Marie-Cécile tirou um cigarro da cigarreira e girou-o entre os dedos por um instante, enquanto pensava.

E os objetos encontrados entre os corpos? — perguntou, inclinando-se para frente para que ele acendesse seu cigarro.

Outra vez as mesmas ressalvas, mas a estimativa dele é que eles sejam do final do século XII até meados do século XIII. A lamparina no altar pode ser ligeiramente mais antiga, e é de fabricação árabe, possivelmente da Espanha, mais provavelmente de mais longe. A faca era uma faca comum de mesa, para cortar carne e frutas. A lâmina tem vestígios de sangue. Os testes vão confirmar se o sangue é animal ou humano. A sacola era de couro, feita na região e típica do Languedoc naquele período. Nenhuma pista sobre o que tinha dentro, se é que tinha alguma coisa, mas o forro revelou partículas de metal e a costura leves traços de pele de carneiro.

Marie-Cécile manteve a voz o mais firme possível.

O que mais?

A mulher que descobriu a caverna, Dra. Tanner, encontrou uma fivela grande de cobre e prata. Ela estava presa debaixo da pedra do lado de fora da entrada da caverna.

Ele também datou a fivela no mesmo período, e acha que ela é da região, ou talvez aragonense. Tem uma fotografia da fivela no envelope.

Marie-Cécile fez um gesto de desinteresse.

— Não estou interessada em uma fivela, Paul — disse. Soprou uma espiral de fumaça no ar. — Mas eu quero, isso sim, saber por que você não encontrou o livro.

Ela observou os dedos compridos dele apertarem os braços da poltrona.

— Não foram encontradas provas de que o livro estava lá — disse ele, calmo. —

Mesmo que a sacola de couro seja com certeza grande o suficiente para conter um livro do tamanho que a senhora está procurando.

E o anel? Você também tem dúvidas de que ele estivesse lá?

Mais uma vez, ele não deixou que ela o provocasse.

Pelo contrário, tenho certeza de que o anel estava lá.

Então?

Estava lá, mas, em algum momento entre a descoberta da caverna e a minha chegada com a polícia, alguém pegou.

Mas você também não tem provas disso — falou ela, a voz agora incisiva. — A não ser que eu esteja errada, você também não está com o anel.

Marie-Cécile ficou olhando enquanto Authié tirava do bolso um pedaço de papel.

— A Dra. Tanner insistiu muito, tanto que desenhou isto — falou, estendendo o papel. — Está malfeito, reconheço, mas corresponde bastante bem à descrição que a senhora me deu. Não acha?

Ela pegou o esboço da mão dele. O tamanho, a forma e a proporção não eram idênticos, mas eram próximos o suficiente do diagrama do anel do labirinto que Marie-Cécile tinha trancado em seu cofre em Chartres. Ninguém fora da família de l'Oradore o tinha visto por oitocentos anos. Não havia como aquilo não ser genuíno.

— Que artista... — murmurou ela. — Este foi o único desenho que ela fez?

Os olhos cinza dele encararam os dela sem hesitação.

Ela fez outros, mas esse era o único que valia a pena.

Por que você não deixa eu decidir isso? — perguntou ela, baixinho.

Madame de l'Oradore, infelizmente este foi o único desenho que eu trouxe. Os outros pareciam irrelevantes. — Authié deu de ombros, pedindo desculpas. — Além disso, o inspetor Noubel, encarregado da investigação, já estava desconfiado do meu interesse.

— Da próxima vez... — ela começou a dizer, depois se interrompeu.

Apagou o cigarro, esmagando o com tanta força que o tabaco espalhou-se no cinzeiro. — Você revistou os pertences da Dra. Tanner, imagino?

Ele assentiu.

O anel não estava lá.

É pequeno. Seria fácil ela ter escondido em algum lugar.

Tecnicamente, sim — concordou ele —, mas eu não acho que tenha escondido. Se 157

ela tivesse roubado o anel, por que falaria nele, para começo de conversa? Além disso —ele se inclinou para frente e tocou o papel com os dedos —, se ela estivesse com o original, por que se daria ao trabalho de fazer este desenho?

Marie-Cécile olhou para o papel.

Está surpreendentemente exato para algo desenhado de memória.

Concordo.

Onde ela está agora?

Aqui em Carcassonne. Parece que tem uma reunião com uma advogada amanhã.

Para quê?

Ele deu de ombros.

— Uma herança, algo assim. O vôo dela de volta para casa está marcado para domingo.

As dúvidas que Marie-Cécile tinha desde o instante em que ficara sabendo da descoberta, na véspera, estavam se intensificando quanto mais ele falava. Alguma coisa não fazia sentido.

— Como foi que a Dra. Tanner conseguiu uma vaga na equipe? — perguntou. — Ela foi indicada?

Authié pareceu surpreso.

— A Dra. Tanner na verdade não era um membro da equipe — disse ele, casual. —

Eu tenho certeza de que mencionei isso.

Os lábios dela se contraíram.

Não mencionou, não.

Desculpe — disse ele, educado. — Tinha certeza de que tinha mencionado. A dra.

Tanner é voluntária. Já que a maioria das escavações depende de trabalho não remunerado, quando pediram para ela se juntar à equipe esta semana, não parecia haver nenhum motivo para recusar.

Quem fez o pedido?

Shelagh O'Donnell, acho eu — disse ele sem entusiasmo —, a número dois da escavação.

Ela é amiga da Dra. O'Donnell? — perguntou Marie-Cécile, lutando para esconder a surpresa.

É claro que já passou pela minha cabeça que a Dra. Tanner pudesse ter entregue o anel para ela. Infelizmente, não tive oportunidade de fazer uma entrevista com

ela na segunda, e agora ela parece ter sumido.

Ela parece ter o quê? — perguntou Marie-Cécile, abrupta. — Quando? Quem sabe disso?

— A Dra. O'Donnell estava na sede da escavação ontem à noite. Ela recebeu um telefonema, e logo em seguida saiu. Ninguém mais a viu desde então.

Marie-Cécile acendeu outro cigarro para acalmar os nervos.

Por que ninguém me contou isso antes?

Não imaginei que a senhora fosse se interessar por uma coisa tão periférica às nossas preocupações principais. Me desculpe.

A polícia foi informada?

Ainda não. O Dr. Brayling, diretor da escavação, deu alguns dias de folga para todo 158

mundo. Ele acha possível... provável... que a dra. O'Donnell tenha simplesmente ido embora sem se dar ao trabalho de avisar a ninguém.

Eu não quero a polícia metida nisso — disse ela, firme. — Seria extremamente desagradável.

Concordo, madame de l'Oradore. O Dr. Brayling não é bobo. Se ele acha mesmo que a Dra. O'Donnell tirou alguma coisa da escavação, então envolver as autoridades não é exatamente a melhor coisa para ele.

Você acha que a Dra. O'Donnell roubou o anel?

Authié se esquivou da pergunta.

Acho que ela precisa ser encontrada.

— Não foi isso que eu perguntei. E o livro? Você acha que ela pode ter levado o livro também?

Authié a encarou bem de frente.

Como eu já disse, não tenho certeza de que o livro algum dia esteve lá. — Ele fez uma pausa. — Se estava, não estou convencido de que ela pode ria ter tirado o livro da escavação sem ser vista. O anel é outra história.

Bom, alguém tirou — disparou Marie-Cécile, frustrada.

Como eu já disse, se é que ele um dia esteve lá.

Marie-Cécile se levantou num pulo, pegando-o de surpresa, e deu a volta na mesa até ficar em pé na sua frente. Pela primeira vez, ela viu um lampejo de alarme naqueles olhos cinza. Curvou-se para frente e pousou a mão espalmada sobre o peito dele.

— Estou sentindo seu coração bater — disse, suave. — Bater muito depressa. Por que será, Paul? — Sem parar de encará-lo, ela tornou a empurrá-lo para trás na cadeira.

— Eu não tolero erros. E não gosto que não me mantenham informada. — Os olhos deles se encararam. — Entendeu?

Authié não respondeu. Ela não esperava que o fizesse.

Tudo que você precisava fazer era me entregar os objetos que prometeu. É para isso que eu estou pagando você. Então encontre a garota inglesa, cuide do Noubel se tiver de cuidar, e o resto é problema seu. Eu não quero ouvir falar nisso.

Se eu fiz alguma coisa para dar a impressão de que...

Ela levou os dedos aos lábios dele e sentiu-o recuar com o contato físico.

— Eu não quero escutar.

Ela diminuiu a pressão e afastou-se dele, saindo novamente para a varanda. O cair da noite havia roubado a cor de todos os objetos, deixando os edifícios e pontes destacados contra o céu cada vez mais escuro.

Instantes depois, Authié foi até o lado dela.

— Eu não tenho dúvidas de que você está fazendo o melhor possível, Paul —

disse ela baixinho. Ele pousou as mãos ao lado das dela sobre a balaustrada e, por um instante, seus dedos se tocaram. — Existem outros membros da Noublesso Veritable em Carcassone, é claro, que poderiam fazer o trabalho tão bem quanto você. Mas, levando em conta a extensão do seu envolvimento até agora...

Ela deixou a frase incompleta. Pelo retesamento dos ombros e das costas dele, soube que o alerta havia surtido efeito. Levantou a mão para chamar a atenção do motorista que esperava lá embaixo.

— Eu gostaria de visitar pessoalmente o Pic de Soularac.

159

A senhora vai ficar em Carcassonne?

Ele escondeu o sorriso.

Vou, por alguns dias.

Eu estava pensando que a senhora não iria querer entrar na câmara até a noite da cerimônia...

Mudei de idéia — disse ela, virando-se de frente para ele. — Agora que estou aqui.

— Ela sorriu. — Tenho algumas coisas para fazer, então pode me pegar à uma hora, assim vou ter tempo de ler o seu relatório. Estou hospedada no Hôtel de la Cité.

Marie-Cécile tornou a entrar na sala, pegou o envelope e o pôs na bolsa.

— Bien. A demain, Paul. Durma bem.

Consciente dos olhos dele em suas costas enquanto descia a escada, Marie-Cécile não pôde deixar de admirar o autocontrole dele. Mas, quando estava entrando no carro, teve a satisfação de ouvir um copo se espatifar contra a parede no apartamento de Authié, dois andares acima.

O saguão do hotel estava dominado pela fumaça de charutos. Pessoas tomavam

drinques depois do jantar, vestindo ternos de verão ou vestidos de noite, aninhadas nas fundas poltronas de couro ou nas sombras discretas dos assentos de mogno de alto espaldar.

Marie-Cécile subiu lentamente a ampla escadaria. Fotografias em preto-e-branco a fitavam, lembranças do célebre passado do hotel na virada do século XIX para o XX.

Quando chegou ao quarto, ela tirou as roupas e vestiu o roupão. Como sempre, último ato do dia, olhou-se no espelho, imparcial, como se examinasse uma obra de arte.

Pele translúcida, maçãs do rosto altas, o típico perfil da família de l'Oradore.

Marie-Cécile alisou o rosto e o pescoço com os dedos. Não permitiria que sua beleza se atenuasse com o passar dos anos. Se tudo corresse bem, então ela conseguiria fazer aquilo que seu avô sonhara fazer. Vencer a velhice. Vencer a morte.

Ela franziu o cenho. Mas só se conseguissem encontrar o livro e o anel. Pegou o celular e discou. Mais decidida do que nunca, Marie-Cécile acendeu um cigarro e andou até a janela, olhando para os jardins lá fora enquanto esperava atenderem sua ligação.

Conversas noturnas sussurradas flutuavam até ela vindas da varanda. Abaixo das ameias das muralhas da Cité, do outro lado do rio, as luzes da Basse Ville cintilavam como enfeites de Natal baratos, brancas e amarelas.

— François-Baptiste? C'est moi. Alguém ligou nas últimas 24 horas para o meu telefone particular? — Ela escutou. — Não? Ela ligou para você? — Esperou. — Acabei de ficar sabendo de um problema por aqui. — Enquanto falava, ela tamborilava com os dedos sobre o próprio braço. — Alguma novidade sobre aquele outro assunto?

A resposta não foi o que ela queria ouvir.

— Nacional ou só local? — Uma pausa. — Me mantenha informada.

Ligue se surgir mais alguma coisa, fora isso devo voltar na quinta à noite.

Depois de desligar, Marie-Cécile permitiu que seus pensamentos se voltassem para o outro homem em sua casa. Will era um doce, gostava de agradar, mas o relacionamento havia se esgotado. Ele era exigente demais, e seus ciúmes de adolescente estavam começando a irritá-la. Ele estava sempre fazendo perguntas. Ela não precisava de complicações naquele momento.

Além disso, precisavam da casa só para eles.

Ela acendeu a luz de leitura e pegou o relatório que Authié lhe dera sobre os esqueletos, assim como um dossiê sobre o próprio Authié que trouxera na mala e que havia sido compilado quando ele se apresentara como candidato à eleição para a 160

Noublesso Véritable, dois anos antes.

Folheou o documento, embora o conhecesse bastante bem. Havia duas acusações de agressão sexual de sua época de estudante. As duas mulheres deviam ter sido pagas para fechar a boca, presumiu ela, já que nenhuma havia prestado queixa. Havia alegações de agressão a uma mulher argelina durante uma passeata pró islâmica, embora mais uma vez nenhuma queixa houvesse sido dada; sinais de envolvimento em uma publicação anti-semita na universidade, bem como alegações de maus tratos sexuais e físicos da ex-mulher, também sem conseqüências.

Mais significativas eram as doações regulares e cada vez mais substanciais à

Sociedade de Jesus, os jesuítas. Durante os dois últimos anos, seu envolvimento com os grupos fundamentalistas opostos ao Vaticano II e à modernização da Igreja Católica também havia aumentado.

Na concepção de Marie-Cécile, essas provas de compromisso religioso linha-dura não combinavam muito com o fato de ele fazer parte da Noublesso. Authié havia prometido prestar serviços à organização, e até então tinha se mostrado útil. Organizara a escavação no Pic de Soularac com eficiência, e tudo parecia bem encaminhado para concluir o assunto com a mesma rapidez. O alerta sobre a falha de segurança em Chartres fora dado através de um de seus contatos. Sua inteligência era sempre penetrante e confiável.

Mesmo assim, Marie-Cécile não confiava nele. Era ambicioso demais. Os fracassos das últimas 48 horas contrastavam com seus sucessos. Ela não

acreditava que ele seria tão estúpido a ponto de pegar ele próprio o anel ou o livro, mas Authié não parecia ser o tipo de homem que deixava as coisas sumirem debaixo de seu nariz.

Ela hesitou, então deu um segundo telefonema.

— Tenho um serviço para você. Estou interessada em um livro, com aproximadamente vinte centímetros de altura e dez de largura, capa de madeira forrada de couro, preso por tiras de couro. E também um anel masculino de pedra, com a face reta, uma linha fina pelo meio e uma gravação na parte interna. Pode ser que junto com ele esteja também um pequeno amuleto, mais ou menos do tamanho de uma moeda de um euro. — Ela fez uma pausa. — Carcassonne. Um apartamento no Quai de Paicherou e um escritório na rue de Verdun. Os dois imóveis estão em nome de Paul Authié.

CAPÍTULO 33

O hotel de Alice ficava imediatamente em frente aos portões principais para entrar na Cité medieval, rodeado por belos jardins, um pouco afastado da rua.

Ela foi conduzida até um quarto confortável no primeiro andar. Alice escancarou a janela para deixar o mundo entrar. Cheiros de carne sendo preparada, de alho e baunilha, de fumaça de charuto flutuaram quarto adentro.

Ela desfez as malas rapidamente, tomou uma ducha, depois tornou a ligar para Shelagh, mais por hábito do que de fato esperando alguma coisa. Mais uma vez, ninguém atendeu. Ela deu de ombros. Ninguém a podia acusar de não ter tentado.

Armada com o guia comprado em um posto de gasolina durante a viagem a Toulouse, Alice saiu do hotel e atravessou a rua em direção à Cité. Íngremes degraus de concreto conduziam a um pequeno parque margeado em dois lados por arbustos, sempre vivas e plátanos. Um carrossel do século XIX, intensamente iluminado, dominava o extremo mais afastado do jardim; suas ornamentações berrantes fin-de-siècle pareciam fora de lugar à sombra das fortificações medievais de arenito. Coberto por um toldo listrado de branco e marrom, com uma frisa decorada por cavaleiros, damas e cavalos 161

brancos ao redor da borda, tudo nele era cor-de-rosa e dourado — cavalos empinados, xícaras de chá que giravam, carruagens de contos de fada. Até a

bilheteria parecia um brinquedo de parque de diversões. Uma sineta tocou, crianças gritaram, e o carrossel começou a girar, liberando devagar sua antiga melodia mecânica.

Depois do carrossel, Alice podia ver as cabeças e ombros cinzentos de tumbas e lápides atrás dos muros do cemitério, com uma fileira de ciprestes e teixos a proteger os que descansavam dos olhares dos curiosos. À direita dos portões, um grupo de homens jogava pétanque.

Por um instante, ela ficou parada, bem de frente para a entrada da Cité, preparando-se para entrar. À sua direita havia um pilar de pedra onde empoleirava-se uma feia gárgula de rosto achatado, implacável e duro. Parecia ter sido recentemente restaurada.

SUM CARCAS. Sou Carcas.

Dama Carcas, rainha e esposa sarracena no rei Balaack, em homenagem a quem se dizia que Carcassonne havia sido batizada depois de resistir a um cerco de cinco anos comandado por Carlos Magno.

Alice atravessou a ponte levadiça coberta, atarracada, pouco espaçosa e feita de pedra, correntes de metal e madeira. As tábuas do chão rangiam e estalavam debaixo de seus pés. Não havia água no fosso lá embaixo, apenas grama salpicada de flores selvagens.

A ponte se abria para o Lices, uma área ampla, de chão de terra batida, que ficava entre os anéis externo e interno das fortificações. A esquerda e à direita, crianças subiam nos muros e travavam combates de mentira com espadas de plástico. Ao passar debaixo do arco alto e estreito, Alice ergueu os olhos. Uma benevolente estátua de pedra da Virgem Maria a olhava lá de cima.

No instante em que Alice atravessou os portões, toda noção de espaço desapareceu. A rue Cros-Mayrevieille, a via principal calçada de pedra, era muito estreita e íngreme. Os prédios eram tão próximos uns dos outros que uma pessoa podia se inclinar no último andar de uma casa e dar as mãos a alguém do outro lado da rua.

As construções altas confinavam os ruídos. Línguas diferentes, gritos, risos, gestos, enquanto os carros passavam e deixavam apenas o espaço de um palmo sobrando de cada um dos lados. Lojas pipocavam à sua frente, vendendo postais

e guias; um manequim preso a um tronco de madeira anunciava um museu de instrumentos de tortura da Inquisição; havia sabonetes, almofadas e roupa de mesa; por toda parte réplicas de espadas e escudos. Suportes de ferro fundido retorcido brotavam das paredes segurando placas de madeira: L'Éperon Medieval, A Espora Medieval, vendia réplicas de espadas e bonecas de porcelana; À Saint-Louis vendia sabonetes, suvenires e roupa de mesa.

Alice deixou que seus pés a guiassem até a praça principal, a Place Marcou. Era pequena e repleta de restaurantes e plátanos podados. Os galhos compridos das árvores, amplos como mãos unidas protegendo as mesas e cadeiras, competiam com os toldos de cores brilhantes. Estes traziam escritos em cima os nomes de cada café: Le Marcou, Le Trouvère, Le Menèstrel.

Alice passeou pela praça calçada de pedra e saiu do outro lado, indo dar novamente no cruzamento da rue Cros-Mayrevieille com a Place du Château, onde um triângulo de lojas, crêperies e restaurantes cercava um obelisco de pedra de cerca de dois metros e meio de altura, encimado por um busto do historiador oitocentista Jean Pierre Cros-Mayrevieille. Ao redor de sua base havia um friso de bronze reproduzindo as fortificações.

Ela seguiu em frente até se deparar com o alto muro semicircular que protegia o Château Comtal. Atrás dos imponentes portões trancados viam-se as torretas e ameias do castelo. Uma fortaleza dentro de outra fortaleza.



Alice parou, percebendo que aquele havia sido seu destino desde o começo. O

Château Comtal, lar da família Trencavel.

Espiou por entre os altos portões de madeira. Havia algo de conhecido naquilo, como se ela estivesse voltando para um lugar onde já houvesse estado, muito tempo antes, e esquecido. Duas bilheterias de vidro ladeavam a entrada, com as venezianas abaixadas, e placas impressas informavam os horários de funcionamento. Mais adiante havia um espaço cinzento de chão de cascalho e terra, e não de grama, que conduzia a uma ponte chata e estreita, com cerca de

dois metros de uma ponta à outra.

Alice afastou-se dos portões, prometendo a si mesma que voltaria bem cedo na manhã seguinte. Dobrou à direita e seguiu as indicações para a Porte de Rodez. Esta ficava entre duas torres singulares, em forma de ferradura. Ela subiu os degraus largos, gastos no meio por incontáveis pés.

A diferença de idade entre os muros internos e externos era mais evidente ali. As fortificações externas, que segundo ela havia lido tinham sido construídas no final do século XIII e restauradas durante o XIX, eram cinza, e os blocos de pedra tinham mais ou menos o mesmo tamanho. Detratores alegavam que aquilo era apenas mais uma indicação de como a restauração havia sido malfeita. Isso não tinha importância para Alice. O que a comovia era a atmosfera do lugar. A muralha interna, parte dela formada pelo muro ocidental do próprio Château Comtal, exibia uma mistura dos tijolos vermelhos dos galo romanos com o arenito em ruínas do século XII.

Depois da algazarra da Cité, Alice experimentou uma sensação de paz; teve a impressão de pertencer àquele lugar, entre aquelas montanhas e aquele céu. Com os braços apoiados nas ameias, ficou olhando para o rio lá embaixo, imaginando a sensação fria da água entre os dedos dos pés.

Foi somente quando os restos do dia cederam lugar ao crepúsculo que Alice se virou e tornou a descer em direção à Cité.

CAPITULO 34

Carcassona

JULHET 1209

Aproximando-se de Carcassonne, eles vinham em fila indiana, Raymond-Roger Trencavel à frente, seguido de perto por Bertrand Pelletier. O chevalier Guilhem du Mas fechava o cortejo.

Alaïs estava atrás com os religiosos.

Menos de uma semana havia se passado desde que ela saíra de casa, mas parecia muito mais. O moral estava baixo. Embora as insígnias da família Trencavel flutuassem intactas na brisa, e o mesmo número de homens que havia partido

estivesse retornando, a expressão no rosto do visconde contava a história do fracasso de sua petição.

Ao chegar perto dos portões, os cavalos diminuíram o passo. Alaïs inclinou-se para a frente e afagou o pescoço de Tatou. A égua estava cansada e havia perdido uma 163

ferradura, mas sua resistência fora irrepreensível.

A multidão já se aglomerava em várias camadas de pessoas quando eles passaram sob o brasão Trencavel, suspenso entre as duas torres da Porte Narbonnaise. Crianças corriam ao lado dos cavalos, jogando flores sob seus cascos e dando vivas. Nas janelas mais altas, mulheres sacudiam bandeiras improvisadas e lenços, enquanto Trencavel os conduzia rua acima em direção ao Château Comtal.

Alaïs não sentiu nada além de alívio quando atravessaram a ponte estreita e entraram pelos Portões Orientais. A Cour d'Honneur explodiu em sons, com todos acenando e gritando. Écuyers se adiantavam para pegar os cavalos dos patrões, criados para preparar a casa de banhos, ajudantes de cozinha corriam com baldes d'água para que um banquete pudesse ser preparado.

Em meio à floresta de braços que acenavam e rostos que sorriam, Alaïs viu Oriane de relance. O criado de seu pai, François, estava em pé logo atrás. Ela enrubesceu ao pensar em como o havia enganado e fugido bem debaixo de seu nariz.

Viu Oriane vasculhar a multidão com os olhos. Estes se fixaram por um breve instante em seu marido, Jehan Congost. Uma expressão de desprezo cruzou o rosto de Oriane antes de ela continuar movendo os olhos e, para desconforto de Alaïs, pousá-los nela. Alaïs fingiu não perceber, mas pôde sentir a irmã a encará-la através do mar de cabeças. Quando tornou a olhar, Oriane não estava mais lá.

Alaïs desmontou, tomando cuidado para não esbarrar com o ombro machucado, e entregou as rédeas de Tatou a Amiel para que ele conduzisse a égua de volta ao estábulo. Seu alívio por ter chegado em casa já havia passado. A melancolia se abatia sobre ela como uma névoa de inverno. Todos pareciam estar nos braços de alguém: esposa, mãe, tia, irmã. Ela procurou Guilhem, mas não o viu. Já está na casa de banhos.

Até mesmo seu pai havia desaparecido.

Alaïs andou até o pátio menor, querendo ficar sozinha. Não conseguia tirar da cabeça um verso de Raymond de Mirval, embora ele só fizesse piorar seu humor: "Res contr'Amor non es guirens, lai on sos poders s'atura." Não há remédio contra o amor, quando ele decide exercer o seu poder.

Quando Alaïs havia escutado o poema pela primeira vez, as emoções que ele exprimia lhe eram desconhecidas. Mesmo então, sentada na Cour d'Honneur, os braços finos a segurar seus joelhos de menina, escutando o trouvère cantar sobre um coração partido em dois, ela já entendia bastante bem os sentimentos por trás dos versos.

Lágrimas brotaram-lhe dos olhos. Irritada, ela as enxugou com as costas da mão.

Não sentiria pena de si mesma. Sentou-se em um banco reservado na sombra.

Ela e Guilhem haviam passeado muitas vezes pela Cour du Midi nos dias antes de seu casamento. Na época, as árvores estavam ficando douradas, e o chão coberto por um tapete de folhas outonais, cor de cobre queimado e ocre. Com a ponta da bota, Alaïs fez um desenho na terra, perguntando-se se ela e Guilhem fariam as pazes. A ela faltava habilidade para isso; a ele, inclinação.

Oriane muitas vezes passava dias sem falar com o marido. Então, tão depressa quanto o silêncio havia caído, ele se dissipava, e Oriane se mostrava mais uma vez doce e atenciosa com Jehan, até a vez seguinte. As poucas lembranças que Alaïs tinha do casamento dos pais também eram de períodos semelhantes de luz e escuridão.

Alaïs não esperava que esse fosse ser o seu destino. Havia se postado diante do padre na capela com seu véu vermelho e pronunciado os votos matrimoniais, com as chamas bruxuleantes das velas vermelhas da festa de São Miguel fazendo as sombras dançarem sobre o altar enfeitado de azarola de inverno florida. Havia acreditado, e no fundo do coração ainda acreditava, em um amor que durasse para sempre.

Sua amiga e mentora, Esclarmonde, era procurada pelos amantes por suas poções e encantamentos para conseguir ou recuperar o afeto de alguém. Folhas de hortelã e 164

pastinaca embebidas em vinho, miosótis para fazer um amante continuar a ser generoso, buquês de prímula amarela. Apesar de todo seu respeito pelos talentos de Esclarmonde, Alaïs sempre desprezara esse tipo de comportamento, considerando-o uma bobagem supersticiosa. Não queria acreditar que o amor pudesse ser enganado e comprado com tamanha facilidade.

Havia outros, ela sabia, que se envolviam em magias mais perigosas, amuletos negros para enfeitiçar ou prejudicar pretendentes infiéis. Esclarmonde a alertava sobre os perigos desses poderes obscuros, uma óbvia manifestação da mão do Diabo no mundo. Nenhum bem jamais poderia vir desses malefícios.

Naquele dia, pela primeira vez na vida, Alaïs teve um lampejo de compreensão do que podia levar as mulheres a medidas tão desesperadas.

— Filha.

Alaïs sobressaltou.

Onde você esteve? — perguntou Pelletier, ofegante. — Procurei você por toda parte.

Não escutei o senhor, paire — disse ela.

Os trabalhos para preparar a Ciutat vão começar assim que o visconde Trencavel se reunir novamente a sua mulher e seu filho. Haverá pouco tempo para respirar nos dias que estão por vir.

Quando você espera que Simeon chegue?

Daqui a um ou dois dias. — Ele franziu o cenho. — Gostaria de ter conseguido convencê-lo a viajar conosco. Mas ele acredita que chamará menos atenção com seu próprio povo. Pode ser até que esteja certo.

E quando ele chegar — insistiu ela —, você vai decidir o que fazer?

Tenho um palpite sobre...

Alaïs se interrompeu, percebendo que preferia testar a própria teoria antes de passar por boba na frente do pai. E dele.

Palpite? — disse ele.

Não é nada — disse ela depressa. — Eu ia só perguntar se poderia estar presente quando você e Simeon se encontrarem para conversar.

A consternação atravessou o rosto enrugado dele. Ela pôde ver que ele se esforçava para decidir.

— Diante dos serviços que você prestou até aqui — disse ele por fim —, pode ouvir o que temos a dizer. Porém — ele ergueu um dedo, avisando —, sob a clara condição de que será apenas uma observadora. Qualquer participação ativa sua neste assunto terminou. Não quero que você corra mais riscos.

Uma bolha de entusiasmo cresceu dentro dela. Vou convencê-lo do contrário quando chegar a hora.

Ela baixou os olhos e uniu as mãos no colo, dócil.

— É claro, paire. Obedecerei aos seus desejos.

Pelletier lançou-lhe um olhar, mas não insistiu no assunto.

— Há um outro favor que preciso lhe pedir, Alaïs. O visconde Trencavel fará uma celebração pública de seu retorno seguro a Carcassona, enquanto a notícia de nosso fracasso no acordo com o conde de Toulouse ainda não estiver muito difundida. Dama Agnès vai celebrar vésperas esta noite na igreja catedral de Sant-Nasari, e não na capela. — Ele fez uma pausa. — Eu gostaria que você estivesse presente. Sua irmã

também.

Alaïs ficou pasma. Embora ela comparecesse à missa na capela do Château Comtal de vez em quando, seu pai nunca havia questionado sua decisão de se abster de freqüentar a catedral.

Eu sei que você deve estar cansada, mas o visconde Trencavel acredita que é

importante que nenhuma crítica justificada possa ser feita a seu comportamento

agora, nem ao das pessoas próximas a ele. Se houver espiões dentro da Ciutat, e não tenho dúvidas de que haja, não queremos que nossas falhas espirituais, que é como comportamentos assim poderiam ser interpretados, alcancem os ouvidos de nossos inimigos.

Não é uma questão de cansaço — disse ela, furiosa. — O bispo de Rochefort e seus padres são uns hipócritas. Eles pregam uma coisa e fazem outra. — Pelletier ficou muito vermelho, embora ela não tivesse certeza se era de raiva ou de vergonha. — Segundo esse raciocínio, o senhor também vai estar presente? — perguntou ela.

Pelletier não a olhou nos olhos.

— Você há de entender que vou estar ocupado com o visconde Trencavel.

Alaïs olhou para ele com raiva.

— Muito bem — disse por fim. — Vou obedecer ao senhor, paire. Mas não espere que eu me ajoelhe diante da figura de um homem morto em uma cruz de madeira e reze.

Por um instante, ela pensou que havia sido direta demais. Então, para seu espanto, seu pai começou a rir.

— Está bem — disse ele. — Eu não esperaria nada diferente de você. Só tome cuidado, Alaïs. Não expresse essas opiniões de forma descuidada. Pode ter alguém ouvindo.

Alaïs passou as horas seguintes em seu quarto. Fez um emplastro de manjerona selvagem fresca para seu pescoço e ombro doloridos. Ao mesmo tempo, ficou escutando a conversa agradável de sua criada.

Segundo Rixende, as opiniões sobre a fuga de Alaïs do castelo de madrugada eram controversas. Alguns demonstravam admiração pela firmeza e coragem de Alaïs. Outros, incluindo Oriane, a criticavam. Ele fizera seu marido de bobo agindo de forma tão impensada. Pior: havia posto em risco o sucesso da missão. Alaïs esperava que essa não fosse a opinião de Guilhem, embora temesse que sim. As opiniões dele costumavam ser bem convencionais. Mais do que isso, o orgulho dele se feria com facilidade, e Alaïs sabia por experiência própria que seu desejo de ser admirado, celebrado dentro da casa algumas vezes o levava a

dizer coisas contrárias à sua própria natureza. Se ele se sentisse humilhado, não havia como prever de que maneira iria reagir.

— Mas eles não podem continuar dizendo isso agora, dama Alaïs — disse Rixende, enquanto limpava os restos do emplastro. — Todos voltaram sãos e salvos. Se isso não prova que Deus está do nosso lado, o que prova então?

Alaïs deu um sorriso forçado. Suspeitava que Rixende fosse mudar de idéia quando se espalhasse pela Cité a notícia da verdadeira situação em que se encontravam.

Os sinos ribombavam e o céu estava pintado de cor-de-rosa e branco quando eles caminharam do Château Comtal até Sant-Nasari. A frente da procissão ia um padre, vestido de branco e segurando no ar uma cruz dourada. Os outros padres, freiras e monges seguiam atrás.

Depois deles vinha dama Agnès e as mulheres dos cônsules, com suas damas de companhia fechando o cortejo. Alaïs foi obrigada a caminhar ao lado da irmã.

Oriane não lhe dirigiu uma só palavra, fosse ela agradável ou não. Como sempre, a irmã atraía os olhares e a admiração da multidão. Usava um vestido vermelho-escuro com uma delicada faixa dourada e preta bem apertada para acentuar a cintura alta e os 166

quadris redondos. Seus cabelos pretos estavam lavados e besuntados de óleo, e suas mãos estavam unidas na frente do corpo em um gesto de devoção, exibindo perfeitamente a bolsinha de esmolas pendurada em seu pulso.

Alaïs supunha que a bolsinha fosse presente de um admirador, um admirador rico decerto, a julgar pelas pérolas em volta da abertura e pelo desenho bordado a fio de ouro.

Por baixo da cerimônia e da ostentação, Alaïs sentia uma corrente subjacente de apreensão e desconfiança.

Não reparou em François até ele bater de leve em seu braço.

— Esclarmonde voltou — sussurrou ele em seu ouvido. — Acabo de vir de lá.

Alaïs se virou de frente para ele.

Você falou com ela?

Ele hesitou.

Na verdade não, dama.

Imediatamente ela saiu da formação.

Vou até lá.

Se me permite sugerir, dama, por que a senhora não espera até o fim da missa? —aconselhou ele, virando os olhos para a porta. Alaïs acompanhou seu olhar. Três monges de capuz preto montavam a guarda, obviamente registrando quem estava presente e quem não estava. — Seria ruim se sua ausência refletisse de forma prejudicial em dama Agnès ou em seu pai. Isso poderia ser interpretado como um sinal de sua simpatia para com a nova igreja.

Sim, é claro. — Ela pensou por alguns instantes. — Mas, por favor, diga a Esclarmonde que irei vê-la assim que puder.

Alaïs mergulhou os dedos no bénitier e benzeu-se com água benta, para o caso de alguém estar olhando.

Encontrou um lugar no abarrotado transepto norte, o mais longe possível que conseguiu chegar de Oriane sem chamar a atenção. Velas tremeluziam bem alto de candelabros suspensos no teto da nave. Lá de baixo, pareciam grandes rodas de aço que a qualquer momento poderiam desabar sobre os pecadores.

Embora surpreso ao ver sua igreja lotada depois de passar tanto tempo vazia, o bispo tinha a voz tênue e imaterial, mal se fazendo escutar acima da multidão de pessoas que respirava e se remexia, incomodada pelo calor. Como aquilo era diferente da simplicidade da igreja de Esclarmonde.

A igreja de seu pai também.

Os bons homes valorizavam mais a fé interior do que a ostentação externa. Não precisavam de edifícios consagrados, de nenhum ritual supersticioso, de nenhuma obediência humilhante destinada a manter os homens comuns separados de Deus. Não veneravam imagens nem se prostravam diante de ídolos ou instrumentos de tortura.

Para os bons chrétiens, o poder de Deus estava na palavra. Eles só precisavam de livros e orações, palavras ditas e lidas em voz alta. A salvação não tinha nada a ver com esmolas, relíquias ou preces do sabá ditas em uma língua que só os padres entendiam.

Aos olhos deles, todos eram iguais na Graça do Santo Pai — judeus e sarracenos, homens e mulheres, os animais dos campos e os pássaros do ar. Não haveria inferno, nem dia do juízo final, porque pela graça de Deus todos seriam salvos, embora muitos estivessem destinados a viver a vida repetidas vezes antes de conquistarem o reino de Deus.

Embora Alaïs nunca tivesse chegado a participar de um culto, graças a Esclarmonde 167

as palavras de suas preces e rituais lhe eram familiares. O importante era que, naqueles tempos cada vez mais sombrios, os bons chrétiens eram homens bondosos, tolerantes, homens de paz que celebravam um Deus de Luz, em vez de se encolher diante da ira do Deus cruel dos católicos.

Finalmente, Alaïs ouviu as palavras do Benedictus. Era sua oportunidade de escapar. Ela abaixou a cabeça. Devagar, com as mãos unidas, tomando cuidado para não chamar a atenção, Alaïs foi se aproximando da porta.

Alguns instantes depois, estava livre.

CAPÍTULO 35

A casa de Esclarmonde ficava à sombra da Tour du Balthazar.

Alaïs hesitou por um instante antes de bater com os dedos na persiana, observando a amiga andar de um lado para o outro pelas frestas da ampla janela com vista para a rua. Esclarmonde usava um vestido verde simples e seus cabelos, riscados de cinza, estavam presos para trás.

Eu sei que estou certa.

Alaïs sentiu uma onda de afeto. Tinha certeza de que suas suspeitas se mostrariam verdadeiras. Esclarmonde ergueu os olhos. Imediatamente levantou o braço e acenou, o rosto iluminado por um sorriso.

— Alaïs. Seja muito bem-vinda. Sentimos sua falta, Sajhë e eu.

O cheiro conhecido de ervas e especiarias atingiu Alaïs no mesmo instante em que ela cruzou o patamar e entrou no cômodo único do andar térreo. Uma panela de água fervia sobre o pequeno fogo aceso no centro do aposento. Encostados à parede havia uma mesa, um banco e duas cadeiras.

Uma pesada cortina separava a frente dos fundos do aposento. Era ali que Esclarmonde conduzia suas consultas. Já que não tinha visitantes naquela hora, a cortina estava afastada, e fileiras de recipientes de terracota alinhavam-se sobre prateleiras compridas. Do telhado pendiam punhados de ervas e ramos de flores secas. Sobre a mesa havia uma lamparina, um almofariz e um pilão, irmão gêmeo do que Alaïs tinha em casa. Fora um presente de casamento de Esclarmonde.

Uma escada conduzia a uma pequena plataforma acima da área das consultas, onde Esclarmonde e Sajhë dormiam. Ele estava lá em cima e deu um grito ao ver quem era, precipitando se escada abaixo e atirando se à cintura de Alaïs com os braços abertos. Imediatamente iniciou uma descrição de todas as coisas que tinha feito, visto e ouvido desde que a vira pela última vez.

Sajhë era um ótimo contador de histórias, suas descrições eram elaboradas e coloridas, e seus olhos cor de âmbar faiscavam de animação enquanto ele falava.

— Preciso que você entregue um ou dois recados para mim, manhac — disse Esclarmonde, depois de deixá-lo falar por algum tempo. — Dama Alaïs vai lhe dar licença. — Sajhë fez menção de se opor, mas foi detido pela expressão no rosto da avó.

— Não vai demorar muito.

Alaïs afagou-lhe os cabelos.

— Você tem um olho observador, Sajhë, e um dom com as palavras.

Será que vai ser poeta quando crescer?

Ele negou com a cabeça.

— Eu quero ser chevalier, dama. Eu quero lutar.

— Sajhë — disse Esclarmonde, severa. — Escute o que vou dizer agora.

Ela disse os nomes das pessoas que ele deveria visitar e depois lhe passou o recado que dois parfaits de Albi estariam no bosque a leste do subúrbio de Sant-Miquel dali a três noites.

Tem certeza do recado? — Ele assentiu. — Muito bem — disse ela, sorrindo e beijando-lhe o alto da cabeça, e em seguida levando o dedo aos lábios. — Lembre-se. Só

para aqueles que eu mencionei. Agora, vá. Quanto mais cedo você for, mais cedo vai estar de volta e pode recitar mais histórias para dama Alaïs.

Você não tem medo de que alguém o escute? — perguntou Alaïs quando Esclarmonde estava fechando a porta.

Sajhë é um menino inteligente. Ele sabe que só deve falar com as pessoas para quem o recado deve ser dado. — Ela se inclinou pela janela e fechou as persianas. —

Alguém sabe que você está aqui?

Só François. Foi ele quem me disse que você tinha voltado.

Uma expressão estranha surgiu nos olhos de Esclarmonde, mas ela nada disse a respeito.

— Melhor que continue assim, e sentou-se diante da mesa e acenou para que Alaïs se juntasse a ela.

Então, Alaïs. Sua viagem a Besièrs foi bem sucedida?

Alaïs ficou vermelha.

Você ficou sabendo.

Carcassona inteira sabe. Praticamente só se fala nisso. — Sua expressão ficou séria. — Fiquei preocupada quando ouvi falar nisso, tão pouco tempo depois do

ataque que você sofreu.

Você sabe disso também? Como não me mandou nenhum recado, achei que talvez você estivesse viajando.

Longe disso. Eu fui ao Château no dia em que você foi encontrada, mas esse mesmo François não quis me dar permissão para entrar. Por ordens da sua irmã, ninguém podia entrar sem a permissão dela.

Ele não me disse isso — falou Alaïs, intrigada pelo esquecimento do rapaz. — Nem Oriane, embora isso me espante menos.

Como assim?

Ela ficou me vigiando o tempo todo, e não estava motivada por simples afeto, ou pelo menos assim me pareceu. — Alaïs fez uma pausa. — Perdoe-me por não contar a você sobre meus planos, Esclarmonde, mas o tempo entre a decisão e a execução do plano foi curto demais.

Esclarmonde indicou, com um gesto, que aquilo não tinha importância.

Deixe-me contar a você o que aconteceu aqui enquanto você estava viajando.

Alguns dias depois que você deixou o Château, apareceu um homem perguntando por Raoul.

Raoul?

O menino que encontrou você no pomar. — Esclarmonde deu um sorriso de ironia.

— Ele ganhou alguma fama desde que encontrou você, e exagerou sua participação a tal ponto que, ouvindo ele falar, parece até que enfrentou sozinho os exércitos de Saladino para salvar a sua vida.

Não tenho nenhuma lembrança dele — disse Alaïs, sacudindo a cabeça. — Você

acha que ele viu alguma coisa?

Esclarmonde deu de ombros.

Duvido. Você estava desaparecida havia mais de um dia quando foi dado o alarme.

Não consigo acreditar que Raoul tenha testemunhado o ataque em si, senão ele teria falado antes. De qualquer forma, o desconhecido abordou Raoul e levou-o até a taberna Sant-Joan dels Evangèlis. Deu-lhe um monte de cerveja para beber, elogiou-o. Apesar de toda sua conversa e fanfarronice, Raoul é só um menino, e um menino bem burrinho ainda por cima, e o resultado foi que, quando Gaston começou a fechar a taberna para a noite, Raoul não conseguia dar nem dois passos. Seu companheiro ofereceu-se para acompanhá-lo em segurança até sua casa.

E?

Raoul nunca chegou em casa. Nem foi visto desde então.

E o homem?

Desapareceu, como se nunca tivesse existido. Na taberna, ele disse que vinha de Alzonne. Enquanto você estava em Besièrs, eu fui até a cidade.

Ninguém lá nunca tinha ouvido falar nele.

— Então não vamos conseguir saber nada por esse caminho.

Esclarmonde sacudiu a cabeça.

— O que você estava fazendo no pátio naquela hora da noite? — perguntou. Sua voz estava calma e firme, mas não havia como ignorar a seriedade por trás de suas palavras.

Alaïs lhe contou. Quando terminou, Esclarmonde permaneceu calada por alguns instantes.

Há duas perguntas — disse ela por fim. —A primeira é quem sabia que você havia sido chamada para falar com seu pai, pois não acredito que quem a atacou estivesse ali por acaso. A segunda pergunta é: presumindo que não fossem eles os mandantes, a mando de quem estavam agindo?

Eu não contei para ninguém. Meu pai me pediu para não contar.

François levou o recado.

Levou — admitiu Alaïs —, mas não consigo acreditar que François possa...

Qualquer criado pode tê-lo visto ir até o seu quarto e ouvido o que ele disse. — Ela encarou Alaïs com seu olhar direto e inteligente. — Por que você seguiu seu pai até

Besièrs?

A mudança de assunto foi tão súbita, tão inesperada, que pegou Alaïs de surpresa.

— Eu estava... — começou ela, séria, mas cuidadosa. Fora visitar Esclarmonde para encontrar respostas para suas perguntas. Em vez disso, via-se no papel de testemunha. — Ele me deu um amuleto — disse ela, sem tirar os olhos do rosto de Esclarmonde —, um amuleto com a imagem de um labirinto gravada. Foi isso que os bandidos levaram. Por causa do que meu pai tinha me contado, tive medo de que cada dia que se passasse sem que ele soubesse o que havia acontecido poderia prejudicar o... — Ela se interrompeu, sem ter certeza de como continuar.

Em vez de parecer alarmada, Esclarmonde sorria.

Você contou a ele sobre a tábua também, Alaïs? — perguntou ela baixinho.

Contei, sim, na véspera da partida dele, antes... antes do ataque. Ele ficou muito perturbado, sobretudo quando eu confessei que não sabia de onde aquilo tinha saído. —

Ela fez uma pausa. — Mas como você sabe que eu...

Sajhë viu a tábua quando a ajudou a comprar o queijo no mercado e me contou.

Como você mesma comentou, ele é observador.

Que coisa estranha para um menino de 11 anos prestar atenção.

Ele reconheceu a importância do objeto para mim — respondeu Esclarmonde.

— Como o merel.

Elas se encararam.

Esclarmonde hesitou.

Não — disse ela, escolhendo as palavras com cuidado. — Não, não exatamente.

A tábua está com você? — perguntou Alaïs devagar.

Esclarmonde assentiu.

Mas por que você simplesmente não pediu? Eu a teria devolvido de bom grado.

Sajhë foi até lá na noite do seu desaparecimento justamente para pedir isso. Ele esperou, esperou, e finalmente, quando você não voltou para o quarto, entrou e pegou a tábua. Dadas as circunstâncias, foi bom ele ter feito isso.

— E você ainda está com ela?

Esclarmonde assentiu.

Alaïs sentiu uma onda de triunfo, orgulhosa por ter estado certa a respeito da amiga, a última guardiã.

Eu vi o desenho. Ele me pareceu familiar.

— Responda-me o seguinte, Esclarmonde — falou ela, a animação apressando-lhe as palavras. — Se a tábua é sua, por que meu pai não sabia?

Esclarmonde sorriu.

— Pelo mesmo motivo que ele não sabe por que estou com ela. Porque Harif quis assim. Para o bem da Trilogia.

Alaïs não soube o que dizer.

— Bom. Então, agora que estamos nos entendendo, você tem de me contar tudo que sabe.

Esclarmonde escutou com atenção até Alaïs chegar ao final de sua história.

E Simeon está a caminho de Carcassona?

Está, apesar de ter entregue o livro a meu pai para que cuidasse dele.

Sábia precaução. — Ela aquiesceu. — Terei prazer em conhecê-lo adequadamente.

Ele sempre pareceu um bom homem.

Eu gostei muito dele — admitiu Alaïs. — Em Besièrs, meu pai ficou desapontado ao descobrir que Simeon só estava com um dos livros. Ele esperava que fossem dois.

Esclarmonde estava prestes a responder quando de repente as persianas e a porta foram esmurradas.

Ambas as mulheres se puseram de pé em um pulo.

Atencion! Atencion!

O que foi? O que está acontecendo? — gritou Alaïs.

Soldados! Enquanto seu pai esteve fora, eles fizeram várias buscas.

Mas o que eles estão procurando?

Criminosos, dizem, mas na verdade bons homes.

— Mas em nome de que autoridade estão agindo? Dos cônsules?

Esclarmonde sacudiu a cabeça.

— Bérenger de Rochefort, nosso nobre bispo, o monge espanhol Domingo de Guzman e seus frades pregadores, legados do papa... quem pode saber? Eles não se anunciam.

É contra as nossas leis fazer...

Esclarmonde levou um dedo aos lábios.

Sssh. Talvez eles passem direto.

Nesse instante, um violento chute fez farpas de madeira choverem para dentro do aposento. A tranca cedeu e a porta foi lançada contra a parede de pedra com uma pancada seca. Dois homens armados, as feições escondidas pelos capacetes que lhes cobriam até a parte baixa do rosto, irromperam sala adentro.

— Sou Alaïs du Mas, filha do intendente Pelletier. Exijo saber sob que autoridade estão agindo.

Eles não baixaram as armas nem levantaram os visores.

— Insisto para que...

Um lampejo vermelho surgiu no vão da porta e, para horror de Alaïs, Oriane apareceu.

Irmã! O que a traz aqui dessa forma?

Vim a pedido de nosso pai para escoltá-la de volta ao Château Comtal.

Sua partida um tanto apressada da celebração de vésperas já chegou aos ouvidos dele. Com medo de que você tivesse sido vítima de alguma catástrofe, ele me pediu para vir buscá-la.

Você está mentindo.

— Ele nunca pensaria algo assim a não ser que você tenha posto essa idéia na cabeça dele — disse ela imediatamente. Alaïs olhou para os soldados.

— E foi idéia dele trazer uma escolta armada?

— Todos nós só queremos o seu bem — disse Oriane, sorrindo de leve.

— Admito que talvez eles tenham exagerado.

— Não há por que se preocupar. Eu vou voltar para o Château Comtal quando chegar a hora.

De repente Alaïs percebeu que Oriane não estava prestando atenção. Seus olhos vasculhavam o aposento. Alaïs teve uma sensação de frio na barriga. Será que Oriane havia escutado sua conversa?

Imediatamente, mudou de estratégia.

Pensando bem, talvez eu vá com você agora. O que eu tinha para resolver aqui está resolvido.

Resolvido, irmã?

Oriane começou a examinar o aposento, correndo as mãos pelos espaldares das cadeiras e pela superfície da mesa. Abriu a tampa do baú no canto, depois deixou-a cair com um estalo. Alaïs a observava, aflita.

Ela parou no limiar da sala de consulta de Esclarmonde.

O que é que você faz aqui, sorcière? — perguntou com desprezo, reconhecendo
172

pela primeira vez a presença de Esclarmonde. — Poções, feitiços para pessoas de miolo mole? — Pôs a cabeça lá para dentro, com uma expressão de nojo no rosto, e em seguida recuou. — Muitas pessoas dizem que você é uma bruxa, Esclarmonde de Servian, uma faitilhièr, como diz o povo.

Como você se atreve a falar assim com ela? — exclamou Alaïs.

Pode olhar, dama Oriane, se quiser — disse Esclarmonde sem se alterar.

Oriane agarrou subitamente o braço de Alaïs.

— Você, feche a boca — disse ela, enterrando as unhas em sua pele. —

Você disse que estava pronta para voltar para o Château, então vamos.

Antes de se dar conta do que estava acontecendo, Alaïs se viu novamente na rua.

Os soldados estavam tão próximos atrás dela que podia sentir seu hálito na nuca. Teve uma lembrança difusa do cheiro de cerveja, de mãos calejadas sobre sua boca.

— Depressa — disse Oriane, cutucando lhe as costas.

Pelo bem de Esclarmonde, Alaïs sentiu que não tinha escolha senão cumprir os desejos de Oriane. Na esquina da rua, conseguiu lançar um último olhar por sobre o ombro. Esclarmonde estava em pé junto à porta, observando. Levou o dedo à boca rapidamente. Um aviso claro para que ela não dissesse nada.

CAPÍTULO 36

No donjon, Pelletier esfregou os olhos e esticou os braços para aliviar os ossos endurecidos.

Havia muitas horas que mensageiros eram despachados do Château Comtal, levando cartas para todos os sessenta vassalos de Trencavel que ainda não estavam a caminho de Carcassona. Os mais fortes de seus vassalos eram independentes sob todos os aspectos que não o mais formal, o que tornava Pelletier consciente da necessidade de Raymond-Roger convencer e pedir, em vez de ordenar. Cada uma das cartas deixava bem clara a ameaça iminente. Os franceses estavam se reunindo em suas fronteiras, preparando-se para uma invasão como o Midi jamais vira. A guarnição de Carcassona precisava de reforços. Eles deviam cumprir seu dever de aliança e ir para lá com a maior quantidade de homens capazes que pudessem reunir.

— A la perfin — disse Trencavel, amolecendo a cera acima da chama antes de marcá-la com seu selo. Por fim.

Pelletier voltou para junto do visconde, assentindo com a cabeça para Jehan Congost. Geralmente dedicava pouca atenção ao marido de Oriane, mas naquela ocasião tinha de admitir que Congost e sua equipe de escribas haviam trabalhado com afinco e eficiência. Assim, enquanto o criado levava embora a última missiva para o último mensageiro à espera, Pelletier deu aos escrivans permissão para irem embora também.

Com Congost à frente, eles se levantaram um por um, estalando as juntas dos dedos endurecidos, esfregando olhos cansados, juntando seus rolos de pergaminho, penas e tintas. Pelletier esperou até ficar sozinho com o visconde Trencavel.

— O senhor deveria descansar, messire — falou. — Precisa guardar forças.

Trencavel riu.

— Força e vertu — disse, ecoando as palavras que dissera em Béziers.

Força e coragem. — Não se preocupe, Bertrand, eu estou bem. Nunca me senti melhor. — O visconde pôs a mão no ombro de Pelletier. — Você sim, meu velho amigo, 173

parece estar precisando descansar.

Confesso que a idéia me atrai, messire — admitiu ele. Depois de se manas de noites mal dormidas, sentia cada um de seus 52 anos.

Hoje à noite vamos dormir na nossa própria cama, Bertrand, embora eu tema que essa hora ainda esteja um pouco distante, pelo menos para nós. — Seu rosto atraente ficou solene. — E crucial que eu me reúna com os cônsules o quanto antes, tantos quanto puderem ser convocados com tão pouca antecedência.

Pelletier assentiu.

O senhor tem algum pedido especial?

Mesmo que todos os nossos vassalos atendam ao meu chamado, e cheguem trazendo consigo um bom contingente de soldados, precisamos de mais homens. — Ele abriu as mãos.

O senhor quer que os cônsules recolham uma doação de guerra?

Precisamos de dinheiro suficiente para comprar os serviços de mercenários disciplinados, aguerridos à batalha, aragonenses ou catalães; quanto mais perto estiverem, melhor.

O senhor já cogitou aumentar os impostos? Sobre o sal, talvez? Ou sobre o trigo?

É cedo demais para isso. Por ora, eu preferiria angariar o dinheiro de que precisamos por meio de doações, não por obrigação. — Ele fez uma pausa. — Se isso não der resultado, pensarei então em medidas mais rigorosas.

Como estão progredindo as fortificações?

Todos os pedreiros e marceneiros da Ciutat, de Sant-Vicens e de Sant-Miquel foram convocados, bem como dos vilarejos ao norte. O trabalho de desmonte dos bancos do coral da catedral e do refeitório dos padres já começou.

Trencavel deu um sorriso sarcástico.

Bérenger de Rochefort não vai gostar disso!

O bispo vai ter de aceitar — rosnou Pelletier. — Precisamos de toda a madeira que conseguirmos encontrar, o mais rápido possível, para começar a construir os ambans e cadefalcs. O palácio dele e os claustros são a fonte mais próxima de madeira disponível.

Raymond-Roger ergueu as mãos, no gesto de quem se rende.

Não estou questionando sua decisão — disse ele, rindo. — Os depósitos de provisões e fortificações são mais importantes do que o conforto do bispo! Diga-me, Bertrand, Pierre-Roger de Cabaret já chegou?

Ainda não, messire, embora esteja para chegar a qualquer momento.

Mande-o vir me ver assim que ele chegar, Bertrand. Se possível, eu gostaria de não falar com os cônsules antes de ele estar presente. Eles o têm em alta conta. Alguma notícia de Termènes ou de Foix?

Ainda não, messire.

Pouco tempo depois, Pelletier estava observando a Cour d'Honneur, as mãos nos quadris, contente com o rápido progresso dos trabalhos. Ruídos de serras e martelos, o barulho de carroças entregando madeira, pregos e alcatrão, o rugido das fornalhas da ferraria dominavam o pátio.

Com o canto do olho, ele percebeu Alaïs correndo pelo pátio em sua direção.

Franziu o cenho.

— Por que o senhor mandou Oriane me buscar? — perguntou ela ao chegar junto dele.

Ele pareceu perplexo.

Oriane? Buscar você de onde?

Eu estava visitando uma amiga, Esclarmonde de Servian, no bairro sul da Ciutat, quando Oriane chegou, acompanhada de dois soldados, alegando que o senhor a tinha mandado me trazer de volta para o Château. — Esquadrinhou o rosto do pai à espera de uma reação, mas só viu espanto. — Ela está dizendo a verdade?

Eu não vi Oriane.

Falou com ela como prometeu, sobre o comportamento dela durante sua ausência?

Ainda não tive oportunidade.

Imploro ao senhor, não a subestime. Estou convencida de que ela sabe de alguma coisa, alguma coisa que poderia prejudicá-lo.

O rosto de Pelletier se inflamou.

— Não admito que você acuse sua irmã. Isso já foi... A tábua do labirinto pertence a Esclarmonde — despejou ela.

Ele parou como se ela o houvesse golpeado.

O quê? Como assim?

Simeon deu a tábua à mulher que foi buscar o segundo livro, está lembrado?

Não pode ser — disse ele, com tanta violência que Alaïs recuou um passo.

Esclarmonde é a outra guardiã — insistiu Alaïs, falando mais depressa antes que ele a interrompesse. — A irmã em Carcassona sobre quem Harif escreveu. Ela também sabia sobre o merel.

E Esclarmonde disse a você que é uma guardiã? — perguntou ele. — Porque se tiver dito, então...

Eu não perguntei a ela diretamente — respondeu Alaïs com firmeza, acrescentando em seguida: — Faz sentido, paire. Ela tem exatamente o

temperamento de alguém que Harif escolheria.

Ela fez uma pausa.

O que o senhor sabe sobre Esclarmonde?

Conheço a reputação dela de mulher sábia. E tenho motivos para lhe ser grato pelo amor e atenção que ela tem demonstrado a você. Ela tem um neto, você diz?

Bisneto, sim. Sajhë. Ele tem 11 anos. Esclarmonde vem de Servian, messire. Ela chegou em Carcassonne quando Sajhë era bebê. Tudo se encaixa com o que Simeon disse.

Intendente Pelletier.

Ambos se viraram e viram um criado correndo em sua direção.

Messire, meu senhor Trencavel pede sua presença imediata em seus aposentos.

Pierre-Roger, senhor de Cabaret, acaba de chegar. Onde está François?

Não sei, messire.

Pelletier olhou para ele com raiva e frustração.

— Diga a meu senhor que estou indo agora mesmo — falou, brusco. — Depois encontre François e mande-o vir falar comigo. Esse rapaz nunca está onde tem de estar.

Alaïs pousou a mão no braço dele.

— Pelo menos fale com Esclarmonde. Ouça o que ela tem a dizer. Eu levo o recado até ela.

Ele hesitou, e então cedeu.

— Quando Simeon chegar, então ouvirei o que a sua mulher sábia tem a dizer.

Pelletier começou a subir as escadas. No alto, parou.

Uma coisa, Alaïs. Como Oriane sabia onde encontrá-la?

Ela deve ter me seguido de Sant-Nasari, embora... — parou, dando-se conta de que Oriane não teria tido tempo de conseguir a ajuda dos soldados e voltar tão depressa. —

Não sei — admitiu. — Mas tenho certeza de que...

Mas Pelletier já tinha ido embora. Enquanto atravessava o pátio, Alaïs ficou aliviada ao ver que Oriane não estava mais por perto. Então estacou. E se ela tiver voltado? Alaïs suspendeu as saias e saiu correndo.

Assim que dobrou a esquina da rua de Esclarmonde, Alaïs viu que seus medos tinham fundamento. As persianas pendiam por um fio, e a porta havia sido completamente arrancada do batente.

— Esclarmonde! — gritou. — Você está aí?

Alaïs entrou. Os móveis estavam revirados, os braços da cadeira partidos como ossos quebrados. O conteúdo da arca estava espalhado a esmo pelo chão, e o que restava do fogo havia sido dispersado, deixando manchas de borralha macia e cinzenta pelo chão.

Ela subiu alguns degraus da escada. Palha, roupas de cama e penas cobriam os estrados de madeira da área de dormir, tudo rasgado. Era fácil ver as marcas das lanças e espadas onde elas haviam penetrado o tecido.

A bagunça na sala de consulta de Esclarmonde era ainda pior. A cortina havia sido arrancada do teto. Jarros de cerâmica espatifados e vasilhas quebradas jaziam espalhados em meio a poças de líquidos derramados e compressas, marrons, brancos e vermelho-escuro. Punhados de ervas, flores e folhas estavam pisoteados pelo chão.

Será que Esclarmonde estava em casa quando os soldados haviam voltado? Alaïs correu de volta para a rua, na esperança de encontrar alguém que pudesse lhe dizer o que havia acontecido. As portas estavam todas fechadas e as janelas trancadas.

— Dama Alaïs.

No início ela pensou que havia imaginado as palavras.

— Dama Alaïs.

— Sajhë? — sussurrou ela. — Sajhë? Onde você está?

— Aqui em cima.

Alaïs afastou-se da sombra do edifício e olhou para cima. No crepúsculo que escurecia, mal conseguiu distinguir uma massa disforme de cabelos castanho-claros e dois olhos cor de âmbar olhando para ela por entre os beirais inclinados das casas.

Sajhë, você vai cair!

Não vou, não — disse ele, sorrindo. — Já fiz isso muitas vezes. Também consigo entrar e sair do Château Comtal pelos telhados!

Bom, você está me deixando tonta. Desça daí.

Alaïs prendeu a respiração enquanto Sajhë se projetava para fora do beirai e aterrissava no chão à sua frente.

O que aconteceu? Onde está Esclarmonde?

Menina está bem. Ela me disse para esperar até você chegar. Sabia que viria.

Olhando por cima do ombro, Alaïs o puxou para o abrigo de um vão de porta.

— O que aconteceu? — repetiu ela, com urgência. Sajhë baixou os olhos para os próprios pés, desconsolado.

— Os soldados voltaram. Ouvi a maior parte da confusão pela janela.

Menina teve medo de que voltassem depois que sua irmã a tivesse levado de volta para o Château, então, assim que vocês foram embora, juntamos todas as coisas importantes e nos escondemos no porão. — Ele tomou fôlego. — Eles

foram muito rápidos. Pudemos ouvir quando passaram de porta em porta pergutando por nós, interrogando os vizinhos. Eu pude ouvir o estrondo dos passos à toda volta sobre as nossas cabeças, fazendo o chão tremer, mas eles não encontraram o alçapão. Fiquei com medo. — Ele se interrompeu, sem mais nenhuma malícia na voz. — Eles quebraram os jarros da menina. Todos os remédios dela.

Eu sei — disse ela baixinho. — Eu vi.

Eles não paravam de gritar. Disseram que estavam procurando hereges, mas acho que estavam mentindo. Não fizeram as perguntas que sempre fazem.

Alaïs pôs os dedos debaixo de seu queixo e o fez olhar para ela.

Isto é muito importante, Sajhë. Eram os mesmos soldados que vieram antes? Você

os viu?

Não vi.

Deixe estar — falou ela depressa, vendo que ele estava quase chorando. — Parece que você foi muito corajoso. Deve ter sido um grande consolo para Esclarmonde. — Ela hesitou. — Havia alguém com eles?

— Acho que não — disse ele, arrasado. — Não consegui impedi-los.

Alaïs o abraçou enquanto a primeira lágrima escorria por seu rosto.

— Ssh, ssh, vai ficar tudo bem. Não fique assim. Você fez tudo que podia, Sajhë. É

tudo que qualquer um de nós pode fazer.

Ele aquiesceu.

Onde está Esclarmonde agora?

Tem uma casa em Sant-Miquel — disse ele, engolindo as lágrimas.

— Ela disse que vamos ficar esperando lá até você nos dizer que o intendente

Pelletier está a caminho.

Alaïs se retesou.

— Foi isso que Esclarmonde disse, Sajhë? — perguntou depressa. — Que está

esperando um recado do meu pai?

Sajhë pareceu intrigado.

Ela está enganada, então?

Não, não, é só que não entendo como... —Alaïs se interrompeu. — Deixe estar. Não tem importância. — Limpou o rosto dele com o lenço. — Pronto. Assim está melhor. Meu pai quer mesmo falar com Esclarmonde, mas ele está esperando a chegada de outro...

de um amigo que está vindo de Besièrs.

Sajhë assentiu.

— Simeon.

Alaïs olhou para ele com espanto.

— Isso mesmo — disse ela, já sorrindo. — Simeon. Diga-me, Sajhë, tem alguma coisa que você não saiba?

Ele conseguiu dar um meio-sorriso.

Não muita.

Você precisa dizer a Esclarmonde que eu vou contar ao meu pai o que aconteceu, mas que ela... vocês dois... precisam ficar em Sant-Miquel por enquanto.

Ele a surpreendeu ao segurar sua mão.

— Diga você mesma — falou ele. — Ela vai ficar feliz em vê-la. E vocês vão poder conversar mais. Menina disse que você precisou sair antes de terminarem

a conversa.

Alaïs baixou o olhar para os olhos de âmbar dele, que brilhavam de entusiasmo.

— Você vem?

Ela riu.

— Por você, Sajhë? É claro. Mas não agora. E perigoso demais. Eles podem estar vigiando a casa. Mandarei avisar.

Sajhë assentiu, e em seguida desapareceu tão depressa quanto havia surgido.

— Deman al vèspre — lançou ele.

CAPÍTULO 37

Jehan Congost vira pouco a mulher desde que chegara de Montpellier. Oriane não o havia recebido como deveria, nem demonstrara qualquer respeito pelas dificuldades e indignidades que ele havia enfrentado. Ele também não havia esquecido o comportamento lascivo dela no quarto do casal logo antes de sua partida.

Cruzou o pátio depressa, murmurando consigo mesmo, e entrou na ala residencial.

O criado de Pelletier, François, vinha em sua direção. Congost o julgava pouco digno de confiança, inclinado a se valorizar em demasia, sempre à espreita para ir contar tudo ao patrão. Não havia motivo para ele estar na ala residencial àquela hora da manhã.

François inclinou a cabeça.

— Escrivan.

Congost não retribuiu o cumprimento.

Quando chegou a seus aposentos, Congost já se encontrava em um estado de justificada indignação. Chegara a hora de ensinar uma lição a Oriane. Ele não podia tolerar que uma desobediência tão provocadora e deliberada ficasse sem

punição.

Escancarou a porta, sem bater.

— Oriane! Onde você está? Venha aqui.

O quarto estava vazio. Com a frustração de não encontrá-la, atirou tudo para fora da mesa com um gesto do braço. Tigelas se partiram, o castiçal ressoou sobre o piso. Ele investiu contra o guarda-roupa e tirou tudo lá de dentro, arrancou as cobertas da cama, os lençóis que guardavam o cheiro sensual dela.

Furioso, Congost deixou-se cair em uma cadeira e olhou para o que tinha feito.

Tecidos rasgados, vasilhas quebradas, velas. Era tudo culpa de Oriane. Fora o mau comportamento dela que causara aquilo.

Saiu em busca de Guirande para arrumar a bagunça, refletindo sobre como poderia domar a esposa rebelde.

O ar estava úmido e pesado quando Guilhem emergiu da casa de banhos e encontrou Guirande à sua espera, a boca grande curvada em um ligeiro sorriso. Seu 178

rosto adquiriu uma expressão sombria.

— O que foi?

Ela soltou uma risadinha e olhou para ele por baixo de uma borda de cílios negros.

— Então? — disse ele, ríspido. — Se tiver alguma coisa para dizer, diga, ou então me deixe em paz.

Guirande se inclinou para frente e sussurrou em seu ouvido. Ele se empertigou.

O que ela quer?

Não sei dizer, messire. Minha senhora não me confidencia seus desejos.

Você mente mal, Guirande.

— Algum recado?

Ele hesitou.

— Diga à sua patroa que vou encontrá-la agora mesmo. — Pôs uma moeda na mão dela. — E fique de boca fechada.

Olhou-a se afastar, então caminhou até o centro do pátio e sentou-se debaixo do olmo. Não precisava ir. Por que se expor à tentação? Era perigoso demais. Ela era perigosa.

Ele nunca tivera a intenção de deixar as coisas irem tão longe. Uma noite de inverno, pele nua enrolada em peles, o sangue aquecido pelo vinho de especiarias e a excitação da caçada. Uma espécie de loucura o havia dominado. Ele fora enfeitiçado.

Pela manhã, havia acordado arrependido e jurado que aquilo nunca mais aconteceria. Durante os primeiros meses de seu casamento, mantivera sua palavra.

Então houvera outra noite daquelas, seguida de uma terceira e de uma quarta. Ela o deixava sem ação, transformava-o em seu escravo.

Agora, em vista da situação, ele estava ainda mais desesperado para ter certeza de que nenhum boato escandaloso se espalhasse. Mas precisava tomar cuidado. Era importante terminar bem aquele caso. Ele só compareceria ao encontro para dizer a ela que não poderiam mais se encontrar.

Levantou-se e tomou o rumo do pomar antes que sua coragem sumisse. No portão, parou, a mão sobre o trinco, relutando em ir adiante. Então a viu em pé debaixo do salgueiro, uma figura de sombras iluminada pela luz vacilante. Seu coração deu um pulo dentro do peito. Ela parecia um anjo negro, os cabelos brilhando ao crepúsculo como azeviche, derramando-se pelas costas em cachos soltos.

Guilhem respirou fundo. Deveria dar meia-volta. Mas, naquele exato instante, como se pudesse sentir a indecisão dele, Oriane se virou, e ele sentiu o poder de seu olhar atraindo-o para si. Disse a seu écuyer para ficar vigiando o portão, e então pisou na grama macia e caminhou na direção dela.

Tive medo de que você não viesse — disse ela quando ele se aproximou.

Não posso demorar.

Ele sentiu as pontas mornas dos dedos dela roçarem os seus, e depois suas mãos delicadas tocarem-lhe o pulso.

Então peço-lhe perdão por tê-lo incomodado — murmurou ela, apertando-se de encontro a ele.

Alguém vai nos ver — sibilou ele, tentando se afastar.

Oriane inclinou a cabeça de lado e ele sentiu o aroma de seu perfume. Tentou ignorar os espasmos de desejo.

Por que está sendo tão duro comigo? — perguntou, chorosa. — Não há ninguém
179

aqui para ver. Eu pus um guarda no portão. Além disso, hoje à noite estão todos ocupados demais para prestar atenção em nós.

Não estão tão entretidos nos próprios assuntos a ponto de não notar — disse ele. —

Todo mundo observa, escuta. Estão todos à espera de alguma coisa que possam usar para se beneficiar.

— Que pensamentos feios — murmurou ela, afagando-lhe os cabelos.

— Esqueça todos os outros. Pense somente em mim agora. — Oriane agora estava tão perto que ele podia ouvir seu coração batendo através do fino pano do vestido. — Por que está tão frio, messire? Eu disse alguma coisa que o ofendeu?

Ele podia sentir sua força de vontade sucumbir à medida que seu sangue esquentava.

Oriane, isto é pecado. Você sabe disso. Estamos desonrando o seu marido e a minha mulher com a impureza do nosso...

Amor? — sugeriu ela, e riu, um som bonito, leve, que fez o coração dele se

contrair. — "O amor não é pecado, é uma virtude que transforma o mal em bem e o bem em um bem ainda maior." Você ouviu os trovadores.

Sem conseguir se conter, ele segurou o lindo rosto dela entre as mãos.

— Isso é só uma canção. A realidade de nossos compromissos é bem diferente. Ou será que você está decidida a não entender o que estou querendo dizer? — Ele respirou fundo. — O que estou dizendo é que não devemos mais nos encontrar.

Ele a sentiu se retesar em seus braços.

— Não me quer mais, messire? — sussurrou ela. Seus cabelos, soltos e grossos, haviam caído sobre o rosto, escondendo dele sua expressão.

Não faça isso — disse ele, mas sua força de vontade estava cada vez mais fraca.

Será que eu posso fazer alguma coisa para provar meu amor por você? perguntou ela, a voz tão sentida, tão débil, que ele mal conseguia escutá-la.

Se eu não o agradei, messire, então me diga.

Ele enlaçou os dedos com os dela.

Você não fez nada de errado. Você é linda, Oriane, você é... — Ele se interrompeu, incapaz de pensar nas palavras certas para dizer. O fecho da túnica de Oriane se soltou.

A roupa caiu no chão, seu tecido azul vibrante e radioso juntando-se como uma poça d'água aos seus pés. Ela parecia tão vulnerável, tão frágil, que ele mal pôde conter o ímpeto de tomá-la nos braços.

Não — murmurou. — Eu não posso...

Guilhem tentou visualizar o rosto de Alaïs, imaginar seu olhar firme pousado sobre ele, seu sorriso confiante. Ele acreditava em seus votos de casamento, algo raro para um homem de seu cargo e posição. Não queria trair a mulher. Em muitas noites, durante os primeiros dias do casamento, ao vê-la dormir no silêncio de seu quarto, ele havia compreendido que era — que poderia ser — um homem melhor pelo fato de amá-la.

Tentou se desvencilhar. Mas agora tudo que conseguia ouvir era a voz de Oriane, misturada aos boatos cheios de desprezo que corriam pela casa sobre como Alaïs o fizera de bobo seguindo-o até Béziers. Os rugidos em sua mente foram ficando mais altos, abafando a voz leve de Alaïs. Sua imagem começou a ficar mais difusa, mais pálida. Ela foi se afastando dele, deixando-o sozinho para resistir à tentação.

— Eu o adoro — sussurrou Oriane, deslizando a mão para o meio das pernas dele.

Apesar do que havia decidido, ele fechou os olhos, incapaz de resistir ao murmúrio suave da voz dela. Era como o vento nas árvores. — Desde que você voltou de Besièrs, eu mal o vi. — Guilhem tentou falar, mas sua garganta estava seca. — Dizem você é o preferido 180

dentre todos os chevaliers do visconde Trencavel — disse ela.

Guilhem não conseguia mais distinguir uma palavra de outra. O sangue pulsava em sua cabeça, alto demais, furioso demais, impedindo qualquer outro som ou sensação.

Ele a deitou no chão.

Conte-me o que aconteceu entre o visconde e seu tio — murmurou ela em seu ouvido. — Conte-me o que aconteceu em Besièrs. — Guilhem arquejou enquanto ela o abraçava com as pernas e o puxava para si. — Conte-me o resultado de seus esforços.

Essa não é uma história que eu possa compartilhar — disse ele, arfante, consciente apenas do movimento do corpo dela debaixo do seu.

Oriane mordeu o lábio dele.

— Pode compartilhar comigo.

Ele gritou o nome dela, sem se importar mais com quem pudesse estar ouvindo ou olhando. Não viu o olhar de satisfação nos olhos verdes da mulher nem os rastros de sangue — o sangue dele — nos lábios dela.

Pelletier olhou em volta, contrariado por não ver nem Oriane nem Alaïs à mesa

da ceia.

Apesar dos preparativos para a guerra que prosseguiam por toda parte, havia um quê de comemoração entre as pessoas reunidas no Grande Salão, pelo fato de o visconde Trencavel e sua comitiva terem voltado para casa sãos e salvos.

A reunião com os cônsules havia corrido bem. Pelletier não tinha dúvidas de que eles levantariam o dinheiro necessário. Mensageiros não paravam de chegar dos châteaux mais próximos de Carcassone. Até então, todos os vassalos, sem exceção, haviam jurado aliança e oferecido homens ou dinheiro.

Assim que o visconde Trencavel e dama Agnès se retiraram, Pelletier pediu licença e saiu para tomar um pouco de ar. A indecisão pesava mais uma vez em seus ombros.

"Seu irmão o aguarda em Besièrs, sua irmã em Carcassona."

A fortuna lhe havia devolvido Simeon e o segundo livro mais depressa do que Pelletier acreditara ser possível. Agora, se as suspeitas de Alaïs estivessem certas, parecia que o terceiro livro também podia estar próximo.

As mãos de Pelletier se moveram até seu peito, onde o livro de Simeon repousava junto a seu coração.

Alaïs foi despertada pelo barulho alto da persiana da janela batendo na parede.

Sentou-se como se houvesse levado um choque, o coração aos pulos. No sonho, estava novamente na floresta perto de Coursan, com as mãos amarradas, lutando para se livrar do capuz áspero.

Pegou um dos travesseiros, ainda mornos, e o segurou junto ao peito. O cheiro de Guilhem ainda pairava sobre a cama, mesmo que fizesse mais de uma semana desde que ele havia se deitado ao seu lado pela última vez.

A persiana bateu outra vez na parede com força. Um vento de tempestade assobiava por entre as torres e varria a superfície do telhado. A última coisa de que ela se lembrava era de ter pedido a Rixende que lhe trouxesse alguma coisa para comer.

Rixende bateu na porta e entrou no quarto timidamente.

Perdoe-me, dama. Eu não queria acordá-la, mas ele insistiu.

Guilhem? — perguntou ela depressa.

Rixende sacudiu a cabeça, negando.

Seu pai. Ele lhe pede para encontrá-lo junto ao Portão Oriental.

Agora? Mas deve passar da meia-noite.

Ainda não soaram as 12, dama.

Por que ele mandou você, e não François?

Não sei, dama.

Depois de pedir a Rixende para ficar vigiando o quarto, Alaïs pôs a capa sobre os ombros e desceu as escadas correndo. O trovão ainda rugia acima das montanhas quando ela correu pelo pátio ao encontro do pai.

Aonde vamos? — gritou ela acima do vento, enquanto saíam apressados pelo Portão Oriental.

Sant-Nasari — disse ele. — Onde o Livro das Palavras está escondido.

Oriane estava esparramada sobre a cama como um gato, escutando o vento.

Guirande havia feito um bom trabalho, tanto na rearrumação do quarto quanto na descrição do estrago feito por seu marido. Oriane não sabia o que havia provocado tamanha fúria em Jehan, nem se importava em saber.

Todos os homens eram os mesmos por baixo da pele — cortesãos, escribas, chevaliers, religiosos. Sua força de vontade se partia como gravetos no inverno, por mais que falassem em honra. A primeira traição era a mais difícil. Depois disso, ela nunca deixava de se maravilhar ao ver a rapidez com que os segredos jorravam de seus lábios infiéis, e como suas ações negavam tudo que eles diziam valorizar.

Ela havia conseguido mais do que o esperado. A ironia era que Guilhem sequer

compreendia o significado do que havia lhe contado naquela noite. Antes, tivera suspeitas de que Alaïs houvesse seguido seu pai até Béziers. Agora, sabia que estava certa. Sabia, também, alguma coisa sobre o que os dois haviam conversado na noite da partida dele.

A única razão pela qual Oriane havia se importado com o restabelecimento de Alaïs fora na esperança de fazer a irmã trair a confiança do pai, mas isso não havia funcionado. A única coisa digna de nota fora a aflição de Alaïs por ter perdido uma tábua de madeira que estava em seu quarto. Ela havia falado sobre isso durante o sono, enquanto se mexia e se revirava na cama. Até agora, apesar de seus melhores esforços, qualquer tentativa de recuperar a tábua havia falhado.

Oriane esticou os braços acima da cabeça. Mesmo em seus sonhos mais ousados, jamais havia imaginado que o pai pudesse possuir algo de tamanho poder e influência que homens estivessem dispostos a pagar uma régia soma para obter. Tudo que ela precisava fazer era ter paciência.

Depois do que Guilhem havia lhe contado naquela noite, ela percebeu que a tábua tinha menos importância do que havia imaginado. Se ao menos eles tivessem tido mais tempo, ela teria arrancado dele o nome do homem que seu pai havia encontrado em Béziers. Se é que Guilhem sabia.

Oriane sentou-se na cama. François saberia. Bateu palmas.

— Leve isto para François — disse a Guirande. — Não deixe que ninguém a veja.

CAPITULO 38

A noite havia caído sobre o acampamento dos cruzados.

Guy d'Evreux limpou as mãos engorduradas no pano que um criado nervoso lhe estendia. Bebeu o que restava no copo e olhou de relance para o abade de Cíteaux, na 182

cabeceira da mesa, para ver se ele estava pronto para se levantar.

Não estava.

Altivo e presunçoso em suas vestes brancas, o abade havia se acomodado entre o

duque da Borgonha e o conde de Nevers. A constante disputa de poder entre os dois homens e seus seguidores havia começado antes mesmo de a Hoste deixar Lyon.

Pela expressão congelada em seus rostos, estava claro que Arnald-Amalric os estava repreendendo outra vez. Heresia, os fogos do inferno, os perigos da língua vernacular: todos temas sobre os quais ele era capaz de censurar seus ouvintes durante horas a fio.

Evreux não tinha respeito por nenhum dos dois. Achava suas ambições patéticas —algumas moedas de ouro, vinho e putas, um pouco de combate, e então a volta para casa cobertos de glória, depois de servir seus quarenta dias. Apenas de Montfort, sentado um pouco mais adiante à mesa, parecia estar escutando. Seus olhos ardiam com um zelo religioso desagradável, equiparado apenas pelo fanatismo do próprio abade.

Evreux só conhecia de Montfort de reputação, muito embora fossem vizinhos próximos. Evreux havia herdado terras ao norte de Chartres, onde a caça era abundante.

A combinação de um casamento estratégico e impostos repressivos havia garantido o crescimento regular da fortuna da família ao longo dos últimos cinqüenta anos. Ele não tinha irmãos para disputar seu título e nenhuma dívida significativa.

As terras de Montfort ficavam nos arredores de Paris, a menos de dois dias a cavalo da propriedade de Evreux. Era sabido que de Montfort havia abraçado a cruz por causa de um pedido pessoal do duque da Borgonha, mas sua ambição era conhecida por todos, assim como sua devoção e coragem. Ele era veterano das campanhas orientais da Síria e da Palestina, e um dos poucos cruzados a ter se recusado a participar do cerco à cidade cristã de Zara durante a Quarta Cruzada na Terra Santa.

Embora estivesse agora na casa dos quarenta, de Montfort ainda era forte como um boi. De humor instável, introspectivo, inspirava uma lealdade extravagante em seus homens, mas era objeto da desconfiança de muitos dos barões, segundo os quais sua dubiedade e ambição iam muito além de seu status. Evreux o desprezava, assim como desprezava todos aqueles que proclamavam que as próprias ações eram obra de Deus.

Evreux havia abraçado a cruz por um só motivo. Assim que tivesse cumprido seu propósito, voltaria a Chartres com os livros que passara a vida inteira caçando. Não tinha intenção de se sacrificar no altar das crenças de outros homens.

O que foi? — rosnou para o criado que surgira às suas costas.

Um mensageiro para o senhor.

Evreux ergueu os olhos.

Onde ele está? — perguntou, incisivo.

Esperando do lado de fora do acampamento. Não quis dizer seu nome.

De Carcassonne?

Ele não quis dizer, senhor.

Fazendo uma rápida reverência para a mesa principal, Evreux pediu licença e retirou-se discretamente, o rosto pálido agora corado. Caminhou apressado por entre as barracas e animais até a clareira na extremidade leste do acampamento.

De início, só conseguiu distinguir formas indistintas na escuridão entre as árvores.

Conforme foi se aproximando, reconheceu o homem: era o criado de um informante seu em Béziers.

Então? — perguntou, o desapontamento a lhe endurecer a voz.

O mensageiro caiu de joelhos.

183

Encontramos seus corpos na floresta perto de Coursan.

Os olhos cinzentos de Evreux se apertaram.

Coursan? Eles deveriam estar seguindo Trencavel e seus homens. O que estavam fazendo em Coursan?

Não sei dizer, meu senhor — gaguejou o homem.

A um olhar seu, dois outros homens de Evreux surgiram de trás das árvores, as mãos pousadas de leve sobre os cabos das espadas.

O que foi encontrado no local?

Nada, meu senhor. Túnicas, armas, cavalos, até as flechas que os mataram foram... não estavam mais lá. Os corpos tinham sido despidos. Levaram tudo.

— Então a identidade deles foi revelada?

O criado deu um passo para trás.

Os boatos que correm pelo castellum falam apenas sobre a coragem de Amiel de Coursan, e não sobre quem eram os homens. Havia uma moça, filha do intendente do visconde Trencavel. Alaïs.

Ela estava viajando sozinha?

Não sei, meu senhor, mas de Coursan a escoltou pessoalmente até Besièrs. Ela se reuniu ao pai no bairro judaico. Passaram algum tempo lá. Em uma casa particular.

Evreux pensou um pouco.

Foi mesmo? — murmurou ele, um sorriso a se formar nos lábios finos. — E qual o nome desse judeu?

Não me disseram o nome dele, meu senhor.

Ele fez parte do êxodo para Carcassonne?

Fez.

Evreux ficou aliviado, mas não deixou transparecer. Tocou a adaga que trazia no cinto.

Quem mais sabe disto?

Ninguém, meu senhor, eu juro. Não contei a ninguém.

Evreux agiu sem aviso, mergulhando a faca com um só golpe na garganta do homem. Com os olhos abertos de surpresa, ele começou a sufocar enquanto os últimos arquejos lhe escapavam sibilando do ferimento, e o sangue, muito vermelho, borrifava sobre a terra ao seu redor. O mensageiro caiu de joelhos, tentando freneticamente retirar a lâmina da garganta, cortando as mãos, até desabar para frente.

Por um instante ainda, seu corpo se debateu em violentos espasmos sobre a terra manchada, então ele estremeceu pela última vez e se imobilizou.

O rosto de Evreux não traiu nenhuma emoção. Ele estendeu a mão, com a palma para cima, esperando que um de seus soldados lhe devolvesse a adaga. Limpou-a na borda da túnica do morto e tornou a embainhá-la.

— Livrem-se dele — disse, cutucando o corpo com o bico da bota. — Quero que encontrem o judeu. Quero saber se ele ainda está aqui ou se já foi para Carcassonne.

Vocês sabem como ele é fisicamente?

O soldado aquiesceu.

— Bom. A menos que haja alguma novidade sobre esse assunto, não tornem a me incomodar esta noite.

184

CAPÍTULO 39

Carcassonne

Quarta-feira, 6 de julho de 2005.

Alice deu vinte voltas a nado na piscina do hotel, depois tomou o café-da-manhã na varanda, vendo os raios de sol surgirem sorrateiros acima das árvores. Às nove e meia, já estava na fila esperando o Château Comtal abrir. Pagou e recebeu um folheto que contava a história do castelo em um inglês esquisito.

Plataformas de madeira haviam sido construídas em duas porções das ameias, à

direita do portão e ao redor do formato de ferradura da Tour de Casernes, como o ninho de um cesto de gávea em um navio.

Um silêncio a dominou quando ela adentrou o pátio através das formidáveis portas de metal e madeira do Portão Oriental.

A Cour d'Honneur estava quase inteiramente imersa nas sombras. Já havia vários visitantes que, assim como ela, perambulavam, liam e olhavam em volta. Na época da dinastia Trencavel, aparentemente havia um olmo no centro do pátio, debaixo do qual gerações de viscondes haviam dispensado sua justiça. Agora não havia mais sinal dele.

Em seu lugar erguiam-se dois plátanos perfeitamente proporcionais, e as sombras de suas folhas projetavam-se no muro ocidental do pátio à medida que o sol ia surgindo acima das ameias dos muros opostos.

A extremidade mais ao norte da Cour d'Honneur já estava inteiramente banhada pela luz do sol. Alguns pombos haviam se aninhado nos vãos de porta, nas rachaduras das paredes e nos arcos abandonados da Tour du Major e da Tour du Degré. Um clarão de memória — a sensação de uma escada de madeira áspera, com degraus revestidos de corda, e de subir e descer de um andar ao outro como uma criança de rua.

Alice olhou para cima, tentando distinguir em sua mente entre o que estava diante de seus olhos e a sensação física na ponta de seus dedos.

Havia pouca coisa para ver.

Então um sentimento devastador de perda abateu-se sobre ela. O pesar fechou-se em volta de seu coração como um punho.

Ele se deitou aqui. Ela chorou por ele aqui.

Alice olhou para baixo. Duas linhas de bronze que saíam do chão marcavam o ponto onde um dia houvera uma construção. Uma fileira de letras marcava o chão. Ela se agachou e leu que ali havia sido o local da capela do Château Comtal, dedicada a Sainte-Marie. Sant-Maria.

Nada restava dela.

Alice sacudiu a cabeça, incomodada pela força das próprias emoções. O mundo que existira oitocentos anos antes debaixo daqueles vastos céus meridionais ainda existia ali, por baixo da superfície. A sensação de alguém em pé junto ao seu ombro era muito forte, como se a fronteira entre seu presente e o passado de outra pessoa estivesse se desintegrando.

Ela fechou os olhos, impedindo a entrada das cores, formas e sons modernos, imaginando as pessoas que haviam morado ali, permitindo que suas vozes falassem com ela.

Um dia, aquele havia sido um lugar bom para se viver. Velas vermelhas tremeluzindo em um altar, azarolas em flor, mãos unidas em matrimônio.

As vozes dos outros visitantes chamaram Alice de volta ao presente, e o passado foi se desvanecendo à medida que ela concluía o passeio. Agora que estava dentro do Château, podia ver que as galerias de madeira construídas ao longo das ameias eram abertas para o ar livre na parte de trás. Encravados bem fundo na rocha havia outros daqueles buracos pequenos, quadrados, que ela notara ao passear pelo Lices na tarde anterior. O folheto lhe dizia que eles marcavam o ponto de inserção das vigas onde antes ficavam os pisos superiores.

Alice deu uma olhada na hora e ficou feliz ao ver que tinha tempo suficiente para visitar o museu antes de seu compromisso. Os aposentos dos séculos XII e XIII, tudo que restava das construções originais, abrigavam uma coleção de bancos de pedra, colunas, modilhões, chafarizes e lápides, que iam do período romano ao século XV.

Ela andou por ali, sem muito interesse. Não experimentava mais as poderosas sensações que a haviam dominado no pátio e sentia-se vagamente inquieta. Seguiu as setas de um aposento ao outro até chegar ao Salão Redondo, que, apesar do nome, era retangular.

Os cabelos de sua nuca se arrepiaram. O cômodo tinha um teto abobadado cilíndrico, e resquícios de um afresco retratando uma cena de batalha nas duas paredes mais compridas. A tabuleta informava que Bernard Aton Trencavel, que participara da Primeira Cruzada e combatera os mouros na Espanha, havia encomendado o afresco no final do século XI. Dentre as fabulosas criaturas e pássaros que decoravam a frisa havia um leopardo, um boi zebu, um cisne, um

touro e um animal que parecia um camelo.

Maravilhada, Alice ergueu os olhos para o teto azul celeste, gasto e rachado, mas ainda bonito. No painel do afresco à sua esquerda, dois chevaliers lutavam, um vestido de preto e segurando um escudo redondo, destinado a cair para sempre sob a lança do outro. Na parede oposta desenrolava-se uma batalha entre cavaleiros sarracenos e cristãos. Essa parte estava mais bem preservada e mais completa, e Alice se aproximou para ver melhor. No centro, dois chevaliers se enfrentavam, um deles montado em um cavalo ocre, e o outro, o cristão, em um cavalo branco, empunhando um escudo em forma de amêndoa. Sem pensar, ela ergueu a mão para tocar a imagem. A funcionária fez que não, estalando os lábios, e sacudiu a cabeça.

O último lugar que ela visitou antes de sair do castelo foi um pequeno jardim adjacente ao pátio principal, a Cour du Midi. Estava em ruínas, e somente os vestígios das altas janelas arqueadas ainda estavam de pé. Ramos verdes de hera e outras plantas enroscavam-se nas colunas vazias e nas rachaduras das paredes. O lugar tinha um ar de grandeza perdida.

Enquanto caminhava devagar por ali, depois voltava para onde batia o sol, Alice foi dominada por outra sensação; desta vez não era tristeza, mas saudade.

Quando Alice emergiu do Château Comtal, as ruas da Cité estavam ainda mais movimentadas.

Ainda havia tempo antes de sua reunião com a advogada, então ela virou na direção oposta à da noite anterior e caminhou até a Place St-Nazaire, que era dominada pela basílica. Foi a fachada fin-de-siècle do Hôtel de la Cité, discreta, mas ao mesmo tempo grandiosa, que atraiu seu olhar. Coberta de hera, com portões de ferro fundido, altas janelas de vitrais e toldos vermelho-escuro da cor de cerejas maduras, tinha um ar de riqueza circunspecta.

Enquanto ela olhava, as portas se abriram, revelando paredes revestidas de painéis de madeira e tapeçarias, e uma mulher apareceu. Alta, com as maçãs do rosto proeminentes e os cabelos pretos de corte impecável afastados do rosto por óculos de sol de aro dourado. Sua camisa sem mangas marrom clara e calças do mesmo tecido pareciam cintilar e refletir a luz quando ela se movia. Com uma pulseira de ouro e uma gargantilha, ela parecia uma princesa egípcia.

Alice teve certeza de já tê-la visto antes. Em uma revista ou filme, talvez na 186

televisão?

A mulher entrou em um carro. Alice ficou olhando até ela sumir de vista, depois andou até a porta da basílica. Havia uma mendiga em pé na entrada, com a mão estendida. Alice enfiou a mão no bolso e depositou uma moeda na mão da mulher, depois fez menção de entrar.

Congelou, com a mão na porta. Teve a sensação de estar presa em um túnel de ar frio.

Deixe de ser boba.

Alice tentou outra vez se forçar a entrar, determinada a não ceder a sentimentos tão irracionais. O mesmo terror que havia se apoderado dela em Saint-Etienne, em Toulouse, a impediu.

Desculpando-se com as pessoas atrás, Alice saiu da fila e deixou-se cair sentada sobre um parapeito de pedra na sombra, junto à porta norte.

Que diabo está acontecendo comigo?

Seus pais lhe haviam ensinado a rezar. Quando teve idade suficiente para questionar a presença do mal no mundo e descobriu que a Igreja era incapaz de prover respostas satisfatórias, ela havia aprendido sozinha a parar de rezar. Mas se lembrava da sensação de significado que a religião é capaz de proporcionar. A certeza, a promessa de salvação em algum lugar além das nuvens, nunca a havia abandonado de todo. Como o poeta Philip Larkin, sempre que tinha tempo ela entrava em igrejas. Elas a faziam se sentir em casa. Despertavam nela uma sensação de história e de um passado compartilhado, presente na arquitetura, nas janelas, nos bancos do coral.

Mas não ali.

Naquelas catedrais católicas do Midi, ela não se sentia em paz, e sim ameaçada. O

cheiro ruim do mal parecia sangrar dos tijolos. Ela levantou os olhos para as gárgulas hediondas que a olhavam lá de cima, suas bocas tortas deformadas e zombeteiras.

Alice se levantou depressa e foi embora da praça. Não parava de olhar por sobre o ombro, dizendo a si mesma que estava imaginando aquilo tudo, e ao mesmo tempo incapaz de se livrar da sensação de que havia alguém em seu encalço.

E apenas a sua imaginação.

Mesmo depois de sair da Cité e começar a descer a rue Trivalle em direção à cidade moderna, continuava nervosa. Não importava o que dissesse a si mesma para se convencer do contrário: tinha certeza de que alguém a estava seguindo.

O escritório de advocacia de Daniel Delagarde ficava na rue George Brassens. A placa de bronze pendurada na parede resplandecia à luz do sol. Ela estava um pouco adiantada para a reunião, então parou para ler os nomes antes de entrar. O nome de Karen Fleury estava mais ou menos no meio; ela era uma das duas únicas mulheres do escritório.

Alice subiu os degraus de pedra cinza, empurrou a porta dupla de vidro para abri-la e entrou em uma área de recepção com piso de cerâmica. Apresentou-se à mulher sentada diante da mesa alta de mogno encerado e foi conduzida a uma sala de espera. O

silêncio era opressivo. Um homem de aparência um tanto bucólica, de quase sessenta anos, cumprimentou-a com uma inclinação de cabeça ao vê-la entrar. Exemplares de Paris-Match, Immo Média e várias edições atrasadas da Vogue estavam cuidadosamente empilhadas sobre uma grande mesa de centro no meio do aposento. Havia um relógio de ouropel no parapeito em cima da lareira de mármore branco, e dentro dela um vaso alto e retangular cheio de girassóis.

Alice sentou-se em uma poltrona de couro preto ao lado da janela e fingiu ler.

— Sra. Tanner? Sou Karen Fleury. Muito prazer.

Alice se levantou, gostando imediatamente da cara da advogada. Com trinta e poucos anos, a sra. Fleury exalava um ar de competência em seu terninho preto e blusa branca sóbrios. Seus cabelos louros bem arrumados estavam cortados curtos. Ela usava uma cruz de ouro no pescoço.

Minha roupa de enterro — disse ela, reparando no olhar de Alice. — Quente

demais para este calor.

Posso imaginar.

Ela segurou a porta para Alice passar.

Vamos?

Há quanto tempo a senhora trabalha aqui? — perguntou Alice enquanto desciam um labirinto de corredores cada vez mais caquéticos.

Nos mudamos para cá alguns anos atrás. Meu marido é francês. Vários ingleses estão se mudando para cá, e todos eles precisam da ajuda de advogados, então está

dando bastante certo.

Karen a conduziu até uma pequena sala nos fundos do prédio.

Foi ótimo a senhora poder vir pessoalmente — disse ela, indicando uma cadeira para Alice se sentar. — Imaginei que fôssemos fazer quase tudo pelo telefone.

Foi coincidência. Logo depois que recebi sua carta, uma amiga que está

trabalhando perto de Foix me chamou para vir fazer uma visita. Parecia uma oportunidade boa demais para deixar passar. — Ela fez uma pausa. — Além disso, visto o tamanho e natureza da herança, parecia que o mínimo que eu podia fazer era vir pessoalmente.

Karen sorriu.

— Bom, isso facilita as coisas do meu ponto de vista, e também vai tornar tudo mais rápido. — Puxou uma pasta marrom na própria direção. — Pelo que a senhora disse ao telefone, não parecia saber muita coisa sobre sua tia.

Alice fez uma careta.

— Na verdade, eu nunca tinha ouvido falar nela. Não fazia idéia que papai tivesse algum parente vivo, muito menos uma meia irmã. Eu tinha a impressão de que tanto meu pai quanto minha mãe eram filhos únicos. Com certeza nunca

encontrei nenhuma tia nem tio em nenhum Natal ou aniversário.

Karen espiou as próprias anotações.

Seus pais morreram algum tempo atrás

Morreram, em um acidente de carro quando eu tinha 18 anos — disse ela. — Em maio de 1993. Logo antes de eu terminar o colégio.

Deve ter sido horrível.

Alice assentiu. O que mais havia a ser dito?

A senhora não tem irmãos?

Acho que meus pais deixaram para ter filhos muito tarde. Os dois já eram bem velhos, relativamente falando, quando eu nasci. Tinham quarenta e poucos anos.

Karen assentiu.

Bom, nesse caso, acho que a melhor coisa a fazer é eu simplesmente repassar tudo que tenho no meu relatório sobre as propriedades da sua tia-avó e os termos do testamento dela. Quando tivermos terminado por aqui, a senhora pode ir dar uma olhada na casa, se quiser. Fica em uma cidadezinha a mais ou menos uma hora de carro daqui, Sallèles d'Aude.

Parece ótimo.

Então, o que tenho aqui — continuou Karen, tamborilando os dedos sobre o relatório — são coisas bem básicas, nomes, datas, coisas assim.

Tenho certeza de que, quando a senhora visitar a casa, vai ter uma idéia melhor de como era a sua tia, a partir dos papéis e objetos particulares que ela deixou. Depois que tiver dado uma olhada, pode decidir se quer que tiremos tudo da casa ou se prefere fazer isso sozinha. Quanto tempo a senhora vai ficar aqui?

Tecnicamente até domingo, mas estou pensando em ficar mais. Não tem nada de desesperadamente urgente que me obrigue a voltar agora.

Karen assentiu enquanto olhava as anotações.

— Bom, vamos começar e ver como as coisas andam. Grace Alice Tanner era meia-irmã do seu pai. Ela nasceu em Londres, em 1912, a caçula e única sobrevivente de cinco filhos. Duas outras meninas morreram ainda pequenas, e os dois meninos morreram na Primeira Guerra Mundial. A mãe dela faleceu em... — ela fez uma pausa, correndo o dedo pela página até encontrar a data que estava procurando — ... 1928, depois de uma longa doença e da família se separar. A essa altura, Grace já tinha saído de casa, e o pai dela tinha se mudado da região e acabou se casando de novo. No ano seguinte, nasceu um filho desse casamento: seu pai. Até onde posso deduzir a partir dos nossos registros, daí

em diante parece que não houve nenhum contato, ou então muito pouco, entre a srta.

Tanner e o pai dela, avô da senhora.

Eu não sabia, mas a senhora acha provável que meu pai soubesse que tinha uma meia-irmã?

Não faço idéia. Eu diria que não.

Mas Grace sabia dele?

Sim, embora eu também não saiba como nem quando ela descobriu.

Mais especificamente, ela sabia sobre a senhora. Revisou o testamento em 1993, depois da morte dos seus pais, e nomeou a senhora como única beneficiária. A essa altura, ela já morava na França havia algum tempo.

Alice franziu o cenho.

— Se ela sabia sobre mim e sobre o que tinha acontecido, não entendo por que não nos procurou.

Karen deu de ombros.

— É possível que ela tenha pensado que a senhora não fosse gostar. Já que não sabemos o que causou a separação da família, ela pode ter pensado que o seu pai tivesse lhe dito coisas negativas sobre ela. Em casos como este, não é raro se

supor que qualquer tentativa de contato vá ser rejeitada; e algumas vezes essa suposição é

correta. Quando o contato é rompido, pode ser difícil consertar o estrago.

— Estou supondo que não foi a senhora quem fez o testamento?

Karen sorriu.

Não, isso foi muito antes do meu tempo. Mas eu conversei com o colega que fez.

Ele agora está aposentado, mas se lembra da sua tia. Ela foi muito direta, sem delongas nem sentimentalismo. Sabia exatamente o que queria, e o que queria era deixar tudo para a senhora.

Então a senhora não sabe por que ela veio morar aqui?

Infelizmente, não. — Ela fez uma pausa. — Do nosso ponto de vista, é tudo relativamente simples. Então, como eu disse, acho que o melhor a fazer é a senhora ir até a casa e dar uma olhada. Assim pode descobrir mais coisas sobre a sua tia. Já que ainda vai ficar aqui por mais alguns dias, podemos nos encontrar de novo mais tarde 189

esta semana. Amanhã e sexta estou no fórum, mas poderia me encontrar com a senhora com prazer no sábado de manhã, se puder. — Ela se levantou e estendeu a mão. —

Deixe recado com a minha assistente dizendo o que resolveu.

Eu gostaria de visitar o túmulo dela enquanto estou aqui.

É claro. Vou pegar os detalhes. Se bem me lembro, as circunstâncias foram estranhas. — Ao sair da sala, Karen parou na mesa da assistente. — Dominique, tu peux me trouver le numero du lot de cimetière de madame Tanner?

Le cimetière de la Cité. Merci.

Como assim, estranhas?

Madame Tanner não foi enterrada em Sallèles de l'Aude, mas aqui em

Carcassonne, no cemitério que fica além dos muros da Cité, no mausoléu da família de um amigo. —

Karen pegou a folha impressa da mão da assistente e passou os olhos pela informação.

— Isso mesmo, agora estou lembrando.

Jeanne Giraud, uma mulher daqui da cidade, embora não parecesse haver indícios de que as duas mulheres se conhecessem. Aqui também tem o endereço de madame Giraud, junto com os detalhes do túmulo.

Obrigada. Eu ligo para a senhora.

Dominique vai lhe acompanhar — disse ela sorrindo. — Me mantenha informada.

CAPÍTULO 40

Ariège

Paul Authié esperava que Marie-Cécile fosse usar a viagem Ariège adentro para continuar a conversa da noite anterior, ou então para lhe perguntar sobre o relatório.

Porém, a não ser por comentários ocasionais, ela não disse nada.

No espaço confinado do carro, ele se sentia muito consciente dela, fisicamente falando. Seu perfume entrava-lhe pelas narinas, o cheiro de sua pele. Nesse dia, ela vestia uma camisa marrom clara sem mangas e calças do mesmo tecido. Óculos escuros escondiam seus olhos, e seus lábios e unhas estavam pintados do mesmo tom fechado de vermelho.

Authié sacudiu o punho da camisa, espiando o relógio com discrição. Contando uma ou duas horas na escavação, mais a viagem de volta, era pouco provável que estivessem de volta a Carcassonne muito antes do final da tarde. Aquilo era muito frustrante.

Alguma notícia de Shelagh O'Donnell? — perguntou ela.

Authié ficou surpreso ao ouvir seus pensamentos ditos em voz alta.

Até agora, não.

E o policial? — perguntou ela, virando-se para olhar para ele.

Não é mais um problema.

Desde quando?

Desde hoje de manhã cedo.

Soube mais alguma coisa por ele?

Authié fez que não com a cabeça.

Contanto que não consigam ligar nada a você, Paul.

Não vão ligar.

Ela permaneceu um instante em silêncio, depois perguntou:

— E a inglesa?

Chegou em Carcassonne ontem à noite. Tenho um homem atrás dela.

Você não acha que ela foi a Toulouse para deixar o anel ou o livro lá?

—A menos que tenha entregue as coisas a alguém dentro do hotel, não. Ela não recebeu nenhuma visita. Não falou com ninguém, nem na rua nem na biblioteca.

Chegaram ao Pic de Soularac pouco depois da uma. Uma paliçada de madeira havia sido erguida em torno do estacionamento. O portão estava fechado com um cadeado.

Como combinado, não havia ninguém de plantão para vê-los chegar.

Authié abriu o portão e entrou com o carro. O lugar estava estranhamente silencioso depois da atividade de segunda à tarde. Um ar de abandono pairava

sobre tudo. As laterais das barracas estavam abaixadas, as vasilhas, panelas e fileiras de ferramentas meticulosamente etiquetadas.

— Onde fica a entrada?

Authié apontou para onde uma fita de cena do crime ainda se debatia na brisa.

Ele pegou uma lanterna no porta luvas. Os dois subiram as encostas mais baixas em silêncio, com o calor opressivo da tarde a pesar sobre eles. Authié apontou para a pedra grande, ainda caída de lado como a cabeça de um ídolo vencido, e então conduziu a mulher pelos últimos metros que os separavam da caverna em si.

— Eu gostaria de entrar sozinha — disse ela quando chegaram ao topo.

Ele ficou irritado, mas não deixou transparecer. Estava confiante de que não havia mais nada na câmara que ela pudesse encontrar. Ele mesmo passara o pente-fino em cada centímetro da caverna. Entregou-lhe a lanterna.

— Como quiser — disse.

Authié ficou olhando enquanto ela desaparecia no túnel, o facho de luz cada vez mais fraco e distante até desaparecer por completo.

Ele se afastou da entrada até um lugar onde ela não pudesse mais escutá-lo.

O simples fato de chegar perto da câmara o deixava irritado. Levou a mão até o crucifixo em seu pescoço, como um talismã para afastar o mal que havia naquele lugar.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — disse, benzendo-se.

Authié esperou a respiração se normalizar antes de ligar para o escritório.

O que você tem para mim?

Um olhar de satisfação espalhou-se por seu rosto enquanto escutava.

— No hotel? Eles se falaram? — Escutou a resposta. — O.K. Continue com ela e veja o que ela faz.

Sorriu e desligou. Mais uma coisa a acrescentar a sua lista de perguntas para a dra.

O'Donnell.

Sua secretária havia descoberto surpreendentemente pouco sobre Baillard. Ele não tinha carro, não tinha passaporte, não estava registrado em nenhum cartório de imóveis, não tinha telefone, nada constava no sistema. Não tinha sequer um número de sécurité

sociale. Oficialmente, ele não parecia existir. Era um homem sem passado.

Passou pela cabeça de Authié que Baillard pudesse ser um membro dissidente da Noublesso Véritable. Sua idade, seu histórico, seu interesse pela história dos cátaros e seu conhecimento de hieróglifos o relacionavam à Trilogia do Labirinto.

Authié sabia que havia uma ligação. Era só uma questão de tempo para descobri-la. Ele destruiria a caverna agora mesmo, sem um instante de hesitação, não fosse pelo fato de ainda não ter conseguido os livros. Ele era o instrumento de Deus por meio do qual a heresia de 4 mil anos finalmente seria varrida da face da Terra. Só quando os pergaminhos profanos fossem devolvidos à câmara é que ele agiria. Então, entregaria todos e tudo ao fogo.

A lembrança de que tinha só dois dias para encontrar o livro o estimulou a voltar à

ação. Com os olhos cinzentos aguçados pela convicção, Authié deu outro telefonema.

— Amanhã de manhã — disse. — Deixe ela preparada.

Enquanto percorriam em silêncio o hospital de Foix, Audric Baillard prestava atenção no estalo produzido pelos sapatos marrons de Jeanne sobre o piso de linóleo cinza.

Todo o resto daquele lugar era branco. Suas roupas cor de giz, o uniforme dos técnicos, seus sapatos de sola de borracha, as paredes, os quadros, as pranchetas.

O

inspetor Noubel, amarrotado e desarrumado, destacava-se naquele ambiente estéril.

Parecia não trocar de roupa há dias.

Um carrinho estava sendo empurrado pelo corredor em sua direção, as rodas rangendo dolorosamente no ar silencioso. Eles recuaram para deixá-lo passar. A enfermeira agradeceu a gentileza com um leve movimento de cabeça.

Baillard tinha consciência de que estavam tratando Jeanne com um cuidado especial. Sua empatia, sem dúvida genuína, estava mesclada de preocupação pela maneira como ela lidaria com o choque. Ele deu um sorriso amargo. Os jovens sempre esqueciam que a geração de Jeanne vira e vivera muito mais do que eles. A guerra, a Ocupação, a Resistência. Haviam matado, morrido e visto seus amigos morrerem. Eram tenazes. Nada os surpreendia, exceto, talvez, a infinita capacidade de recuperação do ser humano.

Noubel parou na frente de uma grande porta branca. Abriu-a com um empurrão e recuou para deixá-los passar primeiro. Um ar frio e um cheiro forte de desinfetante os acolheram. Baillard tirou o chapéu e o segurou contra o peito.

As máquinas agora estavam silenciosas. No meio do quarto, debaixo da janela, havia uma cama, e em cima dela um volume coberto por um lençol que pendia torto nas beiradas.

Eles fizeram tudo que podiam — murmurou Noubel.

O meu neto foi assassinado, inspetor? — perguntou Jeanne. Era a primeira vez que ela falava desde que havia chegado ao hospital e sabido que já era tarde demais.

Baillard viu as mãos do inspetor, caídas ao lado de seu corpo, serem percorridas por um espasmo.

E cedo demais para dizer, madame Giraud, mas...

Estão tratando a morte dele como morte suspeita, inspetor, sim ou não?

Sim.

Obrigada — disse ela no mesmo tom de voz. — É só isso que eu queria saber.

Se não precisarem de mais nada, vou deixar vocês aqui para se despedirem — disse Noubel, começando a tomar a direção da porta. — Vou estar com madame Claudette na sala dos parentes, se precisarem de mim.

A porta se fechou com um estalo nítido. Jeanne deu um passo em direção à cama.

Tinha o rosto cinza e a boca contraída, mas suas costas e ombros estavam retos como nunca.

Ela afastou o lençol. A imobilidade da morte encheu o quarto. Baillard pôde ver 192

como Yves parecia moço. Sua pele era muito branca e lisa, sem rugas. O alto de sua cabeça estava coberto de gazes. Fios de cabelo preto saíam pelas bordas. Suas mãos, com as juntas vermelhas e arranhadas, estavam unidas sobre o peito como as de um faraó menino.

Baillard ficou olhando para Jeanne enquanto ela se inclinava e beijava o neto na testa. Então, com a mão firme, ela cobriu seu rosto e se virou.

— Vamos? — disse, segurando o braço de Baillard.

Tornaram a sair para o corredor vazio. Baillard olhou para a esquerda e para a direita, e em seguida conduziu Jeanne até uma fileira de cadeiras de plástico presas à

parede. O silêncio era opressivo. Automaticamente, eles baixaram a voz, mesmo não havendo ninguém ali para escutá-los.

— Já fazia algum tempo que eu estava preocupada com ele, Audric — disse ela. —

Eu tinha visto uma mudança nele. Ele se tornou retraído, ansioso.

Você perguntou para ele o que estava acontecendo?

Ela assentiu.

Ele disse que não era nada. Só estresse, trabalho demais.

Audric pousou a mão no braço dela.

Ele amava você, Jeanne. Talvez não estivesse acontecendo nada. Talvez estivesse.

— Ele fez uma pausa. — Se o Yves estava metido em alguma coisa errada, isso ia contra a natureza dele. A consciência dele estava atormentada. No final, na hora mais importante de todas, ele fez a coisa certa. Mandou o anel para você, sem ligar para as conseqüências.

O inspetor Noubel me perguntou sobre o anel. Ele queria saber se eu tinha falado com o Yves na segunda-feira.

O que você respondeu?

— A verdade: que não.

Audric suspirou aliviado.

— Mas você acha que o Yves estava sendo pago para passar informações, não acha, Audric? — A voz dela hesitava, mas continuava firme. — Me diga.

Eu prefiro ouvir a verdade.

Ele ergueu a mão.

Como posso falar a verdade, quando eu não sei qual é a verdade?

Então me diga do que você desconfia. Não saber... — Ela se interrompeu. — Não tem nada pior.

Baillard imaginou o instante em que a pedra havia fechado a entrada da caverna, encurralando os lá dentro. Não saber o que estava acontecendo com ela. O cheiro da caixa, o rugido das chamas, os soldados gritando enquanto eles corriam. Lugares e imagens recordadas pela metade. Não saber se ela estava viva ou morta.

Es vertat — disse ele baixinho. — É o não saber que é insuportável.

— Ele tornou a suspirar. — Tudo bem. Eu acho, sim, que o Yves estava sendo pago para dar informações, em primeiro lugar sobre a Trilogia, mas provavelmente sobre outras coisas também. Imagino que no começo tudo tenha parecido inofensivo: um telefonema aqui, outro ali, detalhes sobre onde alguém iria estar, com quem poderia conversar; mas desconfio que eles logo tenham começado a pedir mais do que ele estava disposto a dar.

"Eles"? Então você sabe quem são os responsáveis?

E só especulação — disse ele depressa. — A raça humana não muda muito,Jeanne.

Na superfície, parecemos diferentes. Evoluímos, desenvolvemos novas regras, novos padrões de vida. Cada geração afirma valores modernos e dispensa os antigos, orgulhosa de sua sofisticação, de seu conhecimento.

Parece que temos pouca coisa em comum com aqueles que vieram antes de nós. —

Ele bateu no peito. — Mas, dentro destas vestes de carne, o coração humano bate do mesmo jeito que sempre bateu. A ganância, o desejo de poder, o medo da morte, essas emoções não mudam. — A voz dele se abrandou.

— As coisas boas da vida também não mudam. O amor, a coragem, a disposição para dar a vida pelas coisas em que se acredita, a gentileza.

Será que isso vai terminar um dia?

Baillard hesitou.

Eu rezo para que sim.

Acima de suas cabeças, o relógio marcava o passar do tempo. Na outra ponta do corredor, vozes abafadas, passos, o chiado de solas de borracha sobre o piso, ouvidos por um instante, depois mais nada.

Você não vai falar com a polícia? — perguntou Jeanne depois de algum tempo.

Não acho sensato.

Você não confia no inspetor Noubel?

Benlèu. — Talvez. — A polícia devolveu a você os objetos pessoais do Yves? As roupas que ele estava usando quando foi trazido, as coisas que tinha no bolso?

As roupas estavam... não deu para salvar. O inspetor Noubel disse que ele não tinha nada no bolso a não ser a carteira e as chaves.

Nada? Nem a carte d'identité, nenhum documento, nenhum telefone? O inspetor não achou isso estranho?

Ele não disse nada.

— E o apartamento dele? Encontraram alguma coisa lá? Algum documento?

Jeanne deu de ombros.

— Não sei. — Ela fez uma pausa. — Pedi a um dos amigos dele para me fazer uma lista de quem estava na escavação na segunda à tarde. — Ela lhe entregou um pedaço de papel com alguns nomes escritos em caligrafia apressada. — Não está completa.

Ele baixou os olhos.

— E isto? — perguntou, apontando para o nome de um hotel.

Jeanne olhou.

Você queria saber onde a inglesa estava hospedada. — Ela fez uma pausa. — Ou, pelo menos, foi essa a informação que ela deu ao inspetor.

Dra. Alice Tanner — murmurou ele entre os dentes. Depois de tanto tempo, ela havia chegado até ele. — Então é para lá que vou mandar a minha carta.

Eu posso entregar a carta para você quando voltar para casa.

Não — disse ele, abrupto. Jeanne ergueu os olhos, surpresa. — Desculpe —

disse ele depressa. — É gentileza sua oferecer, mas... Não acho seguro você voltar para casa.

Pelo menos por enquanto.

Por que não?

Eles não vão demorar muito tempo para descobri que o Yves mandou o anel para você, se é que já não sabem. Por favor, fique na casa de algum amigo. Saia da cidade e 194

vá para algum lugar, com a Claudette, qualquer lugar.

Aqui não é seguro.

Para surpresa dele, ela não discutiu.

Desde que chegamos aqui que você fica olhando por cima do ombro.

Baillard sorriu. Pensava ter conseguido dissimular a própria ansiedade.

E você, Audric?

— Para mim é diferente — disse ele. — Eu estou esperando este momento há... há

mais tempo do que sou capaz de dizer, Jeanne. E assim que tem de ser,aconteça o que acontecer.

Por um instante, Jeanne não disse nada.

— Quem é ela, Audric? — perguntou baixinho. — Essa moça inglesa?

Por que ela é tão importante para você?

Ele sorriu, mas não conseguiu responder.

— E daqui, você vai para onde? — perguntou ela afinal.

Baillard soltou um arquejo. Veio-lhe à mente uma imagem de seu vilarejo, como um dia tinha sido.

— Oustâou — respondeu ele, suave. — Vou voltar para casa. A la perfin.

— Finalmente.

CAPÍTULO 41

Shelagh havia se acostumado com o escuro.

Estava presa em um estábulo, ou algum tipo de curral para animais. Havia um cheiro forte e azedo de fezes, urina, palha, e um odor adocicado e enjoativo, como carne rançosa. Uma faixa de luz branca entrava por debaixo da porta, mas ela não conseguia dizer se era o final da tarde ou o início da manhã. Não tinha sequer certeza do dia em que estavam.

A corda em volta de suas pernas ardia, irritando a pele esfolada e arranhada de seus tornozelos. Seus pulsos estavam amarrados juntos, e ela estava presa a uma das várias argolas de metal chumbadas na parede.

Shelagh mudou de posição, tentando ficar mais confortável. Insetos rastejavam por suas mãos e rosto. Ela estava coberta de picadas. Seus pulsos estavam doloridos por causa do atrito da corda, e seus ombros enrijecidos, já que os braços estavam puxados para trás havia muito tempo. Camundongos ou ratos corriam pela palha nos cantos do curral, mas ela havia se acostumado com eles do mesmo modo que havia deixado de reparar na dor.

Se ao menos ela tivesse ligado para Alice. Outro erro. Shelagh perguntou-se se Alice havia continuado, ou desistido. Se tivesse telefonado para a sede da escavação e descoberto seu desaparecimento, ela perceberia que alguma coisa estava errada, ou não? E Yves? Será que Brayling havia chamado a polícia...?

Shelagh sentiu os olhos se encherem de lágrimas. O mais provável era que não tivessem se dado conta de que ela havia desaparecido. Vários de seus colegas haviam anunciado a intenção de se afastar por alguns dias até a situação se resolver. Talvez achassem que ela houvesse feito a mesma coisa.

Já fazia algum tempo que a fome deixara de incomodá-la, de tão intensa, mas ela estava com sede. Tinha a sensação de ter engolido uma lixa. A pequena quantidade de água que tinham lhe dado havia terminado, e seus lábios estavam rachados de tanto que ela os lambera. Tentou se lembrar de quanto tempo uma pessoa normal, saudável, podia sobreviver sem água. Um dia? Uma semana?

Shelagh ouviu o barulho do cascalho sendo esmigalhado. Seu coração se contraiu e a adrenalina disparou por suas veias, como sempre que ouvia algum barulho lá fora. Até

agora, ninguém havia entrado.

Ela se ergueu até ficar sentada enquanto o cadeado era destrancado. Ouviu-se um barulho forte de metal quando a corrente caiu, dobrando-se sobre si mesma em espirais de ruído seco, depois o som da porta girando com dificuldade nas dobradiças. Shelagh desviou o rosto quando a luz do sol, agressivamente intensa, invadiu a penumbra do barracão, e um homem moreno e atarracado abaixou-se para passar pelo vão da porta.

Apesar do calor, ele usava uma jaqueta, e seus olhos estavam escondidos atrás de óculos escuros. Instintivamente, Shelagh se encolheu junto à parede, envergonhada com o nó apertado de medo no próprio estômago.

O homem atravessou o barracão em duas passadas. Agarrou a corda e puxou para pô-la de pé. Tirou uma faca do bolso.

Shelagh se retraiu, tentou se afastar.

— Non — murmurou. — Por favor. — Desprezava o tom de súplica da própria voz, mas não conseguia evitar. O terror havia levado embora todo o seu orgulho.

Ele sorriu enquanto aproximava a lâmina de sua garganta, revelando dentes apodrecidos e amarelados pelo fumo. Levou as mãos às costas dela e cortou a corda que a prendia à parede, depois deu-lhe um safanão, puxando-a para a frente. Fraca e desorientada, Shelagh perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente de joelhos.

— Não consigo andar. Você vai ter que me desamarrar. — Ela olhou para os próprios pés. — Mes pieds.

O homem hesitou por um instante, depois cortou as cordas mais grossas que prendiam seus tornozelos como se desossasse um pedaço de carne.

— Lève-toi. Vite!— Ele ergueu o braço como se fosse bater nela, mas depois tornou a puxar a corda, arrastando a em sua direção. — Vite. — As pernas dela estavam rígidas, mas ela estava assustada demais para desobedecer.

Seus tornozelos estavam rodeados de pele ferida que repuxava a cada passo, fazendo a dor subir por suas canelas como uma corrente elétrica.

O chão subia e descia debaixo de seus pés enquanto ela saía para a claridade. O sol estava forte. Ela o sentiu queimar-lhe a retina. O ar estava quente e úmido. Parecia estar sentado sobre o quintal e os prédios como um Buda maligno.

Enquanto percorria a pequena distância para sair de sua prisão improvisada, um dos vários currais abandonados que ela agora podia ver, Shelagh se forçou a olhar em volta, percebendo que aquela poderia ser a única chance que teria de descobrir para onde a tinham levado. E quem eram eles, acrescentou mentalmente. Apesar de tudo, ela não tinha certeza.

Tudo havia começado em março. Ele tinha sido encantador, gentil, e quase pedira desculpas por estar incomodando. Trabalhava para outra pessoa, explicou, alguém que desejava permanecer anônimo. Tudo que queria era que ela desse um telefonema.

Informação, só isso. Estava disposto a pagar muito bem. Pouco depois, a combinação mudou: metade pela informação, o resto contra a entrega. Pensando no assunto agora, Shelagh não tinha certeza de quando havia começado a ter dúvidas.

O cliente não se encaixava no perfil normal do colecionador que pode ser facilmente enganado e está disposto a pagar mais do que o necessário, sem fazer nenhuma 196

pergunta. Para começar, tinha uma voz jovem. Geralmente aquelas pessoas mais pareciam caçadores de recompensas medievais: supersticiosas, suscetíveis, burras, obcecadas. Ele não era nenhuma dessas coisas. Só isso já deveria ter bastado para fazer disparar seu alarme.

Retrospectivamente, parecia absurdo ela nunca ter se perguntado por que, se o anel e o livro tinham apenas um valor sentimental, ele estava disposto a fazer tanto sacrifício.

Qualquer objeção moral que Shelagh pudesse ter tido quanto ao fato de roubar e vender artefatos havia desaparecido anos atrás. Ela já tinha sofrido o suficiente nas mãos de museus antiquados e instituições acadêmicas elitistas para acreditar que eles fossem guardiães mais adequados para os tesouros antigos do que

colecionadores particulares. Ela pegava o dinheiro; eles conseguiam o que queriam. Todo mundo ficava feliz. O que acontecia depois não era problema dela.

Olhando para trás, percebeu que havia ficado com medo muito antes do segundo telefonema, e certamente semanas antes de convidar Alice para ir ao Pic de Soularac.

Então, quando Yves Biau tinha entrado em contato com ela e eles haviam comparado suas histórias... O nó em seu peito se apertou.

Se alguma coisa acontecesse com Alice, seria culpa sua.

Chegaram à sede da fazenda, uma construção de tamanho médio, rodeada de outras construções secundárias em péssimo estado, uma garagem e um depósito de vinho. A tinta das persianas e da porta da frente estava descascando, e as janelas vazias escuras pareciam bocas escancaradas. Dois carros estavam estacionados na frente da casa, mas fora isso tudo estava inteiramente deserto.

A toda volta estendiam-se horizontes ininterruptos de montanhas e vales. Pelo menos ela ainda estava nos Pireneus. Por algum motivo, aquilo lhe deu esperança.

A porta estava aberta, como se estivessem sendo aguardados. Lá dentro estava fresco, embora, à primeira vista, não houvesse ninguém. Uma camada de poeira cobria tudo. Parecia que um dia aquele lugar havia sido um hotel ou auberge. Havia uma mesa de recepção logo na entrada, encimada por uma fileira de ganchos, todos vazios, que pareciam um dia ter guardado chaves.

O homem puxava a corda para fazê-la continuar andando. Assim tão de perto, cheirava a suor, loção após barba barata e tabaco rançoso. Shelagh ouviu o som de vozes vindas de um cômodo à sua esquerda. A porta estava entre aberta. Ela desviou os olhos para tentar distinguir alguma coisa e viu, de relance, um homem em pé na frente da janela, de costas para ela. Sapatos de couro e pernas cobertas por calças claras de verão.

Ela foi forçada a subir as escadas até o segundo andar, depois a cruzar um corredor e subir outro lance de escadas confinadas, estreitas, até chegar a um sótão abafado que ocupava praticamente todo o último pavimento da casa. Pararam diante de uma porta aberta no forro.

Ele soltou as trancas e empurrou-a na base das costas, arremessando a para a frente. Ela aterrissou pesadamente, batendo com o cotovelo no chão, enquanto ele fechava a porta com violência atrás de si. Apesar da dor, Shelagh atirou-se contra a porta, gritando e esmurrando o revestimento de metal, mas a porta havia sido especialmente adaptada e era possível ver o metal cintilando nas bordas.

Acabou desistindo e se virou para examinar a nova casa. Havia um colchão encostado na parede dos fundos. Em cima dele, um cobertor cuidadosamente dobrado.

Em frente à porta havia uma pequena janela. Barras de metal haviam sido pregadas na parte interna. Shelagh atravessou o aposento com dificuldade e viu que agora estava na parte dos fundos da casa. As barras eram sólidas e não se moveram nem um centímetro quando ela as puxou. De toda forma, a altura era muito grande.

No canto havia uma pequena pia, com um balde ao lado. Ela o usou como penico e, com esforço, abriu as torneiras. Os canos gorgolejaram e tossiram como um fumante de dois maços de cigarro por dia, mas, depois de alguns alarmes falsos, um fino filete de água apareceu. Unindo as mãos imundas em concha, Shelagh bebeu até sentir cãibras na barriga. Depois lavou-se o melhor que pôde, molhando os pulsos e tornozelos machucados pelas cordas, que estavam cobertos de sangue seco.

Um pouco depois, o homem lhe trouxe algo para comer. Mais do que o normal.

— Por que eu estou aqui?

Ele pousou a bandeja no meio do quarto.

Por que você me trouxe para cá? Pourquoi je suis là?

Il te le dira.

Quem quer falar comigo?

Ele indicou a comida com um gesto.

Mange.

Você vai ter que me desamarrar. -— Depois ela repetiu. — Quem?

Me diga.

Ele empurrou a bandeja para a frente com o pé.

— Coma.

Depois que ele saiu, Shelagh atirou-se sobre a comida. Comeu cada migalha, até o miolo e os caroços da maçã , e em seguida voltou à janela. Os primeiros raios do sol irromperam acima do cume da montanha, fazendo o mundo passar de cinza para branco.

Ao longe, ela ouviu o barulho de um carro dirigindo-se lentamente para a sede da fazenda.

CAPÍTULO 42

As instruções de Karen eram precisas. Uma hora depois de sair de Carcassonne, Alice chegou aos arredores de Narbonne. Seguiu as placas que indicavam Cuxac d'Aude e Capestang por uma estrada bonita, ladeada por bambuzais altos e mato sacudidos pelo vento, abrigando campos verdes e férteis. A paisagem era muito diferente das montanhas da Ariège ou da garrigue das Corbières.

Eram quase duas horas quando Alice chegou a Sallèles d'Aude. Estacionou debaixo das limeiras e pinheiros que margeavam o Canal du Midi, logo abaixo da eclusa, depois foi andando por ruas bonitas até chegar à rue des Burgues.

A pequenina casa de três andares de Grace ficava na esquina e dava diretamente para a rua. Uma roseira, com brotos cor de carmim pendendo pesados dos galhos, emoldurava a antiquada porta de madeira e as grandes janelas de persianas marrons. A fechadura estava emperrada, e Alice teve de sacudir a pesada chave de latão até

conseguir fazê-la girar. Deu um bom empurrão e um rápido pontapé na porta. Esta se abriu gemendo, arrastando-se sobre o chão de lajotas pretas e brancas e os jornais gratuitos que a prendiam pelo lado de dentro.

A porta dava para um único cômodo no térreo, com a cozinha à esquerda e uma grande área de estar à direita. A casa estava fria e úmida, com o cheiro estagnado de um lugar que passou muito tempo fechado. O ar frio se enroscou em suas pernas nuas como um gato. Alice tentou o interruptor de luz, mas a força havia sido desligada.

198

Recolhendo a correspondência não-solicitada e os folhetos e pondo-os sobre a mesa para tirá-los do caminho, ela se inclinou sobre a pia, abriu a janela e lutou com a trava complicada até conseguir prender as persianas.

Uma chaleira elétrica e um fogão modelo antigo com uma grelha alta eram o mais próximo que sua tia conseguira chegar dos confortos modernos. O escorredor de louça estava vazio e a pia, limpa, embora algumas esponjas, rígidas como velhos ossos ressequidos, estivessem presas atrás das torneiras.

Alice atravessou a sala e abriu a grande janela da sala de estar, afastando as pesadas persianas marrons. Imediatamente, o sol inundou o aposento, transformando-o.

Inclinando-se para fora, ela inalou o aroma das rosas, relaxando por um instante sob o toque do ar quente de verão, deixando que ele levasse embora as sensações de desconforto. Sentia-se uma intrusa, bisbilhotando a vida de outra pessoa sem permissão.

Duas poltronas de encosto alto estavam dispostas de um lado e de outro da lareira.

O revestimento da chaminé era de pedra cinza, e alguns enfeites de porcelana estavam dispostos sobre o parapeito, cobertos de poeira. Dentro da lareira ainda havia os resquícios enegrecidos de um fogo. Alice os cutucou com o pé e eles desabaram, fazendo subir uma nuvem de cinza fina que flutuou sobre tudo em volta.

Pendurado na parede ao lado da lareira havia um quadro a óleo retratando uma casa de pedra com um telhado oblíquo de telhas vermelhas, localizada entre campos de girassol e vinhedos. Alice espiou o garrancho de assinatura no canto inferior direito: BAILLARD.

Uma mesa de jantar, quatro cadeiras e um aparador ocupavam os fundos da sala.

Alice abriu as portas e encontrou um conjunto de porta copos e jogos americanos, decorados com imagens de catedrais francesas, uma pilha de guardanapos de pano e um faqueiro de prata, que tilintou bem alto quando ela fechou a gaveta. A louça de melhor qualidade — travessas de mesa, jarra de creme, tigelas para sobremesa e uma molheira

— estava guardada nas prateleiras mais baixas.

Bem no fundo da sala havia duas portas. A primeira revelou-se um armário de serviço

— tábua de passar, pá e vassoura de lixo, outra vassoura de cabo comprido, alguns ganchos para casacos e vários sacos plásticos do supermercado Géant enfiados uns dentro dos outros. A segunda porta escondia a escada.

Suas sandálias estalaram nos degraus de madeira quando ela subiu a escada no escuro. Logo adiante havia um banheiro funcional, ladrilhado de rosa, com um pedaço de sabão ressecado na pia e uma flanela dura de tão seca pendurada em um gancho ao lado do espelho sem ornamentos.

O quarto de Grace ficava à esquerda. A cama de solteiro estava feita, com lençóis, cobertores e um pesado edredom de penas. Sobre uma cômoda de mogno na cabeceira havia um velhíssimo frasco de Leite de Magnésia com uma crosta branca ao redor do gargalo e uma biografia de Eleonora da Aquitânia escrita por Alison Weir.

A visão de um antigo marcador de livro assinalando a página tocou seu coração.

Podia imaginar Grace apagando a luz para ir dormir, inserindo o marcador na página em que havia parado a leitura. Mas o tempo havia se esgotado. Ela morrera antes de ter tempo de terminar. Sentindo-se atipicamente sentimental, Alice separou o livro. Pretendia levá-lo consigo e dar-lhe um lar.

Na gaveta da mesinha-de-cabeceira havia um sachê de lavanda, a fita cor de rosa que o fechava desbotada de tão velha, assim como uma receita médica e uma caixa de lenços de papel. Vários outros livros estavam enfileirados no espaço abaixo da gaveta. Alice se agachou e inclinou a cabeça para o lado de modo a ler as lombadas, como sempre incapaz de resistir a bisbilhotar o que outras pessoas

tinham em suas estantes. Os livros eram em sua maioria o que ela esperava. Um ou dois de Mary Stewart, alguns de Joanna Trollopes, uma velha edição de clube do livro de Peyton Place e um livro fino sobre os cátaros. O nome do autor estava impresso em maiúsculas: A. S. BAILLARD. Alice arqueou as sobrancelhas. Seria o mesmo autor do quadro do térreo? O nome da 199

tradutora estava impresso logo abaixo: J. GIRAUD.

Alice virou o livro e leu a quarta capa. O autor havia escrito uma tradução do Evangelho de São João para o occitano, bem como vários livros sobre o Egito Antigo e uma biografia premiada de Jean-François Champollion, o estudioso do século XIX que havia decifrado o segredo dos hieróglifos.

Algo se acendeu na mente de Alice. A biblioteca em Toulouse com os mapas, quadros e ilustrações piscando na tela diante de seus olhos. Outra vez o Egito.

A ilustração de capa do livro de Baillard era uma fotografia de um castelo em ruínas envolto em uma bruma cor de púrpura, perigosamente empoleirado no alto de uma rocha íngreme. Alice o reconheceu pelos postais e guias como Montségur.

Folheou o livro. As páginas se abriram por conta própria onde começava o último terço do volume, no lugar em que um pedaço de cartolina fora inserido na lombada. Alice começou a ler:

A cidadela fortificada de Montségur fica no alto da montanha, a quase uma hora de subida do vilarejo de Montségur. Muitas vezes escondida por nuvens, três lados do castelo foram escavados na própria rocha. Trata-se de uma fortaleza natural extraordinária. O que resta dela não remonta ao século XIII, mas às guerras de ocupação mais recentes.

Mesmo assim, o espírito do lugar continua a lembrar o visitante de seu passado.

São muitas as lendas associadas à Montségur — a montanha segura. Alguns acreditam que ela seja um templo solar, outros que serviu de inspiração para o Munsalvaesche de Wagner, seu Refugio ou Montanha do Graal na maior de suas obras, Parsifal. Outros acreditavam que ali fora o último lugar de descanso do Graal. Já foi sugerido que os cátaros eram os guardais do Cálice de Cristo, junto com muitos outros tesouros do Templo de Salomão em Jerusalém, ou talvez do ouro dos visigodos e de outras riquezas de origem não especificada.

Embora se acredite que o tesouro cátaro tenha sido contrabandeado para fora da cidadela cercada em janeiro de 1244, pouco antes da derrota final, a fortuna jamais foi encontrada. Os boatos de que esse tesouro precioso dentre todos os outros se perdeu são imprecisos. *

Alice seguiu o asterisco até o pé da página. Em vez de uma nota, o que havia era uma citação do Evangelho de São João, capítulo oito, versículo 32: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”.

Ela arqueou as sobrancelhas. Aquilo não parecia ter muito a ver com o texto.

Alice pôs o livro de Baillard junto com os outros que pretendia levar e, em seguida, foi até o quarto dos fundos.

Nele havia uma velha máquina de costura Singer, estranhamente inglesa naquela casa francesa de grossas paredes. Sua mãe tinha uma igualzinha àquela, e passava horas sentada costurando, enchendo a casa com as reconfortantes batidas e roncos do pedal.

Alice passou a mão sobre a superfície empoeirada. A máquina parecia em bom estado. Abriu os compartimentos um de cada vez e encontrou carretéis de linha de algodão, agulhas, alfinetes, pedaços de renda e fitas, uma carteia de antiquados fechos de pressão prateados e uma caixa de botões sortidos.

Virou-se para a escrivaninha de carvalho perto da janela, que dava para um pequeno quintal fechado atrás da casa. As primeiras duas gavetas estavam forradas de papel de parede, mas completamente vazias. A terceira, surpreendentemente, estava trancada, embora a chave houvesse sido deixada na fechadura.

Com uma mistura de força e sacudidelas na pequena chave prateada, Alice conseguiu abri-la. No fundo havia uma caixa de sapatos. Ela a tirou da gaveta e pôs em cima da escrivaninha.

Dentro da caixa estava tudo muito bem arrumado. Havia uma pilha de fotos presa 200

por um barbante. Por cima, uma única carta solta. Estava endereçada a Mme. Tanner em uma caligrafia preta e miúda. O selo do correio dizia Carcassonne, 16 Mars 2005, e a palavra PRIORITAIRE estava carimbada por cima em vermelho.

Não havia endereço do remetente atrás, apenas um nome impresso na mesma caligrafia da frente: Expéditeur Audric S. Baillard.

Alice enfiou os dedos no envelope e tirou lá de dentro uma única folha de papel grosso cor de creme. Não havia data, endereço nem explicação, apenas um poema escrito na mesma caligrafia:

Bona nuèit, bona nuèit... Braves amics, pica mièja-nuèit Cal finir velhada Ejos la flassada.

Uma lembrança tênue varreu a superfície de sua mente como uma canção há muito esquecida. As palavras gravadas no alto dos degraus da caverna. Ela podia jurar que era a mesma língua, sua mente inconsciente fazendo a conexão que sua mente consciente era incapaz de fazer.

Alice recostou-se na cama. Dezesseis de março, poucos dias antes da morte de sua tia-avó. Será que ela mesma pusera a carta na caixa, ou alguma outra pessoa fizera isso? O

próprio Baillard?

Deixando o poema de lado, Alice desatou o barbante.

Eram dez fotografias ao todo, todas em preto-e-branco e organizadas em ordem cronológica. O mês, local e data estavam escritos atrás a lápis, em maiúsculas. A primeira era um retrato de estúdio de um menino sério vestido com um uniforme escolar, cabelos penteados rente à cabeça com um repartido bem visível. Alice virou a foto. Atrás estava escrito com tinta azul FREDERICK WILLIAM TANNER, SETEMBRO DE 1937. Em uma caligrafia diferente.

Seu coração deu um salto. A mesma foto de seu pai havia ficado exposta acima da lareira de sua casa, ao lado do retrato de casamento dos pais e de uma foto da própria Alice aos seis anos de idade, usando um vestido inteiriço de festa de mangas bufantes.

Ela acompanhou os contornos de seu rosto com o dedo. Aquilo provava, no mínimo, que Grace sabia da existência do irmão caçula, mesmo que os dois nunca tivessem se encontrado.

Alice pôs a foto de lado e passou à seguinte, percorrendo a pilha de forma

metódica. A primeira foto que encontrou da tia era surpreendentemente recente, tirada em um festival de verão em julho de 1958.

A semelhança de família era nítida. Assim como Alice, Grace era uma mulher mignon, com traços delicados, quase etéreos, embora seus cabelos fossem lisos e grisalhos e estivessem cortados bem curtos. Grace encarava a câmera de frente, a bolsa segura com firmeza diante do corpo como uma barreira.

A última foto era outra de Grace, alguns anos mais velha, em pé ao lado de um homem também idoso. Alice franziu o cenho. Ele lhe lembrava alguém. Ela inclinou ligeiramente a foto, para mudar o modo como a luz incidia sobre a imagem.

Os dois estavam em pé na frente de uma velha parede de pedra. Havia algo formal na pose, como se não se conhecessem bem. Pelas roupas, devia ser final de primavera ou verão. Grace usava um vestido de mangas curtas, com uma faixa na cintura. Seu companheiro era alto e muito magro, e usava um terno de verão claro. Seu rosto estava oculto pela sombra do panamá, mas suas mãos manchadas e enrugadas denunciavam-lhe a idade.

Na parede atrás deles, podia-se ver parte de uma placa de rua francesa. Alice olhou com atenção para a pequena placa e conseguiu decifrar as palavras Rue des Trois Degrés. A legenda atrás da foto estava escrita na caligrafia miúda de Baillard: A.B. e G.T.,junh 1982, Chartres.

Chartres de novo. Grace e Audric Baillard, tinha que ser. E 1982, o ano em que seus 201

pais haviam morado.

Deixando aquela de lado também, Alice retirou o único objeto que faltava da caixa, um pequeno livro antigo. O couro preto estava rachado e fechado por um zíper cor de bronze corroído, e as palavras BÍBLIA SAGRADA estavam gravadas em dourado na frente.

Depois de várias tentativas, Alice conseguiu abri-la. A primeira vista, parecia mais uma edição padrão da tradução inglesa. Foi só quando chegou ao último quarto do livro que descobriu que um buraco havia sido aberto nas páginas para criar um esconderijo raso e retangular, com cerca de dez centímetros por sete.

Lá dentro, bem dobradas, havia várias folhas de papel que Alice retirou com cuidado. Um disco de pedra claro, do tamanho de uma moeda de um euro, caiu do meio dos papéis e aterrissou em seu colo. Era chato e muito fino, feito de pedra, não de metal.

Surpresa, ela o equilibrou entre os dedos. Havia duas letras gravadas. NS. Seriam pontos cardeais? As iniciais de alguém? Algum tipo de moeda?

Alice virou o disco. Gravado do outro lado estava o labirinto, idêntico em todos os detalhes às marcas na parte interna do anel e na parede da caverna.

O bom senso lhe disse que devia haver uma explicação perfeitamente aceitável para aquela coincidência, embora naquele momento ela não conseguisse pensar em nenhuma.

Olhou apreensiva para os papéis que abrigavam o disco. Estava nervosa com o que poderia descobrir, mas também curiosa demais para não abri-los.

Você não pode parar agora.

Alice começou a desdobrar as folhas. Precisou se conter para não dar um suspiro de alívio. Era apenas uma genealogia. A primeira folha trazia o título ARBRE GÉNÉALOGIQUE.

A tinta estava desbotada e difícil de ler em alguns trechos, mas algumas palavras se destacavam. A maioria dos nomes estava em preto mas, na segunda linha, um deles estava escrito em tinta vermelha: ALAÏS PELLETIER DUMAS (1193-). Alice não conseguiu decifrar o nome escrito ao lado desse, mas na linha de baixo, ligeiramente mais à direita, havia outro nome, SAJHË DE SERVIAN, escrito em verde. Ao lado dos dois nomes havia um pequeno e delicado emblema dourado. Alice pegou o disco de pedra e o pôs ao lado do símbolo na página, com o lado do desenho para cima. Eram idênticos.

Uma por uma, ela foi virando as páginas até chegar à última. Lá encontrou um registro para Grace, com a data de sua morte acrescentada em tinta de cor diferente.

Abaixo disso, e mais para o lado, apareciam os pais de Alice.

O último registro era o seu. ALICE HELENA (1976-), escrito em tinta vermelha.

Ao lado, o símbolo do labirinto.

Com os joelhos dobrados junto ao queixo e os braços em volta das pernas, Alice perdeu a conta de quanto tempo permaneceu sentada no quarto silencioso e abandonado. Por fim, compreendeu. O passado estava lhe estendendo a mão. Quer ela quisesse ou não.

CAPÍTULO 43

A viagem de volta de Sallèles d'Aude a Carcassonne passou em um borrão. Quando Alice entrou no hotel, o saguão estava lotado de recém-chegados, então ela mesma pegou a chave do gancho e subiu sem ninguém notar.

Quando ia destrancar a porta, reparou que estava entreaberta.

Alice hesitou. Pôs a caixa de sapato e os livros no chão, depois abriu a porta com cuidado.

—Allô? Olá?

Passeou os olhos pelo quarto. Tudo lá dentro parecia estar como ela havia deixado. Ainda apreensiva, Alice passou por cima dos objetos que havia deixado no vão da porta e deu um passo cauteloso para dentro do quarto. Parou. Flutuava no ar um cheiro de baunilha e tabaco rançoso.

Houve um movimento atrás da porta. Seu coração pulou até a boca. Ela se virou depressa, bem a tempo de ver uma jaqueta cinza e cabelos pretos refletidos no espelho, antes de levar um empurrão no peito e cair para trás com violência. Sua cabeça bateu na porta espelhada do guarda-roupa, fazendo os cabides de arame no cabideiro lá dentro chacoalharem como bolas de gude em um telhado de zinco.

As bordas do quarto ficaram embaçadas. Tudo dançava, fora de foco. Alice piscou.

Podia ouvi-lo descer o corredor correndo. Vá atrás dele. Depressa.

Alice se levantou titubeando e foi atrás do homem. Desembestou-se escada

abaixo e chegou ao saguão, onde um grande grupo de italianos impedia sua saída. Em pânico, correu os olhos pelo aposento movimentado, bem a tempo de ver o homem desaparecer pela entrada lateral.

Foi empurrando a floresta de pessoas e bagagens, tropeçando em malas e sacolas, e saiu atrás dele para o jardim. Ele já estava no alto da subida. Reunindo seus últimos resquícios de energia, Alice saiu correndo, mas ele era rápido demais.

Quando ela chegou à rua principal, não havia nem sinal do homem. Ele desaparecera em meio às hordas de turistas que desciam da Cité. Alice levou as mãos aos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Depois se endireitou e tocou a parte de trás da cabeça com os dedos. Um galo já estava se formando.

Com um último olhar para a rua, Alice virou as costas e caminhou de volta à

recepção. Pedindo desculpas, foi direto para a frente da fila.

— Pardon, mais vous lávez vu?

A moça da recepção fez cara de contrariada.

— Vou atender a senhora assim que terminar com este senhor — disse.

— Infelizmente não vai dar para esperar — disse Alice. — Alguém entrou no meu quarto. Ele acabou de sair correndo. Faz poucos minutos.

— Madame, por favor, se a senhora puder esperar um minutinho... Alice levantou a voz para todo mundo poder ouvir.

— Il y avait quelquún dans ma chambre. Un voleur.

Um silêncio se abateu sobre a recepção lotada. Os olhos da moça se arregalaram. Ela deslizou para fora do banco onde estava sentada e desapareceu.

Segundos depois, o dono do hotel surgiu e conduziu Alice para longe do saguão principal.

— Qual foi o problema, madame? — perguntou ele em voz baixa. Alice explicou.

— A porta não foi forçada — disse ele, verificando o trinco, depois de acompanhá-la até seu andar.

Com o dono do hotel a observá-la do vão da porta, Alice verificou se alguma coisa estava faltando. Para sua surpresa, estava tudo lá. Seu passaporte continuava no fundo do armário, embora tivesse sido mexido. O mesmo se aplicava ao conteúdo de sua mochila. Nada estava faltando, mas tudo estava ligeiramente fora do lugar. Não chegava a ser uma prova convincente.

Alice verificou o banheiro. Por fim, encontrou alguma coisa.

— Monsieur, síl vous plaît — chamou. Apontou para a pia. — Regardez.

203

Era possível sentir um forte cheiro de lavanda no lugar onde seu sabonete fora despedaçado. O tubo de sua pasta de dentes também havia sido rasgado, e o conteúdo espremido para fora.

— Voilà. Comme je vous ai dit. — Como eu lhe disse.

Ele parecia preocupado, mas ainda em dúvida. Madame gostaria que ele chamasse a polícia? É claro que ele perguntaria aos outros hóspedes se eles haviam escutado alguma coisa, mas já que nada parecia estar faltando...? Ele deixou a pergunta no ar.

Subitamente, o choque a atingiu. Aquilo não era um roubo aleatório. Quem quer que fosse, estava procurando alguma coisa específica, alguma coisa que pensava que estivesse com ela.

Quem sabia que ela estava naquele hotel? Noubel, Paul Authié, Karen Fleury e sua equipe, Shelagh. Até onde ela sabia, mais ninguém.

Não — disse ela depressa. — A polícia, não. Já que nada foi roubado. Mas eu quero me mudar para outro quarto. — Ele começou a protestar que o hotel estava lotado, depois parou ao ver a expressão no rosto dela.

— Vou ver o que posso fazer.

Vinte minutos depois, Alice estava acomodada em outra parte do hotel.

Estava nervosa. Pela segunda ou terceira vez, verificou que a porta estava trancada e as janelas bem fechadas. Sentou-se na cama rodeada por suas coisas, tentando decidir o que fazer. Levantou-se, caminhou pelo pequeno quarto, tornou a se sentar, tornou a se levantar. Ainda não tinha certeza de que não deveria se mudar para outro hotel.

E se ele voltar hoje à noite?

Um alarme disparou. Alice deu um pulo, antes de perceber que era só o seu celular, tocando no bolso de sua jaqueta.

— Allô, oui?

Foi um alívio ouvir a voz de Stephen, um dos colegas de Shelagh na escavação.

— Oi, Steve. Não, desculpe. Acabei de chegar. Ainda não tive tempo de olhar os recados. Está tudo bem?

Enquanto escutava, seu rosto foi perdendo a cor enquanto ele lhe contava que a escavação estava sendo fechada.

— Mas por quê? Que motivo o Brayling deu?

— Ele disse que não podia fazer nada.

— Só por causa dos esqueletos?

— A polícia não disse.

O coração dela começou a bater forte.

— A polícia estava lá quando o Brayling anunciou isso? — perguntou.

— Eles estavam lá em parte por causa da Shelagh — disse ele, depois parou. — Eu queria te perguntar, Alice: você falou com ela alguma vez desde que foi embora?

— Não tenho notícia dela desde segunda-feira. Tentei ligar várias vezes ontem, mas ela não retornou nenhuma das minhas ligações. Por quê?

Alice percebeu que tinha se levantado enquanto esperava Stephen responder.

— Parece que ela sumiu — disse ele, por fim. — O Brayling está tendendo a interpretar o sumiço dela de um jeito meio sinistro. Ele desconfia que ela roubou alguma coisa da escavação.

— A Shelagh não faria isso! — exclamou Alice. — De jeito nenhum. Ela não é do tipo...

Porém, enquanto falava, lembrou-se novamente da imagem do rosto pálido e irado de Shelagh. Sentia-se desleal, mas subitamente estava menos confiante.

— É isso que a polícia pensa também? — perguntou.

— Não sei. Só sei que está tudo um pouco esquisito — disse ele, vago. — Um dos policiais que estava na escavação segunda-feira morreu atropelado em Foix, e o carro fugiu — continuou ele. — Saiu no jornal. Parece que a Shelagh e ele se conheciam.

Alice desabou sobre a cama.

— Desculpe, Steve. Estou achando difícil absorver tudo isso. Alguém está

procurando por ela? Alguém está fazendo alguma coisa?

— Tem uma coisa que podemos fazer — disse ele, hesitante. — Eu mesmo faria, mas vou voltar para casa amanhã bem cedo. Não tenho por que ficar aqui.

— O que é?

— Antes da escavação começar, sei que a Shelagh estava hospedada na casa de uns amigos em Chartres. Pensei que talvez ela pudesse ter ido para lá e esquecido de avisar.

Alice achava aquilo pouco provável, mas era melhor do que nada.

— Eu liguei para o número. Um cara atendeu e disse que nunca tinha ouvido falar na Shelagh, mas eu tenho certeza de que foi esse o telefone que ela me deu. Estava gravado na memória do meu celular.

Alice pegou um lápis e um papel.

— Me dê o número. Vou tentar também — disse, preparada para escrever.

Sua mão congelou.

— Desculpe, Steve. — Sua voz soava oca, como se ela estivesse falando de um lugar muito distante. — Pode repetir, por favor?

— É 02 68 72 31 26 — repetiu ele. — Você me avisa se descobrir alguma coisa?

Era o mesmo número que Biau lhe dera.

— Pode deixar — disse ela, mal consciente do que estava dizendo. — Eu te ligo.

Alice sabia que deveria telefonar para Noubel. Contar-lhe sobre o não-roubo e sobre seu encontro com Biau, mas hesitava. Não tinha certeza de que podia confiar em Noubel.

Ele não havia feito nada para deter Authié.

Pôs a mão dentro da mochila e tirou lá de dentro seu mapa rodoviário da França. A idéia é maluca. São pelo menos oito horas de estrada.

Alguma coisa a incomodava, bem no fundo de sua mente. Tornou a olhar as anotações que havia feito na biblioteca.

Em meio à montanha de palavras sobre a catedral de Chartres, havia uma referência passageira ao Santo Graal. Lá também existia um labirinto. Alice encontrou o parágrafo que estava procurando. Leu-o duas vezes, para garantir que não havia entendido mal, depois puxou a cadeira de baixo da mesa com violência e sentou-se com o livro de Audric Baillard, abrindo-o na página marcada.

"Outros acreditavam que ali fora o último lugar de descanso do Graal. Já foi sugerido que os cátaros eram os guardiões do Cálice de Cristo...".

O tesouro cátaro tinha sido contrabandeado para fora de Montségur. Para o Pic de Soularac, talvez? Alice voltou a atenção para o mapa no início do livro. Montségur não ficava muito longe dos Montes Sabarthès. E se o tesouro

estivesse escondido lá?

205

O que liga Chartres a Carcassonne?

Ao longe, ouviu os primeiros rugidos do trovão. O quarto agora estava banhado em uma estranha luz laranja, que vinha dos postes da rua e se refletia na parte de baixo das nuvens noturnas. Um vento havia começado a soprar, fazendo estremecer as persianas e varrendo dejetos pelos estacionamentos.

Quando Alice estava fechando as cortinas, os primeiros pesados pingos de chuva começaram a cair, explodindo como gotas de tinta preta sobre o parapeito da janela. Sua vontade era ir embora naquele mesmo instante. Mas já estava tarde, e não queria se arriscar dirigindo sob o temporal.

Trancou as janelas e portas, ajustou o despertador e, em seguida, deitou-se de roupa e tudo para esperar pela manhã.

No início, foi tudo a mesma coisa. Conhecido, pacífico. Ela flutuava em um mundo branco e etéreo, transparente e silencioso. Então, como a porta do alçapão que se abre sob o cadafalso, sentiu um súbito puxão e foi caindo pelo céu aberto em direção à encosta arborizada da montanha, que subia veloz a seu encontro.

Ela sabia onde estava. Em Montségur, no começo do verão.

Alice começou a correr assim que seus pés tocaram o chão, tropeçando por uma trilha de floresta íngreme e acidentada entre duas colunas de árvores altas. As árvores eram densas, imensas, e pairavam acima dela. Ela se agarrava aos galhos para diminuir o ritmo, mas suas mãos passavam direto por eles, e punhados de pequenas folhas, desprendendo-se como cabelos de uma escova, manchavam de verde as pontas de seus dedos.

A trilha continuava a descer sob seus pés. Alice tinha consciência do chacoalhar de seixos e pedregulhos, que haviam substituído a terra macia, o musgo e os gravetos da trilha mais acima na montanha. Mesmo assim, o silêncio continuava total. Nenhum pássaro cantava, nenhuma voz chamava, não havia nada, exceto sua própria respiração entrecortada.

A trilha se dobrava e tornava a se voltar sobre si mesma, fazendo-a correr para um lado e para outro, até ela fazer uma curva e ver o muro de fogo silencioso que bloqueava o caminho adiante. Ergueu as mãos para proteger o rosto das chamas vermelhas, alaranjadas e amarelas que tremeluziam e inflavam, golpeando e rodopiando no ar como juncos sob a superfície de um rio.

Então, o sonho começou a mudar. Dessa vez, em vez da multidão de rostos tomando forma nas chamas, havia apenas um: uma moça de expressão suave, porém decidida, que estendia o braço e pegava o livro da mão de Alice.

Ela estava cantando, com a voz límpida como prata.

"Bona nuèit, bona nuèit."

Dessa vez, nenhum dedo frio agarrou seus tornozelos nem a jogou no chão. O fogo não a atraía mais. Então ela começou a girar em espiral pelo ar como uma coluna de fumaça, com os braços magros e fortes da mulher a abraçá-la, segurando-a firme. Ela estava segura.

"Braves amics, pica mièja-nuèit."

Alice sorriu enquanto, juntas, elas continuavam a subir cada vez mais alto em direção à luz, deixando o mundo bem longe lá embaixo.

206



CAPÍTULO 44

Carcassona

JULHET 1209

Alaïs acordou cedo, despertada pelos barulhos de serras e martelos no pátio lá

embaixo. Olhou pela janela e viu as galerias e parapeitos de madeira que estavam sendo construídos sobre as muralhas do Château Comtal.

O impressionante esqueleto de madeira tomava forma rapidamente. Como uma passarela coberta no céu, ele era o posto perfeito de onde os arqueiros podiam fazer chover uma saraivada de flechas sobre o inimigo, na eventualidade improvável de que as muralhas da Cité em si fossem invadidas.

Ela se vestiu depressa e desceu correndo para o pátio. Na ferraria, as fogueiras rugiam. Martelos e bigornas ressoavam enquanto armas eram afiadas e modeladas; sapadores gritavam uns com os outros em frases curtas e incisivas enquanto os eixos, cordas e contrapesos das pèireras, as balistas, eram preparados.

Alaïs viu Guilhem em pé do lado de fora do estábulo. Seu coração deu um pulo.

Repare em mim. Ele não se virou nem ergueu os olhos. Alaïs levantou a mão para chamá-lo, mas então foi dominada pela covardia e deixou o braço tornar a cair ao lado do corpo.

Não se humilharia implorando pela afeição dele quando ele não estava disposto a dá-la.

As cenas de trabalho no interior do Château Comtal se reproduziam na Cité. Pedras de Corbières estavam sendo empilhadas bem alto na praça central, prontas para as balistas e catapultas. Um fedor azedo de urina vinha dos curtumes, onde peles de animais estavam sendo preparadas para proteger as galerias do fogo. Uma procissão constante de carroças entrava pela Porte Narbonnaise, trazendo comida para o abastecimento da Cité: carne salgada de La Piège e do Lauragais, vinho do Carcassès, cevada e trigo das planícies, feijões e lentilhas das hortas de Sant-Miquel e Sant-Vicens.

Havia um sentimento de orgulho e determinação por trás de toda aquela atividade.

Somente as nuvens de fumaça preta malcheirosa acima do rio e dos brejos ao norte —onde o visconde Trencavel havia ordenado que os moinhos fossem queimados e as colheitas, destruídas — serviam de lembrete do quão iminente e real era a ameaça.

Alaïs esperou por Sajhë no ponto de encontro combinado. Tinha a cabeça cheia de perguntas que queria fazer a Esclarmonde, e estas entravam e saíam de sua mente, primeiro uma, depois a outra, como pássaros sobre um rio. Quando Sajhë

chegou, ela já

estava muda de tanta expectativa.

Seguiu-o por ruas sem nome até o subúrbio de Sant-Miquel, onde chegaram a uma porta baixa aberta nas muralhas externas. O barulho de homens cavando trincheiras para evitar que o inimigo se aproximasse o suficiente para minar as muralhas era muito alto.

Sajhë teve de gritar para que ela o ouvisse.

— Menina está esperando lá dentro — disse ele, com uma expressão subitamente solene.

— Você não vai entrar?

— Ela me disse para trazer você, depois voltar para o Chatêau para encontrar o intendente Pelletier.

— Procure-o na Cour d´Honneur — disse ela.

— Está bem — respondeu ele, novamente sorrindo. — Vejo você mais tarde.

Alaïs abriu a porta com um empurrão e chamou, ansiando por ver Esclarmonde, depois deteve o passo. Nas sombras, pôde ver uma segunda figura sentada em uma cadeira no canto da sala.

— Entre, entre — disse Esclarmonde, o sorriso transparecendo na voz. — Acho que você já conhece Simeon.

Alaïs ficou atônita.

— Simeon? Já? — exclamou, encantada, correndo até ele e segurando-lhe as mãos.

— Que novidades você traz? Quando chegou em Carcassona?Onde está hospedado?

Simeon deu uma risada gostosa e genuína.

— Quantas perguntas! Quanta pressa de saber tudo, e tão rapidamente!Bertrand disse que, quando você era pequena, nunca parava de fazer perguntas.

Alaïs reconheceu a verdade disso com um sorriso. Deslizou pelo banco em frente à

mesa e aceitou a caneca de vinho que Esclarmonde oferecia, escutando enquanto ela e Simeon continuavam a conversar. Já parecia haver uma ligação entre os dois, uma familiaridade.

Ele era um ótimo contador de histórias, tecendo lembranças de sua vida em Chartres e Besièrs com reminiscências de sua vida na Terra Santa. O tempo passou depressa, enquanto ele falava sobre as colinas da Judéia na primavera, contava-lhes sobre as planícies de Sepal, cobertas de lírios, íris amarelas e roxas e amendoeiras cor-de-rosa, que se estendiam como um tapete até os confins da Terra. Alaïs estava fascinada.

As sombras ficaram mais compridas. À medida que a tarde caía, a atmosfera foi mudando, sem que Alaïs tivesse consciência de que isso acontecia. Percebeu um tremor nervoso no próprio estômago, uma preparação do que estava por vir. Imaginou se seria assim que Guilhem ou o pai se sentiam na véspera de uma batalha. Aquela sensação de tempo em precário equilíbrio.

Desviou os olhos para Esclarmonde, que tinha as mãos unidas no colo e o rosto sereno. Parecia composta e controlada.

— Tenho certeza de que meu pai logo estará aqui — disse ela, sentindo-se responsável pela demorada ausência dele. — Ele me deu sua palavra.

— Sabemos disso — disse Simeon, afagando sua mão. A pele dele era dura como pergaminho.

— Pode ser que não possamos esperar muito mais — disse Esclarmonde, olhando para a porta que permanecia firmemente fechada. — Os donos desta casa logo vão voltar.

Alaïs notou que os dois trocavam um olhar. Incapaz de suportar a tensão por mais tempo, inclinou-se para frente.

— Ontem você não respondeu à minha pergunta, Esclarmonde. — Ficou

espantada ao ouvir a firmeza da própria voz. — Você também é uma guardiã? O livro que meu pai procura está guardado com você?

Por um instante, suas palavras pareceram ficar suspensas no ar entre eles, sem que ninguém as assumisse. Então, para surpresa de Alaïs, Simeon deu uma risadinha.

— Quanto seu pai lhe contou sobre a Noublesso? — perguntou ele, os olhos pretos brilhando.

— Que havia sempre cinco guardiões, que juraram proteger os livros da Trilogia do Labirinto.

— E ele explicou por que eram cinco?Alaïs fez que não com a cabeça.

— O Navigatairé, o líder, tem sempre a ajuda de quatro iniciados. Juntos, eles

representam os cinco pontos do corpo humano e o poder do número cinco. Cada guardião é escolhido por sua fortitude, sua determinação e sua lealdade. Cristão, sarraceno, judeu: é nossa alma e nossa coragem que importam, não o sangue ou a raça.

Isso também reflete a natureza do segredo que juramos proteger, que pertence a todas as fés e a nenhuma. — Ele sorriu. —Há mais de 2 mil anos a Noublesso de los Seres existe, embora nem sempre com esse nome, para guardar e proteger o segredo. Algumas vezes nossa presença esteve oculta, outras vezes vivemos abertamente. Alaïs virou-se para Esclarmonde.

— Meu pai não está querendo aceitar a sua identidade. Ele não consegue acreditar.

— Vai contra o que ele esperava.

— Sempre foi assim com Bertrand — disse Simeon, rindo.

-— Ele nunca poderia esperar que o quinto guardião fosse uma mulher

— disse Alaïs, saindo em defesa do pai.

— Isso era menos incomum no passado — disse Simeon. — O Egito, a Assíria, Roma, Babilônia, essas culturas antigas de que você já ouviu falar demonstravam mais respeito com as mulheres do que estes nossos tempos obscuros.

Alaïs pensou por um instante.

— Você acha que Harif tem razão em acreditar que os livros ficarão mais seguros nas montanhas? — perguntou.

Simeon ergueu as mãos.

— Não cabe a nós buscar a verdade nem questionar o que vai ou não acontecer.

Nossa tarefa é simplesmente guardar os livros e protegê-los do perigo. Para garantir que estejam prontos quando forem necessários.

— Foi por isso que Harif escolheu seu pai para levar os livros, em vez de um de nós dois — continuou Esclarmonde. — Sua posição faz dele o envoi mais indicado. Ele tem acesso a homens e cavalos, e pode viajar com mais liberdade do que qualquer um de nós.

Alaïs hesitou, sem querer ser desleal com o pai.

— Ele está relutante em deixar o visconde. Está dividido entre suas antigas lealdades e as novas.

— Todos temos conflitos assim — disse Simeon. — Todos já nos vimos em uma situação em que nos esforçamos para escolher o melhor caminho a seguir. Bertrand tem sorte por ter vivido tanto tempo sem precisar fazer a escolha dele.

— Ele segurou a mão de Alaïs entre as suas. — Bertrand não pode demorar, Alaïs.

Você precisa insistir com ele para que assuma suas responsabilidades. O fato de Carcassona nunca ter caído não significa que jamais vá cair.

Alaïs sentiu os olhos dos dois a observá-la. Levantou-se e foi até onde o fogo estava aceso. Seu coração disparava à medida que uma idéia se formava em sua mente.

— E permitido que outra pessoa aja no lugar dele? — perguntou com a voz firme.

Esclarmonde entendeu.

— Não acho que seu pai vá permitir isso. Você é preciosa demais para ele. Alaïs tornou a se virar de frente para eles.

— Antes de viajar para Montpelhièr, ele me julgava capaz dessa tarefa. Em princípio, ele já me deu permissão.

Simeon aquiesceu.

— Isso é verdade, mas a situação muda a cada dia. À medida que os franceses se
209

aproximam das fronteiras das terras do visconde Trencavel, as estradas se tornam mais perigosas, como eu mesmo constatei. Não vai demorar muito para qualquer viagem ficar arriscada demais.

Alaïs insistiu.

— Mas eu estarei indo na direção oposta — disse ela, olhando de um para o outro.

— E vocês não responderam à minha pergunta. Se as tradições da Noublesso não proíbem que eu tire esse fardo dos ombros do meu pai, então eu ofereço meus serviços no lugar dele. Sou mais do que capaz de proteger a mim mesma. Sou excelente amazona, sei manejar a espada e o arco. Ninguém nunca vai desconfiar que eu...

Simeon ergueu a mão.

— Você está interpretando mal a nossa hesitação, filha. Eu certamente não duvido de sua coragem nem de sua resolução.

— Então me dê sua bênção.

Simeon suspirou e virou-se para Esclarmonde.

— Irmã, o que você diz? Se Bertrand concordar, é claro.

— Eu lhe imploro, Esclarmonde, aprove o meu pedido — suplicou Alaïs.— Eu conheço meu pai.

— Não posso prometer nada — disse ela por fim, mas não vou me opor a você. —

Alaïs permitiu que um sorriso surgisse em seu rosto. — Mas você deve respeitar a decisão dele — continuou Esclarmonde. — Se ele não lhe der permissão, você precisa aceitar.

Ele não pode dizer não. Eu não vou deixar.

— Vou obedecer, é claro — disse ela.

A porta se abriu e Sajhë irrompeu sala adentro, seguido por Bertrand Pelletier.

Pelletier abraçou Alaïs, cumprimentou Simeon com grande alívio e afeição, e então prestou suas homenagens mais formais a Esclarmonde. Alaïs e Sajhë foram buscar vinho e pão enquanto Simeon explicava o que havia acontecido entre eles até então.

Para surpresa de Alaïs, seu pai escutou em silêncio e sem comentários.

Sajhë de início arregalou os olhos, mas logo ficou com sono e enroscou-se junto da avó. Alaïs participou da conversa, sabendo que Simeon e Esclarmonde defenderiam seu caso melhor do que ela própria. Mas, de vez em quando, lançava um olhar na direção do pai. Seu rosto estava cinza e enrugado, e ele parecia exausto. Ela podia ver que ele não sabia o que fazer.

Por fim, não havia mais palavras a dizer. Um silêncio ansioso abateu-se sobre o pequeno aposento. Todos esperavam, e ninguém tinha certeza da decisão que seria tomada.

Alaïs pigarreou.

— Então, paire. Qual é a sua decisão? O senhor me dará permissão para ir? Pelletier suspirou.

— Não quero colocar você em risco.Alaïs desanimou.

— Eu sei, e sou grata pelo amor que tem por mim. Mas eu quero ajudar.Sou capaz disso.

— Eu tenho uma sugestão que talvez satisfaça vocês dois — disse Esclarmonde baixinho. — Permita que Alaïs viaje com a Trilogia, mas somente parte do caminho, até

Limoux, digamos. Tenho amigos que podem lhe dar hospedagem segura. Quando seu trabalho aqui estiver terminado e o visconde Trencavel puder dispensá-lo, o senhor poderá ir encontrá-la e os dois farão juntos a viagem até a montanha.

Pelletier fez uma cara zangada.

— Não vejo como isso pode ajudar. A loucura de fazer uma viagem assim nestes tempos inseguros vai atrair atenção, que é justamente o que queremos evitar. Além disso, não sei dizer até quando minhas responsabilidades vão me manter em Carcassona.

Os olhos de Alaïs brilharam.

— Isso é fácil. Eu poderia anunciar que estou cumprindo um juramento particular feito na ocasião do meu casamento — disse ela, improvisando conforme ia falando. —

Poderia dizer que desejo dar um presente ao abade de Saint-Hilaire. Daqui até Limoux, a distância é bem pequena.

— Essa súbita demonstração de devoção não vai convencer ninguém,muito menos o seu marido — disse Pelletier, em um repentino rompante de bom humor.

Simeon sacudiu o dedo.

— E uma excelente idéia, Bertrand. Ninguém questionaria uma peregrinação assim em um momento destes. Além do mais, Alaïs é filha do intendente de

Carcassona. Ninguém ousaria questionar suas intenções.

Pelletier se remexeu na cadeira, a expressão obstinada e impassível.

— Ainda acho que a Trilogia está mais bem protegida aqui, dentro da Ciutat. Harif não pode estar tão bem informado sobre a situação quanto nós.Carcassona não vai ser tomada.

— Qualquer cidade, por mais forte, por mais inexpugnável que seja,pode cair.

Você sabe disso. As instruções do Navigatairé são para lhe entregar os livros nas montanhas. — Ele encarou Pelletier com seus olhos negros. —Entendo que não se sinta capaz de abandonar o visconde Trencavel neste momento. Você já disse isso, e nós aceitamos. É a sua consciência que está ditando seu comportamento, para o bem ou para o mal. — Ele fez uma pausa. —Mas, se você não pode ir, outra pessoa precisa ir no seu lugar.

Alaïs podia ver como era difícil para o pai conciliar as emoções contraditórias.

Comovida, estendeu a mão e a pousou por cima da dele. Ele não disse nada, mas reconheceu o gesto da filha apertando-lhe os dedos.

— Aquò es vòstre — disse ela baixinho. Deixe-me fazer isto por você.Pelletier deixou um longo suspiro escapar de seus lábios.

— Você correrá grande perigo, filha. — Alaïs aquiesceu. — Mesmo assim quer fazer isto?

— Será uma honra servir assim ao senhor.Simeon pousou a mão no ombro de Pelletier.

— Ela é corajosa, esta sua filha. Leal. Como você, meu velho amigo.Alaïs mal se atrevia a respirar.

— Meu coração me diz para não concordar com isto — disse Pelletier por fim. —

Minha cabeça diz o contrário, então... — Fez uma pausa, como se temesse o que estava prestes a dizer. — Se seu marido e dama Agnès a deixarem ir, e Esclarmonde também irá

como acompanhante, então darei minha permissão.

Alaïs se inclinou por cima da mesa e beijou o pai nos lábios.

— Você fez a escolha certa — disse Simeon, os olhos brilhando.

— Quantos homens pode nos arrumar, intendente Pelletier? — perguntou Esclarmonde.

— Quatro homens armados, seis no máximo.

— E em quanto tempo isso pode ser organizado?

— Em menos de uma semana — respondeu Pelletier. — Agir depressa demais vai atrair atenção. Preciso pedir permissão a dama Agnès e você, Alaïs,a seu marido. — Ela abriu a boca para dizer que Guilhem mal perceberia sua ausência, mas depois resolveu não dizer nada. — Para esse seu plano funcionar,filha, é preciso respeitar a etiqueta. — Sem mais nenhuma indecisão aparente no rosto ou na atitude, ele se levantou para ir embora. —

Alaïs, volte para o Château Comtal e procure François. Informe-o sobre seus planos, sem dar nenhum detalhe, e diga-lhe para vir ao meu encontro o quanto antes.

— O senhor não vem?

— Irei agora mesmo.

— Muito bem. Devo levar comigo o livro de Esclarmonde?

Pelletier deu um sorriso torto.

— Já que Esclarmonde vai acompanhá-la, Alaïs, tenho certeza de que o livro ficará

seguro com ela por mais algum tempo.

— Não foi minha intenção sugerir...

Pelletier deu um tapinha na bolsa debaixo de sua capa.

— Mas quanto ao livro de Simeon... — Enfiou a mão dentro da roupa e retirou a capa de pele de carneiro que Alaïs vira de relance em Besièrs, quando Simeon a entregara.

— Leve-o para o Château. Costure-o dentro de sua capa de viagem. Mais tarde irei buscar o Livro das Palavras.

Alaïs pegou o livro e o pôs na bolsa, depois ergueu os olhos para o pai.

— Obrigada, paire, por depositar sua confiança em mim.Pelletier enrubesceu. Sajhë

pôs-se de pé desajeitadamente.

— Vou cuidar para que dama Alaïs chegue bem em casa — disse ele.Todos riram.

— Faça isso, gentilòme — disse Pelletier, dando-lhe um tapinha nas costas. — Todas as nossas esperanças repousam nos ombros dela.

— Vejo nela as suas qualidades — disse Simeon enquanto caminhavam na direção dos portões que conduziam para fora de Sant-Miquel até o subúrbio judaico, mais além.

— É corajosa, obstinada, leal. Não desiste com facilidade. Sua filha mais velha também é

tão parecida com você?

— Oriane puxou a mãe — respondeu Pelletier, sucinto. — Tem a aparência e o temperamento de Marguerite.

— Muitas vezes acontece assim. Algumas vezes um filho puxa a um dos pais, outras vezes ao outro. — Ele fez uma pausa. — Ela é casada com o escrivan do visconde Trencavel?

Pelletier suspirou.

— Não é um casamento feliz. Congost não é moço, e é intolerante como jeito dela.

Apesar de tudo isso, é um homem de boa posição dentro da casa.

Caminharam mais alguns passos em silêncio.

— Se ela puxou a Marguerite, deve ser bonita.

— Oriane tem um charme e uma graça que atraem o olhar. Muitos homens gostariam de cortejá-la. Alguns não fazem nenhuma questão de esconder isso.

— Suas filhas devem ser um grande conforto para você.Pelletier lançou um olhar para Simeon.

— Alaïs, sim. — Hesitou. — Talvez a culpa seja minha, mas acho a companhia de Oriane menos... Tento ser imparcial, mas infelizmente acho que as duas não se gostam muito.

— Uma pena — murmurou Simeon.Haviam chegado aos portões. Pelletier parou.

— Gostaria de poder convencê-lo a ficar dentro da Ciutat. Em Sant-Miquel, pelo menos. Se nossos inimigos estão próximos, não serei capaz de protegê-lo fora dos muros...

Simeon pôs a mão sobre o braço de Pelletier.

— Você se preocupa demais, meu amigo. Meu papel agora terminou.Eu lhe dei o livro que me havia sido confiado. Os outros dois livros também estão dentro desses muros. Você tem Esclarmonde e Alaïs para ajudá-lo. O que alguém iria querer comigo agora? — Ele encarou o amigo com olhos escuros e cintilantes.
— Meu lugar é junto ao meu povo.

Algo no tom de voz de Simeon deixou Pelletier alarmado.

— Não vou aceitar nada de definitivo nesta despedida — disse ele, impetuoso.
—

Estaremos bebendo vinho juntos antes do final do mês, ouça o que eu digo.

— Não é de suas palavras que desconfio, meu amigo, mas das espadas dos franceses.

— Aposto que na primavera que vem tudo já vai estar terminado. Os franceses terão voltado mancando para casa, com o rabo entre as pernas, o conde de Toulouse estará buscando uma nova aliança, e você e eu estaremos sentados junto ao fogo recordando nossa juventude perdida.

— Pas a pas, se va luènh — disse Simeon, abraçando-o. — E dê minhas lembranças afetuosas a Harif. Diga-lhe que ainda estou esperando aquela partida de xadrez que ele me prometeu trinta anos atrás!

Pelletier ergueu a mão em despedida enquanto Simeon atravessava os portões.

Ele não olhou para trás.

— Intendente Pelletier!

Pelletier continuava a olhar para a multidão de pessoas caminhando em direção ao rio, mas não conseguia mais distinguir Simeon.

— Messire!— repetiu o mensageiro, com o rosto vermelho e sem fôlego.

— O que foi?

— Precisam do senhor na Porte Narbonnaise, messire. Surgiram problemas.

CAPÍTULO 45

Alaïs abriu a porta de seu quarto e entrou correndo.

— Guilhem?

Embora quisesse ficar sozinha e não tivesse esperanças de que fosse acontecer outra coisa, ainda assim ficou desapontada ao encontrar o quarto vazio.

Alaïs trancou a porta, desafivelou a bolsa da cintura, pousou-a sobre a mesa e retirou o livro de sua capa protetora. Tinha o tamanho de um saltério feminino. As capas externas de madeira eram revestidas de couro, bem simples e um pouco

gastas nos cantos.

Alaïs desamarrou as tiras de couro e o livro se abriu em suas mãos, como uma borboleta exibindo as asas. A primeira página estava vazia, com exceção de um pequenino cálice impresso no centro em folha de ouro, brilhando como uma jóia sobre o grosso pergaminho cor de creme. Não era maior do que o símbolo no anel de seu pai ou o merel 213

que ela havia segurado nas mãos por tão pouco tempo.

Ela virou a página. Quatro linhas pretas surgiram diante de seus olhos, escritas em caligrafia rebuscada e elegante.

Nas bordas do livro havia imagens e símbolos, um padrão repetido como uma costura em volta da bainha de uma capa. Pássaros, animais, figuras de braços compridos e dedos pontudos. Alaïs soltou uma exclamação.

São os rostos e figuras dos meus sonhos.

Uma por uma, foi virando as páginas. Estavam todas cobertas por linhas de caligrafia preta, sem nada no verso. Ela reconheceu palavras na língua de Simeon, embora não as compreendesse. A maior parte do livro estava escrita na sua própria língua. A primeira letra de cada página era iluminada, em vermelho, azul ou amarelo debruado de ouro, mas fora isso as letras eram simples. Não havia nenhuma ilustração nas margens, nenhuma outra letra destacada dentro do corpo do texto, e as palavras seguiam umas às outras com poucas lacunas ou indicações para mostrar onde terminava um pensamento e onde começava outro.

Alaïs chegou ao pergaminho escondido no meio do livro. Era mais grosso e mais escuro do que as páginas ao seu redor, feito de pele de cabra em vez de velino. Em vez de símbolos ou ilustrações, havia apenas umas poucas palavras, acompanhadas por fileiras de números e medidas. Parecia um tipo de mapa.

Ela mal conseguia distinguir pequenas flechas que apontavam em diferentes direções. Algumas eram douradas, mas a maioria era preta.

Alaïs tentou ler a página desde o cabeçalho, da esquerda para a direita, mas nada fez sentido e ela acabou desistindo. Em seguida tentou decifrar a página de baixo para cima, da direita para a esquerda, como a janela de vitral de uma igreja, mas isso também não fez sentido. Finalmente, leu as linhas alternadamente, ou

escolheu palavras de uma linha a cada três, mas ainda assim não entendeu nada.

Olhe além das imagens visíveis para os segredos escondidos por trás delas.

Ela se concentrou. Cada guardião tinha sua habilidade e seu conhecimento.

Esclarmonde tinha sua capacidade de curar e cuidar, então Harif lhe havia confiado a guarda do Livro das Poções. Simeon era estudioso de um antigo sistema judaico de números, portanto coubera a ele o Livro dos Números.

O que levara Harif a escolher seu pai como guardião do Livro das Palavras?

Profundamente imersa em seus pensamentos, Alaïs acendeu a lamparina e foi até

sua mesa de cabeceira. Pegou um pergaminho, tinta e uma pena. Pelletier fizera questão de que as filhas aprendessem a ler e escrever, já que na Terra Santa havia aprendido o valor dessas coisas. Oriane só dava importância a conhecimentos adequados a uma senhora do lar — dança, canto, falcoaria e bordado. A escrita, como ela sempre dizia, era para velhos e padres. Alaïs, porém, havia agarrado a oportunidade com as duas mãos.

Aprendera depressa e, embora tivesse poucas oportunidades de utilizar seus conhecimentos, tinha-os em grande estima.

Alaïs espalhou seu material de escrever sobre a mesa. Não entendia o pergaminho, e tampouco poderia esperar reproduzir a técnica apurada, as cores e o estilo. Mas podia pelo menos fazer uma cópia enquanto tinha oportunidade.

Levou algum tempo, mas finalmente terminou e estendeu a cópia em pergaminho para secar sobre a mesa. Então, consciente de que o pai poderia voltar ao Château Comtal a qualquer momento com o Livro das Palavras, Alaïs logo se concentrou em esconder o livro como ele havia sugerido.

Sua capa vermelha preferida não servia. O tecido era delicado demais e a bainha, saliente. Em vez disso, escolheu uma pesada capa marrom. Era uma roupa de inverno, destinada à caça, mas não tinha jeito. Com dedos hábeis, Alaïs desfez a passementerie 214

na frente até abrir um buraco grande o bastante para pode inserir o livro lá dentro. Em seguida pegou o fio que Sajhë lhe trouxera do mercado, que

correspondia exatamente à cor do tecido, e costurou o livro na parte de trás, bem firme.

Alaïs ergueu a capa e a pôs sobre os ombros. Ainda estava desigual mas, quando tivesse também o livro do pai, ficaria equilibrada.

Tinha só mais uma tarefa a cumprir. Deixando a capa dobrada sobre o espaldar da cadeira, Alaïs voltou à escrivaninha para ver se a tinta havia secado. Sabendo que a qualquer momento poderia ser interrompida, dobrou o pergaminho e o inseriu dentro de um sachê de lavanda. Costurou a abertura, de forma que ninguém encontrasse o pergaminho por acaso, e tornou a pôr o sachê debaixo do travesseiro.

Alaïs olhou em volta, satisfeita com seu trabalho, e começou a guardar seu material de costura.

Alguém bateu na porta. Alaïs correu para abrir, esperando ver o pai. Em vez disso, deparou-se com Guilhem em pé diante da porta, sem saber se seria bem recebido. O

conhecido meio sorriso, os olhos de menino perdido.

— Posso entrar, dama? — perguntou ele baixinho.

O instinto dela era correr para abraçá-lo. A cautela a impediu. Coisas demais haviam sido ditas. E muito pouco havia sido perdoado.

— Posso?

— O quarto também é seu — disse ela, casual. — Eu não poderia impedir a sua entrada.

— Que formalidade — disse ele, fechando a porta atrás de si. — Eu gostaria que a sua resposta fosse motivada pelo prazer, não pelo dever.

— Estou... — Ela hesitou, desestabilizada pelo desejo intenso que a invadia. — Estou feliz em vê-lo, messire.

— Você parece cansada — disse ele, estendendo a mão para tocar-lhe o rosto.

Como seria fácil ceder. Entregar-se inteira a ele.

Ela fechou os olhos, quase sentindo os dedos dele se movendo sobre sua pele. Uma carícia, leve como um sussurro, natural como a respiração. Alaïs se imaginou inclinando-se na direção dele, permitindo que ele a tomasse em seus braços. A presença dele a deixava tonta, fazia-a se sentir fraca.

Não posso. Não devo.

Alaïs forçou-se a abrir os olhos e deu um passo para trás.

— Não — sussurrou. — Por favor, não.

Guilhem pegou a mão dela e a segurou entre as suas. Alaïs podia ver que ele estava nervoso.

— Em breve... a não ser que Deus intervenha, teremos de enfrentá-los.Quando chegar a hora, Alzeu, Thierry, os outros, nós todos iremos. E podemos não voltar.

— Sim — disse ela baixinho, desejando que um pouco da antiga vivacidade retornasse ao rosto dele.

— Desde que você chegou de Besièrs, eu me comportei mal com você,Alaïs, sem motivo nem justificação. Estou arrependido e venho pedir o seu perdão. Muitas vezes sinto ciúmes, e o meu ciúme me leva a dizer coisas...coisas... de que me arrependo.

Alaïs manteve o olhar firme mas, insegura quanto às próprias sensações, não se sentiu confiante o bastante para dizer nada. Guilhem chegou mais perto.

— Mas não está contrariada por me ver.Ela sorriu.

— Você está afastado de mim há tanto tempo, Guilhem. Nem sei muito bem o que sentir.

— Quer que a deixe sozinha?

Alaïs sentiu lágrimas brotando dos olhos, o que lhe deu coragem para continuar firme. Não queria que ele a visse chorar.

— Acho que seria melhor. — Enfiou a mão dentro da gola do vestido e tirou um lenço, que pôs na mão dele. — Ainda há tempo para as coisas se acertarem entre nós.

— Tempo é a única coisa que não temos, pequena Alaïs — disse ele,suave. — Mas, se Deus e os franceses permitirem, voltarei amanhã.

Alaïs pensou nos livros e na responsabilidade que pesava sobre seus ombros. Pensou em como poderia partir logo. Talvez nunca mais volte a vê-lo. Seu coração se partiu em dois. Ela hesitou, e então o abraçou com fúria, como para imprimir em si o contorno dele.

Então, tão depressa quanto o havia abraçado, soltou-o.

— Estamos todos nas mãos de Deus — disse. — Agora, por favor,Guilhem, vá

embora.

— Amanhã?

— Veremos.

Alaïs ficou parada como uma estátua, as mãos apertadas na frente do corpo para impedir que tremessem, até a porta se fechar e Guilhem ir embora. Então, perdida nos próprios pensamentos, caminhou de volta até a mesa, perguntando-se o que o levara até ela. Amor? Arrependimento? Ou alguma outra coisa?

CAPÍTULO 46

Simeon ergueu os olhos para o céu. Nuvens cinza brigavam por espaço, escondendo o sol. Já havia percorrido uma boa distância desde que saíra da Cité, mas queria voltar para onde estava hospedado antes que desabasse o temporal.

Quando chegou aos arredores da mata que separava as planícies do lado de fora de Carcassonne do rio, diminuiu o passo. Estava ofegante, também, velho demais para viajar tão longe a pé. Apoiou-se pesadamente na bengala e afrouxou o colarinho da túnica. Não faltava muito agora. Esther o estaria esperando com

uma refeição, talvez um pouco de vinho. A idéia lhe devolveu as forças. Quem sabe Bertrand tinha razão? Talvez na primavera estivesse tudo terminado.

Simeon não percebeu os dois homens que surgiram atrás dele no caminho. Não teve consciência do braço erguido, do porrete descendo sobre sua cabeça, até sentir o golpe e perder os sentidos.

Quando Pelletier chegou à Porte Narbonnaise, uma multidão já havia se juntado.

— Deixem-me passar — gritou, afastando todos aos empurrões até chegar à frente da turba. Um homem estava caído de quatro no chão. O sangue jorrava de um corte em sua testa.

Dois homens armados estavam em pé junto dele, as lanças apontadas para seu pescoço. O homem era obviamente um músico. Seu tambor estava rasgado, e sua flauta havia sido partida em dois e jogada para o lado, como ossos em um banquete.

— O que está acontecendo, em nome de Sant-Foy? — perguntou Pelletier.— O que este homem fez?

— Não parou quando mandamos — respondeu o mais velho dos soldados. Seu rosto era uma colcha de retalhos de cicatrizes e ferimentos antigos. —Ele não tem autorização.

Pelletier se agachou ao lado do músico.

— Sou Bertrand Pelletier, intendente do visconde. O que está fazendo em Carcassona?

Os olhos do homem se abriram por uma fração de segundo.

— Intendente Pelletier? — murmurou ele, apertando o braço de Pelletier.

— Sou eu. Fale, amigo.

— Besièrs es presa. — Béziers foi conquistada.

Ali perto, uma mulher conteve um grito e levou a mão à boca. Profundamente chocado, Pelletier pôs-se instintivamente de pé.

— Vocês — ordenou —, vão buscar reforços para substituí-los aqui e ajudem a levar este homem para o Château. Se ele não recuperar a fala devido aos seus maus-tratos, será pior para vocês. — Pelletier se virou para a multidão. — Ouçam bem o que vou dizer — gritou. — Nenhum cidadão deve falar sobre o que escutou aqui. Logo vamos saber a verdade.

Quando chegaram ao Château Comtal, Pelletier ordenou que o músico fosse levado às cozinhas para cuidar de seus ferimentos, enquanto ele próprio ia imediatamente informar o visconde Trencavel. Pouco tempo depois, fortalecido por vinho doce e mel, o músico foi levado até o donjon.

Estava pálido, mas no controle de suas emoções. Temendo que as pernas do homem não o sustentassem, Pelletier mandou buscar um banco para que ele pudesse fazer seu relato sentado.

— Diga-nos seu nome, amic — falou ele.

— Pierre du Murviel, messire.

O visconde Trencavel estava sentado no meio, com os aliados em semicírculo ao seu redor.

— Benvenguda, Pierre du Murviel — disse ele. — Você tem notícias para nós.

Sentado muito ereto, com as mãos nos joelhos, rosto branco como leite, ele pigarreou e começou a falar. Nascera em Béziers, embora houvesse passado os últimos anos nas cortes de Navarra e Aragão. Era músico, e havia aprendido seu ofício com ninguém menos do que Raimon de Mirval, o melhor trovador do Midi. Fora por isso que recebera um convite do suserano de Béziers. Vendo ali uma oportunidade de tornar a visitar a família, havia aceitado e voltado para casa.

Sua voz estava tão baixa que os ouvintes precisavam se esforçar para escutar o que ele dizia.

— Conte-nos sobre Besièrs — disse Trencavel. — Não deixe nenhum detalhe de fora.

— O exército francês chegou aos muros na véspera da festa de Santa-Maria Magdalena, e montou acampamento ao longo da margem esquerda do rio Orb. Mais perto do rio ficaram os peregrinos e mercenários, mendigos e desafortunados, uma mistura sem nexo de homens, descalços e vestindo apenas calças e camisas. Mais longe, as cores dos barões e religiosos flutuavam acima de seus pavilhões formando uma massa de verde, dourado e vermelho. Eles construíram mastros e derrubaram árvores para fazer cercados para os animais.

— Quem foi enviado para parlamentar?

— O bispo de Besièrs, Renaud de Montpeyroux.

— Dizem que ele é um traidor, messire — falou Pelletier, inclinando-se para frente e sussurrando em seu ouvido —, e que ele já abraçou a cruz.

— O bispo Montpeyroux voltou com uma lista de supostos hereges estabelecida pelos legados papais. Não sei quantos nomes havia no pergaminho, messire, mas certamente eram centenas. Os nomes dos mais influentes,mais ricos e mais nobres cidadãos de Besièrs estavam escritos ali, assim como os dos seguidores da nova igreja e daqueles acusados de serem bons homes. Se os cônsules entregassem os hereges, Besièrs seria poupada. Caso contrário...— Ele deixou as palavras no ar.

— Qual foi a resposta dos cônsules? — perguntou Pelletier. Aquela era a primeira indicação se sua aliança iria ou não resistir contra os franceses.

— Que prefeririam ser afogados no mar de sal a se render ou trair seus co-cidadãos.

Trencavel deu um leve suspiro.

— O bispo saiu da cidade, levando consigo um pequeno número de padres católicos. O comandante de nossa guarnição, Bernard de Servian, começou a organizar as defesas.

Ele parou e engoliu em seco. Até mesmo Congost, inclinado sobre seu pergaminho, parou de escrever e ergueu os olhos.

— A manhã do dia 22 de julho surgiu calma. Fazia calor, mesmo ao amanhecer.

Um grupo de cruzados, meros acompanhantes, que sequer eram soldados, foram até o rio, logo abaixo das fortificações ao sul da cidade. Era possível vê-los dos muros. Insultos foram trocados. Um dos routiers andou até a ponte, fanfarrão, berrando insultos. Aquilo irritou tanto nossos rapazes nos muros que eles se armaram de lanças, porretes, até

mesmo um tambor e uma bandeira improvisados. Determinados a dar uma lição nos franceses, abriram o portão e investiram encosta abaixo antes que alguém percebesse o que estava acontecendo, gritando a plenos pulmões, e atacaram o homem. O ataque durou poucos instantes. Eles atiraram o corpo do routier morto de cima da ponte para dentro do rio.

Pelletier olhou de relance para o visconde Trencavel. Ele estava pálido.

— Dos muros, o povo da cidade gritava para os rapazes voltarem, mas eles estavam embriagados demais pela própria valentia para escutar. O barulho da confusão atraiu a atenção do capitão dos mercenários, o roi, como seus homens o chamam. Vendo o portão aberto, ele deu ordem para atacar. Os rapazes enfim perceberam o perigo, mas era tarde demais. Os routiers os mataram ali mesmo. Os poucos que conseguiram voltar tentaram trancar o portão,mas os routiers foram rápidos demais, e estavam demasiado bem armados.Forçaram a passagem e mantiveram o portão aberto.

“Em instantes, soldados franceses começaram a golpear os muros, armados de picaretas e enxadas, e armaram escadas”. Bernard de Servian fez o melhor que pôde para defender os baluartes e manter o controle da torre, mas tudo aconteceu depressa demais. Os mercenários assumiram o controle do portão.

"Uma vez dentro da cidade, os cruzados deram início ao massacre. Havia corpos por toda parte, mortos e mutilados; o sangue subia até nossos joelhos. Crianças foram arrancadas dos braços das mães e espetadas em pontas de lanças e espadas. Cabeças foram cortadas e penduradas nos muros para os corvos bicarem, e era como se uma fileira de gárgulas sangrentas, feitas de carne e osso, não de pedra, observassem a nossa derrota. Massacraram quem estivesse pela frente, sem distinção de idade ou sexo."

O visconde Trencavel não conseguiu mais ficar calado.

— Mas como os legados ou os barões franceses não impediram esse banho de sangue? Eles não sabiam o que estava acontecendo?

Du Murviel levantou a cabeça.

— Sabiam, messire.

— Mas um massacre de gente inocente vai contra qualquer noção de honra, qualquer convenção de guerra — disse Pierre-Roger de Cabaret. —Não posso acreditar que o abade de Cîteaux, por maior que seja sua devoção e seu ódio pela heresia, tenha permitido a matança de mulheres e crianças cristãs, sem confissão?

— Dizem que perguntaram ao abade como ele distinguiria os bons católicos dos hereges. "Tuez-les tous. Dieu reconnaîtra les siens" — disse du Murviel com a voz oca. —

"Mate-os todos. Deus reconhecerá os seus." Pelo menos é o que dizem que ele falou.

Trencavel e de Cabaret trocaram olhares.

— Continue — ordenou Pelletier, sombrio. — Termine sua história.

— Os grandes sinos de Besièrs deram o alarme. Mulheres e crianças encheram as igrejas de Sant-Jude e Santa-Maria Magdalena na cidade alta,milhares de pessoas aglomeradas como animais em um curral. Os padres católicos envergaram suas vestes e cantaram o réquiem, mas os cruzados derrubaram a porta e mataram todo mundo. A voz lhe faltou.

— Em poucas horas, toda a nossa cidade havia sido transformada em um abatedouro. A pilhagem começou. Todas as nossas belas casas foram destruídas pela ganância e pela barbárie. Só então, por ganância, não por consciência, foi que os barões franceses tentaram controlar os routiers. Estes, por sua vez, ficaram furiosos ao serem privados dos saques que haviam conseguido,então incendiaram a cidade para que ninguém pudesse sair ganhando. As casas de madeira dos bairros pobres queimaram como uma fogueira. As vigas da catedral pegaram fogo e desabaram, matando todos que estavam lá

dentro. As chamas foram tão violentas que a catedral se partiu ao meio.

— Diga-me uma coisa, amic. Quantos sobreviveram? — perguntou o visconde.

O músico abaixou a cabeça.

— Nenhum, messire. Fora os poucos que conseguiram fugir da cidade,como eu.

Todos os outros morreram.

— Vinte mil mortos em uma única manhã — murmurou Raymond-Roger horrorizado. — Como pode ser?

Ninguém respondeu. Não havia palavras para traduzir aquilo. Trencavel levantou a cabeça e olhou para o músico ainda sentado.

— Você viu coisas que nenhum homem deveria ver, Pierre du Murviel.Demonstrou grande bravura e coragem ao trazer-nos estas notícias. Carcassona está em débito com você

e tomarei providências para que seja bem recompensado. — Ele fez uma pausa. — Antes de ir embora, eu gostaria de lhe fazer mais uma pergunta. Meu tio, o conde de Toulouse, participou do saque à cidade?

— Acredito que não, messire. Segundo os boatos, ele ficou no acampamento francês.

Trencavel olhou para Pelletier.

— Pelo menos é alguma coisa.

— E na viagem até Carcassona, você cruzou com alguém na estrada? — perguntou Pelletier. — A notícia desse massacre se espalhou?

— Não sei, messire. Fiquei longe das estradas principais, e segui os antigos passos pelos desfiladeiros de Lagrasse. Mas não vi nenhum soldado.

O visconde Trencavel olhou para seus cônsules, para ver se tinham alguma pergunta a fazer, mas ninguém falou nada.

— Muito bem — disse ele, voltando-se para o músico. — Pode ir. Mais uma

vez, obrigado.

219

Assim que du Murviel foi conduzido para fora do aposento, Trencavel se virou para Pelletier.

— Por que não fomos avisados? Não posso acreditar que não ouvimos sequer rumores. Já se passaram quatro dias desde o massacre.

— Se a história de du Murviel for verdade, quem sobrou para espalhar a notícia? —perguntou de Cabaret, desconsolado.

— Mesmo assim — disse Trencavel, desdenhando o comentário comum gesto da mão. — Mandem cavaleiros imediatamente, tantos quanto for possível. Precisamos saber se a Hoste continua em Besièrs ou se já está marchando para o leste. Sua vitória os fará andar mais rápido.

Todos fizeram uma mesura quando ele se levantou.

— Ordenem aos cônsules que publiquem a má notícia pela Ciutat. Vou para a capela Santa-Maria. Mandem minha mulher me encontrar lá.

Pelletier tinha a sensação de ter as pernas imobilizadas dentro de uma armadura ao subir a escada para a ala residencial do castelo. Parecia haver alguma coisa em volta de seu peito, uma faixa ou atadura, que o impedia de respirar livremente.

Alaïs o estava esperando na porta.

— O senhor trouxe o livro? — perguntou, ansiosa. A expressão no rosto dele a fez parar. — O que houve? Aconteceu alguma coisa?

— Não foi a Sant-Nasari, filha. Chegaram notícias. — Pelletier sentou-se pesadamente sobre uma cadeira.

— Que notícias? — Ele ouviu o temor na voz dela.

— Besièrs caiu — disse ele. — Há três, quatro dias. Ninguém sobreviveu.Alaïs cambaleou até o banco.

— Todos mortos? — disse, horrorizada. — Mulheres e crianças também?

— Agora estamos à beira do abismo — disse ele. — Se eles são capazes de tamanha atrocidade com pessoas inocentes...

Ela se sentou ao lado dele.

— O que vai acontecer agora? — perguntou.

Pela primeira vez em sua lembrança, Pelletier ouviu medo na voz da filha.

— Só podemos esperar para ver — disse ele.

Sentiu, mais do que ouviu, a filha tomar fôlego antes de falar.

— Mas isso não faz diferença para o que combinamos — disse ela, cautelosa. — Você

vai permitir que eu leve a Trilogia para um lugar seguro.

— A situação mudou.

Uma expressão de determinação apoderou-se dela.

— Com todo respeito, paire, há ainda mais razão para nos deixar ir. Senão formos, os livros vão ficar presos dentro da Ciutat. Não pode ser isso que o senhor quer. — Ela fez uma pausa. Ele não respondeu. — Depois de tudo que o senhor, Simeon e Esclarmonde sacrificaram, todos estes anos se escondendo, mantendo os livros seguros, tudo para fracassar no final.

— O que aconteceu em Besièrs não vai acontecer aqui — disse ele, firme. —

Carcassona é capaz de resistir a um cerco. Vai resistir. Os livros estarão seguros aqui.

Alaïs estendeu o braço por cima da mesa e segurou a mão dele.

— Eu lhe suplico, não volte atrás em sua palavra.

— Arèst, Alaïs — disse ele, incisivo. — Não sabemos onde o exército está. A tragédia que se abateu sobre Besièrs já é notícia velha. Vários dias se passaram desde esses acontecimentos, mesmo que para nós eles sejam novidade. Uma guarda avançada já

pode estar a distância de ataque da Ciutat. Se eu a deixasse ir, estaria assinando sua sentença de morte.

— Mas...

— Eu a proíbo de ir. É perigoso demais.

— Estou preparada para correr o risco.

— Não, Alaïs! — gritou ele, o medo a alimentar-lhe a raiva. — Não vou sacrificar você. O dever é meu, não seu.

— Então venha comigo! — gritou ela. — Hoje à noite. Vamos pegar os livros e ir embora, agora, enquanto ainda temos chance.

— E perigoso demais — repetiu ele, teimoso.

— O senhor acha que eu não sei disso? Sim, pode ser que nossa viagem termine na ponta de uma espada francesa. Mas certamente é melhor morrer tentando do que deixar o medo do que pode acontecer tirar nossa coragem.

Para sua surpresa e frustração, ele sorriu.

— Seu destemor lhe faz jus, filha — disse ele, embora soasse derrotado.— Mas os livros ficam na Ciutat.

Alaïs ficou olhando para ele boquiaberta, depois deu-lhe as costas e saiu correndo do quarto.

CAPÍTULO 47

Besièrs

Durante dois dias após sua inesperada vitória em Béziers, os cruzados permaneceram nos pastos férteis e no campo opulento que cercavam a cidade. Ter

conseguido tamanho prêmio com tão poucas baixas era um milagre. Deus não poderia ter lhes dado sinal mais claro do valor de sua causa.

Acima deles fumegavam as ruínas da outrora imponente cidade. Fragmentos de cinza subiam em espiral pelo azul incongruente dos céus de verão e eram espalhados pelo vento sobre a terra derrotada. De vez em quando, podia-se ouvir o som inconfundível de casas caindo e de vigas se espatifando e se partindo.

Na manhã seguinte, a Hoste levantou acampamento e tomou o rumo do sul, pelo campo aberto, em direção à cidade romana de Narbonne. À frente da coluna de homens ia o abade de Cîteaux, ladeado pelos legados papais, sua autoridade temporal fortalecida pela derrota devastadora da cidade que havia ousado abrigar uma heresia. Todas as cruzes brancas e douradas pareciam reluzir como o mais rico dos tecidos sobre as costas dos guerreiros de Deus. Cada crucifixo parecia capturar os raios do sol brilhante.

O exército conquistador serpenteou como uma cobra pela paisagem de salinas, poças de água parada e grandes extensões de vegetação baixa e amarela, castigada pelo vento feroz que soprava vindo do Golfe du Lion. Vinhedos cresciam livremente à

margem da estrada, assim como oliveiras e amendoeiras.

Os soldados franceses, inexperientes e desacostumados ao clima rigoroso do sul, jamais tinham visto terreno como aquele. Benziam-se, vendo naquilo a prova de que de fato haviam entrado em uma terra abandonada por Deus.

Uma comissão liderada pelo arcebispo de Narbonne e pelo visconde da cidade

encontrou os cruzados em Capestang no dia 25 de julho.

Narbonne era um rico porto mercantil do Mediterrâneo, embora o coração da cidade ficasse mais para o interior. Com os boatos sobre os horrores cometidos em Béziers frescos na memória — e esperando poupar Narbonne de destino semelhante —, tanto Igreja quanto Estado estavam dispostos a sacrificar sua independência e sua honra.

Diante de testemunhas, o bispo e o visconde de Narbonne se ajoelharam aos pés do abade e juraram total e completa submissão à Igreja. Aceitaram entregar

todos os hereges conhecidos aos legados, confiscar qualquer propriedade pertencente a cátaros ou judeus, e até mesmo pagar uma taxa sobre suas possessões para financiar a cruzada.

Poucas horas depois, os termos do acordo foram ratificados. Narbonne seria poupada. Nunca um financiamento de guerra fora obtido com tamanha facilidade.

Se o abade e seus legados ficaram surpresos com a velocidade com a qual os narbonenses abriram mão de seu direito de nascença, não deram mostras disso. Se os homens que marchavam sob os vermelhos vivos do conde de Toulouse ficaram envergonhados com a falta de coragem de seus conterrâneos, nada disseram.

A ordem de mudar de curso foi dada. Eles acampariam perto de Narbonne naquela noite, em seguida rumariam para Olonzac pela manhã. Depois disso, eram só alguns dias de marcha até Carcassonne.

No dia seguinte, a cidade fortificada de Azille, no alto de uma colina, se rendeu, escancarando seus portões para os invasores. Várias famílias denunciadas como hereges foram queimadas em uma pira construída às pressas na praça central do mercado. A fumaça preta rodopiava pelas ruas estreitas e íngremes e se derramava por cima das grossas muralhas da cidade, até os campos planos mais adiante.

Um a um, os pequenos châteaux e vilarejos se rendiam sem que uma só espada fosse erguida. A cidade vizinha de La Redorte seguiu o exemplo de Azille, assim como a maior parte das aldeias e aglomerações de pequenas residências entre as duas cidades.

Outras places fortes foram encontradas abandonadas.

A Hoste pegava o que bem entendia nos silos abarrotados e nos depósitos de frutas repletos, e seguia em frente. Qualquer pequena resistência encontrada pelo exército era enfrentada com represálias violentas e rápidas. A reputação de selvageria do exército ia se espalhando cada vez mais, como uma sombra maligna espalhando-se, negra, à sua frente.

Aos poucos, o antigo laço entre o leste do Languedoc e a dinastia Trencavel foi rompido.

Na véspera do dia da festa de Sant-Nasari, uma semana depois de sua vitória em Béziers, a guarda avançada chegou a Trèbes, dois dias na frente do exército principal.

Durante a tarde, o tempo foi ficando cada vez mais úmido. A luz brumosa da tarde cedeu lugar a um cinza de borrasca. Alguns roncos de trovão rugiram no céu, seguidos por um violento estalo de relâmpago. Enquanto os cruzados atravessavam os portões da cidade, abertos e desguarnecidos, os primeiros pingos de chuva começavam a cair.

As ruas estavam estranhamente desertas. Todos haviam desaparecido, desmaterializados como espectros ou espíritos. O céu era uma extensão infinita de preto e roxo, e nuvens escuras cruzavam velozes o horizonte. Quando o temporal desabou, espalhando-se pelas planícies em volta da cidade, o trovão começou a estalar e rugir como se o próprio céu estivesse se desintegrando.

Os cavalos derrapavam e escorregavam sobre as pedras do calçamento. Cada beco, cada passagem transformou-se em um rio. A chuva desabava feroz sobre escudos e capacetes. Ratos subiam correndo os degraus da igreja, buscando abrigo das torrentes desgovernadas. A torre foi atingida por um raio, mas não pegou fogo.

Soldados do norte caíam de joelhos, fazendo o sinal da cruz e rezando para que Deus os poupasse. As terras planas ao redor de Chartres, os campos da Borgonha ou o interior cheio de florestas da Champagne não tinham nada tão extremo assim.

Da mesma forma que havia começado, como um animal que adormece, o temporal 222

passou. O ar tornou-se fresco e agradável. Os cruzados ouviram os sinos de um monastério ali perto começarem a bater, agradecendo por terem passado incólumes pela tempestade. Tomando aquilo como um sinal de que o pior havia passado, eles emergiram do meio das árvores e começaram o trabalho. Escudeiros procuraram pastos seguros para os cavalos. Criados começaram a desempacotar os pertences de seus senhores e a procurar lenha seca para as fogueiras.

Aos poucos, o acampamento foi tomando forma.

A tarde caiu. O céu era uma colcha de retalhos cor-de-rosa e roxa. À medida que os últimos vestígios de nuvens brancas se dissipavam, os forasteiros tiveram sua primeira visão das torres e torretas de Carcassonne, reveladas subitamente no horizonte.

A Cité parecia se erguer da própria terra, como uma fortaleza de pedra no céu olhando para o mundo dos homens lá embaixo, grandiosa. Nada que houvessem escutado preparara os cruzados para a primeira imagem do lugar que tinham vindo conquistar. Palavras não tinham o poder de descrever seu esplendor.

A cidade era magnífica, majestosa. Inexpugnável.

CAPÍTULO 48

Quando recuperou os sentidos, Simeon não estava mais na mata, mas em algum tipo de estábulo. Tinha uma lembrança de viajar por uma longa distância. Suas costelas doíam por ter sido transportado no lombo de um cavalo.

O cheiro era terrível: uma mistura de suor, cabras, palha úmida e alguma coisa que ele não conseguia identificar muito bem, algo enjoativo, como flores apodrecidas. Havia vários arreios pendurados nas paredes e uma forquilha estava apoiada no canto mais perto da porta, que não chegava à altura do ombro de um homem. Na parede oposta, havia cinco ou seis argolas para prender animais.

Simeon olhou para baixo. O capuz com o qual lhe haviam coberto a cabeça estava jogado ao seu lado no chão. Suas mãos ainda estavam amarradas, assim como seus pés.

Tossindo e tentando cuspir as fibras ásperas do material do capuz, ele se ergueu até

uma posição sentada. Sentindo-se dolorido e enrijecido, Simeon recuou devagar pelo chão até chegar à porta. Levou algum tempo, mas o alívio de sentir alguma coisa sólida contra seus ombros e costas foi imenso. Pacientemente, ele se ergueu até ficar de pé, a cabeça quase encostando no teto. Bateu na porta. A madeira rangeu e estalou, mas a porta estava bloqueada pelo lado de fora e não se abriu.

Simeon não fazia idéia de onde estava, se ainda perto de Carcassonne ou mais longe. Tinha uma vaga lembrança de ser carregado no lombo de um cavalo pelas

florestas, depois por um terreno plano. Pelo pouco que conhecia da região, supôs que aquilo significava que estivesse em algum lugar perto de Trèbes.

Podia ver uma nesga de luz debaixo do pequeno vão sob a porta, um azul-escuro, mas não ainda o breu da noite. Quando apertou o ouvido de encontro ao chão, pôde ouvir o murmúrio de seus captores bem próximo.

Estavam esperando alguém chegar. A idéia o fez estremecer; era uma prova de que aquilo não era um rapto aleatório, embora ele não precisasse muito de provas.

Simeon tornou a caminhar até o outro extremo do curral, arrastando os pés. Com o tempo, adormeceu, caindo de lado e acordando com um susto, depois tornando a dormir.

O som de alguém gritando tornou a despertá-lo. Imediatamente, todos os nervos de seu corpo se puseram em alerta. Ele ouviu o ruído de homens pondo-se de pé,

seguido por uma pancada quando a pesada barra que mantinha a porta fechada foi removida.

Três figuras envoltas em sombra surgiram no vão da porta, destacadas contra a brilhante luz do sol mais atrás. Simeon piscou, sem conseguir ver muita coisa.

— Où est-il?— Onde ele está?

Era uma voz educada de um homem do norte, fria e imperiosa. Houve uma pausa.

A tocha foi erguida mais alto, iluminando Simeon, que piscava nas sombras.

— Tragam-no até mim.

Simeon mal teve tempo de reconhecer o líder da emboscada quando foi agarrado pelos braços e jogado de joelhos na frente do francês.

Devagar, Simeon ergueu os olhos. O homem tinha um rosto cruel e fino, e olhos sem expressão da cor do sílex. Sua túnica e suas calças eram de boa qualidade, cortadas ao estilo do norte, embora não dessem indicação de seu status ou

posição.

— Onde está? — perguntou ele.Simeon levantou a cabeça.

— Não estou entendendo — respondeu ele em iídiche.

O chute o pegou desprevenido. Ele sentiu uma das costelas se partir e caiu para trás, as pernas cedendo sob o peso do corpo. Sentiu mãos duras sob as axilas pondo-o novamente em pé.

— Eu sei quem você é, judeu — disse o homem. — Não faz sentido jogar este jogo comigo. Vou perguntar de novo. Onde está o livro?

Simeon tornou a levantar a cabeça sem dizer nada.

Dessa vez, o homem mirou em seu rosto. A dor explodiu dentro da cabeça de Simeon quando seu lábio se abriu e os dentes se quebraram. Ele sentiu gosto de sangue e saliva, e ardor na língua e na garganta.

— Eu o persegui como um animal, judeu — disse ele —, desde Chartres até Béziers, e agora até aqui. Eu o cacei como um animal. Você me fez perder muito tempo. Minha paciência está se esgotando. — Ele deu um passo mais para perto, para que Simeon visse o ódio em seus olhos cinza e mortos. —Mais uma vez: onde está o livro? Você o entregou a Pelletier? Cést ça?

Dois pensamentos surgiram ao mesmo tempo na mente de Simeon. O primeiro foi que não conseguiria se salvar. O segundo, que precisava proteger os amigos. Ainda tinha esse poder. Seus olhos estavam fechados de tão inchados, e o sangue se acumulava nas bolsas rasgadas de suas pálpebras.

— Tenho o direito de saber o nome de quem me acusa — disse ele por uma boca machucada demais para falar. — Rezarei por você.

Os olhos do homem se apertaram.

— Não se engane, você vai me dizer onde esconderam o livro.Ele fez um sinal com a cabeça.

Simeon foi erguido com violência. Arrancaram-lhe as roupas e o arremessaram deitado sobre uma carroça, com um homem a segurar-lhe as mãos, o outro as

pernas, para deixar as costas à mostra. Simeon ouviu o estalo distinto do couro no ar logo antes da fivela golpear sua pele nua. Seu corpo se arqueou de agonia.

— Onde está o livro? — Simeon fechou os olhos enquanto o cinto tornava a cortar o ar. — Já está em Carcassonne? Ou ainda está com você, judeu? — Ele gritava na mesma cadência dos golpes. — Você vai me dizer. Você. Ou eles.

O sangue corria dos lanhos em suas costas. Simeon começou a rezar segundo o costume de seus pais, palavras ancestrais e sagradas lançadas à escuridão, distraindo sua 224

mente da dor.

— Où... est... le... livre?— insistia o homem, cada palavra um golpe.Foi a última coisa que Simeon ouviu antes de a escuridão estender a mão e arrebatá-lo.

CAPÍTULO 49

A guarda avançada da cruzada chegou diante de Carcassonne no dia da festa de Sant-Nasari, vinda da estrada de Trèbes. Os guardas da Tour Pinte acenderam as fogueiras. Os sinos de alarme badalaram.

Na tarde de 1º de agosto, o acampamento francês do outro lado do rio já havia crescido tanto que parecia outra cidade feita de barracas e pavilhões, bandeiras e cruzes douradas cintilando ao sol. Barões do norte, mercenários gascões, soldados de Chartres, da Borgonha e de Paris, sapadores, arqueiros, religiosos, gente que acompanhava o exército.

Ao chegar das vésperas, o visconde Trencavel subiu aos baluartes, acompanhado de Pierre-Roger de Cabaret, Bertrand Pelletier e mais um ou dois homens. Ao longe, trilhas de fumaça subiam pelo céu em espiral. O rio parecia uma fita de prata.

— São tantos.

— Não mais do que esperávamos, messire — respondeu Pelletier.

— Quando tempo, você acha, até o exército principal chegar?

— Difícil dizer com certeza — respondeu ele. — Uma força de combate tão

grande assim viaja devagar. O calor também vai diminuir seu ritmo.

— Vai atrasá-los, sim — disse Trencavel. — Mas não vai detê-los.

— Estamos prontos para eles, messire. A Ciutat está bem abastecida. As hourds foram concluídas para proteger as muralhas dos sapadores deles; todas as partes faltantes ou pontos fracos dos muros foram consertados e tampados;todas as torres estão ocupadas por homens. — Pelletier fez um gesto indicando ao seu redor. — Todas as cordas que mantinham os moinhos presos no lugar no rio foram cortadas, e as colheitas queimadas. Os franceses encontrarão pouca coisa de que se alimentar por aqui.

Com os olhos faiscando, Trencavel voltou-se subitamente para Cabaret.

— Vamos selar nossos cavalos e fazer uma sortie. Antes de a noite cair e de o sol se pôr, vamos levar quatrocentos de nossos melhores homens, os mais hábeis com a lança e com a espada, e expulsar os franceses das nossas encostas.Eles não esperam que nós partamos para a batalha. O que acham?

Pelletier se identificava com o desejo dele de atacar primeiro. Mas sabia também que seria um ato de extrema temeridade.

— Há batalhões nas planícies, messire, routiers, pequenos contingentes da guarda avançada.

Pierre-Roger de Cabaret também se opôs.

— Não sacrifique seus homens, Raymond.

— Mas se pudéssemos atacar primeiro...

— Nós nos preparamos para um cerco, messire, não para uma batalha aberta. A guarnição é forte. Os chevaliers mais corajosos e experientes estão aqui, esperando a oportunidade de demonstrar seu valor.

— Mas? — suspirou Trencavel.

— O senhor os estaria sacrificando para nada — disse ele com firmeza.

— Seu povo confia no senhor, seu povo o ama — disse Pelletier. —Darão a vida pelo senhor se for preciso. Mas devemos esperar. Deixe que eles tragam a batalha até

nós.

— Tenho medo de ter sido meu orgulho a nos colocar nesta situação —disse ele em voz baixa. — De alguma forma, eu não esperava que isto fosse acontecer, e tão cedo. —

Ele sorriu. — Lembra-se de como minha mãe costumava encher o Château de cantos e danças, Bertrand? Todos os melhores trovadores e jongleurs vinham se apresentar a ela.

Aiméric de Pegulham, Arnautde Carcassès, até mesmo Guilhem Fabre e Bernat Alanham de Narbonne.Estávamos sempre em festa, celebrando.

— Ouvi dizer que era a corte mais bonita do Pays dÓc. — Ele pôs a mão no ombro de seu senhor. — E tornará a ser.

Os sinos silenciaram. Todos os olhos estavam cravados no visconde Trencavel.

Quando ele falou, Pelletier sentiu orgulho ao constatar que qualquer vestígio de dúvida havia desaparecido da voz de seu patrão. Ele não era mais um menino recordando a infância; era um capitão às vésperas de uma batalha.

— Bertrand, ordene que todos os postigos sejam fechados e os portões,bloqueados, e convoque o comandante da guarnição ao donjon. Quando os franceses chegarem, estaremos prontos para eles.

— Talvez também fosse bom enviar reforços para Sant-Vicens, messire— sugeriu de Cabaret. — Quando a Hoste atacar, é por lá que vai começar. E não podemos perder nosso acesso ao rio.

Trencavel assentiu.

Pelletier ficou mais algum tempo depois de os outros se retirarem, fitando a terra lá embaixo, como se quisesse gravar sua imagem na mente.

Ao norte, os muros de Sant-Vicens eram baixos e defendidos por poucas torres.

Se os invasores entrassem nos subúrbios, poderiam chegar a uma distância suficiente para atacar a Cité com arco e flecha sob a proteção das casas. O subúrbio ao sul, Sant-Miquel, resistiria mais tempo.

Era verdade que Carcassonne estava preparada para o cerco. Havia fartura de comida

— pão, queijo, feijões — e cabras para dar leite. Mas havia gente demais dentro dos muros, e Pelletier estava preocupado com o suprimento de água. Por ordem sua, um guarda estava postado junto a cada poço e um racionamento estava em vigor.

Enquanto descia da Tour Pinte para o pátio, Pelletier viu-se mais uma vez pensando em Simeon. Mandara François duas vezes ao quartier judaico para saber notícias, mas em ambas as vezes o rapaz voltara de mãos vazias, e a aflição de Pelletier crescia a cada dia que passava.

Deu uma olhada rápida pelo pátio e decidiu que poderia se ausentar por algumas horas.

Tomou o rumo dos estábulos.

Pelletier seguiu o caminho mais direto pelas planícies e florestas, inteiramente consciente da Hoste acampada ao longe.

Embora o bairro judaico estivesse apinhado e houvesse gente nas ruas, estava estranhamente tranqüilo e silencioso. Havia medo e apreensão em cada rosto, fosse ele jovem ou velho. Todos sabiam que a batalha logo iria começar. Enquanto Pelletier seguia pelos becos estreitos, mulheres e crianças o fitavam com olhos aflitos, procurando esperança em sua expressão. Ele nada tinha a lhes oferecer.

Ninguém tinha qualquer notícia de Simeon. Foi fácil encontrar o lugar onde ele estava hospedado, mas a porta estava presa por uma barra. Ele desmontou e bateu na casa em frente.

— Estou procurando um homem chamado Simeon — disse quando uma mulher atendeu amedrontada. —A senhora sabe de quem estou falando?

Ela aquiesceu.

— Ele veio com os outros de Besièrs.

— A senhora se lembra da última vez em que o viu?

— Alguns dias atrás, antes de sabermos as notícias de Besièrs, ele foi a Carcassona.

Um homem veio buscá-lo.

Pelletier franziu o cenho.

— Como era esse homem?

— O criado de alguém rico. Ruivo — disse ela, torcendo o nariz. —Simeon parecia conhecê-lo.

O espanto de Pelletier aumentou ainda mais. Pela descrição, parecia ser François, mas como podia ser? Ele dissera não ter encontrado Simeon.

— Foi a última vez que o vi.

— A senhora está dizendo que Simeon não voltou de Carcassona?

— Se ele tiver algum juízo, terá ficado lá. Estará mais seguro lá do que aqui.

— É possível que Simeon tenha voltado sem que a senhora o tivesse visto? — perguntou, desesperado. — A senhora podia estar dormindo. Pode não ter percebido a volta dele.

— Olhe, messire — disse ela, apontando para a casa do outro lado da rua. — O

senhor mesmo pode ver. Vuèg. — Vazia.

CAPÍTULO 50

Oriane atravessou o corredor, pé ante pé, até o quarto da irmã.

— Alaïs! — Guirande tinha certeza de que a irmã estava outra vez com o pai, mas ela era cautelosa. — Sòrre?

Quando ninguém respondeu, Oriane abriu a porta e entrou. Com a habilidade de um ladrão, começou rapidamente a vasculhar os pertences de Alaïs. Garrafas, jarros e vasilhas, seu guarda-roupa, as gavetas cheias de tecidos, perfumes e ervas de cheiro adocicado. Oriane apalpou os travesseiros e encontrou um sachê de lavanda, que não a interessou. Depois verificou em cima e debaixo da cama. Não havia nada a não ser insetos mortos e teias de aranha.

Quando se virou de volta para o quarto, percebeu uma pesada capa de caça estendida no espaldar da cadeira de costura de Alaïs. Suas linhas e agulhas estavam espalhadas por toda parte. Oriane sentiu uma onda de excitação. Por que uma capa de inverno naquela época do ano? Por que Alaïs estava consertando as próprias roupas?

Levantou a capa e sentiu imediatamente que algo estava errado. A roupa estava torta e caía de um jeito estranho. Oriane levantou a borda e viu que algo havia sido costurado dentro da bainha.

Desfez a costura depressa, enfiou os dedos lá dentro e tirou um objeto pequeno e retangular, enrolado em um pedaço de linho.

Estava prestes a examiná-lo quando um barulho no corredor do lado de fora chamou sua atenção. Rápida como um corisco, Oriane escondeu o pacote debaixo do 227

vestido e tornou a dobrar a capa sobre o espaldar da cadeira.

A mão de alguém caiu sobre seu ombro, pesada. Oriane sobressaltou-se.

— O que você acha que está fazendo? — perguntou uma voz.

— Guilhem! — exclamou ela, levando as mãos ao peito. — Você me assustou.

— O que está fazendo no quarto da minha mulher, Oriane?Oriane ergueu o queixo.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta.

No quarto já escuro, viu a expressão dele endurecer e percebeu que o comentário surtira efeito.

— Tenho todo o direito de estar aqui, enquanto você não... — Ele olhou para a capa, depois novamente para o rosto dela.

— O que está fazendo?Ela o encarou.

— Nada que lhe diga respeito.Guilhem fechou a porta com um chute.

— Está perdendo a compostura, dama — disse ele, agarrando seu pulso.

— Não seja tolo, Guilhem — disse ela em voz baixa. — Abra a porta.Vai ser ruim para nós dois se alguém entrar e nos encontrar juntos.

— Não brinque comigo, Oriane. Não estou com humor para os seus joguinhos.

Não vou deixar você ir embora até me dizer o que está fazendo aqui. Ele a mandou?

Oriane olhou para ele, genuinamente intrigada.

— Não sei do que você está falando, Guilhem, palavra.Os dedos dele pressionavam sua pele com força.

— Você achou que eu não fosse perceber, P. Eu vi vocês dois juntos,Oriane.

O alívio a dominou. Agora entendia o motivo da irritação dele. Contanto que Guilhem não tivesse reconhecido seu companheiro, ela podia virar o mal-entendido a seu favor.

— Solte-me — disse, tentando se desvencilhar dele. — Se está lembrado, messire, foi você quem disse que não podíamos mais nos encontrar. —Jogou os cabelos pretos para trás e olhou para ele, arrebatada, os olhos faiscando. — Então, se decidi buscar conforto em outro lugar, o que você tem com isso? Não tem nenhum direito sobre mim.

— Quem é ele?

Oriane pensou depressa. Precisava de um nome que o satisfizesse.

— Antes de eu lhe dizer, quero que me prometa que não vai fazer nada impensado

— suplicou ela, tentando ganhar tempo.

— Neste momento, dama, você não está em condições de fazer exigências.

— Então pelo menos vamos para outro lugar: meu quarto, o pátio, qualquer lugar menos aqui. Se Alaïs chegar...

Pela expressão no rosto dele, Oriane soube que o havia atingido. O maior medo dele agora era que Alaïs descobrisse sua infidelidade.

— Muito bem — disse ele, ríspido. Abriu a porta com a mão livre,depois foi meio empurrando, meio arrastando Oriane pelo corredor. Quando chegaram ao quarto dela, Oriane já sabia o que fazer.

— Fale, dama — ordenou ele.

Com os olhos fixos no chão, Oriane confessou que havia aceitado as atenções de um novo pretendente, filho de um dos aliados do visconde. Havia tempo que ele a admirava.

— É verdade? — perguntou ele.

— Eu juro, pela minha vida — sussurrou ela, levantando para ele os olhos de cílios molhados de lágrimas.

Ele ainda estava desconfiado, mas havia uma centelha de indecisão em seus olhos.

— Isso não explica o que você estava fazendo no quarto da minha mulher.

— Eu só estava protegendo a sua reputação — disse ela. — Devolvendo uma coisa sua a seu devido lugar.

— Que coisa minha?

— Meu marido achou uma fivela de homem no meu quarto. — Ela imitou uma forma com os dedos. — Mais ou menos deste tamanho, feita de cobre e prata.

— Eu perdi uma fivela assim — reconheceu ele.

— Jehan pôs na cabeça que iria identificar o proprietário e divulgar seu nome.

Sabendo que era sua, eu decidi que o mais seguro era pô-la de volta em seu quarto.

Guilhem tinha o cenho franzido.

— Por que não devolver a fivela a mim?

— Você está me evitando, messire — disse ela, suave. — Eu não sabia quando, nem mesmo se, o veria. Além disso, se houvessem nos visto juntos,poderia ter sido uma prova do que aconteceu entre nós. Pode achar que agi como uma tola. Mas não duvide da minha intenção.

Oriane podia ver que ele não estava convencido, mas que não se atrevia a insistir.

Sua mão tocou a espada que trazia na cintura.

— Se disser uma palavra a este respeito para Alaïs — disse — eu mato você, Oriane, que Deus me carregue se não matar.

— Por mim ela não saberá de nada — disse ela, então sorriu. — A não ser, é claro, que eu não tenha escolha. Preciso me proteger. E... — Ela fez uma pausa. Guilhem respirou fundo. — E, falando nisso — continuou —, tenho um favor a lhe pedir.

Ele apertou os olhos.

— E se eu não quiser?

— Tudo que quero saber é se nosso pai deu a Alaïs algo de valor para guardar, só

isso.

— Você está me pedindo para espionar minha mulher — disse ele, erguendo a voz de incredulidade. — Eu não vou fazer isso, Oriane, e você não vai fazer nada que possa perturbá-la, está claro?

— Eu, perturbá-la. É o seu medo de ser descoberto que o torna assim tão cavalheiro.

Foi você quem a traiu todas aquelas noites em que se deitou comigo, Guilhem. Tudo que eu quero é informação. Descobrirei o que quero saber, com ou sem a sua ajuda. Mas se você dificultar as coisas... — Ela deixou a ameaça pairando no ar.

— Você não se atreveria.

— Não seria difícil contar a Alaïs tudo que fizemos juntos, compartilhar com ela os segredos que você sussurrou para mim, os presentes que me deu.Ela acreditaria em mim, Guilhem. A sua alma transparece demais no seu rosto.

Enojado por ela, Guilhem abriu a porta com violência.

— Maldita seja você até o inferno, Oriane — disse ele, e saiu irado pelo corredor.

Oriane sorriu. Ela o havia encurralado.

Alaïs passara a tarde inteira tentando encontrar o pai. Ninguém o vira. Ela fora até

a Cité, esperando ao menos poder falar com Esclarmonde. Mas ela e Sajhë não estavam 229

mais em Sant-Miquel e não pareciam ter voltado para casa.

No fim das contas, exausta e apreensiva, Alaïs voltou sozinha para o quarto. Não conseguia ir dormir. Estava nervosa demais, ansiosa demais, então acendeu uma lamparina e sentou-se à mesa.

Foi depois de os sinos soarem a uma que ela foi despertada por passos do lado de fora da porta. Levantou a cabeça de cima dos braços e olhou indistintamente na direção do som.

— Rixende? — sussurrou no escuro. — É você?

— Não, não é Rixende — disse ele.

— Guilhem?

Ele surgiu na luz, sorrindo, como quem não tem certeza se será bem recebido.

— Perdoe-me. Prometi deixá-la em paz, eu sei, mas... posso?Alaïs sentou-se.

— Estive na capela — disse ele. — Rezei, mas não acho que minhas palavras tenham chegado lá em cima.

Guilhem sentou-se na beirada da cama. Depois de hesitar por um instante, ela foi juntar-se a ele. Ele parecia estar querendo dizer alguma coisa.

— Venha — sussurrou ela. — Deixe-me ajudá-lo.

Desafivelou as botas dele e o ajudou com a armadura e com o cinto. O couro e a fivela caíram no chão com um baque.

— O que o visconde Trencavel acha que vai acontecer? — perguntou ela.Guilhem deitou-se de costas na cama e fechou os olhos.

— Que a Hoste vai primeiro atacar Sant-Vicens, depois Sant-Miquel,tentando conseguir chegar mais perto das muralhas da Ciutat.

Alaïs sentou-se ao lado dele e afastou-lhe os cabelos do rosto. A sensação da pele dele sob seus dedos a fez estremecer.

— Deveria dormir, messire. Vai precisar de toda sua força para a batalha que está por vir.

Preguiçosamente, ele abriu os olhos e sorriu para ela.

— Você poderia me ajudar a descansar.

Alaïs sorriu e pegou um preparado de alecrim que guardava na mesinha-de-cabeceira. Ajoelhou-se ao lado dele e massageou a loção fresca em suas têmporas.

— Quando estava procurando por meu pai mais cedo, fui ao quarto daminha irmã.

Acho que havia alguém com ela.

— Provavelmente Congost — disse ele, ríspido.

— Acho que não. Ele e os outros escribas agora dormem na Tour Pinte,caso o visconde precise deles. — Ela fez uma pausa. — Eles estavam rindo.

Guilhem pousou o dedo sobre os lábios dela para fazê-la calar.

— Chega de falar de Oriane — sussurrou ele, passando o braço pela cintura dela e a aproximando de si. Ela pôde sentir gosto de vinho nos lábios dele. — Você tem cheiro de camomila e mel — disse ele. Levantou a mão e soltou-lhe os cabelos, fazendo-os cair como uma cascata em volta de seu rosto.

— Mon còr.

Os cabelos da nuca dela se eriçaram com seu toque, com o contato da pele dele na sua, tão surpreendente e íntimo. Devagar, com cuidado, sem tirar os olhos castanhos do rosto dela, Guilhem baixou-lhe o vestido dos ombros, depois até a cintura. Alaïs mudou 230

de posição. O tecido se soltou e escorregou da cama até o chão, como uma pele de inverno que não tem mais serventia.

Guilhem ergueu as cobertas para ela entrar na cama e a fez se deitar ao seu lado, sobre os travesseiros ainda impressos com a lembrança dele. Por um instante, ficaram assim, os braços e flancos se tocando, os pés frios dela contrastando com o calor da pele dele. Ele se inclinou sobre ela. Então Alaïs pôde sentir seu hálito, sussurrando na superfície de sua pele como uma brisa de verão. Os lábios dele se moviam, sua língua escorregava, deslizando sobre seus seios. Alaïs soltou um arquejo quando ele pôs seu mamilo na boca, lambendo, atiçando.

Guilhem levantou a cabeça. Deu um meio sorriso.

Então, ainda sem tirar os olhos dela, abaixou o corpo no espaço entre suas pernas nuas. Alaïs fitava seus olhos castanhos, sem piscar, muito séria.

— Mon còr — repetiu ele.

Com delicadeza, Guilhem a penetrou, aos poucos, até ela o absorver por completo. Por um instante, ficou parado, abrigado dentro dela, como se descansasse.

Alaïs se sentiu forte, poderosa, como se naquele momento pudesse fazer qualquer coisa, ser qualquer pessoa. Um calor hipnótico, pesado, tomou conta de seus membros, preenchendo-a, devorando seus sentidos. Sua cabeça estava tomada pelo ruído do sangue pulsando. Ela não tinha noção de tempo nem de espaço. Havia apenas Guilhem, e as sombras tremeluzentes da lamparina.

Devagar, ele começou a se mexer.

— Alaïs. — As palavras escaparam-lhe dos lábios.

Ela pôs as mãos nas costas dele, com os dedos abertos formando estrelas. Podia sentir sua força, a força de seus braços bronzeados e de suas coxas firmes, os pêlos macios de seu peito roçando em sua pele. Sua língua arremetia entre seus lábios, quente, molhada, faminta.

Ele respirava mais depressa, mais fundo, movido pelo desejo e pela necessidade.

Alaïs o abraçou com força quando Guilhem gritou seu nome. Ele estremeceu, em seguida ficou imóvel.

Aos poucos, o rugido na mente dela foi se extinguindo, até não sobrar nada a não ser o completo silêncio do quarto.

Mais tarde, depois de conversarem e murmurarem promessas no escuro, os dois adormeceram. O óleo se acabou. A chama da lamparina diminuiu e morreu. Alaïs e Guilhem não perceberam. Não repararam na marcha prateada da lua no céu, nem na luz púrpura da aurora que se esgueirava janela adentro. Nada conheciam a não ser eles próprios a dormir abraçados, uma mulher e seu marido, amantes outra vez.

Reconciliados. Em paz.

CAPÍTULO 51

Quinta-feira, 7 de julho de 2005

Alice acordou segundos antes de o despertador tocar e viu-se esparramada sobre a cama, rodeada por papéis espalhados.

A árvore genealógica estava na sua frente, junto com anotações da biblioteca de

Toulouse. Ela deu um sorriso. Parecia seus dias de estudante, quando ela estava sempre 231

adormecendo sobre a escrivaninha.

Mas ela não estava se sentindo mal. Apesar do roubo na noite anterior, nessa manhã ela estava bem-humorada. Contente, feliz até.

Alice espreguiçou os braços e pescoço, depois se levantou e abriu as persianas e a janela. O céu estava entrecortado por claras listras de luz e nuvens brancas chapadas. As encostas da Cité estavam na sombra, e as encostas cobertas de grama abaixo das muralhas cintilavam com o orvalho da manhã. Acima das torretas e torres, o céu estava azul, como uma peça de seda. Carriças e cotovias conversavam cantando entre os telhados. Por toda parte via-se vestígios do temporal da véspera. Lixo amontoado junto a cercas, caixas de papelão encharcadas e reviradas nos fundos do hotel, jornais empapados ao pé dos postes de luz do estacionamento.

A idéia de sair de Carcassonne afligia Alice, como se o ato de partir fosse precipitar alguma coisa. Mas ela precisava agir e, àquela altura, Chartres era sua única pista para chegar a Shelagh.

O dia estava bom para viajar.

Enquanto guardava seus papéis, admitiu que também estava sendo racional. Não queria ficar sentada como uma vítima, esperando o intruso da noite anterior voltar.

Explicou ao recepcionista que iria sair da cidade por alguns dias, mas pediu para reservarem o quarto.

— Uma mulher está esperando pela senhora, madame — disse a moça,apontando para o saguão. — Eu ia telefonar para o seu quarto agora mesmo.

— Ah, é? — Alice se virou para olhar. — Ela disse o que queria?

A recepcionista fez que não com a cabeça.

— O.K. Obrigada.

— Também chegou isto para a senhora mais cedo — acrescentou a moça,estendendo uma carta. Alice olhou o carimbo do correio. Tinha sido postada em Foix na véspera. Ela não reconheceu a caligrafia. Estava prestes a abri-la quando a mulher que a estava esperando se aproximou.

— Dra. Tanner? — disse a mulher. Ela parecia nervosa.Alice guardou a carta no bolso da jaqueta para ler mais tarde.

— Pois não?

— Tenho um recado de Audric Baillard. Ele queria saber se a senhora poderia se encontrar com ele no cemitério?

A mulher parecia vagamente familiar, embora Alice não tenha conseguido identificá-la de imediato.

— Eu conheço a senhora de algum lugar? — perguntou.A mulher hesitou.

— Do Daniel Delagarde — disse, apressada. — Notaires.

Alice tornou a olhar. Não se lembrava de tê-la visto na véspera, mas havia muitas pessoas no escritório central.

— Monsieur Baillard está esperando a senhora no jazigo da família Giraud-Biau.

— Ah, é? — disse Alice. — Por que ele mesmo não veio me chamar?

— Eu preciso ir agora.

A mulher então deu meia-volta e desapareceu, deixando Alice a olhar boquiaberta para onde ela estivera. Ela se virou para a recepcionista, que deu de ombros.

232

Alice olhou para o relógio. Queria ir embora logo. Tinha muita estrada pela frente.

Por outro lado, dez minutos não fariam nenhuma diferença.

— À demain — disse à recepcionista, mas esta já havia retornado ao que quer

que estivesse fazendo.

Alice passou pelo carro para deixar a mochila e então, ligeiramente irritada, atravessou a rua e encaminhou-se apressada para o cemitério.

A atmosfera mudou no instante em que Alice cruzou os altos portões de metal. A agitação da Cité no início da manhã foi substituída pela imobilidade.

À sua direita havia um prédio baixo, caiado. Do lado de fora, uma fileira de regadores de plástico pretos e verdes pendurados em ganchos. Alice espiou pela janela e viu uma jaqueta velha pendurada no encosto de uma cadeira e um jornal sobre a mesa, como se alguém houvesse acabado de sair.

Alice subiu devagar a aléia central, sentindo-se repentinamente tensa. Achava aquela atmosfera opressiva. Lápides cinza esculpidas, camafeus brancos de porcelana e inscrições em granito preto datando nascimento e morte, sepulturas adquiridas à perpetuité por famílias da região para marcar a data de seu falecimento. Fotografias dos que haviam morrido ainda jovens disputavam espaço por trás dos rostos dos mais velhos. Ao pé de muitas das lápides havia flores, algumas de verdade e já murchas, outras feitas de seda, plástico ou porcelana.

Seguindo as direções que Karen Fleury lhe dera, Alice encontrou com bastante facilidade o jazigo da família Giraud-Biau. Era uma sepultura larga e plana que ficava no fim da aléia central, encimada por um anjo de pedra de braços abertos e asas desfraldadas.

Ela olhou em volta. Não havia sinal de Baillard.

Alice correu os dedos pela lápide. Ali descansava a maior parte da família de Jeanne Giraud, uma mulher sobre quem ela nada sabia, a não ser que era um elo entre Audric Baillard e Grace. Só então, fitando os nomes gravados de uma das famílias, foi que Alice percebeu como era estranho que tivessem encontrado um lugar para enterrar sua tia ali.

Um barulho em uma das aléias perpendiculares chamou sua atenção. Ela olhou em volta, esperando ver o homem idoso da fotografia caminhando em sua direção.

— Dra. Tanner?

Eram dois homens, ambos em ternos claros de verão, ambos de cabelos escuros e com os olhos escondidos por óculos de sol.

— Pois não?

O mais baixo dos dois mostrou-lhe um crachá por um breve instante.

— Polícia. Temos algumas perguntas para fazer à senhora.O estômago de Alice se revirou.

— Sobre que assunto?

— Não vai demorar, madame.

— Eu gostaria de ver um documento de identificação de vocês.

Ele pôs a mão no bolso do paletó e mostrou um cartão. Ela não fazia idéia se aquilo era autêntico ou não. Mas a arma no coldre debaixo do paletó parecia bem real. O

pulso de Alice começou a disparar.

Ela fingiu examinar o cartão enquanto olhava discretamente para o cemitério à sua volta. Não havia ninguém por perto. As aléias se estendiam vazias em todas as direções.

— Qual é o assunto? — repetiu ela, tentando manter a voz firme.

— Se a senhora pudesse vir conosco.Eles não podem fazer nada à luz do dia.

Tarde demais, Alice percebeu que a mulher que dera o recado era de fato conhecida.

Tinha as feições parecidas com o homem que ela vira de relance em seu quarto na noite anterior. Aquele mesmo homem que estava ali.

Pelo canto do olho, Alice pôde ver um lance de degraus de pedra que conduzia à

parte mais recente do cemitério, um nível abaixo. Mais além havia um portão.

Ele pôs a mão no braço dela.

— Maintenant, Dra. Tan...

Alice se projetou para frente, como um corredor ao sinal da partida, pegando-os de surpresa. Eles demoraram para reagir. Gritaram, mas a essa altura ela já tinha descido os degraus e atravessava o portão correndo, desembocando no Chemin des Anglais.

Um carro que subia a ladeira resfolegando freou com força. Alice não parou.

Conseguiu pular a frágil cerca de madeira de uma fazenda e correu por entre as fileiras de vinhas, tropeçando na terra revirada. Podia sentir os homens logo atrás, ganhando terreno. O sangue latejava em seus ouvidos, e os músculos de suas pernas estavam retesados como as cordas de um piano, mas ela continuou.

Na parte mais baixa do vinhedo havia uma cerca de malha fina de arame, alta demais para pular. Alice olhou em volta, em pânico, e descobriu um buraco na outra ponta.

Jogando-se no chão, rastejou pela terra de bruços, sentindo os seixos e pedregulhos afiados enterrando-se nas palmas das mãos e nos joelhos. Esgueirou-se por baixo do arame, cujas pontas se prenderam em sua jaqueta, segurando-a com tanta força quanto uma teia de aranha. Ela puxou com uma força sobre-humana e conseguiu se soltar, deixando um pedaço de brim azul preso no arame.

Viu-se no meio de uma horta, cheia de compridas fileiras de grades altas de bambu que sustentavam berinjelas, abobrinhas e vagens trepadeiras, atrás das quais ela podia se esconder. Mantendo a cabeça baixa, Alice prosseguiu em ziguezague pelos canteiros, dirigindo-se para o abrigo das construções junto da horta. Um enorme mastim preso a uma pesada corrente de metal avançou sobre ela ao vê-la surgir, latindo feito um louco e abocanhando com os dentes de fera. Ela reprimiu um grito e recuou.

A entrada principal do sítio conduzia diretamente à movimentada rua principal no pé da colina. Ao sentir asfalto sob os pés, ela se permitiu olhar por sobre o ombro. O vazio e o silêncio se estendiam atrás dela. Eles não a estavam seguindo mais.

Alice pôs as mãos nos joelhos e dobrou o corpo para frente, ofegando de cansaço e alívio, esperando os braços e pernas pararem de tremer. Sua mente já começava a funcionar.

O que você vai fazer? Os homens iriam para o hotel e a esperariam lá. Ela não podia voltar. Apalpou os bolsos, e ficou aliviada ao constatar que, no pânico da fuga, não havia perdido as chaves do carro. Sua mochila estava socada debaixo do banco da frente.

Você precisa ligar para Noubel.

Podia visualizar o pedaço de papel com o telefone de Noubel na mochila debaixo do banco do carro, junto com suas outras coisas. Alice limpou as roupas com as mãos. Seus jeans estavam cobertos de terra e rasgados em um dos joelhos. Sua única chance era voltar para o carro e rezar para que não a estivessem esperando lá.

Alice percorreu depressa a rue Barbacane, mantendo a cabeça baixa toda vez que vinha um carro. Passou pela igreja, depois tomou um atalho descendo uma pequena rua à

direita chamada rue de la Gaffe.

Quem tinha mandado aqueles homens atrás dela?

Caminhava depressa, mantendo-se na sombra. Era difícil dizer onde terminava uma casa e começava outra. Alice sentiu uma súbita comichão na nuca. Parou, olhou para a direita, para a bonita casa de paredes amarelas, esperando ver alguém a observá-la da 234

porta. Mas a porta estava firmemente fechada e as persianas trancadas. Depois de hesitar por um instante, Alice continuou.

Será que deveria mudar de idéia com relação a Chartres?

Na verdade, Alice percebeu que a confirmação de que corria perigo — de que aquilo não era apenas sua imaginação — a tornava mais decidida. Enquanto pensava nisso, teve mais certeza de que Authié estava por trás do que vinha acontecendo. Ele achava que ela havia roubado o anel. Obviamente estava determinado a recuperá-lo.

Ligue para Noubel.

Novamente, ignorou o próprio alerta. Até ali, o inspetor não havia feito nada. Um policial estava morto, Shelagh desaparecida. Melhor não confiar em ninguém a não ser nela mesma.

Alice chegara aos degraus que ligavam a rue Trivalle aos fundos do estacionamento, raciocinando que, se estivessem à sua espera, era mais provável que estivessem na entrada principal.

Os degraus eram íngremes e havia um muro alto do lado de cá do estacionamento, o que a impedia de vê-lo, mas dava uma boa visão para qualquer pessoa que estivesse olhando de cima. Se eles estivessem lá, ela só saberia quando fosse tarde demais.

Só tem um jeito de descobrir.

Alice tomou fôlego e subiu os degraus correndo, as pernas movidas pela adrenalina que corria em suas veias. No alto, parou e olhou em volta. Havia alguns ônibus e carros, mas muito pouca gente.

O carro estava estacionado onde ela o havia deixado. Ela se esgueirou entre as fileiras de carros, mantendo-se agachada. Suas mãos tremiam quando sentou-se no banco do motorista. Ainda esperava que os homens se materializassem na sua frente. Ainda podia ouvir suas vozes na cabeça, gritando. Assim que entrou, trancou as portas e enfiou a chave na ignição com violência.

Com os olhos a disparar em todas as direções, e as mãos brancas de tanto apertar o volante, Alice esperou até um trailer sair da vaga e o atendente levantar a cancela. Acelerou e saiu chispando pelo asfalto, rápido demais, mirando em cheio na saída. O atendente gritou e deu um pulo para trás, mas Alice não prestou atenção.

Continuou dirigindo.

CAPÍTULO 52

Audric Baillard estava em pé com Jeanne na plataforma da estação ferroviária de Foix, esperando o trem para Andorra.

— Dez minutos — disse Jeanne, olhando para o relógio. — Ainda dá tempo. Você

poderia mudar de idéia e vir comigo?

Ele sorriu diante da insistência dela.

— Você sabe que eu não posso fazer isso.Ela fez um gesto de impaciência com as mãos.

— Você dedicou trinta anos a contar a história deles, Audric. Alaïs, o pai dela, sua irmã, seu marido... Passou a vida na companhia dessas pessoas. — A voz dela ficou mais suave. — Mas e quem está vivo?

— A vida deles é a minha vida, Jeanne — disse ele, com uma dignidade contida. —

As palavras são as únicas armas contra as mentiras da história.Precisamos ser 235

testemunhas da verdade. Se não, as pessoas que amamos morrem duas vezes. — Ele fez uma pausa. — Não vou encontrar a paz até descobrir como tudo terminou.

— Depois de oitocentos anos? Pode ser que a verdade esteja enterrada fundo demais. — Jeanne hesitou. — E talvez seja melhor assim. No caso de alguns segredos, é

melhor ficarem escondidos.

Baillard olhava para as montanhas à sua frente.

— Eu sinto muito pela dor que causei na sua vida, você sabe disso.

— Não foi o que eu quis dizer, Audric.

— Mas descobrir a verdade de uma vez por todas — continuou ele,como se ela não houvesse dito nada. — É para isso que eu vivo, Jeanne.

— Verdade! Mas e essas pessoas contra quem você está lutando, Audric? O que

elas estão procurando? A verdade? Duvido.

— Não — reconheceu ele por fim. — Não acho que o objetivo delas seja esse.

— Então, qual é? — perguntou ela, impaciente. — Eu vou embora,como você me aconselhou. Que mal pode haver em me dizer agora?

Ainda assim, ele hesitava.

Jeanne insistiu.

— Noublesso Véritable e Noublesso de los Seres são só nomes diferentes para uma mesma organização?

— Não. — As palavras lhe escaparam dos lábios com mais severidade do que ele pretendia. — Não.

— Então o que são?Audric suspirou.

— Os membros da Noublesso de los Seres eram os guardiões eleitos dos pergaminhos do Graal. Durante milhares de anos, eles cumpriram esse papel.Até que um dia os pergaminhos foram separados. — Ele fez uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado. — A Noublesso Véritable, por sua vez, só foi criada 150 anos atrás, quando a linguagem perdida dos pergaminhos começou mais uma vez a ser compreendida. O

nome Véritable, que quer dizer guardiães verdadeiros, reais, foi uma tentativa deliberada de dar validade à organização.

— Então a Noublesso de los Seres não existe mais?Audric fez que não com a cabeça.

— Quando a Trilogia foi separada, a razão da existência dos guardiães também desapareceu.

Jeanne franziu o cenho.

— Mas eles não tentaram recuperar os pergaminhos perdidos?

— No começo, sim — admitiu ele —, mas não conseguiram. Com o tempo,

ficou mais difícil continuar tentando, por medo de sacrificar o único pergaminho restante na tentativa de recuperar os outros dois. Já que ninguém mais sabia ler os textos, o segredo não podia ser revelado. Só uma pessoa... —Baillard hesitou. Sentia os olhos de Jeanne sobre ele. — A única pessoa que tinha capacidade para ler os pergaminhos decidiu não passar seu conhecimento adiante.

— O que mudou então?

— Durante centenas de anos, nada mudou. Então, em 1798, o imperador Napoleão partiu por mar rumo ao Egito, levando consigo, além de soldados, sábios e estudiosos. Lá, eles descobriram os restos das antigas civilizações que haviam governado aquelas terras milhares de anos antes. Centenas de artefatos, tábulas sagradas, pedras, foram levados 236

de volta para a França. Dali em diante, foi só uma questão de tempo até as línguas antigas serem decifradas: o demótico, o cuneiforme, os hieróglifos. Como você sabe, Jean-François Champollion foi o primeiro a perceber que os hieróglifos deviam ser lidos não como símbolos de idéias ou letras, mas como uma escrita fonética. Em 1822,ele quebrou o código, para usar a expressão vulgar. Para os antigos egípcios, a escrita era uma dádiva dos deuses... na verdade, a palavra hieróglifo quer dizer fala divina.

— Mas se os pergaminhos do Graal estão escritos na língua do Egito antigo... —

Ela deixou a frase em suspenso. — Se você estiver dizendo o que acho que está dizendo.

Audric... — Ela sacudiu a cabeça. — Que uma sociedade como a Noublesso tenha existido, tudo bem. Que tenham pensado que a Trilogia continha um segredo ancestral, tudo bem também. Mas o resto? É inconcebível.

Audric sorriu.

— Mas qual o melhor jeito de proteger um segredo do que deixar que ele se esconda debaixo de outro segredo? E assim que as civilizações sobrevivem,apropriando, assimilando os símbolos, as idéias de outras.

— Como assim?

— As pessoas procuram a verdade. Pensam que a encontraram. E então param

de procurar, sem nunca imaginar que debaixo do que encontraram existe algo ainda mais espantoso. A história está cheia de símbolos religiosos,ritualísticos, sociais, roubados de uma sociedade para ajudar a construir outra.Por exemplo, o dia em que os cristãos comemoram o nascimento de Jesus de Nazaré, 25 de dezembro, é na verdade o dia da festa de Sol Invictus, e é também o solstício de inverno. A cruz cristã, assim como o Graal, é na verdade um antigo símbolo egípcio, o ankh, apropriado e modificado pelo imperador Constantino. In hoc signo vinces: por este símbolo vencerás, são as palavras atribuídas a ele quando viu a forma de uma cruz surgir no céu. Mais recentemente, os seguidores do Terceiro Reich se apropriaram da suástica para simbolizar a sua ordem. Ela é na verdade um símbolo hindu de renascimento.

— O labirinto — disse ela, compreendendo.

— Lántica simbol del Mièjgjorn. — O antigo símbolo do Midi.Jeanne ficou sentada em um silêncio compenetrado, com as mãos unidas no colo, os pés cruzados nos tornozelos.

— E agora? — perguntou por fim.

— Quando a caverna foi aberta, tudo passou a ser só uma questão de tempo, Jeanne — disse ele. — Eu não sou a única pessoa que sabe disso.

— Mas os Montes Sabarthès foram escavados pelos nazistas durante a guerra — disse ela. — Os caçadores nazistas do Graal conheciam os boatos de que o tesouro cátaro estava enterrado em algum lugar das montanhas. Eles passaram anos escavando qualquer lugar de possível interesse esotérico. Se essa caverna é tão importante, como é

que não foi descoberta sessenta anos atrás?

— Nós garantimos que não fosse descoberta.

— Você estava lá? — perguntou ela, com a voz aguda de surpresa.Baillard sorriu.

— Existem conflitos na Noublesso Véritable — disse ele, esquivando-se da pergunta dela. — A líder da organização é uma mulher chamada Marie-Cécile de lÓradore. Ela acredita no Graal e quer recuperá-lo. Ela acredita na Busca. — Ele fez uma pausa. — Mas existe outra pessoa dentro da organização. — O rosto

dele se obscureceu. — Os motivos dele são diferentes.

— Você precisa falar com o inspetor Noubel — disse ela, aflita.

— Mas e se, como eu disse, ele também estiver trabalhando para eles? É um risco grande demais.

237

O som estridente do apito rompeu o silêncio da estação. Os dois se viraram em direção ao trem que entrava na plataforma com um guinchar dos freios. Era o fim da conversa.

— Não quero deixar você aqui sozinho, Audric.

— Eu sei — disse ele, segurando a mão dela para ajudá-la a subir no trem. —

Mas é assim que tem de terminar.

— Terminar?

Ela abriu a janela e estendeu a mão para segurar a dele.

— Por favor, tome cuidado. Não se arrisque demais.

Por toda a plataforma, as pesadas portas se fecharam, e o trem foi se afastando, no início devagar, depois cada vez mais rápido, até desaparecer nas fendas das montanhas.

CAPÍTULO 53

Shelagh podia sentir que havia alguém no quarto com ela.

Esforçou-se para levantar a cabeça. Sentia-se mal. Sua boca estava seca e havia um latejar difuso em seu crânio, como o zumbido monótono de um aparelho de ar condicionado. Ela não conseguia se mexer. Levou alguns segundos para perceber o fato de que agora estava sentada em uma cadeira, os braços puxados com força para trás das costas e os tornozelos presos às pernas de madeira.

Houve um ligeiro movimento, um estalo das tábuas do piso quando alguém mudou de posição.

— Quem está aí?

As palmas de suas mãos estavam úmidas de medo. Um filete de suor escorria pela base de suas costas. Shelagh forçou-se a abrir os olhos, mas mesmo assim não conseguiu ver. Entrou em pânico, sacudindo a cabeça, piscando, tentando fazer a luz voltar, até

perceber que o capuz estava novamente cobrindo sua cabeça. Recendia a terra e mofo.

Será que ela ainda estava na casa da fazenda? Lembrou-se da agulha, da surpresa da picada da injeção. O mesmo homem que lhe trazia comida. Com certeza alguém viria salvá-la? Ou não?

— Quem está aí? — Ninguém respondeu, embora ela pudesse senti-los bem perto. O

ar estava pesado com cheiro de loção pós barba e cigarro. — O que você quer?

A porta se abriu. Passos. Shelagh sentiu a mudança na atmosfera. Um instinto de auto preservação tomou conta dela, e por um instante ela se debateu freneticamente para se libertar. A corda só fez ficar mais apertada, pressionando mais ainda seus ombros, fazendo-os doer.

A porta se fechou com um baque agourento, pesado.

Ela ficou parada. Por um instante, houve apenas silêncio, depois o som de alguém caminhando em sua direção, cada vez mais perto. Shelagh se retraiu na cadeira. Ele parou bem na sua frente. Ela sentiu o corpo inteiro se contrair, como se milhares de pequenos fios repuxassem sua pele. Como um animal rodeando a presa, ele deu algumas voltas ao redor da cadeira, depois pousou as mãos sobre os ombros dela.

— Quem é você? Por favor, pelo menos tire esta venda.

— Precisamos ter outra conversa, Dra. O'Donnell.

Uma voz que ela conhecia, fria e precisa, varou seu corpo como se fosse uma faca.

Ela percebeu que era aquele homem que estava esperando. Era dele que tinha medo.

De repente, ele empurrou a cadeira para trás.

Shelagh gritou enquanto caía de costas, incapaz de evitar a própria queda. Não chegou a tocar o chão. Ele a deteve centímetros antes do piso, de modo que ela estava quase deitada, com a cabeça pendendo para trás e os pés suspensos no ar.

— Você não está em posição de pedir nada, Dra. O´Donnell.

Ele a segurou naquela posição pelo que pareceram ser horas. Então, sem avisar, subitamente pôs a cadeira de pé. Com a força do movimento, o pescoço de Shelagh se projetou para frente. Ela estava ficando desorientada, como uma criança que brinca de cabra cega.

— Para quem está trabalhando, Dra. O´Donnell?

— Não consigo respirar — sussurrou ela.

Ele a ignorou. Ela o ouviu estalar os dedos e o ruído de uma segunda cadeira sendo posicionada na sua frente. Ele se sentou e puxou-a em sua direção até seus joelhos encostarem nas coxas dela.

— Vamos voltar para a tarde de segunda. Por que deixou sua amiga ir para aquela parte da escavação?

— A Alice não tem nada a ver com isso — choramingou ela. — Eu não a deixei trabalhar lá. Ela foi por vontade própria. Eu nem sabia. Foi só um erro. Ela não sabe de nada.

— Então me diga o que você sabe, Shelagh. — Seu nome na boca dele soava como uma ameaça.

— Eu não sei de nada — gemeu ela. — Já disse a você tudo que eu sabia na segunda, juro.

O tapa veio do nada, atingindo-a bem na bochecha e jogando sua cabeça para

trás.

Shelagh sentiu gosto de sangue na boca, escorrendo por sua língua e pelo fundo de sua garganta.

— A sua amiga pegou o anel? — perguntou ele com a voz normal.

— Não, não, eu juro que não pegou.Ele apertou com mais força.

— Então quem pegou? Você? Você ficou sozinha com os esqueletos por tempo suficiente. A Dra. Tanner me disse.

— Por que eu pegaria? Ele não vale nada para mim.

— Por que tem tanta certeza de que a Dra. Tanner não pegou o anel?

— Ela não faria isso. Não faria — gemeu Shelagh. — Várias outras pessoas entraram lá. Qualquer um podia ter pego o anel. O Dr. Brayling, a polícia... — Ela se calou de repente.

— Como você diz, a polícia — falou ele. Ela reteve a respiração. —Qualquer um deles poderia ter pego o anel. Yves Biau, por exemplo.

Shelagh congelou. Podia ouvir o subir e descer da respiração dele, calma e sem pressa. Ele sabia.

— O anel não estava lá.Ele suspirou.

— O Biau entregou o anel para você? Para dar para a sua amiga?

— Eu não sei do que você está falando — ela conseguiu dizer.

Ele tornou a bater nela, dessa vez com o punho, não com a mão aberta. O sangue jorrou de seu nariz e escorreu por seu queixo.

— O que eu não entendo — dizia ele como se nada tivesse acontecido — é por que ele também não entregou o livro para você, Dra. O´Donnell.

— Ele não me entregou nada — disse ela, sufocando.

— O Dr. Brayling disse que você saiu da escavação na segunda-feira carregando uma bolsa.

— Ele está mentindo.

— Para quem você está trabalhando? — perguntou ele baixinho, suave.

— Isto vai parar. Se a sua amiga não estiver envolvida, não tem motivo para ela se machucar.

— Ela não está — disse Shelagh com a voz chorosa. — A Alice não sabe...

Shelagh se retraiu quando ele pôs a mão em sua garganta, afagando-a primeiro, em uma paródia de afeição. Então começou a apertar, cada vez mais forte, até ela sentir que havia uma coleira de aço em volta de seu pescoço. Ela se debateu de um lado para o outro, tentando aspirar algum ar, mas ele era forte demais.

— Você e o Biau estavam trabalhando para ela? — perguntou.

No exato instante em que ela sentiu que começava a perder os sentidos, ele a soltou.

Ela o sentiu mexendo nos botões de sua blusa, abrindo-os um por um.

— O que você está fazendo? — sussurrou ela, depois se encolheu quando ele tocou sua pele, um toque frio e clínico.

— Ninguém está procurando você. — Ouviu-se um estalo, e Shelagh sentiu cheiro de fluido de isqueiro. — Ninguém vai vir.

— Por favor, não me machuque...

— Você e o Biau estavam trabalhando juntos?Ela assentiu.

— Para madame de lÓradore?Ela tornou a assentir.

— Para o filho dela — conseguiu articular. — François-Baptiste. Eu só falei com ele...

Ela podia sentir a chama próxima de sua pele.

— E o livro?

— Não consegui encontrar. Nem o Yves.Ela o sentiu reagir, então ele retirou a mão.

— Então por que o Biau foi para Foix? Você sabe que ele foi ao hotel da Dra. Tanner?

Shelagh tentou sacudir a cabeça, mas o gesto fez uma nova onda de dor percorrer seu corpo.

— Ele passou alguma coisa para ela.

— Não foi o livro — ela conseguiu dizer.

Antes que pudesse expelir o resto da frase, a porta se abriu e ela ouviu vozes abafadas no corredor, depois a combinação de cheiro de loção pós-barba e suor.

— Como é que você deveria entregar o livro para madame de 1'Oradore?

— François-Baptiste. — Falar doía. — Encontrar com ele no Pic de... eu tinha um número de telefone. — Ela recuou quando ele pôs a mão em seu seio.

— Por favor, não...

— Está vendo como é bem mais fácil quando você coopera? Agora, daqui a pouquinho, você vai dar esse telefonema para mim.

Shelagh tentou sacudir a cabeça, aterrorizada.

— Se eles descobrirem que eu contei para você, eles vão me matar.

— E eu vou matar você e mademoiselle Tanner se você não ligar — disse ele, calmo.

— Você decide.

Shelagh não tinha como saber se ele havia pego Alice. Se ela estava segura, ou se estava ali também.

— Ele está esperando você ligar quando estiver com o livro, não é?Ela não tinha mais coragem de mentir. Aquiesceu.

— Eles estão mais preocupados com um pequeno disco, do tamanho do anel, do que com o anel em si.

Horrorizada, Shelagh percebeu que havia contado a ele a única coisa que ele não sabia.

— Para que serve o disco? — perguntou ele.

— Não sei.

Shelagh ouviu a própria voz gritar quando a chama lambeu sua pele.

— Para... que... serve? — ele tornou a perguntar. Não havia emoção na voz dele.

Ela estava gelada de frio. Um cheiro ruim de carne queimada pairava no ar, doce e enjoativo.

À medida que a dor a levava embora, ela não conseguia mais distinguir um mundo do outro. Estava flutuando, caindo. Sentiu o pescoço ceder.

— Ela está apagando. Tire o capuz.

O material foi arrancado, prendendo-se nos cortes e na pele ferida.

— Encaixa dentro do anel...

A voz dela parecia estar vindo de baixo da água.

— Como uma chave. Para o labirinto...

— Quem mais sabe disto? — gritava ele, mas ela sabia que ele não podia alcançá-la agora. Seu queixo desabou por cima de seu peito. Ele puxou-lhe a cabeça para trás. Um de seus olhos estava fechado de tão inchado, mas o outros e entreabriu. Tudo que ela conseguiu ver foi um emaranhado de rostos embaçados, entrando e saindo de sua linha de visão.

— Ela não percebe...

— Quem? — perguntou ele. — Madame de lÓradore? Jeanne Giraud?

— Alice — sussurrou Shelagh.

CAPÍTULO 54

Alice chegou a Chartres no final da tarde. Encontrou um hotel, depois comprou um mapa e foi direto para o endereço que conseguira no auxílio à lista. Alice olhou surpresa para a casa requintada, com sua aldrava e caixa de correio de bronze reluzente e suas plantas elegantes nas jardineiras, e os vasos margeando os degraus. Ela não podia imaginar Shelagh hospedada ali.

Que diabo você vai dizer se alguém atender?

Alice respirou fundo, depois subiu os degraus e tocou a campainha. Ninguém atendeu. Ela esperou, deu um passo para trás e olhou para as janelas lá em cima, depois tentou de novo. Ligou para o número. Segundos depois, pôde ouvir um telefone tocando lá dentro.

Pelo menos era o lugar certo.

Aquilo era um anticlímax mas, para ser honesta consigo mesma, era também um alívio. O confronto, se era isso que estava por vir, podia esperar.

A praça em frente à catedral estava abarrotada de turistas, todos agarrados com câmeras, e guias de turismo empunhando flâmulas ou sombrinhas coloridas levantadas bem alto. Alemães bem comportados, ingleses pouco à vontade, italianos glamourosos, japoneses calados, americanos entusiasmados. Todas as crianças pareciam entediadas.

Em algum ponto da longa viagem para o norte, ela havia parado de achar que descobriria alguma coisa com o labirinto de Chartres. Tudo parecia tão obviamente ligado — a caverna no Pic de Soularac, Grace, ela própria —, era tudo óbvio demais. Parte dela tinha a sensação de estar correndo atrás de uma pista falsa.

Mesmo assim, Alice comprou ingresso e juntou-se à excursão de língua inglesa, marcada para começar dali a cinco minutos. A guia era uma mulher eficiente, de

meia-idade, com modos excepcionais e uma voz bem marcada.

— Para o olhar moderno, as catedrais são estruturas altas e cinzentas de devoção e fé. Mas, na época medieval, elas eram muito coloridas, mais parecidas com os santuários hindus da Índia ou da Tailândia. As estátuas e pedestais que adornavam os grandes portais, aqui em Chartres ou em outras catedrais, eram policromáticos. — A guia apontou para a fachada com a sombrinha. — Se vocês olharem de perto, ainda poderão ver fragmentos de rosa, azul e amarelo colados nas rachaduras das estátuas.

Em volta de Alice, as pessoas aquiesciam, obedientes.

— Em 1194 — continou a mulher —, um incêndio destruiu a maior parte da cidade de Chartres, assim como a própria catedral. No início pensaram que a relíquia mais sagrada da catedral tivesse sido destruída: a sancta camisia, a túnica supostamente usada por Maria no nascimento de Cristo.Mas, três dias depois, a relíquia foi encontrada: tinha sido escondida na cripta pelos monges. Isso foi visto como um milagre, um sinal de que a catedral devia ser reconstruída. O edifício que vemos hoje foi concluído em 1223, e em 1260foi consagrado como igreja catedral da Assunção de Nossa Senhora, a primeira catedral da França a ser dedicada à Virgem Maria.

Alice escutava com um ouvido só, até chegarem à parte norte da catedral. A guia apontou para a sinistra procissão de pedra de reis e rainhas do Antigo Testamento, esculpida acima do portal norte.

Alice sentiu um calafrio de nervosismo.

— Esta é a única representação significativa do Antigo Testamento na catedral —disse a guia, chamando-os para mais perto. — Neste pilar existe um alto-relevo que muitas pessoas acreditam representar a Arca da Aliança sendo levada embora de Jerusalém por Menelik, filho de Salomão e da rainha de Sabá, apesar do fato de os historiadores alegarem que a história de Menelik só ficou conhecida na Europa no século XV. E aqui — ela abaixou um pouco o braço — temos outro mistério. Quem tiver bons olhos vai conseguir distinguir, com esforço, as palavras latinas HIC AMITITUR ARCHA CEDERIS. —Ela olhou em volta para o grupo e sorriu, como quem sabe das coisas. —

Quem souber latim vai perceber que a inscrição não faz sentido. Alguns guias impressos traduzem ARCHA CEDERIS como "É preciso ir até a Arca", e a

inscrição inteira como

"Aqui as coisas seguem seu curso: é preciso ir até a Arca." Mas se tomarmos CEDERIS

por uma corruptela de FOEDERIS, conforme sugeriram alguns comentadores, então a inscrição pode ser traduzida como "Aqui ela se foi, a Arca da Aliança".

Ela olhou em volta para o grupo.

— Esta porta, entre outras coisas, é um dos motivos para os inúmeros mitos e lendas que surgiram em torno da catedral. Não se sabe os nomes dos mestres de construção responsáveis pela catedral de Chartres, o que é raro. É provável que, por alguma razão, nenhum registro tenha sido mantido e os nomes tenham simplesmente 242

sido esquecidos. No entanto, aqueles com imaginações mais, digamos, férteis, interpretaram essa ausência de informação de outra forma. O mais persistente dos rumores é que a catedral foi construída por descendentes dos Pobres Cavaleiros de Salomão, os Templários, como um livro de pedra codificado, um quebra-cabeça gigante que só os iniciados eram capazes de decifrar. Muitos acreditavam que os ossos de Maria Madalena haviam sido enterrados debaixo do labirinto. Ou até mesmo o próprio Santo Graal.

— Alguém procurou? — perguntou Alice, arrependendo-se das palavras no instante em que saíram de sua boca. Olhos desaprovadores voltaram-se para ela como um canhão de luz.

A guia arqueou as sobrancelhas.

— Certamente. Em mais de uma ocasião. Mas a maioria de vocês não vai ficar surpresa se eu disser que não descobriram nada. Outro mito. — Ela fez uma pausa. —

Vamos entrar?

Sentindo-se esquisita, Alice seguiu o grupo até a Porta Oeste e entrou na fila para entrar na catedral. Imediatamente, todos baixaram a voz enquanto o cheiro característico de pedra e incenso realizava sua magia. Nas capelas laterais e perto da entrada principal, fileiras bruxuleantes de velas devocionais reluziam na escuridão.

Ela se preparou para algum tipo de reação, visões do passado, como havia sentido em Toulouse e Carcassonne. Não sentiu nada, e depois de algum tempo

relaxou e começou a aproveitar o passeio. Graças a suas pesquisas, sabia que a catedral de Chartres era conhecida por ter a mais bela coleção de vitrais coloridos do mundo, mas não estava preparada para o brilho ofuscante das janelas. Um caleidoscópio de cores cintilantes inundou a catedral, mostrando cenas da vida cotidiana e bíblica. A Janela da Rosa e a Janela da Virgem Azul, a Janela de Noé retratando o dilúvio e os animais entrando na arca aos pares. Enquanto andava, Alice tentou imaginar como deveria ter sido aquele lugar quando as paredes eram cobertas de afrescos e adornadas com ricas tapeçarias, os tecidos orientais e flâmulas de seda todos bordados de ouro. Aos olhos medievais, o contraste entre os esplendores do templo de Deus e o mundo do lado de fora do claustro devia ter sido impressionante. Prova irrefutável, talvez, da glória de Deus sobre a Terra.

— E, finalmente — disse a guia —, chegamos ao famoso piso do labirinto de 11

circuitos. Completado em 1200, é o maior da Europa. A peça central original desapareceu há muito tempo, mas o resto está intacto. Para os cristãos medievais, o labirinto era uma oportunidade de fazer uma peregrinação espiritual, em vez de uma viagem de verdade a Jerusalém. Daí o fato de os labirintos desenhados no piso, por oposição àqueles encontrados nas paredes de igrejas e catedrais, serem muitas vezes conhecidos como chemin de Jerusalém, ou seja, a estrada ou caminho para Jerusalém. Peregrinos seguiam o circuito em direção ao centro, às vezes repetidas vezes, o que simbolizava uma compreensão ou uma proximidade cada vez maior de Deus. Os penitentes muitas vezes percorriam o caminho de joelhos, e algumas vezes levavam vários dias.

Alice chegou até a frente do grupo, com o coração disparado, percebendo em seu subconsciente que estava adiando aquele instante.

Chegou a hora.

Ela respirou fundo. As fileiras de cadeiras dos dois lados da nave, dispostas em frente ao altar para a missa, destruía a simetria. Mesmo assim, e apesar de conhecer as dimensões depois de sua pesquisa, Alice ficou espantada com o tamanho do labirinto. Ele dominava inteiramente a catedral.

Devagar, como todos os outros, Alice começou a percorrer o labirinto, dando voltas e mais voltas, em círculos cada vez menores, como em um jogo de siga-o-líder, até

chegar ao centro.

Não sentiu nada. Nenhum tremor na espinha, nenhum momento de iluminação ou de transformação. Nada. Agachou-se e tocou o chão. A pedra era lisa e fresca, mas 243

não lhe causou nenhum efeito.

Alice deu um sorriso de ironia. O que você estava esperando?

Sequer precisou tirar da bolsa o desenho do labirinto da caverna para saber que ali não havia nada que a interessasse. Sem fazer alarde, Alice pediu licença ao grupo e se retirou discretamente.

Depois do calor intenso do Midi, o suave sol do norte era um alívio, e Alice passou a hora seguinte explorando o pitoresco centro histórico da cidade. Inconscientemente, procurava a esquina onde Grace e Audric Baillard haviam posado para a foto.

A esquina parecia não existir, ou então ficava fora da área coberta pelo mapa. A maioria das ruas havia sido batizada em homenagem aos ofícios praticados ali antigamente: relojoeiros, curtidores, palafreneiros e copistas, testemunhas da importância de Chartres como grande centro francês de fabricação de papel e encadernação nos séculos XII e XIII. Mas não havia nenhuma rue des Trois Degrés.

Por fim, Alice tornou a chegar ao ponto onde havia começado, na frente da Porta Oeste da catedral. Sentou-se no muro apoiada nas grades. Imediatamente, seu olhar foi atraído para a esquina da rua logo em frente. Ela pulou de cima do muro e correu para ler a placa na parede: RUE DE L´ÉTROIT DEGRÉ, DITE AUSSI RUE DES TROIS DEGRÉS

(DES TROIS MARCHES).

A rua havia mudado de nome. Sorrindo para si mesma, Alice recuou alguns passos para ver melhor e esbarrou em um homem que tinha o rosto enterrado em um jornal.

— Pardon — disse, afastando-se para o lado.

— Não, sou eu quem peço desculpas — respondeu ele com um agradável sotaque americano. — Foi culpa minha. Eu não estava prestando atenção para onde estava indo.

Tudo bem com você?

— Tudo.

Para sua surpresa, ele olhava para ela com interesse.

— Algum...

— Alice, não é?

— É...? — disse ela, cautelosa.

— Alice, claro. Oi — disse ele, passando os dedos pela cabeleira loura desgrenhada.

— Que incrível!

— Desculpe, mas eu...

— William Franklin — disse ele, estendendo a mão. — Nos conhecemos em Londres, 1994 ou 95. Um grupo grande. Você namorava um cara...como era o nome dele... Oliver. E isso? Eu estava visitando a minha prima.

Alice tinha uma vaga lembrança de uma tarde em um apartamento abarrotado com os amigos de universidade de Oliver. Achava que, com esforço, era capaz de se lembrar de um rapaz americano, simpático, bonito, embora naquela época estivesse completamente apaixonada e não reparasse em mais ninguém.

Será este cara?

— Você tem boa memória — disse ela, apertando a mão dele. — Faz muito tempo.

— Você não mudou muito — disse ele, sorrindo. — Como vai o Oliver?Alice fez uma careta.

— Não estamos mais juntos.

— Que pena — disse ele. Houve uma pausa curta, e ele acrescentou: —Quem é essa aí na foto?

Alice baixou os olhos. Esquecera-se de que ainda a estava segurando.

— Minha tia. Encontrei isto no meio das coisas dela e, já que estava aqui, pensei em ver se conseguia descobrir onde tinha sido tirada. — Ela deu um meio-sorriso. — Foi mais difícil do que você poderia imaginar.

Will olhou por sobre o ombro dela.

— E o cara?

— Um amigo. Escritor.

Outra pausa, como se ambos quisessem continuar a conversa, mas não soubessem muito bem o que dizer. Will tornou a olhar para a fotografia.

— Ela parece legal.

— Legal? Para mim ela parece bem determinada, mas eu não tenho como ter certeza disso. Nunca nos conhecemos.

— É mesmo? Então por que você está carregando uma foto dela por aí?Alice tornou a guardar a foto na bolsa.

— É complicado.

— Eu gosto de histórias complicadas — disse ele, gozador. — Olhe... —ele hesitou. —

Quer tomar um café ou coisa assim? Se você não tiver nenhum outro compromisso.

Alice ficou surpresa, mas na verdade estava pensando a mesma coisa.

— Você costuma abordar mulheres assim, aleatoriamente?

— Não — disse ele. — Mas a pergunta é: você costuma aceitar?

Alice tinha a sensação de que estava olhando aquela cena do alto. Vendo um homem e uma mulher, parecida com ela, entrarem em uma pâtisserie antiquada, com os bolos e doces expostos em vitrines compridas.

Não acredito que estou fazendo isto.

Imagens, cheiros, sons. Garçons indo e vindo entre as mesas, o cheiro amargo de queimado do café, o chiado do leite na máquina, o tilintar de garfos sobre os pratos, tudo era especialmente vivido. Acima de tudo, o próprio Will: o modo como ele sorria, seu virar de cabeça, o jeito como seus dedos tocavam a corrente de prata em seu pescoço quando ele falava.

Sentaram-se em uma mesa do lado de fora. Era possível ver a pontinha da agulha da catedral por cima dos telhados das casas. Quando se sentaram, foram ambos tomados por um leve mal-estar. Os dois começaram a falar ao mesmo tempo. Alice riu, Will se desculpou.

Cautelosos, hesitantes, começaram a contar um ao outro a história de suas vidas desde o último encontro, seis anos antes.

— Você parecia mesmo entretido quando veio dobrando aquela esquina— disse ela, virando o jornal dele para poder ler a manchete.

Will deu um meio-sorriso.

— É, desculpe de novo por aquilo — falou. — O jornal daqui nem sempre é

muito estimulante. Um homem foi encontrado morto no rio, bem no centro da cidade.

Tinha sido apunhalado nas costas, as mãos e os pés dele estavam amarrados, a estação de rádio daqui está. ficando maluca. Parece que pensam que foi algum tipo de morte ritualística. Agora estão ligando a morte dele ao desaparecimento de uma jornalista na semana passada, uma mulher que estava escrevendo um exposé sobre sociedades 245

secretas religiosas.

O sorriso desapareceu do rosto de Alice.

— Posso ver o jornal? — pediu ela, estendendo a mão.

— Claro. À vontade.

Seu mal-estar aumentou quando ela leu a lista de nomes. Noublesso Véritable.

Havia algo familiar naquele nome.

— Está tudo bem? — Alice ergueu os olhos e viu Will olhando para ela fixamente.

— Desculpe — disse ela. — Eu estava com a cabeça longe. É que recentemente encontrei uma coisa parecida com isto. Estou chocada com a coincidência.

— Coincidência? Parece interessante.

— E uma história comprida.

— Eu não estou com pressa — disse Will, apoiando os cotovelos na mesa e sorrindo para ela, incentivando-a.

Depois de passar tanto tempo presa nos próprios pensamentos, Alice sentiu-se tentada pela oportunidade de finalmente conversar com alguém. E ela praticamente o conhecia. Só conte a ele o que você quiser.

— Bom, eu não tenho certeza se isto vai fazer muito sentido — começou ela. —

Alguns meses atrás, eu descobri, totalmente por acaso, que uma tia de quem eu nunca tinha ouvido falar tinha morrido e deixado tudo para mim,inclusive uma casa na França.

— A senhora da foto. Ela aquiesceu.

— O nome dela é Grace Tanner. Eu já vinha para a França de qualquer jeito, para visitar uma amiga que estava trabalhando em uma escavação arqueológica nos Pireneus, então resolvi juntar as duas viagens. — Ela hesitou. — Aconteceram umas coisas na escavação... não vou chatear você com detalhes...mas o fato é que parecia... Bom, não importa. — Ela tomou fôlego. — Ontem, depois de encontrar a advogada, eu fui à casa da minha tia e encontrei umas coisas... uma coisa, um desenho, que tinha visto na escavação. — Ela

gaguejou, sem conseguir articular. — Lá também tinha um livro escrito por um autor chamado Audric Baillard, que tenho quase cem por cento de certeza que é o homem da foto.

— Ele ainda está vivo?

— Até onde eu sei, está. Ainda não consegui encontrá-lo.

— Qual é a relação dele com a sua tia?

— Não tenho certeza. Tenho esperança de que ele vá me dizer. Ele é o meu único vínculo com ela. E com outras coisas.

Com o labirinto, com a árvore genealógica, com o meu sonho. Quando ela ergueu os olhos, viu que Will tinha no rosto uma expressão confusa, mas interessada.

— Não posso dizer que entendi muita coisa — disse ele com um meio-sorriso.

— Eu não estou explicando muito bem — admitiu ela. — Vamos falar de alguma coisa menos complicada. Você ainda não me disse o que está fazendo em Chartres.

— Como qualquer outro americano na França, tentando escrever.Alice sorriu.

— O mais tradicional não é Paris?

— Eu comecei por lá, mas devo ter achado muito... bom, muito impessoal, se é que você me entende. Meus pais conheciam gente lá. Acabei ficando um tempo.

Alice assentiu, esperando que ele continuasse. Em vez disso, ele voltou a algo que ela dissera antes.

— Esse desenho que você mencionou — disse ele, casual. — Que você encontrou na escavação e depois na casa da Grace, o que ele tinha de especial?

Ela hesitou.

— É um labirinto.

— É por isso então que você está em Chartres? Para visitar a catedral?

— Não é exatamente o mesmo labirinto... — Ela se deteve, novamente cautelosa.

— E parte por isso que estou aqui, mas também estou planejando encontrar uma amiga.

Shelagh. Existe uma... possibilidade de que ela possa estar em Chartres. — Alice enfiou a mão dentro da bolsa e passou para Will por cima da mesa o pedaço de papel com o endereço escrito. — Eu fui lá mais cedo, mas não tinha ninguém. Então resolvi ver um pouco a cidade, e voltar dali a uma hora ou alguma coisa assim.

Alice ficou chocada ao ver que Will havia ficado pálido. Ele parecia atônito.

— Está tudo bem com você? — perguntou ela.

— Por que você acha que a sua amiga pode estar neste endereço? —perguntou ele com a voz tensa.

— Não sei muito bem — disse ela, ainda intrigada pela mudança que havia se operado nele.

— É a mesma amiga que você foi visitar na escavação?Ela assentiu.

— E ela também viu esse desenho do labirinto? Como você?

— Imagino que sim, mas ela não disse nada. Estava mais obcecada com uma coisa que eu tinha encontrado, que... — Alice se interrompeu ao ver que Will se punha de pé

abruptamente.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, assustada pela expressão no rosto dele enquanto a segurava pela mão.

— Venha comigo. Tem uma coisa que você precisa ver.

— Onde estamos indo? — ela tornou a perguntar, apressando o passo para

acompanhá-lo.

Então dobraram a esquina e Alice percebeu que estavam do outro lado da rue du Cheval Blanc. Will dirigiu-se para a casa a passos largos, depois subiu correndo os degraus até a porta da frente.

— Ficou maluco? E se chegar alguém?

— Não vai chegar.

— Mas como é que você sabe?

Alice ficou olhando, espantadíssima, enquanto Will tirava do bolso uma chave e abria a porta da frente.

— Rápido, antes que alguém nos veja.

— Você tem a chave — perguntou ela, incrédula. — Que tal se começasse a me dizer que diabo está acontecendo?

Will tornou a descer os degraus correndo e agarrou a mão dela.

— Aqui dentro tem uma versão do seu labirinto — sibilou ele. — OK? Agora você

vai entrar ou não?

E se for outra armadilha?

Depois de tudo que havia acontecido, ela seria louca se o seguisse. Era arriscado demais. Ninguém sequer sabia que ela estava ali. Mas a curiosidade derrotou o bom senso. Alice ergueu os olhos para o rosto de Will, que se mostrava ao mesmo tempo 247

apressado e nervoso.

Decidiu lhe dar mais uma chance e confiar nele.

CAPÍTULO 55

Alice se viu de pé em um grande hall de entrada, que mais parecia um museu do

que a casa de alguém. Will foi direto até uma tapeçaria bem em frente à porta e a afastou da parede.

— O que você está fazendo?

Correu atrás dele e viu uma pequena maçaneta de bronze incrustada no painel de madeira. Will a sacudiu e empurrou, depois se virou, frustrado.

— Que saco. Alguém trancou pelo outro lado.

— É uma porta? — É .

— E o labirinto que você viu está lá dentro? Will fez que sim com a cabeça.

— Você desce um lance de escadas e um corredor, que leva até uma espécie de câmara. Lá tem símbolos egípcios nas paredes e uma tumba com o símbolo do labirinto esculpido em cima, exatamente como você descreveu.Agora... — Ele se interrompeu. —

Aquela história no jornal. O fato de a sua amiga ter este endereço...

—Você está tirando um monte de conclusões sem fundamento nenhum — disse ela.

Will soltou o canto da tapeçaria e andou até um aposento do lado oposto do hall.

Depois de hesitar por um instante, Alice foi atrás.

— O que você está fazendo? — sibilou ela enquanto Will abria a porta.

Entrar na biblioteca foi como recuar no tempo. Era um aposento formal, com a atmosfera de um clube exclusivamente masculino. As persianas estavam parcialmente fechadas, e feixes de luz amarela riscavam o tapete como tiras de tecido dourado. Havia um ar de permanência, um cheiro de antigüidade e cera.

Estantes fechadas corriam do chão até o teto em três das quatro paredes, com escadas deslizantes para dar acesso às mais. altas. Will sabia exatamente o que estava procurando. Havia uma seção dedicada aos livros sobre Chartres, composta tanto de volumes ilustrados quanto de ensaios mais sérios sobre arquitetura e história social.

Virando-se ansiosa para a porta, com o coração disparado, Alice viu Will tirar da prateleira um livro com um brasão de família gravado na capa e levá-lo até a mesa. Alice olhou por cima do ombro dele enquanto ele virava as páginas. Fotografias coloridas em papel cuchê, antigos mapas de Chartres, desenhos a traço e tinta foram passando, até Will chegar à parte que lhe interessava.

— O que é isto?

— Um livro sobre a casa da família de lÓradore. Esta casa — respondeu ele. — A família mora aqui há centenas de anos, desde que ela foi construída.O livro tem as plantas baixas e os cortes verticais da casa inteira.

Will foi passando até chegar à página que queria.

— Olhe — disse, virando o livro para ela poder ver bem. — E isto aqui?Alice perdeu o fôlego.

— Ai, meu Deus — sussurrou.

Era um desenho perfeito de seu labirinto.

248

O barulho da porta da frente sendo fechada com um baque fez os dois sobressaltarem-se.

— Will, a porta! Deixamos aberta!

Ela pôde distinguir vozes abafadas no hall, um homem e uma mulher.

— Estão vindo para cá — sibilou ela.Will empurrou o livro para ela.

— Rápido — sibilou, apontando para um grande sofá de três lugares debaixo da janela. — Deixe que eu cuido disto.

Alice pegou sua mochila, correu até o sofá e esgueirou-se para o espaço entre o móvel e a parede. Um cheiro pungente de couro rachado, fumaça de charuto velha e poeira fez cócegas em seu nariz. Ela ouviu Will fechar a porta da estante com estrépito, depois posicionar-se no meio do aposento no exato instante em que a porta da biblioteca se abriu.

— Quést-ce que vous foutez lá?

Uma voz de homem. Inclinando um pouco a cabeça, Alice pôde com esforço vê-los refletidos nas portas envidraçadas das estantes. O rapaz era jovem e alto, mais ou menos da mesma idade de Will, embora mais magro. Cabelos pretos encaracolados, testa larga e nariz aristocrático. Ela franziu o cenho. Ele lhe lembrava alguém.

— François-Baptiste. Oi — disse Will. Mesmo aos ouvidos de Alice, sua alegria soava fingida.

— Que porra você está fazendo aqui? -— repetiu o rapaz em inglês.Will acenou com a revista que havia pego em cima da mesa.

— Vim só procurar alguma coisa para ler.

François-Baptiste passou os olhos pelo título e deu uma risada curta.

— Não parece o seu estilo.

— Mal sabe você.

O rapaz deu um passo na direção de Will.

— Você não vai durar muito mais — disse ele em uma voz baixa, amarga. — Ela vai se cansar de você e te chutar como todos os outros. Você nem sabia que ela ia sair da cidade, sabia?

— O que acontece entre nós não é da sua conta, então se você não se importar...

François-Baptiste interpôs-se na frente de Will.

— Por que a pressa?

— Não me provoque, François-Baptiste, estou avisando.François-Baptiste pôs a mão no peito de Will para impedi-lo de passar.

— Não toque em mim.

— Senão você vai fazer o quê?

— Ça suffit.

Os dois homens se viraram. Alice se esforçou para ver melhor, mas a mulher não havia entrado totalmente no aposento.

— O que está acontecendo? — perguntou ela. — Brigando feito duas crianças.

François-Baptiste? William?

— Rien, maman. Je lui demandais...

Will fez uma cara de espanto quando finalmente percebeu quem havia entrado junto com François.

— Marie-Cécile. Eu não fazia idéia... — Ele hesitou. — Não estava esperando você

voltar tão cedo.

A mulher entrou mais no aposento e Alice deu uma boa olhada em seu rosto.

Não pode ser.

Nesse dia ela estava vestida com mais formalidade do que na vez anterior em que Alice a vira, com uma saia ocre na altura dos joelhos e uma jaqueta combinando. Tinha os cabelos soltos em volta do rosto, e não presos para trás com um lenço.

Mas não havia como confundi-la. Era a mesma mulher que Alice vira na frente do Hotel de la Cité em Carcassonne. Aquela era Marie-Cécile de lÓradore.

Ela olhou da mãe para o filho. A semelhança familiar era forte. O mesmo perfil, o mesmo ar imperioso. O motivo do ciúme de François-Baptiste e do antagonismo entre ele e Will agora fazia sentido.

— Mas, de fato, meu filho tem razão — dizia Marie-Cécile. — O que você está

fazendo aqui?

— Eu estava... estava só procurando alguma coisa diferente para ler.Tenho me sentido... sozinho sem você.

Alice se retraiu. Ele não soava nada convincente.

— Sozinho — ecoou ela. — A sua cara está contando uma outra história, Will.

Marie-Cécile se inclinou para frente e beijou Will na boca. Alice sentiu o embaraço invadir o aposento. A cena era desconfortavelmente íntima. Ela podia ver que Will tinha os punhos cerrados.

Ele não quer que eu veja isto.

O pensamento, por mais surpreendente que fosse, entrou e saiu de sua mente como um piscar de olhos.

Marie-Cécile o soltou, com um brilho de satisfação no rosto.

— Nos falamos depois, Will. Agora, infelizmente, eu e o François-Baptistetemos um assunto para cuidar. Désolée. Então com licença.

— Aqui?

Rápido demais. Obvio demais. Marie-Cécile apertou os olhos.

— Por que não aqui?

— Por nada — disse ele, abrupto.

— Maman. Il est dix-huit heures déjà.

— Járrive — disse ela, ainda olhando desconfiada para Will.

— Mais, je ne...

— Va le chercher — disse ela, ríspida. Vá buscar.

Alice ouviu François-Baptiste sair da biblioteca com raiva, depois viu Marie-Cécile passar o braço pela cintura de Will e puxá-lo para perto de si. Suas unhas destacavam-se em um vermelho vivo contra o branco da camiseta dele. Alice quis desviar os olhos, mas não conseguiu.

— Tiens — disse Marie-Cécile. — À bientôt.

— Você vem agora? — perguntou Will. Alice pôde ouvir o pânico em sua voz quando ele percebeu que teria de deixá-la encurralada.

— Tout à l´heure. — Daqui a pouco.

Alice não pôde fazer nada. A não ser escutar o barulho dos passos de Will se 250

afastando.

Os dois homens se cruzaram na porta.

— Tome — disse François-Baptiste, entregando para a mãe um exemplar do mesmo jornal que Will estava lendo mais cedo.

— Como eles descobriram a notícia tão rápido?

— Não faço idéia — respondeu ele, contrariado. — Desconfio que tenha sido o Authié.

Alice ficou rígida. O mesmo Authié?

—Você tem mesmo certeza disso, François-Baptiste? — dizia Marie-Cécile.

— Bom, alguém deve ter contado para eles. A polícia mandou mergulhadores procurarem no Eure na terça-feira, exatamente no lugar certo. Eles sabiam o que estavam procurando. Pense um pouco. Quem foi que disse que tinha um vazamento de informação em Chartres, para começo de conversa? O Authié. Ele algum dia apresentou alguma prova de que o Tavernier tivesse falado com a jornalista?

— Tavernier?

— O homem do rio — disse ele, ácido.

— Ah, claro. — Marie-Cécile acendeu um cigarro. — A matéria cita a Noublesso Véritable pelo nome.

— O próprio Authié pode ter contado para eles.

— Contanto que não tenha nada ligando o Tavernier a esta casa, não tem problema — disse ela, soando entediada. — Alguma notícia?

— Eu fiz tudo que você me mandou fazer.

— E preparou tudo para sábado?

— Preparei — admitiu ele —, mas sem o anel ou o livro, não sei por que estamos nos dando ao trabalho.

Um sorriso passou pelos lábios vermelhos de Marie-Cécile.

— Bom, é por isso que ainda precisamos do Authié, entendeu, mesmo que você

obviamente não confie nele — disse ela com a voz calma. — Ele diz que, miracle, encontrou o anel.

— Por que diabo você não me contou isso antes? — perguntou ele,furioso.

— Estou contando agora — retrucou ela. — Ele diz que os homens dele encontraram o anel no quarto de hotel da inglesa em Carcassonne, ontem à noite.

Alice sentiu a pele ficar fria. Isso é impossível.

— Você acha que ele está mentindo?

— Deixe de ser idiota, François-Baptiste — cortou ela. — É claro que ele está

mentindo. Se a Dra. Tanner tivesse pego o anel, o Authié não teria levado quatro dias para encontrar. Além disso, eu mandei revistar o apartamento e o escritório dele.

— Então...

Ela o interrompeu.

— Se... se... o Authié estiver com o anel, coisa de que eu duvido, então das duas uma: ou ele pegou com a avó do Biau, ou então estava com ele o tempo todo. É

possível que ele próprio tenha pego o anel da caverna.

— Mas por quê?

O telefone tocou, intrusivo, alto. O coração de Alice pulou até a boca. François-

251

Baptiste olhou para a mãe.

— Atenda — disse ela.Ele fez o que ela mandava.

— Oui.

Alice mal se atrevia a respirar por medo de que a descobrissem.

— Oui, je comprends. Attends. — Ele cobriu o fone com a mão. — É a Shelagh O´Donnell. Ela diz que está com o livro.

— Pergunte por que ela não ligou antes.Ele assentiu.

— Onde você está desde segunda-feira? — Ele escutou. — Alguém mais sabe que ele está com você? — Ele escutou. — OK. A vingt-deux heures.Demain soir.

Tornou a pôr o fone no gancho.

— Tem certeza de que era ela?

— Era a voz dela. Ela sabia o que estava combinado.

— Ele deve ter grampeado os telefones.

— Como assim? — perguntou ele, inseguro. — Quem?

— Quem você acha que pode ser? — disparou ela. — O Authié, claro.

— Eu...

— Shelagh O´Donnell está desaparecida há dias. Na mesma hora em que eu estou fora de Chartres, ela reaparece! Primeiro o anel, depois o livro.

François-Baptiste finalmente perdeu a paciência.

— Mas você acabou de defender o Authié! — gritou ele. — Me acusou de tirar conclusões apressadas. Se você sabe que ele está trabalhando contra nós, então por que não me contou, em vez de me deixar fazer papel de bobo?Mais especificamente, por que você não faz ele parar? Você algum dia se perguntou por que ele quer tanto esses livros?

O que ele vai fazer com eles? Um leilão para quem pagar mais?

— Eu sei muito bem, sei exatamente por que ele quer os livros — disse ela com a voz gelada.

— Por que você sempre faz isso? Você me humilha o tempo todo!

— Esta conversa está encerrada — disse ela. — Vamos viajar amanhã.Assim conseguimos chegar lá a tempo de encontrar a Dra. O´Donnell e de eu me preparar. A cerimônia vai acontecer à meia-noite conforme o combinado.

— Você quer que eu me encontre com ela? — perguntou ele, incrédulo.

— Bom, é claro — disse ela. Pela primeira vez, Alice ouviu algum tipo de emoção na voz de Marie-Cécile. — Eu quero o livro, François-Baptiste.

— E se o anel não estiver com ele?

— Eu não acho que ele se daria a todo este trabalho se não estivesse como anel.

Alice ouviu François-Baptiste atravessar o aposento e abrir a porta.

— E ele? — perguntou o rapaz, com um pouco de energia retornando a sua voz. —

Você não pode deixar ele aqui para...

— Deixe que eu cuido do Will. Ele também não é problema seu.

Will estava escondido no armário do corredor da cozinha.

O armário era apertado e cheirava a casacos de couro, botas velhas e jaquetas enceradas, mas era o único lugar de onde tinha uma visão desimpedida das portas da biblioteca e do escritório. Viu François-Baptiste sair primeiro e entrar

no escritório, seguido 252

instantes depois por Marie-Cécile. Will esperou até a pesada porta se fechar, então imediatamente emergiu do armário e atravessou o hall correndo até a biblioteca.

— Alice — sussurrou. — Rápido. Você tem de sair daqui. — Ouviu-se um leve ruído, e então ela apareceu. — Mil desculpas — disse ele. — Isto tudo é culpa minha. Tudo bem com você?

Ela aquiesceu, embora estivesse pálida como a morte.

Will estendeu a mão para segurar a dela, mas ela se recusou a segui-lo.

— Que história toda é esta, Will? Você mora aqui. Você conhece essas pessoas, e mesmo assim está disposto a jogar tudo para o alto para ajudar uma desconhecida. Não faz sentido.

Ele quis dizer que ela não era uma desconhecida, mas se controlou.

— Eu...

Ele não sabia o que dizer. O aposento pareceu se desintegrar. Tudo que Will via era o rosto em forma de coração de Alice e seus olhos castanhos decididos, que pareciam estar olhando bem dentro dele.

— Por que não me contou que você... que você e ela...? Que você morava aqui?

Will foi incapaz de encará-la. Alice ficou olhando para ele por mais alguns instantes, depois cruzou a biblioteca depressa e saiu para o hall, deixando-o sem outra opção a não ser ir atrás dela.

— O que você vai fazer agora? — perguntou ele, desesperado.

— Bom, eu descobri o que liga a Shelagh a esta casa — disse ela. — Ela trabalha para eles.

— Eles? — disse Will, estupefato, abrindo a porta da frente para os dois poderem sair. — Como assim?

— Mas ela não está aqui. Madame de lÓradore e o filho também estão procurando por ela. Pelo que eu ouvi, acho que ela está presa em algum lugar perto de Foix.

Subitamente, Alice se virou em pânico no pé da escada.

— Will, eu deixei minha mochila na biblioteca — disse ela horrorizada.— Atrás do sofá, junto com o livro.

Mais do que tudo, Will queria beijá-la. A hora não poderia ser pior, eles estavam no meio de uma situação que ele não entendia, Alice sequer confiava nele de verdade. Mesmo assim, parecia a coisa certa.

Sem pensar, Will se adiantou para tocar a lateral do rosto dela. Tinha a sensação de saber exatamente que a textura da pele dela seria lisa e fresca, como se aquele fosse um gesto que já tivesse feito milhares de vezes. Então a lembrança da maneira como ela havia se afastado dele no café o deteve e ele parou, com a mão a um milímetro do rosto dela.

— Desculpe — ele começou a dizer, como se Alice fosse capaz de ler seu pensamento.

Ela o olhava fixamente, e então um sorriso passageiro cruzou seu rosto contraído e ansioso.

— Eu não quis ofender você — gaguejou ele. — E que...

— Não tem problema — disse ela, mas sua voz era suave.

Will deu um suspiro de alívio. Sabia que ela estava errada. Aquilo para ele era mais importante do que qualquer outra coisa no mundo, mas pelo menos ela não estava brava com ele.

— Will — disse ela, dessa vez um pouco mais incisiva. — E a minha mochila? Está

tudo lá dentro. Todas as minhas anotações.

— Sim, claro — disse ele imediatamente. — Desculpe. Vou pegar. Eu levo para você. — Ele tentou recuperar a concentração. — Onde você está hospedada?

— No Hotel Petit Monarque. Na Place des Épars.

— Está certo — disse ele, tornando a subir os degraus correndo. — Me dê meia hora.

Will ficou olhando para ela até não conseguir mais vê-la, então tornou a entrar.

Uma réstia de luz era visível por baixo da porta do escritório.

De repente, a porta do escritório se abriu. Will tornou a se esconder entre a porta e a parede. François-Baptiste saiu e foi em direção à cozinha. Will ouviu a porta de comunicação abrir e fechar, depois mais nada.

Will aproximou o rosto da fenda para poder ver Marie-Cécile. Ela estava sentada em frente à escrivaninha olhando para alguma coisa, alguma coisa que cintilava e refletia a luz quando ela se mexia.

Will se esqueceu do que deveria estar fazendo enquanto observava Marie-Cécile se levantar e retirar um dos quadros pendurados na parede atrás de si. Era sua obra de arte preferida. Um dia, no começo, ela havia contado a ele tudo sobre o quadro. Era uma tela dourada com manchas de cores vivas representando soldados franceses olhando para os pilares e palácios oblíquos do Egito Antigo. "Olhando para as areias do tempo — 1798", lembrou-se ele. Era isso.

Atrás de onde o quadro estava pendurado havia uma pequena porta preta de metal recortada na parede, com um teclado eletrônico ao lado. Ela digitou seis números. Ouviu-se um estalo nítido e a porta se abriu. Ela retirou dois pacotes pretos de dentro do cofre e colocou-os sobre a mesa com cuidado. Will mudou de posição, desesperado para ver o que havia lá dentro.

Estava tão entretido que não ouviu os passos chegando por trás dele.

— Não se mexa.

— François-Baptiste, eu...

Will sentiu o cano frio de uma arma apertado contra seu flanco.

— E ponha as mãos onde eu possa ver.

Tentou se virar, mas François-Baptiste agarrou seu pescoço e bateu com seu rosto na parede.

— Quést-ce qui se passe? — perguntou Marie-Cécile do escritório.François-Baptiste tornou a empurrar o rosto de Will.

—Je mén occupe— disse ele. Está tudo sob controle.

Alice tornou a olhar para o relógio.

Ele não vem.

Estava em pé no saguão do hotel, olhando para as portas envidraçadas como se pudesse fazer Will se materializar do nada. Quase uma hora havia passado desde que saíra da rue du Cheval Blanc. Não sabia o que fazer. Sua carteira, seu telefone e as chaves do carro estavam no bolso da jaqueta. Todo o resto estava na mochila.

Não tem. importância. Saia daqui.

Quanto mais ela esperava, mais começava a duvidar dos motivos de Will. O fato de ele ter surgido de lugar nenhum. Alice repassou na mente a seqüência dos acontecimentos.

Será que tinha sido só uma coincidência eles terem esbarrado um no outro daquele jeito? Ela não dissera a ninguém onde estava indo.

Como ele podia saber?



Às oito e meia, Alice decidiu que não podia mais esperar. Explicou que no final das contas não iria precisar do quarto, escreveu um bilhete apressado para Will caso ele aparecesse, deixando seu telefone, e foi embora.

Atirou a jaqueta sobre o banco do carona do carro e percebeu o canto do envelope aparecendo de dentro do bolso. A carta que haviam lhe entregado no hotel, de que ela se esquecera inteiramente. Alice a pegou e pôs sobre o painel do carro, para ler quando parasse para descansar.

A noite caiu enquanto ela rumava para o sul. Os faróis dos carros que vinham na pista oposta brilhavam em seus olhos, ofuscando-lhe a visão. Árvores e arbustos passavam como fantasmas pela escuridão. Orléans, Poitiers, Bordeaux: as placas passavam em um clarão.

Isolada em seu próprio mundo, hora após hora, Alice fazia as mesmas perguntas a si própria. A cada vez, encontrava uma resposta diferente.

Por quê? Para obter informação. Ela com certeza lhes dera informação, não havia dúvida. Todas as suas anotações, desenhos, a fotografia de Grace e Baillard.

Ele prometeu mostrar a você a câmara do labirinto.

Ela não tinha visto nada. Só uma imagem em um livro. Alice sacudiu a cabeça. Não queria acreditar naquilo.

Por que ele a havia ajudado a escapar? Porque havia conseguido o que queria; ou melhor, o que madame de lÓradore queria.

Para eles poderem seguir você.

CAPÍTULO 56

Carcassona

Agost 1209

Os franceses atacaram Sant-Vicens na madrugada da segunda-feira, 3 de agosto.

Alaïs subiu aos tropeços a escada da Tour du Major ao encontro do pai, para olhar de cima das ameias. Procurou Guilhem na multidão, mas não conseguiu achá-lo.

Agora, por cima do barulho das espadas e do grito de batalha dos soldados que

atacavam os muros baixos de defesa, ela mal podia distinguir o som de um cântico flutuando pela planície, vindo da colina de Gravèta.

Veni creator spiritus Mentes tuorum visita!

— Os padres — disse Alaïs, chocada. — Estão cantando para Deus enquanto vêm nos matar.

O subúrbio começou a arder. Enquanto a fumaça subia pelo céu em espiral por trás dos muros baixos, pessoas e animais corriam em pânico em todas as direções.

Ganchos eram atirados por cima do parapeito mais depressa do que os defensores conseguiam cortá-los. Dúzias de escadas eram jogadas em direção às muralhas. A guarnição as derrubava com chutes, ou punha fogo nelas, mas algumas ficavam no lugar.

Soldados de infantaria franceses surgiam como formigas. Quanto mais eram repelidos, mais numerosos pareciam ser.

No pé das fortificações, dos dois lados, os feridos e mortos estavam amontoados uns por cima dos outros, como pilhas de lenha. A cada hora que passava, seu número aumentava.

Os cruzados trouxeram uma catapulta e começaram o bombardeio às fortificações.

Os impactos faziam Sant-Vicens tremer até as bases, incansáveis, implacáveis na chuva de flechas e mísseis lançados de cima.

Os muros começaram a ruir.

— Eles passaram! — gritou Alaïs. — Romperam as defesas!

O visconde Trencavel e seus homens estavam prontos para eles. Brandindo espadas e machados, atacaram os sitiantes em grupos de dois ou três. Os imensos cascos dos cavalos de guerra pisoteavam tudo pela frente, suas pesadas ferraduras de aço espatifando crânios como cascas de nozes e transformando

membros em uma massa disforme de pele, sangue e ossos. Rua após rua, o combate foi se espalhando pelo subúrbio, aproximando-se cada vez mais das muralhas da Cité em si. Alaïs podia ver uma multidão de habitantes aterrorizados inundando a Cité pela Porte de Rodez para fugir da violência da batalha. Velhos, doentes, mulheres e crianças. Todos os homens em condição de combater estavam armados, lutando ao lado dos soldados da guarnição. A maioria era abatida no mesmo lugar onde estava; seus porretes não eram páreo para as espadas dos cruzados.

Os defensores lutaram com bravura, mas estavam em desvantagem numérica de dez contra um. Como uma maré que enche castigando a praia, os cruzados invadiram tudo, rompendo as fortificações e demolindo blocos inteiros das muralhas.

Trencavel e seus chevaliers tentaram desesperadamente não perder o controle do rio, mas foi impossível. Ele deu o sinal para a retirada.

Com as triunfantes cornetas francesas a ecoar em seus ouvidos, os pesados portões da Porte de Rodez foram abertos para que os sobreviventes voltassem para dentro da Cité.

Enquanto o visconde Trencavel conduzia seu grupo derrotado de soldados de volta ao Château Comtal, em fila indiana pelas ruas, Alaïs olhava horrorizada para a cena de devastação e destruição lá embaixo. Já vira a morte muitas vezes, mas não naquela escala. Sentia-se maculada pela realidade da guerra, por seu desperdício sem sentido.

Sentia-se também enganada. Agora percebia como as chansons à geste que tanto amara na infância haviam mentido. Não havia nobreza na guerra. Só sofrimento.

Alaïs desceu das ameias para o pátio e juntou-se às outras mulheres que esperavam no portão, rezando para Guilhem estar entre os sobreviventes.

Volte são e salvo.

Por fim, ouviu o barulho de cascos sobre a ponte. Alaïs viu o marido imediatamente e ficou mais animada. O rosto e a armadura de Guilhem estavam manchados de sangue e cinzas, e seus olhos refletiam a ferocidade da batalha, mas ele estava ileso.

— Seu

marido

lutou

com

bravura,

dama

Alaïs

—disse

o

viscondeTrencavel ao vê-la de pé ali. — Abateu muitos homens e salvou a vida de muitos outros. Somos gratos tanto por sua perícia quanto por sua coragem. —

Alaïs enrubesceu. — Diga-me, onde está seu pai?

Ela apontou para o canto nordeste do pátio.

— Nós vimos a batalha do ambans, messire.

Guilhem havia desmontado e entregado as rédeas a seu écuyer. Alaïs se aproximou dele, tímida, sem saber como seria recebida.

— Messire?

Ele segurou sua mão branca e pálida e a levou aos lábios. —Thierry foi atingido — disse ele com a voz oca. — Eles o estão trazendo agora. Ele está muito ferido.

— Messire, eu sinto muito.

— Éramos como irmãos — continuou ele. — Alzeu também. Mal tínhamos um mês de diferença de idade. Sempre protegemos um ao outro, trabalhamos para

pagar nossas cotas de malha e nossas espadas. Fomos feitos cavaleiros na mesma Quaresma.

— Eu sei — disse ela com delicadeza, puxando a cabeça dele para perto da sua. — Venha, deixe-me ajudá-lo, depois farei o que puder por Thierry.

Ela viu os olhos dele marejados de lágrimas. Apressou-se, sabendo que ele não iria querer que ela o visse chorar.

— Venha, Guilhem — disse baixinho. — Leve-me até ele.

Thierry fora carregado para o Grande Salão junto com todos os outros casos graves. As fileiras de moribundos e feridos tinham até três homens de profundidade. Alaïs e as outras mulheres faziam o possível. Com os cabelos arrumados em uma trança por cima do ombro, ela não parecia mais do que uma criança.

Conforme as horas passavam, o ar dentro do aposento confinado ia ficando mais pútrido e as moscas, mais persistentes. Durante a maior parte do tempo, Alaïs e as outras mulheres trabalhavam em silêncio e com determinação constante, sabendo que haveria pouca trégua antes de o ataque recomeçar. Padres caminhavam entre as filas de soldados agonizantes e feridos, ouvindo confissões, conferindo os últimos sacramentos. Por baixo do disfarce de suas túnicas escuras, dois parfaits administravam o consolament a seus fiéis cátaros.

Os ferimentos de Thierry eram sérios. Ele havia sido atingido várias vezes.

Seu tornozelo estava quebrado, e uma lança havia perfurado sua coxa, espatifando o osso dentro da perna. Alaïs sabia que ele havia perdido sangue demais; por Guilhem, porém, fez tudo que podia. Aqueceu uma de cocção de raiz e folhas de erva do cardeal em cera quente, que em seguida aplicou em compressa depois de frio.

Depois de deixar Guilhem fazendo companhia ao amigo, Alaïs voltou sua atenção para os que tinham as melhores chances de sobreviver. Dissolveu pó de raiz de angélica em água de cardo e, com a ajuda dos meninos da cozinha, que carregavam o líquido em tinas, deu colheradas do remédio na boca de quem conseguisse engolir. Se fosse capaz de evitar infecções e fazer com que o sangue deles continuasse puro, então seus ferimentos teriam chance de cicatrizar.

Alaïs voltava a Thierry sempre que podia para refazer os curativos, mesmo estando claro que não havia esperança. Ele já havia perdido a consciência, e sua pele adquirira o tom azul esbranquiçado da morte. Ela pôs a mão sobre o ombro de Guilhem.

— Eu sinto muito — sussurrou. — Não vai demorar muito agora.Guilhem apenas assentiu.

Alaïs foi até os fundos do salão. Quando ela passou, um jovem chevalier, pouco mais velho do que ela, chamou-a com um grito. Ela parou e se ajoelhou ao lado dele. Seu rosto de criança estava contorcido pela dor e pela confusão, seus lábios estavam rachados, e seus olhos, outrora castanhos, estavam atormentados de medo.

— Shh — murmurou ela. — Você não tem ninguém?

Ele tentou sacudir a cabeça, fazendo que não. Alaïs afagou sua testa com a mão e levantou o lençol que cobria seu braço da espada. Deixou-o cair no mesmo instante. O

ombro do menino estava esmagado. Fragmentos de osso branco emergiam da pele 257

rasgada, como destroços na maré vazante. Havia um rombo aberto em seu flanco. O

sangue escorria da ferida sem parar, criando «ma poça onde o menino estava deitado.

A mão direita do chevalier estava congelada no cabo da espada. Alaïs sentou retirar a arma, mas os dedos rígidos não queriam soltar. Ela rasgou um pedaço de pano da saia e estancou a ferida profunda. De um frasco que trazia na bolsa, pingou duas medidas de tintura de valeriana sobre os lábios dele, para aliviar a dor de seus instantes finais. Não havia nada mais a fazer.

A morte não foi gentil. Demorou a chegar. Aos poucos, o chiado no leito dele foi ficando mais alto, e sua respiração mais difícil. À medida que seus olhos se obscureciam, seu terror aumentava, e ele começou a gritar. Alaïs ficou ali, cantando para ele e acariciando sua testa, até a alma do menino abandonar seu corpo.

— Que Deus leve a sua alma — sussurrou ela, fechando os olhos dele.Cobriu-lhe o rosto, depois passou ao seguinte.

Alaïs trabalhou o dia inteiro, administrando ungüentos e fazendo curativos, até seus olhos doerem e suas mãos estarem manchadas de sangue. Ao final do dia, feixes de luz vespertina entravam pelas altas janelas do Grande Salão. Os mortos haviam sido levados embora. Os vivos estavam tão confortáveis quanto seus ferimentos permitiam.

Ela estava exausta, mas lembranças da noite anterior, quando se deitara outra vez nos braços de Guilhem, a revigoravam. Seus ossos doíam e suas costas estavam rígidas de tanto se inclinar e se agachar, mas aquilo não parecia mais ter importância.

Aproveitando o frenesi de atividade no resto do Château Comtal, Oriane esgueirou-se até seu quarto para esperar por seu informante.

— Já não era sem tempo — disparou. — Diga-me o que descobriu.

— O judeu morreu antes de descobrirmos muita coisa, embora meu senhor acredite que ele já tenha entregado o livro que estava com ele para seu pai guardar.

Oriane deu um meio-sorriso, mas não disse nada. Não havia contado a ninguém o que descobrira costurado dentro da bainha da capa de Alaïs.

— E Esclarmonde de Servian?

— Ela foi corajosa, mas no fim disse a ele onde o livro podia ser encontrado.

Os olhos verdes de Oriane brilharam.

— E está com você?

— Ainda não.

— Mas está aqui na Ciutat? O senhor Evreux sabe disso?

— Ele confia na senhora, dama, para lhe fornecer essa informação.Oriane pensou por um instante.

— A velha morreu? O menino também? Ela não pode interferir nos nossos planos? Não podemos deixar que ela avise meu pai.

Ele deu um sorriso contraído.

— A mulher está morta. O fedelho fugiu, embora eu duvide que ele possa fazer qualquer estrago. Assim que o encontrar, eu o mato.

Oriane assentiu.

— E você falou ao senhor Evreux sobre o meu... interesse.

— Falei, dama. Ele ficou honrado pelo fato de a senhora ter se oferecido para lhe servir dessa forma.

— E as minhas condições? Ele vai conseguir uma saída segura da Ciutat 258

— Sim, contanto que a senhora lhe entregue os livros, dama.Ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Bom, isso tudo é muito bom. E você pode cuidar do meu marido?

— Se a senhora me disser quando e onde ele vai estar na hora determinada, dama, será coisa fácil. — Ele fez uma pausa. — Vai ser mais caro do que antes, porém. Os riscos são consideravelmente maiores, mesmo nestes tempos de guerra. O escrivan do visconde Trencavel. Ele é um homem de posição.

— Eu tenho consciência disso — disparou ela com a voz fria. — Quanto?

— Três vezes o que foi pago por Raoul — retrucou ele.

— Isso é impossível! — exclamou ela imediatamente. — Não tenho como conseguir essa quantidade de ouro.

— Mas é esse o meu preço, dama.

— E o livro?

Dessa vez ele sorriu de verdade.

— Isso é assunto para uma negociação à parte, dama.

CAPÍTULO 57

O bombardeio recomeçou e continuou noite adentro, um despejar constante de mísseis, pedregulhos e pedras, que erguia nuvens de poeira no ar sempre que atingia o alvo.

De sua janela, Alaïs podia ver que as casas das planícies haviam sido reduzidas a ruínas fumegantes. Uma nuvem maligna pairava sobre as copas das árvores como uma bruma negra, como se estivesse presa entre os galhos. Alguns dos habitantes haviam conseguido percorrer o terreno aberto e chegar aos destroços de Sant-Vicens, e de lá

haviam buscado abrigo na Cité. Mas a maioria fora abatida enquanto fugia.

Na capela, velas queimavam no altar.

Na madrugada da terça-feira, 4 de agosto, o visconde Trencavel e Bertrand Pelletier subiram mais uma vez às ameias.

O acampamento francês estava envolto na bruma que cobria o rio na aurora.

Barracas, estábulos, animais, pavilhões, toda uma cidade parecia ter criado raízes ali.

Pelletier ergueu os olhos. Seria mais um dia de forte calor. A perda do rio assim no início do cerco era um golpe devastador. Sem água, eles não poderiam resistir por muito tempo. A sede os derrotaria, mesmo que os franceses não o fizessem.

Na véspera, Alaïs lhe contara que corriam boatos sobre o primeiro caso de mal do cerco relatado no quartier próximo à Porte de Rodez, que havia acolhido a maior parte dos refugiados de Sant-Vicens. Ele fora ver com seus próprios olhos e, embora o cônsul do quartier negasse, temia que Alaïs estivesse certa.

— Você está pensativo, meu amigo.Bertrand se virou para ele.

— Perdoe-me, messire.

Trencavel fez um gesto, dispensando o pedido de desculpas.

— Olhe para eles, Bertrand! São numerosos demais para que possamos derrotá-

los... e sem água.

259

— Dizem que Pedro II de Aragão está a apenas um dia de viagem daqui— falou Pelletier. — O senhor é vassalo dele, messire. Ele deve vir em seu socorro.

Pelletier sabia que seria um pedido difícil — Pedro era católico fervoroso, além de cunhado de Raymond VI, conde de Toulouse, embora os dois homens não se dessem bem. Mesmo assim, o laço histórico entre a casa de Trencavel e a casa de Aragão era forte.

— As ambições diplomáticas do rei estão intimamente ligadas ao destino de Carcassona, messire. Ele não deseja ver o Pays dÓc controlado pelos franceses. —

Pelletier fez uma pausa. — Pierre-Roger de Cabaret e seus aliados são a favor desse plano de ação.

Trencavel pousou as mãos na muralha à sua frente.

— Foi o que disseram, sim.

— Então vai mandar o aviso?

Pedro atendeu ao chamado e chegou no final da tarde da quarta-feira, 5 de agosto.

— Abram os portões! Abram os portões para lo Rei!

Os portões do Château Comtal foram escancarados. Alaïs foi atraída para sua janela pelo barulho e desceu correndo para ver o que estava acontecendo. No início, tinha apenas a intenção de saber notícias. Mas, quando ergueu os olhos para o Grande Salão, sua curiosidade com o que estava ocorrendo lá dentro a venceu. Era muito comum escutar notícias de terceira ou quarta mão.

Havia uma pequena alcova atrás das cortinas que separavam o Grande Salão da entrada dos aposentos particulares do visconde Trencavel. Alaïs não tentava entrar naquele espaço desde que era menina, e ficava escondida vendo o pai trabalhar. Não tinha sequer certeza se seria capaz de se enfiar no pequeno vão.

Alaïs subiu no banco de pedra e estendeu a mão para a janela mais baixa da Tour Pinte, que dava para a Cour du Midi. Içou o corpo para cima, passou pelo parapeito de pedra e enfiou-se no estreito vão.

Estava com sorte. O salão estava vazio. Alaïs pulou para o chão, tomando cuidado para fazer o mínimo de barulho possível, depois abriu a porta devagar e esgueirou-se para o espaço atrás da cortina. Avançou até ficar o mais perto que se atrevia do vão.

Estava tão perto de onde o visconde Trencavel se encontrava em pé, com as mãos unidas atrás das costas, que poderia ter estendido a mão e tocado nele.

Chegou bem a tempo. Na outra ponta do Grande Salão, as portas foram abertas de par em par. Ela viu seu pai entrar a passos largos, seguido do rei de Aragão e de vários dos aliados de Carcassonne, incluindo os seigneurs de Lavaur e Cabaret.

O visconde Trencavel caiu de joelhos diante de seu senhor lígio.

— Não há necessidade disso — disse Pedro, fazendo sinal para ele se levantar.

Fisicamente, os dois homens eram muito diferentes. O rei era muitos anos mais velho do que Trencavel, regulando em idade com o pai de Alaïs. Alto e largo, forte como um touro, trazia no rosto as marcas de muitas campanhas militares. Suas feições eram pesadas, sérias, e o bigode grosso e preto em contraste com a pele clara aumentava ainda mais sua sisudez. Os cabelos, embora ainda pretos, estavam ficando grisalhos nas têmporas, como os de seu pai.

— Peça para que seus homens se retirem — disse ele, conciso. — Quero falar a sós com você, Trencavel.

— Com sua licença, senhor rei, gostaria de pedir permissão para meu intendente ficar. Valorizo a opinião dele.

O rei hesitou, e em seguida assentiu.

— Não há palavras para expressar adequadamente nossa gratidão...Pedro o interrompeu.

— Eu não vim para apoiar você, mas sim para ajudá-lo a ver o erro em sua atitude.

Foi você mesmo quem se colocou nesta situação por causa de sua recusa obstinada em lidar com os hereges em seus domínios. Você teve quatro anos... quatro anos... para cuidar desse assunto, mas mesmo assim não fez nada. Permite que bispos cátaros preguem livremente em suas vilas e cidades.Seus vassalos apóiam abertamente os bons homens...

— Nenhum vassalo...

— Você nega que ataques a homens santos e padres tenham ficado sem punição?

Nega a humilhação dos homens de Igreja? Nas suas terras, os hereges celebram livremente. Seus aliados os protegem. Todos sabem que o conde de Foix insulta as Sagradas Relíquias negando-se a se curvar diante delas, e a irmã dele se afastou da fé a ponto de prestar votos como parfaite, cerimônia à qual o conde achou por bem assistir.

— Não posso responder pelo conde de Foix.

— Ele é seu vassalo e seu aliado — devolveu-lhe Pedro. — Por que você permite que essa situação continue?

Alaïs sentiu o visconde tomar fôlego.

— O senhor já respondeu à própria pergunta. Vivemos lado a lado com aqueles que o senhor chama de hereges. Crescemos juntos, nossos parentes mais próximos estão entre eles. Os parfaits levaram vidas boas e honestas ministrando a um rebanho cada vez mais numeroso. Eu não poderia expulsá-los,da mesma forma que não poderia impedir o sol de nascer a cada dia!

As palavras dele não comoveram Pedro.

— Sua única esperança é reconciliar-se com a Santa Madre Igreja. Você tem a mesma posição de qualquer um dos barões do norte que o abade traz consigo, e eles o tratarão como tal se você se mostrar disposto a se redimir.Mas se, nem que seja por um só instante, você lhe der motivos para acreditar que também arvora esses pensamentos hereges, mesmo que só no coração, e não nas ações, ele irá esmagá-lo. — O rei deu um suspiro. — Você acredita mesmo que pode resistir,

Trencavel? Sua desvantagem numérica é de cem contra um.

— Temos bastante comida.

— Comida, sim, mas água não. Vocês perderam o rio.

Alaïs viu o pai lançar um olhar para o visconde, obviamente temendo que ele perdesse a paciência.

— Não desejo desafiá-lo nem me alienar de sua boa vontade, mas será que o senhor não vê que eles vieram lutar por nossa terra, não por nossas almas?Esta guerra não está sendo travada em nome da glória de Deus, mas sim em nome da ganância dos homens. Este é um exército de ocupação, senhor. Se eu falhei para com a Igreja, e por isso o ofendi, peço-lhe perdão. Mas não devo lealdade ao conde de Nevers nem ao abade de Cîteaux. Eles não têm nenhum direito, espiritual ou temporal, sobre as minhas terras. Não vou entregar o meu povo aos chacais franceses por uma causa tão reles.

Alaïs sentiu uma onda de orgulho. Pela expressão no rosto de seu pai, viu que ele sentia o mesmo. Pela primeira vez, um pouco da coragem e da energia de Trencavel pareceu afetar o rei.

— São palavras nobres, visconde, mas elas não vão ajudá-lo agora. Pelo bem do seu povo, a quem você ama, deixe-me ao menos dizer ao abade de Cîteaux que você deseja ouvir as condições dele.

Trencavel caminhou até a janela e falou por entre os dentes.

— Não temos água suficiente para todas as pessoas que estão na Ciutat?Seu pai sacudiu a cabeça.

— Não.

Somente suas mãos, brancas contra o parapeito de pedra da janela, traíam o quanto lhe custava pronunciar aquelas palavras.

— Muito bem. Ouvirei o que o abade tem a dizer.

Durante algum tempo depois que Pedro se foi, Trencavel não disse nada. Ficou onde estava, vendo o sol despencar do céu. Por fim, quando as velas foram acesas, ele se sentou. Pelletier ordenou que trouxessem comida e bebida das cozinhas.

Com medo de ser descoberta, Alaïs não ousava se mexer. Sentia cãibras nos braços e nas pernas. As paredes pareciam se juntar, apertando-a, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

Do outro lado das cortinas, podia ver os pés de seu pai enquanto ele andava de um lado para o outro, e ouvia de vez em quando os murmúrios baixos das conversas.

Já era tarde quando Pedro II voltou. Pela expressão em seu rosto, Alaïs soube imediatamente que a missão havia fracassado. Sentiu-se desanimada. Aquela era a última chance de tirar a Trilogia da cidade antes que o cerco começasse para valer.

— O senhor traz notícias? — perguntou Trencavel, levantando-se para recebê-lo.

— Nenhuma que me dê prazer transmitir, visconde — respondeu Pedro.— Fico ofendido até mesmo de repetir as palavras insultuosas dele. — Ele aceitou uma caneca de vinho e a sorveu de um gole só. — O abade de Cîteaux permitirá que você e 12

homens de sua escolha deixem o Château esta noite,sem serem molestados, levando tudo que conseguirem carregar.

Alaïs viu os punhos do visconde se cerrarem.

— E Carcassona?

— A Ciutat com tudo dentro, todas as outras pessoas serão entregues à Hoste.

Depois do que aconteceu em Besièrs, os barões irão querer alguma recompensa.

Por alguns instantes depois de ele falar, tudo ficou era silêncio. Então Trencavel finalmente cedeu à raiva e arremessou a caneca contra a parede.

— Como ele se atreve a oferecer tamanho insulto! — rugiu ele. — Como ousa

ofender nossa honra, nosso orgulho! Não vou abandonar um único súdito meu a esses chacais franceses.

— Messire — murmurou Pelletier.

Trencavel pôs-se de pé, mãos nos quadris, ofegante, esperando a raiva passar.

Então tornou a se virar para o rei.

— Senhor, fico grato por sua intercessão e pelos esforços que fez por nós.Porém, se não quiser, ou não puder, lutar conosco, então devemos nos separar.O senhor precisa ir embora.

Pedro aquiesceu, sabendo que não havia mais nada a dizer.

— Fique com Deus, Trencavel — disse ele, infeliz.Trencavel o encarou.

— Acredito que estou — disse, desafiador.

Enquanto Pelletier escoltava o rei para fora do salão, Alaïs aproveitou a oportunidade para sair de onde estava.

A festa da Transfiguração da Virgem passou sem alarde, e houve pouco avanço em 262

qualquer um dos lados. Trencavel continuou a fazer chover flechas e mísseis sobre os cruzados, enquanto os baques incessantes da catapulta faziam pedregulhos e pedras explodirem contra as muralhas. Homens caíram de ambos os lados, mas pouco terreno foi conquistado ou perdido.

As planícies mais pareciam um abatedouro. Corpos apodreciam onde haviam sido abatidos, inchados pelo calor e infestados por uma nuvem de moscas pretas. Milhafres e gaviões, voando em círculos acima do campo de batalha, devoravam o que restava de carne sobre os ossos.

Na sexta-feira, sete de agosto, os cruzados lançaram um ataque contra o subúrbio meridional de Sant-Miquel. Durante algum tempo, conseguiram ocupar o fosso junto às muralhas, mas foram repelidos por uma chuva de flechas e pedras. Depois de várias horas de empate, os franceses se retiraram sob um ataque constante, debaixo de vivas e salves dos carcassonenses.

Ao amanhecer do dia seguinte, enquanto o mundo cintilava prateado sob a luz da aurora e uma delicada névoa flutuava mansamente sobre as encostas onde mais de mil cruzados estavam postados diante de Sant-Miquel, o ataque recomeçou.

Capacetes e escudos, espadas, lanças e olhos brilhavam ao sol pálido. Cada homem trazia presa ao peito uma cruz, que se destacava branca sobre as cores de Nevers, da Borgonha, de Chartres e da Champagne.

O visconde Trencavel havia se posicionado sobre os muros de Sant-Miquel, ombro a ombro com seus homens, pronto para repelir o ataque.

Os arqueiros e dardasiers estavam a postos, arcos esticados. Lá embaixo, soldados de infantaria armados com machados, espadas e lanças. Atrás deles, a salvo dentro da Cité até

o momento de serem chamados, estavam os chevaliers.

Ao longe, os tambores franceses começaram a soar. Os atacantes batiam com as lanças sobre a terra dura, um som constante e pesado, que ecoava sobre a terra tensa.

Então assim começa.

Alaïs estava no muro ao lado do pai, com a atenção dividida: ao mesmo tempo procurava o marido e olhava os cruzados descerem as encostas.

Quando a Hoste chegou ao alcance das armas, o visconde Trencavel levantou o braço e deu a ordem. Uma tempestade de flechas escureceu o céu no mesmo instante.

Dos dois lados, homens começaram a cair. A primeira escada já estava sobre o muro. A flecha de uma balista zuniu pelo ar e enterrou-se na madeira dura, pesada, derrubando-a. A escada pendeu para o lado, depois se desequilibrou. Começou caindo devagar, depois cada vez mais rápido, atirando os homens no chão em uma confusão de sangue, ossos e madeira.

Os cruzados conseguiram aproximar uma gata, uma máquina de cerco, das muralhas do subúrbio. Abrigados por ela, encharcados de água, os sapadores começaram a retirar pedras das muralhas e cavar um buraco para enfraquecer as fortificações.

Trencavel gritou para os arqueiros, mandando-os destruir a estrutura. Outra tempestade de mísseis e flechas em chamas projetou-se pelos ares sobre a estrutura de madeira. O céu se tingiu de piche e fumaça preta até finalmente a gata pegar fogo, fazendo os homens saírem correndo de seu abrigo em chamas, com as roupas pegando fogo, apenas para serem abatidos pelas flechas.

Era tarde demais. Nada restou aos defensores senão olhar enquanto a mina que os cruzados vinham preparando por muitos dias era detonada. Alaïs levantou as mãos para proteger o rosto enquanto a explosão lançava pelos ares uma violenta chuva de pedra, poeira e chamas.

Os cruzados atacaram pela brecha. O rugido do fogo abafava até os gritos das mulheres e crianças que tentavam escapar daquele inferno.

263

O pesado portão entre a Cité e Sant-Miquel foi aberto, e os chevaliers de Carcassonne iniciaram seu primeiro ataque. Faça com que ele não se machuque, Alaïs se viu murmurando para si mesma, como se palavras pudessem deter flechas.

Então os cruzados começaram a catapultar por cima das muralhas as cabeças decapitadas dos mortos, para causar pânico e medo. Os gritos e lamentos foram ficando mais altos à medida que o visconde Trencavel conduzia seus homens para o meio da batalha. Ele foi um dos primeiros a atingir um inimigo, passando a espada com um só

golpe pelo pescoço de um cruzado e empurrando o corpo para longe da lâmina com um chute.

Guilhem não vinha muito atrás dele no ataque, conduzindo seu cavalo de batalha pelo meio da multidão de cruzados, pisoteando todos na sua frente.

De relance, Alaïs viu Alzeu de Preixan ao lado do marido. Ficou olhando horrorizada enquanto o cavalo de Alzeu tropeçava e caía. Imediatamente, Guilhem fez seu cavalo dar meia-volta e foi ajudar o amigo. Aterrorizado pelo cheiro de sangue e pelo ruído do aço batendo, o potente cavalo de batalha de Guilhem ergueu-se sobre as patas traseiras, esmagando um cruzado sob os cascos e dando a Alzeu tempo bastante para se levantar aos tropeços e sair da zona de perigo.

Sua desvantagem numérica era enorme. Hordas de homens, mulheres e crianças que fugiam aterrorizados e feridos em direção à Cité os atrapalhavam. A Hoste avançava, implacável. Uma após a outra, as ruas iam sendo controladas pelos franceses.

Por fim, Alaïs ouviu o grito.

— Repli! Repli! — Recuem.

Sob o abrigo da noite, um punhado de defensores voltou a entrar no subúrbio devastado. Mataram os poucos cruzados que estavam de guarda e puseram fogo nas casas que ainda estavam de pé, impedindo assim, pelo menos, que os franceses tivessem um abrigo de onde recomeçar seu bombardeio à Cité.

Mas a verdade era dura.

Sant-Vicens e Sant-Miquel haviam caído. Carcassonne estava sozinha.

CAPÍTULO 58

Atendendo aos desejos do visconde Trencavel, mesas haviam sido postas no Grande Salão. O visconde e dama Agnès andavam entre elas, agradecendo aos homens pelos serviços que haviam prestado e que ainda prestariam.

Pelletier sentia-se cada vez pior. O aposento estava tomado pelo cheiro de cera queimada, suor, comida fria e cerveja quente. Ele não sabia se poderia agüentar muito mais. As dores em seu estômago estavam ficando mais intensas e mais freqüentes.

Tentou endireitar o corpo, mas, sem avisar, as pernas cederam sob seu peso.

Agarrando-se à mesa para não cair, Pelletier tombou para frente, fazendo voar travessas, canecas e ossos de carne. Tinha a sensação de que um animal selvagem lhe devorava as entranhas.

O visconde Trencavel deu meia-volta. Alguém começou a gritar. Ele teve consciência dos criados que corriam para ajudá-lo e de alguém que chamava Alaïs.

Sentiu mãos a erguê-lo e levá-lo em direção à porta. O rosto de François entrou

em foco, depois tornou a se embaçar. Ele pensou estar ouvindo Alaïs ditar ordens, embora a voz dela viesse de muito longe, e ela parecesse estar falando uma língua que ele não compreendia.

— Alaïs! — gritou, tentando achar a mão dela na escuridão.

— Estou aqui. Vamos levar o senhor para o quarto.

Ele sentiu braços fortes o levantarem, e o ar da noite em seu rosto, enquanto era carregado pela Cour d´Honneur, depois escada acima.

Prosseguiram devagar. Os espasmos em seu estômago pioravam, cada qual mais violento do que o anterior. Ele podia sentir a pestilência tomando conta de si, envenenando seu sangue e seu hálito.

— Alaïs — sussurrou, dessa vez com medo.

Assim que chegaram ao quarto de dormir do pai, Alaïs mandou Rixende encontrar François e buscar em seu próprio quarto os remédios de que precisava. Despachou outros dois criados para as cozinhas para buscar a preciosa água.

Fez com que deitassem seu pai na cama. Despiu-o das roupas externas manchadas e as pôs em uma pilha para serem queimadas. A pestilência parecia brotar dos poros da pele dele. Os ataques de diarréia estavam ficando mais freqüentes e mais severos, agora formados praticamente só por sangue e pus. Alaïs mandou queimar ervas e flores para tentar disfarçar o cheiro, mas nenhuma quantidade de lavanda ou alecrim era capaz de esconder a verdade sobre o estado de seu pai.

Rixende chegou logo com os ingredientes e ajudou Alaïs a misturar os mirtilos vermelhos secos com água quente para fazer uma pasta líquida. Depois de despi-lo do resto das roupas sujas e de cobri-lo com um fino lençol limpo, Alaïs ministrou-lhe o líquido por entre os lábios pálidos.

Ele engoliu a primeira colherada, e imediatamente a vomitou. Ela tentou de novo.

Dessa vez ele conseguiu engolir, embora com muito esforço, o corpo percorrido

por espasmos.

O tempo perdeu o significado, movendo-se nem depressa nem devagar, enquanto Alaïs tentava deter o avanço da doença. A meia-noite, o visconde Trencavel foi até o quarto.

— Quais são as notícias, dama?

— Ele está muito doente, messire.

— Precisa de alguma coisa? Médicos, remédios?

— Um pouco mais de água, se for possível? Mandei Rixende encontrar François há

algum tempo, mas ele não voltou.

— Será feito.

Trencavel olhou por cima do ombro para a cama.

— Como a doença o dominou tão depressa?

— É difícil dizer por que um mal assim atinge uma pessoa com tanta força e não causa nada a outra, messire. A constituição de meu pai foi muito enfraquecida por sua estada na Terra Santa. Ele é particularmente suscetível a males do estômago. — Ela hesitou. — Se Deus quiser, não vai se espalhar.

— Não há dúvida de que é o mal do cerco? — perguntou ele, sombrio.Alaïs fez que não com a cabeça. — Sinto muito por ouvir isso. Mande me chamar se houver alguma mudança no estado dele.

À medida que as horas sucediam lentamente às outras, a força vital de seu pai ia ficando mais fraca. Ele tinha momentos de lucidez, quando parecia consciente do que estava lhe acontecendo. Em outras ocasiões, parecia não saber mais onde estava ou quem era.

Pouco antes do amanhecer, a respiração de Pelletier ficou mais rasa. Alaïs, que

cochilava ao seu lado, detectou a mudança e pôs-se imediatamente em estado de alerta.

— Filha...

Ela avaliou seu pulso e sentiu a temperatura de sua testa, e soube que não demoraria muito. A febre havia cedido, deixando sua pele fria. A alma dele está lutando para se libertar.

— Ajude-me... a sentar — ele conseguiu dizer.

Com a ajuda de Rixende, Alaïs conseguiu pô-lo sentado. A doença o fizera envelhecer vários anos em uma só noite.

— Não fale — sussurrou ela. — Guarde sua força.

— Alaïs — repreendeu ele, manso. — Você sabe que a minha hora chegou. —

Enquanto ele lutava para respirar, em seu peito ouviam-se gargarejos e chiados.

Seus olhos estavam ocos e cercados de amarelo, e manchas marrom-claras se formavam em suas mãos e pescoço. — Pode mandar chamar um parfait? — Ele forçou os olhos encovados a se abrirem. — Quero ter um bom fim.

— O senhor quer ser consolado, paire? — perguntou ela, cautelosa.Pelletier conseguiu dar um sorriso fraco e, por um instante, o homem que fora em vida surgiu.

— Eu escutei com atenção as palavras dos bons chrétiens. Aprendi as palavras do melhorer e do consolament... — Ele se deteve. — Nasci cristão e vou morrer cristão, mas não no abraço corrupto daqueles que investem contra nossos portões em nome de Deus.

Com a graça de Deus, se vivi uma vida boa o bastante, vou me juntar à gloriosa companhia dos espíritos no paraíso.

Um acesso de tosse o dominou. Alaïs olhou em volta do quarto, desesperada. Mandou um criado informar ao visconde Trencavel que a condição de seu pai havia piorado. Assim que ele se foi, ela chamou Rixende.

— Preciso que você vá buscar os parfaits. Eles estavam perto do pátio mais cedo.

Diga-lhes que tem uma pessoa que deseja receber o consolament.

Rixende fez cara de terror.

— Você não vai correr nenhum risco por levar um recado — disse ela,tentando reconfortar a moça. — Não precisa voltar com eles.

Um movimento de seu pai atraiu sua atenção de volta para a cama.

— Rápido, Rixende. Apresse-se.Alaïs se inclinou para frente.

— O que foi, paire? Estou aqui com o senhor.

Ele estava tentando falar, mas as palavras pareciam secar em sua garganta antes de ele ser capaz de pronunciá-las. Ela molhou a boca dele com um pouco de vinho e enxugou seus lábios ressequidos com um pano molhado.

— O Graal é a palavra de Deus, Alaïs. Foi isso que Harif tentou me ensinar, embora eu não compreendesse. —A voz dele gaguejou. — Mas sem o merel... a verdade do labirinto é um caminho falso.

— O que tem o merel? — sussurrou ela com urgência, sem entender.

— Você tinha razão, Alaïs. Fui tão teimoso. Eu deveria ter deixado você ir enquanto ainda havia uma chance.

Alaïs se esforçava para encontrar sentido nas palavras incompreensíveis dele.

— Que caminho?

— Eu não a vi — murmurava ele —, nem verei agora. A caverna...poucos a viram.

Alaïs virou-se para a porta, desesperada.

Onde está Rixende?

No corredor do lado de fora, ouviu-se o ruído de passos apressados. Rixende apareceu seguida por dois parfaits. Alaïs reconheceu o mais velho, um homem de feições morenas, com uma barba espessa e uma expressão gentil, que ela conhecera certo dia na casa de Esclarmonde. Ambos vestiam túnicas azuis-escuras e usavam cintos de corda torcida com fivelas de metal na forma de um peixe.

Ele fez uma mesura.

— Dama Alaïs. — Olhou para a cama atrás dela. — É o seu pai, o intendente Pelletier, que precisa de consolo?

Ela aquiesceu.

— Ele consegue falar?

— Ele vai encontrar forças.

Houve outra movimentação no corredor, e o visconde Trencavel surgiu no vão da porta.

— Messire — disse ela, alarmada. — Ele chamou os parfaits... meu pai deseja ter um bom fim, messire.

Seus olhos foram atravessados por um brilho de surpresa, mas ele ordenou que a porta fosse fechada.

— Mesmo assim eu vou ficar — disse.

Alaïs o encarou por alguns instantes, depois tornou a se virar para o pai quando o parfait que ministraria o sacramento a chamou para mais perto.

— O intendente Pelletier está sentindo muita dor, mas sua mente ainda está lúcida e sua coragem, firme. — Alaïs assentiu. — Ele não fez nada para prejudicar a nossa igreja nem nos deve nada?

— Ele é um protetor de todos os amigos de Deus.

Alaïs e Raymond-Roger deram um passo para trás enquanto o parfait andava até a cama e se inclinava sobre o moribundo. Os olhos de Bertrand se moveram

enquanto ele sussurrava o melhorer, a bênção.

— Você jura seguir a regra da justiça e da verdade e se dedicar a Deus e à igreja dos bons chrétiens?

Pelletier forçou as palavras a saírem de seus lábios.

— Eu... juro.

O parfait pousou sobre sua testa uma cópia em pergaminho do Velho Testamento

— Que Deus o abençoe, faça de você um bom cristão e o conduza a um bom fim. —

Ele recitou o benedicté, seguido por três adoremus.

Alaïs ficou comovida com a simplicidade do sacramento. O visconde Trencavel mantinha o olhar fixo à frente. Parecia estar se controlando às custas de uma enorme força de vontade.

— Bertrand Pelletier, está pronto para receber a dádiva da Oração do Senhor?

Seu pai emitiu um murmúrio de afirmação.

Com a voz límpida, firme, o parfait declamou o pater noster sete vezes, parando apenas para que Pelletier pudesse dar suas respostas.

— Esta é a prece que Jesus Cristo trouxe para o mundo e ensinou aos bons homes. Nunca torne a comer ou beber sem antes repetir esta prece; e caso falhe neste dever, deve fazer nova penitência.

Pelletier tentou assentir. O silvo oco em seu peito agora estava mais alto, como o vento nas árvores do outono.

O parfait começou a ler trechos do Evangelho de João.

— No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. — A mão de Pelletier tremia sobre as cobertas enquanto o parfait prosseguia a leitura. —... E conhecereis a verdade,e a verdade

vos libertará.

Os olhos de Pelletier se abriram subitamente.

— Vertat — sussurrou. — Sim, a verdade.

Alaïs agarrou a mão dele, alarmada, mas ele estava indo embora. A luz havia desaparecido de seus olhos. Ela teve consciência de que o parfait agora falava mais depressa, como se temesse não haver tempo suficiente para completar o ritual.

— Ele precisa pronunciar as palavras finais — disse o parfait para Alaïs,aflito. —

Ajude-o.

— Paire, o senhor precisa. — O pesar a fez perder a voz.

— Para cada pecado... que cometi... em palavras ou atos — balbuciou ele —, peço... peço perdão a Deus e à Igreja... e a todos aqui presentes.

Com alívio evidente, o parfait pousou a mão sobre a cabeça de Pelletier e lhe deu o beijo da paz. Alaïs soltou uma exclamação de surpresa. Uma expressão de alívio havia transformado o rosto do pai quando a graça do consolament o iluminou. Foi um momento de transcendência, de compreensão. Seu espírito agora estava pronto para deixar seu corpo doente e a terra que o havia sustentado.

— A alma dele está preparada — disse o parfait.

Alaïs assentiu. Sentou-se na cama, segurando a mão do pai. O visconde Trencavel ficou em pé do outro lado. Pelletier estava praticamente inconsciente, embora parecesse sentir a presença deles.

— Messire?

— Estou aqui, Bertrand.

— Carcassona não deve cair.

— Eu lhe dou minha palavra, em homenagem ao amor e ao dever que existiu entre nós durante todos estes anos, que farei tudo que puder.

Pelletier tentou levantar a mão de cima da coberta.

— Foi uma honra servi-lo.

Alaïs viu que os olhos do visconde estavam marejados de lágrimas.

— Sou eu quem deve lhe agradecer, meu velho amigo.Pelletier tentou levantar a cabeça.

— Alaïs?

— Estou aqui, pai — disse ela depressa. A cor agora havia se esvaído do rosto de Pelletier. Sua pele pendia em dobras cinzentas debaixo de seus olhos.

— Nenhum homem jamais teve uma filha como você.

Pareceu suspirar enquanto a vida deixava seu corpo. Então, silêncio.

Por um instante, Alaïs não se mexeu, não respirou, não teve nenhum tipo de reação. Então sentiu uma dor tremenda crescer dentro de si, dominando-a, possuindo-a, até irromper em um pranto lancinante.

CAPÍTULO 59

Um soldado surgiu no vão da porta.

— Senhor Trencavel?Ele virou a cabeça.

— O que foi?

— Um ladrão, messire. Roubando água da Place du Plô.Ele fez sinal de que já estava indo.

— Dama, preciso deixá-la.

Alaïs aquiesceu. Estava exausta de tanto chorar.

— Tomarei providências para que ele seja enterrado com a honra e cerimônia condizentes com sua condição. Ele foi um homem valoroso, conselheiro leal e amigo de confiança.

— A fé dele não exige isso, messire. A carne dele não é nada. Seu espírito já se foi.

Ele preferiria que o senhor pensasse apenas nos vivos.

— Então considere isso um ato de egoísmo meu, o fato de eu desejar prestar minhas últimas homenagens de acordo com a grande afeição e estima que tinha por seu pai. Farei seu corpo ser transportado para a capela Santa-Maria.

— Ele ficaria honrado por essa sua prova de amor.

— Posso mandar alguém para ficar com você? Não posso mandar seu marido, mas sua irmã? Mulheres para ajudá-la a preparar o corpo?

Ela ergueu a cabeça em um susto, só então percebendo que não havia pensado em Oriane sequer uma vez. Esquecera-se até mesmo de informá-la que seu pai havia adoecido.

Ela não o amava.

Alaïs silenciou a voz em sua mente. Havia falhado em seu dever, tanto para com o pai quanto para com a irmã. Levantou-se.

— Irei ter com minha irmã, messire.

Fez uma reverência quando ele saiu do quarto, depois tornou a se virar. Não conseguia deixar o pai sozinho. Começou ela mesma o processo de preparação do corpo.

Ordenou que a cama fosse desfeita e arrumada com lençóis limpos, mandando as cobertas contaminadas embora para serem queimadas. Então, com a ajuda de Rixende, Alaïs preparou a mortalha e os óleos para o enterro. Limpou ela mesma o corpo e afastou os cabelos da testa dele de modo que, na morte, ele se parecesse com o homem que havia sido em vida.

Ficou mais algum tempo olhando para o rosto vazio. Você não pode esperar

mais.

— Informe ao visconde que o corpo está pronto para ser levado para a capèla, Rixende. Preciso avisar à minha irmã.

Guirande dormia no chão do lado de fora do quarto de Oriane.

Alaïs passou por cima da criada e tentou abrir a porta. Dessa vez, estava destrancada. Oriane estava deitada sozinha na cama com as cortinas afastadas. Seus cachos pretos espalhavam-se em desordem sobre o travesseiro e sua pele tinha um branco leitoso à luz daquele início de manhã. Alaïs não entendia como a irmã conseguia dormir.

— Irmã!

Oriane abriu os olhos verdes de gato de um estalo, o rosto registrando alarme, depois surpresa, antes de adotar a costumeira expressão de desdém.

— Trago más notícias — disse Alaïs. Sua voz estava morta, fria.

— Não podia esperar? Ainda não pode ter soado o sino de prima.

— Não podia esperar. Nosso pai... — Ela parou.Como essas palavras podem ser verdade?

Alaïs respirou fundo para se controlar.

— Nosso pai morreu.

O rosto de Oriane registrou o choque, antes de voltar à expressão habitual.

— O que você disse? — perguntou ela, apertando os olhos.

— Nosso pai faleceu hoje de madrugada. Logo antes do amanhecer.

— Como? Como ele morreu?

— É só isso que você consegue dizer? — gritou Alaïs.Oriane saiu da cama voando.

— Diga-me do que ele morreu!

— Uma doença. Foi muito rápido.

— Você estava com ele quando ele morreu?Alaïs aquiesceu.

— E mesmo assim não achou que deveria me avisar? — perguntou,furiosa.

— Desculpe-me — sussurrou Alaïs. — Tudo pareceu acontecer tão depressa. Eu sei que deveria ter...

— Quem mais estava lá?

— Nosso senhor Trencavel e...

Oriane ouviu a hesitação da irmã.

— Nosso pai confessou seus pecados e recebeu a extrema-unção? — perguntou. —

Ele morreu na Igreja?

— Nosso pai não morreu sem confissão — retrucou Alaïs, escolhendo as palavras com cuidado. — Ele fez as pazes com Deus.

Ela adivinhou.

— Que importância tem isso? — gritou ela, horrorizada pela maneira como Oriane reagia à notícia. — Ele morreu, irmã. Isso não significa nada para você?

— Você fracassou em seu dever, irmã — disse Oriane, apontando um dedo acusador. — Como filha mais velha, eu tinha mais direito de estar lá do que você. Eu deveria ter estado lá. E se, além disso, eu descobrir que você permitiu que hereges pusessem as mãos nele enquanto ele estava morrendo,então pode ter certeza, vou fazer de tudo para você se arrepender.

— Você não sente a perda, não sente tristeza?Alaïs pôde ver a resposta no rosto de Oriane.

— Não sinto mais dor pela morte dele do que sentiria por um cão na rua. Ele não me amava. Já faz muitos anos que eu não deixo esse fato me atingir. Por que eu

deveria lamentar agora? — Ela deu um passo à frente. —Era você que ele amava. Ele via a si próprio em você. — Ela deu um sorriso desagradável. — Era em você que ele confiava.

Era com você que compartilhava seus segredos mais íntimos.

Mesmo em seu estado entorpecido, Alaïs sentiu-se corar.

— Do que você está falando? — perguntou, temendo a resposta.

— Você sabe perfeitamente do que estou falando — sibilou ela. — Acha mesmo que eu não sei das suas conversas à meia-noite? — Ela se aproximou mais um passo. — A sua vida vai mudar, irmãzinha, sem ele aqui para protegê-la. Você passou tempo demais 270

fazendo as coisas do seu jeito. — Oriane estendeu uma das mãos depressa e agarrou Alaïs pelo pulso.

— Diga-me. Onde está o terceiro livro?

— Não sei do que você está falando.Oriane a esbofeteou com a mão aberta.

— Onde está? — sibilou ela. — Eu sei que está com você.

— Solte-me.

— Não brinque comigo, irmã. Ele deve ter dado o livro para você. Em quem mais confiaria? Diga-me onde está. Eu o quero para mim.

Um frio correu pela espinha de Alaïs.

— Você não pode fazer isto. Vai chegar alguém.

— Quem? — perguntou ela. — Você se esquece de que nosso pai não está mais aqui para protegê-la.

— Guilhem.Oriane riu.

— Claro, esqueci que você tinha se reconciliado com seu marido. Você sabe o que seu marido realmente pensa de você? — continuou. — Sabe?

A porta se abriu com um safanão e bateu contra a parede.

— Agora chega! — gritou Guilhem. Oriane largou imediatamente o pulso de Alaïs enquanto o marido desta última cruzava o quarto com poucas passadas e a tomava nos braços. — Mon còr, vim assim que soube a notícia da morte do seu pai. Eu sinto tanto.

— Que comovente! — A voz ríspida de Oriane rompeu a intimidade entre os dois.

— Pergunte a ele o que o fez voltar para a sua cama — disse ela com desdém, sem tirar os olhos do rosto de Guilhem. — Ou será que tem medo demais do que ele tem a dizer?

Pergunte a ele, Alaïs. Não foi amor nem desejo. Essa reconciliação tem a ver com o livro, nada mais.

— Estou avisando, segure sua língua!

— Por quê? Está com medo do que eu posso dizer?

Alaïs pôde sentir a tensão entre eles. A cumplicidade. E imediatamente compreendeu.

Não. Isso não.

— Não é você que ele quer, Alaïs. Ele procura o livro. Foi isso que o fez voltar para o seu quarto. Como você pode ser tão cega?

Alaïs afastou-se de Guilhem um passo.

— É verdade o que ela diz?

Ele se virou de frente para ela, desespero faiscando nos olhos.

— Ela está mentindo. Eu juro, pela minha vida, que não ligo para o livro. Eu não contei nada para ela. Como poderia?

— Ele revistou o quarto enquanto você dormia. Não vai poder negar.

— Eu não fiz isso! — gritou ele.Alaïs olhou para ele.

— Mas você sabia da existência do livro?

O alarme que atravessou os olhos dele deu-lhe a resposta que ela temia.

— Ela tentou me chantagear para fazer com que eu a ajudasse, mas eu recusei.
—

A voz dele se partiu. — Eu recusei, Alaïs.

— O que ela sabia sobre você para poder fazer um pedido desses? —perguntou Alaïs baixinho, quase em um sussurro.

Guilhem tentou estender a mão para a mulher, mas ela recuou. Mesmo agora, eu queria que ele negasse. Ele deixou a mão cair.

— Uma vez, sim, eu... Perdoe-me.

— E um pouco tarde para remorso.

Alaïs ignorou a interrupção de Oriane.

— Você a ama?

Guilhem sacudiu a cabeça, negando.

— Você não vê o que ela está tentando fazer, Alaïs? Está tentando jogar você contra mim.

Alaïs ficou pasma ao ver que ele pensava que ela algum dia confiaria nele de novo.

Guilhem estendeu a mão.

— Por favor, Alaïs — implorou ele. — Eu amo você.

— Chega disto — falou Oriane, entrando no campo de visão de Alaïs.— Onde está o livro?

— Não está comigo.

— Com quem está? — perguntou Oriane com a voz ameaçadora.Alaïs agüentou firme.

— Por que você quer o livro? O que é tão importante?

— Só me diga onde ele está — cortou ela — e tudo isto termina aqui.

— E se eu não disser?

— É tão fácil adoecer — disse ela. — Você cuidou de nosso pai. Talvez até já esteja doente. — Ela se virou para Guilhem. — Está entendendo o que estou dizendo, Guilhem?

Se você se opuser a mim.

— Não vou permitir que você a machuque!Oriane riu.

— Você não está em condições de me ameaçar, Guilhem. Tenho provas suficientes de sua traição para mandar enforcar você.

— Provas que você mesma inventou! — gritou ele. — O viscondeTrencavel não vai acreditar em você.

— Você está me subestimando, Guilhem, se acha que deixei alguma margem para dúvida. Será que vai correr esse risco? — Ela tornou a se virar para Alaïs. — Diga-me onde escondeu o livro ou eu vou falar com o visconde.

Alaïs engoliu em seco. O que Guilhem fizera? Ela não sabia o que pensar. Apesar da raiva, não conseguia se forçar a denunciá-lo.

— François — disse ela. — Nosso pai deu o livro a François.

Uma expressão de confusão atravessou os olhos de Oriane, depois sumiu tão depressa quanto havia surgido.

— Muito bem. Mas estou avisando, irmã, se estiver mentindo para mim,vai se arrepender. — Ela se virou e andou até a porta.

— Aonde você vai?

— Prestar meus respeitos a nosso pai, onde mais? Porém, antes disso,vou acompanhá-la até seu quarto para garantir que chegue lá sã e salva.

Alaïs levantou a cabeça para encarar a irmã.

— Isso é totalmente desnecessário.

— Ah, não, é inteiramente necessário. Se François não conseguir me ajudar, eu vou querer poder falar com você de novo.

Guilhem estendeu a mão para tentar tocá-la.

— Ela está mentindo. Eu não fiz nada de errado.

— O que você fez ou não fez, Guilhem, não é mais problema meu —disse Alaïs. —

Você sabia o que estava fazendo quando se deitou com ela.Agora me deixe em paz.

De cabeça erguida, Alaïs cruzou o corredor e entrou em seu quarto, com Oriane e Guirande atrás.

— Volto sem demora. Assim que tiver falado com François.

— Como quiser.

Oriane fechou a porta. Instantes depois, como Alaïs temia, a chave foi girada na fechadura. Ela pôde ouvir Guilhem repreendendo Oriane.

Fechou os ouvidos para não escutar suas vozes. Tentou manter afastadas da mente as imagens venenosas, ciumentas. Alaïs não conseguia parar de pensar em Guilhem e Oriane enlaçados, não conseguia se proteger contra a idéia de Guilhem sussurrando para a irmã as palavras íntimas que um dia dissera a ela, pérolas que ela guardava junto ao coração.

Alaïs apertou a mão trêmula contra o peito. Podia sentir o coração batendo com força dentro das costelas, assustado e traído. Engoliu em seco.

Não pense em si mesma.

Abriu os olhos e deixou os braços penderem ao lado do corpo, as mãos cerradas de angústia. Não podia se permitir ser fraca. Se o fizesse, Oriane teria lhe tirado tudo. A hora do arrependimento e da recriminação haveria de chegar. Por ora, a promessa que fizera a seu pai, de proteger o Livro, importava mais do que seu coração partido. Por mais difícil que fosse, ela precisava tirar Guilhem da cabeça. Havia se deixado trancar no próprio quarto por causa de alguma coisa que Oriane dissera. O terceiro livro. Oriane lhe perguntara onde ela havia escondido o terceiro livro.

Alaïs correu até a capa, ainda pendurada nas costas da cadeira, arrebatou-a e apalpou a bainha onde o livro deveria estar escondido.

Não estava mais lá.

Alaïs desabou sobre a cadeira, cada vez mais desesperada. Oriane estava com o livro de Simeon. Logo saberia que Alaïs havia mentido sobre ter entregado um livro para François e voltaria.

E Esclarmonde?

Alaïs percebeu que Guilhem não estava mais gritando do lado de fora da porta.

Será que ele está com ela?

Ela não sabia o que pensar. De qualquer forma, não tinha importância. Ele a havia traído uma vez. Iria traí-la novamente. Ela precisava trancar os sentimentos feridos em seu coração despedaçado. Precisava ir embora enquanto ainda podia.

Alaïs rasgou o sachê de lavanda para recuperar a cópia do pergaminho do Livro dos Números, depois deu uma última olhada pelo quarto que pensava que seria seu lar para sempre.

273

Sabia que não iria voltar.

Então, com o coração na boca, foi até a janela e olhou por sobre o telhado. Sua única chance era sair antes que Oriane voltasse.

Oriane não sentiu nada. A luz bruxuleante das velas, parou ao pé do ataúde e olhou para o corpo do pai.

Mandando os ajudantes saírem, Oriane se inclinou como se fosse beijar a cabeça do pai. Sua mão fechou-se sobre a dele e ela retirou de seu polegar o anel do labirinto, mal conseguindo acreditar que Alaïs houvesse sido tão estúpida a ponto de deixá-lo em sua mão.

Oriane se endireitou e pôs o anel no bolso. Tornou a arrumar o lençol, ajoelhou-se diante do altar e fez o sinal da cruz, depois saiu à procura de François.

CAPÍTULO 60

Alaïs apoiou o pé sobre o parapeito e subiu na janela, a cabeça girando com o que estava prestes a fazer.

Você vai cair.

Se caísse, que importância tinha isso agora? Seu pai estava morto. Guilhem não era mais seu. No fim das contas, o juízo do pai sobre o caráter de seu marido havia se mostrado correto.

O que mais tenho a perder?

Tomando fôlego com uma respiração funda, Alaïs passou o peso do corpo para o outro lado do parapeito com cuidado, até seu pé direito encontrar as telhas. Então, balbuciando uma prece, contraiu os braços e pernas e soltou o corpo. Caiu com um leve baque. Seus pés escorregaram. Alaïs se lançou para a frente enquanto deslizava pelas telhas, tentando desesperadamente se agarrar em alguma coisa. Rachaduras nas telhas, fendas no muro, qualquer coisa que a impedisse de despencar.

Pareceu-lhe que a queda nunca terminava. De repente, Alaïs sentiu um violento puxão e parou abruptamente. A bainha de seu vestido havia se agarrado a um prego, e a estava segurando. Ela ficou deitada, imóvel, sem ousar se mexer. Podia sentir a tensão do tecido. Era de boa qualidade, mas estava esticado como a pele de um tambor e poderia se rasgar a qualquer momento.

Alaïs ergueu os olhos para o prego. Mesmo que conseguisse esticar a mão até lá em cima, precisaria das duas mãos para soltar o vestido, que havia se enrolado

em várias voltas ao redor da ponta de metal. Não podia correr o risco de soltar as duas mãos. A única alternativa era abandonar a capa e tentar subir rastejando pelo telhado, que se unia à

muralha externa do Château Comtal pelo lado ocidental. Provavelmente conseguiria se esgueirar por entre as tábuas de madeira das hourds. As frestas nas defesas eram estreitas, mas ela era magra. Valia a pena tentar.

Tomando cuidado para não fazer movimentos bruscos, Alaïs estendeu a mão para cima e foi esfiapando o tecido até ele começar a se rasgar. Puxou, primeiro de um lado, depois do outro, até arrancar um quadrado da saia. Deixando um pedaço do pano para trás, viu-se novamente livre.

Alaïs ergueu um dos joelhos, depois o outro, e foi subindo. Podia sentir gotas de suor se formando em suas têmporas e entre os seios, onde havia guardado os pergaminhos. Sua pele estava esfolada pelo contato com as telhas ásperas.

Aos poucos, foi içando o corpo até conseguir alcançar o ambans.

Alaïs esticou os braços e agarrou as vigas de madeira, cuja solidez pareceu reconfortante sob seus dedos. Ergueu os joelhos de modo a ficar quase agachada em cima do telhado, encolhida no canto entre as ameias e a muralha. A fenda era menor do que ela esperava, não mais profunda do que o palmo de um homem, e talvez três vezes mais larga. Alaïs estendeu a perna direita, girou a esquerda por baixo do corpo para se apoiar com firmeza, e então empurrou o corpo para dentro da fenda. A bolsa que continha as cópias dos pergaminhos do labirinto a atrapalhava, e não parava de se enroscar entre suas pernas, mas ela continuou.

Ignorando os membros doloridos, levantou-se depressa e começou a andar pela barricada. Embora soubesse que os guardas não a denunciariam para Oriane, quanto antes conseguisse sair do Château Comtal e chegar a Sant-Nasari, melhor.

Olhando para baixo para se certificar de que não havia ninguém, Alaïs desceu rapidamente as escadas de corda até o pátio. Pulou os últimos degraus e, ao aterrissar, as pernas cederam sob o peso de seu corpo e ela se estatelou de costas, perdendo o pouco de fôlego que lhe restava.

Ergueu os olhos para a capela. Nenhum sinal de Oriane nem de François. Mantendo-se encolhida junto às paredes, Alaïs passou pelos estábulos, parando um instante na baia de Tatou. Estava desesperada de sede, e queria também dar de beber à égua, que estava sofrendo, mas o pouco de água que havia ia toda para os cavalos de batalha.

As ruas estavam repletas de refugiados. Alaïs cobriu a boca com a manga para manter afastado o fedor do sofrimento e da doença que pairava como um nevoeiro acima das ruas. Quando ela passava, os homens e mulheres feridos, os despossuídos carregando crianças nos braços, erguiam para ela seus olhos inexpressivos e sem esperança.

A praça em frente a Sant-Nasari estava cheia de gente. Com um olhar por cima do ombro para ter certeza de que ninguém a tinha seguido, Alaïs abriu a porta da catedral e entrou. Pessoas dormiam na nave. Na terrível situação em que se encontravam, prestaram pouca atenção nela.

Velas ardiam no altar-mor. Alaïs subiu depressa o transepto norte até uma capela lateral pouco visitada, com um pequeno a l i a r simples, onde seu pai a havia levado.

Camundongos correram em busca de abrigo, suas patas diminutas arranhando as pedras do piso. Alaïs se ajoelhou e esticou a mão por trás do altar, como ele havia lhe mostrado.

Apalpou com os dedos a superfície da parede. Perturbou o esconderijo de uma aranha, que correu pela pele exposta de sua mão, depois sumiu.

Ouviu-se um pequeno clique. Devagar, com cuidado, Alaïs retirou a pedra e a pôs de lado, depois esticou a mão para dentro do buraco empoeirado que ficava atrás.

Encontrou a chave comprida e fina, seu metal opaco pelo tempo e pela falta de uso, e a inseriu na fechadura da porta de madeira trança da. As dobradiças gemeram quando a madeira arranhou o chão de pedra.

Nesse momento, sentiu a presença do pai com força. Alaïs mordeu o lábio para não se deixar desmoronar.

Isto é tudo que você pode fazer por ele agora.

Alaïs pôs a mão lá dentro e tirou a caixa, como o vira fazer. Mais ou menos do tamanho de um guarda jóias, era simples e sem decorações, com um fecho comum. Ela ergueu a tampa. No interior havia uma bolsa de pele de carneiro, como no dia em que seu pai havia lhe mostrado aquele lugar. Ela deu um suspiro de alívio, só agora percebendo o quanto temia que Oriane de alguma forma, houvesse estado ali antes dela.

Consciente do pouco tempo que lhe restava, Alaïs escondeu rápida mente o livro debaixo do vestido e tornou a pôr tudo exatamente no mesmo lugar de antes. Se Oriane ou Guilhem conhecessem o esconderijo, pelo menos o fato de pensarem que a caixa ainda estava no mesmo lugar os faria perder tempo.

275

Atravessou a igreja correndo, com a cabeça coberta pelo capuz, empurrou a pesada porta e foi tragada pela enxurrada de pessoas que se lamentavam e se aglomeravam sem destino pela praça. A doença que havia levado seu pai estava se espalhando depressa. Os becos estavam abarrotados de carcaças podres e em decomposição — ovelhas e cabras, e até mesmo vacas, cujos corpos inchados despejavam no ar fétido um gás malcheiroso.

Alaïs viu-se tomando o rumo da casa de Esclarmonde. Não havia motivo para ter esperanças de encontrá-la lá àquela altura, depois de tanto tentar nos últimos. dias, mas Alaïs não conseguia pensar em nenhum outro lugar para onde ir.

A maioria das casas no quartier sul tinha as janelas fechadas e as portas tapadas com tábuas de madeira, inclusive a de Esclarmonde. Alaïs ergueu a mão e bateu na porta.

Esclarmonde?

Ela tornou a bater. Tentou ,abrir a porta, mas estava tran c a da . Sahjë?

Dessa vez ouviu alguma coisa. O barulho de passos correndo, e um trinco se abrindo.

— Dama Alaïs?

— Sajhë, graças a Deus, Depressa, deixe-me entrar.

A porta se abriu o suficiente para permitir que ela se esgueirasse para dentro.

— Por onde você andou? — perguntou ela, abraçando-o apertado. — O que está

acontecendo? Onde está Esclarmonde?

Alaïs sentiu a mãozinha de Sajhë segurar a sua.

— Venha comigo.

Ele a conduziu até o outro lado da cortina, para o quarto nos fundos da casa. Um alçapão estava aberto no chão.

— Você estava aqui o tempo todo? — perguntou ela. Espiou para dentro da escuridão e viu uma calèlh acesa embaixo da escada. — No porão?Minha irmã voltou...

— Não foi ela — disse ele com a voz trêmula. — Depressa, dama.Alaïs desceu primeiro. Sajhë soltou a trava e o alçapão se fechou acima de suas cabeças. Ele desceu atrás dela, pulando os últimos degraus de corda da escada para o chão de terra batida.

— Por aqui.

Ele a conduziu por um corredor comprido e úmido até uma pequena área mais larga, e então levantou a lamparina para que Alaïs pudesse ver Esclarmonde, deitada imóvel em cima de uma pilha de peles e cobertores.

— Não! — exclamou ela, correndo para junto da amiga.

A cabeça de Esclarmonde estava envolta em ataduras. Alaïs levantou a ponta do curativo e cobriu a boca. O olho esquerdo de Esclarmonde estava vermelho, todo coberto por uma película de sangue. Havia curativos limpos sobre o ferimento, mas a pele pendia solta em volta da órbita esmagada.

— Pode ajudá-la? — perguntou Sajhë.

Alaïs levantou a coberta. Seu estômago se revirou. Sobre o peito de Esclarmonde havia uma fileira de queimaduras vermelhas inflamadas; a pele estava amarela e preta no ponto onde as chamas haviam encostado.

— Esclarmonde — sussurrou, inclinando-se sobre ela. — Está me ouvindo? Sou eu, Alaïs. Quem fez isto com você?

Pensou ter visto um movimento no rosto de Esclarmonde. Os lábios da mulher se moveram de leve. Alaïs se virou para Sajhë.

— Como você a trouxe até aqui?

— Gaston e o irmão dele ajudaram.

Alaïs tornou a se virar para a mulher desfigurada sobre a cama.

— O que aconteceu com ela, Sajhë?Ele fez que não sabia com a cabeça.

— Ela não lhe disse nada?

— Ela... — Pela primeira vez, o autocontrole dele falhou. — Ela não consegue falar... a língua dela...

Alaïs empalideceu.

— Não... — sussurrou horrorizada, depois controlou a voz. — Conte-me o que você

sabe, então — pediu mansamente.

Pelo bem de Esclarmonde, os dois precisavam ser fortes.

— Depois que ficamos sabendo que Besièrs tinha caído, menina ficou preocupada que o intendente Pelletier fosse mudar de idéia quanto a deixar você levar a Trilogia para Harif.

— Ela estava certa — disse Alaïs, sombria.

— Menina sabia que você tentaria convencê-lo, mas pensava que Simeonera a única pessoa que o intendente Pelletier escutaria. Eu não queria deixá-la ir — gemeu ele —, mas mesmo assim ela foi até o quartier judaico. Fui atrás,mas já que não podia deixar ela me ver, acabei ficando para trás, então a perdi de vista quando ela entrou na floresta. Fiquei com medo. Esperei até o pôr do sol, mas

depois, imaginando o que ela diria se voltasse para casa e visse que eu a tinha desobedecido, voltei. Foi aí que... — Ele se interrompeu, os olhos cor de âmbar queimando no rosto pálido.

— Eu logo vi que era ela. Estava caída, do lado de fora dos portões. Seus pés estavam sangrando como se ela houvesse percorrido um longo caminho.— Sajhë ergueu os olhos para Alaïs. — Eu quis ir procurar você, dama, mas não me atrevi. Com a ajuda de Gaston, trouxe-a para cá. Tentei me lembrar do que ela faria, de quais ungüentos usar. — Ele deu de ombros. — Fiz o melhor que pude.

— Você fez um excelente trabalho — disse Alaïs, impetuosa. —Esclarmonde vai ficar muito orgulhosa de você.

Um movimento na cama chamou a atenção deles. Ambos se viraram imediatamente.

— Esclarmonde — disse Alaïs. — Está me ouvindo? Estamos os dois aqui. Você

está segura.

— Ela está tentando dizer alguma coisa.

Alaïs viu as mãos da mulher se mexerem freneticamente.

— Acho que ela quer pergaminho e tinta — disse ela.Com a ajuda de Sajhë, Esclarmonde conseguiu escrever.

— Está escrito François, acho eu — disse Alaïs, franzindo o cenho.

— O que isso quer dizer?

— Não sei. Talvez ele possa nos ajudar — disse ela. — Ouça-me, Sajhë.Tenho más notícias. É quase certo que Simeon está morto. Meu pai... meu pai também morreu.

Sajhë segurou a mão dela. O gesto foi tão carinhoso que fez os olhos de Alaïs se marejarem de lágrimas.

— Eu sinto muito.

Alaïs mordeu o lábio para não chorar.

— Então, por ele... e também por Simeon e Esclarmonde... eu preciso manter
277

minha palavra e encontrar Harif. Estou com... — Ela hesitou novamente. — Infelizmente tenho apenas o Livro das Palavras. O livro de Simeon foi perdido.

— Mas o intendente Pelletier entregou o livro a você.

— Minha irmã pegou. Meu marido a deixou entrar no nosso quarto —disse ela. —

Ele... ele deu seu coração a minha irmã. Não podemos mais confiar nele, Sajhë. É por isso que eu não posso voltar para o Château. Com meu pai morto, nada poderá detê-los.

Sajhë olhou para a avó, depois novamente para Alaïs.

— Ela vai viver? — perguntou ele em voz baixa.

— Os ferimentos dela são graves, Sajhë. Ela ficou cega do olho esquerdo,mas... não há infecção. Ela é muito forte. Vai se recuperar, se quiser.

Ele assentiu, subitamente mais velho do que seus 11 anos.

— Mas eu vou pegar o livro de Esclarmonde, com a sua licença, Sajhë.Por um instante, pareceu que as lágrimas dele finalmente iriam correr.

— O livro dela também foi perdido — disse ele por fim.

— Não! — exclamou Alaïs. — Como?

— As pessoas que... pegaram o livro dela — disse ele. — Menina levou o livro quando saiu para ir ao quartier judaico. Eu a vi tirá-lo do esconderijo.

— Somente um livro — disse Alaïs, ela também à beira das lágrimas. —Então estamos perdidos. Foi tudo em vão.

Durante os cinco dias seguintes, eles levaram uma vida estranha.

Alaïs e Sajhë se revezavam para subir à ruas sob a proteção da noite. Logo ficou claro que não havia como saírem de Carcassonne sem serem vistos. O cerco era intransponível. Havia um guarda em cada porta lateral, em cada portão e debaixo de cada torre, um anel sólido de homens e aço em volta dos muros. Dia e noite, as máquinas de cerco bombardeavam os muros, de modo que os habitantes da Cité não sabiam mais se estavam escutando o barulho dos mísseis ou apenas o eco em suas cabeças.

Era um alívio voltar para os túneis frescos e úmidos, onde o tempo não avançava e não havia noite nem dia.

CAPÍTULO 61

Guilhem estava em pé à sombra do grande olmo no centro da Cour d´Honneur.

Em nome do abade de Cîteaux, o conde de Auxerre fora até a Porte Narbonnaise e oferecera um salvo-conduto a um grupo de negociadores. Com essa surpresa, o otimismo natural do visconde Trencavel havia retornado. Ele transparecia em seu rosto e em sua atitude quando se dirigiu aos membros da casa. Sua esperança e força moral contagiaram um pouco todos aqueles que o escutavam.

Os motivos por trás da súbita mudança de idéia do abade eram questionáveis.

Os cruzados estavam progredindo pouco, mas o cerco só começara havia pouco mais de uma semana, o que não era nada. Será que as motivações do abade tinham importância? O visconde Trencavel dizia que não.

Guilhem mal escutava. Estava preso em uma teia que ele mesmo havia tecido, e não conseguia ver nenhuma saída, nem pelas palavras, nem pela espada. Vivia no fio de uma navalha. Alaïs estava desaparecida havia cinco dias. Guilhem despachara discretas 278

equipes de busca pela Cité, e vasculhara o Château Comtal de alto a baixo, mas não conseguira descobrir onde Oriane a mantinha prisioneira. Estava preso em uma teia forjada por sua própria traição. Quando percebera como Oriane havia preparado bem o terreno, já era tarde demais. Se não fizesse o que ela queria, seria denunciado como traidor, e Alaïs sairia prejudicada.

— Então, meus amigos? — concluiu Trencavel. — Quem me acompanhará nesta viagem?

Guilhem sentiu o dedo pontudo de Oriane em suas costas. Viu-se dando um passo à

frente. Ajoelhou-se, com a mão no cabo da espada, e ofereceu seus serviços. Quando Raymond-Roger apertou seu ombro em uma mostra de gratidão, Guilhem corou de vergonha.

— Você tem nossos sinceros agradecimentos, Guilhem. Agora, quem irá com você?

Seis outros chevaliers juntaram-se a Guilhem. Oriane se esgueirou entre eles e curvou-se diante do visconde.

— Messire, com sua licença.

Congost não havia percebido a presença de sua mulher entre o grupo de homens.

Ficou muito vermelho e sacudiu as mãos, embaraçado, como quem espanta os corvos de uma plantação.

— Para trás, dama — gaguejou com a voz aguda. — Isto aqui não é lugar para você.

Oriane o ignorou. Trencavel ergueu a mão e acenou para que ela se aproximasse.

— O que tem a dizer, dama?

— Perdoe-me, messire, honrados chevaliers, amigos... marido. Com sua licença e a bênção de Deus, gostaria de me oferecer para juntar-me a esse grupo. Acabo de perder o pai, e parece que agora também perdi uma irmã.Uma tristeza assim é difícil de suportar. Mas, se meu marido me autorizar, eu gostaria de compensar minha perda e demonstrar meu amor pelo senhor.messire, por meio deste ato. É o que meu pai gostaria que eu fizesse.

Congost parecia querer que o chão se abrisse para engoli-lo. Guilhem mantinha os olhos fixos no chão. O visconde Trencavel não conseguia esconder sua surpresa.

— Com respeito, dama Oriane, isto não é tarefa para uma mulher.

— Nesse caso, messire, eu me ofereço como refém voluntária. Minha presença será prova de suas boas intenções, uma indicação clara de que Carcassona vai respeitar as condições da negociação.

Trencavel pensou por um instante, depois se virou para Congost.

— Ela é sua mulher. Permite que ela se junte ao nosso grupo?

Jehan gaguejou e esfregou as mãos suadas na roupa. Queria negar sua permissão, mas era evidente que o visconde considerava que a proposta tinha mérito.

— Meus desejos são meros subordinados dos seus — balbuciou ele.Trencavel fez um gesto, mandando Oriane se levantar.

— Seu falecido pai, meu estimado amigo, ficaria orgulhoso da sua atitude hoje.

Oriane ergueu os olhos para ele de baixo dos cílios negros.

— E, com sua permissão, posso levar François comigo? Ele também ficaria grato pela oportunidade de ser útil, unidos que estamos na dor pela morte do meu pai.

Guilhem sentiu a bile subir-lhe pela garganta, incapaz de acreditar que algum dos presentes fosse se deixar convencer pela demonstração de afeto filial de Oriane, mas eles acreditaram. Todos os rostos, com exceção do de Jehan, mostravam admiração. Só ele e 279

Congost sabiam o que Oriane de fato valia. Todos os outros estavam enfeitiçados pela beleza dela, por suas palavras gentis. Como ele ficara um dia.

Enjoado até o último grau, Guilhem ergueu os olhos para onde François estava de pé

na periferia do grupo, impassível, seu rosto uma máscara perfeita.

— Se a senhora acredita que isso irá ajudar nossa causa, dama, então tema minha permissão — respondeu o visconde Trencavel.

Oriane fez outra mesura.

— Obrigada, messire.Ele bateu palmas.

— Selem os cavalos.

Oriane se manteve próxima a Guilhem enquanto atravessavam a terra devastada até

o pavilhão do conde de Nevers, onde aconteceria a negociação. Da Cité, aqueles com força suficiente para subir nos muros observavam em silêncio seu progresso.

No instante em que entraram no acampamento, Oriane se esquivou. Ignorando os chamados obscenos e rudes dos soldados, seguiu François pelo mar de barracas e cores, até chegarem ao verde e prata de Chartres.

— Por aqui, dama — murmurou François, apontando para um pavilhão erguido um pouco afastado dos outros. Os soldados se empertigaram quando eles chegaram perto, e estenderam as lanças para barrar sua entrada.Um deles reconheceu François com um aceno de cabeça.

— Diga a seu patrão que dama Oriane, filha do falecido intendente de Carcassona, está aqui e deseja uma audiência com o senhor Evreux.

Oriane corria um risco enorme ao procurá-lo. François lhe contara sobre sua crueldade e seu pavio curto. Ela estava apostando alto.

— Qual o assunto? — indagou o soldado.

— Minha senhora só falará com o senhor Evreux em pessoa.

O homem hesitou, em seguida se abaixou para passar pela abertura e desapareceu dentro da barraca. Instantes depois, saiu e fez um gesto para que o seguissem.

A primeira visão que ela teve de Guy dÉvreux não contribuiu em nada para aplacar seus temores. Quando ela entrou na tenda, ele estava de costas para ela. Virou-se, e olhos cinza como sílex ardiam em seu rosto pálido. Seus cabelos pretos estavam penteados para trás com óleo, ao estilo francês. Ele parecia um gavião prestes a atacar.

— Ouvi falar muito na senhora. — A voz era calma e firme, mas havia um quê de aço por trás. — Não esperava ter o prazer de conhecê-la pessoalmente. O que posso fazer pela senhora?

— Espero que seja uma questão do que eu posso fazer pelo senhor —disse ela.

Antes de ela se dar conta, Evreux havia agarrado seu pulso.

— Aconselho-a a não fazer joguinhos de palavras comigo, senhora Oriane. Seus modos de camponesa do sul não lhe servirão de nada aqui. — Atrás de si, ela percebeu que François tentava não reagir. — A senhora tem notícias para mim, sim ou não? —perguntou ele. — Fale.

Oriane manteve a calma.

— Que maneira cruel de tratar alguém que lhe traz as notícias que o senhor mais deseja — disse ela, encarando-o.

Evreux ergueu o braço.

— Eu poderia arrancar a informação da senhora à força, em vez de ficar esperando, e poupar tempo a nós dois.

Oriane manteve o olhar firme.

— Nesse caso, só ficará sabendo da metade do que eu tenho para dizer— disse ela com a voz mais determinada possível. — O senhor investiu muito em sua busca pelo Labirinto. Posso lhe dar o que deseja.

Evreux ficou olhando para ela por um instante, em seguida abaixou o braço.

— É muito corajosa, senhora Oriane, devo reconhecer isso. Ainda resta saber se é

também sensata.

Ele estalou os dedos e um criado trouxe uma bandeja de vinho. As mãos de Oriane tremiam demais para que ela se arriscasse a aceitar uma caneca.

— Não, obrigada, meu senhor.

— Como quiser — disse ele, gesticulando para que ela se sentasse. — O que deseja, minha senhora?

— Se eu lhe entregar o que o senhor procura, desejo que me leve para o norte quando voltar para casa. — Pela expressão no rosto dele, Oriane soube que havia por fim conseguido surpreendê-lo. — Como sua mulher.

— A senhora já tem marido — disse Evreux, olhando por cima da cabeça dela para François, em busca de confirmação. — O escriba de Trencavel,ouvi dizer. Não é isso?

Oriane continuou a encará-lo.

— Lamento informar que meu marido foi morto. Foi abatido dentro do castelo enquanto cumpria seu dever.

— Meus pêsames. — Evreux apertou os dedos compridos e finos uns contra os outros, formando um abrigo com as mãos. — O cerco ainda pode durar anos. O que lhe dá tanta certeza de que eu voltarei para o norte?

— Eu acredito, meu senhor Evreux, que a sua presença aqui tem um único propósito — disse ela, escolhendo as palavras com cuidado. — Se, com a minha ajuda, conseguir concluir rapidamente o que veio fazer aqui no sul, não vejo motivo para que o senhor queira ficar além de seus quarenta dias. Evreux deu um sorriso contraído.

— A senhora não confia no poder de persuasão de seu senhor Trencavel?

— Com todo o respeito devido àqueles sob a bandeira de quem está

combatendo, meu senhor, não acredito que a intenção do reverendo abade seja concluir este conflito por meio da diplomacia.

Evreux continuou a encará-la. Oriane prendeu a respiração.

— Sabe jogar com as cartas que tem, senhora Oriane — disse ele por fim.Ela inclinou a cabeça, mas não disse nada. Ele se levantou e aproximou-se dela.

— Aceito a sua proposta — disse ele, estendendo- lhe um copo.Dessa vez, ela aceitou.

— Mais uma coisa, meu senhor — disse ela. — No grupo do viscondeTrencavel há

um chevalier, Guilhem du Mas. Ele é marido da minha irmã.Seria aconselhável, se estiver ao seu alcance, tomar providências para conter a influência dele.

— De forma permanente?Oriane fez que não com a cabeça.

— Pode ser que ele ainda tenha um papel a desempenhar em nossos planos. Mas seria aconselhável limitar sua influência. O visconde Trencavel o favorece, e, sem meu pai aqui...

Evreux aquiesceu e despachou François.

— Agora, minha senhora Oriane — disse ele assim que ficaram a sós. —Chega de delongas. Diga-me o que tem a oferecer.

CAPÍTULO 62

— Alaïs! Alaïs! Acorde!

Alguém sacudia seus ombros. Aquilo estava errado. Ela estava sentada na margem do rio, sob a luz pacífica e filtrada pelas folhas de sua clareira particular. Podia sentir a água fresca escorrendo entre os dedos, fria e amena, e o toque suave do sol acariciando sua face. Podia sentir o gosto do vinho encorpado de Corbières na língua, e suas narinas estavam tomadas pelo forte aroma do pão branco recém-saído do forno que ela levava à

boca.

Ao seu lado, Guilhem dormia deitado na grama.

O mundo era tão verde, o céu tão azul.

Ela acordou com um pulo, e viu que ainda se encontrava na semi-escuridão

úmida do túnel. Sajhë estava em pé ao seu lado.

— Precisa acordar, dama.

Alaïs sentou-se desajeitadamente.

— O que houve? Esclarmonde está bem?

— O visconde Trencavel foi capturado.

— Capturado — disse ela, embasbacada. — Capturado onde? Por quem?

— Estão dizendo que foi traição. As pessoas estão dizendo que os franceses o atraíram até seu acampamento, e depois o pegaram à força. Outros dizem que ele se sacrificou para salvar a Ciutat. E...

Sajhë se interrompeu. Mesmo à meia-luz, Alaïs percebeu que ele estava corando.

— O que foi?

— Estão dizendo que dama Oriane e o chevalier du Mas faziam parte do grupo do visconde. — Ele hesitou. — Eles também não voltaram.

Alaïs pôs-se de pé. Olhou de relance para Esclarmonde, que dormia tranqüilamente.

— Ela está descansando. Vai ficar bem sozinha por algum tempo. Venha.

Precisamos descobrir o que está acontecendo.

Correram depressa pelo túnel e subiram a escada de corda. Alaïs abriu o alçapão e suspendeu Sajhë depois de subir ela própria.

Do lado de fora, as ruas estavam abarrotadas, cheias de pessoas atônitas correndo sem rumo de um lado para o outro.

— Pode me dizer o que está acontecendo? — gritou ela para um homem que passava correndo. Ele fez que não com a cabeça e continuou a correr.Sajhë pegou-a pela mão e a arrastou até uma casinha do outro lado da rua.

— Gaston saberá.

Alaïs o seguiu para dentro da casa. Gaston e o irmão, Pons, se levantaram quando ela entrou.

— Dama.

— É verdade que o visconde foi capturado?Gaston assentiu.

— Ontem de manhã, o conde de Auxerre foi propor um encontro entre o visconde Trencavel e o conde de Nevers, na presença do abade. Ele foi comum grupo pequeno, do qual fazia parte a sua irmã. Ninguém sabe o que aconteceu depois disso, dama Alaïs. Ou nosso senhor Trencavel se rendeu de vontade própria para conseguir nossa liberdade, ou então foi enganado.

— Ninguém voltou — acrescentou Pons.

— De toda forma, não haverá luta — disse Gaston em voz baixa. — A guarnição se rendeu. Os franceses já ocuparam os principais portões e torres.

— O quê! — exclamou Alaïs, olhando incrédula do rosto de um para o outro. —

Quais são os termos da rendição?

— Que todos os cidadãos, cátaros, judeus e católicos, terão permissão para deixar Carcassona sem temer por suas vidas, sem levar nada a não ser a roupa do corpo.

— Não haverá interrogatórios? Nem fogueiras?

— Parece que não. A população inteira será exilada, mas não será ferida.Alaïs deixou-se desabar sobre uma cadeira antes de suas pernas perderem a força.

— E dama Agnès?

— Ela e o jovem príncipe ganharão um salvo-conduto e ficarão sob a custódia do conde de Foix, contanto que ela renuncie a qualquer exigência em nome do filho. —

Gaston pigarreou. — Sinto muito pela perda de seu marido e de sua irmã, dama.

— Alguém sabe o que foi feito de nossos homens?Pons sacudiu a cabeça.

— Você acha que é um truque? — perguntou ela, impetuosa.

— Não há como saber, dama. Só quando o êxodo começar é que veremos se os franceses vão cumprir sua palavra.

— Todos devem sair por um só portão, a Porte d'Aude, a oeste da Cité,quando os sinos soarem no crepúsculo.

— Então está terminado — disse ela, quase num sussurro. —A Ciutat se rendeu.

Pelo menos meu pai não viveu para ver o visconde nas mãos dos franceses.

— Esclarmonde está cada dia melhor, mas ainda está fraca. Posso abusar mais um pouco de vocês e lhes pedir que a acompanhem na saída da Ciutat?

— Ela fez uma pausa. — Por motivos que não me atrevo a compartilhar, para o bem de vocês assim como para o de Esclarmonde, seria mais sensato se saíssemos separadamente.

Gaston assentiu.

— A senhora teme que as mesmas pessoas que a machucaram dessa forma brutal ainda estejam procurando por ela?

Alaïs olhou para ele, surpresa.

— Bem, sim — admitiu.

— Será uma honra ajudá-la, dama Alaïs. — Ele ficou muito vermelho.

— Seu pai... Ele era um homem justo.

Ela aquiesceu.

— Era sim.

A medida que os últimos raios do poente pintavam os muros externos do Château Comtal de uma viva cor laranja, o pátio, as passarelas e o Grande Salão estavam silenciosos. Tudo estava abandonado, vazio.

Na Porte d'Aude, uma multidão de pessoas assustadas e atônitas se aglomerava, tentando desesperadamente continuar a ver seus parentes e desviando os olhos dos rostos desdenhosos dos soldados franceses, que olhavam para eles como se não os considerassem humanos. Suas mãos seguravam os cabos das espadas, como se esperassem apenas um pretexto.

Alaïs esperava que seu disfarce fosse bom o suficiente. Avançou arrastando os pés, sem conseguir andar direito, calçada com botas masculinas grandes demais para ela, 283

tentando se manter próxima do homem à sua frente. Havia amarrado o peito para esconder as curvas de seu corpo, e os livros e pergaminhos. Vestindo calças, camisa e um chapéu de palha dos mais comuns, ela se parecia com qualquer outro rapaz. Carregava seixos na boca para modificar o formato de seu rosto, e havia cortado os cabelos e os sujado de lama para escurecê-los.

A fila andou. Alaïs mantinha a cabeça baixa, com medo de cruzar olhares com qualquer pessoa que pudesse reconhecê-la e denunciá-la. Quanto mais se aproximavam do portão, mais a fila se reduzia a uma fila indiana. Havia quatro cruzados guardando a saída, as expressões toscas e ressentidas. Eles paravam as pessoas, forçando-as a despirem as roupas para provar que não levavam nada por baixo.

Alaïs pôde ver que os guardas haviam parado a liteira de Esclarmonde. Segurando um lenço sobre a boca, Gaston explicava que sua mãe estava muito doente. O guarda afastou a cortina e recuou imediatamente. Alaïs escondeu um sorriso. Ela havia costurado carne podre dentro de uma bexiga de porco e amarrado os pés de Esclarmonde com ataduras manchadas e ensangüentadas.

O guarda os mandou passar.

Sajhë vinha várias famílias atrás, viajando na companhia de sénher e na Couza e seus seis filhos, que tinham a mesma compleição que a sua. Alaïs também havia enchido seus cabelos de sujeira para escurecê-los. A única coisa que não conseguira disfarçar haviam sido seus olhos, então ele tinha instruções expressas para não erguê-los a não ser em caso de necessidade.

A fila andou mais um pouco. Chegou a minha vez. Eles haviam combinado que ela fingiria não entender se alguém falasse com ela.

— Toi! Paysan. Quést-ce que tu portes lá?

Ela manteve a cabeça baixa, resistindo à tentação de tocar as amarras que lhe envolviam o corpo.

— Eh, toi.

A lança varou o ar e Alaïs se preparou para um golpe que nunca veio. Em vez disso, a menina à sua frente foi derrubada. Ela rastejou no chão para pegar seu chapéu. Ergueu o rosto assustado para seu acusador.

— Canhòt.

— O que ela está dizendo? — resmungou o guarda. — Não entendo uma palavra do que eles dizem.

— Chien. Ela está com um cachorrinho.

Antes de qualquer um deles perceber o que estava acontecendo, o soldado arrancou o cachorro dos braços da menina e o transpassou com a espada. O sangue jorrou sobre a frente do vestido dela.

— Allez! Vite.

A menina estava chocada demais para se mexer. Alaïs a ajudou a se levantar e instou-a a continuar andando, empurrando-a portão afora, resistindo ao impulso de se virar para trás e ver como estava Sajhë. Em pouco tempo, estava do outro lado do portão.

Agora posso vê-los.

Na colina que se erguia acima do portão estavam os barões franceses. Não os líderes, que Alaïs supunha estivessem esperando a evacuação terminar antes de entrar em Carcassonne, mas cavaleiros vestindo as cores da Borgonha, de Nevers e de Chartres.

No final da fila, mais perto da trilha, um homem alto e magro estava montado em um corpulento garanhão cinza. Apesar do longo verão meridional, ainda tinha a pele branca como leite. Ao seu lado estava François. Ao lado deste, Alaïs distinguiu o conhecido 284

vestido vermelho de Oriane.

Mas não viu Guilhem.

Continue andando, mantenha os olhos colados no chão.

Estava tão perto agora que podia sentir o cheiro dos arreios e das bridas dos cavalos. Os olhos de Oriane pareciam furar-lhe a pele.

Um homem velho, com olhos tristes e cheios de dor, a tocou no braço. Precisava de ajuda para descer a encosta íngreme. Alaïs permitiu que ele se apoiasse em seu ombro.

Foi a sorte de que precisava. Parecendo aos olhos do mundo inteiro um neto acompanhado do avô, ela passou bem debaixo dos olhos de Oriane sem ser reconhecida.

O caminho parecia não ter fim. Finalmente, chegaram à área sombreada no pé da encosta onde o terreno ficava plano e começavam as florestas e pântanos. Alaïs viu seu companheiro tornar a se reunir ao filho e à nora, depois separou-se do grupo maior e esgueirou-se por entre as árvores.

Assim que saiu do campo de visão dos nobres, Alaïs cuspiu as pedras da boca. O

interior de suas bochechas estava esfolado e seco. Ela esfregou a mandíbula, tentando diminuir o desconforto. Tirou o chapéu e correu os dedos pelos cabelos cortados rentes.

Pareciam palha úmida, espetando e pinicando sua nuca.

Um grito no portão chamou sua atenção.

Não, por favor. Ele não.

Um soldado segurava Sajhë pelo colarinho. Ela podia vê-lo chutando, tentando se soltar. Segurava alguma coisa na mão. Uma pequena caixa.

O coração de Alaïs despencou do peito. Ela não podia correr o risco de tornar a subir, então estava impotente para fazer o que quer que fosse. Na Couza discutia com o soldado, que lhe deu um tapa na cabeça, derrubando-a no chão. Sajhë

aproveitou a deixa. Desvencilhou-se dos braços do homem e desceu a encosta às carreiras. Sénher Couza ajudou a mulher a se levantar.

Alaïs prendeu a respiração. Por um instante, pareceu-lhe que tudo iria ficar bem. O

soldado havia perdido o interesse. Mas então Alaïs ouviu uma mulher gritar. Aos berros, Oriane apontava para Sajhë, ordenando aos guardas para detê-lo.

Ela o reconheceu.

Sajhë podia não ser Alaïs, mas era o mais perto que Oriane podia chegar.

Houve uma explosão imediata de atividade. Dois dos guardas despencaram encosta abaixo atrás de Sajhë, mas ele corria depressa, tinha a pisada firme e segura. Atrapalhados com o peso das armas e armaduras, os soldados não eram páreo para um menino de 11

anos. Em silêncio, Alaïs torcia por ele, vendo-o correr para lá e para cá, pulando e saltando por cima dos trechos irregulares do terreno, até alcançar o abrigo das árvores.

Percebendo que estava prestes a perdê-lo, Oriane mandou François atrás do menino.

Seu cavalo desceu o caminho desabalado, escorregando e deslizando na terra íngreme e ressecada, mas cobriu a distância depressa. Sajhë atirou-se entre a vegetação baixa, com François logo atrás.

Alaïs percebeu que Sajhë estava rumando para o terreno pantanoso onde o Aude se desdobrava em diversos afluentes. O chão era verde e parecia uma campina no verão, mas por baixo era mortal. Os habitantes evitavam aquela parte do terreno.

Alaïs subiu em uma árvore para ver melhor. Ou François não estava percebendo para onde Sajhë estava indo, ou então não ligou, porque esporeou o cavalo sem dó. Ele o está alcançando. Sajhë tropeçou e quase perdeu o equilíbrio, mas conseguiu continuar correndo, ziguezagueando pelo mato, atravessando arbustos de mirtilo e cardo.

De repente, François soltou um uivo de raiva, que se transformou imediatamente em 285

alarme. A lama movediça havia engolido as patas traseiras de seu cavalo. O animal aterrorizado relinchava, debatendo-se. Todas suas tentativas desesperadas só faziam acelerar seu mergulho na lama traiçoeira.

François jogou-se para fora da sela e tentou nadar até a borda do pântano, mas seu corpo foi afundando cada vez mais, tragado pela lama, até somente as pontas de seus dedos ficarem visíveis.

Então veio o silêncio. Alaïs teve a impressão de que até mesmo os pássaros haviam parado de cantar. Temendo por Sajhë, desceu da árvore no exato instante em que ele reaparecia. Tinha o rosto branco como cera, seu lábio superior tremia de tanto esforço, e ele ainda estava agarrado à caixa de madeira.

— Eu o levei para a areia movediça — disse ele.Alaïs pousou a mão sobre o ombro dele.

— Eu vi. Você foi esperto.

— Ele também era um traidor?Alaïs assentiu.

— Acho que era isso que Esclarmonde estava tentando nos dizer. —Alaïs contraiu os lábios, satisfeita por seu pai não ter vivido para saber que fora François quem o traíra.

Obrigou-se a não pensar naquilo. — Mas o que você estava pensando, Sajhë? Por que diabo estava carregando esta caixa? Ela quase causou a sua morte.

— Menina me disse para guardá-la.

Sajhë esticou os dedos pela parte de baixo da caixa até conseguir apertar os dois lados ao mesmo tempo. Ouviu-se um clique distinto, e então ele girou a base para revelar uma gaveta chata e escondida. Enfiou a mão lá dentro e tirou um pedaço de pano.

— É um mapa. Menina disse que iríamos precisar.Alaïs entendeu imediatamente.

— Ela não vem conosco — disse, pesarosa, lutando contra as lágrimas que lhe subiam aos olhos.

Sajhë sacudiu a cabeça, fazendo que não.

— Mas por que ela não me disse? — perguntou Alaïs, com a voz trêmula. — Ela não confiava em mim?

— Você não teria deixado ela ir.

Alaïs deixou a cabeça cair para trás, apoiada na árvore. A magnitude de sua tarefa era demais para ela. Sem Esclarmonde, não sabia como encontraria forças para fazer o que tinha de fazer.

Como se pudesse ler seus pensamentos, Sajhë disse:

— Eu cuido de você. E não vai ser por muito tempo. Depois que entregarmos o Livro das Palavras para Harif, voltaremos para encontrá-la. Si es a tal es a tal — O que tiver de ser, será.

— Quem dera fossemos todos tão sábios quanto você.Sajhë ficou vermelho.

— É para cá que temos de ir — disse, apontando para o mapa. — O lugar não aparece em nenhum mapa, mas Menina chama a aldeia de Los Seres.

E claro. Aquele não era apenas o nome dos guardiães, mas também de um lugar.

— Está vendo? — disse ele. — Nos Montes Sabarthès.Alaïs aquiesceu.

— Sim, sim — disse ela. — Acho que estou vendo, enfim.



A Volta às Montanhas

CAPÍTULO 63

Montes Sabarthès

Sexta-feira, 8 de julho de 2005

Audric Baillard estava sentado diante da mesa de madeira escura e muito encerada de sua casa, à sombra da montanha.

O teto do aposento principal era baixo, e o chão revestido de grandes quadrados de cerâmica da cor da terra vermelha da montanha. Ele havia feito poucas mudanças. Ali, tão longe da civilização, não havia eletricidade, água corrente, carros ou telefones. O

único ruído era o tique-taque do relógio marcando as horas.

Sobre a mesa havia uma lamparina a óleo, agora apagada. Ao seu lado, um copo de vidro, cheio quase até a borda de guignolet, espalhava pelo cômodo um cheiro sutil de álcool e cerejas. Na outra ponta da mesa havia uma bandeja de cobre com dois copos e uma garrafa de vinho tinto, fechada, assim como uma pequena travessa de madeira de biscoitos salgados coberta com um pano de

linho branco.

Baillard havia aberto as persianas para poder ver o pôr do sol. Na primavera, as árvores nos arredores do vilarejo ficavam salpicadas de botões fechados, prateados e brancos, e flores amarelas e cor-de-rosa espiavam tímidas das sebes e encostas. Mas, naquela época do ano, a cor que restava já era pouca; eram somente o cinza e o verde da montanha, em cuja presença eterna ele havia vivido por tanto tempo.

Uma cortina separava o canto onde ele dormia do aposento principal. Toda a parede dos fundos estava coberta por prateleiras estreitas, agora quase vazias. Um velho pilão, algumas vasilhas e conchas, alguns jarros. Livros também: os que ele havia escrito, assim como as grandes vozes da história cátara — Delteil, Duvernoy, Nelli, Marti, Brenon, Rouquette. Obras de filosofia disputavam espaço com traduções de antigos textos judaicos e monografias de autores antigos e modernos. As fileiras de livros de capa mole, incongruentes naquele contexto, enchiam o espaço antes ocupado por remédios, poções e ervas.

Ele estava preparado para esperar.

Baillard levou o copo aos lábios e sorveu um grande gole.

E se ela não viesse? E se ele nunca ficasse sabendo o segredo daquelas últimas horas?

Ele suspirou. Se ela não viesse, então ele seria forçado a dar sozinho os últimos passos de sua longa jornada. Como sempre tivera medo de precisar fazer.

CAPÍTULO 64

Quando a aurora rompeu, Alice estava a alguns quilômetros de Toulouse. Encostou em um posto de gasolina e bebeu duas xícaras de café quente e doce, para acalmar os nervos.

Tornou a reler a carta. Postada em Foix na manhã de quarta-feira. Uma carta de Audric Baillard com instruções detalhadas para chegar à sua casa. Ela sabia que era verdadeira. Reconhecia a caligrafia preta e miúda.

Sentia que não tinha outra escolha senão ir.

Alice desdobrou o mapa em cima do balcão, tentando descobrir exatamente onde estava indo. O hameau onde Baillard morava não aparecia no mapa, embora ele houvesse mencionado pontos de referência e nomes de cidades próximas em número suficiente para ela conseguir localizar a área mais ampla.

Ele estava certo, escrevia, que Alice reconheceria o lugar quando o visse.

No aeroporto, Alice trocou o carro alugado por outro, de cor e marca diferentes, precaução que percebeu que deveria ter tomado mais cedo, caso estivessem à sua procura, e em seguida continuou a viagem para o sul.

Passou por Foix na direção de Andorra, depois atravessou Tarascon antes de começar a seguir as indicações de Baillard. Saiu da estrada principal em Luzenac e atravessou Lordat e Bestiac. A paisagem mudou. Lembrava a Alice as encostas dos Alpes.

Pequenas flores de montanha, grama alta, casas como chalés suíços.

Ela passou por uma grande pedreira, que parecia uma enorme cicatriz branca encravada no flanco da montanha. Imensos postes de eletricidade e os cabos pretos e grossos das estações de esqui dominavam o horizonte, em contraste com o céu azul de verão.

Alice cruzou o rio Lauze. Foi forçada a passar a segunda marcha à medida que a estrada ia ficando mais íngreme e as curvas, mais fechadas. Estava começando a ficar enjoada por causa das curvas constantes, quando subitamente chegou a uma pequena aldeia.

Havia duas lojas e um café com algumas mesas e cadeiras espalhadas pela calçada.

Após decidir que seria bom confirmar se estava indo na direção certa, Alice entrou no café.

O ar lá dentro estava espesso de fumaça, e homens de costas curvas, com um ar obstinado, os rostos maltratados pelo tempo e vestindo macacões azuis ocupavam todo o balcão.

Alice pediu um café e desdobrou o mapa sobre o balcão ostensivamente. A reticência para com forasteiros, especialmente os do sexo feminino, fez com que ninguém lhe dirigisse a palavra por algum tempo, mas ela finalmente conseguiu entabular uma conversa. Ninguém nunca tinha ouvido falar em Los Seres, mas eles conheciam a região e ajudaram como podiam.

Ela continuou a subir, localizando-se aos poucos. A estrada virou um caminho de terra batida, e por fim desapareceu de todo. Alice estacionou e saiu do carro. Só agora, em meio à paisagem familiar, com as narinas cheias dos cheiros da montanha, foi que ela percebeu que na verdade dera uma grande volta e estava, de fato, do outro lado do Pic de Soularac.

Alice subiu até o ponto mais alto e protegeu os olhos. Identificou o étang de Tort, uma lagoa com formato bem característico que os homens no bar haviam citado como ponto de referência. Perto dali havia outro lago conhecido pelos habitantes da região como Lago do Diabo.

Finalmente, ela tomou a direção do Pic de Saint-Barthélemy, que ficava entre o Pic de Soularac e Montségur.

Bem à sua frente, uma trilha única serpenteava colina acima em meio ao mato verde, à terra marrom e aos arbustos amarelo vivos. As folhas verde-escuras dos arbustos eram cheirosas e pontiagudas. Ela tocou as folhas e pôde sentir o orvalho entre os dedos.

Alice subiu por dez minutos. Então o caminho se abriu em uma clareira, e ela chegou.

À sua frente erguia-se uma casa de um andar só, cercada de ruínas, a pedra cinza camuflada em relação à montanha mais atrás. Na porta da casa havia um homem em pé, muito magro e muito velho, com os cabelos inteiramente brancos, usando o terno claro que ela se lembrava de ter visto na fotografia.

Alice sentiu que suas pernas caminhavam sozinhas. Quando ela deu os últimos passos em direção a ele, o chão tornou-se plano. Baillard a encarava em silêncio e completamente imóvel. Não sorriu nem ergueu a mão para cumprimentá-la. Mesmo quando ela chegou perto, ele não disse nada nem se mexeu. Seus olhos não se desgrudavam do rosto dela. Tinham uma cor muito surpreendente.

Cor de âmbar misturada com flores de outono.

Alice parou na sua frente. Por fim, ele sorriu. Seu sorriso era como o sol surgindo de trás das nuvens, transformando os vincos e rugas de seu rosto.

— Madomaisèla Tanner — disse ele. Sua voz soava grave e velha, como o vento no deserto. — Benvenguda. Eu sabia que viria. — Ele recuou para deixá-la entrar. — Faça o favor.

Nervosa, pouco à vontade, Alice se abaixou para passar pela porta e entrou no aposento, ainda sob o efeito da intensidade do olhar dele. Era como se ele estivesse tentando memorizar cada um de seus traços.

— Monsieur Baillard — disse ela, depois se calou.

Não conseguia pensar em nada para dizer. A alegria dele, seu arrebata-mento ao vê-la chegar, misturado à sua certeza de que ela viria, tornavam impossível uma conversa normal.

— Você se parece com ela — disse ele vagarosamente. — O seu rosto tem muito dela.

— Eu só vi fotografias, mas também achei.Ele sorriu.

— Eu não estava falando de Grace — disse baixinho, depois se virou para o outro lado, como se houvesse falado demais. — Por favor, sente-se.

Alice deu uma espiada pela sala, reparando na falta de comodidades modernas.

Não havia eletricidade, nem calefação, nem nenhum aparelho eletrônico. Ela se perguntou se haveria uma cozinha.

— Monsieur Baillard — recomeçou ela. — É um prazer conhecer o senhor. Eu estava pensando... como soube onde me encontrar?

Ele tornou a sorrir.

— Isso tem importância?

Alice pensou no assunto, e percebeu que não.

— Madomaisèla Tanner, eu sei o que aconteceu no Pic de Soularac.Antes de irmos adiante, preciso fazer uma pergunta. Você encontrou um livro?

Mais do que tudo, Alice queria responder que sim.

— Sinto muito — respondeu ela, negando com a cabeça. — Ele também me perguntou sobre isso, mas eu não vi livro nenhum.

— Ele?

Ela franziu o cenho.

— Um homem chamado Paul Authié.Baillard assentiu com a cabeça.

— Ah, sim — disse ele, de tal maneira que Alice sentiu que não precisava explicar.

— Mas você encontrou isto, acho?

Ele levantou a mão esquerda e a pousou sobre a mesa, como uma moça exibindo um anel de noivado, e ela viu, para sua admiração, que ele usava o anel de pedra. Alice sorriu. Aquele objeto era tão familiar, muito embora ela só o tivesse segurado por alguns segundos.

Ela engoliu em seco.

— Posso?

Baillard retirou o anel do polegar. Alice o pegou e girou entre os dedos, novamente desconcertada com a intensidade do olhar dele.

— Este anel é do senhor? — ela ouviu a própria voz perguntar, embora tivesse medo de que ele dissesse sim e de tudo que isso poderia significar.

Ele fez uma pausa.

— Não — disse, por fim —, mas eu já tive um anel assim.

— Então de quem era este anel?

— Você não sabe?

Por uma fração de segundo, Alice pensou que sabia. Então a centelha de compreensão desapareceu, e sua mente turvou-se outra vez.

— Não tenho certeza — disse ela, hesitante, sacudindo a cabeça —, mas acho que falta isso. — Ela tirou do bolso o disco do labirinto. — Estava junto com a árvore genealógica na casa da minha tia. — Ela lhe entregou o objeto.— Foi o senhor quem mandou isto para ela?

Baillard não respondeu.

— A Grace era uma mulher encantadora, bem-educada e inteligente.Durante nossa primeira conversa, descobrimos que tínhamos vários interesses em comum, várias experiências em comum.

— Para que serve isto? — perguntou ela, recusando-se a se deixar distrair.

— Isto é um merel. Já houve muitos iguais a ele. Agora só sobrou este.Ela ficou olhando assombrada enquanto Baillard inseria o disco no buraco no corpo do anel.

— Aqui. Pronto. — Ele sorriu e tornou a pôr o anel no polegar.

— E decorativo, ou tem alguma utilidade?

Ele sorriu, como se ela houvesse passado em algum tipo de teste.

— E a chave necessária — disse, baixinho.

— Necessária para quê?

Mais uma vez Baillard não respondeu.

— A Alaïs visita você durante o sono às vezes, não é?

Ela foi surpreendida pela súbita mudança de assunto. Não soube como reagir.

— Nós carregamos o passado dentro de nós, em nossos ossos, em nosso sangue —disse ele. — Alaïs a acompanhou durante toda a sua vida, protegendo você. Vocês têm muitas qualidades em comum. Alaïs tinha grande coragem, uma

determinação tranqüila, assim como você. Era fiel e devotada, como suspeito que você também seja. — Ele parou e tornou a sorrir para ela. — Ela também tinha sonhos. Sobre os primeiros dias, o começo.

Foram esses sonhos que revelaram a ela o seu destino, mesmo que ela relutasse em aceitar isso, assim como os seus sonhos agora iluminam o seu caminho.

Alice sentiu que as palavras a alcançavam vindas de muito longe, como se nada tivessem a ver com ela, com Baillard nem com qualquer outra pessoa, mas sempre houvessem existido no tempo e no espaço.

— Os meus sonhos sempre foram sobre ela — disse Alice, sem saber onde suas palavras a estavam levando. — Sobre o incêndio, a montanha, o livro. Esta montanha?

— Ele aquiesceu. — Tenho a sensação de que ela está tentando me dizer alguma coisa. O

rosto dela ficou mais claro nestes últimos dias, mas ainda não consigo ouvir ela falar. —

Ela hesitou. — Não entendo o que ela quer de mim.

— Ou o que você quer dela, talvez — disse ele, casual. Baillard serviu ovinho e estendeu um copo para Alice.

Apesar de ainda ser cedo, ela tomou vários goles, sentindo o líquido aquecê-la ao descer por sua garganta.

— Monsieur Baillard, eu preciso saber o que aconteceu com a Alaïs. Enquanto não souber isso, nada vai fazer sentido. O senhor sabe, não é?

Uma expressão de infinita tristeza se apoderou dele.

— Ela sobreviveu — disse ela devagar, temendo ouvir a resposta. —Depois de Carcassonne... eles não... ela não foi capturada?

Ele pousou as mãos abertas sobre a mesa. Magras, cobertas de manchas marrons

em virtude da idade, Alice pensou que pareciam as garras de um pássaro.

— Alaïs não morreu antes da hora — disse ele, cauteloso.

— Isso não explica... — ela começou a dizer.Baillard ergueu a mão.

— No Pic de Soularac, foram acionados determinados acontecimentos que vão dar a você, vão dar a nós, as respostas que procuramos. Somente entendendo o presente é que a verdade do passado será conhecida. Você está procurando a sua amiga, oc?

Alice foi mais uma vez surpreendida pela forma como Baillard passava de um assunto para o outro.

— Como o senhor sabe sobre a Shelagh? — perguntou ela.

— Eu sei sobre a escavação e sobre o que aconteceu lá. Agora a sua amiga desapareceu. Você está tentando encontrá-la.

Depois de decidir que não adiantava tentar entender como ou o quê ele sabia, Alice respondeu.

— Ela foi embora da escavação alguns dias atrás. Não foi vista por ninguém desde então. Eu sei que o desaparecimento dela está ligado à descoberta do labirinto. — Ela hesitou. — Na verdade, acho que sei quem pode estar por trás disso tudo. No início, eu achava que a Shelagh pudesse ter roubado o anel.

Baillard negou com a cabeça.

— Yves Biau pegou o anel e mandou para a avó, Jeanne Giraud.

Os olhos de Alice se arregalaram enquanto outra peça do quebra-cabeça se encaixava no lugar.

— O Yves e a sua amiga trabalhavam para uma mulher chamada madame de lÓradore. — Ele fez uma pausa. — Felizmente, o Yves reconsiderou essa aliança. Talvez a sua amiga tenha feito a mesma coisa.

Alice assentiu.

— O Biau me deu um número de telefone. Então descobri que Shelagh tinha ligado para o mesmo número. Encontrei o endereço e, quando ninguém atendeu o telefone, resolvi ver se ela estava lá. Na verdade era o telefone da casada família de lÓradore. Em Chartres.

— Você foi a Chartres? — perguntou Baillard, com os olhos brilhando.

— Conte. Conte. O que você viu?

Ele escutou em silêncio até Alice terminar de lhe contar sobre tudo que tinha visto e escutado.

— Mas esse rapaz, Will, ele não lhe mostrou a câmara?Alice sacudiu a cabeça, negando.

— Depois de algum tempo, comecei a pensar que talvez a câmara nem exista de verdade.

— Existe, sim — disse ele.

— Eu deixei minha mochila lá. Todas as minhas anotações sobre o labirinto estavam guardadas nela, a fotografia do senhor com a minha tia. Desse jeito, ela vai chegar direto a mim. — Ela fez uma pausa. — Foi por isso que o Will voltou para pegar a mochila para mim.

— E agora você está com medo de ter acontecido alguma coisa com ele também?

— Para dizer a verdade, não tenho certeza. Passo a metade do tempo preocupada com ele. Na outra metade, acho que ele provavelmente também está metido na história.

— Por que você achou que poderia confiar nele quando se conheceram?

— Alice ergueu os olhos, alertada pela mudança no tom da voz de Baillard.Sua expressão normalmente bonachona e gentil havia sumido. — Você sente que deve alguma coisa a ele?

— Que devo alguma coisa? — repetiu Alice, surpresa com a escolha de palavras dele. — Não, isso não. Eu mal o conheço. Mas acho que gostei dele.Me senti à vontade com ele. Senti...

— Qué? — O quê?

— Foi mais o contrário. Parece loucura, mas era como se ele sentisse que devia alguma coisa a mim. Como se estivesse me compensando por alguma coisa.

Sem aviso, Baillard empurrou a cadeira para trás e andou até a janela. Estava obviamente perturbado.

Alice esperou, sem entender o que estava acontecendo. Finalmente, ele se virou de frente para ela.

— Vou contar a você a história de Alaïs — disse ele. — E, conhecendo essa história, talvez encontremos coragem para enfrentar o que vem pela frente. Mas saiba o seguinte, madomaisèla Tanner. Depois de escutar essa história,você não terá outra escolha a não ser seguir o caminho até o final.

Alice franziu o cenho.

— Isso parece um aviso.

— Não — disse ele depressa. — Longe disso. Mas não podemos deixar de pensar na sua amiga. Pelo que você escutou, podemos supor que a integridade dela está garantida pelo menos até hoje à noite.

— Mas eu não sei onde o encontro vai acontecer — disse ela. — O François-Baptiste não disse. Só disse que seria amanhã às nove e meia da noite.

— Eu posso adivinhar onde vai ser — disse Baillard, calmo. — Quando a noite cair, nós vamos estar lá, esperando por eles. — Ele olhou para o sol que nascia através da janela aberta. — Então temos algum tempo para conversar.

— Mas e se o senhor estiver errado?Baillard deu de ombros.

— Precisamos torcer para que eu não esteja.Alice ficou calada por alguns instantes.

— Eu só quero saber a verdade — disse ela, espantada ao ver como sua voz estava firme.

292

Baillard sorriu.

— Ieu tanben — disse ele. Eu também.

CAPÍTULO 65

Will teve consciência de ser arrastado para baixo pelos degraus de uma escada estreita até o porão, depois por um corredor de concreto e através de duas portas. Sua cabeça pendia para a frente. O cheiro de incenso não estava tão forte, embora ainda pairasse, como uma lembrança, na obscuridade silenciosa do subterrâneo.

Primeiro, Will pensou que o estivessem conduzindo para a câmara, e que iam matá-lo. Lembrou-se em um clarão do bloco de pedra ao pé da tumba, do sangue no chão.

Mas então sentiu que o jogavam por cima de um degrau. Sentiu no rosto o ar fresco do início da manhã e percebeu que estava do lado de fora, em alguma espécie de beco que passava atrás da rue du Cheval Blanc. No ar havia os cheiros matutinos de grãos de café

torrados e dejetos, e os barulhos do caminhão de lixo não muito longe dali. Will percebeu que fora assim que eles provavelmente haviam tirado o corpo de Tavernier da casa e levado até o rio.

Um espasmo de medo varou-lhe o corpo, e ele se debateu um pouco, o suficiente para perceber que seus braços e pernas estavam amarrados. Will ouviu o barulho do porta-malas de um carro sendo aberto. Foi meio erguido, meio jogado lá para dentro.

Não era um porta-malas convencional. Ele estava no interior de algum tipo de caixa grande. Podia sentir um cheiro de plástico.

Quando rolou desajeitadamente o corpo para se deitar de lado, Will bateu com a cabeça nos fundos da caixa e sentiu a pele ao redor do ferimento se abrir. O

sangue começou a escorrer por sua têmpora, irritando e fazendo arder o local. Ele não conseguia mexer as mãos para enxugá-lo.

Will agora se lembrava de estar em pé do lado de fora da porta do escritório.

Depois, do impacto fulminante da dor quando François-Baptiste bateu com a coronha da arma em sua têmpora; dos próprios joelhos cedendo ao peso de seu corpo; da voz imperiosa de Marie-Cécile perguntando mais uma vez o que estava acontecendo.

A mão calosa de alguém agarrou seu braço. Will sentiu a manga da camisa sendo levantada, e depois a picada fina de uma agulha penetrando em sua pele. Como antes.

Então ouviu o barulho de fechos sendo travados e de algum tipo de tampa, talvez um oleado, cobrindo sua prisão.

A droga se espalhava por suas veias, fria, agradável, anestesiando a dor. Era como uma névoa. Will alternava períodos conscientes com outros desacordado. Sentiu o carro ganhar velocidade. Começou a ficar enjoado de tanto sua cabeça rolar de um lado para o outro com as curvas. Pensou em Alice. Mais do que tudo, queria vê-la. Dizer-lhe que havia feito o melhor possível. Que não a havia abandonado.

Então começou a ter alucinações. Podia visualizar as águas agitadas e turvas do rio Eure a inundar-lhe a boca, o nariz e os pulmões. Will tentou manter o rosto de Alice visível na mente, seus olhos castanhos sérios, seu sorriso. Se pudesse conservar consigo a imagem dela, talvez tudo ficasse bem.

Mas o medo de se afogar, de morrer naquele lugar estrangeiro que nada significava para ele, foi mais forte. Will foi tragado pela escuridão.

Em Carcassonne, Paul Authié estava em pé na varanda de seu apartamento, olhando para o rio Aude, com uma xícara de café preto na mão. Ele havia usado Shelagh O´Donnell como isca para chegar a François-Baptiste de lÓradore, mas instintivamente rejeitava a idéia de arrumar um livro falso que ela entregaria ao rapaz. Ele 293

perceberia que era um truque. Além disso, Authié queria que ele visse o estado dela, e soubesse que havia caído em uma cilada.

Authié pousou a xícara sobre a mesa e ajeitou as mangas da camisa branca engomada para fora do paletó. A única alternativa era confrontar o próprio François-Baptiste — sozinho —, e dizer-lhe que levaria O´Donnell e o livro para Marie-Cécile no Pic de Soularac a tempo para a cerimônia.

Ele lamentava não ter encontrado o anel, embora ainda acreditasse que Giraud o havia entregue a Audric Baillard, e que Baillard iria ao Pic de Soularac por vontade própria.

Authié não tinha dúvidas de que o velhote estava em algum lugar por perto, observando.

Alice Tanner era um problema mais complicado. O disco mencionado por O´Donnell dera-lhe o que pensar, mais ainda pelo fato de ele não compreender seu significado.

Tanner estava se mostrando surpreendentemente hábil em manter-se fora do seu alcance. Conseguira fugir de Domingo e Braissart no cemitério. Haviam perdido o carro por várias horas na véspera e, quando por fim conseguiram captar o sinal, naquela mesma manhã, fora apenas para descobrir que ele estava estacionado na garagem da Hertz no aeroporto de Toulouse.

Authié fechou os dedos magros em volta do crucifixo. À meia-noite, tudo estaria terminado. Os textos hereges, e os hereges em si, teriam sido destruídos.

Ao longe, o sino da catedral começou a chamar os fiéis para a missa de sexta-feira.

Authié olhou rapidamente para o relógio. Iria se confessar. Com seus pecados redimidos, em um estado de Graça, iria se ajoelhar no altar e receber a Santa Comunhão. Então estaria pronto, de corpo e alma, para cumprir o desígnio de Deus.

Will sentiu o carro diminuir velocidade e, em seguida, sair da estrada e entrar em um caminho de terra batida.

O motorista dirigia com cuidado, esquivando-se para evitar buracos e depressões.

Os dentes de Will chacoalhavam em seu crânio à medida que o carro pulava,

sacudia e ia subindo a encosta aos trancos.

Por fim, pararam. O motor foi desligado.

Ele sentiu o carro balançar quando os dois homens desceram, depois ouviu o barulho das portas batendo como tiros de uma arma e o estalo do fechamento automático. Suas mãos estavam amarradas nas costas, não na frente, o que tornava tudo mais difícil, mas Will torceu os pulsos tentando afrouxar as cordas. Elas cederam bem pouco. Suas sensações começavam a voltar. A dor se estendia por toda uma faixa de seus ombros, por ter passado tanto tempo deitado de mau jeito.

De repente, o porta-malas foi aberto. Will se manteve completamente imóvel, o coração batendo com força, enquanto alguém soltava os fechos da caixa de plástico. Um dos homens o segurou pelas axilas, o outro por trás dos joelhos. Ele foi arrastado para fora do porta-malas e despejado no chão.

Mesmo drogado como estava, Will sentiu que estava a quilômetros da civilização. O

sol estava fortíssimo, e havia no ar uma limpidez, um frescor que sugeria espaço e falta de ocupação humana. O silêncio era completo, a imobilidade, total. Não havia nenhum carro, ninguém. Will piscou os olhos. Tentou firmar o foco, mas o brilho era intenso demais. O ar estava exageradamente claro. O sol parecia estar queimando seus olhos, transformando tudo em branco.

Sentiu novamente a picada da agulha hipodérmica no braço, e o conhecido abraço da droga em suas veias. Os homens o puseram de pé com violência e começaram a arrastá-lo encosta acima. O terreno era íngreme, e ele podia ouvir a respiração ofegante deles, e sentir o cheiro do suor que exalavam pelo esforço feito debaixo do sol.

Will escutou o esmigalhar de cascalho e pedras, depois pancadas de passos ressoando na encosta entre seus pés que iam sendo arrastados, e por fim a maciez da 294

grama.

Enquanto tornava a mergulhar na semiconsciência, percebeu que o assobio em seu crânio era o suspiro fantasmagórico do vento.

CAPITULO 66

O comissário da Police Judiciaire do departamento de Haute-Pyrenées entrou na sala do inspetor Noubel em Foix e bateu a porta atrás de si.

— É bom que isto seja importante, Noubel.

— Obrigado por ter vindo, senhor. Eu não teria interrompido o seu almoço se achasse que o assunto podia esperar.

O comissário soltou um grunhido.

— Você identificou os homens que mataram o Biau?

— Cyrille Braissart e Javier Domingo — confirmou Noubel, acenando com um fax que havia chegado poucos minutos antes. — Os dois foram identificados. Um logo antes do acidente em Foix na noite de segunda-feira, o outro imediatamente depois. O carro foi encontrado abandonado ontem na fronteira da Espanha com Andorra. — Noubel fez uma pausa para enxugar o suor do nariz e da testa. — Eles trabalham para o Paul Authié, senhor.

O comissário abaixou seu corpanzil sobre o canto da mesa.

— Estou escutando.

— O senhor está sabendo das alegações contra o Paul Authié? Que ele é membro da Noublesso Véritable!

O outro assentiu.

— Eu falei com a polícia de Chartres hoje à tarde, seguindo a pista de Shelagh O´Donnell, e eles confirmaram que estão investigando a conexão entre essa organização e um assassinato que aconteceu no começo desta semana.

— O que isso tem a ver com o Authié?

— O corpo foi encontrado rápido graças a uma denúncia anônima.

— Alguma prova de que foi o Authié?

— Não — admitiu Noubel —, mas existem provas de que ele se encontrou com

uma jornalista, que também sumiu. A polícia de Chartres acha que as duas coisas estão ligadas.

Ao ver a expressão de ceticismo no rosto do chefe, Noubel começou a falar mais depressa.

— A escavação no Pic de Soularac era financiada por madame de lÓradore.

Está tudo muito bem escondido, mas é o dinheiro dela que está por trás. Brayling, o diretor da escavação, está insistindo na versão de que Shelagh O ´Donnell desapareceu depois de ter roubado alguma coisa de lá. Mas não é isso que os amigos dela acham. — Ele fez uma pausa. — Eu tenho certeza de que o Authié está com ela, ou por ordens de madame de lÓradore, ou então agindo por conta própria.

O ventilador da sala estava quebrado, e Noubel transpirava muito. Podia sentir rodelas de suor brotando em suas axilas.

— Isso é bem pouca coisa, Noubel.

— Madame de lÓradore ficou de terça a quinta-feira em Carcassonne,senhor. Ela e o Authié se encontraram duas vezes. Acho que ela foi com ele ao Pic de Soularac.

— Isso não é crime, Noubel.

— Quando cheguei hoje de manhã, senhor, encontrei este recado me esperando

— disse ele. — Foi aí que decidi que tínhamos indícios suficientes para pedir uma reunião ao senhor.

Noubel apertou o botão de play do correio de voz. A voz de Jeanne Giraud encheu a sala. O comissário escutou, com a expressão cada vez mais sombria.

— Quem é essa? — perguntou, depois de Noubel repetir a mensagem outra vez.

— Avó do Yves Biau.

— E quem é Audric Baillard?

— Escritor e amigo dela. Ele foi com ela ao hospital de Foix.

O comissário pôs as mãos nos quadris e abaixou a cabeça. Noubel podia ver que ele estava calculando o dano potencial caso fossem atrás de Authié e fracassassem.

— E você tem cem por cento de certeza de que temos coisa suficiente ligando o Domingo e o Braissart ao Biau e ao Authié?

— A descrição confere, senhor.

— A descrição confere com metade da Ariège — rosnou ele.

— Shelagh 0'Donnell está sumida há três dias, senhor.O comissário deu um suspiro e levantou-se da mesa.

— O que você quer fazer, Noubel?

— Prender o Braissart e o Domingo, senhor.O comissário aquiesceu.

— Também preciso de um mandado de busca. O Authié tem várias propriedades, inclusive uma fazenda abandonada nos Montes Sabarthès, registrada em nome da ex-mulher dele. Se a Dra. O´Donnell estiver presa aqui na região, provavelmente é lá que ela está.

O comissário sacudia a cabeça, fazendo que não.

— Talvez se o senhor desse um telefonema pessoal para o prefeito...Noubel esperou.

— Tudo bem, tudo bem. — O comissário apontou para Noubel um dedo manchado de nicotina. — Mas eu prometo uma coisa a você, Claude, se você fizer merda, eu não vou te apoiar. O Authié é um cara influente. E madame de lÓradore... — Ele baixou os braços. —

Se você não conseguir confirmar essas acusações, eles vão comer você vivo, e eu não vou poder fazer nada para impedir.

Ele se virou e andou até a porta. Logo antes de sair, parou.

— Me lembre quem é esse Baillard? Eu conheço? O nome é vagamente familiar.

— Ele escreve sobre os cátaros. Também é especialista no Egito Antigo.

— Não é isso...Noubel esperou.

— Não, esqueci — disse o comissário. — Mas, até onde sabemos, madame Giraud pode estar fazendo uma tempestade era copo d´água.

— Pode, sim, senhor, mas preciso dizer que não conseguimos localizar o Baillard.

Ninguém o vê desde que ele saiu do hospital com madame Giraud na quarta à noite.

O comissário assentiu.

— Eu ligo para você quando a papelada ficar pronta. Você vai estar aqui?

— Na verdade, senhor, eu pensei que poderia tentar falar de novo com a tal inglesa 296

— disse ele, cauteloso. — Ela é amiga da Shelagh O´Donnell. Talvez saiba alguma coisa.

— Eu encontro você.

Assim que o comissário saiu, Noubel deu alguns telefonemas, depois agarrou a jaqueta e encaminhou-se para o carro. Pelos seus cálculos, tinha tempo de sobra para ir e voltar de Carcassonne antes de a assinatura do prefeito no mandado de busca secar.

Às quatro e meia, Noubel estava sentado com seu equivalente em Carcassonne.

Arnaud Moureau era um velho amigo. Noubel sabia que podia falar abertamente.

Empurrou um pedaço de papel por cima da mesa.

— A Dra. Tanner falou que ia ficar hospedada aqui.

Em minutos, eles haviam verificado se havia registro dela em algum hotel.

— Um hotel bacana logo depois dos muros da Cité, a menos de cinco minutos da rue de la Gaffe. Quer que eu dirija?

A recepcionista ficou muito nervosa ao ser interrogada por dois policiais. Foi uma testemunha sofrível, e passou a maior parte do tempo à beira do choro. Noubel foi ficando cada vez mais impaciente, até que Moureau interveio. Sua abordagem mais bonachona surtiu melhor efeito.

— Então, Sylvie — disse, gentil. — A Dra. Tanner saiu do hotel ontem de manhã

cedinho, foi isso? — A moça assentiu. — Ela disse que voltaria hoje? Eu só quero que isso fique claro.

— Oui.

— E você não ouviu nada de diferente? Ela não telefonou, nem nada?Ela sacudiu a cabeça, negando.

— Ótimo. Tem mais alguma coisa que você possa nos dizer? Por exemplo, se ela recebeu alguma visita enquanto estava hospedada aqui?

A moça hesitou.

— Uma mulher veio aqui ontem, muito cedo, com um recado.Noubel não conseguiu se conter e interveio.

— A que horas foi isso?

Moureau fez um gesto para ele ficar quieto.

— O que é muito cedo, Sylvie?

— Eu peguei às seis. Não foi muito depois disso.

— A Dra. Tanner conhecia essa mulher? Elas eram amigas?

— Não sei. Acho que não. Ela pareceu surpresa.

—Você está ajudando bastante, Sylvie — disse Moureau. — Pode nos dizer por que achou isso?

— Ela estava pedindo para a Dra. Tanner ir encontrar alguém no cemitério. Parecia um lugar esquisito para encontrar alguém.

— Encontrar quem? — perguntou Noubel. — Você ouviu algum nome? Parecendo ainda mais aterrorizada, Sylvie negou com a cabeça.

— Não sei nem se ela foi.

— Tudo bem. Você está indo muito bem. Alguma outra coisa?

— Chegou uma carta para ela.

— Pelo correio, ou em mãos?

— Teve aquela história da troca de quarto — disse alguém lá do fundo.Sylvie se 297

virou e olhou irada para um menino escondido atrás de uma montanha de caixas de papelão. — Maior pé no...

— Que história de quarto foi essa? — interrompeu Noubel.

— Eu não estava aqui — disse Sylvie, teimosa.

— Mas aposto que mesmo assim você sabe tudo o que aconteceu.

— A Dra. Tanner disse que alguém tinha entrado no quarto dela. Na quarta à

noite. Ela pediu para trocar de quarto.

Noubel se retesou. Imediatamente, foi até os fundos.

— E causou um monte de trabalho a mais para todo mundo — dizia Moureau, suave, mantendo Sylvie ocupada.

Noubel seguiu os cheiros de comida e encontrou o menino com facilidade.

— Você estava aqui na quarta à noite?O menino deu um sorriso atrevido.

— Estava trabalhando no bar.

— Viu alguma coisa?

— Vi uma mulher sair correndo pela porta atrás de um cara. Só soube depois que era a Dra. Tanner.

— Você viu o cara?

— Na verdade, não. Prestei mais atenção nela.

Noubel tirou as fotos da jaqueta e as segurou na frente do rosto do menino.

— Reconhece algum dos dois?

— Este aqui eu já vi. Com um terno de boa qualidade. Não era turista.Chamava um pouco de atenção. Ficou zanzando pela área. Na terça-feira,talvez na quarta. Mas eu não tenho certeza.

Quando Noubel voltou ao saguão, Moureau já havia conseguido fazer Sylvie sorrir.

— O menino identificou o Domingo. Disse que ele ficou zanzando perto do hotel.

— Mas isso não quer dizer que seja ele o invasor — murmurou Moureau.Noubel deslizou a fotografia pelo balcão na frente de Sylvie.

— Conhece algum destes homens?

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça —, mas... — Ela hesitou, depois apontou para a foto de Domingo. — A mulher que pediu para falar com a Dra. Tanner era parecida com ele.

Noubel trocou olhares com Moureau.

— Irmã?

— Vou pedir para verificarem.

— Infelizmente vamos ter que pedir para você nos deixar entrar no quarto da

Dra.

Tanner — disse Noubel.

— Eu não posso fazer isso!

Moureau passou por cima das objeções dela.

— Só vamos demorar cinco minutos. Vai ser muito mais fácil assim,Sylvie. Se tivermos que esperar para o gerente autorizar, vamos voltar com uma equipe de busca inteira. Vai ser uma confusão para todo mundo.

Sylvie pegou uma chave do gancho e os levou até o quarto de Alice, parecendo abatida e nervosa.

A janela e as cortinas estavam fechadas, e o quarto estava abafado. A cama estava feita com esmero, e uma rápida inspeção do banheiro revelou que havia toalhas limpas nos porta-toalhas e que os copos d´água haviam sido trocados.

— Ninguém veio aqui desde que a camareira limpou o quarto ontem de manhã —murmurou Noubel.

Não havia nenhum objeto pessoal no banheiro.

— Alguma coisa? — perguntou Moureau.

Noubel sacudiu a cabeça enquanto passava ao armário. Lá dentro encontrou a mala de Alice, feita.

— Parece que ela não desfez a mala depois que mudou de quarto. É óbvio que levou o passaporte, o celular, o básico — disse, correndo a mão por debaixo do colchão.

Segurando o lenço entre os dedos, Noubel abriu a gaveta da mesinha-de-cabeceira. Lá

dentro havia uma carteia de pílulas para dor de cabeça e o livro de Audric Baillard.

— Moureau — disse ele, incisivo. Enquanto passava o livro para o colega,um pedacinho de papel caiu do meio das páginas e flutuou até o chão.

— O que é isto?

Noubel recolheu o pedaço de papel, depois franziu o cenho enquanto o passava para Moureau.

— Algum problema? — perguntou Moureau.

— Esta é a letra do Yves Biau — disse ele. — Um telefone de Chartres.Tirou o celular do bolso para ligar, mas o telefone tocou antes de ele

terminar.

— Noubel — atendeu ele, abrupto. Moureau tinha os olhos fixos nele.— Ótimas notícias, senhor. Claro. Agora mesmo.

Desligou.

— Conseguimos o mandado de busca — disse, encaminhando-se para aporta. —

Mais rápido do que eu esperava.

— O que você estava pensando? — disse Moureau. — Ele é um homem preocupado.

CAPÍTULO 67

— Vamos nos sentar lá fora? — sugeriu Audric. — Pelo menos enquanto o calor estiver suportável.

— Ótima idéia — respondeu Alice, seguindo-o para fora da pequena casa. Tinha a sensação de estar em um sonho. Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta. A vastidão das montanhas, os hectares de céu, os movimentos lentos e deliberados de Baillard.

Alice sentiu o cansaço e a confusão dos últimos dias se esvaírem.

— Aqui está bom — disse ele com sua voz mansa, parando ao lado de um montinho de grama. Baillard sentou-se com as pernas compridas e finas

estendidas na frente do corpo, como um menino.

Alice hesitou, depois sentou-se ao lado dele. Levantou os joelhos até o queixo e envolveu as pernas com os braços, depois viu que ele estava sorrindo de novo.

— O que foi? — perguntou, subitamente pouco à vontade.Audric apenas sacudiu a 299

cabeça.

— Los reasons. — Reminiscências. — Perdoe-me, madomaisèla Tanner.Perdoe a bobeira de um velho.

Alice não sabia o que o fazia sorrir assim, só sabia que ver aquilo a deixava feliz.

— Por favor, me chame de Alice. Madomaisèla soa tão formal.Ele inclinou a cabeça.

— Está bem.

— O senhor fala occitano, e não francês? — perguntou ela.

— Falo os dois, sim.

— Outras línguas também?Ele sorriu, modesto.

— Inglês, árabe, espanhol, hebraico. As histórias mudam de forma,mudam de caráter, adquirem cores diferentes dependendo das palavras que se usa, da língua em que se decide contá-las. Algumas vezes elas são mais sérias, outras vezes mais brincalhonas, mais melódicas, digamos. Aqui, nesta parte do que hoje chamam de França, a langue dÓc era falada pelas pessoas a quem esta terra pertencia. A langue dóïl, precursora do francês moderno, era a língua dos invasores. Escolhas assim dividiam as pessoas. — Ele fez um gesto com a mão. — Mas não foi isso que você veio escutar. Você quer pessoas, não teorias, não é?

Foi a vez de Alice sorrir.

— Eu li um dos seus livros, monsieur Baillard, que encontrei na casa daminha tia em Sallèles d'Aude.

Ele aquiesceu.

— Lindo lugar. O Canal de Jonction. Pés de lima e pins parasols margeando o canal. — Ele fez uma pausa. — Sabia que o líder da cruzadas Arnald-Amalric, ficou com uma casa em Sallèles? E outras também, em Carcassona e Besièrs.

— Eu não sabia — disse ela, sacudindo a cabeça. — No começo, assim que eu cheguei, o senhor disse que a Alaïs não morreu antes do tempo. Ela...ela sobreviveu à

queda de Carcassonne?

Alice ficou surpresa ao constatar que seu coração acelerava.

Baillard assentiu.

— Alaïs foi embora de Carcassona junto com um menino, Sajhë, que era neto de uma das guardiãs da Trilogia do Labirinto. — Ele ergueu os olhos para ver se ela estava entendendo, depois continuou quando ela sinalizou que sim.

— Eles estavam vindo para este lugar — continuou ele. — Na língua antiga, Los Seres quer dizer os picos da montanha, os cumes.

— Por que aqui?

— O Navigatairé, líder da Noublesso de los Seres, a sociedade à qual o pai de Alaïs e a avó de Sajhë haviam prestado juramento, estava esperando por eles aqui. Como Alaïs tinha medo de estar sendo perseguida, eles utilizaram um caminho indireto: foram primeiro para Fanjeaux, depois para o sul em direção a Puivert e Lavelanet, e depois outra vez para oeste em direção aos Montes Sabarthès.

"Com a queda de Carcassona, havia soldados por toda parte. Eles infestavam nossa terra como ratos. Havia também bandidos que atacavam os refugiados sem piedade. Alaïs e Sajhë viajavam de manhã cedo e à noite, abrigando-se do sol inclemente na parte mais quente do dia. Foi um verão de calor particularmente intenso, então quando caía a noite eles dormiam ao relento. Sobreviviam comendo nozes, bagas, frutas, qualquer coisa que conseguissem encontrar. Alaïs evitava as cidades, a menos quando tinha certeza de que encontraria um abrigo seguro."

— Como eles sabiam para onde ir? — perguntou Alice, lembrando-se da própria viagem horas antes.

— Sajhë tinha um mapa, que havia recebido da...

A voz dele se partiu de emoção. Alice não soube por que, mas estendeu a mão e segurou a dele. Aquilo pareceu reconfortá-lo.

— Viajaram em um ritmo bom — continuou ele —, e chegaram a Los Seres pouco antes do dia da festa de Sant-Miquel, no final de setembro, bem quando a terra estava ficando dourada. Aqui, nas montanhas, o cheiro do outono e de terra molhada já

reinava. Fumaça pairava sobre os campos onde o restolho estava sendo queimado.

Aquele era um mundo novo para eles, que tinham sido criados nas sombras, becos e salões abarrotados de Carcassona.Quanta luz! Céus que pareciam subir até chegar ao paraíso. — Ele fez uma pausa, fitando a paisagem à sua frente. — Está entendendo?

Ela assentiu, fascinada pela voz dele.

— Harif, o Navigatairé, estava à sua espera. — Baillard baixou a cabeça.— Quando soube de tudo que havia acontecido, chorou pela alma do pai de Alaïs, e também por Simeon. Chorou pela perda dos livros e pela generosidade de Esclarmonde ao permitir que Alaïs e Sajhë viajassem sem ela para garantira segurança do Livro das Palavras.

Baillard parou novamente e, por algum tempo, não disse nada. Alice não queria interrompê-lo nem apressá-lo. A história se contaria sozinha. Ele falaria quando estivesse pronto.

O rosto dele relaxou.

— Era uma época abençoada, tanto nas montanhas quanto nas planícies... ou pelo menos assim pareceu no começo. Apesar do horror indescritível da derrota de Besièrs, muitos carcassonenses acreditavam que logo teriam permissão para

voltar para casa.

Muitos confiavam na Igreja. Pensavam que, se os hereges fossem expulsos, então teriam suas vidas de volta.

— Mas os cruzados não foram embora — disse ela.Baillard sacudiu a cabeça, negando.

— Era uma guerra por terras, não por fé — disse. — Depois que a Ciutat foi derrotada, em agosto de 1209, Simon de Montfort foi eleito visconde, apesar do fato de Raymond-Roger Trencavel continuar vivo. Para as mentes modernas, é difícil entender como esse era um fato sem precedentes, como era grave a ofensa. Isso ia contra qualquer tradição e honra. As guerras eram em parte financiadas pelas taxas que uma família nobre pagava a outra. Amenos que ele fosse condenado por um crime, as terras de um seigneur jamais eram confiscadas e dadas a outra pessoa. Não podia ter havido uma indicação mais clara do desprezo que os homens do norte sentiam pelo Pays dÓc.

— O que aconteceu com o visconde Trencavel? — perguntou Alice. —Eu vi que o nome dele é lembrado por toda a Cité.

Baillard assentiu.

— Ele merece ser lembrado. Ele morreu... foi assassinado... depois de passar três meses trancafiado nas prisões do Château Comtal, em novembro de 1209. De Montfort divulgou que ele havia morrido de mal do cerco, como a disenteria era conhecida na época. Ninguém acreditou. Houve rebeliões esporádicas e perturbações isoladas, até de Montfort ser forçado a conceder uma pensão anual de 3 mil sols ao filho e herdeiro de dois anos de idade de Raymond-Roger, em troca da concessão legal do viscondado.

Um rosto surgiu subitamente na mente de Alice. Uma mulher devota, séria, bonita, dedicada ao marido e ao filho.

— Dama Agnès — murmurou ela.Baillard a fitou por um instante.

— Ela também é lembrada dentro dos muros da Ciutat — disse ele baixinho. —

De Montfort era um católico devoto. Acreditava, e talvez fosse o único dentre todos os cruzados a pensar assim, que estava fazendo o trabalho de Deus. Ele criou um imposto para cada casa ou lar em favor da Igreja,introduziu dízimos sobre os primeiros frutos: hábitos do norte.

“A Ciutat podia ter sido derrotada, mas as fortalezas do Minervois, da Montagne Noire, dos Pireneus se recusavam a se render”. O rei de Aragão, Pedro, não queria aceitá-lo como vassalo; Raymond VI, tio do visconde Trencavel, se refugiou em Toulouse; os condes de Nevers e Saint-Pol, e outros como Guy dÉvreux, voltaram para o norte. Simon de Montfort manteve o controle de Carcassona, mas ele estava isolado.

“Mercadores, mascates, tecelãos traziam notícias de cercos e batalhas, boas e ruins”. Montréal, Preixan, Saverdun, Pamiers caíram; Cabaret resistia. Na primavera de 1210, em abril, depois de três meses de cerco, de Montfort conquistou a cidade de Bram.

Ordenou a seus soldados que reunissem a guarnição derrotada e mandou cegarem seus olhos. Apenas um homem foi poupado, e encarregado de conduzir a procissão de mutilados pelos campos até Cabaret, um aviso claro a qualquer um que resistisse para que não esperassem clemência.

“A selvageria e as represálias aumentavam”. Em julho de 1210, de Montfort sitiou a fortaleza de Minerve, que fica em cima de uma colina. A cidade é protegida de dois lados por íngremes desfiladeiros de pedra atravessados por rios durante milhares de anos. Bem alto acima do vilarejo, de Montfort instalou um trébuchet gigante, conhecido como La Malvoisine, ou a má vizinha. — Ele parou e se virou para Alice. — Hoje em dia tem uma réplica na cidade. E estranho de ver. Durante seis semanas, de Montfort bombardeou o vilarejo.

Quando por fim Minerve caiu, 140 parfaits cátaros se recusaram a abjurar e foram queimados em uma única fogueira.

"Em maio de 1211, os invasores conquistaram Lavaur, depois de um mês de cerco.

Os católicos a chamavam de ' o próprio trono de Satã. De certa forma, tinham razão. A cidade era sé do bispado cátaro de Toulouse, e centenas de parfaits e parfaites viviam ali pacífica e abertamente."

Baillard levou o copo aos lábios e bebeu.

— Quase quatrocentos credentes e parfaits foram queimados, incluindo Amaury de Montreal, que havia comandado a resistência, junto com oitenta de seus cavaleiros. O

cadafalso cedeu com o peso de todos eles. Os franceses foram forçados a cortar suas gargantas. Tomados pela sede de sangue, os invasores assolaram a cidade à procura da senhora de Lavaur, Guirande, sob cuja proteção os bons homes viviam. Eles a encontraram, abusaram dela. Arrastaram-na pela rua como uma criminosa comum, depois a jogaram no poço e atiraram pedras nela até ela morrer. Ela foi enterrada viva. Ou talvez tenha se afogado.

— Eles sabiam como a situação estava ruim? — perguntou Alice.

— Alaïs e Sajhë recebiam algumas notícias, mas com freqüência muitos meses depois do ocorrido. A guerra ainda estava concentrada nas planícies.Eles viviam aqui em Los Seres com Harif, com simplicidade, mas felizes. Juntavam lenha; salgavam carnes para os longos meses do inverno; aprenderam afazer pão e a isolar o telhado com palha para protegê-lo dos temporais.

A voz de Baillard estava mais suave.

— Harif ensinou Sajhë a ler, depois a escrever, primeiro a langue dÓc,depois a língua dos invasores, e também um pouco de árabe e um pouco de hebraico. — Ele sorriu. — Sajhë era um aluno rebelde, que preferia as atividades do corpo às da mente, mas, com a ajuda de Alaïs, ele perseverou.

— Provavelmente queria provar alguma coisa para ela.

Baillard olhou de relance para Alice, mas não fez nenhum comentário.

— Nada mudou até o final da Quaresma depois de Sajhë completar 13anos, quando Harif lhe disse que ele iria virar aprendiz na casa de Pierre-Rogerde Mirepoix, para começar seu treinamento como chevalier.

— O que Alaïs achou disso?

— Ela ficou encantada por ele. Esse sempre tinha sido o desejo de Sajhë.Em Carcassona, ele ficava olhando os écuyers encerarem as botas e polirem os capacetes de seus senhores. Escondia-se debaixo dos lices para ver seus combates. A vida de um chevalier estava acima da sua condição, mas nem por isso ele havia deixado de sonhar em um dia cavalgar sob suas próprias cores. Agora,parecia que finalmente tinha uma chance de provar o seu valor.

— Ele foi, então?Baillard assentiu.

— Pierre-Roger de Mirepoix era um patrão exigente, mas justo, e tinha reputação de treinar bem seus rapazes. Foi difícil, mas Sajhë era esperto, rápido e esforçado. Aprendeu a acertar sua lança no mastro. Praticou com a espada, com o porrete, com a bola de corrente, com a adaga, aprendeu a montar com as costas retas em uma sela alta.

Durante algum tempo, Alice o observou fitar as montanhas e pensou, não pela primeira vez, como aquelas pessoas distantes, em cuja companhia Baillard passara grande parte da vida, haviam se tornado de carne e osso para ele.

— E o que aconteceu com Alaïs durante esse tempo?

— Enquanto Sajhë estava em Mirepoix, Harif começou a ensinar a Alaïs os ritos e rituais da Noublesso. As habilidades dela como curandeira e mulher sábia já eram conhecidas. Eram poucas as doenças, do espírito ou do corpo,que ela não soubesse curar. Harif ensinou a ela muitas coisas sobre as estrelas,sobre os padrões que formam o mundo, usando o conhecimento dos antigos místicos de sua terra. Alaïs sabia que o objetivo de Harif era maior. Sabia que ele a estava preparando para sua tarefa, e preparando Sajhë também, por isso o havia mandado embora.

“Enquanto isso, Sajhë pensava pouco no vilarejo”. De vez em quando, alguma notícia de Alaïs chegava a Mirepoix levada por pastores ou parfaits, mas ela não o visitava. Graças à irmã, Oriane, Alaïs era uma fugitiva, e sua cabeça estava a prêmio.

Harif mandou dinheiro para Sajhë comprar uma cota de malha, um palafrém, uma armadura e uma espada. Ele foi sagrado cavaleiro quando tinha apenas 15 anos. —

Baillard hesitou. — Pouco depois disso, ele foi para a guerra. Aqueles que

tinham se aliado aos franceses esperando clemência mudaram de lado, incluindo o conde de Toulouse.

Dessa vez, quando ele apelou para seu senhor lígio, Pedro de Aragão, Pedro assumiu as próprias responsabilidades e tomou o rumo do norte em janeiro de 1213. Junto com o conde de Foix, suas forças combinadas foram fortes o bastante para infligir danos significativos às forças depauperadas de Montfort.

"Em setembro de 1213, os dois exércitos, norte contra sul, se enfrentaram em Muret. Pedro era um líder corajoso e hábil estrategista, mas o ataque foi muito mal planejado e, no calor da batalha, Pedro foi morto. O sul havia perdido seu líder."

Baillard parou.

— Entre os que lutavam pela independência estava um chevalier de Carcassona.

Guilhem du Mas. — Ele fez uma pausa. — Ele mostrou grande valor. Era muito querido.

Os homens o seguiam.

Um tom estranho havia surgido na voz dele: admiração misturada com alguma outra coisa que Alice não conseguia identificar. Antes que pudesse pensar mais no assunto, Baillard prosseguiu.

— No dia 25 de junho de 1218, o lobo foi morto.

— Lobo?

Ele ergueu as mãos.

Perdão. Nas canções da época, por exemplo na Canso de lo Crosada, de Monfort era conhecido como "o lobo". Ele foi morto no cerco a Toulouse. Foi atingido na cabeça pela pedra de uma catapulta, dizem que manejada por uma mulher. —

Alice não pôde evitar um sorriso. — Seu corpo foi levado de volta para Carcassona e enterrado à moda do norte. O coração, fígado e estômago foram

levados para Sant-Cerni, e os ossos para Sant-Nasari, para serem sepultados debaixo de uma lápide que agora está pendurada no muro do transepto sul da basílica. — Ele fez uma pausa. — Talvez você tenha reparado nela quando visitou a Ciutat? Alice enrubesceu.

— Eu... eu descobri que não conseguia entrar na catedral — admitiu.Baillard olhou rapidamente para ela, mas não disse mais nada sobre a lápide.

— De Montfort foi sucedido pelo filho, Amaury, mas ele não era tão bom comandante, e logo começou a perder as terras que o pai tinha conquistado. Em 1224, Amaury se rendeu. A família de Montfort abriu mão das terras de Trencavel. Sajhë

pôde voltar para casa. Pierre-Roger de Mirepoix relutou em deixar ele ir embora, mas Sajhë tinha...

Ele se interrompeu, depois se levantou e afastou-se um pouco dela descendo a encosta. Quando tornou a falar, não se virou.

— Sajhë estava com 26 anos — disse. — Alaïs era mais velha, mas ele...ele tinha esperanças. Agora via Alaïs com outros olhos, não mais como um irmão olha para uma irmã. Sabia que eles não poderiam se casar, porque Guilhem du Mas ainda estava vivo, mas, agora que havia provado seu valor,sonhava que pudesse existir algo mais entre os dois.

Alice hesitou, depois se aproximou até chegar ao lado dele. Quando pôs a mão sobre seu braço, Baillard sobressaltou-se, como se houvesse se esquecido de que ela estava ali.

— O que aconteceu? — perguntou ela baixinho, sentindo-se estranhamente ansiosa. Tinha a sensação de estar de alguma forma bisbilhotando, como se aquela história fosse íntima demais para ser compartilhada.

— Ele reuniu coragem para falar com ela. — Baillard hesitou. — Harif sabia. Se Sajhë tivesse pedido a opinião dele, ele teria dado. Como ele não pediu, Harif ficou quieto.

— Talvez Sajhë soubesse que não iria gostar de ouvir o que Harif tinha para dizer.

Baillard deu um meio-sorriso, triste.

— Benlèu. — Talvez. Alice esperou.

— Então... — insistiu ela, quando ficou claro que ele não iria prosseguir. — Sajhë

disse a ela o que sentia?

— Disse.

— E então? — perguntou Alice depressa. — O que ela falou?Baillard se virou e olhou para ela.

— Você não sabe? — perguntou, quase em um sussurro. — Reze a Deus para nunca saber o que é amar desse jeito sem esperança de um dia ser correspondida.

Por mais louco que parecesse, Alice saiu em defesa de Alaïs.

— Mas ela o amava, sim — disse com firmeza. — Como um irmão. Não era suficiente?

Baillard se virou e sorriu para ela.

— Foi com isso que ele se contentou — respondeu. — Mas suficiente?Não. Não era suficiente.

Ele se virou e começou a andar de novo em direção à casa.

— Vamos? — disse, outra vez formal. — Estou com um pouco de calor.Você, 304

madomaisèla Tanner, deve estar cansada depois da sua longa viagem.

Alice percebeu como de repente ele havia ficado pálido, como parecia exausto, e sentiu-se culpada. Olhou para o relógio e viu que haviam conversado por mais tempo do que ela percebera. Era quase meio-dia.

— Claro — disse depressa, oferecendo-lhe o braço. Juntos, caminharam devagar até

a casa.

— Me dê licença um instante — disse ele baixinho, quando já estavam de novo dentro de casa. — Preciso dormir um pouco. Talvez você também devesse descansar?

— Estou mesmo cansada — reconheceu ela.

— Quando eu acordar, vou preparar comida, e depois vou terminar a história.

Antes da noite cair e de nos preocuparmos com outras coisas.

Ela esperou até ele ter chegado aos fundos da casa e fechado a cortina atrás de si.

Então, sentindo-se estranhamente perturbada, Alice pegou um cobertor para fazer de travesseiro e tornou a sair.

Instalou-se debaixo das árvores. Só então percebeu que o passado havia dominado sua imaginação a tal ponto que não pensara em Shelagh ou em Will uma só vez.

CAPÍTULO 68

— O que você está fazendo? — perguntou François-Baptiste, entrando no quarto do pequeno e anônimo chalé não muito longe do Pic de Soularac.

Marie-Cécile estava sentada diante da mesa, com o Livro dos Números aberto à sua frente em cima de um suporte de leitura revestido de preto. Ela não ergueu os olhos.

— Estudando a disposição da câmara.François-Baptiste sentou-se ao lado da mãe.

— Por algum motivo especial?

— Para me lembrar das diferenças entre este diagrama e o labirinto da caverna em si.

Ela o sentiu espiando por cima de seu ombro.

— São muitas? — perguntou ele.

— Algumas. Uma delas é esta — disse ela com o dedo pairando acima do livro, o esmalte de unha vermelho levemente visível através das luvas protetoras de algodão. — O

nosso altar está aqui, como no desenho. Na câmara de verdade, ele fica mais perto da parede.

— Isso não quer dizer que o desenho do labirinto fica escondido?

Ela se virou para olhar para ele, surpresa com a inteligência do comentário.

— Mas se os guardiães originais usavam o Livro dos Números nas suas cerimônias, como faz a Noublesso Véritable, os dois não deveriam ser iguais?

— Logicamente deveriam, sim — disse ela. — Não existe tumba, essa é a variação mais óbvia, mas é interessante que o túmulo onde os esqueletos estavam deitados estivesse exatamente na mesma posição.

— Você teve alguma outra notícia dos corpos? — perguntou ele.Ela sacudiu a cabeça, negando.

— Então ainda não sabemos quem eles são?Ela deu de ombros.

— Que importância tem isso?

— Nenhuma, acho — respondeu ele, embora ela pudesse ver que sua falta de interesse o incomodava.

— No final das contas — continuou ela —, não acho que nenhuma dessas coisas tenha importância. O importante é o desenho, o caminho que o Navigatairé percorre enquanto as palavras são ditas.

— Você tem certeza de que vai conseguir ler o pergaminho do Livro das Palavras?

— Se ele for do mesmo período dos outros pergaminhos, tenho. Os hieróglifos são bem simples.

A ansiedade a invadiu, tão súbita, tão veloz, que ela ergueu os dedos como se a mão de alguém lhe apertasse a garganta. Naquela noite, ela pronunciaria as palavras esquecidas. Naquela noite, o poder do Graal seria seu. Ela iria derrotar o tempo.

— E se a Shelagh O´Donnell estiver mentindo? — disse François-Baptiste.— E se ela não estiver com o livro? Ou se o Authié também não tiver encontrado o livro?

Os olhos de Marie-Cécile se arregalaram, chamados de volta ao presente pelo tom abrasivo, desafiador da voz de seu filho. Ela olhou para ele com desgosto.

— O Livro das Palavras está lá — disse ela.

Zangada por ter tido seu devaneio estragado, Marie-Cécile fechou o Livro dos Números e tornou a colocá-lo dentro da capa. Em seu lugar, ajeitou o Livro das Poções sobre o descanso.

Vistos de fora, os dois livros pareciam idênticos. As mesmas capas de madeira revestidas de couro e seguras por tiras também de couro.

A primeira página estava em branco, a não ser por um pequenino cálice de ouro no centro. O verso da página estava em branco. Na terceira página havia as palavras e imagens que também estavam inscritas no alto das paredes da câmara subterrânea da rue du Cheval Blanc.

A primeira letra de cada uma das páginas seguintes era iluminada em vermelho, azul ou amarelo, com ornamentos dourados, mas fora isso o texto era corrido, uma palavra seguindo-se à outra, sem lacunas onde terminava uma idéia e começava a outra.

Marie-Cécile virou as páginas até chegar ao pergaminho no centro do livro.

Misturados aos hieróglifos havia pequenos desenhos de plantas e símbolos destacados em cor verde. Depois de anos de estudo e pesquisa, graças às bolsas custeadas pela fortuna da família de lÓradore, seu avô havia percebido que nenhuma das ilustrações era relevante.

Somente os hieróglifos gravados nos dois pergaminhos do Graal tinham importância. Todo o resto — palavras, imagens, cores — estavam lá para

esconder, para ornamentar, para ocultar a verdade.

— Ele está lá — disse ela, encarando François-Baptiste com um olhar feroz. Podia ver a dúvida na expressão do filho, mas ele sabiamente decidiu não dizer nada. — Vá

pegar as minhas coisas — disse ela, ríspida. — Depois verifique onde o carro está.

Ele voltou instantes depois com a nécessaire quadrada dela.

— Onde você quer que eu coloque?

— Ali — disse ela, apontando para a penteadeira. Depois que ele tornou a sair, Marie-Cécile se aproximou do móvel e sentou-se. O lado de fora da nécessaire era de couro marrom macio, com suas iniciais gravadas em dourado.Fora um presente de seu avô.

Ela levantou a tampa. Lá dentro havia um espelho grande e vários compartimentos 306

para pincéis, produtos de beleza, lenços de papel e uma pequena tesoura dourada. Os produtos de maquiagem estavam guardados na bandeja de cima em fileiras bem dispostas e arrumadas. Batons, sombras, tubos de rímel, lápis de olho, pó compacto. Um compartimento mais embaixo, mais profundo, continha os três escrínios de couro vermelho.

— Onde eles estão? — perguntou ela sem se virar.

— Não estão muito longe — respondeu François-Baptiste. Ela pôde ouvir a tensão na voz dele.

— Ele está bem?

Ele caminhou na direção dela e pousou as mãos em seus ombros.

— Você está ligando para isso, maman?

Marie-Cécile encarou o próprio reflexo no espelho, depois o filho, emoldurado no espelho acima de sua cabeça como se posassem para um retrato. A voz dele

era casual.

Seus olhos o traíam.

— Não — respondeu ela, e viu o rosto do filho relaxar um pouco. —Estou só

interessada.

Ele apertou os ombros dela, depois retirou as mãos.

— Para responder à sua pergunta, ele está vivo. Deu trabalho quando estava sendo tirado do porta-malas. Precisaram acalmá-lo um pouco.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Não muito, espero — disse. — Se ele estiver semiconsciente, não vai ter utilidade para mim.

— Para você? — perguntou ele, ríspido.

Marie-Cécile mordeu a língua. Precisava que François-Baptiste continuasse disposto a ajudar.

— Para nós — disse ela.

CAPÍTULO 69

Alice estava cochilando na sombra debaixo das árvores quando Audric reapareceu algumas horas depois.

— Fiz comida para nós — disse ele.

Ele parecia mais disposto depois de ter dormido. Sua pele perdera a aparência retesada, de cera, e seus olhos tinham um brilho intenso.

Alice juntou suas coisas e o seguiu novamente para dentro da casa. Queijo de cabra, azeitonas, tomates, pêssegos e uma jarra de vinho estavam dispostos sobre a mesa.

— Por favor. Pegue o que quiser.

Assim que se sentaram, Alice começou a fazer as perguntas que havia ensaiado mentalmente. Percebeu que ele comia pouco, embora tenha bebido um pouco de vinho.

—Alaïs tentou recuperar os dois livros roubados pela irmã e pelo marido?

— Reunir outra vez a Trilogia do Labirinto tornou-se a intenção de Harif assim que a ameaça de guerra começou a lançar sua sombra sobre o Pays dÓc — disse ele. —

Graças à irmã, Oriane, a cabeça de Alaïs havia sido posta a prêmio. Aquilo tornava difícil 307

para ela fazer qualquer viagem. Nas raras ocasiões em que descia do vilarejo, ia disfarçada. Tentar viajar para o norte teria sido uma loucura. Sajhë fez vários planos de ir a Chartres. Nenhum deles deu certo.

— Por causa de Alaïs?

— Em parte, mas também por causa de sua avó, Esclarmonde. Ele se sentia responsável para com a Noublesso de los Seres, assim como Alaïs se sentia responsável no lugar do pai.

— O que aconteceu com Esclarmonde?

— Muitos bons homes foram para o norte da Itália. Esclarmonde não tinha saúde suficiente para viajar até tão longe. Em vez disso, foi levada por Gaston e pelo irmão para uma pequena comunidade na Navarra, onde ficou até morrer, alguns anos depois.

Sajhë visitava a avó sempre que podia. — Ele fez uma pausa. — O fato de as duas nunca mais terem se encontrado foi uma grande tristeza para Alaïs.

— E Oriane? — perguntou Alice depois de algum tempo. — Alaïs teve notícias dela também?

— Muito poucas. Mais interessante foi o labirinto construído na catedral de Notre Dame, em Chartres. Ninguém sabia quem tinha mandado construir aquilo, nem o que poderia significar. Em parte, foi por isso que Oriane e Evreux foram morar naquela cidade, em vez de voltarem para as terras dele,mais ao norte.

— E os livros em si tinham sido feitos em Chartres.

— Na verdade, o labirinto da igreja foi construído para desviar a atenção da caverna do labirinto mais ao sul.

— Eu vi o labirinto da igreja ontem — disse Alice.Teria sido só ontem?

— Não senti nada; quero dizer, é muito bonito, muito impressionante,mas nada além disso.

Audric aquiesceu.

— Oriane conseguiu o que queria. Guy dÉvreux a levou para o norte como sua mulher. Em troca, ela entregou a ele o Livro das Poções e o Livro dos Números, e jurou continuar procurando o Livro das Palavras.

— Sua mulher? — Alice franziu o cenho. — Mas que fim levou...

— Jehan Congost? Ele era um homem bom. Pedante, ciumento, sem senso de humor, talvez, mas um servidor leal. Oriane mandou François matá-lo. — Ele fez uma pausa. — François merecia morrer. Teve um fim horrível,mas não merecia nada melhor.

Alice sacudiu a cabeça.

— Eu ia perguntar que fim tinha levado Guilhem — disse ela.

— Ele ficou no Midi.

— Mas ele não esperava ficar com Oriane?

— Ele foi incansável em suas tentativas de expulsar os cruzados. Conforme os anos foram passando, vários seguidores seus surgiram nas montanhas.No começo, ele ofereceu sua espada a Pierre-Roger de Mirepoix. Mais tarde,quando o filho do visconde Trencavel tentou recuperar as terras roubadas dopai, Guilhem lutou por ele.

— Ele mudou de lado? — perguntou Alice, pasma.

— Não, ele... — Baillard suspirou. — Não. Guilhem du Mas nunca traiu o

visconde Trencavel. Ele foi um bobo, sem dúvida, mas no fim das contas não foi um traidor. Oriane o usou. Quando Carcassona caiu, ele foi preso junto com Raymond-Roger Trencavel. Ao contrário do visconde, porém, Guilhem conseguiu fugir. — Audric tomou fôlego, como se lhe custasse reconhecer aquilo. — Ele não era um traidor.

— Mas Alaïs achava que fosse — disse ela, baixinho.

— Foi ele quem cavou a própria cova.

— É, eu sei, mas mesmo assim... viver com uma dor assim, sabendo que Alaïs pensava que ele era pior do que...

— Guilhem não merece simpatia — disse Baillard, seco. — Ele traiu Alaïs, quebrou seus votos de matrimônio, humilhou a própria mulher. Mas,mesmo assim, ela... — Ele se interrompeu. — Perdão. Algumas vezes é difícil ser objetivo.

Por que isso o incomoda tanto?

— Ele nunca tentou encontrar Alaïs?

— Ele a amava — disse Audric com simplicidade. — Não poderia ter corrido o risco de levar os franceses até onde ela estava.

— E ela também não fez nenhuma tentativa de se encontrar com ele?Audric sacudiu a cabeça devagar, negando.

— Você teria feito isso, na posição dela? — perguntou, baixinho.Alice pensou por alguns instantes.

— Não sei. Se ela o amava, apesar do que ele tinha feito...

Alice se mexeu na cadeira. Audric pareceu sentir a impaciência dela, porque começou a falar mais depressa.

— Durante cinco anos depois de Sajhë voltar para o vilarejo, aquela paz instável reinou — prosseguiu. — Ele, Alaïs e Harif viviam bem. Outros habitantes de

Carcassona também moravam agora nas montanhas, incluindo a antiga criada de Alaïs, Rixende, que se instalou no vilarejo. Era uma vida simples, mas boa. — Baillard fez uma pausa.

— Em 1229, tudo mudou. Um novo rei subiu ao trono da França. Sant-Louis era um homem zeloso, de fortes convicções religiosas. O fato de a heresia ainda existir o deixava doente. Apesar dos anos de opressão e perseguição no Midi, a igreja cátara ainda concorria com a Igreja católica em autoridade e influência. Os cinco bispados cátaros, Tolosa, Albi, Carcassona, Agen e Razès,eram em muitos lugares mais respeitados, mais influentes do que os seus equivalentes católicos.

“No início, nada disso afetou Alaïs e Sajhë”. Eles levavam praticamente a mesma vida de antes. No inverno, Sajhë viajava para a Espanha para conseguir dinheiro e armas para a financiar a resistência. Alaïs ficava nas montanhas. Ela era boa amazona, sabia manejar o arco e a espada e tinha muita coragem, e levava recados para os líderes da resistência, na Ariège e pelos Montes Sabarthès. Dava refúgio para parfaits e parfaites, e conseguia para eles comida, abrigo e informações sobre onde e quando os serviços religiosos podiam ser organizados. Muitos dos parfaits eram pregadores itinerantes, e viviam de seus próprios trabalhos manuais. Cardavam, faziam pão, fiavam lã. Eles viajavam em duplas: um professor mais experiente e um jovem iniciado. — Audric sorriu. — Alaïs fazia praticamente a mesma coisa que Esclarmonde, sua amiga e mentora, havia feito em Carcassona.

"As excomunhões, as indulgências para os cruzados, a nova campanha para erradicar a heresia, como era chamada, poderiam ter continuado quase como antes, não fosse pelo fato de que havia um novo papa. O papa Gregório IX. Ele não estava mais disposto a esperar. Em 1233, criou a Santa Inquisição, sob seu controle direto. A tarefa da nova organização era encontrar e eliminar os hereges, onde quer que fosse e quaisquer que fossem os meios utilizados. Ele escolheu os dominicanos, os frades negros, como seus agentes."

— Eu achava que a Inquisição tivesse sido criada na Espanha? Sempre se ouve falar nela nesse contexto.

— É um erro comum — disse ele. — Não, a Inquisição foi fundada para acabar com 309

os cátaros. O terror começou. Inquisidores iam de cidade em cidade livremente,

acusando, denunciando e condenando. Havia espiões por toda parte. Pessoas eram exumadas para que seus corpos, enterrados em chão sagrado, pudessem ser queimados como hereges.

Comparando confissões e meias-confissões, os inquisidores começaram a mapear o caminho do catarismo dos vilarejos às pequenas cidades, até as cidades maiores. O Pays dÓc começou a afundar, varrido por uma maré maligna de assassinato legal. Pessoas boas,honestas foram condenadas. Por medo, vizinhos se voltavam contra outros vizinhos. Qualquer cidade mais importante tinha sua Corte Inquisitorial, de Tolosa a Carcassona. Uma vez condenados, os inquisidores entregavam suas vítimas às autoridades seculares para que fossem presas, espancadas, mutiladas ou queimadas. Eles mantinham as mãos limpas. Poucos eram inocentados.Até mesmo quem era libertado era forçado a usar uma cruz amarela na roupa,a marca dos hereges.

Alice teve uma lembrança fugidia. De correr pela floresta para escapar dos caçadores. De cair. De um pedaço de tecido, da cor de uma folha de outono, flutuando para longe no ar.

Será que eu sonhei isso?

Alice olhou para o rosto de Audric e viu tanta tristeza impressa ali que seu coração se contraiu.

— Em maio de 1234, os inquisidores chegaram à cidade de Limoux. Por má sorte, Alaïs tinha viajado até lá com Rixende. Na confusão, talvez tenham sido confundidas com parfaites, já que eram duas mulheres viajando juntas,mas o fato é que elas também foram presas e levadas para Tolosa.

Era disso que eu tinha medo.

— Elas não deram seus nomes verdadeiros, de modo que Sajhë só descobriu o que havia acontecido vários dias depois. Ele logo foi atrás delas, sem ligar para a própria segurança. Mais uma vez, a sorte não esteve ao seu lado. A maioria das audiências inquisitoriais acontecia na catedral de Sant-Cernin,então ele foi procurá-las lá. Mas Alaïs e Rixende haviam sido levadas para os claustros de Sant-Etienne.

Alice soltou um arquejo, lembrando-se da mulher fantasma sendo arrastada pelos monges de túnicas pretas.

— Eu estive lá — ela conseguiu dizer.

— As condições lá eram terríveis. Sujas, brutais, humilhantes. Os prisioneiros eram mantidos no escuro, no frio, só com os gritos dos outros prisioneiros para conseguir ajudá-los a distinguir a noite do dia. Muitos morreram ali, esperando julgamento.

Alice tentou falar, mas sua boca estava seca demais.

— Ela... — Deteve-se, incapaz de continuar.

— O espírito humano pode suportar muitas coisas, mas uma vez quebrado, ele se desfaz como pó. Era isso que os inquisidores faziam. Eles quebravam nosso espírito, do mesmo jeito que os torturadores quebram pele e osso,até não sabermos mais quem éramos.

— Conte-me o que aconteceu — pediu ela com urgência.

— Sajhë chegou tarde demais — disse ele com a voz firme. — Mas Guilhem não.

Ele ouviu dizer que uma curandeira, uma mulher das montanhas, havia sido trazida para ser interrogada, e de alguma forma adivinhou que era Alaïs, mesmo que seu nome não aparecesse no registro. Ele subornou os guardas para que o deixassem entrar; subornou ou ameaçou, não sei. Encontrou Alaïs. Ela e Rixende estavam sendo mantidas separadas de todos os outros, o que deu a ele a oportunidade que precisava para tirá-las de Sant-Etiennee de Tolosa antes que os inquisidores percebessem que elas haviam sumido.

— Mas...

— Alaïs sempre pensou que fora Oriane quem havia mandado prendê-la. Ela sequer chegou a ser interrogada.

Alice sentiu os olhos marejados de lágrimas.

— Guilhem a levou de volta para o vilarejo? — perguntou depressa,enxugando o rosto com as costas da mão. — Ela voltou para casa?

Baillard assentiu.

— Depois de algum tempo. Ela voltou em agost, pouco antes do dia da festa da Assunção, acompanhada de Rixende. — As palavras saíam apressadas.

— Guilhem não foi com elas?

— Não — respondeu ele. — Eles não se encontraram de novo até... —Ele fez uma pausa. Alice pressentiu, mais do que ouviu, quando ele tomou fôlego para tornar a falar.

— A filha de Alaïs nasceu seis meses depois. A mãe a batizou de Bertrande, em homenagem ao próprio pai, Bertrand Pelletier.

As palavras de Audric pareceram ficar pairando entre os dois. Mais uma peça do quebra-cabeça.

— Guilhem e Alaïs — murmurou Alice para si mesma. No fundo de sua mente, podia ver a árvore genealógica estendida no chão do quarto de dormir de Grace em Sallèles d'Aude. O nome ALAÏS PELLETIER- du MAS (1193-) destacado em tinta vermelha. Quando a vira pela primeira vez, não fora capaz de ler o nome ao lado do de Alaïs, apenas o nome de Sajhë, escrito em tinta verde na linha logo abaixo e mais para o lado.

— Alaïs e Guilhem — repetiu.

Uma linha de descendência direta que vem deles até mim.

Alice estava desesperada para saber o que havia acontecido naqueles três meses que Guilhem e Alaïs haviam passado juntos. Por que haviam tornado a se separar? Queria saber por que o símbolo do labirinto aparecia ao lado do nome de Alaïs e do de Sajhë.

E do meu.

Ergueu os olhos, com a ansiedade a queimá-la por dentro. Estava prestes a despejar uma fileira de perguntas quando a expressão no rosto de Audric a deteve. Por instinto, entendeu que já haviam falado o bastante sobre Guilhem.

— O que aconteceu depois disso? — perguntou ela baixinho. — Alaïs e a filha

ficaram em Los Seres com Sajhë e Harif?

Pelo sorriso fugidio que surgiu por um breve instante no rosto de Audric, Alice entendeu que ele estava grato por ela ter mudado de assunto.

— Ela era uma menina linda — disse ele. — Dócil, bonita, sempre rindo, cantando. Todos a adoravam, principalmente Harif. Bertrande passava horas sentada com ele escutando suas histórias sobre a Terra Santa e sobre o avô, Bertrand Pelletier.

Conforme foi ficando mais velha, passou a fazer pequenos serviços para ele. Quando a menina tinha seis anos, ele começou até a lhe ensinar a jogar xadrez.

Audric parou de falar. Seu rosto tornou a se obscurecer.

— Mas a mão negra da Inquisição não parava de se estender cada vez mais.

Depois de terem derrotado as planícies, os cruzados finalmente voltaram sua atenção para as fortalezas dos Pireneus e dos Sabarthès que ainda não haviam sido conquistadas.

O filho de Trencavel, Raymond, voltou do exílio em 1240 com um contingente de chevaliers, e a maior parte da nobreza de Corbières reuniu-se a ele. Não foi difícil reconquistar a maioria das cidades entre Limoux e a Montagne Noire. O país inteiro se mobilizou: Saissac, Azille,Laure, os châteaux de Quéribus, Peyrepertuse, Aguilar. Mesmo assim, depois de quase um mês de combate, ele não conseguiu retomar Carcassona.

Em outubro, recolheu-se para Montreal. Ninguém se apresentou para ajudar. Por fim, ele 311

foi forçado a se retirar para Aragão. Audric fez uma pausa.

— O terror começou imediatamente. Montreal foi dizimada, Montonlieu também.

Limoux e Alet se renderam. Estava claro para Alaïs, para todos nós,que o povo pagaria o preço pelo fracasso da rebelião.

Baillard de repente se calou e olhou para cima.

— Você já foi a Montségur, madomaisèla Alice? — Ela negou com a cabeça. — Ê

um lugar incrível. Um lugar sagrado, talvez. Ainda hoje, espíritos moram lá. A cidadela é

escavada em três lados da montanha. É o templo de Deus no céu.

— A montanha segura — disse ela sem pensar, depois corou ao perceber que estava citando para Baillard as próprias palavras dele.

— Muitos anos antes, antes da cruzada começar, os líderes da igreja cátara tinham pedido ao seigneur de Montségur, Raymond de Péreille, para reconstruir o castellum em ruínas e reforçar suas fortificações. Em 1243, Pierre-Roger de Mirepoix, na casa de quem Sajhë havia sido treinado, já comandava a guarnição da cidade. Com medo do que aconteceria com Bertrande e Harif,Alaïs sentiu que não podiam mais ficar em Los Seres, então Sajhë ofereceu seus serviços e eles se juntaram ao êxodo para Montségur.

Audric balançou a cabeça.

— Mas, quando começaram a viajar, eles ficaram visíveis. Talvez devessem ter se separado. O nome de Alaïs agora fazia parte de uma lista inquisitorial.

— Alaïs era cátara? — perguntou Alice de repente, percebendo que até aquele momento ainda não tinha certeza.

Ele fez uma pausa.

— Os cátaros acreditavam que o mundo que podemos ver, ouvir, cheirar, provar e tocar foi criado pelo Diabo. Acreditavam que o Diabo havia enganado os espíritos puros, fazendo-os fugir do reino de Deus e ficarem presos aqui na Terra em vestes de carne. Acreditavam que, se levassem uma vida boa o suficiente e "tivessem um bom fim", suas almas seriam libertadas da escravidão e voltariam para Deus na glória do paraíso. Se não, quatro dias depois eles reencarnariam na Terra para recomeçar o ciclo.

Alice se lembrou das palavras na Bíblia de Grace.

"O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito."

Audric aquiesceu.

— O que você precisa entender é que os bons homes eram amados pelas pessoas a quem serviam. Eles não cobravam para celebrar casamentos, batizar crianças ou enterrar os mortos. Não cobravam nenhuma taxa, não pediam nenhum dízimo. Existe uma história sobre um parfait que encontrou um agricultor ajoelhado em um canto de sua lavoura. "O que você está fazendo?", perguntou ao homem. "Estou agradecendo a Deus por ter proporcionado esta boa colheita", respondeu o agricultor. O parfait sorriu e ajudou o homem a se levantar. "Isto não é obra de Deus, mas sua. Pois foi a sua mão que cavou a terra na primavera, que cuidou dela." — Baillard ergueu os olhos para Alice. —

Está entendendo?

— Acho que sim — disse ela, hesitante. — Eles acreditavam que os indivíduos controlavam as próprias vidas.

— Dentro das restrições e dos limites da época e do lugar onde nasciam, sim.

— Mas Alaïs pensava assim também? — insistiu ela.

— Alaïs era igual a eles. Ela ajudava as pessoas, punha as necessidades dos outros acima da sua. Fazia o que pensava ser certo, sem ligar para o que ditava a tradição ou os costumes. — Ele sorriu. — Como eles, ela acreditava que não haveria juízo final, acreditava que o mal que via à sua volta não podia ser criação de Deus. Mas, no fim das 312

contas, não. Ela não era catara. Alaïs era uma mulher que acreditava no mundo que podia tocar e ver.

— E Sajhë?

Audric não respondeu diretamente.

— Apesar do termo cátaro hoje em dia ser de uso corrente, na época de Alaïs os devotos chamavam a si mesmos de bons homes. Os textos inquisitoriais em latim se referem a eles como albigenses ou heretici.

— Então de onde vem o termo cátaro?

— Bom, não podemos deixar os vencedores escreverem a nossa história em nosso lugar — disse ele. — Cátaro é um termo que eu e outros... — Ele parou, como se risse de uma piada que só ele entendia. — Existem muitas explicações diferentes. Talvez a palavra catar em, occitano, cathare em francês,tenha vindo do grego katharos, que significa

"sem mácula". Quem pode saber qual era a intenção do termo?

Alice franziu o cenho, percebendo que estava deixando de entender alguma coisa, mas sem saber o quê.

— Bom, mas e a religião em si? De onde ela veio? Não foi criada na França?

— As origens do catarismo europeu estão no bogomilismo, uma crença dualista que prosperou na Bulgária, na Macedônia e na Dalmácia a partir do século X. Ele estava ligado a outras doutrinas religiosas: o zoroastrismo na Pérsia,por exemplo, ou o maniqueísmo. Os cátaros acreditavam em reencarnação.

Uma idéia começou a tomar forma na mente de Alice. O elo entre tudo que Audric estava dizendo e o que ela já sabia. Espere, e vou encontrar você. Seja paciente.

— No Palais des Arts de Lyon — continuou ele — existe a cópia manuscrita de um texto cátaro do Evangelho de São João, um dos raros documentos que não foram destruídos pela Inquisição. Ele está escrito em langue dÓc, e falar essa língua na época era considerado um ato herege, passível de punição. Dentre todos os textos sagrados para os bons homes, o Evangelho de João era o mais importante. E o texto que dá mais ênfase ao esclarecimento pessoal e individual por meio do conhecimento, a gnose. Os bons homes se recusavam a venerar ídolos, cruzes ou altares, esculpidos com as pedras e árvores da criação desprezível do Diabo, e valorizavam acima de tudo a palavra de Deus.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

— Reencarnação — disse ela devagar, pensando em voz alta. — Como seria possível conciliar isso com a teologia cristã ortodoxa?

— Um dos preceitos centrais da doutrina cristã é a dádiva da vida eterna para aqueles que acreditarem em Cristo e forem redimidos por seu sacrifício na cruz. A reencarnação também é uma forma de vida eterna.

O labirinto. Caminho para a vida eterna.

Audric se levantou e andou até a janela aberta. Enquanto olhava fixamente para as costas magras e eretas de Baillard, Alice pôde sentir nele uma determinação que não estivera ali antes.

— Diga-me, madomaisèla Tanner — disse ele, virando-se de frente para ela. — Você

acredita em destino? Ou é o caminho que escolhemos que nos torna quem somos?

— Eu... — começou ela, depois parou. Não tinha mais certeza do que pensava.

Ali, nas montanhas eternas, bem no alto das nuvens, o mundo e os valores cotidianos não pareciam ter importância. — Eu acredito nos meus sonhos — disse ela por fim.

— Você acredita que pode mudar o seu destino? — perguntou ele, procurando uma resposta.

Alice se viu concordando com a cabeça.

— Senão, de que adianta? Se só estamos percorrendo um caminho pré-estabelecido, então todas as experiências que fazem de nós quem somos... amor,dor, alegria, aprender, dividir... de nada valeriam.

— E você não impediria outra pessoa de tomar as próprias decisões?

— Isso iria depender das circunstâncias — disse ela devagar, agora nervosa. — Por quê?

— Vou pedir a você para se lembrar disso - falou ele baixinho. — Só

isso. Quando chegar a hora, peço que se lembre disso. Si es atal es atal.

As palavras dele despertaram alguma coisa dentro dela. Alice tinha certeza de tê-las ouvido antes. Sacudiu a cabeça, mas a lembrança se recusava a vir.

— O que será, será — disse ele baixinho.

CAPÍTULO 70

— Monsieur Baillard, eu... Audric ergueu a mão.

— Benlèu — disse, andando de volta até a mesa e recuperando o fio da história como se não tivesse havido nenhuma interrupção. — Vou contar a você tudo que precisa saber, posso dar minha palavra quanto a isso.

Ela abriu a boca, depois tornou a fechá-la.

— A cidadela estava abarrotada de gente — disse ele —, mas mesmo assim aquele foi um período feliz. Pela primeira vez em muitos anos, Alaïs se sentia segura. Bertrande, a essa altura com quase dez anos, fazia sucesso com as muitas crianças que moravam dentro e ao redor da fortaleza. Harif, embora velho e frágil, também estava satisfeito.

Tinha companhia de sobra: Bertrande para deixá-lo encantado, parfaits com quem discutir sobre a natureza de Deus e do mundo. Sajhë estava ao seu lado durante a maior parte do tempo. Alaïs era feliz.

Alice fechou os olhos e deixou o passado tomar vida em sua mente.

— Era uma vida boa, e poderia ter continuado não fosse um ato temerário de vingança. No dia 28 de maio de 1242, Pierre-Roger de Mirepoix recebeu a notícia de que quatro inquisidores haviam chegado à cidade de Avignonet.O resultado seria mais parfaits e credentes presos ou queimados na fogueira.Ele decidiu agir. Indo contra a opinião de seus sargentos, inclusive a de Sajhë,reuniu uma tropa de 85 cavaleiros da guarnição de Montségur, grupo ao qual se juntaram outros soldados en route.

"Andaram 50 quilômetros até Avignonet, e chegaram no dia seguinte. Pouco depois de o inquisidor Guillaume Arnaud e seus três colegas terem se recolhido para a noite, alguém dentro da casa abriu a porta que estava trancada e deixou os soldados entrarem.

As portas dos quartos onde os inquisidores estavam dormindo foram arrebentadas, e os quatro e seus acompanhantes foram feitos em pedaços. Sete chevaliers diferentes reivindicaram a honra de ter desferido os primeiros golpes.

Dizem que Guillaume Arnaud morreu entoando o Te Deum. O que é certo é que os registros inquisitoriais foram levados embora dali e destruídos."

— Sem dúvida, isso foi uma boa coisa.

— Foi o derradeiro ato de provocação. O massacre provocou uma resposta imediata. O rei decretou que Montségur deveria ser destruída de uma vez por todas. Um exército formado por barões do norte, inquisidores católicos,mercenários e colaboradores montou acampamento no sopé da montanha. O cerco começou, mas mesmo assim os homens e mulheres da cidadela ainda entravam e saíam livremente. Depois de cinco 314

meses, a guarnição só havia perdido três homens e parecia que o cerco não iria dar em nada.

“Os cruzados contrataram um pelotão de mercenários bascos, que escalaram a montanha e acamparam a pouca distância das muralhas do castelo, exatamente quando começava o rigoroso inverno da região”. Não havia perigo iminente, mas Pierre-Roger decidiu retirar seus homens dos parapeitos no vulnerável lado oriental. O erro custou caro. Armados com informações de colaboradores locais, os mercenários conseguiram escalar a vertiginosa encosta no lado sudeste da montanha. Depois de esfaquear os sentinelas, eles se apoderaram de Roc de la Tour, um promontório de pedra que se erguia no ponto mais a leste do cume de Montségur. Nada restou aos habitantes senão ficar olhando, impotentes, enquanto as catapultas e manganelas eram içadas até o Roc.

Enquanto isso, no lado leste da montanha, um potente trébuchet começava a danificar o barbacã oriental.

"No Natal de 1243, os franceses tomaram o barbacã. Agora estavam apenas a algumas dúzias de metros da fortaleza. Instalaram uma nova máquina de cerco. Os muros sul e leste da cidadela estavam ambos ao alcance das armas."

Enquanto falava, ele não parava de girar o anel no polegar.

Alice ficou olhando para ele e, enquanto olhava, a lembrança de outro homem, girando um anel igual àquele enquanto lhe contava histórias, surgiu em sua mente.

— Pela primeira vez — continuou Audric —, eles precisaram enfrentara

possibilidade de que Montségur talvez fosse cair.

“Lá embaixo, no vale, os estandartes e flâmulas da Igreja católica e a fleur-de-lys do rei francês ainda tremulavam, embora puídos e desbotados depois de dez meses de calor, seguido de chuva e depois de neve”. O exército dos cruzados, chefiado pelo senescal de Carcassona, Hugues des Arcis, tinha entre seis e 10 mil homens. Dentro da fortaleza não havia mais de cem homens em condição de lutar.

"Alaïs queria... — Ele parou. — Houve uma reunião entre os líderes da igreja cátara, o bispo Bertrand Marty e Raymond Aiguilhèr."

— O tesouro cátaro. É verdade, então? Ele existia?Baillard fez que sim com a cabeça.

— Dois credentes, Matheus e Peter Bonnet, foram escolhidos para a tarefa.

Agasalhados contra o frio intenso do novo ano, prenderam o tesouro nas costas e saíram do castelo sob o abrigo da noite. Evitaram os sentinelas de guarda nas estradas praticáveis que conduziam da montanha até o vilarejo e rumaram para o sul, para os Montes Sabarthès.

Os olhos de Alice se arregalaram.

— Para o Pic de Soularac.Ele tornou a assentir.

— Lá, o tesouro passou para a mão de outros. Os passos de Aragão e Navarra estavam interditados pela neve. Em vez disso, eles tomaram o rumo dos portos e foram de navio até a Lombardia, no norte da Itália, onde existia uma comunidade de bons homes próspera e menos perseguida.

— E o que aconteceu com os irmãos Bonnet?

— Matheus voltou para casa no final de janvièr. A essa altura, os sentinelas postados nas estradas já eram homens da região, de Camon sur l´Hers,perto de Mirepoix, e o deixaram passar. Matheus falou em reforços. Contou que haviam boatos de que o rei de Aragão chegaria na primavera. Mas eram apenas palavras corajosas. Àquela altura, o cerco estava fechado demais para algum reforço conseguir passar.

Baillard ergueu os olhos cor de âmbar e olhou para Alice.

— Também ouvimos boatos de que Oriane estava viajando para o sul,acompanhada do filho e do marido, para reforçar o cerco. Isso só podia significar uma coisa. Que, depois 315

de todos aqueles anos fugindo e se escondendo, ela finalmente havia descoberto que Alaïs estava viva. Ela queria o Livro das Palavras.

— Mas com certeza Alaïs não estava com o livro?Audric não respondeu.

— Em meados de fevereiro, os atacantes avançaram outra vez. No dia 1ºde março de 1244, depois de uma derradeira tentativa de tirar os bascos do Roc de la Tour, uma única corneta ecoou nas ameias da fortaleza em ruínas.— Ele engoliu em seco. —

Raymond de Péreille, seigneur de Montségur, e Pierre-Roger de Mirepoix, comandante da guarnição, saíram pelo portão e se renderam para Hugues des Arcis. Era o fim da batalha. Montségur, o último bastão, havia caído.

Alice tornou a se recostar na cadeira, desejando que o fim tivesse sido outro.

— O inverno nas montanhas rochosas e no vale mais abaixo havia sido rigoroso e gelado. Os dois lados estavam exauridos. As negociações foram breves. O Ato de Capitulação foi assinado no dia seguinte por Peter Amiel, arcebispo de Narbonne.

"Seus termos eram generosos. Sem precedentes, diriam alguns. A fortaleza se tornaria propriedade da Igreja católica e da coroa francesa, mas todos os seus habitantes seriam perdoados por crimes do passado. Até mesmo os assassinos dos inquisidores de Avignonet receberiam indulto. Os soldados seriam libertados apenas com penas leves, uma vez seus crimes confessados aos registros inquisitoriais. Quem abjurasse suas crenças heréticas teria permissão para sair livre, punido somente pela obrigação de usar uma cruz costurada nas roupas."

— E quem não abjurasse? — perguntou Alice.

— Os que não renunciassem seriam queimados na fogueira como hereges.Baillard tomou mais um gole de vinho.

— Quando terminava um cerco, era costume selar o acordo entregando os reféns.

Estes incluíam o irmão do bispo Bertrand, Raymond, o velho chevalier Arnald-Roger de Mirepoix e o filho pequeno de Raymond de Péreille. —Baillard fez uma pausa. — O que não era usual — disse, cauteloso — era a concessão de um período de duas semanas de graça. A liderança cátara pediu permissão para ficar em Montségur por duas semanas antes de descer da montanha. O pedido foi aceito.

O coração de Alice começou a bater mais depressa.

— Por quê?Audric sorriu.

— Historiadores e teólogos vêm discutindo há milhares de anos a razão pela qual os cátaros pediram esse adiamento da execução. O que precisava ser feito que já não tivesse sido feito antes? O tesouro estava em segurança. O que seria tão importante para fazer os cátaros ficarem por mais tempo naquela fortaleza de montanha, danificada e fria, depois de tudo que já tinham sofrido?

— E por que eles ficaram?

— Porque Alaïs estava com eles — respondeu Baillard. — Ela precisava de tempo.

Oriane e seus homens estavam esperando por ela no sopé da montanha. Harif estava dentro da cidadela, Sajhë também, sua filha também. Era arriscado demais. Se eles fossem capturados, os sacrifícios feitos por Simeon,por seu pai e por Esclarmonde para proteger o segredo teriam sido em vão.

Por fim, todas as peças do quebra-cabeça estavam no lugar, e Alice podia ver a imagem completa, clara, vivida e brilhante, embora mal pudesse acreditar que fosse verdade.

Alice olhou pela janela para a paisagem imutável, resistente. Era praticamente a mesma dos dias em que Alaïs vivera ali. O mesmo sol, a mesma chuva, o mesmo céu.

— Conte-me a verdade do Graal — pediu ela em voz baixa.



CAPITULO 71

Montségur

Març 1244

Alaïs estava em pé sobre as muralhas da cidadela de Montségur, uma figura frágil e solitária com sua grossa capa de inverno. Sua beleza havia chegado com o passar dos anos.

Ela era miúda, mas havia graça em seu rosto, em seu pescoço, no porte de seu corpo. Ela baixou os olhos para as próprias mãos. À luz da manhã que surgia, pareciam azuis, quase transparentes.

As mãos de uma velha.

Alaïs sorriu. Velha, não. Ainda era mais nova do que o pai ao morrer.

A luz era suave à medida que o sol nascente lutava para devolver ao mundo suas formas e apagar as silhuetas da noite. Alaïs fitou os picos abruptos e cobertos de neve dos Pireneus, que subiam e desciam no horizonte pálido, e as florestas de pinheiros cor de púrpura no flanco leste da montanha. Nuvens de aurora corriam acima das encostas irregulares do Pic de Sant-Bartélémy. Mais além, ela quase podia ver o Pic de Soularac.

Imaginou sua casa, simples e acolhedora, escondida nas fendas das colinas.

Lembrou-se da fumaça saindo da chaminé em manhãs frias como aquela. Nas montanhas, a primavera demorava a chegar, e aquele inverno havia sido difícil, mas agora não faltava muito. Ela podia ver a promessa da primavera no tom rosado do céu do crepúsculo. Em Los Seres, às árvores logo começariam a florescer. Quando viesse abril, os pastos das montanhas estariam mais uma vez cobertos de delicadas flores azuis, brancas e amarelas.

Lá embaixo, Alaïs podia distinguir as construções ainda de pé que formavam o vilarejo de Montségur, as poucas cabanas e habitações que restavam depois de dez meses de cerco. O precário aglomerado de casas estava cercado pelos estandartes e barracas do exército francês, pontinhos de cor gastos e flâmulas ao vento, puídas nas beiradas. Eles haviam suportado o mesmo inverno rigoroso dos moradores da cidadela.

Nas encostas ocidentais, no sopé da montanha, via-se uma paliçada de madeira. Os sitiantes a estavam erguendo havia vários dias. Na véspera, haviam cravado uma fileira de estacas pelo meio, uma espinha de madeira torta, cada pau sustentado por um montinho de aparas de madeira e palha. Ao entardecer, ela os vira instalar escadas nas extremidades.

Uma pira para queimar os hereges.

Alaïs estremeceu. Dali a algumas horas estaria tudo acabado. Não tinha medo de morrer quando chegasse sua hora, mas vira gente demais ser queimada para ter qualquer ilusão de que a fé os pouparia da dor. Para aqueles que assim o desejavam, Alaïs havia fornecido remédios para anestesiar o sofrimento. A maioria escolhera partir sem ajuda deste mundo para o próximo.

As pedras arroxeadas sob seus pés estavam escorregadias por causa da neve. Alaïs traçou o desenho do labirinto com a ponta da bota no chão branco imaculado. Estava nervosa. Se o seu subterfúgio funcionasse, a busca pelo Livro das Palavras terminaria. Se falhasse, o preço seria a vida das pessoas que lhe haviam fornecido abrigo durante todos aqueles anos em nome do Graal — a gente de Esclarmonde, a gente de seu pai.

As conseqüências eram terríveis demais para serem concebidas.

317

Alaïs fechou os olhos e se deixou levar de volta através dos anos até a caverna do labirinto. Harif, Sajhë, ela própria. Lembrava-se da carícia suave do ar em seus braços nus, do tremeluzir das velas, das lindas vozes subindo em espiral pelo escuro. Lembrava-se de recordar as palavras à medida que as ia pronunciando, uma lembrança tão vivida que quase podia sentir seu gosto na língua.

Alaïs estremeceu, pensando no instante em que finalmente havia entendido,

quando o encantamento lhe viera aos lábios como por moto próprio. Aquele único instante de êxtase, de iluminação, como se tudo que houvesse acontecido antes e tudo que ainda estava por acontecer houvesse se juntado de uma forma incomparável na hora em que o Graal se manifestara para ela.

E, por meio de sua voz e de suas mãos, para ele.

Alaïs soltou um arquejo. Ter vivido e tido experiências como aquela.

Um barulho a distraiu. Ela abriu os olhos e deixou o passado se desvanecer. Virou-se para ver Bertrande andando em sua direção pelas ameias estreitas. Alaïs sorriu e ergueu a mão para lhe dar bom-dia.

Por temperamento, sua filha não era tão séria quanto Alaïs havia sido na mesma idade. Na aparência, porém, Betrande era igualzinha à mãe. O mesmo rosto em formato de coração, o mesmo olhar franco e os mesmos longos cabelos castanhos. Não fosse pelos cabelos grisalhos de Alaïs e pelas rugas em volta de seus olhos, as duas poderiam passar por irmãs.

A tensão da espera estava aparente na expressão de Bertrande.

— Sajhë diz que os soldados estão chegando — falou ela com a voz hesitante.

Alaïs fez que não com a cabeça.

— Eles só vêm amanhã — disse ela com firmeza. — E daqui até lá ainda temos muito o que fazer. — Segurou as mãos frias de Bertrande entre as suas.— Estou contando com você para ajudar Sajhë e para cuidar de Rixende.Hoje à noite principalmente. Eles precisam de você.

— Eu não quero perder você, mamà — disse a menina, com os lábiostrêmulos.

— Você não vai me perder — disse Alaïs sorrindo, rezando para que fosse verdade.

— Logo todos nós vamos estar juntos. Você precisa ter paciência. — Bertrande deu um sorriso débil. — Assim é melhor. Agora venha, filha. Vamos descer.

CAPÍTULO 72

Na madrugada da quarta-feira, 16 de março, eles se reuniram junto ao Grande Portão de Montségur.

Das ameias, os membros da guarnição viram os cruzados enviados para prender os bons homes subirem o último trecho do caminho pedregoso, ainda escorregadio de gelo por ser ainda muito cedo de manhã.

Bertrande estava em pé com Sajhë e Rixende na frente do grupo. Estava tudo muito silencioso. Depois de meses de bombardeio incessante, ela ainda não havia se acostumado à ausência de barulho, agora que as manganelas e catapultas haviam se calado.

As duas últimas semanas haviam sido dias de paz. Para muitos, os últimos. A Páscoa fora celebrada. Os parfaits e algumas parfaites haviam jejuado. Apesar da promessa de perdão para quem abjurasse sua fé, quase metade da população da cidadela, incluindo Rixende, escolhera receber o consolament. Preferiam morrer como bons chrétiens do que 318

viver derrotados sob a coroa francesa. As pessoas condenadas a morrer por sua fé haviam doado suas posses àquelas condenadas a viver sem quem amavam. Bertrande ajudara a distribuir presentes: cera, pimenta, sal, tecidos, sapatos, uma bolsa, calças, até mesmo um chapéu de feltro.

Pierre-Roger de Mirepoix havia recebido de presente uma coberta recheada de moedas. Outros lhe ofereceram milho e jaquetas para ele distribuir entre seus homens.

Marquesia de Lanatar dera todos os seus pertences à neta Philippa, mulher de Pierre-Roger.

Bertrande olhou em volta para os rostos silenciosos e rezou uma prece muda por sua mãe. Alais havia escolhido com cuidado as roupas de Rixende. O vestido era verde-escuro e a capa, vermelha, com as bordas e a bainha bordadas com um desenho complicado de quadrados e diamantes azuis e verdes, e flores amarelas. Sua mãe lhe explicara que era uma capa igual à que ela havia usado no dia de seu casamento na capèla Santa-Maria do Château Comtal. Alais tinha certeza de que sua irmã Oriane se lembraria, apesar de fazer tanto tempo.

Como precaução, Alais também havia fabricado uma pequena bolsa de pele de carneiro para ser carregada junto à capa vermelha, uma cópia da chemise dentro

na qual cada um dos livros da Trilogia do Labirinto ficavam guardados. Betrande a havia ajudado a recheá-la de tecido e folhas de pergaminho para que, pelo menos de longe, pudesse enganar. A menina não entendia de todo para que serviam todos aqueles preparativos, sabia apenas que eram importantes. Ficara encantada quando a haviam deixado ajudar.

Bertrande estendeu a mão e segurou a de Sajhë.

Os líderes da igreja cátara, bispo Bertrand Marty e Raymond Aguilher, ambos já

velhos, estavam de pé em silêncio, vestidos com suas túnicas azuis-escuras. Durante anos, haviam ministrado seu culto de Montségur, viajando a partir da cidadela, pregando a palavra e levando conforto aos credentes dos lugarejos isolados das montanhas e planícies. Agora, estavam prontos para conduzir seu povo à fogueira.

— Mamà vai ficar bem — sussurrou Bertrande, tentando reconfortar a si mesma tanto quanto Sajhë. Sentiu a mão de Rixende sobre seu ombro.

— Eu queria que você não...

— Eu fiz a minha escolha — disse Rixende depressa. — Escolho morrer com a minha fé.

— E se levarem mamà? — sussurrou Bertrande. Rixende afagou seus cabelos.

— Não podemos fazer nada a não ser rezar.

Quando os soldados chegaram onde eles estavam, Bertrande sentiu lágrimas inundarem seus olhos. Rixende estendeu os pulsos para ser acorrentada. O rapaz sacudiu a cabeça. Não esperava que tantos fossem escolher a morte, então não trouxera correntes suficientes para prender todos eles.

Bertrande e Sajhë ficaram olhando calados enquanto Rixende e os outros passavam pelo Grande Portão e iniciavam sua última descida pelo caminho íngreme e sinuoso da montanha. O vermelho da capa de Alais se destacava entre os discretos marrons e verdes, brilhante contra o céu cinzento.

Conduzidos pelo bispo Marty, os prisioneiros começaram a cantar. Montségur havia caído, mas eles não estavam derrotados. Betrande secou as lágrimas dos

olhos com as costas da mão. Havia prometido à mãe que seria forte. Faria o possível para cumprir a promessa.

Lá embaixo, nas campinas da parte mais plana das encostas, arquibancadas haviam sido erguidas para os espectadores. Estavam lotadas. A nova aristocracia do Midi, barões franceses, colaboradores, legados católicos e inquisidores, convidados por Hugues des Arcis, senescal de Carcassona. Todos tinham vindo ver a "justiça" ser feita depois de mais 319

de trinta anos de guerra civil.

Guilhem apertou um pouco mais a capa em volta do corpo, tomando cuidado para não ser reconhecido. Depois de toda uma vida combatendo os franceses, seu rosto era bem familiar. Ele não podia se dar ao luxo de ser capturado. Olhou em volta.

Se as informações que havia recebido estivessem corretas, em algum lugar daquela multidão estava Oriane. Ele estava determinado a mantê-la longe de Alais. Mesmo depois de todo aquele tempo, o simples fato de pensar em Oriane lhe dava raiva. Ele cerrou os punhos, desejando poder agir naquele mesmo instante. Desejou não precisar se disfarçar e esperar, e simplesmente enfiar uma faca no peito dela como deveria ter feito trinta anos antes. Guilhem sabia que precisava ser paciente. Se tentasse alguma coisa agora, seria abatido antes mesmo de conseguir sacar a espada.

Correu os olhos pelas fileiras de espectadores até ver o rosto que estava procurando.

Oriane estava sentada no meio da primeira fila. Não restava mais nada da dama do sul que ela havia sido um dia. Suas roupas eram caras e seguiam o estilo mais formal e elaborado do norte. Sua capa de veludo azul era debruada de ouro e tinha uma grossa gola de arminho em volta do pescoço e do capuz, combinando com suas luvas de inverno. Embora seu rosto ainda fosse atraente e bonito, havia emagrecido e era estragado pela expressão dura e amarga.

Junto com ela havia um rapaz. A semelhança era forte o suficiente para Guilhem adivinhar que aquele devia ser um de seus filhos. Louis, o mais velho, que segundo ele ouvira dizer havia se unido à cruzada. O rapaz tinha a compleição e os cachos pretos de Oriane, e o perfil aquilino do pai.

Ouviu-se um grito. Guilhem virou-se para ver que a fila de prisioneiros havia chegado ao sopé da montanha e estava agora sendo conduzida em direção à pira.

Caminhavam depressa e com dignidade. Estavam cantando. Como um coro de anjos, pensou Guilhem ao ver a expressão de desconforto que a limpidez daquele canto provocava nos rostos dos espectadores.

O senescal de Carcassonne os esperava ao lado do arcebispo de Narbonne. A um sinal seu, uma cruz dourada foi erguida bem alto no ar e os frades negros e o clero deram um passo à frente para ocupar sua posição diante da paliçada.

Atrás deles, Guilhem podia ver uma fileira de soldados segurando tochas acesas. Eles se esforçavam para impedir que a fumaça fosse soprada na direção das arquibancadas enquanto as chamas batiam e estalavam ao vento frio e violento do norte.

Um a um, os nomes dos hereges foram anunciados. Eles se adiantavam e subiam as escadas para cima da pira. Guilhem sentiu-se anestesiado pelo horror daquela cena.

Detestava o fato de nada poder fazer para impedir as execuções. Mesmo que estivesse acompanhado por homens suficientes, sabia que os próprios condenados não desejariam ser salvos. Pela força das circunstâncias, mais do que por crença, Guilhem havia passado muito tempo na companhia dos bons homes. Admirava-os e respeitava-os, embora não pudesse dizer que os compreendia.

Os montes de aparas de madeira e palha haviam sido embebidos em piche. Alguns soldados haviam subido para dentro da fogueira e acorrentavam os parfaits e parfaites às estacas centrais.

O bispo Marty começou a rezar.

— Payre Sant, Dieu dreiturier dels bons esperits.

Aos poucos, outras vozes se juntaram à dele. O murmúrio foi ficando cada vez mais alto, até tornar-se um rugido. Nas arquibancadas, os espectadores trocavam olhares envergonhados uns com os outros e começavam a ficar indóceis. Não fora àquilo que tinham vindo assistir.

O arcebispo fez um sinal apressado e o clero começou a cantar o salmo que havia se tornado o hino da cruzada, com suas túnicas pretas estalando ao vento. Veni Spirite 320

Sancti, as palavras gritadas para abafar as preces cátaras.

O bispo deu um passo à frente e jogou a primeira tocha na pira. Os soldados seguiram seu exemplo. Um a um, os fachos foram atirados na fogueira. O fogo demorou a pegar, mas logo as faíscas e estalos se transformaram em um clamor. As chamas começaram a serpentear pela palha como cobras, correndo para lá e para cá, subindo e inchando, rodopiando como as plantas aquáticas do rio.

Através da fumaça, Guilhem viu algo que fez seu sangue gelar. Uma capa vermelha, bordada de flores, e um vestido verde escuro cor de musgo. Aos empurrões, avançou até

a frente da multidão.

Não conseguia — não queria — acreditar nos próprios olhos.

As lágrimas começaram a correr e ele viu a si mesmo, o homem que um dia havia sido, um jovem chevalier, arrogante, orgulhoso, confiante, ajoelhado na capèla Santa-Maria. Alais estava ao seu lado. Um casamento na época do Natal dava sorte, diziam alguns. Viu a azarola florida no altar e as velas vermelhas tremeluzindo enquanto os dois trocavam seus votos.

Guilhem correu pelos fundos das arquibancadas, desesperado para chegar mais perto, desesperado para provar a si mesmo que aquela não era ela. O fogo ardia com fúria. O cheiro enjoativo de carne humana queimada, surpreendentemente doce, pairava acima dos espectadores. Os soldados recuaram. Até mesmo o clero foi obrigado a se afastar da fornalha.

O sangue chiava à medida que as solas dos pés dos condenados se partiam e os ossos escorregavam para dentro do fogo, como animais sendo assados em um espeto. As preces se tranformaram em gritos.

Guilhem estava sufocando, mas não parou. Segurando a capa por cima da boca e do nariz para se proteger da fumaça imunda, pungente, tentou chegar perto dos muros da paliçada, mas a espiral de fumaça tampava tudo.

De repente, uma voz ecoou, límpida e precisa, de dentro da fogueira.

— Oriane!

Seria a voz de Alais? Guilhem não teve certeza. Protegendo o rosto com as mãos, cambaleou em direção ao som.

— Oriane!

Dessa vez houve um grito vindo das arquibancadas. Guilhem se virou e, através de uma fresta na fumaça, viu o rosto de Oriane contorcido de raiva. Ela estava em pé e fazia gestos frenéticos para os guardas.

Guilhem se imaginou gritando também o nome de Alais, mas não podia correr o risco de atrair atenção para si. Ele viera salvá-la. Viera ajudá-la a escapar de Oriane, como já a havia ajudado antes.

Aqueles três meses passados com Alais depois de fugir dos inquisidores em Toulouse haviam sido simplesmente a época mais feliz de sua vida. Alais não quis ficar mais tempo, e ele não conseguiu convencê-la a mudar de idéia, nem sequer a lhe dizer por que precisava ir embora. Mas ela dissera — e Guilhem acreditara nela — que um dia, quando o horror houvesse terminado, eles ficariam juntos outra vez.

— Mon còr— sussurrou ele, quase um soluço.

Aquela promessa e a lembrança de seus dias juntos eram o que o havia sustentado durante aqueles anos longos e vazios. Como uma luz na escuridão. Guilhem sentiu o coração se partir.

-

Alaïs!

Na frente da capa vermelha, o pequeno embrulho branco de pele de carneiro, do 321

tamanho de um livro, estava queimando. As mãos que o seguravam não existiam mais.

Haviam sido reduzidas a ossos, gordura que espirrava e carne carbonizada.

Ele sabia que não sobrava mais nada.

Para Guilhem, tudo virou silêncio. Não havia mais barulho, não havia mais dor, não havia mais nada a não ser um imenso espaço vazio. A montanha desapareceu, o céu, a fumaça e os gritos desapareceram. A esperança desapareceu.

Então, suas pernas não conseguiram mais sustentá-lo. Guilhem caiu de joelhos enquanto era tomado pelo desespero.

CAPÍTULO 73

Montes Sabarthès

Sexta-feira, 8 de julho de 2005

O mau cheiro o fez acordar. Uma mistura de amoníaco, estrume de cabra, cobertas sujas e carne cozida fria. O fedor colava em sua garganta e fazia arder a parte interna de seu nariz, como sais de cheiro próximos demais.

Will estava deitado sobre um catre duro, não mais do que um banco, preso à

parede da cabana. Conseguiu se erguer até uma posição sentada e recostou-se na parede de pedra. As arestas pontiagudas espetaram seus braços, ainda amarrados nas costas.

Ele tinha a sensação de ter lutado quatro rounds em um ringue de boxe. Seu corpo doía da cabeça aos pés nos pontos onde batera na lateral do porta-malas durante a viagem. Sua têmpora latejava no lugar onde François-Baptiste o havia golpeado com a arma. Ele podia sentir o hematoma debaixo da pele, rígido e inflamado, e o sangue em volta do ferimento.

Ele não sabia que horas eram nem em que dia estavam. Seria sexta-feira, ainda?

O dia estava amanhecendo quando saíram de Chartres; eram talvez cinco da manhã. Quando o haviam tirado do carro, já passava do meio-dia, fazia calor e o sol ainda estava forte. Ele torceu o pescoço para tentar olhar o relógio de pulso, mas o movimento lhe provocou náusea.

Will esperou o enjôo passar. Então abriu os olhos e tentou se localizar. Parecia estar em algum tipo de cabana de pastor. Havia grades na pequena janela, que não era maior do que o tamanho de um livro. No canto mais afastado de onde ele estava havia uma estante embutida, como uma espécie de mesa, e um banquinho. Sobre a grelha ao lado havia os vestígios de um fogo apagado muito tempo antes, cinzas e aparas pretas de madeira ou papel. Uma pesada panela de metal estava pendurada em uma vara acima da grelha. Ele pôde ver gordura coagulada ao redor da borda.

Will deixou-se cair novamente sobre o colchão duro, sentindo o contato do cobertor áspero na pele machucada, e perguntou-se onde estaria Alice naquele momento.

Do lado de fora veio um ruído de passos, depois de uma chave sendo inserida em um cadeado. Will ouviu o arrastar metálico de uma corrente caindo no chão, depois o rangido artrítico da porta sendo aberta e uma voz que ele reconheceu pela metade.

— Cést l´heure. — Está na hora.

Shelagh teve consciência do ar em seus braços e pernas descobertos e da sensação de ser movida de um lugar para o outro.

Identificou a voz de Paul Authié em algum lugar em meio aos sons indistintos

enquanto era transportada para fora da casa da fazenda. Então sentiu na pele o contato peculiar do ar subterrâneo, gelado e ligeiramente úmido, e sentiu o chão descendo.

Ambos os homens que a haviam mantido presa estavam ali. Ela havia se acostumado com seu cheiro. Loção pós-barba, cigarros baratos, uma masculinidade ameaçadora que fazia seus músculos se contraírem.

Eles haviam amarrado de novo suas pernas e seus braços atrás das costas, forçando as articulações dos ombros. Um de seus olhos estava fechado de tão inchado. A combinação de falta de comida e luz com as drogas que eles lhe davam para mantê-la calada fazia sua cabeça girar, mas ela sabia onde estava.

Authié a havia levado de volta para a caverna. Ela sentiu a mudança na

atmosfera quando eles emergiram do túnel para a câmara, sentiu a tensão nas pernas dele enquanto ele a carregava pelos degraus até a área abaulada mais abaixo, onde ela encontrara Alice inconsciente no chão.

Shelagh registrou o fato de que havia uma luz acesa em algum lugar, talvez no altar. O homem que a carregava parou. Eles haviam avançado até os fundos da câmara, além do ponto onde ela fora antes. Ele a retirou de cima dos ombros, um peso morto, e a largou. Ela pressentiu uma dor na lateral do corpo ao bater no chão, mas não conseguia sentir mais nada.

Não entendia por que eles ainda não a haviam matado.

Ele agora estava com as mãos em suas axilas, e a arrastava pelo chão. Cascalho, pedras, fragmentos de rocha pontiagudos cortavam as solas de seus pés e seus tornozelos expostos. Ela teve consciência da sensação das mãos atadas sendo amarradas a alguma coisa fria e feita de metal, um anel ou argola enterrado no chão.

Supondo que ela ainda estivesse inconsciente, os homens conversavam em voz baixa.

— Quantas bombas você armou?

— Quatro.

— Para explodir a que horas?

— Logo depois das dez. Ele mesmo vai detonar. — Shelagh pôde ouvir o sorriso na voz do homem. — Vai sujar as mãos pela primeira vez. Um aperto no botão e bum! Todo mundo vai sair voando.

— Ainda não entendo por que tivemos de arrastar essa daí até aqui em cima — reclamou o outro. — Era muito mais fácil deixar essa piranha na fazenda.

— Ele não quer que ela seja identificada. Daqui a algumas horas, metade desta montanha vai desmoronar. Ela vai ser enterrada debaixo de meia tonelada de pedra.

Por fim, o medo deu a Shelagh forças para lutar. Ela puxou as cordas que a prendiam e tentou se levantar, mas estava fraca demais e as pernas não a

sustentavam.

Pensou ter ouvido uma risada enquanto caía de novo no chão, mas não pôde ter certeza.

Agora já não tinha certeza do que era real e do que só acontecia dentro de sua cabeça.

— Não é para ficarmos aqui com ela?O outro homem riu.

— O que ela vai fazer? Levantar e sair andando daqui? Meu Deus, olhe para ela!

A luz começou a diminuir.

Shelagh ouviu os passos dos homens ficando cada vez mais distantes, até não restar nada a não ser silêncio e escuridão.

CAPÍTULO 74

— Eu quero saber a verdade — repetiu Alice. — Quero saber como o labirinto e o Graal estão relacionados. Se é que eles estão relacionados.

— A verdade sobre o Graal — disse ele. Fixou os olhos nela. — Diga-me, madomaisèla, o que você sabe sobre o Graal?

— As coisas de sempre, acho — disse ela, supondo que ele não esperasse realmente que ela respondesse a sério.

— Não, de verdade. Estou interessado em saber o que você descobriu.Alice se mexeu na cadeira, pouco à vontade.

— Acho que continuo acreditando na idéia habitual de que era um cálice contendo um elixir que concedia a dádiva da vida eterna.

Alice calou-se e olhou para Baillard, encabulada.

— Uma dádiva? — perguntou ele, sacudindo a cabeça. — Não, uma dádiva não. —

Ele suspirou. — E de onde você acha que vêm essas histórias?

— Da Bíblia, imagino eu. Ou talvez dos pergaminhos do Mar Morto.Talvez de algum outro escrito cristão primitivo, não tenho certeza. Na verdade nunca pensei no assunto deste jeito antes.

Audric assentiu.

— Essa concepção equivocada é comum. Na verdade, as primeiras versões da história que você conhece vêm do século XII, apesar de existirem semelhanças óbvias com temas na literatura clássica e celta. E na França medieval em particular.

A lembrança do mapa que ela havia encontrado na biblioteca de Toulouse veio-lhe subitamente à cabeça.

— Como o labirinto.

Ele sorriu, mas não disse nada.

— Durante o último quarto do século XII viveu um poeta chamado Chrétien de Troyes. Sua primeira patronnesse foi Marie, uma das filhas de Eleanor da Aquitânia, que era casada com o conde de Champagne. Depois que Marie morreu, em 1181, um de seus primos, Felipe da Alsácia, conde de Flandres, virou seu patrono.

"Chrétien era muito popular na época. Havia construído sua reputação traduzindo histórias clássicas do latim e do grego, antes de se dedicar a compor uma série de histórias cavaleirescas sobre os cavaleiros que você deve conhecer como Lancelote, Gawain e Percival. Esses escritos alegóricos deram origem a uma enxurrada de histórias sobre o rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda. — Ele fez uma pausa. — A história de Percival, Li contes del Graal, é a narrativa mais antiga sobre o Santo Graal de que se tem notícia."

— Mas... — Alice começou a protestar. Franziu o cenho. — Ele certamente não pode ter inventado essa história? Não uma coisa assim. A história não pode ter surgido do nada.

Outra vez, o mesmo meio-sorriso surgiu no rosto de Audric.

— Quando lhe pediram para identificar suas fontes, Chrétien alegou que tinha lido a história do Graal em um livro que fora presente de seu patrono,Felipe. De fato, é a ele que a história do Graal é dedicada. Infelizmente, Felipe morreu no cerco a Acra em 1191, durante a Terceira Cruzada. Por isso, o poema nunca foi terminado.

— O que aconteceu com Chrétien?

— Não existe registro dele depois da morte de Felipe. Ele simplesmente sumiu.

— Não é estranho, ele sendo tão famoso?

— É possível que a morte dele não tenha sido registrada — disse Baillard reticente.

Alice ergueu os olhos para ele, atenta.

— Mas o senhor não acha isso?Audric não respondeu.

— Apesar da decisão de Chrétien de não terminar sua história, mesmo assim a narrativa do Santo Graal ganhou vida própria. Foram feitas adaptações diretas do francês antigo para o holandês médio e o galês antigo. Alguns anos depois, por volta de 1200, outro poeta, Wolfram von Eschenbach, escreveu uma versão um tanto burlesca da história, Parzival. Segundo ele, não estava seguindo a versão de Chrétien, mas sim outra história, de autoria desconhecida.

Alice estava muito concentrada.

— Como Chrétien descreve de fato o Graal?

— Ele é bem vago. Apresenta o Graal como uma espécie de vasilha, mais do que um cálice, como o latim medieval gradalis, de onde vem o francês antigo gradal ou graal.

Eschenbach é mais explícito. O Graal dele, o grâl, é uma pedra.

— Então de onde vem a idéia de que o Santo Graal é o cálice usado por Cristo na Ultima Ceia?

Audric juntou os dedos das duas mãos.

— De outro escritor, um homem chamado Robert de Boron. Em algum momento entre o Perceval de Chrétien e 1199, ele escreveu um poema em verso, Joseph dÁrimathie. De Boron não apenas descreve o Graal como um recipiente, o cálice da Última Ceia, a que se refere como san greal, mas também diz que ele está cheio do sangue tirado da cruz. Em francês moderno, o sang real, o sangue "verdadeiro" ou "real".

Ele parou e ergueu os olhos para Alice.

— Para os guardiães da Trilogia do Labirinto, essa confusão lingüística, san greal e sang réal, era um disfarce conveniente.

— Mas o Santo Graal é um mito — disse ela, teimando. — Não pode ser verdade.

— O Santo Graal é um mito, sem dúvida — disse ele, olhando-a nos olhos. — Uma fábula atraente. Se olhar de perto, você verá que todas essas histórias são embelezamentos do mesmo tema. O conceito medieval cristão de sacrifício e busca, que conduz à redenção e à salvação. O Santo Graal, em termos cristãos, era espiritual: uma representação simbólica da vida eterna,mais do que algo que devesse ser entendido como uma verdade literal. Por meio do sacrifício de Cristo e da graça de Deus, a humanidade viveria para sempre. — Ele sorriu. — Mas não resta dúvida de que algo como o Graal existe de fato. E essa a verdade contida nas páginas da Trilogia do Labirinto.Foi isso que os guardiães do Graal, a Noublesso de los Seres, deram a vida para manter em segredo.

Alice sacudia a cabeça, incrédula.

— O senhor está dizendo que o Graal não é de forma alguma um conceito cristão.

Que todos esses mitos e lendas foram construídos em cima de...um mal-entendido.

— Um subterfúgio, mais do que um mal-entendido.

— Mas, por 2 mil anos, o que se discutiu foi a existência do Santo Graal. Se agora for revelado não apenas que essas lendas sobre o Graal são verdade mas...

—

Alice se interrompeu. Achava difícil acreditar no que estava dizendo. — Mas que ele não é

de modo algum uma relíquia cristã, não consigo nem imaginar...

— O Graal é um elixir que tem o poder de curar e de prolongar a vida deforma significativa.

Mas com um objetivo. Ele foi descoberto há mais ou menos 4 mil anos, no Egito Antigo. E

as pessoas que o desenvolveram e tomaram consciência de seu poder perceberam que o 325

segredo precisava ser protegido daqueles que o usariam em benefício próprio, e não para o bem dos outros. O conhecimento sagrado foi registrado com hieróglifos em três folhas de papiro separadas. Um dos papiros fornecia o desenho preciso da câmara do Graal, o labirinto em si; o segundo listava os ingredientes necessários para a preparação do elixir; e o terceiro era o encantamento que operava a transformação do elixir no Graal. Os papiros foram enterrados em cavernas nos arredores da antiga cidade de Avaris.

— No Egito — disse ela depressa. — Quando eu estava pesquisando, tentando entender o que tinha visto aqui, percebi que o Egito aparecia muitas vezes.

Audric aquiesceu.

— Os papiros estão escritos em hieróglifos clássicos: a própria palavra hieróglifo significa "palavras de Deus" ou "fala divina". À medida que as grandes civilizações do Egito sucumbiram à ruína e à decadência, a capacidade de ler os hieróglifos foi perdida. O

conhecimento contido nos papiros foi preservado, passado de guardião a guardião através das gerações. Mas a capacidade de dizer o encantamento e de invocar o Graal se perdeu.

"Esses acontecimentos foram fortuitos, mas eles, por sua vez, vieram somar mais uma camada de segredo", continuou ele. "No século IX da era cristã, um

alquimista árabe, Abu Bakr Ahmad Ibn Wahshiyah, decodificou o segredo dos hieróglifos. Felizmente, Harif, o Navigatairé, teve consciência do perigo e conseguiu impedir suas tentativas de compartilhar aquele conhecimento. Naquela época, os centros de aprendizado eram poucos, e a comunicação entre os povos era lenta e inexata. Depois disso, os papiros foram contrabandeados para Jerusalém e escondidos em câmaras subterrâneas nas planícies de Sepal.

"Do século IX ao século XIX, ninguém fez nenhum progresso significativo que permitisse decifrar os hieróglifos. Ninguém. Seu significado só foi elucidado quando a expedição científica e militar de Napoleão ao norte da África, em 1799, descobriu uma inscrição detalhada na língua sagrada dos hieróglifos, no egípcio demótico corrente da época e em grego antigo. Já ouviu falar na Pedra de Rosetta?"

Alice assentiu.

— Dali em diante, tivemos medo de que fosse apenas uma questão de tempo. Um francês, Jean-François Champollion, tornou-se obcecado por quebrar o código. Em 1822, ele conseguiu. As maravilhas dos antigos, sua magia, seus feitiços, tudo, desde inscrições funerárias até o Livro dos Mortos, tudo passou de repente a poder ser lido. — Ele fez uma pausa. — A partir daí, o fato de que dois dos livros da Trilogia do Labirinto estavam nas mãos de pessoas que podiam fazer mau uso deles se tornou motivo de medo e preocupação.

Suas palavras soaram como um aviso. Alice estremeceu. Subitamente, percebeu que o dia havia ido embora. Do lado de fora, os raios do poente haviam pintado as montanhas de vermelho, dourado e laranja.

— Se esse conhecimento era tão devastador assim caso fosse usado para o mal e não para o bem, então por que Alais ou os outros guardiães não destruíram os livros quando tiveram oportunidade? — perguntou ela.

Sentiu Audric se retesar. Alice percebeu que havia atingido o âmago da experiência dele, da história que ele estava contando, mesmo sem entender como.

— Se eles não fossem necessários, teria sido possível. Talvez essa pudesse ter sido uma solução.

— Necessários? Como assim necessários?

— Os guardiães sempre souberam que o Graal concede a vida. Você chama isso de dádiva e... — Ele prendeu a respiração. — ... eu entendo que algumas pessoas possam pensar assim. Outras podem ver a questão de outra forma. — Audric parou de falar. Estendeu a mão para pegar o copo e bebeu vários goles de vinho, antes de tornar a pousá-lo sobre a mesa com a mão pesada. — Mas a vida é dada com um 326

objetivo.

— Que objetivo? — perguntou ela depressa, com medo de que ele parasse.

— Muitas vezes, durante os últimos 4 mil anos, quando houve uma necessidade forte de dar testemunho, o poder do Graal foi invocado. Conhecemos os grandes e longevos patriarcas da Bíblia cristã, do Talmude, do Alcorão. Adão, Jacó, Moisés, Maomé, Matusalém. Profetas cuja obra não poderia ser cumprida no espaço de vida concedido normalmente. Todos eles viveram centenas de anos.

— Mas isso são parábolas — protestou Alice. — Alegorias.Audric sacudiu a cabeça, negando.

— Eles sobreviveram por séculos justamente para poderem falar sobre o que haviam presenciado, dando testemunho sobre a verdade de seu tempo.Harif, que convenceu Abu Bakr a esconder sua obra que revelava a língua do Antigo Egito, viveu para ver a queda de Montségur.

— Mas isso são quinhentos anos.

— Eles viveram — repetiu Audric simplesmente. — Pense na vida de uma borboleta, Alice. Uma existência inteira, tão brilhante, mas que dura apenas um dia humano. Uma vida inteira. O tempo tem muitos significados.

Alice empurrou a cadeira para trás e afastou-se da mesa, sem saber mais o que estava sentindo, no que podia acreditar. Ela se virou.

— O símbolo do labirinto que eu vi na parede da caverna, no anel que o senhor usa: é esse o símbolo do verdadeiro Graal?

Ele aquiesceu.

— E Alaïs? Ela sabia disso?

— No início, como você, ela foi cética. Não acreditava na verdade contida dentro das páginas da Trilogia, mas lutava para protegê-la por amor ao pai.

— Ela acreditava que Harif tinha mais de quinhentos anos de idade? —insistiu Alice, sem tentar mais esconder o ceticismo na própria voz.

— Não, no começo não — admitiu ele. — Mas, com o tempo, passou a ver a verdade. E quando chegou a sua hora, ela se descobriu capaz de pronunciar as palavras, de entender as palavras.

Alice voltou para junto da mesa e se sentou.

— Mas por que a França? Por que os papiros foram levados para lá? Porque não deixá-los onde estavam?

Audric sorriu.

— Harif levou os papiros para a Cidade Sagrada no século X da era cristã e mandou que fossem escondidos perto das planícies de Sepal. Durante quase cem anos, eles ficaram seguros, até os exércitos de Saladino avançarem sobre Jerusalém. Ele então escolheu um dos guardiães, um jovem chevalier cristão chamado Bertrand Pelletier, para levar os papiros para a França.

O pai de Alaïs.

Alice percebeu que estava sorrindo, como se acabasse de ter notícias de um velho amigo.

— Harif percebeu duas coisas — continuou Audric. — Primeiro, que os papiros estariam mais seguros, menos vulneráveis, guardados entre as páginas de um livro.

Segundo, que já que os boatos sobre o Graal estavam começando a circular entre as cortes européias, a melhor maneira de esconder a verdade era debaixo de uma camada de mito e fábula.

— As histórias sobre os cátaros possuírem o cálice de Cristo — disse Alice, compreendendo subitamente.

Baillard assentiu.

— Os seguidores de Jesus, o Nazareno não esperavam que ele morresse na cruz, mas assim foi. Sua morte e sua ressurreição ajudaram a dar origem a histórias sobre um copo ou cálice, um graal que concedia vida eterna. Não sei dizer como essas histórias foram interpretadas na época, mas o que é certo é que a crucifixão do Nazareno deu origem a uma onda de perseguições. Muitos fugiram da Terra Santa, incluindo José de Arimatéia e Maria Madalena, que foram de navio para a França. Dizem que eles levaram consigo o conhecimento de um antigo segredo.

— Os papiros do Graal?

— Ou então um tesouro, jóias tiradas do Templo de Salomão. Ou então o cálice no qual Jesus, o Nazareno havia bebido durante a Última Ceia e onde seu sangue havia sido colhido quando ele estava pendurado na cruz. Ou então pergaminhos, escritos, provas de que Cristo não tinha morrido crucificado mas ainda vivia, escondido nas montanhas do deserto por cem anos e mais, na companhia de um grupo de fiéis eleitos.

Alice ficou olhando para Audric, atônita, mas o rosto dele era um livro fechado, e ela não conseguiu ler nada ali.

— Provas de que Cristo não morreu na cruz — repetiu ela, mal capaz de acreditar no que estava dizendo.

— Ou outras histórias — disse ele. —Alguns diziam que Maria Madalena e José de Arimatéia haviam atracado em Narbonne, e não em Marselha. Durante séculos, o fato de que algo de grande valor estava escondido em algum lugar dos Pireneus foi uma crença comum.

— Então não eram os cátaros que possuíam o segredo do Graal — disse ela, juntando os pedaços na cabeça —, mas sim Alais. Eles a protegeram.

Um segredo escondido atrás de outro segredo. Alice recostou-se na cadeira, rememorando na mente a seqüência dos acontecimentos.

— E agora a caverna do labirinto foi aberta.

— Pela primeira vez em quase oitocentos anos, os livros podem mais uma vez ser reunidos — disse ele. — E apesar de você, Alice, não saber se deve confiar

em mim ou considerar o que estou dizendo alucinações sem sentido deum velho, existem outras pessoas que não duvidam.

Alaïs acreditava na verdade do Graal.

Bem lá no fundo, além dos limites de seu pensamento consciente, Alice sabia que ele estava dizendo a verdade. Era o seu eu racional que achava aquilo difícil de acreditar.

— Marie-Cécile — disse ela, desanimada.

— Hoje à noite, madame de lÓradore vai entrar na caverna do labirinto e tentar invocar o Graal.

Alice sentiu uma onda de apreensão varrer-lhe o corpo.

— Mas ela não pode fazer isso — disse depressa. — Ela não tem o Livro das Palavras.

Ela não tem o anel.

— Receio que ela tenha entendido que o Livro das Palavras ainda deve estar dentro da câmara.

— E está?

— Não tenho certeza.

— E o anel? Ela também não tem o anel. — Alice baixou os olhos para as mãos



magras dele, espalmadas sobre a mesa.

— Ela sabe que eu vou.

— Mas isso é loucura — explodiu ela. — Como o senhor pode sequer pensar em chegar perto dela?

— Hoje à noite ela vai tentar invocar o Graal — disse ele com sua voz baixa, firme.

— Por causa disso, ela sabe que eu vou. Eu não posso deixar isso acontecer.

Alice bateu na mesa com as mãos.

— E Will? E Shelagh? O senhor não liga para eles? Se for capturado também, não vai ajudá-los.

— É justamente porque eu ligo para eles... porque ligo para você, Alice que eu vou. Eu acho que Marie-Cécile pretende forçá-los a participar da cerimônia. Tem de haver cinco participantes, o Navigatairé e quatro outros.

— Marie-Cécile, o filho dela, Will, Shelagh e Authié?

— Não, Authié não. Outra pessoa.

— Quem, então?Ele não respondeu.

— Não sei onde Shelagh e Will estão agora, mas acho que vamos descobrir se eles os estão levando para a caverna quando a noite chegar — disse como se pensasse em voz alta.

— Quem, Audric? — repetiu Alice, mais firme dessa vez.

Ele tornou a não responder. Levantou-se, andou até a janela e fechou as persianas, antes de se virar de frente para ela.

— Temos de ir.

Alice estava frustrada, nervosa, atônita, e acima de tudo assustada. Ainda assim, ao mesmo tempo, sentia que não tinha escolha.

Pensou no nome de Alaïs na árvore genealógica, separado por oitocentos anos do seu. Visualizou o símbolo do labirinto, que as conectava através tempo e do espaço.

Duas histórias em uma só.

Alice recolheu suas coisas e seguiu Audric para fora da casa, onde esvaíam-se os últimos vestígios do dia.

CAPITULO 75

Montségur

Març 1244

Em seu esconderijo debaixo da citadela, Alaïs e seus três companheiros tentavam não prestar atenção no barulho agonizante da tortura. Mas os gritos de dor e o horror penetravam até mesmo a espessa rocha das montanhas. Os lamentos dos que morriam e também dos sobreviventes esgueiravam-se como monstros para dentro de seu refúgio.

Alaïs rezou pela alma de Rixende, para que ela retornasse a Deus, rezou por todos 329

os seus amigos, homens e mulheres bons, rezou por aquele fim tão triste. Tudo que podia esperar era que seu plano houvesse funcionado.

Somente o tempo diria se Oriane se deixara enganar e pensava que Alaïs e o Livro das Palavras haviam sido consumidos pelas chamas.

Um risco tão grande.

Alaïs, Harif e seus guias permaneceriam em sua tumba de pedra até o cair da noite, quando a evacuação da cidadela houvesse terminado. Então, sob o abrigo da escuridão, os quatro fugitivos desceriam os caminhos escarpados da montanha e iriam para Los Seres. Com sorte, ela estaria em casa ao cair da noite seguinte.

Eles estavam violando claramente as condições da trégua e da capitulação. Caso fossem pegos, Alaïs não tinha dúvidas de que a punição seria rápida e brutal. A caverna não passava de uma fenda na rocha, estreita e próxima da superfície. Se os soldados fizessem uma busca cuidadosa na cidadela, eles seriam facilmente descobertos.

Ao pensar na filha, Alaïs mordeu o lábio. No escuro, sentiu Harif segurar sua mão. A pele dele era seca e empoeirada, como as areias do deserto.

— Bertrande é forte — disse ele, como se soubesse o que a estava preocupando. —

Como você, ei A coragem dela vai resistir. Logo vocês duas estarão juntas de novo. Não vai demorar muito.

— Mas ela é tão novinha, Harif, nova demais para testemunhar essas coisas. Deve estar com tanto medo...

— Ela é corajosa, Alaïs. Sajhë também. Eles não vão nos decepcionar.Se eu soubesse que você tem razão...

No escuro, com o coração contraído de dúvida e medo pelo que estava por vir, Alaïs ficou sentada com os olhos secos, esperando o dia passar. A expectativa, o fato de não saber o que estava acontecendo lá em cima, era quase insuportável. A imagem do rosto pálido e branco de Bertrande continuava a assombrá-la.

E os gritos dos bons homes enquanto o fogo os engolia ecoaram em sua cabeça por muito tempo depois de a última vítima ter se calado.

Uma imensa nuvem de fumaça acre pairava sobre o vale, como uma nuvem de tempestade, impedindo a entrada da claridade.

Sajhë segurava a mão de Bertrande com força quando atravessaram o Grande Portão e saíram do castelo que havia sido seu lar por quase dois anos. Ele havia trancado a própria dor bem no fundo do coração, em um lugar onde os inquisidores não pudessem alcançá-la. Não choraria por Rixende agora. Não podia temer por Alaïs agora. Precisava se concentrar em proteger Bertrande e conseguir que voltassem os dois sãos e salvos para Los Seres.

As mesas dos inquisidores estavam prontas no sopé das encostas. O processo começaria imediatamente, à sombra da pira. Sajhë reconheceu o inquisidor Ferrier, homem odiado em toda a região por sua aderência rígida tanto ao espírito quanto à forma da lei eclesiástica. Desviou os olhos para a direita, onde estava o companheiro de Ferrier. O

inquisidor Duranti não era menos temido.

Ele apertou com mais força a mão de Bertrande.

Quando chegaram ao terreno plano, Sajhë percebeu que estavam dividindo os prisioneiros. Homens velhos, membros da guarnição e rapazes eram mandados para um lado, mulheres e crianças para o outro. Ele sentiu um lampejo de medo. Bertrande teria de enfrentar os inquisidores sem ele.

Ela sentiu sua mudança de atitude e olhou para cima, assustada, para o rosto dele.

— O que está acontecendo? O que eles vão fazer conosco?

— Brava, eles estão interrogando os homens e mulheres em separado — disse ele.

— Não se preocupe. Responda às perguntas deles. Seja corajosa e fique exatamente onde estiver até eu ir buscar você. Não vá a lugar nenhum, com mais ninguém, entendeu? Ninguém mesmo.

— O que eles vão me perguntar? — indagou ela com a voz mirrada.

— Como você se chama, quantos anos você tem — respondeu Sajhë, repassando mais uma vez todos os detalhes que ela precisava memorizar. — Eu sou conhecido como membro da guarnição, mas não há motivo para que eles associem você a mim. Quando perguntarem, diga que não sabe quem é seu pai. Diga que é filha de Rixende e diga que morou a vida inteira aqui em Montségur. O que quer que aconteça, não mencione Los Seres. Você consegue se lembrar de tudo isto?

Bertrande fez que sim com a cabeça.

— Boa menina. — Então, tentando reconfortá-la, ele acrescentou: — Minha avó

costumava me pedir para passar recados para ela quando eu tinha a mesma idade que você tem agora. Ela me fazia repetir os recados várias vezes até ter certeza de que cada palavra estava perfeita.

Bertrande deu um sorriso débil.

— Mamà diz que a sua memória é péssima. Parece uma peneira, diz ela.

— Ela tem razão — disse ele, depois tornou a ficar sério. — Talvez eles também façam algumas perguntas sobre os bons homes e sobre as coisas em que eles acreditam.

Responda o mais honestamente que puder. Assim você corre menos risco de se contradizer. Não há nada que você possa dizer a eles que eles já não tenham escutado de alguma outra pessoa. — Ele hesitou, e acrescentou mais um lembrete. — Lembre-se. Não mencione nenhuma vez Alaïs nem Harif.

Os olhos de Bertrande se encheram de lágrimas.

— E se os soldados revistarem a cidadela e a encontrarem? — perguntou, a voz se erguendo com o pânico. — O que eles vão fazer se os encontrarem?

— Não vão encontrá-los — respondeu ele depressa. — Lembre-se, Bertrande.

Quando os inquisidores terminarem de interrogar você, fique exatamente onde estiver. Eu irei buscar você assim que puder.

Sajhë mal teve tempo de terminar a frase quando um guarda o empurrou pelas costas e o forçou a descer mais um pedaço do declive em direção ao vilarejo. Bertrande foi conduzida na direção oposta.

Ele foi levado até um cercado de madeira, onde viu Pierre-Roger de Mirepoix, comandante da guarnição. Ele já havia sido interrogado. Sajhë interpretou esse fato como um bom sinal, uma cortesia. Sugeria que os termos da rendição estavam sendo respeitados e que os homens da guarnição estavam sendo tratados como prisioneiros de guerra, não como criminosos.

Quando se juntou à multidão de soldados que esperavam a hora de serem chamados, Sajhë tirou do polegar o anel de pedra e o escondeu debaixo da roupa. Sentia-se estranhamente nu sem ele. Desde que Harif lhe dera o anel, vinte anos antes, raramente o havia tirado do dedo.

Os interrogatórios aconteciam dentro de duas barracas separadas. Frades aguardavam com cruzes amarelas para prender nas costas daqueles condenados por terem confraternizado com hereges, e então esses prisioneiros eram levados para uma área cercada secundária, mais abaixo, como animais em um mercado.

Estava claro que não tinham a intenção de liberar ninguém até que todos, do mais velho ao mais novo, houvessem sido interrogados. O processo levaria dias.

Quando chegou a vez de Sajhë, deixaram que ele entrasse na barraca 331

desacompanhado. Ele parou na frente do inquisidor Ferrier e aguardou.

O rosto de cera de Ferrier não expressava nada. Ele perguntou o nome de Sajhë, sua idade, sua patente e sua cidade natal. A pena de ganso arranhava o pergaminho.

— Você acredita no céu e no inferno? — perguntou, abrupto.

— Acredito.

— Você acredita no purgatório?

— Acredito.

—Você acredita que o filho de Deus foi criado como um homem perfeito?

— Eu não sou monge, sou soldado — retrucou ele, mantendo os olhos fixos no chão.

— Você acredita que a alma humana só tem um corpo, e que nesse corpo e com esse corpo será ressuscitada?

— Os padres dizem que é isso que acontece.

— Você já ouviu alguém dizer que jurar é pecado? Se já ouviu, quem?Dessa vez Sajhë ergueu os olhos.

— Não, nunca ouvi — disse, desafiador.

— Vamos, sargento. Você serviu na guarnição por mais de um ano e não sabe que os heretici se recusam a jurar?

— Eu sirvo a Pierre-Roger de Mirepoix, inquisidor. Não presto atenção nas palavras dos outros.

O interrogatório prosseguiu por algum tempo, mas Sajhë se manteve fiel a seu

papel de simples soldado, alegando ignorar qualquer assunto relativo às escrituras ou à

doutrina. Não incriminou ninguém. Afirmou não saber de nada.

No final, o inquisidor Ferrier não teve outra escolha senão soltá-lo.

Ainda era final de tarde, mas o sol já estava se pondo. O crepúsculo retornava ao vale, roubando as formas das coisas e cobrindo a tudo com sombras pretas.

Sajhë foi se juntar a um grupo de outros soldados que já haviam sido interrogados. Cada um deles havia recebido um cobertor, um naco de pão dormido e uma caneca de vinho. Ele pôde ver que essa gentileza não havia sido estendida aos prisioneiros civis.

Conforme o dia ia terminando, Sajhë ficava mais desanimado.

Não saber se o interrogatório de Bertrande havia terminado — nem sequer em que lugar do vasto acampamento ela estava — o consumia. Enchia-o de apreensão pensar em Alaïs esperando, vendo a luz diminuir, com a ansiedade aumentando à medida que se aproximava a hora da partida; o sentimento se tornava ainda pior já que ele era incapaz de fazer qualquer coisa para ajudar.

Inquieto e sem conseguir relaxar, Sajhë se levantou para esticar o corpo. Podia sentir a umidade e o frio penetrando em seus ossos, e tinha as pernas dormentes de tanto ficar sentado.

— Assis — rosnou um dos guardas, batendo em seu ombro com a lança. Ele estava prestes a obedecer quando percebeu uma movimentação mais em cima na montanha.

Uma patrulha de revista encaminhava-se para o promontório rochoso onde Alaïs, Harif e os guias estavam escondidos. As chamas de suas tochas tremeluziam, lançando sombras nos arbustos que se agitavam ao vento.

O sangue de Sajhë gelou.

Eles haviam revistado o castelo mais cedo, sem encontrar nada. Ele pensou que

estivesse tudo terminado. Mas era óbvio que tinham a intenção de vasculhar o subterrâneo e o labirinto de caminhos que percorriam as fundações da cidadela. Se seguissem mais um pouco naquela direção, chegariam bem no lugar por onde Alaïs sairia. E já era quase noite.

Sajhë começou a correr em direção ao perímetro do cercado.

— Ei! — gritou o guarda. — Não ouviu o que eu disse? Arrete! Sajhë o ignorou. Sem pensar nas conseqüências, pulou por cima da cerca de madeira e começou a correr encosta acima, em direção à patrulha de revista. Pôde ouvir o guarda chamando reforços. Tudo em que conseguia pensar era desviar a atenção deles de Alaïs.

A patrulha parou e olhou para ver o que estava acontecendo.

Sajhë gritou, querendo que eles passassem de espectadores a participantes. Um a um, eles se viraram. Ele viu a perplexidade em seus rostos se transformar em agressividade. Estavam entediados e com frio, loucos por uma briga.

Sajhë mal teve tempo de perceber que seu plano havia funcionado quando um punho fechado enterrou-se em sua barriga. Ele arquejou à procura de ar e dobrou o corpo para a frente. Dois dos soldados seguraram seus braços para trás e os socos começaram a vir de todas as direções. Cabos das armas, botas, punhos: o ataque foi inclemente. Ele sentiu a pele abaixo de seu olho se partir. Podia sentir gosto de sangue na língua e no fundo da garganta enquanto os golpes continuavam a chover sobre ele.

Só então reconheceu seu erro de julgamento a respeito da situação. Ele havia pensado apenas em desviar a atenção de Alaïs. Uma imagem do rosto pálido de Bertrande à sua espera surgiu em sua mente no mesmo instante em que um murro atingiu-lhe o queixo e tudo escureceu.

CAPÍTULO 76

Oriane havia dedicado a vida à busca pelo Livro das Palavras.

Logo depois de voltar a Chartres depois da derrota de Carcassonne, seu marido havia perdido a paciência com o fato de ela não conseguir obter o prêmio pelo qual ele havia pagado. Nunca houvera amor entre eles, e quando o desejo que ele sentia por ela diminuiu, seu punho e seu cinto substituíram o diálogo.

Ela suportava as surras, o tempo todo inventando maneiras de se vingar dele.

Conforme sua riqueza e o tamanho de suas terras cresciam, e sua influência junto ao rei francês aumentava, a atenção de Evreux foi atraída para outros prêmios. Ele a deixou em paz. Livre para continuar sua busca, Oriane pagou informantes e contratou uma rede de espiões no Midi, todos à procura de informações.

Somente uma vez Oriane chegara perto de capturar Alaïs. Em maio de 1234, ela havia deixado Chartres e viajado até Toulouse. Ao chegar à catedral de Saint-Etienne, descobrira que os guardas haviam sido subornados e sua irmã havia tornado a desaparecer, como se nunca houvesse existido.

Oriane estava decidida a não tornar a cometer o mesmo erro. Dessa vez, ao escutar um boato sobre uma mulher da idade certa, com a descrição certa, Oriane havia descido até o sul com um de seus filhos, fingindo estar acompanhando a cruzada.

Naquela manhã, pensava ter visto o livro queimar à luz púrpura da aurora. Estar tão perto e ainda assim fracassar havia provocado nela uma ira tal que nem seu filho Louis nem os criados conseguiam aplacar. No decorrer da tarde, porém, Oriane se pusera a revisar sua interpretação dos acontecimentos da manhã. Se era mesmo Alaïs que tinha visto — e até isso ela já questionava —seria provável que ela fosse deixar o Livro das Palavras 333

queimar em uma pira inquisitorial?

Oriane concluiu que não. Mandou seus criados até o acampamento em busca de informação e descobriu que Alaïs tinha uma filha, uma menina de nove ou dez anos, cujo pai era um soldado a serviço de Pierre-Roger de Mirepoix.

Oriane não acreditava que a irmã fosse ter confiado um objeto tão precioso assim a um membro da guarnição. Os soldados seriam revistados. Mas uma criança?

Oriane esperou escurecer antes de se encaminhar para a área onde as mulheres e crianças estavam presas. Subornou um dos guardas para entrar no cercado. Ninguém perguntou nada nem a deteve. Ela pôde sentir os olhares desaprovadores dos frades negros ao passar, mas a reprovação deles não a comoveu.

Seu filho, Louis, surgiu na sua frente, o rosto arrogante afogueado. Ele estava sempre tão desesperado para que ela o aprovasse sempre tão ansioso para agradar.

— Oui?— lançou ela. — Quést-ce que tu veux?

— Il y a une filie que vous de vez voir, maman.

Oriane o seguiu até o outro extremo do cercado, onde uma menina dormia afastada dos outros.

A semelhança física com Alaïs era notável. Não fosse a passagem dos anos, Oriane poderia estar olhando para a gêmea da irmã. A menina tinha a mesma expressão de determinação firme, a mesma compleição de Alaïs naquela idade.

— Deixe-me sozinha — disse ela. — Ela não vai confiar em mim com você aqui.

Louis fez cara de desapontado, o que a irritou ainda mais.

— Deixe-me sozinha — repetiu ela, virando-lhe as costas. — Vá preparar os cavalos.

Não preciso de você aqui.

Depois que ele se foi, Oriane se agachou e cutucou a menina no braço. A criança acordou imediatamente e sentou-se, os olhos brilhando de medo.

— Quem é você?

— Una amiga — disse Oriane, usando a língua que havia abandonado trinta anos antes. — Uma amiga.

Bertrande não se mexeu.

— Você é francesa — disse ela, obstinada, examinando as roupas e os cabelos de Oriane. — Não estava na cidadela.

— Não — respondeu a mulher, tentando soar paciente —, mas eu nasci em Carcassona, igualzinho à sua mãe. Nós passamos a infância juntas no Château

Comtal. Eu conheci até o seu avô, o intendente Pelletier. Tenho certeza de que Alaïs falou muito nele.

— Eu tenho o mesmo nome dele — disse a menina de pronto.

— Oriane disfarçou um sorriso.

— Bom, Bertrande. Eu vim tirar você daqui.

— A menina franziu o cenho.

— Mas Sajhë me disse para ficar aqui até ele vir me buscar — disse ela, um pouco menos cautelosa. — Ele me disse para não ir com mais ninguém.

— Sajhë disse isso, foi? — perguntou Oriane, sorrindo. — Bom, ele disse para mim que você sabia cuidar de si mesma, que eu deveria lhe dar alguma coisa para convencê-la a confiar em mim.

Oriane estendeu o anel que havia roubado da mão fria do pai. Como ela esperava, 334

Bertrande o reconheceu e estendeu a mão para pegá-lo.

— Sajhë deu isso a você?

— Pegue. Veja você mesma.

Bertrande girou o anel, examinando-o sob todos os ângulos. Levantou-se.

— Onde ele está?

— Eu não sei — disse a mulher, com o cenho muito franzido. — A menos que...

— O quê? — Bertrande ergueu os olhos para ela.

— Você acha que ele queria que você fosse para casa?

— Bertrande pensou um pouco.

— Pode ser — disse, em dúvida.

— É muito longe? — perguntou Oriane casualmente.

— Um dia a cavalo, talvez mais nesta época.

— E essa aldeia tem um nome? — perguntou ela, calma.

—Los Seres, mas Sajhë me disse para não contar para os inquisidores — respondeu Bertrande.

Noublesso de los Seres. Esse não era apenas o nome dos guardiães do Graal, mas do lugar onde o Graal podia ser encontrado. Oriane precisou morder a língua para conter uma risada.

— Para começar, vamos nos livrar disto aqui — disse, inclinando-se para a frente e tirando a cruz amarela das costas de Bertrande. — Não queremos que ninguém descubra que somos fugitivas. Você quer trazer alguma coisa?

Se a menina estivesse com o livro, não haveria necessidade de ir a lugar algum. O

assunto terminaria ali.

Bertrande sacudiu a cabeça, negando.

— Nada.

— Muito bem, então. Agora fique quietinha. Não queremos atrair atenção.

A menina ainda estava receosa mas, enquanto cruzavam o cercado, Oriane falou sobre Alaïs e o Château Comtal. Foi encantadora, persuasiva e atenciosa. Aos poucos, conquistou a menina.

Oriane pôs outra moeda na mão do guarda do portão, depois conduziu Bertrande para onde seu filho estava esperando nos arredores do acampamento, com seis soldados a cavalo e uma carroça coberta já preparada.

— Eles vêm conosco? — perguntou Bertrande, subitamente desconfiada.

Oriane sorriu enquanto erguia a menina para dentro da calèche.

— Precisamos nos proteger dos bandidos no caminho, não é? Sajhë nunca iria

me perdoar se eu deixasse alguma coisa acontecer a você.

Com Bertrande instalada, ela se virou para o filho.

— E eu? — perguntou ele. — Quero ir com você.

— Eu preciso que você fique aqui — disse ela, agora ansiosa para partir.

— Você, caso não tenha esquecido, faz parte do exército. Não pode simplesmente sumir. Vai ser mais fácil e mais rápido para todos nós se eu for sozinha.

— Mas...

— Faça o que eu estou dizendo — disse ela, mantendo a voz baixa para Bertrande não escutar. — Cuide de nossos interesses aqui. Dê um jeito no pai da menina como conversamos. Deixe o resto comigo.

Guilhem não conseguia pensar em mais nada a não ser encontrar Oriane. Seu objetivo ao ir até Montségur fora ajudar Alaïs e impedir Oriane de lhe fazer mal. Durante quase trinta anos, ele a havia protegido de longe.

Agora que Alaïs estava morta, ele não tinha nada a perder. Seu desejo de vingança havia crescido com o passar dos anos. Deveria ter matado Oriane quando tivera oportunidade. Não deixaria essa nova chance escapar.

Com o capuz da capa a cobrir-lhe o rosto, Guilhem atravessou o acampamento dos cruzados até ver o verde e prata do pavilhão de Oriane.

Vozes vinham lá de dentro. Um homem jovem dando ordens. Lembrando-se do jovem ao lado de Oriane na arquibancada, seu filho, Guilhem chegou perto da lateral da barraca que batia com o vento e escutou.

— Ele é um soldado da guarnição — dizia Louis dÉvreux com sua voz arrogante. —

Chama-se Sajhë de Servian. Foi aquele que criou problemas mais cedo. Esses camponeses do sul... — disse com desprezo. — Mesmo quando são bem-

tratados, comportam-se como animais. — Deu uma risada alta. — Ele foi levado para o cercado perto do pavilhão de Hugues des Arcis, separado dos outros prisioneiros, caso resolva dar mais trabalho.

Louis baixou a voz até Guilhem quase não conseguir escutar.

— Isto é para você — disse ele. Guilhem ouviu o tilintar de moedas. — Metade agora. Se o camponês ainda estiver vivo quando você o encontrar, dê um jeito na situação. O resto depois do serviço feito.

Guilhem esperou o soldado sair, em seguida esgueirou-se pela abertura, que não estava sendo vigiada por ninguém.

— Eu disse que não queria ser incomodado — falou Louis abruptamente, sem se virar. Antes de ele ter chance de gritar, a faca de Guilhem já estava em seu pescoço.

Se der um pio, eu mato você — disse ele.

— Pegue o que quiser, pegue o que quiser. Não me machuque.

Guilhem olhou em volta para a barraca opulenta, cheia de tapetes elegantes e cobertores grossos. Oriane conseguira a riqueza e o status que sempre desejara. Ele esperava que isso não lhe houvesse trazido felicidade.

— Diga-me seu nome — pediu ele com uma voz baixa, cruel.

— Louis dÉvreux. Eu não sei quem você é, mas minha mãe vai...

Guilhem puxou a cabeça de Louis para trás.

— Não me ameace. Você mandou seus guardas embora, lembra? Não tem ninguém aqui para escutá-lo. — Apertou a lâmina com mais força na pele pálida do rapaz do norte.

Evreux ficou completamente imóvel. — Melhor assim. Então. Onde está Oriane? Se não responder, eu corto a sua garganta.

Guilhem o sentiu reagir ao escutar o nome da mãe, mas o medo soltou-lhe a língua.

— Ela foi ao cercado das mulheres — balbuciou ele.

— Fazer o quê?

— Procurar... uma menina.

— Não gaste o meu tempo, nenon — disse Guilhem, dando outro safanão em seu pescoço. — Que menina é essa? O que Oriane quer com ela?

— Filha de uma herege. Irmã... da minha mãe — disse ele, como se a palavra fosse um veneno em sua boca. — Minha tia. Minha mãe quis ver ela mesma a menina.

— Alaïs — sussurrou Guilhem, incrédulo. — Quantos anos têm essa menina?

Ele podia sentir o cheiro do medo na pele de Evreux.

— Como vou saber? Nove, dez.

— E o pai? Ele também morreu?

Evreux tentou se mexer. Guilhem aumentou a pressão em seu pescoço e girou a lâmina para que a ponta fizesse pressão abaixo da orelha de Evreux, pronta para cortar.

— Ele é soldado, um dos homens de Pierre-Roger de Mirepoix.

Guilhem entendeu imediatamente.

— E você mandou um dos seus homens garantirem que ele não viva para ver o sol nascer — disse ele.

A lâmina da adaga de Guilhem reluziu ao refletir a claridade emitida pela vela.

— Quem é você?

— Guilhem o ignorou.

— Onde está o senhor Evreux? Por que ele não está aqui?

— Meu pai morreu — disse ele. Não havia pesar em sua voz, apenas uma espécie de orgulho fanfarrão que Guilhem não conseguiu entender. — Agora sou eu o dono das propriedades dos Evreux.

Guilhem riu.

— Melhor dizendo, sua mãe é.

O rapaz se retraiu como se houvesse levado um tapa.

— Diga-me, senhor Evreux, o que a sua mãe quer com a menina? — perguntou Guilhem com desprezo, enfatizando o tratamento.

— Que importância tem isso? Ela é filha de hereges. Deveriam ter queimado todos eles.

Guilhem sentiu o arrependimento de Evreux com sua súbita perda de controle no instante em que ele pronunciou as palavras, mas era tarde demais. Guilhem flexionou o braço e arrastou a faca de uma orelha a outra, cortando a garganta do rapaz.

— Per lo Miègjorn — disse. Pelo Midi.

O sangue esguichou do corte em jatos sobre os tapetes caros. Guilhem o soltou e Evreux caiu para frente.

— Se o seu criado voltar logo, talvez você viva. Se não, é melhor rezar para Deus perdoar os seus pecados.

Guilhem cobriu a cabeça com o capuz e saiu correndo dali. Precisava encontrar Sajhë de Servian antes do homem de Evreux.

O pequeno grupo percorria aos solavancos seu caminho pedregoso na noite fria.

Oriane já estava arrependida da decisão de trazer a calèche. Teriam ido mais depressa a cavalo. As rodas de madeira batiam e ralavam nas pedras e no chão duro, congelado.

Evitaram as estradas principais para entrar e sair do vale, onde ainda havia barricadas, e durante as primeiras horas rumaram para o sul. Então, à medida que

o crepúsculo invernal cedia lugar ao breu da noite, mudaram o rumo para sudeste.

Bertrande dormia, o capuz puxado sobre a cabeça para manter afastado o vento
337

cortante que soprava por baixo dos toldos erguidos acima da carroça. Sua conversa incessante havia deixado Oriane irritada. A menina a havia bombardeado de perguntas sobre a vida em Carcassonne nos velhos tempos, antes da guerra.

Oriane lhe dera de comer biscoitos, pão doce e vinho com especiarias, com uma poção sonífera forte o suficiente para fazer um soldado dormir durante dias. Por fim, a criança parou de falar e caiu em um sono profundo.

— Acorde!

Sajhë podia ouvir alguém falando. Um homem. Perto.

Tentou se mexer. A dor varou cada canto de seu corpo. Faíscas azuis piscaram atrás de seus olhos.

— Acorde! — Dessa vez, a voz foi mais insistente.

Sajhë se retraiu quando algo frio foi encostado em seu rosto machucado, aliviando a dor da pele. Lentamente, a lembrança dos golpes desferidos em sua cabeça, em seu corpo, nele todo, foi voltando.

Será que estava morto?

Então se lembrou. Alguém havia gritado mais embaixo na encosta, berrando para os soldados pararem. Seus atacantes, surpreendidos, haviam recuado. Alguém, um comandante, dava ordens em francês. Ele havia sido arrastado montanha abaixo.

Talvez não estivesse morto.

Sajhë tentou se mexer outra vez. Podia sentir algo rígido nas costas. Percebeu que seus ombros estavam repuxados com força para trás. Tentou abrir os olhos, mas descobriu que um deles se mantinha fechado, de tão inchado. Por conta

disso, seus outros sentidos estavam mais aguçados. Tinha consciência do movimento dos cavalos batendo os cascos no chão. Podia ouvir o barulho do vento, o grito dos noitibós e uma solitária coruja. Eram sons que ele compreendia.

— Consegue mexer as pernas? — perguntou o homem.

Sajhë ficou surpreso ao constatar que sim, embora a dor fosse cruel. Um dos soldados havia pisado em seu tornozelo quando ele estava caído no chão.

— Você consegue montar?

Sajhë viu o homem passar por trás dele para cortar as cordas que prendiam seus braços à estaca, e percebeu que havia nele algo conhecido. Algo que ele reconhecia em sua voz, na maneira como movia a cabeça.

Sajhë se levantou com dificuldade.

— A que devo esta gentileza? — perguntou, esfregando os pulsos. De repente, Sajhë entendeu. Viu-se novamente como um menino de 11 anos, que escalava os muros do Château Comtal e percorria as ameias à procura de Alaïs.

Que escutava à janela e ouvia o riso dela flutuar na brisa. Uma voz de homem dizendo coisas, provocando.

— Guilhem du Mas — disse ele devagar.

— Guilhem se deteve e olhou com surpresa para Sajhë.

— Já nos conhecemos, amigo?

— Você não iria se lembrar — respondeu Sajhë, mal conseguindo encarar o outro de frente. — Diga-me, amic — falou, enfatizando a palavra —, o que você quer de mim?

— Eu vim... — Guilhem estava espantado com a hostilidade do outro.

— Você é Sajhë de Servian?

— Que diferença faz?

— Pelo bem de Alaïs, que nós dois... — Guilhem calou-se e se recompôs. — A irmã

dela, Oriane, está aqui com um dos filhos. Eles fazem parte do exército dos cruzados.

Oriane veio buscar o livro.

Sajhë o encarou.

— Que livro? — perguntou agressivo.

Guilhem insistiu sem lhe dar atenção.

— Oriane descobriu que vocês tinham uma filha. Ela levou a menina. Não sei para onde estão indo, mas saíram do acampamento logo depois do crepúsculo. Eu vim contar isso a você e oferecer minha ajuda. — Ele se levantou. — Mas, se você não quiser...

Sajhë sentiu a cor se esvair de seu rosto.

— Espere! — gritou.

— Se você quiser recuperar sua filha viva — continuou Guilhem, sem vacilar —, sugiro que deixe de lado sua antipatia por mim, qualquer que seja o seu motivo.

Guilhem estendeu a mão para ajudar Sajhë.

— Você sabe para onde é provável Oriane ter levado a menina?

Sajhë encarou o homem que havia passado a vida inteira odiando, e então, pelo bem de Alaïs e de sua filha, aceitou a mão estendida.

— A menina tem nome — disse. — O nome dela é Bertrande.

CAPÍTULO 77

Pic de Soularac

Sexta-feira, 8 de julho de 2005.

Audric e Alice escalaram a montanha em silêncio.

Coisas demais haviam sido ditas, tornando quaisquer outras palavras desnecessárias. Audric ofegava, mas mantinha os olhos colados no chão a seus pés e não tropeçou nenhuma vez.

— Não pode ser muito mais longe — disse ela, tanto para si mesma quanto para ele.

— Não.

Cinco minutos depois, Alice percebeu que haviam chegado à escavação pelo lado oposto ao estacionamento. Não restava mais nenhuma barraca, mas havia vestígios da ocupação recente: pedaços de terreno marrons e ressecados, algum lixo esquecido para trás. Alice percebeu uma colher de pedreiro e um prego de barraca, que pegou e pôs no bolso.

Continuaram subindo e viraram à esquerda até chegarem à pedra grande que Alice havia tirado do lugar. Estava emborcada abaixo da entrada da câmara, exatamente onde havia caído. Sob a luz branca e fantasmagórica da lua, parecia a cabeça de um ídolo vencido.

Será que foi mesmo só na segunda-feira?

Baillard parou e recostou-se na pedra para recuperar o fôlego.

339

— Não falta muito agora — disse ela, tentando reconfortá-lo. — Sinto muito. Eu deveria ter avisado ao senhor que era tão íngreme.

Audric sorriu.

— Eu me lembro — disse ele. Segurou a mão dela. Tinha a pele tão fina que parecia papel. — Quando chegarmos à caverna, você vai esperar até eu dizer que é

seguro vir atrás de mim. Tem de me prometer que vai ficar escondida.

— Eu ainda não acho que seja uma boa idéia o senhor entrar aí sozinho — disse ela, teimosa. — Mesmo que esteja certo, e eles só cheguem depois que escurecer, o senhor poderia ficar preso. Eu queria que me deixasse ajudá-lo, Audric. Se eu entrar com o senhor, posso ajudar a procurar o livro. Vai ser mais rápido a dois, mais fácil. Podemos entrar e sair em minutos. Depois podemos nos esconder os dois aqui fora e ver o que acontece.

— Me perdoe, mas é melhor nós nos separarmos.

— Eu realmente não entendo por que, Audric. Ninguém sabe que estamos aqui. Não deveria ter nenhum problema — disse ela, mesmo seu sentimento sendo totalmente diferente.

— Você é muito corajosa, madomaisèla — disse ele baixinho. — Como ela. Alaïs sempre punha a segurança dos outros na frente da sua. Ela fez muitos sacrifícios pelas pessoas que amava.

— Ninguém está sacrificando nada — disse Alice, incisiva. O medo a deixava nervosa. — E eu ainda não entendi por que o senhor não me deixou vir mais cedo.

Poderíamos ter entrado na câmara enquanto ainda era dia, sem correr o risco de sermos surpreendidos.

Baillard agiu como se ela não tivesse dito nada.

— Você telefonou para o inspetor Noubel? — perguntou ele.

Não adianta discutir. Não agora.

— Telefonei — disse ela, dando um suspiro profundo. — Eu disse o que o senhor me mandou dizer.

— Ben — disse ele baixinho. — Entendo que pense que estou sendo irracional, madomaisèla, mas você vai ver. Tudo precisa acontecer na hora certa, na ordem certa.

Sem isso não haverá verdade.

— Verdade? — repetiu ela. — O senhor já me contou tudo que havia para

contar, Audric. Tudo. Agora, minha única preocupação é tirar a Shelagh e o Will daqui inteiros.

— Tudo? — perguntou ele baixinho. — Será que isso existe?

Audric se virou e levantou os olhos para a entrada, uma pequena abertura preta na parede de pedra.

— Uma verdade pode contradizer outra — murmurou. — Hoje não é ontem. — Ele segurou o braço dela. — Vamos completar a última parte da nossa jornada? —perguntou.

Alice olhou para ele intrigada, perguntando-se o que o havia dominado. Ele estava calmo, pensativo. Uma espécie de aceitação passiva havia se apoderado dele, enquanto ela estava muito nervosa, assustada com todas as coisas que poderiam dar errado, aterrorizada que Noubel chegasse tarde demais, com medo de que, no final das contas, Audric estivesse errado.

E se eles já estiverem mortos?

Alice afastou aquela idéia. Não podia se permitir pensar assim. Precisava continuar acreditando que tudo iria ficar bem.

340

Na entrada, Audric se virou e sorriu para ela, seus olhos salpicados de âmbar cintilando de ansiedade.

— O que foi Audric? — perguntou ela depressa. — Alguma coisa está acontecendo...

— Ela se interrompeu incapaz de encontrar a palavra que queria. — Alguma coisa...

— Eu estou esperando há muito tempo — disse ele, manso.

— Esperando? Para encontrar o livro?

— Ele fez que não com a cabeça.

— Pela redenção — falou.

— Redenção? Mas redenção de quê? — Alice ficou pasma ao perceber que os olhos dele estavam marejados de lágrimas. Mordeu o próprio lábio para segurar o choro. —

Não estou entendendo, Audric — disse ela, com a voz embargada.

— Pas a pas se va luènh — disse ele. — Você viu essas palavras gravadas no alto dos degraus da câmara?

Alice olhou para ele, surpresa.

— Vi, mas como...

Ele estendeu a mão para pegar a lanterna.

— Preciso entrar.

Lutando com as próprias emoções conflitantes, Alice lhe entregou a lanterna sem dizer mais nada. Viu-o descer pelo túnel e esperou até o último pontinho de luz ter desaparecido antes de se virar.

O canto de uma coruja próxima a sobressaltou. O menor barulho parecia amplificado uma centena de vezes. Havia algo de maligno naquela escuridão. As árvores que se erguiam acima dela, a sombra impressionante da montanha em si, o modo como as pedras pareciam adquirir formas desconhecidas, ameaçadoras. Ao longe, em uma estrada em algum lugar no vale lá embaixo, ela pensou ter escutado o barulho de um carro.

Então o silêncio retornou.

Alice olhou para o relógio. Eram nove e quarenta.

As quinze para as dez, dois faróis potentes iluminaram o estacionamento no sopé

do Pic de Soularac.

Paul Authié desligou o carro e desceu. Ficou surpreso ao ver que François-Baptiste não estava ali à sua espera. Authié ergueu os olhos em direção à caverna

com uma súbita onda de alarme, pensando que eles já poderiam estar dentro da câmara.

Forçou-se a não pensar naquilo. Seus nervos estavam começando a dominá-lo.

Braissart e Domingo haviam saído dali uma hora atrás. Se Marie-Cécile e o filho houvessem aparecido, ele saberia.

Sua mão tocou o detonador em seu bolso, programado para disparar as bombas e já em contagem regressiva. Ele não precisava fazer nada. Só esperar. E observar.

Authié tateou a cruz pendurada em seu pescoço e começou a rezar.

Um barulho na floresta ao redor do estacionamento chamou sua atenção. Authié

abriu os olhos. Não conseguia ver nada. Voltou para o carro e ligou o farol alto. As árvores saltaram da escuridão em sua direção, descoradas.

Ele protegeu os olhos com a mão e tornou a olhar. Dessa vez, detectou movimentos nos arbustos cerrados.

— François-Baptiste?

Ninguém respondeu. Authié podia sentir os cabelos curtos eriçados na nuca.

— Não temos tempo para isso — gritou para a escuridão, imprimindo na voz um tom de irritação. — Se quiser o livro e o anel, saia daí para eu poder ver você.

Authié começou a se perguntar se havia avaliado mal a situação.

— Estou esperando! — gritou.

Dessa vez, escutou alguma coisa. Reprimiu um sorriso enquanto uma pessoa tomava forma entre as árvores.

— Cadê a O´Donnell?

Authié quase riu alto ao ver François-Baptiste andando em sua direção, vestido com um paletó muito acima do seu tamanho. Era uma visão patética.

— Você está sozinho? — perguntou ele.

— Não interessa, porra — respondeu o outro, parando na orla da floresta. — Cadê a Shelagh O´donnell?

Authié fez um gesto com a cabeça na direção da caverna.

— Já está lá em cima esperando você, François-Baptiste. Achei bom ir adiantando as coisas. — Ele deu uma risada curta. — Não acho que ela vá te dar muito trabalho.

— E o livro?

— Está lá dentro também. — Ele sacudiu as mangas da camisa. — O anel também. Tudo entregue como prometido. E dentro do prazo.

François-Baptiste deu uma risada aguda.

— E embrulhado para presente também, imagino — disse, sarcástico.

— Você não espera que eu acredite que simplesmente deixou eles lá?

Authié olhou para ele com desprezo.

— O meu trabalho era recuperar o livro e o anel, e foi isso que eu fiz.

Também devolvi a sua... como podemos chamar? A sua espiã, ao mesmo tempo.

Pode dizer que foi filantropia da minha parte. — Ele estreitou os olhos. — O que madame de lÓradore decidir fazer com a mulher é problema dela. A dúvida atravessou o rosto do rapaz.

— E tudo isso por causa do seu bom coração?

— Tudo pela Noublesso Véritable — disse Authié, dócil. — Ou será que você ainda não foi convidado para fazer parte dela? Imagino que não faça diferença você ser só

filho dela. Vá dar uma olhada. Ou será que a sua mãe já está lá em cima se preparando?

François-Baptiste lançou-lhe um olhar irado.

— Você achou que ela não tivesse me contado? — Authié deu um passo na direção do rapaz. — Acha que eu não sei o que ela faz? — Podia sentir a raiva inflando dentro dele. — Você viu a sua mãe, François-Baptiste? Viu o êxtase na cara dela quando ela diz aquelas palavras obscenas, aquelas palavras blasfemas? É uma ofensa a Deus!

— Você não se atreva a falar dela desse jeito! — disse o rapaz, a mão voando para o bolso do paletó.

Authié riu.

— Isso. Ligue pra ela. Ela vai te dizer o que fazer. Vai te dizer o que pensar. Não faça nada antes de falar com ela primeiro.

Virou-lhe as costas e começou a andar de volta para o carro. Ouviu a trava de segurança se soltar segundos antes de entender do que se tratava. Sem acreditar, Authié

deu meia-volta. Foi lento demais. Ouviu o estalo das balas partindo, uma, duas, em 342



rápida sucessão.

A primeira errou feio. A segunda o atingiu na coxa. A bala varou-lhe a perna, espatifando o osso, e saiu pelo outro lado. Authié caiu no chão, aos gritos, enquanto era tomado pelo choque da dor.

François-Baptiste caminhava em sua direção, segurando a arma na frente do corpo com as duas mãos. Authié tentou fugir rastejando, deixando um rastro de sangue no cascalho atrás de si, mas o rapaz já estava ao seu lado.

Por um instante, seus olhos se encontraram. Então François-Baptiste tornou a

atirar.

Alice sobressaltou-se

O som dos tiros ecoou pelo ar parado da montanha. Ricocheteou nas pedras e reverberou à sua volta.

Seu coração disparou. Ela não conseguia distinguir de onde tinham vindo os tiros.

Em casa, saberia que era apenas um fazendeiro abatendo coelhos ou corvos.

Não parecia uma espingarda.

Deitou-se no chão, o mais silenciosamente de que foi capaz, e espiou pela escuridão em direção a onde achava que ficava o estacionamento. Ouviu a porta de um carro bater. Então distinguiu o som de vozes humanas, as palavras trazidas pelo ar.

O que Audric está fazendo lá dentro?

As vozes estavam bem distantes, mas ela podia sentir sua presença na montanha.

Alice ouvia o barulho ocasional de um pedregulho quando os pés deles chutavam o cascalho e as pedrinhas do caminho. O estalo de um graveto.

Alice se aproximou mais da entrada, lançando olhares desesperados na direção da caverna como se, pela simples força da sua vontade, pudesse fazer Audric se materializar na escuridão.

Por que ele não vem?

— Audric? — sussurrou. — Está vindo alguém. Audric?

Nada além de silêncio. Alice espiou para dentro do breu do túnel que se estendia à

sua frente e sentiu a coragem vacilar.

Mas você precisa avisá-lo.

Rezando para não ter demorado demais, Alice se virou e desceu o túnel correndo em direção à câmara do labirinto.

CAPITULO 78

Los Seres

Març 1244

Apesar dos ferimentos de Sajhë, viajaram depressa, saindo de Monségur e seguindo o curso do rio para o sul. Viajavam com pouca bagagem e cavalgavam depressa, parando apenas para descansar e dar de beber aos cavalos, usando as espadas para quebrar o gelo 343

do rio. Guilhem viu imediatamente que as habilidades de Sajhë superavam as suas.

Conhecia um pouco do passado de Sajhë: sabia que ele levava recados dos parfaits até os vilarejos longínquos e isolados dos Pireneus, e que dava informações aos combatentes rebeldes. Era óbvio que o homem mais jovem conhecia todos os vales e cumes transitáveis, e todos os atalhos escondidos nas matas, nos desfiladeiros e nas planícies.

Ao mesmo tempo, Guilhem tinha consciência da intensa antipatia de Sajhë, embora este nada dissesse. Aquilo parecia um sol quente queimando sua nuca. Guilhem conhecia a reputação de Sajhë de homem leal, corajoso e honrado, disposto a morrer lutando por aquilo em que acreditava. Apesar da animosidade dele, Guilhem podia entender por que Alaïs havia amado aquele homem e tido um filho com ele, embora pensar nisso fosse como cravar uma faca no próprio coração.

A sorte estava do lado deles. Não houve mais nevascas durante a noite. O dia seguinte, 19 de março, amanheceu ensolarado e claro, com poucas nuvens e pouco vento.

Sajhë e Guilhem chegaram a Los Seres ao entardecer. A aldeia ficava aninhada em um pequeno vale abrigado e, apesar do frio, pairava no ar o suave cheiro da primavera.

As árvores nos arredores da aldeia estavam salpicadas de brotos verdes e

brancos. As primeiras flores da primavera surgiam tímidas nas sebes e margens da estrada pela qual subiam, rumo ao pequeno aglomerado de casas. A aldeia parecia deserta, abandonada.

Os dois homens desmontaram e puxaram os cavalos pelo resto do caminho até o centro da aldeia. O barulho das ferraduras dos animais batendo no sílex e na pedra do chão duro ecoava alto no silêncio. Algumas volutas de fumaça flutuavam cautelosamente de uma ou duas das casas. Olhos espiaram desconfiados pelas fendas e rachaduras das persianas, depois sumiram rapidamente. Era raro que desertores franceses subissem tão alto nas montanhas, mas não impossível. Geralmente eles traziam problemas.

Sajhë amarrou o cavalo ao lado do poço. Guilhem fez o mesmo, depois seguiu o outro homem, que cruzou o centro da aldeia até uma pequena habitação. Faltavam telhas no telhado e as persianas precisavam de conserto, mas as paredes eram sólidas.

Guilhem pensou que não seria necessário muito esforço para recuperar a casa.

Guilhem esperou Sajhë empurrar a porta. A madeira, inchada pela umidade e emperrada por falta de uso, prendeu nas dobradiças, depois se abriu o suficiente para Sajhë conseguir entrar.

Guilhem foi atrás, sentindo no rosto o impacto do ar úmido, como o de uma tumba, anestesiando seus dedos. Um monte de folhas misturadas com palha e terra estava empilhado junto à parede em frente à porta, claramente trazido pelos ventos do inverno.

Havia estalactites de gelo do lado de dentro das janelas e, como uma franja irregular, na parte baixa do parapeito.

Sobre a mesa havia os restos de uma refeição. Uma velha jarra, pratos, canecas e uma faca. Uma camada de mofo cobria a superfície do vinho, como plantas verdes na superfície de um lago. Os bancos estavam arrumados com capricho junto à parede.

— Esta é a casa de vocês? — perguntou Guilhem com a voz suave.

— Sajhë assentiu.

— Quando vocês foram embora?

— Um ano atrás.

No centro do aposento, um caldeirão enferrujado estava suspenso acima de uma pilha de cinzas e madeira carbonizada, consumida havia muito tempo. Guilhem ficou olhando com pena enquanto Sajhë se inclinava e ajeitava a tampa.

Nos fundos da casa havia uma cortina rasgada. Ele a levantou para revelar outra mesa, com uma cadeira de cada lado. A parede estava coberta de prateleiras estreitas, 344

quase vazias. Um velho pilão, algumas vasilhas e conchas, uns poucos jarros, tudo recoberto de poeira, eram só o que havia sobrado. Acima da prateleira, pequenos ganchos haviam sido instalados no teto baixo, e deles ainda pendiam uns poucos molhos empoeirados de ervas. Um galho petrificado de ênula e outro de folhas de mirtilo.

— Para os remédios dela — disse Sajhë, pegando Guilhem de surpresa.

— Ele estava imóvel, as mãos unidas na frente do corpo, sem querer interromper as recordações de Sajhë.

— Todo mundo vinha vê-la, homens e mulheres. Quando estavam doentes, ou quando seu espírito estava perturbado, para manter os filhos saudáveis durante o inverno.

Bertrande... Alaïs a deixava ajudar com as preparações e entregar pacotes nas casas Sajhë hesitou, em seguida se calou. Guilhem tinha consciência do bolo em sua própria garganta. Ele também se lembrava das garrafas e jarros com que Alaïs havia enchido seu quarto no Château Comtal, a concentração silenciosa com a qual ela trabalhava.

Sajhë soltou a cortina. Testou os degraus da escada, depois subiu cuidadosamente até a plataforma superior. Ali, apodrecida de mofo e suja pelos dejetos dos animais, havia uma pilha de velhos cobertores e palha podre, tudo que restava de onde a família dormia.

Um único castiçal, ainda com vestígios de cera, estava pousado ao lado da cama, com as manchas de fumaça reveladoras espalhadas como uma mancha na parede

atrás.

Guilhem não suportou mais presenciar a dor de Sajhë e foi esperar do lado de fora.

Não tinha o direito de se intrometer.

Algum tempo depois, Sajhë reapareceu. Tinha os olhos vermelhos, mas suas mãos estavam firmes quando ele se encaminhou decidido até Guilhem, que estava em pé no ponto mais alto da aldeia, olhando para o oeste.

— A que horas amanhece aqui? — perguntou ele quando Sajhë se aproximou.

Os dois homens tinham mais ou menos a mesma altura, embora as rugas no rosto de Guilhem e suas mechas de cabelos grisalhos traíssem o fato de que ele estava uns 15 anos mais perto do túmulo.

— O sol nasce tarde nas montanhas nesta época do ano.

Guilhem ficou alguns instantes em silêncio.

— O que você quer fazer? — perguntou, respeitando o direito de Sajhë de decidir o que fariam a partir dali.

— Precisamos pôr os cavalos no estábulo, depois encontrar algum lugar onde dormir. Duvido que eles cheguem aqui antes de amanhã de manhã.

— Você não quer... — começou Guilhem, olhando na direção da casa.

— Não — disse Sajhë depressa. — Ali não. Sei de uma mulher que pode nos dar comida e abrigo por esta noite. Amanhã temos de subir mais um pouco a montanha e montar acampamento em algum lugar perto da caverna para esperar por eles.

— Você acha que Oriane não vai passar pela aldeia?

— Ela vai adivinhar onde Alaïs escondeu o Livro das Palavras. Teve tempo suficiente para estudar os dois outros livros nestes últimos trinta anos.

Guilhem lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Ela está certa? O livro está na caverna?

Sajhë o ignorou.

— Não entendo como Oriane convenceu Bertrande a ir com ela — falou. — Eu disse a ela para não sair de lá sem mim. Para esperar até eu chegar.

Guilhem não disse nada. Não havia nada que pudesse dizer para aliviar os temores 345

de Sajhë. A raiva do homem mais jovem logo se dissipou.

— Você acha que Oriane trouxe os dois outros livros? — perguntou ele de repente.

Guilhem sacudiu a cabeça, fazendo que não.

— Imagino que os livros estejam seguros nos cofres dela em algum lugar em Evreux ou Chartres. Por que ela se arriscaria a trazê-los até aqui?

— Você a amava?

A pergunta pegou Guilhem desprevenido.

— Eu a desejava — respondeu ele devagar. — Estava enfeitiçado, encantado com minha própria importância, eu...

— Oriane, não — disse Sajhë, abrupto. — Alaïs.

Guilhem teve a sensação de que uma tira de ferro se apertava em volta de seu pescoço.

— Alaïs — murmurou. Por um instante, ficou imerso nas próprias lembranças, até a força do olhar intenso de Sajhë o trazer de volta ao frio presente.

— Depois... — Ele vacilou. — Depois que Carcassona caiu, eu só a vi uma vez.

Durante três meses, ela ficou comigo. Ela havia sido presa pelos inquisidores, e...

— Eu sei! — gritou Sajhë, e em seguida sua voz pareceu desmoronar. —Eu sei

tudo isso.

Sem entender a reação de Sajhë, Guilhem manteve os olhos fixos à frente. Para a própria surpresa, percebeu que estava sorrindo.

— Amava sim. — As palavras escaparam-lhe dos lábios. — Eu a amava mais do que o mundo. Mas só entendi como o amor é uma coisa, preciosa, como é frágil, depois que já o havia espatifado com minhas próprias mãos.

— Por isso você a deixou ir embora. Depois de Tolosa. E ela voltou para cá.

Guilhem assentiu.

— Depois daquelas semanas juntos, Deus sabe como foi difícil ficar longe dela. Vê-la de novo, só mais uma vez... Eu esperava que, quando tudo isto terminasse, nós pudéssemos ficar... Mas obviamente ela encontrou você. E agora, hoje...

Guilhem não conseguiu continuar. Lágrimas inundaram seus olhos, fazendo-os arder com o frio. Ao seu lado, sentiu Sajhë se mexer. Por um instante, algo mudou na atmosfera entre os dois.

— Perdoe-me. Por ter me deixado levar por meus sentimentos na sua frente. —

Ele respirou fundo. — A recompensa que Oriane prometeu pela cabeça de Alaïs era substancial, e constituía uma tentação até mesmo para quem não tivesse motivo para desejar o mal de Alaïs. Eu paguei os espiões de Oriane para que passassem informações falsas. Durante quase trinta anos, ajudei a mantê-la segura.

Guilhem tornou a se calar, com a imagem do livro em chamas contra a capa vermelha carbonizada surgindo em sua mente como um convidado indesejado.

— Eu não sabia que a fé dela era tão forte — disse ele. — Ou que seu desejo de manter o Livro das Palavras longe de Oriane a levasse a ações tão radicais.

Olhou para Sajhë, tentando ler a verdade escrita nos olhos dele.

— Eu queria que ela não tivesse escolhido morrer — disse, com simplicidade. — Por você, o homem que ela escolheu, e por mim, o tolo que teve o amor dela e o perdeu. —

Ele hesitou. — Mas, sobretudo, pelo bem da filha dela. Saber que Alaïs...

— Por que você está nos ajudando? — interrompeu Sajhë. — Por que veio até

aqui?

346

— Até Montségur?

Sajhë sacudiu a cabeça, fazendo que não.

— Não, Montségur não. Aqui. Agora.

— Vingança — respondeu Guilhem.

CAPÍTULO 79

Alaïs acordou com um pulo, rígida e com frio. Uma delicada luz púrpura varria a paisagem cinza e verde na aurora. Uma fraca bruma branca cobria os arroios e fendas da encosta da montanha, silenciosa e parada.

Ela olhou para Harif. Ele dormia tranqüilamente, com a capa forrada de pele levantada até as orelhas. O dia e a noite passados viajando haviam sido difíceis para ele.

O silêncio pesava sobre a montanha. Apesar do frio nos ossos e do desconforto, Alaïs estava gostando daquela solidão, depois dos meses de superpopulação e confinamento em Montségur. Tomando cuidado para não incomodar Harif, levantou-se e se espreguiçou, depois enfiou a mão em uma das sacolas penduradas na sela para partir um pedaço de pão. Estava duro como lenha. Serviu-se uma caneca do espesso vinho vermelho da montanha, que havia perdido quase todo o gosto por causa do frio.

Mergulhou nele o pão para amolecê-lo, depois comeu depressa, antes de preparar a comida dos outros.

Mal se atrevia a pensar em Bertrande e em Sajhë, e em onde poderiam estar naquele momento. Ainda estariam no acampamento? Estariam juntos ou separados?

O grito de uma coruja voltando de sua caça noturna varou o ar. Alaïs sorriu, tranqüilizada pelos sons conhecidos. Animais corriam em meio à vegetação rasteira, com movimentos repentinos de garras e dentes. Nos bosques dos vales mais abaixo, lobos uivavam denunciando sua presença. Aquilo servia para lhe lembrar que o mundo continuava o mesmo, e seus ciclos mudavam com as estações, sem ela.

Ela acordou os dois guias e lhes disse que a comida estava pronta, depois levou os cavalos até o regato e quebrou o gelo com o cabo da espada para que pudessem beber.

Então, quando a luz ficou mais forte, foi acordar Harif. Sussurrou-lhe palavras na língua dele e pousou a mão delicadamente em seu braço. Ultimamente, ele muitas vezes acordava aflito.

Harif abriu os olhos castanhos de sobrancelhas grossas, agora embaçados pela idade.

— Bertrande?

— Sou eu, Alaïs — disse ela, mansamente.

Harif piscou os olhos, confuso ao se ver naquela paisagem cinzenta de montanha.

Alaïs imaginou que ele estivesse sonhando de novo com Jerusalém, com as curvas e formas das mesquitas e com o chamado para a prece dos fiéis sarracenos, com suas viagens pelo oceano infinito do deserto.

Nos anos que haviam passado na companhia um do outro, Harif lhe falara sobre as especiarias aromáticas, as cores vividas e o gosto apimentado da comida, o brilho terrível do sol vermelho-sangue. Contara-lhe histórias sobre como havia usado os longos anos de sua vida. Falara-lhe sobre o Profeta e sobre a antiga cidade de Avaris, sua primeira casa.

Contara-lhe histórias sobre o pai dela quando jovem, e sobre a Noublesso.

Enquanto olhava para ele, para sua pele morena acinzentada pela idade, para seus cabelos outrora pretos e agora inteiramente brancos, o coração dela se apertou. Ele era 347

velho demais para aquele combate. Já tinha visto coisas demais, presenciado coisas demais, para que tudo terminasse de forma tão dura.

Harif havia deixado sua última viagem para tarde demais. E Alaïs sabia, embora ele nunca houvesse dito isso, que eram apenas os pensamentos sobre Los Seres e Bertrande que lhe davam forças para seguir em frente.

— Alaïs — disse ele baixinho, acostumando-se ao lugar onde estava. — Sim.

— Não vai demorar muito mais — disse ela, ajudando-o a se levantar.

— Estamos quase em casa.

Sentados encolhidos debaixo do abrigo da montanha, fora do alcance das ferozes garras do vento, Guilhem e Sajhë conversaram pouco.

Várias vezes Guilhem havia tentado iniciar uma conversa, mas fora derrotado pelas respostas taciturnas de Sajhë. Por fim, desistiu de tentar e recolheu-se para seu próprio mundo particular, o que era justamente a intenção de Sajhë.

A consciência de Sajhë o atormentava. Ele havia passado uma vida inteira primeiro invejando Guilhem, depois o odiando, e finalmente tentando esquecê-lo. Havia tomado o lugar de Guilhem ao lado de Alaïs, mas nunca em seu coração. Ela permanecera fiel a seu primeiro amor. O sentimento havia resistido, apesar da ausência e do silêncio.

Sajhë conhecia a coragem de Guilhem, seu longo e destemido combate para expulsar os cruzados do Pays dÓc, mas não queria se pegar gostando do outro homem, admirando-o. Tampouco queria sentir pena dele. Podia ver como ele estava sofrendo por Alaïs. Sua expressão falava de um profundo pesar, de arrependimento. Sajhë não conseguia se forçar a falar. Mas odiava a si mesmo por não fazê-lo.

Esperaram o dia inteiro, dormindo alternadamente. Quando já era quase noite, um bando de corvos levantou vôo subitamente mais abaixo nas encostas, ganhando o ar como as cinzas de um fogo quase apagado. Giravam, flutuavam e grasnavam, batendo o ar frio com as asas.

— Está vindo alguém — disse Sajhë, imediatamente alerta.

Espiou de trás da grande pedra que ficava equilibrada no estreito parapeito acima da entrada da caverna, como se houvesse sido posta ali pela mão de um gigante.

Não conseguia ver nada, nenhum movimento mais embaixo. Com cuidado, Sajhë

saiu de seu esconderijo. Tudo doía, seu corpo inteiro estava enrijecido; era uma combinação dos efeitos do espancamento com falta de atividade. Suas mãos estavam dormentes, as juntas irritadas, vermelhas e rachadas. Seu rosto era um emaranhado de hematomas e pele cortada.

Sajhë passou o corpo para o outro lado do parapeito de pedra e pulou para o chão.

Aterrissou de mau jeito. A dor subiu de seu tornozelo como uma corrente elétrica.

— Passe minha espada — pediu, levantando o braço.

Guilhem entregou-lhe a arma, depois desceu e foi até onde ele estava em pé olhando para o vale.

Ouviu-se uma saraivada de vozes distantes. Então Sajhë viu uma fina coluna de fumaça subir por entre os galhos pelados das árvores, muito tênue na luz fraca.

Olhou para o horizonte, onde a terra púrpura e o céu cada vez mais escuro se encontravam.

— Eles estão vindo pelo caminho sudeste — disse ele —, o que quer dizer que Oriane sequer passou pela aldeia. Dessa direção, não vão conseguir chegar mais perto com os cavalos. O terreno é acidentado demais. Há arreios com despenhadeiros escarpados dos dois lados. Eles vão ter de continuar a pé.

Pensar em Bertrande, tão perto, de repente foi mais do que ele conseguiu suportar.

— Eu vou descer.

— Não! — disse Guilhem depressa, depois baixou a voz. — Não. É arriscado demais. Se eles virem você, vai pôr em perigo a vida de Bertrande. Sabemos que Oriane vai vir até a caverna. Aqui, temos o elemento surpresa a nosso favor. Precisamos esperar ela chegar até nós. — Ele fez uma pausa.

— Você não deve se culpar, meu amigo. Não poderia ter evitado isso.Siga seu plano e estará fazendo o bem da sua filha.

Sajhë sacudiu o corpo para livrar-se da mão que Guilhem havia pousado em seu braço.

— Você não tem idéia do que eu estou sentindo — disse ele, com a voz trêmula de fúria. — Como se atreve a pensar que me conhece?

Guilhem ergueu as mãos no gesto de alguém que se rende.

— Desculpe.

— Ela é só uma criança.

— Quantos anos ela tem?

— Nove — respondeu Sajhë, ríspido.

Guilhem franziu o cenho.

— Idade suficiente para entender, então — falou, pensando em voz alta.

— Mesmo que Oriane a tenha realmente convencido a sair do acampamento, em vez de forçá-la, é provável que a esta altura Bertrande já tenha percebido que alguma coisa está errada. Ela sabia que Oriane estava no acampamento? Ela sequer sabe que tem uma tia?

Sajhë assentiu.

— Ela sabe que Oriane não é amiga de Alaïs. Não teria ido com ela.

— Não se soubesse quem ela era — concordou Guilhem. — Mas e se não soubesse?

Sajhë pensou por um instante, depois sacudiu a cabeça.

— Mesmo assim, não posso acreditar que ela iria embora com uma desconhecida.

Nós fomos bem claros quando dissemos para ela nos esperar...

Ele se interrompeu, percebendo que quase havia se traído, mas Guilhem estava seguindo seu próprio raciocínio. Sajhë deu um suspiro de alívio.

— Acho que conseguiremos lidar com os soldados depois de termos resgatado Bertrande — disse Guilhem. — Quanto mais penso no assunto, mais provável acho que Oriane vá deixar os homens no acampamento e continuar sozinha com sua filha.

Sajhë começou a escutar.

— Continue.

— Oriane esperou mais de trinta anos por isto. A dissimulação para ela é tão natural quanto respirar. Não acho que ela vá correr o risco de alguma outra pessoa descobrir a localização exata da caverna. Ela não iria querer compartilhar o segredo e, como acredita que ninguém sabe onde ela está, a não ser o filho, não vai estar esperando nenhuma resistência.

Guilhem fez uma pausa.

— Oriane é... — Ele se interrompeu. — Para obter a Trilogia do Labirinto, Oriane mentiu, matou, traiu o pai e a irmã. Ela amaldiçoou a si mesma por causa dos livros.

— Matou?

— Seu primeiro marido, Jehan Congost, com certeza, embora não tenha ela mesma empunhado a faca.

— François — murmurou Sajhë, baixo demais para Guilhem ouvir. Um fragmento de memória, os gritos, os cascos do cavalo se debatendo em desespero enquanto homem e animal eram tragados pelo pântano movediço.

— E eu sempre acreditei que ela tivesse sido responsável pela morte de uma mulher a quem Alaïs queria muito bem — continuou Guilhem. — A esta altura já não me lembro o nome dela, mas era uma mulher sábia que morava na Ciutat. Ela ensinou tudo a Alaïs sobre medicamentos, como curar, como usar as dádivas da natureza para o bem. — Ele fez uma pausa. — Alaïs a amava.

Fora a teimosia que impedira Sajhë de revelar a própria identidade. Eram a teimosia e o ciúme que o impediam de dizer qualquer coisa sobre sua vida com Alaïs.

— Esclarmonde não morreu — disse ele, já incapaz de fingir. Guilhem ficou imóvel.

— O quê? — disse ele. — Alaïs sabe disso?

Sajhë assentiu.

— Quando ela fugiu do Château Comtal, foi com Esclarmonde e com seu neto que Alaïs buscou ajuda. Ela saiu...

O som da voz incisiva de Oriane, autoritária e fria, interrompeu a conversa. Os dois homens, ambos guerreiros das montanhas, jogaram-se no chão. Sem fazer um só ruído, desembainharam as espadas e ocuparam suas posições junto à entrada da caverna.

Sajhë se escondeu atrás de um pedaço de pedra logo abaixo da entrada, Guilhem atrás de um anel de arbustos de azarola, seus galhos pontiagudos e ameaçadores à luz do crepúsculo.

As vozes chegaram mais perto. Eles puderam ouvir as botas dos soldados, suas armaduras e fivelas batendo no sílex e nas rochas do caminho pedregoso.

Sajhë tinha a sensação de acompanhar Bertrande em cada um de seus passos.

Cada instante parecia uma eternidade. O som dos passos, o eco das vozes se repetiam vezes sem conta, e mesmo assim não pareciam chegar mais perto.

Por fim, duas figuras emergiram do abrigo das árvores. Oriane e Bertrande.

Como Guilhem havia intuído, elas estavam sozinhas. Sajhë pôde ver que

Guilhem o encarava, alertando-o para não se mexer ainda, para esperar até Oriane estar ao alcance das armas para poderem lhe tomar Bertrande com segurança.

Conforme as duas foram se aproximando, Sajhë cerrou os punhos para se forçar a não rugir de raiva. Na bochecha da menina havia um corte, destacando-se vermelho em seu rosto branco e gelado. Oriane havia atado uma corda ao pescoço de Bertrande, que descia por suas costas até as mãos amarradas pelo pulso atrás de sua cintura. Oriane segurava a outra ponta da corda. Com a mão direita, empunhava uma adaga, que usava para cutucar Bertrande nas costas e obrigá-la a avançar.

Bertrande caminhava de um jeito estranho e não parava de tropeçar. Ele apertou os olhos e viu que, debaixo das saias, seus tornozelos estavam amarrados um no outro. A pequena extensão de corda entre eles lhe permitia dar apenas passos bem curtos.

Sajhë se forçou a ficar parado, à espera, observando-as até chegarem à clareira que ficava logo abaixo da caverna.

— Você disse que ficava depois das árvores.

Bertrande murmurou alguma coisa, baixo demais para Sajhë poder escutar.

— Para o seu próprio bem, espero que esteja dizendo a verdade — disse Oriane.

— Está lá dentro — disse Bertrande. A voz dela soava firme, mas Sajhë pôde ouvir o terror ao fundo, e seu coração se contraiu.

O plano era emboscar Oriane na entrada da caverna. Ele se concentraria em pôr Bertrande fora do alcance de Oriane, e Guilhem em desarmar Oriane antes de ela ter oportunidade de usar a faca.

Sajhë olhou para Guilhem, que assentiu, avisando-lhe que estava pronto.

— Mas você não pode entrar — dizia Bertrande. — E um lugar sagrado.

— Ninguém pode entrar, só os Guardiães.

— É mesmo? — zombou ela. — E quem vai me impedir? Você? — Uma expressão de amargura tomou conta de seu rosto. — Você se parece tanto com ela que me deixa enjoada — falou, dando um puxão na corda em volta do pescoço de Bertrande e fazendo-a gritar de dor. — Alaïs estava sempre dizendo aos outros o que fazer. Sempre se achou melhor do que todos os outros.

— Não é verdade! — gritou Bertrande, corajosa, apesar da situação sem saída em que se encontrava. Sajhë rezou para que ela se calasse. Ao mesmo tempo, sabia que Alaïs ficaria orgulhosa da coragem da filha. Ele estava orgulhoso de sua coragem. Ela se parecia tanto com os pais.

Bertrande começou a chorar.

— Isso é errado. Você não pode entrar. Ele não vai deixar você entrar. O labirinto vai proteger o seu segredo, de você ou de qualquer outra pessoa de má intenção.

Oriane deu uma risada curta.

— Isso são só histórias para assustar crianças burras como você.

— Bertrande insistiu.

— Eu não vou levar você mais longe.

Oriane levantou a mão e bateu na menina, projetando-a em direção à pedra. Uma bruma vermelha inundou a mente de Sajhë. Em três ou quatro passadas, ele se jogou em cima de Oriane, soltando um grito visceral do fundo do peito.

Oriane reagiu muito depressa, puxando Bertrande para fazê-la ficar de pé e segurando a faca junto a seu pescoço.

— Que decepção. Achei que meu filho fosse capaz de lidar com um assunto tão simples. Você já estava preso, ou pelo menos me disseram que estava... mas não tem importância.

Sajhë sorriu para Bertrande, tentando reconfortá-la, apesar da situação terrível em que estavam.

— Largue a espada — disse Oriane, calma —, ou eu a mato.

— Desculpe ter desobedecido você, Sajhë — choramingou Bertrande — mas ela estava com o seu anel. Ela me disse que você a tinha mandado me buscar.

— Não era o meu anel, brava — disse Sajhë. Ele soltou a espada. A arma caiu com um ruído pesado sobre o chão duro.

— Melhor assim. Agora venha até aqui para eu poder olhar para você. Aí está bom.

Pare. — Ela sorriu. — Está sozinho?

Sajhë não disse nada. Oriane encostou a lâmina deitada sobre a garganta de Bertrande e deu um leve corte abaixo da orelha. Bertrande soltou um grito enquanto um filete de sangue escorria por seu pescoço, como uma fita vermelha sobre a pele pálida.

— Solte-a, Oriane. Não é ela que você quer, sou eu.

Ao som da voz de Alaïs, a própria montanha pareceu prender a respiração.

Seria um espírito? Guilhem não saberia dizer.

351

De repente, ele sentiu que todo o ar havia sido sugado de seu corpo, deixando-o oco e sem peso. Não se atrevia a se mexer em seu esconderijo, por medo de afugentar a aparição. Olhou para Bertrande, tão parecida com a mãe, e em seguida para a encosta onde Alaïs estava em pé, caso fosse mesmo Alaïs.

Um capuz de pele emoldurava seu rosto, e sua capa de montar, suja por causa da viagem, arrastava-se no chão branco e cinzento. Suas mãos, aquecidas por luvas de couro, estavam unidas na frente do corpo.

— Solte-a, Oriane.

Suas palavras quebraram o encanto.

— Mamà — gritou Bertrande, estendendo os braços em desespero.

— Não pode ser... — disse Oriane, apertando os olhos. — Você morreu. Eu vi

você

morrer.

Sajhë se jogou na direção de Oriane e tentou agarrar Bertrande, mas não foi rápido o suficiente.

— Não chegue mais perto — gritou Oriane, recuperando-se do susto.

— Tornou a arrastar Bertrande em direção à entrada da caverna. — Eu juro que vou matá-la.

— Mamà!

Alaïs deu outro passo à frente.

— Solte-a, Oriane. Seu problema é comigo.

— Não há problema nenhum, irmã. Você tem o Livro das Palavras. Eu o quero para mim. Cést pas difficile.

— E quando estiver com ele?

Guilhem estava fascinado. Ainda não conseguia acreditar na prova que tinha diante dos olhos: que aquela era mesmo Alaïs, como ele havia sonhado tantas vezes em sua imaginação, quando estava desperto e quando se deitava para dormir.

Um movimento chamou sua atenção: um cintilar de aço, de capacetes. Guilhem olhou com atenção. Dois soldados chegavam de mansinho por trás de Alaïs através dos densos arbustos. Ao ouvir o barulho de uma bota batendo na pedra, olhou para sua esquerda.

— Pegue-os!

O soldado que estava mais perto de Sajhë agarrou-lhe os braços e o segurou com firmeza, enquanto os outros saíam de onde estavam escondidos. Rápida como o corisco, Alaïs sacou a espada e deu meia-volta, deslizando a lâmina pelo flanco do soldado mais próximo. O homem caiu. O outro se jogou sobre ela. Centelhas voaram enquanto as lâminas se chocavam, para a direita e para a esquerda.

Alaïs tinha a vantagem de estar em terreno mais elevado, mas era mais baixa e mais fraca.

Guilhem pulou de seu esconderijo e correu na direção dela, no exato instante em que ela titubeava e perdia o equilíbrio. O soldado se jogou sobre Alaïs, perfurando-lhe a parte interna do braço. Ela gritou e largou a espada, apertando o ferimento com a luva para estancar o sangue.

— Mamà!

Guilhem deu os últimos passos que o separavam do outro soldado e enfiou a espada na barriga do homem. O sangue esguichou de sua boca. Seus olhos se esbugalharam de choque, e em seguida ele desabou.

Guilhem não teve tempo de recuperar o fôlego.

— Guilhem! — gritou Alaïs. — Atrás!

Ele se virou e viu mais dois soldados subindo a encosta correndo. Com um rugido, sacou a espada e correu na direção deles. A lâmina cortou o ar enquanto ele os fazia recuar, golpeando a esmo, sem piedade, primeiro um, depois o outro.

Ele era melhor espadachim, mas estava em desvantagem numérica.

Sajhë agora estava amarrado e de joelhos. Um dos soldados ficou de guarda, com a ponta da faca no pescoço de Sajhë, enquanto o outro vinha ajudar a dominar Guilhem.

Chegou perto o suficiente para Alaïs atacá-lo. Embora ela estivesse perdendo sangue depressa, conseguiu tirar uma faca do cinto e, com a força que lhe restava, mergulhou-a com força entre as pernas do atacante. O homem gritou enquanto a lâmina se enterrava no alto de sua coxa.

Cego de dor, ele brandiu sua arma. Guilhem viu Alaïs voar para trás e bater com a cabeça na pedra. Ela tentou se levantar, mas estava desorientada, titubeou, e suas pernas cederam. Ela desabou no chão, com o sangue jorrando do corte em sua testa.

Com a adaga ainda cravada na perna, o soldado se atirou em cima de Guilhem como um urso em um ringue de luta. Guilhem deu um passo para trás para sair do caminho dele, e derrapou no chão escorregadio, fazendo pedras deslizarem pela encosta da montanha. Aquilo deu aos dois outros a oportunidade de que precisavam para pular em cima dele e imobilizá-lo de bruços, com o rosto no chão.

Ele sentiu as costelas se partirem quando uma bota lhe chutou o flanco. Encolheu-se de agonia enquanto tornavam a chutá-lo. Podia sentir o gosto do próprio sangue na boca.

Alaïs não emitia um som sequer. Ela não parecia estar se mexendo.

Então ele ouviu Sajhë gritar. Guilhem levantou a cabeça no mesmo instante em que o soldado golpeava Sajhë de lado com a parte plana da lâmina da espada, fazendo-o perder os sentidos.

Oriane havia desaparecido dentro da caverna levando Bertrande.

Com um rugido, Guilhem reuniu os últimos resquícios de força que lhe restavam e pôs-se de pé com violência, fazendo um dos soldados voar encosta abaixo. Agarrou a espada e a enfiou na garganta do único homem ainda de pé, enquanto Alaïs se ajoelhava com dificuldade e furava o outro na parte de trás da perna com a própria faca. O uivo de dor morreu na garganta do homem.

Guilhem percebeu que tudo agora estava em silêncio.

Por um instante, ficou apenas encarando Alaïs. Guilhem ainda estava aterrorizado; tinha medo de que, se acreditasse nas provas diante de seus olhos, ela seria tirada dele outra vez. Então estendeu a mão.

Guilhem sentiu os dedos de Alaïs enlaçarem os seus. Sentiu a pele dela, partida e machucada como a dele, fria como ele. Real.

— Eu pensei...

— Eu sei — disse ela depressa.

Guilhem não queria soltá-la, mas a lembrança de Bertrande o chamou de volta.

— Sajhë está ferido — disse ele, subindo a encosta em direção à entrada.

— Vá ajudá-lo. Eu vou atrás de Oriane.

Alaïs agachou-se para ver como Sajhë estava, em seguida correu imediatamente ao encontro de Guilhem.

— Ele está só inconsciente — disse ela. — Fique você. Diga a ele o que aconteceu.

Eu preciso encontrar Bertrande.

353

— Não, é isso que ela quer. Ela vai forçar você a revelar onde escondeu o Livro, depois vai matar vocês duas. Não está vendo que eu tenho mais chances de trazer sua filha de volta viva do que você?

— Nossa filha — disse ela.

Guilhem ouviu as palavras, embora não tenha conseguido entendê-las. Seu coração disparou.

— Alaïs, o que...? — ele começou a dizer, mas ela já havia passado por debaixo de seu braço e começado a correr pelo túnel rumo à escuridão.

CAPITULO 80

Ariège

Sexta-feira, 8 de julho de 2005.

— Eles foram para a caverna — gritou Noubel, batendo o fone no gancho. — Que coisa mais estúpida...

— Quem?

— Audric Baillard e Alice Tanner. Eles enfiaram na cabeça que Shelagh O ´Donnell está presa no Pic de Soularac e estão indo para lá. Ela disse que tinha outra pessoa lá

também. Um americano, Will Franklin.

— Quem é ele?

— Não faço idéia — disse Noubel, agarrando sua jaqueta do gancho atrás da porta e saindo desabalado pelo corredor.

Moureau foi atrás dele.

— Quem era no telefone?

— A telefonista. Aparentemente eles receberam o recado da Dra. Tanner às nove horas, mas "acharam que eu não iria querer ser incomodado no meio de um interrogatório". Nímporte quoi! — Noubel imitava a voz anasalada do encarregado da noite.

Os dois homens ergueram os olhos automaticamente para o relógio na parede.

Eram dez e quinze.

— E Braissart e Domingo? — perguntou Moureau, desviando os olhos para o corredor que levava às salas de interrogatório. O palpite de Noubel estava certo. Os dois homens haviam sido presos a pouca distância da fazenda da ex-mulher de Authié.

Estavam indo para o sul em direção a Andorra.

— Eles podem esperar.

Noubel escancarou a porta do estacionamento, fazendo-a bater na porta de emergência. Desceram correndo a escada de metal até o asfalto.

— Você conseguiu alguma coisa com eles?

— Nada — disse Noubel, abrindo com violência a porta do carro e atirando a jaqueta no banco de trás. — Os dois parecem um túmulo.

— Eles têm mais medo do patrão do que de você — disse Moureau, batendo a porta do carona. — Alguma notícia do Authié?

— Nenhuma. Ele foi à missa em Carcassonne mais cedo. Desde então, nenhum

sinal dele.

354

— E a fazenda? — sugeriu Moureau enquanto o carro se lançava pela rua principal.

— A equipe de busca já voltou?

— Não.

O celular de Noubel começou a tocar. Mantendo a mão direita no volante, ele esticou o braço esquerdo até o banco de trás, liberando um cheiro de suor ranço da axila.

Jogou a jaqueta no colo de Moureau e fez gestos frenéticos enquanto o outro vasculhava seus bolsos.

— Noubel, oui?

Seu pé pisou no freio com força, fazendo Moureau voar para frente no assento.

— Putain! Por que só estou sabendo disso agora? Tem alguém lá dentro?

— Ele escutou. — Quando foi que começou? — A ligação estava ruim e Moureau podia ouvir a conexão falhar. — Não, não! Fique aí. Me mantenha informado.

Noubel jogou o celular em cima do painel, ligou a sirene e acelerou na direção da estrada.

— A fazenda está pegando fogo — disse ele, pisando no pedal até o fundo.

— Incêndio criminoso?

— O vizinho mais próximo fica a meio quilômetro. Ele diz que escutou umas explosões altas, depois viu as chamas e chamou os bombeiros. Quando eles chegaram, o fogo já estava descontrolado.

— Tem alguém lá dentro? — perguntou Moureau, preocupado.

— Eles não sabem — respondeu Noubel, sombrio.

Shelagh alternava períodos de lucidez com outros de inconsciência.

Não tinha idéia de quanto tempo fazia desde que os homens haviam saído. Estava perdendo os sentidos um por um. Não tinha mais noção de onde estava fisicamente.

Braços, pernas, corpo, cabeça: tinha a sensação de estar flutuando, sem peso. Não sentia calor nem frio, e tampouco as pedras e a sujeira sobre a qual estava deitada.

Estava aninhada em seu próprio casulo. Segura. Livre.

Ela não estava sozinha. Rostos flutuavam em sua mente, pessoas do passado e do presente, uma procissão de imagens silenciosas.

A luz parecia estar ficando mais forte de novo. Em algum lugar, fora de sua linha de visão, havia um trêmulo facho de luz branca, fazendo as sombras dançarem nas paredes e pelo teto rochoso da caverna. Como um caleidoscópio, as cores variavam e mudavam de forma diante de seus olhos.

Ela pensou estar vendo um homem. Muito velho. Sentiu suas mãos frias e secas sobre a testa, a pele ressecada como papel. Ouviu sua voz lhe dizer que tudo iria ficar bem. Que ela estava segura agora.

Então Shelagh ouviu outras vozes sussurrando em sua cabeça, murmurando, falando baixinho, acariciando-a.

Sentiu asas pretas nos ombros ninando-a carinhosamente, como uma criança.

Chamando-a para casa.

Então outra voz estragou tudo.

— Vire para cá. Percebeu que o rugido estava dentro de sua cabeça: era o som do próprio sangue bombeando em seus ouvidos, grosso e pesado. O barulho das balas não parava de reverberar em sua lembrança.

Ele engoliu em seco e tentou controlar a respiração. O cheiro pungente de couro

em seu nariz e sua boca estava forte demais. Revirava-lhe o estômago.

355

Quantos tiros ele havia escutado? Dois? Três?

Seus dois guarda-costas saíram. Will pôde ouvi-los conversando, discutindo com François-Baptiste talvez. Devagar, tomando cuidado para não chamar atenção, ele se apoiou de leve do banco traseiro do carro. À luz dos faróis, pôde ver François-Baptiste em pé ao lado do cadáver de Authié, o braço pendendo ao lado do corpo, ainda segurando a arma. Parecia que alguém havia derramado um balde de tinta vermelha sobre a porta e o capô do carro de Authié. Sangue, pele e fragmentos de osso. O que restava do crânio de Authié.

A náusea subiu-lhe pela garganta. Will tornou a engolir em seco. Forçou-se a continuar olhando. François-Baptiste começou a se agachar, hesitou, em seguida mudou de idéia e deu meia-volta.

Apesar de as repetidas doses da droga terem deixado seus braços e pernas dormentes, Will sentiu o corpo se retesar. Deixou-se cair mais uma vez sobre o banco, grato pelo menos por eles não o terem posto novamente na caixa claustrofóbica da mala do carro.

A porta mais próxima de sua cabeça foi aberta e Will sentiu as conhecidas mãos calosas nos braços e no pescoço, arrastando-o pelo assento e jogando-o no chão.

O ar frio da noite bateu em seu rosto e nas pernas nuas. O roupão com o qual o haviam vestido era comprido e largo, embora estivesse amarrado na cintura. Will sentia-se exposto, vulnerável. E aterrorizado.

Pôde ver o corpo de Authié caído sobre o cascalho, imóvel. Ao seu lado, escondida atrás do volante do carro, pôde ver uma luzinha vermelha piscando.

— Portez-le jus qu´à la grotte. — A voz de François-Baptiste trouxe Will de volta. —

Vous nous attendez dehors. En face de lóuverture. — Ele fez uma pausa. — Il est dix heures moins cinq maintenant. Nous allons rentrer dans quarante, peut-être cinquante minutes.

Eram quase dez horas. Will deixou a cabeça pender enquanto o homem o segurava pelas axilas. Enquanto começavam a arrastá-lo encosta acima, ele se perguntou se ainda estaria vivo às onze.

— Vire para cá — repetiu Marie-Cécile.

Uma voz ríspida, arrogante, pensou Audric. Ele afagou a testa de Shelagh com a mão mais uma vez, depois pôs-se de pé devagar. Seu alívio por tê-la encontrado viva não durou muito. Ela estava em péssimo estado. Sem socorro médico em breve, Audric tinha medo de que morresse.

— Deixe a lanterna aí — ordenou Marie-Cécile. — Venha até aqui para eu poder ver você.

Devagar, Audric se virou e saiu de trás do altar.

Ela segurava uma lamparina a óleo em uma das mãos, e na outra, uma pistola. O

primeiro pensamento que ele teve foi como as duas eram parecidas. Os mesmos olhos verdes, cabelos pretos encaracolados emoldurando um rosto bonito, austero. Com a tiara e o colar de ouro, os amuletos em volta dos braços e o corpo esguio e alto vestido com a túnica branca, ela parecia uma princesa egípcia.

— Veio sozinha, dama?

— Eu não acho necessário ir acompanhada a todos os lugares, monsieur, além do que...

Ele baixou os olhos para a arma.

— Você não acha que eu vá dar trabalho — disse, e assentiu. — Afinal, eu sou velho, oc?— Então acrescentou: — Mas também não quer que ninguém escute.

Um esboço de sorriso cruzou os lábios dela.

— A força está no segredo.

— O homem que ensinou isso a você morreu dama.

— A dor faiscou nos olhos dela.

— Você conheceu o meu avô?

— Ouvi falar dele — respondeu Audric.

— Ele me ensinou direitinho. Nunca se deve confiar em ninguém. Nunca se deve acreditar em ninguém.

— Que maneira solitária de viver, dama.

— Eu não acho.

Ela havia caminhado em volta dele, como um animal rodeando a presa, até ficar de costas para o altar e ele estar em pé no centro da câmara, perto de uma depressão no chão.

O túmulo, pensou ele. O túmulo onde os corpos haviam sido encontrados.

— Onde ela está? — perguntou Marie-Cécile.

Ele não respondeu.

— Você é muito parecida com seu avô. O temperamento, os traços, a persistência.

Como ele, também, você está equivocada.

A raiva atravessou o rosto dela.

— Meu avô era um grande homem. Ele honrou o Graal. Dedicou a vida à busca pelo Livro das Palavras, para entender melhor.

— Entender, dama? Ou explorar?

— Você não sabe nada sobre ele.

— Ah, sei sim — disse ele baixinho. — As pessoas não mudam tanto assim. — Ele hesitou. — E ele estava tão perto, não estava? — continuou baixando ainda mais a voz.

— Alguns quilômetros mais a oeste, e teria sido ele a encontrar a caverna. Não você.

— Agora não faz diferença — disse ela, impetuosa. — Ele é nosso.

— O Graal não pertence a ninguém. Não é algo que possa ser possuído, manipulado ou usado como moeda de troca.

Audric se calou. À luz da lamparina a óleo que iluminava o altar, encarou-a bem nos olhos.

— O Graal não o teria salvado — falou.

Do outro lado da câmara, ele a ouviu soltar um arquejo.

— O elixir cura e prolonga a vida. Ele o teria mantido vivo.

— O Graal não teria sido capaz de salvá-lo da doença que corroia sua carne dos ossos, dama, não mais do que dará a você o que deseja. — Ele fez uma pausa. — O

Graal não virá para você.

Ela deu um passo em sua direção.

— Você espera que não venha, Baillard, mas não tem certeza. Apesar de todo o seu conhecimento, de todas as suas pesquisas, você não sabe o que vai acontecer.

— Você está errada.

— Esta é a sua chance, Baillard. Depois de todos os seus anos escrevendo, estudando, questionando. Como eu, você dedicou à vida inteira a isto.

— Quer que isto aconteça tanto quanto eu.

— E se eu me recusar a cooperar?

Ela deu uma risada incisiva.

— Ora. Você nem precisa perguntar. Você sabe que meu filho vai matá-la. Como ele vai fazer isso, e quanto tempo vai levar, só depende de você.

Apesar das precauções que havia tomado, um arrepio percorreu a espinha de Baillard. Contanto que Alice ficasse onde estava, como havia prometido, não havia por que se alarmar. Ela estava segura. Tudo estaria terminado antes de ela perceber o que estava acontecendo.

Lembranças de Alaïs — de Bertrande também — irromperam de súbito em sua mente. Sua natureza impetuosa, sua relutância em obedecer a qualquer ordem, sua coragem imprudente.

Seria Alice feita da mesma fibra?

— Está tudo pronto — disse ela. — O Livro das Poções e o Livro dos Números estão aqui. Então só falta você me dar o anel e me dizer onde o Livro das Palavras está escondido...

Audric fez força para se concentrar em Marie-Cécile, não em Alice.

— Por que você tem tanta certeza de que ele ainda está aqui na câmara?

Ela sorriu.

— Porque você está aqui, Baillard. Por que outro motivo viria até aqui? Você queria ver a cerimônia ser executada só mais uma vez antes de morrer. Vá vestir a túnica! —gritou ela, subitamente impaciente. Gesticulou com a arma para o pedaço de tecido branco no alto dos degraus. Ele sacudiu a cabeça e, por uma fração de segundo, viu dúvida na expressão dela. — Depois vai pegar o Livro para mim.

Ele percebeu que três pequenas argolas de metal haviam sido enterradas no chão da parte mais baixa da câmara. E lembrou-se de que fora Alice quem descobrira os esqueletos na cova rasa.

Baillard sorriu. Logo teria as respostas que buscava.

— Audric — sussurrou Alice, tateando túnel abaixo.

Por que ele não responde?

Sentiu o chão descer debaixo de seus pés como da outra vez. Agora, o túnel parecia mais comprido.

À sua frente, na câmara, podia ver um tênue brilho de luz amarela.

— Audric — tornou a chamar, seus temores aumentando.

Acelerou o passo, percorrendo os últimos metros correndo, até irromper na câmara e estacar.

Isto não pode estar acontecendo.

Audric estava em pé na frente dos degraus. Vestia uma comprida túnica branca.

Eu me lembro disto.

Alice sacudiu a cabeça para se livrar da lembrança. As mãos de Audric estavam amarradas na frente de seu corpo e ele estava preso ao chão, como um animal. No outro canto da câmara, iluminada por uma lamparina a óleo que treme luzia sobre o altar, estava Marie-Cécile de lÓradore.

— Pode parar por aí — disse esta última.

Audric se virou, os olhos cheios de arrependimento e pesar.



— Eu sinto tanto — sussurrou ela, percebendo que havia estragado tudo.

— Mas eu queria avisar você...

Antes que Alice percebesse o que estava acontecendo, alguém a havia agarrado por trás. Ela gritou e se debateu, mas eles eram dois. Aconteceu assim antes.

Então alguém chamou seu nome. Não foi Audric. Uma onda de náusea a

dominou e ela começou a cair.

— Segurem-na, seus idiotas! — gritou Marie-Cécile.

CAPITULO 81

Pic de Soularac

Març 1244

Guilhem não conseguiu alcançar Alaïs. Ela já estava muito na sua frente.

Ele cambaleou túnel abaixo, no escuro. A dor latejava em seu flanco onde as costelas estavam partidas, impedindo-o de respirar livremente. As palavras de Alaïs ecoando em sua mente e o medo que apertava seu peito o fizeram continuar.

O ar parecia estar ficando mais frio, gelado, como se a vida estivesse sendo sugada para fora da caverna. Ele não entendeu. Se a caverna do labirinto era um lugar sagrado, por que ele se sentia em presença de tamanha malevolência?

Guilhem viu que estava em pé sobre uma plataforma de pedra natural. Alguns degraus largos e rasos bem na sua frente conduziam a uma área onde o chão era plano e liso. Uma calèlh estava acesa sobre um altar de pedra, iluminando um pouco o ambiente.

As duas irmãs estavam em pé uma na frente da outra, e Oriane ainda segurava a faca junto ao pescoço de Bertrande. Alaïs estava inteiramente imóvel.

Guilhem se encolheu, rezando para que Oriane não o tivesse visto. O mais silenciosamente possível, começou a se arrastar junto à parede, escondido pelas sombras, até chegar perto o bastante para ouvir e ver o que estava acontecendo.

Oriane jogou alguma coisa no chão na frente de Alaïs.

— Pegue — gritou ela. — Abra o labirinto. Eu sei que o Livro das Palavras está

escondido lá dentro.

Guilhem viu os olhos de Alaïs se arregalarem de surpresa.

— Você nunca leu o Livro dos Números? Você me espanta, irmã. A explicação sobre a chave está lá dentro.

Alaïs hesitou.

— O anel, com o merel encaixado dentro, destranca a câmara bem no centro do labirinto.

Oriane puxou a cabeça de Bertrande para trás, de modo que a pele no pescoço da 359

menina se esticou. A lâmina cintilou à luz da lamparina.

— Agora, irmã.

Bertrande deu um grito. O barulho pareceu varar a cabeça de Guilhem como uma faca. Ele olhou para Alaïs, que tinha o cenho franzido; seu braço ferido pendia ao lado do corpo, inútil.

— Solte-a primeiro — disse ela.

Oriane sacudiu a cabeça, negando. Seus cabelos haviam se soltado e seus olhos estavam alucinados, obcecados. Mantendo o olhar cravado em Alaïs, ela fez uma pequena incisão na garganta de Bertrande, lenta e deliberadamente.

Bertrande gritou de novo enquanto o sangue começava a escorrer por seu pescoço.

— O próximo corte será mais profundo — disse Oriane, com a voz trêmula de ódio. — Pegue o Livro.

Alaïs se agachou e pegou o anel, depois caminhou até o labirinto. Oriane foi atrás, arrastando Bertrande consigo. Alaïs podia ouvir a respiração da filha se acelerar cada vez mais e ver que ela estava perdendo a consciência, cambaleando com os pés ainda atados.

Por um instante, Alaïs ficou ali em pé, parada, e seus pensamentos voltaram no tempo até o instante em que vira Harif executar aquela mesma tarefa pela primeira vez.

Alaïs pressionou a mão esquerda sobre o áspero labirinto de pedra. A dor subiu por seu braço machucado. Ela não precisava de vela para ver o contorno do símbolo egípcio da vida — o ankh, como Harif lhe ensinara a chamá-lo. Então, encobrindo os gestos de modo a que Oriane não os visse, inseriu o anel em uma pequena abertura na base do círculo central do labirinto, bem em frente a seu rosto. Para o bem de Bertrande, rezou para que aquilo funcionasse. Nada havia sido dito; nada havia sido preparado como deveria. As circunstâncias não poderiam ser mais diferentes da única outra vez em que ela se postara como suplicante diante do labirinto de pedra.

— Di ankh djet — murmurou ela. As palavras ancestrais tinham sabor de cinzas em sua boca. Ouviu-se um estalo nítido, como uma chave em uma fechadura. Por um instante, nada pareceu acontecer. Então, do fundo da parede, ouviu-se o barulho de alguma coisa se movendo, pedra contra pedra. Alaïs se afastou e, à meia-luz, Guilhem viu que um compartimento havia sido revelado bem no meio do labirinto. Lá dentro havia um livro.

— Passe para mim — ordenou Oriane. — Ponha ali, sobre o altar.

— Alaïs fez o que ela mandava, sem nunca tirar os olhos do rosto da irmã.

— Agora solte-a. Você não precisa mais dela.

— Abra! — gritou Oriane. — Quero ter certeza de que você não está me enganando.

Guilhem chegou mais perto. Cintilando em dourado sobre a primeira página do livro havia um símbolo que ele nunca vira antes. Uma forma oval, mais parecida com uma lágrima, desenhada acima de uma cruz, como o cajado de um pastor.

— Continue — disse Oriane. — Quero ver tudo.

As mãos de Alaïs tremiam enquanto ela virava as páginas. Guilhem pôde ver uma mistura de desenhos e linhas estranhas, fileiras e mais fileiras de símbolos muito próximos uns dos outros, que cobriam a folha inteira.

— Pegue, Oriane — disse Alaïs, esforçando-se para manter a voz firme.

— Pegue o livro e devolva-me minha filha.

Guilhem viu a lâmina reluzir. Percebeu o que iria acontecer segundos antes que acontecesse: a inveja e a amargura de Oriane a levariam a destruir tudo que Alaïs amava ou valorizava.

360

Ele se jogou em cima de Oriane, derrubando-a de lado. Sentiu suas costelas partidas cederem e quase desmaiou de dor, mas já havia feito o suficiente para obrigá-la a soltar Bertrande.

A faca caiu da mão de Oriane e escorregou até desaparecer nas sombras atrás do altar. Bertrande foi jogada para frente na colisão. A menina gritou e bateu com a cabeça no canto do altar. Em seguida, ficou imóvel.

— Guilhem, pegue Bertrande! — gritou Alaïs para ele. — Ela está ferida, Sajhë está

ferido. Ajude-os. Na aldeia tem um homem chamado Harif. Ele vai ajudá-lo.

Guilhem hesitou.

— Por favor, Guilhem. Salve-a!

As últimas palavras dela se perderam enquanto Oriane se levantava com esforço, com a faca na mão, e se atirava sobre Alaïs. A lâmina cortou seu braço já ferido.

Guilhem teve a sensação de estar sendo partido em dois. Não queria deixar Alaïs para enfrentar Oriane sozinha, mas podia ver Bertrande caída no chão, branca e imóvel.

— Por favor, Guilhem. Vá!

Com um último olhar para Alaïs por cima do ombro, ele segurou a filha nos braços feridos e correu tentando não olhar para o sangue escorrendo do corte. Percebeu que era aquilo que Alaïs queria que ele fizesse.

Enquanto cambaleava para fora da câmara, Guilhem ouviu um ronco, como o trovão encurralado entre as colinas. Tropeçou e concluiu que eram as próprias pernas, incapazes de sustentá-lo. Ele recomeçou a andar, subindo o resto dos degraus e chegando novamente no túnel. Escorregava nas pedras soltas, com as

pernas e braços queimando de dor. Então percebeu que o chão estava se movendo, sacudindo-se. A terra sob seus pés tremia.

Suas forças estavam quase no fim. Bertrande estava imóvel em seus braços e parecia mais pesada a cada passo que ele dava. O barulho ia ficando mais alto conforme ele prosseguia. Pedaços de pedra e poeira começaram a cair do teto, despencando à sua volta.

Então ele sentiu o sopro do ar frio no rosto. Com mais alguns passos, emergiu no crepúsculo cinzento.

Guilhem correu para onde Sajhë estava deitado inconsciente, mas com a respiração regular.

Bertrande estava pálida como a morte, mas começava a gemer e a se mexer em seus braços. Ele a deitou no chão ao lado de Sajhë, depois correu para cada um dos soldados mortos e arrancou as capas de suas costas para fazer cobertas. Em seguida arrancou a própria capa do pescoço, fazendo sua fivela de prata e cobre sair voando e cair no chão. Dobrou a capa sob a cabeça de Bertrande para fazer um travesseiro.

Parou um instante para beijar a filha na testa.

— Filha — murmurou. Era o primeiro e o último beijo que ele jamais lhe daria.

De dentro da caverna veio um ruído altíssimo de algo se rachando, como o raio depois do trovão. Guilhem correu de volta para o túnel. Naquele espaço confinado, o barulho era ensurdecedor.

Percebeu que algo surgia correndo da escuridão, vindo em sua direção.

— Um espírito... um rosto — balbuciava Oriane, com os olhos enlouquecidos de medo. — Um rosto no centro do labirinto.

— Onde ela está? — gritou Guilhem, agarrando seu braço. — O que você fez com Alaïs?

Oriane estava coberta de sangue, as mãos, as roupas.

— Rostos no... labirinto.

Oriane tornou a gritar. Guilhem se virou de costas para ver o que havia atrás dele, mas não conseguiu ver nada. Nesse instante, Oriane mergulhou a faca em seu peito.

Ele sabia que o golpe havia sido mortal. Na mesma hora, sentiu a morte assumindo o controle de seus membros. Com os olhos enevoados, cada vez mais escuros, viu Oriane se afastar dele correndo. Sentiu também a vingança morrer dentro de si. Aquilo não tinha mais importância.

Oriane correu rumo à luz cinzenta da noite que caía, enquanto Guilhem cambaleava às cegas para dentro da câmara, desesperado para encontrar Alaïs em meio ao caos de pedras, rochedos e poeira.

Encontrou-a deitada em uma pequena depressão no solo, com os dedos enlaçados na bolsa que continha o Livro das Palavras, e o anel apertado na mão.

— Mon còr — sussurrou ele.

Os olhos dela tremeram e se abriram ao ouvir o som da voz dele. Ela sorriu, e Guilhem sentiu um aperto no coração.

— Bertrande?

— Ela está segura.

— Sajhë?

— Ele também vai viver.

— Ela soltou um arquejo.

— Oriane...

— Eu a deixei ir. Ela está muito ferida. Não irá longe.

A última chama da lamparina que ainda ardia sobre o altar minguou e morreu.

Alaïs e Guilhem, deitados nos braços um do outro, não perceberam. Não repararam na escuridão nem na paz que se abateu sobre a câmara. Tinham

consciência apenas de si mesmos.

CAPÍTULO 82

Pic de Soularac

Sexta-feira, 8 de julho de 2005

A túnica fina era uma proteção insuficiente contra o frio úmido da câmara. Alice estremeceu enquanto virava a cabeça devagar.

À sua direita estava o altar. A única luz vinha de uma lamparina antiquada que havia sido colocada bem no meio, e fazia sombras correrem pelas paredes oblíquas. Era o suficiente para que se visse o símbolo do labirinto na pedra atrás do altar, grande e imponente naquele espaço confinado.

Ela sentiu que havia outras pessoas por perto. Alice olhou para baixo, à sua direita, e quase deu um grito ao ver Shelagh pela primeira vez. Sua amiga estava deitada encolhida no chão como um animal, magra, sem vida, derrotada, com os sinais dos maus-tratos gravados na pele. Alice não conseguiu ver se ela estava respirando.

Por favor, Deus, faça com que ela ainda esteja viva.

Alice acostumou-se aos poucos com a luz bruxuleante. Virou um pouco a cabeça e viu Audric no mesmo lugar de antes. Ele ainda estava amarrado com a corda a uma argola chumbada no chão. Seus cabelos brancos formavam uma espécie de halo em volta de sua cabeça. Ele estava imóvel, como uma estátua esculpida em uma lápide.

Como se pudesse sentir seus olhos pousados nele, Audric olhou para ela e sorriu.

Esquecendo-se por um instante que ele deveria estar zangado com ela por ter entrado depois de prometer ficar do lado de fora, ela deu um sorriso débil.

Exatamente como Shelagh disse.

Então percebeu que havia alguma coisa diferente em Audric. Baixou os olhos

para suas mãos, espalmadas sobre o branco da túnica.

O anel sumiu.

— Shelagh está aqui — murmurou ela entre os dentes. — Você tinha razão.

Ele assentiu.

— Temos de fazer alguma coisa — sibilou ela.

Oitocentos anos antes, Alaïs havia pronunciado aquelas palavras. E Audric as havia escutado.

A verdade nos libertará.

Nada havia mudado, mas mesmo assim, de repente, Alice não sentia mais medo.

Um barulho vindo do altar chamou sua atenção. A imobilidade cessou e o mundo presente retornou em uma enxurrada. E, junto com ele, o medo.

Marie-Cécile ergueu a vasilha de terracota, pequena o suficiente para caber entre suas duas mãos. Do lado da vasilha, pegou uma pequena faca com a lâmina gasta e rombuda. Ergueu os braços compridos e brancos acima da cabeça.

— Dintrar — chamou. Entrar.

François-Baptiste se adiantou, saindo da escuridão do túnel. Seus olhos varreram o espaço em volta como um farol, passando por Audric, depois por Alice, e em seguida parando em Will. Alice viu o triunfo no rosto do rapaz e entendeu que fora François-Baptiste quem havia machucado Will.

Não vou deixar você machucá-lo desta vez.

Então o olhar dele prosseguiu. Ao ver os três livros dispostos sobre o altar, ele se deteve por um instante, Alice não soube dizer se surpreso ou aliviado, e então seus olhos se pousaram sobre o rosto da mãe.

Apesar da distância, Alice pôde sentir a tensão entre eles.

Um esboço de sorriso iluminou o rosto de Marie-Cécile enquanto ela descia do altar segurando a faca e a vasilha. Enquanto ela se movia pela câmara, sua túnica

reluzia à luz bruxuleante das velas como um tecido feito de luar. Alice pôde sentir no ar o cheiro sutil de seu perfume, leve sob o aroma pesado do óleo que queimava na lamparina.

François-Baptiste começou a se mexer. Desceu os degraus até chegar atrás de Will.

Marie-Cécile parou na frente dele e sussurrou alguma coisa para Will, baixo demais para Alice escutar. Embora o sorriso de François-Baptiste continuasse intacto, ela viu a raiva em seu rosto quando ele se inclinou para frente, levantou as mãos atadas de Will e as apresentou a Marie-Cécile.

Alice recuou quando Marie-Cécile fez uma única incisão entre o pulso e o cotovelo de Will. Ele se retraiu, e ela pôde ver o choque em seus olhos, mas ele não emitiu nenhum som.

363

Marie-Cécile segurou a vasilha para recolher cinco gotas de sangue.

Ela repetiu a mesma coisa com Audric, e então veio postar-se diante de Alice. Ela pôde ver a excitação no rosto de Marie-Cécile ao percorrer a parte interna do braço de Alice com a lâmina, seguindo o contorno do ferimento. Então, com a precisão de um cirurgião manejando um bisturi, Marie-Cécile inseriu a faca na pele e apertou a ponta para baixo, devagar, até a cicatriz tornar a se abrir.

A dor pegou Alice de surpresa, uma dor contínua, não uma pontada. Ela primeiro sentiu calor, e logo em seguida frio e dormência. Ficou olhando fascinada as gotas de sangue escorrerem, uma por uma, para dentro da mistura estranhamente pálida na vasilha.

Então tudo terminou. François-Baptiste a soltou e seguiu a mãe até o altar. Marie-Cécile repetiu o procedimento com o filho e em seguida se posicionou entre o altar e o labirinto.

Pôs a vasilha no centro e deslizou a faca pela própria pele, vendo o próprio sangue escorrer pelo braço.

A mistura de sangues.

Um clarão de compreensão percorreu Alice. O Graal pertencia a todas as crenças e a nenhuma. Cristãos, judeus, muçulmanos. Cinco guardiães, escolhidos por seu caráter, por seus feitos, não por sua linhagem. Todos iguais.

Alice viu Marie-Cécile estender a mão e tirar alguma coisa do meio das páginas dos livros, um de cada vez. Ela ergueu a terceira. Uma folha de papel. Não, de papel não, de papiro. Quando Marie-Cécile o ergueu em direção à luz, a trama das fibras ficou aparente. O símbolo ficou aparente.

O ankh, símbolo da vida.

Marie-Cécile ergueu a vasilha até os lábios e bebeu. Depois de esvaziá-la, tornou a pôr a vasilha no lugar com as duas mãos e percorreu a câmara com os olhos até fixá-los em Audric. Parecia a Alice que ela o estava desafiando a fazê-la parar.

Então ela retirou o anel do dedo e virou-se para o labirinto de pedra, perturbando o ar silencioso. Enquanto a lamparina tremeluzia atrás dela, fazendo as sombras pularem pelas paredes, Alice viu, nas sombras da pedra escavada, duas formas nas quais não havia reparado antes.

Escondida dentro do desenho do labirinto era possível distinguir claramente a sombra da forma do ankh e o contorno de um cálice.

Alice ouviu um estalo nítido, como se uma chave houvesse sido inserida em uma fechadura. Por um instante, nada aconteceu. Então, bem do fundo da parede, ouviu-se o som de alguma coisa se movendo, pedra contra pedra.

Marie-Cécile deu um passo para trás. Alice viu que uma pequena abertura, pouco maior do que os livros haviam sido expostos no centro do labirinto. Um compartimento.

Palavras e expressões surgiram em sua mente, misturando as explicações de Audric com suas próprias investigações.

No centro do labirinto está a iluminação, no centro está a compreensão. Alice pensou nos peregrinos cristãos percorrendo o chemin de Jerusalém na nave da catedral de Chartres, esquadrinhando as espirais cada vez mais apertadas do labirinto em busca de iluminação.

Ali, no labirinto do Graal, a luz estava — literalmente — no centro de tudo.

Alice viu Marie-Cécile tirar a lamparina do altar e suspendê-la acima dele.

Encaixou-se perfeitamente. A chama aumentou no mesmo instante e encheu a câmara de luz.

364

Marie-Cécile ergueu o papiro de um dos livros sobre o altar e o inseriu em uma das fendas na parte dianteira da alcova. Um pouco da luz da lamparina se perdeu e a caverna escureceu.

Ela se virou de costas e encarou Audric, e suas palavras quebraram o encantamento.

— Você disse que eu veria alguma coisa! — gritou ela.

Ele ergueu para ela os olhos cor de âmbar. Alice desejou que ele ficasse calado, mas sabia que ele não ficaria. Por motivos que ela não compreendia, Audric estava determinado a deixar a cerimônia ir até o fim.

— O verdadeiro encantamento só é revelado quando os três papiros são dispostos um em cima do outro. Só então, no jogo de luz e sombra, é que as palavras que devem ser pronunciadas irão se revelar, em vez das que devem ser silenciadas.

Alice tremia. Entendeu que o frio estava dentro dela, como se o calor de seu corpo estivesse se esvaindo, mas não conseguia se controlar. Marie-Cécile girou os três pergaminhos entre os dedos.

— Em que sentido?

— Solte-me — disse Audric com sua voz calma, tranqüila. — Solte-me, e assuma sua posição no centro da câmara. Vou lhe mostrar.

Ela hesitou, depois aquiesceu para François-Baptiste.

— Maman, je ne pense...

— Faça o que estou mandando — disparou ela.

Em silêncio, François-Baptiste cortou a corda que prendia Audric ao chão, e em seguida recuou.

Marie-Cécile levou a mão às costas e pegou a faca.

— Se você fizer alguma coisa, eu vou matá-la — disse ela, apontando para Alice enquanto Audric se aproximava lentamente da câmara. — Entendeu?

— Gesticulou para onde François-Baptiste estava em pé ao lado de Will. — Ou então ele vai matá-la.

— Entendi.

Audric lançou um olhar para Shelagh, que jazia imóvel no chão, em seguida sussurrou para Alice:

— Será que eu estou certo? — sussurrou, subitamente em dúvida. — Será que o Graal não virá para ela?

Embora Audric estivesse olhando para ela, Alice teve a sensação de que ele estava fazendo a pergunta à outra pessoa. Para alguém com quem ele já havia compartilhado aquela experiência.

Sem saber como, Alice percebeu que conhecia a resposta. Tinha certeza. Ela sorriu, dando a ele a confirmação de que ele precisava.

— Ele não virá — disse ela entre os dentes.

— O que você está esperando? — gritou Marie-Cécile.

Audric deu um passo à frente.

— Você tem de pegar cada um dos três papiros e colocá-los diante da chama — disse ele.

— Faça você.

Alice o viu pegar as três folhas translúcidas e arrumá-las nas mãos, depois inserir os 365

papiros com cuidado. Por um instante, a chama que ardia na alcova murchou e

pareceu se extinguir. A caverna ficou muito escura, como se as luzes houvessem sido diminuídas.

Então, à medida que seus olhos foram se ajustando à falta de luz, Alice viu que agora restava apenas um punhado de hieróglifos, iluminados em um desenho de luz e sombra que seguia as linhas do labirinto. Todas as palavras desnecessárias haviam sido ocultadas. "Di ankh djet..." As palavras estavam claras na sua mente.

— Di ankh djet — falou ela em voz alta, e em seguida disse o resto da frase, traduzindo na cabeça as palavras ancestrais conforme as pronunciava. — No início dos tempos, na terra do Egito, o mestre dos segredos dispensou palavras e escritos.

Dispensou vida.

Marie-Cécile se virou para Alice.

— Você está lendo as palavras — disse ela, aproximando-se de Alice e agarrando seu braço. — Como sabe o que elas significam?

— Não sei. Não sei.

Alice tentou se desvencilhar, mas Marie-Cécile a puxou para frente até fazê-la encostar na ponta da faca, tão perto que Alice pôde ver as manchas marrons na lâmina gasta. Seus olhos se fecharam e ela repetiu a frase.

— Di ankh djet...

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Audric se jogou sobre Marie-Cécile.

— Maman!

Will aproveitou o lapso de concentração de François-Baptiste. Recolheu a perna e chutou-o na base das costas. Pego de surpresa, o rapaz caiu e fez a pistola disparar para o teto da caverna, emitindo um som ensurdecedor no espaço confinado. No mesmo instante, Alice ouviu a bala atingir a rocha sólida da montanha e ricochetear pelo espaço.

Marie-Cécile levou a mão à têmpora. Alice viu o sangue escorrer-lhe entre os

dedos. Seu corpo balançou por alguns instantes, depois desabou.

— Maman!— François-Baptiste já estava em pé, correndo. A arma deslizou pelo chão em direção ao altar.

Audric agarrou a faca de Marie-Cécile e cortou as cordas que prendiam Will com uma força surpreendente, em seguida entregou-lhe a faca.

— Solte Alice.

Ignorando-o, Will atravessou a câmara correndo até onde François-Baptiste estava ajoelhado, ninando Marie-Cécile nos braços.

— Non, maman. Ne tén vas pas. Écoute-moi, maman, réveille-toi.

Will agarrou os ombros do paletó grande demais do rapaz e bateu com a cabeça dele no duro chão de pedra. Então correu para Alice e começou a cortar a corda que a prendia.

— Ela morreu?

— Não sei.

— E...

Ele a beijou, um beijo rápido nos lábios, depois soltou suas mãos da corda.

— François-Baptiste vai ficar desacordado tempo suficiente para sairmos daqui —disse ele.

— Will, pegue Shelagh — disse ela, apontando, aflita. — Eu vou ajudar Audric.

Will ergueu nos braços o corpo exausto de Shelagh e começou a andar em direção 366

ao túnel.

— Os livros — disse ela com urgência. — Precisamos pegá-los antes que eles voltem a si.

Ele estava em pé olhando para os corpos inertes de Marie-Cécile e do filho.

— Audric, rápido — repetiu Alice. — Precisamos sair daqui.

— Eu errei ao envolver você nisso — disse ele baixinho. — Meu desejo de saber, de cumprir uma promessa que fiz um dia e não consegui manter, me deixou cego em relação a todas as outras coisas. Eu fui egoísta. Pensei demais em mim mesmo.

Audric pousou a mão sobre os Livros.

— Você perguntou por que Alaïs não destruiu o livro — disse ele de repente. — A resposta é: porque eu não deixei. Então bolamos um plano para enganar Oriane. Foi por isso que voltamos à câmara. O ciclo de morte e de sacrifício continuou. Se não fosse por isso, talvez...

Ele caminhou até onde Alice tentava recuperar os papiros de baixo da lamparina.

— Ela não teria desejado isto. Vidas demais foram desperdiçadas.

— Audric, podemos falar sobre isso depois — disse Alice em desespero.

— Agora precisamos tirar os papiros daqui. Foi por isto que você esperou este tempo todo, Audric. Pela oportunidade de ver a Trilogia reunida mais uma vez. Não podemos deixar isso para ela.

— Eu ainda não sei — disse ele, baixando a voz para um sussurro. — O que aconteceu com ela no final.

O óleo da lamparina estava quase no fim, mas a escuridão foi diminuindo aos poucos conforme Alice retirava o primeiro, depois o segundo, e por fim o último papiro.

— Peguei — disse ela, dando meia-volta. Recolheu os livros de cima do altar e os lançou para Audric.

— Traga os livros. Vamos.

Quase arrastando Audric consigo, Alice percorreu a penumbra da câmara até o túnel.

Acabavam de tropeçar na depressão do solo onde os esqueletos haviam sido

encontrados quando, da escuridão atrás deles, ouviu-se um ruído alto de alguma coisa se partindo, seguido do barulho de pedras se movendo, e então de mais dois estouros, em rápida sucessão.

Alice se jogou no chão. Dessa vez não era o barulho de uma arma que se ouvia, mas um tipo diferente de som. Um rugido vindo bem lá do fundo da terra.

A adrenalina tomou conta de seu corpo. Desesperada, ela continuou em frente, rastejando, segurando os papiros com os dentes e rezando para Audric estar atrás dela. O

tecido da túnica se prendia entre suas pernas, diminuindo seu ritmo. Seu braço sangrava muito, e ela não conseguia se apoiar nele, mas conseguiu chegar ao ponto onde começavam os degraus.

Alice agora tinha consciência de um ronco constante, mas não podia se dar ao luxo de se virar. Seus dedos mal haviam encontrado as letras gravadas no alto dos degraus quando uma voz ecoou.

— Pare aí mesmo. Ou eu atiro nele.

Alice congelou.

Não pode ser ela. Ela levou um tiro. Eu a vi cair.

— Vire-se. Devagar.

Lentamente, Alice se levantou. Marie-Cécile estava em pé na frente do altar, meio 367

cambaleante. Sua túnica estava salpicada de sangue e sua tiara havia caído, deixando seus cabelos desarrumados e revoltos ao redor de seu rosto. Ela segurava o revólver de François-Baptiste. A arma estava apontada direto para Audric.

— Chegue perto de mim devagar, Dra. Tanner.

Alice percebeu que o chão estava cedendo. Sentiu o tremor subir vibrando por seus pés e suas pernas, um rugido grave bem no fundo da terra, que ia ficando mais forte e mais insistente a cada segundo.

Marie-Cécile de repente pareceu escutar também. Por um instante, a confusão anuviou-lhe o rosto. Outro safanão sacudiu a câmara. Dessa vez não houve dúvidas de que havia sido uma explosão. Uma lufada de ar frio varreu a caverna. Atrás de Marie-Cécile, a lamparina começou a tremer enquanto o labirinto de pedra rachava e começava a se fragmentar.

Alice correu de volta até Audric. O chão estava se abrindo em dois, esfarelando-se sob seus pés à medida que a pedra sólida e a terra ancestral começavam a se desfazer.

Detritos choviam sobre sua cabeça vindos de todas as direções, enquanto ela pulava para evitar os buracos que se abriam a toda sua volta.

— Me dê os papiros! — gritou Marie-Cécile, virando a arma na direção de Alice. —

Você acha mesmo que eu vou deixá-la tirá-los de mim?

Suas palavras foram engolidas pelo barulho de pedras e rochas desabando a medida que a câmara implodia.

Audric se levantou e falou pela primeira vez.

— Ela? — disse. — Não, Alice não.

Marie-Cécile se virou para ver para onde Audric estava olhando.

Ela deu um grito.

Na escuridão, Alice pôde ver alguma coisa. Um brilho, um brilho branco, quase como um rosto. Aterrorizada, Marie-Cécile tornou a apontar a arma para Alice. Hesitou, e então puxou o gatilho. Houve tempo suficiente para Audric se jogar na frente da bala.

Tudo pareceu se mover em câmera lenta.

Alice gritou. Audric caiu de joelhos no chão. A força do tiro fez Marie-Cécile voar para trás e perder o equilíbrio. Seus dedos agarraram o ar, procurando apoio, desesperados, enquanto ela escorregava para dentro do imenso vão que havia se aberto no solo.

Audric estava deitado no chão, e o sangue esguichava do buraco de bala no meio de seu peito. Seu rosto estava da cor do papel, e ela podia ver as veias azuis por baixo da fina camada de pele.

— Precisamos sair daqui! — gritou ela. — Pode haver outra explosão.

Tudo pode desabar a qualquer momento.

Ele sorriu.

— Terminou Alice — disse baixinho. — A la perfin . O Graal protegeu seus segredos, com já tinha feito antes. Não deixou que ela levasse o que queria.

Alice sacudia a cabeça.

— Não, a caverna estava minada, Audric — disse ela. — Pode ser que haja outra bomba. Temos de sair.

— Não vai haver mais bombas — disse ele. Não havia dúvida em sua voz. — Elas eram o eco do passado.

Alice podia ver que falar lhe causava dor. Abaixou a cabeça até junto da dele. Em 368

seu peito havia um leve chiado, e sua respiração estava entrecortada e débil. Ela tentou estancar a hemorragia, mas pôde ver que era inútil.

— Eu queria saber como ela passou seus últimos momentos. Você entende? Eu não consegui salvá-la. Ela ficou presa aqui dentro e eu não consegui chegar até ela. — Ele arquejou de dor. Engoliu outra lufada de ar. — Mas desta vez...

Alice finalmente aceitou o que sempre soubera, por instinto, desde o instante em que chegara a Los Seres e o vira em pé no vão da porta da casa de pedra, escondida nas dobras da montanha.

Esta é a história dele. Estas são as suas lembranças.

Pensou na árvore genealógica, compilada com tanto amor e cuidado.

— Sajhë — disse ela. — Você é Sajhë.

Por um instante, os olhos cor de âmbar de Audric cintilaram de vida. Uma expressão de prazer intenso inundou seu rosto à beira da morte.

— Quando acordei, Bertrande estava ao meu lado. Alguém havia nos coberto com capas para nos proteger do frio...

— Guilhem — disse Alice, sabendo que aquilo era verdade.

— Houve uma trovoada terrível. Eu vi o parapeito de pedra acima da entrada desabar. A pedra grande despencou até o chão em uma profusão de pedregulhos, cascalho e poeira, encurralando-a lá dentro. Eu não consegui chegar até ela — disse ele, com a voz trêmula. — Até eles.

Então o barulho cessou. De repente, tudo ficou em silêncio, imóvel.

— Eu não sabia — repetiu ele, angustiado. — Eu dera minha palavra a Alaïs de que, se alguma coisa acontecesse com ela, eu cuidaria da segurança do Livro das Palavras, mas eu não sabia. Não sabia se Oriane estava com o Livro nem onde ela estava. — A voz dele transformou-se em um sussurro. — Nada.

— Então os corpos que eu encontrei eram de Guilhem e Alaïs — disse Alice; era uma afirmação, não uma pergunta.

Sajhë aquiesceu.

— Encontramos o corpo de Oriane um pouco mais abaixo na colina. O Livro não estava com ela. Foi só então que eu entendi.

— Os dois morreram juntos salvando o Livro. Alaïs queria que você vivesse, Sajhë. Que vivesse e cuidasse de Bertrande, que era sua filha em todos os sentidos da palavra exceto um.

Ele sorriu.

— Eu sabia que você iria entender — disse ele. As palavras escorriam de seus lábios como um suspiro. — Eu vivi tempo demais sem ela. Senti a ausência dela todos os dias.

Todos os dias desejei não ter sido amaldiçoado, não ter sido forçado a viver minha vida, enquanto todos aqueles que eu amo envelhecem e morrem. Alaïs,

Bertrande...

Ele se interrompeu. A dor dele fez o coração de Alice se apertar.

— Você não deve mais se sentir culpado, Sajhë. Agora que sabe o que aconteceu, precisa perdoar a si mesmo.

Alice podia senti-lo indo embora.

Faça-o continuar falando. Não o deixe dormir.

— Havia uma profecia — disse ele — que dizia que nas terras do Pays dÓc, na nossa época, nasceria uma pessoa cujo destino seria testemunhar a tragédia que se abateu sobre este lugar. Como os que vieram antes de mim, Abraão, Matusalém, Harif, 369

eu não desejei isso. Mas aceitei.

Sajhë tentou engolir mais ar. Alice o puxou para mais perto, ninando sua cabeça nos braços.

— Quando? — ela tentou dizer. — Conte para mim.

— Alaïs invocou o Graal. Aqui. Nesta mesma câmara. Eu tinha 25 anos de idade.

Voltara para Los Seres pensando que minha vida estava prestes a mudar. Achava que poderia conquistar Alaïs e ser amado por ela.

— Ela amava você — disse Alice, veemente.

— Harif lhe ensinou a entender a antiga língua dos egípcios — continou ele, sorrindo.

— Parece que algum resquício desse conhecimento ainda vive em você. Usando as habilidades que Harif havia lhe ensinado, junto com seu conhecimento dos pergaminhos, viemos até aqui. Como você, quando chegou a hora, Alaïs soube o que dizer. O Graal veio através dela.

— Como... — Alice hesitou. — O que aconteceu?

— Lembro-me da sensação suave do ar sobre minha pele, do tremeluzir das velas, das lindas vozes erguendo-se no ar em espiral. As palavras pareciam escorrer de seus lábios, mal era possível escutá-las. Alaïs estava em pé na frente do altar, e Harif ao seu lado.

— Deve ter havido mais gente.

— Sim, mas... você vai achar estranho, mas eu quase não consigo me lembrar. Só

conseguia ver Alaïs. Seu rosto compenetrado, com uma leve ruga entre os olhos onde seu cenho se franzia. Os cabelos flutuavam em suas costas como um lençol dágua. Eu não via nada a não ser ela, não tinha consciência de nada a não ser ela. Ela segurou o cálice nas mãos e pronunciou as palavras.

— Seus olhos se arregalaram em um único instante de iluminação. Ela me estendeu o cálice, e eu bebi.

As pálpebras dele se abriam e se fechavam rapidamente, como o bater das asas de uma borboleta.

— Se sua vida era um fardo tão grande para você, por que continuou sem ela?

— Perqué?— perguntou ele, surpreso. — Por quê? Porque era isso que Alaïs queria.

Eu precisava viver para contar a história do que havia acontecido ao povo desta terra, aqui no meio destas montanhas e planícies. Para garantir que sua história não morresse. E

esse o objetivo do Graal. Ajudar aqueles que dão testemunho. A história é escrita pelos vitoriosos, pelos mentirosos, pelos mais fortes e mais determinados. A verdade muitas vezes está no silêncio, nos lugares sossegados.

Alice aquiesceu.

— Você fez isso, Sajhë. Prestou testemunho.

— Guilhem de Tudèla escreveu um relato falso da cruzada que os franceses fizeram contra nós. O título de seu relato é La Chanson de la Croisade.

— Quando ele morreu, um poeta anônimo, que tinha mais simpatia pelo Pays d'Oc do que pelos franceses, completou esse relato. La Canso. A nossa história.

Apesar de tudo, Alice percebeu que estava sorrindo.

— Les mots, vivents — sussurrou ele. Palavras vivas. — Isso foi o começo.

Eu jurei a Alaïs que falaria a verdade, que escreveria a verdade, para que as gerações futuras soubessem o horror que um dia havia sido perpetrado nestas terras em seu nome. Para que fossem lembrados.

Alice aquiesceu.

370

— Harif entendia isso. Ele havia percorrido o caminho solitário antes de mim. Viajara o mundo e vira como as palavras eram distorcidas, destruídas e transformadas em mentiras. Ele também viveu para dar testemunho. — Sajhë tomou fôlego. — Ele só viveu pouco tempo depois de Alaïs, embora tivesse mais de oitocentos anos quando morreu.

Aqui, em Los Seres, com Bertrande e comigo ao seu lado.

— Mas onde você viveu durante todos estes anos? Como você viveu?

— Vi o verde da primavera dar lugar ao dourado do verão, o cobre do outono dar lugar ao branco do inverno, enquanto eu, sentado, esperava a luz se esvanecer. Muitas e muitas vezes perguntei a mim mesmo: por quê? Se eu soubesse como seria viver em tamanha solidão, suportar, como única testemunha, o ciclo interminável de nascimento, vida e morte, o que eu teria feito? Eu sobrevivi esta longa vida com um vazio no coração, um vazio que, ao longo dos anos, não parou de aumentar até se tornar maior do que o meu próprio coração.

— Ela amava você, Sajhë — disse Alice baixinho. — Não da forma como você a amava, mas de verdade, profundamente.

Uma expressão de paz havia tomado conta do rosto dele.

— Es Vertat. Agora eu sei.

— Se...

Outro acesso de tosse o dominou. Dessa vez, pingos de sangue borbulharam nos cantos de sua boca. Alice os enxugou com a bainha da túnica. Ele se esforçou para se sentar.

— Eu pus tudo no papel para você, Alice. Meu último testamento. Está esperando por você em Los Seres. Na casa de Alaïs, onde nós vivemos, que eu agora deixo para você.

Ao longe, Alice pensou poder ouvir o barulho de sirenes varando o silêncio da noite na montanha.

— Estão quase chegando — disse ela, controlando a própria tristeza. — Eu disse que eles viriam. Fique comigo. Por favor, não desista.

Sajhë fez que não com a cabeça.

— Acabou. Minha viagem terminou. A sua está só começando.

— Alice alisou seus cabelos brancos, afastando-os do rosto.

— Eu não sou ela — disse baixinho. — Eu não sou Alaïs.

— Ele deu um suspiro longo, suave.

— Eu sei. Mas ela vive em você... e você, nela. — Ele se calou. Alice podia ver o quanto lhe doía falar. — Eu gostaria que tivéssemos tido mais tempo, Alice. Mas ter conhecido você, ter compartilhado essas horas com você...Foi mais do que eu jamais esperei.

Sajhë se calou. Os últimos vestígios de cor se esvaíram de seu rosto, de suas mãos, até não restar mais nada.

Alice se lembrou de uma prece, dita certa vez muito tempo antes.

— Payre Sant, Dieu dreiturier dels bons esperits. — As palavras outrora conhecidas saíam com facilidade de seus lábios. — Santo Pai, Deus legítimo dos bons espíritos, permite-nos saber o que Tu sabes e amar o que Tu amas.

Contendo as lágrimas, Alice o abraçou até sua respiração ficar mais leve, mais suave.

Finalmente, ela cessou por completo.

371

EPÍLOGO

Los Seres

Domingo, 8 de julho de 2007

São oito horas da noite. O final de mais um dia perfeito de verão.

Alice caminha até a ampla janela e abre as persianas para deixar entrar a luz laranja enviesada. Uma leve brisa acaricia seus braços nus. Sua pele tem a cor da avelã e seus cabelos estão presos em uma única trança que lhe cai pelas costas.

O sol agora está baixo, um círculo vermelho perfeito no céu cor-de-rosa e branco.

Ele lança imensas sombras negras sobre os picos próximos dos Montes Sabarthès, como pedaços de tecido postos para secar. Da janela, ela pode ver o Col des Sept Frères e, atrás dele, o Pic de Saint-Bartélémy.

Faz dois anos desde o dia em que Sajhë morreu.

No início, Alice achou difícil viver com aquelas lembranças. O barulho da arma na câmara claustrofóbica; o tremor da terra; o rosto branco na escuridão; a expressão no rosto de Will quando ele irrompeu na câmara acompanhado do inspetor Noubel.

Mais do que tudo, ela era assombrada pela lembrança da luz se apagando nos olhos de Audric — de Sajhë, como havia aprendido a chamá-lo em pensamento. No final, foi paz que ela viu naqueles olhos, não pesar, mas isso não havia diminuído sua dor.

Porém, quanto mais Alice aprendia, mais os temores que a haviam deixado sem ação naqueles instantes finais começavam a se dissipar. O passado perdeu o

poder de feri-la.

Ela sabe que Marie-Cécile e o filho morreram no desabamento, ambos tragados pela própria montanha durante o terremoto. Paul Authié foi encontrado onde François-Baptiste o havia abatido, com o timer que detonaria as quatro bombas prosseguindo sua contagem implacável rumo a zero ao lado de seu corpo sem vida. Um Armagedon de sua própria lavra.

À medida que aquele verão foi se transformando em outono, e o outono em inverno, Alice começou a se recuperar, com a ajuda de Will. Era o tempo fazendo seu trabalho. O

tempo, e a promessa de uma nova vida. Aos poucos, as lembranças dolorosas estão se apagando. Como velhas fotografias, lembradas apenas pela metade, indistintas, elas vão juntando poeira em sua mente.

Alice vendeu seu apartamento na Inglaterra e, junto com o dinheiro da venda da casa de sua tia em Sallèles d'Aude, ela e Will se mudaram para Los Seres.

A casa onde Alaïs um dia vivera com Sajhë, Bertrande e Harif é agora o seu lar. Eles fizeram reformas, adaptando-a para uma vida moderna, mas o espírito do lugar permanece o mesmo.

O segredo do Graal está seguro, como havia sido a intenção de Alaïs, escondido naquele lugar entre as montanhas eternas. Os três papiros, arrancados de seus livros medievais, estão enterrados debaixo das pedras.

Alice entende que seu destino era terminar o que havia sido deixado inacabado oitocentos anos antes. Também entende, como Alaïs entendia, que o verdadeiro Graal é

o amor transmitido de geração em geração, as palavras ditas pelo pai ao filho, pela mãe à

filha. A verdade está em tudo à nossa volta. Nas pedras, nos rochedos, na constante mutação das estações do ano nas montanhas.

Graças às histórias compartilhadas de nosso passado, nós não morremos.

Alice não acredita ser capaz de traduzir isso em palavras. Ao contrário de Sajhë,

não é uma contadora de histórias, uma escritora. Pergunta-se até se esse fato não está

além do alcance das palavras. Pode ser chamado de Deus, pode ser chamado de fé.

Talvez o Graal seja uma verdade grande demais para ser falada, ou amarrada no tempo, no espaço e no contexto por uma coisa tão volúvel quanto a linguagem.

Alice apóia as mãos no parapeito da janela e aspira os cheiros delicados da noite.

Tomilho selvagem, giesta, a lembrança ondulante do calor sobre as pedras, salsa e hortelã da montanha, sálvia, os aromas de seu jardim de ervas.

Sua reputação está crescendo. O que começou como uma série de favores particulares, fornecendo ervas para restaurantes e vizinhos dos vilarejos próximos, tornou-se um negócio rentável. Agora, a maioria dos hotéis e lojas da região, até mesmo em lugares mais afastados como Foix e Mirepoix, oferecem uma linha de produtos seus, com a etiqueta característica Épice Pelletier et Filie. O nome de seus antepassados, agora incorporado como seu.

O hameau de Los Seres ainda não aparece nos mapas. É pequeno demais. Mas logo vai aparecer. Benlèu.

No escritório no andar de baixo, o teclado silenciou. Alice pode ouvir Will andando pela cozinha, tirando pratos do armário e pão da despensa. Ela logo vai descer. Ele vai abrir uma garrafa de vinho e juntos vão beber enquanto ele cozinha.

No dia seguinte, Jeanne Giraud irá visitá-los, uma mulher digna, encantadora, que se tornou parte de suas vidas. À tarde, irão todos ao vilarejo mais próximo depositar flores em uma estátua na praça, erguida em homenagem ao célebre historiador cátaro e membro da Resistência Audric S. Baillard. Na placa lê-se um provérbio occitano, escolhido por Alice.

"Pas a pas se va luènh."

Mais tarde, Alice irá sozinha às montanhas onde uma outra placa marca o ponto

onde ele está enterrado sob as colinas, como sempre quis. A lápide diz apenas SAJHË.

O fato de ele ser lembrado já basta.

A Árvore Genealógica, primeiro presente de Sajhë para Alice, está pendurada na parede do escritório. Alice fez três modificações. Acrescentou as datas das mortes de Alaïs e Sajhë, separadas por oitocentos anos.

Acrescentou o nome de Will ao lado do seu e a data de seu casamento.

Bem no final, onde a história ainda continua ela acrescentou uma linha: SAJHËSSE GRACE FARMER PELLETIER, 28 de fevereiro de 2007 —.

Alice sorri e vai até o berço onde sua filha está começando a acordar. Seus dedos do pé, pálidos e imóveis, começam a estremecer à medida que ela desperta. Quando a filha abre os olhos, Alice solta um arquejo de emoção.

Ela planta um beijo na testa da filha ao mesmo tempo em que começa a murmurar uma canção de ninar na língua antiga, passada de geração em geração.

Bona nuèit, bona nuèit... Braves amics, pica mièja-nuèit Cal finir velhada E jos la flassada.

Um dia, pensa Alice, Sajhësse poderá cantá-la para um filho seu.

Segurando a filha no colo, Alice volta à janela, pensando em todas as coisas que irá

lhe ensinar. Nas histórias que irá lhe contar sobre o passado, e sobre como tudo aconteceu.

Alaïs não a visita mais em sonhos. Mas ali, em pé sob a luz cada vez mais fraca, olhando para os cumes e cristas ancestrais das montanhas e vales que se estendem até

além de onde seus olhos alcançam, sente a presença do passado a toda volta, envolvendo-a. Espíritos, amigos, fantasmas que estendem as mãos e sussurram sobre suas vidas, 373

compartilhando com ela seus segredos. Eles a ligam a todos aqueles que já estiveram em pé ali antes — e todos aqueles que ainda virão — sonhando com o que a vida pode oferecer.

Ao longe, uma lua branca nasce no céu rajado, prometendo mais um lindo dia amanhã.

AGRADECIMENTOS

Muitos amigos e colegas ofereceram apoio, conselhos e ajuda durante a escrita de Labirinto. Nem preciso dizer que qualquer erro, seja ele factual ou de interpretação, é

exclusivamente meu.

Meu agente, Mark Lucas, foi incrível do início ao fim, responsável não apenas por um acompanhamento editorial fantástico, mas também por uma profusão de post-its!

Obrigada, também, a todos os outros funcionários da agência LAW por seu trabalho sério, e a todos na agência ILA, especialmente Nicki Kennedy, que foi a encarnação da paciência e ajudou a tornar o processo todo tão divertido.

Na editora Orion, tive muita sorte de ter trabalhado com Kate Mills, cuja intervenção editorial leve, eficiência e atenção tornaram a publicação deste livro tão prazerosa; e com Genevieve Pegg; também gostaria de agradecer a Malcolm Edwards e Susan Lamb, que foram o início de tudo, sem falar no trabalho árduo, no entusiasmo e na energia das equipes de marketing, publicidade e vendas, em especial Victoria Singer, Emma Noble e Jo Carpenter.

Tanto Bob Elliott quanto Bob Clack, do Clube de Tiro de Chichester, deram conselhos e informações fascinantes sobre armas de fogo; o mesmo fez o professor Anthony Moss sobre as táticas de guerra medievais.

Na British Library, em Londres, a Dra. Michelle Brown, Curadora de Manuscritos Iluminados, proporcionou informações inestimáveis sobre manuscritos medievais, pergaminhos, e sobre a encadernação do século XIII; o Dr. Jonathan Phillips, professor de História Medieval em Royal Holloway, Universidade de Londres, muito gentilmente leu a primeira versão e deu excelentes conselhos. Também gostaria de agradecer a todos aqueles que

ajudaram na Bibliothèque de Toulouse e no Centre National d'Études Cathares de Carcassonne.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que trabalharam conosco na oficina de leitura e escrita — no site www.mosselabyrinth.co.uk — baseada na pesquisa histórica e no processo de escrita de Labirinto ao longo dos dois últimos anos, especialmente Nat Price e Jõn Hõrôdal.

Sou muito grata a meus amigos por sua tolerância em relação à minha já antiga obsessão pelos cátaros e pelas lendas do Graal. Em Carcassonne, gostaria de agradecer particularmente a Yves e Lydia Guyou, por suas dicas sobre música e poesia occitana, e por me apresentarem a muitos dos escritores e compositores cujas obras tanto me inspiraram; e a Pierre e Chantal Sanchez, por seu apoio e amizade ao longo de muitos anos. Na Inglaterra, gostaria de mencionar Jane Gregory, cujo entusiasmo bem lá no começo foi tão importante; Maria Rejt, pelo simples fato de ter sido tão boa professora; bem como Jon Evans, Lucinda Montefiore, Robert Dye, Sarah Mansell, Tim Bouquet, Ali Perrotto, Malcolm Wills, Kate e Bob Hingston e Robert e Maria Pulley.

Acima de tudo, meus agradecimentos são para minha família. Minha sogra, Rosie Turner, não apenas nos apresentou a Carcassonne pela primeira vez, mas, enquanto eu estava escrevendo, proporcionou ajuda cotidiana apoio logístico e companhia em doses muito além das previstas pelo dever familiar. Meu amor e meu muito obrigada a meus pais, Richard e Barbara Mosse, por terem sido sempre orgulhosos, e a minhas irmãs, 374

Caroline Matthews e Beth Huxley, e seu marido Mark, por todo seu apoio.

Mais importante de tudo, meu amor e gratidão a meus filhos, Martha e Felix, por seu apoio e confiança incondicionais. Martha foi sempre alto-astral, otimista e incentivadora, e nunca duvidou que eu acabaria chegando ao fim! Felix não apenas compartilhou minha paixão pela história medieval, mas me explicou os detalhes mais complexos das armas e técnicas de cerco medievais e deu sugestões inteligentes! Sou incapaz de lhes agradecer o bastante.

Finalmente, a Greg. Seu amor e seu apoio — sem falar em sua ajuda intelectual, prática e editorial — fizeram toda a diferença. Como sempre fazem e sempre fizeram.

BREVE GLOSSÁRIO DE PALAVRAS OCCITANAS

agost — agosto

ambans — galerias de madeira construídas ao redor das ameias como defesa ben — bom

benvenguda — bem-vindo (a)

bonjorn — olá

cadefalcs — parapeitos

calèche— uma carruagem aberta

calèlh — lamparina a óleo

coratge — coragem

défora — fora

deman — amanhã

dintrar— entrar

doçament— suavemente

faitilhièr — bruxa

faratjals — pastos

filha — filha

gata — uma gata (tipo de máquina de cerco)

graal— graal

janvièr— janeiro

julhet — julho

libres — livros

Lo Ciutat— a Cité

Lo Mièjgjorn — o Midi

març — março

menina — avó

meravelhós — milagroso

mercé— obrigado (a)

375

molin blatier — um moinho de trigo

montanhas — montanhas

na — senhora/sra.

nenon — bebê

noblessa — nobreza

oc — sim

oustâou — casa

paire — pai

pan de blat — pão de trigo

panièr — cesta

Payre Sant — santo Pai

payrola — caldeirão

pec — idiota

perfin — finalmente

perilhòs — perigo

res — nada

sénher — senhor/sr.

sirjan d'arms — soldado comum

sòrre — irmã

trouvère — trovador

vuèg — vazio

OUTROS TERMOS

guignolet — aperitivo alcoólico de fabricação caseira, típico do Languedoc.

manganela, gata, trabuco, catapulta — variações de máquinas de cerco medievais.

prima — primeira das horas canônicas diurnas (mais ou menos ao amanhecer, por volta das cinco da manhã).

rocade — a auto-estrada que corre em volta da cidade de Toulouse.

terça — o meio da tarde.

vésperas — último ofício religioso do dia (por volta das sete da noite).